



MV SIS' DICAT VM

# HO SEITIMO liuro da histo

ria do descobrimento e con-  
quista da India pelos  
Portugueses.

Feyto por Fernã Lopez de  
Castanheda.

Com priuilegio Real.

1554.



1448

**C**o' privilegio que ho muyto alto, z muyto poderoso Rey dom João ho terceiro deste nome deu a fer não lopez de Castanbeda pera os liuros da historia do descobrimento z conquista da India pelos Portugueses.



**Q**elrey faço saber a quãtos este meu aluara virem q' Fernão lopez de castanbeda/bedel da facultade das artes da vniveridade de Coimbra me enuiou dizer q' ele tinha feytos dez liuros da historia da India/ q' começauão do descobrimento dela: dos q'es tinha impressos á sua custa ho primeyro liuro/ z queria imprimir os outros. E porq' aũa mais de vinte annos que andaua ocupado no fazer da dita historia: z tinha lenado nisso muyto trabalho/ z feyto muyto gasto de sua fazenda: me pedia q' ouuesse por bem/ q' pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros se não ele Fernão lopez, nê os vêder, nê trazer de fora do reyno polo tempo/ z sob as penas q' me bẽ parecesse. E visto seu requerimento, z auêdo respeyto ao trabalho q' tem lenado em fazer os ditos liuros/ z a despesa q' nisso tẽ feyta/ me praz q' por tempo de dez annos q' se começarão da feytura deste em diante/ pessoa algũa de qlquer qualidade que seja/ não possa imprimir/ nê mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India/ nê cada hũ deles, nê os possa trazer/ nê mãdar vir impressos de fora do reyno, se não ho dito Fernão lopez/ ou quẽ seu poder pera isso teuer. Sob pena de qualquer impressor/ ou liureiro, ou pessoas q' os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vêder, ou teuer em sua casa, ou trouer imprimidos de fora do reyno, perder os volumes q' lbe forem achados z pagar cincoenta cruzados, a metade pera os catiuos, z a outra metade pera quẽ os acusar. E este se imprimira no principio de cada hũ dos ditos liuros. Pelo ql mando a todos os corregedores/ iuyzes, z iusticas/ officiaes z pessoas de meus reynos z senhorios q' assi ho cumprãõ z goardẽ/ z fação inteiramente cumprir z goardar/ porq' assi ho ey por bẽ. E este me praz q' valha/ z tenha forza z vigoz/ como se fosse carta feyta em meu nome por mim assinada z passada por minha chancelaria: posto q' este não seja passado pola dita chancelaria/ sem embargo das ordenações do segundo liuro, q' ho cõtrair o dispõe. João de seyras ho fez ê Almeirim/ a q'torze dias de Junho de. **M. D. LIII.**  
D. Manuel da costa ho fez escreuer.

# Prologo no Seytimo liuro da

historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses dirigido ao muyto alto & muyto poderoso Rey dom Ioão ho Terceiro deste nome nosso Senhor, Rey de Portugal & dos Algarues, daquem & dalem mar em Africa, senhor de Guiné & da conquista, naugação & comercio de Ethiopia, Arabia, Persia & da India.

*Por Fernão lopez de Castanheda.*



Senença he de Tullio nas suas tusculanas, muyto alto & muyto poderoso Rey nosso senhor q' a hõrra cria as artes & desejosos da gloria da virtude, nos acendemos pera a ganhar. Sentença verdadeiramente muyto digna de ser notada principalmente dos principes & dos senhores: porque se eles não fauorecerem com hõrras & merces as boas cousas que seus vassallos fazem, assi nas armas, como nas letras: como em qualquer outro genero de officios virtuosos com que a republica he ilustrada, não auerá nhũa pessoa que se de a eles, nem os siga. E porq' nos tempos antigos, as façanhas nas armas, a sciencia das letras, os singulares engenhos nas artes macanicas: se estimarão tanto dos principes & das republicas em que se fazião, & se galardouão muyto bé: ouue antre os Gregos, & antre os Romãos, & antre os Barbaros tantos & tão singulares capitães: tão efforçados caualeyros, tão excelentes sabios & letrados de tanta erudição, & officiaes tão perfeitos em todas as artes macanicas, como largamente contão as historias antigas & modernas, com que deixou dalegar por breuidade. E despois que este fauor de hõrras & merces cessou de se fazer antre estas nações, aos que forão excelentes nas artes que digo se forão elas perdendo, que nem ouue mais capitães, nem caualeyros, & falecerão os sabios & letrados: nem ouue mais officiaes que nas artes macanicas se prezassem de terem as perfeições que os antigos teuerão. E conhende. V. A. isto Principe prudentissimo, desejando denobrecer seus reynos & senhorios, trabalha tanto com sua suprema liberalidade de fazer merces aos homes que em todas as artes que digo sam singulares, pelo que muytos trabalham por ho serem nelas: & por isso tem. V. A. tanta copia deles, não somente

seus naturais mas estrangeiros, que de muyto longe correm a fama de  
suas mercês grandissimas. O que tambem me deu animo pera sair cõ  
a mostra de meu engenho, & trazer coele a luz: coufa de tanto seruiço  
de. V. A. & honrra de seus reynos como he esta historia do descobrimẽ  
to & conquista da India pelos Portugueses. Coufa de tanta admiração  
& tão digna de se publicar, que quãdo a Raynha nossa senhora vio ho  
primeyro liuro, disse a dona Maria de noronha que lho deu. Que cou-  
fa tamanha como aquela, mais cedo se ouuera de publicar, & não ou-  
uera de estar escondida tanto tempo, & de ser auida por muyto miracu-  
lofa nos reynos estrangeiros: he impressã parte dela em Frãça & se im-  
prime em Italia: polo que mereço merce pois fu y ho primeyro Portu-  
gues que to mey tão honrrada empresa, & lhe dey fim tanto a minha  
custa como nosso senhor Deos he testemunha: que por sua infinita mi-  
sericordia tenha por bem de alongar por muytos años a vida de. V. A.  
com acrecentamento de seu real estado pera que fauoreça com mercês  
a seus vassallos, com que os prouoque a fazerem coufas porque mere-  
ção sempre de serem tão nomeados polo mundo como sam.

# Ho septimo liuro da historia do

descobrimento & conquista da India pelos Portugueses

Em que se conté o que eles fizerão governando a Lo

po vaz de sam payo, por mádado do muy alto

& muyto poderoso rey d'ho loão nosso

senhor, ho terceyro deste nome,

Feyto por Fernão lopez

de Castanheda.



*Capitulo primeiro. De como foy aberta a terceyra soçessam*

*Em que hia Lopo Vaz de sam Payo.*



## Nterra

do dom Anriq̃ de  
nefes / ajuntarãse  
todos os capitã  
es, fidalgos e pes

soas principays na Igreja de Ca-  
vêdor / com Afonso mexia  
da fazenda, que hi acertou de star:  
e ho licenciado João de soiro ouui  
dor gèral da India / pera abrirẽ a  
segunda subcessão da governança  
da India / que logo Afonso mexia  
abriu perante todos. Em que se a-  
chou q̃ socedia Pero mazcarenhas  
que estava por capitão de Malaca  
donde não podia vir se não dali a  
onze meses por amor da moução /  
Lom o que todos ficarão cõfusos  
por a India ter necessidade d'gover-  
nador / assi por el rey de Calicut el-  
tar de guerra, e tambẽ el rey de Ca-  
baya: como por esperarẽ por rumes  
no Mayo seguinte / ou em Setẽbro  
E como Afonso mexia praticasse cõ  
algũs quẽ enlegerião por governa-  
dor em ausencia de Pero mazcare-  
nhas: disse João de soyro q̃ estava  
na pratica / que se poderã saber quẽ

era ho da terceira subcessam: q̃ esse  
pois el rey confiava dele a governã-  
ça da India agovernaria melhor q̃  
outrẽ e a esse deuão denleger q̃ ago-  
uernasse em a ausencia de Pero maz-  
carenhas. E q̃ logo contrariou d'ho  
Alasco deça reprouando muyto tal  
parecer: por q̃ ho da terceira subces-  
sam na ora q̃ fosse recebido por go-  
vernador, posto que ate a vinda de  
Pero mazcarenhas ficava tgoal co  
ele e todos os seus poderes, assi na  
ustica, como na fazenda / do q̃ se na  
India seguiria grãde diuisam: por  
o que não se deuia darzir a terceira  
nem el rey ho auia dauer por bẽ. E  
tambẽ o que fosse nela despois q̃ te-  
uesse posse da governança, a não que-  
reria alargar a Pero mazcarenhas  
e seria muyto grãde revolta. E de  
ste parecer forão algũs fidalgos. E  
porẽ Afonso mexia ho não quis to-  
mar: dizendo que pera se escusarẽ to-  
dos aqueles inconuenientes juraria  
o q̃ fosse na terceira subcessam nos  
sanctos euãgelhos / e assi affinaria  
hũ auto q̃ disse faria: que tanto que  
Pero mazcarenhas chegasse a In-  
dia lhe alargaria a governança. E  
ele meimo Afonso mexia / e todos os

capitães e fidalgos da Índia juraram também que o farião fazer / e coisso ficaria a cousa segura. E que a todos pareceo bem / e assi ho jurarão e assinarão em hũ auto q̄ disso fez Vicente pegado q̄ era secretario, e assinado ho auto Afonso meſta, a brio a terceira subceſão em que se achou que sucedia Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim. E sabido que ele auia de governar ate a vinda de Pero mazcarenbas de Malaca, tornou Afonso meſta a jurar que vindo Pero mazcarenbas de Malaca faria que logo lhe Lopo vaz de são Payo entregasse a governança da Índia / e ho mesmo tornou a jurar os outros todos: e assi ho assinarão em outro auto que Vicente pegado tornou a fazer destes juramentos / aos tres dias de feueireiro de mil e quinhētos e vinte seis. Isto feyto partirão se todos pera Cochim onde Afonso meſta entregou a governança da Índia a Lopo vaz de são Payo pera q̄ a governasse ate a vinda de Pero mazcarenbas de Malaca / jurado primeyro ele Lopo vaz de são Payo de ho fazer assi, e assinado em hũ auto q̄ disso fez Vicente pegado / q̄ também foey assinado per Afonso meſta / e per todos os capitães e fidalgos q̄ se ali acharão e pelo ouuidor geral.

**C** Capit. ij. De como Lopo vaz de são Payo desbaratou hũa armada de mouros de Calicut no rio de Bacanoz.



Entregue Lopo vaz de são Payo da governança da Índia despachou pera Bē

gala Ruy vaz pereira e deu a capitania do seu galeão a Manuel de brito / e assi mandou Jorge cabral por capitão mór de certos paraos as ilhas de Baldua pa fazer presas / que também se partiologo. E estes despachados, fezse Lopo vaz preses pera ir correr a costa do Malabar / porque soubesse elrey de Calicut que posto que dō Anrique era falecido q̄ auia quēlbeania de dar que fazer, e partiou se de Cochim a seis dias de feueireiro e foey na galē bastarda de q̄ era capitão dō Vasco delima e foirão capitães das velas grossas a fora os dos catures e bar gantis Diogo da silueira / dom Afonso de menesses / Manuel de brito / Manuel de macedo / Antonio da silua / Anriq̄ de macedo / Diogo de mezquita e Lopo de mezquita. E de Cochim foey ho governador corredo a costa ate Cananoz se achar nenhũ parao de Calicut, por q̄ os mais como disse estauão dentro no rio de Bacanoz / e algũs outros por esses rios q̄ não oulauão sair. E estando Lopo vaz em Cananoz tomando mantimētos, lhe foey dada hũa carta de dom Jorge teo que acodisse, por q̄ os paraos q̄ ali estauão se q̄rião partir, e ele com a gēte q̄ tinha não era poderoso pera lhes impedir a partida, por os mouros q̄ estauão neles serē doze mil, e vēdo Lopo vaz a grossa gēte que os mouros erão / mandou logo chamar Christouão de souza e Antonio da silueira q̄ estauão em Boa pera que se juntassem coe ele com a mais gente q̄ podessē levar: por ele ter pouca pera hũ feyto tão importate como

aquela / e porque auia ainda de fazer alguma detença por amor dos mantimentos que tomava / mandou a Manuel de Brito que se fosse estretanto a iutar com dom Jorge telo. E tomados os mantimentos / Logo vaz de sam Dayo se partio pera bo rio de Bacanoz: onde chegado soube como os mouros estauã grãdemente fortalecidos / não somete de muyta artelbaria em estancias ao longo do rio / mas cõ estacadas dum cabo e do outro cõ que estreitarão tanto bo rio que a nossa frota não podia ir senã a fio: e õ hũas estacadas as outras estauã dados cabos por debaixo d'agoa pera que os nossos nauios ealhassem neles e não podessem passar. E cõ tudo Logo vaz determinou de pelejar com os mouros e queimarhe os paraõs e não esperar por Christo-não de souza nem por Antonio da silueira se tardassem: e pera pelejar com as estancias dos mouros mandou armar quatro batels õ mãtas que tirauão lenhos tiros grossos pera irem diãte / e apos eles as outras velas. E vendo que não cheguã Christo-não de souza nem Antonio da silueira não quis mais esperar / porque não pareceisse aos mouros que lhes auia medo: e determinãdo de os cometer fez alarde de sua gente / que achou serem secentos e tantos homens. E chamãdo a conselho pera consultar cõ os capitães e outras pessoas bo modo de que cometeria os inimigos foy muyto contrariado dos mais que não pelejasse com os mouros / alegando que pera a grande força

de gente e bartelbaria que eles tinhamõ tinba ele muyto pouca: e que não se auia dauenturar bo gouernador da India em cousa tã perigosa. E os mais dos que isto dizião era por quererem mal a Logo vaz e terem enueja de gouernar a India / q̃ cuydou cada hũ deles de bo enlegerem pera a gouernar em auscẽcia de Pero mazcarenhas / e por isso lhe estozuauãdo que não fizesse hũ feyto tã famoso como aquele fertia porq̃ perdesse aquela hõrra. E entẽdẽdo ele suas tenções por saber quanto lhes pesaua de ele gouernar a India / disse que ficasse a cousa assi indeterminada ate ir ver bo rio, e bo desembarcadiro, q̃ vio na madrugada seguinte cõ a claridade da lũa indo em hũ catur / e em outros douos Manuel de Brito / e Dayo Rodrigouez varauio que escolheo pera isso por serem muyto esforçados. E os mouros que virão os catures tirauãlhes com a artelbaria das estancias: e erão os pelouros tantos q̃ se os catures não forão bẽ cosidos com terra não poderão escapar de serem arrombados e mortos quantos yão dentro. E com tudo passarão muyto grande perigo: mas nẽ por isso Logo vaz de sam Dayo nã deixou de ver toda a força que os mouros tinhão: e de volta lhes mandou cortar os cabos que tinhão de hũas estacadas as outras pera desempidir bo caminho / e forão cortados per homẽs que ho fizerão de mergulho. E feyto isto tornou se a frota onde deu conta disso aos capitães e fidalgos fazendolhe a victoria muy facil se comettessem os inimigos



migos: e os mais forão do parecer  
 que tinham dâtes q̄ não se pelejasse.  
 E como os deste parecer erão mais  
 que os que dizião que pelejasse não  
 oufana Lopo vaz de dar remate a  
 estes conselhos, e dilatauabo ate a  
 vida de Christouão de souza e Dã  
 tonio da silueira / cujos pareceres  
 cria que serião q̄ pelejasse, e assi ho  
 disserão despois que chegarão: do  
 que Lopo vaz ficou muyto contête  
 porque tinha por muy certo auer  
 vitoria dos inimigos. E ordenada  
 a maneira de q̄ os auia de cometer /  
 ao outro dia que forão vinte cinco  
 de feueireiro em rompendo ho dia  
 abalou pelo rio acima com sua gête  
 que serião milhomens, e forão nesta  
 ordem os quatro bateis de mantas  
 na diãteira, e no primeyro ya Ma  
 nuel de Brito, no segundo Dayo ro  
 driguez varaujo: e despois os ba  
 teis com bargantis e catures a fio /  
 e no derradeiro Lopo vaz com a  
 bãdeira real / todos toldados e em  
 bandeirados / e senbas peças dar  
 telbaria nas proas e berços polos  
 bordos / rompendo a boga arranca  
 da pelo rio acima cõ grande arroi  
 do de gritas e tãger de trombetas:  
 e começando de descobrir as estan  
 cias dos inimigos começarão eles  
 de tirar com seus tiros / e chouião  
 os pelouros de serẽ muyto bastos,  
 pelo que os Portugueses forão cõ  
 muyto grande perigo e trabalho  
 ate chegarem defronte da tranquei  
 ra principal / õde Manuel de Brito,  
 Dayo rodriguez e os outros da  
 diãteira desembarcarão com espã  
 rosa brigã / por os inimigos traba  
 lbarem quanto podião por lhes to

lber a desembarcação cõ bombar  
 dadas / espigardadas e frecbadas.  
 E rompendo os Portugueses por  
 antrelas com efforço sobre natural  
 abalroarão com a tranqueira / de  
 que com ajuda de nosso senhor fize  
 rão fugir os inimigos posto que se de  
 fendião marauilhosamente. Desba  
 ratada a tranqueira / desembarcou  
 Lopo vaz cõ a bandeira real pera  
 recolher os Portugueses por não  
 saquearem ho lugar que era del rey  
 de Marfinga amigo del Rey d' Por  
 tugal, e por isso não queria que lhe  
 fizessem nhũ agrauo / e tambẽ porq̄  
 ho ele não fizesse aos Portugueses  
 que estauão em Bisnegar. E reco  
 lbidos os Portugueses / mandou  
 Lopo vaz queimar os paraõs dos  
 inimigos que todos arderão, e assi  
 hũa casa d'almazem que estaua cheia  
 despeciãria e droga pera carrega  
 dos paraõs: e em quanto se queima  
 ua forão embarcadas oyteta peças  
 d'artelbaria que se tomarão na trã  
 queira / e as mais delas de metal.  
 Esta muyto grande vitoria alcã  
 çou Lopo vaz sem lhe matarẽ mais  
 que quatro Portugueses e forão  
 feridos cento, e dos inimigos forão  
 mortos muytos segundo se soube  
 pelo grande prãto que por eles foy  
 feyto e Calicut: cujo rey sintio muĩ  
 to a queima daqueles paraõs pola  
 grande perda que recebeo em suas  
 rendas e com quebra de seu estado.

**C**apitulo. liij. De como Fran  
 cisco de salẽ partio pera ir a cõ  
 da, e de como dom Jorge de me  
 neles foy por capitão de Ma  
 luco.

**R**ecoluido Lopo vaz  
 o sam Payo partio  
 se pera Goa: z entrã-  
 do pelo rio de Pan-  
 gim, Francisco de sã  
 que estava por capitão de Goa lhe  
 mandou per muytas vezes reque-  
 rer que não passasse d'ali que ho nã  
 auia de recolher na cidade, por quã-  
 to não era governador da India se  
 não Pero mazarenhas q era por  
 el Rey que podia dar a governança  
 da India: z ele era feyto polos ho-  
 mēs que a não podião dar: z por is-  
 so lhe nã auia de obedecer. E a cama-  
 ra de Goa ajudaua tambem Fran-  
 cisco de sã a fazer estes requerimen-  
 tos: mas Lopo vaz nã deu por eles  
 z passou auãte ate surgir diante do  
 cais da cidade o de se passou hũ grã  
 de pedaço em requerimentos q Lo-  
 po vaz mandou fazer a Frãcisco de  
 sã sobre lhe abzir as portas da cida-  
 de que estauão fechadas. E Frãcís-  
 co de sã com lhe parecer que tinha  
 por si a camara da cidade insistia e  
 não abzir: z por derradeiro mādou  
 abzir as portas por amor de Chri-  
 stouão de souza que interueo nisso.  
 E entrado Lopo vaz na cidade ti-  
 rou a capitania da fortaleza a Frã-  
 cisco de sã z deu a Antonio da siluei-  
 ra de meneses que tinha casado per  
 palauras de futuro com hũa sua fi-  
 lha: z a Francisco de sã mandou ho-  
 pera Malaca pa dabi ir fazer hũa  
 fortaleza a cūda que he antre a ilha  
 de camatra, z a da Jaoa / cujo rey  
 por se recear do outro seu vezinho lhe  
 tomar ho rey no mandara pedir ao  
 governador dom Duarte que man-  
 dasselã fazer hũa fortaleza: z q lhe

daria muyta pimenta z mais bara-  
 ta que em Cochi. E porque el Rey  
 de Portugal se receaua que os Cas-  
 telhanos fossem tomar aqila terra  
 sabendo a muyta pimenta que auia  
 nela mandaua ali fazer fortalez: acu-  
 sa capitania z cargo de a fazer deu a  
 Frãcisco de sã por ser hũ fidalgo  
 de muyto seruiço. E sabendo Lopo  
 vaz que ele tinha este cargo ho des-  
 pachou: z deu lhe trezētos homēs  
 q pera este feyto erão necessarios/  
 q forão embarcados em hũ galeão  
 z duas galeotas: z assi despachou  
 pera capitão de Maluco a dō For-  
 ge de meneses filho de dō Rodrigo  
 de meneses a quem dom Anrrique  
 de meneses sendo governador dera  
 esta capitania: z deu lhe cē homēs  
 que fossem coele em dous nautos:  
 z a capitania mōz do mar de Malu-  
 co deu a Simão de souza galuão fi-  
 lho de Duarte galuão: z dō Forge  
 auia dir debaixo da capitania de  
 Frãcisco de sã ate Malaca pera on-  
 de partirão em Barço. E no mes-  
 mo mes despachou tambem Lopo  
 vaz a Bartim afonso de melo ju-  
 sarte por capitão mōz de seys velas  
 pera ir fazer presas às ilhas d' Al-  
 diua / onde andando Bartim afon-  
 so topou com hũa nao de rumes q  
 yão de Lenaçirim pera Judã z le-  
 uauão muyta riqueza: z os rumes  
 serião trezentos homēs. E Barti-  
 afonso posto que não leuaua mais  
 que ate cincoenta / com quanto vio  
 q os rumes erão muytos aferrou  
 coeles com ho seu nauio fomite, z  
 como os rumes lhe tinhão muyta  
 auantagem no numero esteue dous  
 dias aferrado coeles sem os poder

entrar pelejãdo muy brauamente. E neste tempo forão mortos muytos dos rumes e dos nossos algũs que entrarão a nao no cabo destes dous dias / e acabarão de matar todos os rumes / e tomarão a nao q̄ leuou a goa onde foy inuernar.

**Cap. liij.** De como Lopo vaz de sam payo cõcertou Raix xaraso cõ Diogo d' melo capitã dormuz



Tras fica dito como dõ Anriq̄ de meneses por q̄ rumes del rey dormuz e dõ Raix xaraso escrevera a Diogo de melo q̄ se temperasse em não dar causa a q̄ lhe fizessem mais queirume dele. E parece q̄ não dando Diogo de melo por estas cartas ou por rezaõ pera isso (como he mais decret) prẽdeõ Raix xaraso e trauaõ tão asperamete / q̄ deu materia q̄ em hũs porques q̄ algũs paguentos fizeram na India fizesse hũ que dezia. Porq̄ Diogo de melo / xaraso dame vinheiro, Porq̄ ele diz velo velo / não sejas meu carniceiro. Sabẽdo Lopo vaz esta coula como ya: e tambẽ por lhe Diogo de melo mandar pedir q̄ ho fosse fazer amigo cõ Raix xaraso antes de vir de ro mazcarenhas: determinou lopo vaz de ir lã / porq̄ como conhecia pe ro mazcarenhas por isento sabia q̄ sẽdo governador q̄ auia de castigar rigurosamente a Diogo de melo se ho achasse culpado / e por ser seu parente determinou de lhe ir acodir. E poendo em conselho sua ida a Dormuz / foy lhe muyto cõtrariada: dizeõ todos / q̄ ainda q̄ sua ida lã fora necessaria a ouuera de deixar por el rey de Calicut estar de guerra / e

por auer nouas de rumes: quanto mais não auendo nõ hã necessidade de ir a Dormuz / e auẽdo estas pera ficar na India. E cõ todas estas rezaões não quise se não ir / e pera resistir a armada de Calicut deixou por capitã mór da costa do Malabar Antonio de miranda dazeuedo cõ toda a armada de remo. E na fim de Março se partio pera Dormuz indo na galã bastarda cõ dom Vasco de lima, e não leuou em sua companhia mais dõ quatro nauios grossos de q̄ erã capitães dõ Afonso d' meneses, Diogo da silueira / Manuel de bito e Manuel de macedo. E na traueffa do golfão teue grandes calmarias com q̄ se detene muyto e lhe morreo muyta gente, e depois de muyto trabalho e fadiga foy aferrar a outra costa no porto de Calayate / cujo Reque estava leuantado contra os Portugueses por mandado del rey Dormuz e de Raix xaraso polas auerações que recebãõ de Diogo de melo. E ho Reque tornou a ser amigo dos Portugueses por lhe Lopo vaz de sam payo afirmar q̄ não ya a Dormuz se não a desagravar el rey Dormuz e a Raix xaraso se estauã agrauados, e pera castigar Diogo d' melo se ho merecesse. E assi como tornou este Reque a amizade dos Portugueses / assi tornou ho de Mazcate: e ido caminho Dormuz achou na agoada de teue Francisco de mendoça hũ dos capitães da cõserua deitõ da silueira / q̄ com tẽpo se apartara dele e foy aliter / e hi achou hũa nao de mouros q̄ tomou q̄ depois foy vendida por mil pardaos. E d'ali

proseguiu pera D. muz / onde chegado mandou logo soltar Rair xaraso / e lhe disse q̄ nã y a outra coufa se não pera ho fazer amigo com D. logo d' melo: q̄ se tinba deie algũs agrauos q̄ requere se sua justiça e q̄ lha faria ainda q̄ era seu parente. E Rair xaraso como soube este parentesco desconfiou de lbe Lopo vaz fazer justiça / e disse q̄ não queria nada q̄ lbe perdoana / e ho mesmo fez elrey D. muz auisado por Rair xaraso. e assi ficarã amigos cõtra sua võdade. E Lopo vaz repredeu D. logo de melo porq̄ ho achou culpado, e assi ficou inuernando em D. muz,

**C**apit. v. De como Eytos da silueira do porto Baçua mandou chamar dom Rodrigo de lima / e se foy a D. muz.

**E**ytos da silueira q̄ per mādado de dõ Anrique de meneses ho fora esperar ao cabo de Boardafum vendo que se passaua ho tẽpo de sua cbegada foy se a Baçua / e chegãdo aa ilha de Dalaca ho primeyro Dabzil / escreueo logo a dõ Rodrigo de lima fazendolhe saber como estaua em Baçua pedindolhe que fosse logo coele / e mādou esta carta ao goltão Darquico q̄ lha mandasse. E ele lha mādou ao lugar d' Barua o dẽ ja estaua cõ ho Barnegais, e bẽ triste cõ todos os de sua companhia por terẽ por nona q̄ a India era perdida e os Portugueses todos mortos. E esta carta Deytos da silueira lbe foy dada na segunda oytava de Pascoa a noyte: e logo dom Rodrigo escreueo ao embaixador do preste que era ido a hũs lu-

gares seus q̄ se partisse pera Baçua onde staua a armada dos Portugueses: e a legũda feyza despois da pascoela se partio dõ Rodrigo e foy coele ho Barnegais pera ho entregar a Eytos da silueira / e leuaua dous mil homẽs de mulas e algũs em cavalos e sey sceros de pẽ, e por amor da muyta gente gastou aq̄la somana toda e quinze legoas q̄ auia de Barua a Baçua, o dẽ chegado entregou ho Barnegais dõ Rodrigo de lima e os de sua companhia a Eytos da silueira com grande prazer / e mādoulhes dar cincoẽta vacas, e muytos carneiros, e galinhas / e muyto pescador: e despois cbegou ho embaixador q̄ ho preste mandaua a Portugal. E embarcado Eytos da silueira se partio aos vintoyto Dabzil / e foy fazer agoada a ilha de Camarão ho primeyro de Mayo / e estãdo hi ho padre Francisco aluarez q̄ tinha assinnada a coua em q̄ fora enterrado ho corpo de Duarte galuão quãdo ali faleceo vindo Lopo soarez de Judã desenterrou sua ossada pera a leuar a India, e isto secretamẽte sem ho saber mais q̄ Gaspar d' sã feytor da armada, e ambos leuarão a ossada ao galeão sam Lião em q̄ yão / e tẽdo a metida acodio vento a popa cõ q̄ se Eytos da silueira partio, e disse Gaspar de sã a Francisco aluarez, q̄ assi como Duarte galuão fora bõ homem e acabara seus dias em ser uigo de deos, assi lbes daua deos bõ tẽpo por ele. E aos dez d' Mayo q̄ a armada era auãte Dadẽ e entra da no goltão q̄ lbe fazia rosto ho inuerno da India, se começõ hũa muyto grãde tormẽta de vento cõ

que a següda noyte cõ ho grande escuro q̄ fazia fescalhou a frota z se perderão hūs dos outros cõ grande trabalho dos corpos e dareã bomba pera esgotarẽ a muyta agoa q̄ lhes entrava, z perigo das vidas domar q̄ os comia. E coeste tẽporal foy forçado a Eytor da silueira arribar á costa da India õde se achou só na enseada de Cábaya: z por ser ja inuerno z nã ter õde se acolher tornou a arribar ao golfão cõ a mesma tozmetã, andando sempre às voltas q̄ nã podia nauegar doutro modo: z nelas se lhe gastou todo ho Mayo z sete dias de Junho: z por q̄ os mantimẽtos q̄ leuaua nã erãõ pera tanto tẽpo forãõ se acabando, p̄ncipalmẽte a agoa de q̄ se lhe foy a mayor parte cõ ho trabalhar do nauio na tozmetã, z chegou a ser tão pouca q̄ andou a gẽte tres dias q̄ si sem comer nada por nã terem q̄ beber. E neste tẽpo Eytor da silueira por dar exẽplo aos outros foy ho p̄meyro q̄ deixou de beber, z algũa pouca d'agoa que leuaua na sua camara a daua por sua mão aos doẽtes q̄ aua algũs q̄ adoeção cõ fome z sede: q̄ ele efforçãua cõ muyto boas palauras: z por q̄ nã sospetãsem q̄ bibia na sua camara nunca quis entrar nela neste tempo: z aga saluãsse natolda: o q̄ daua muyto efforço a todos pa sofrer tamanha fadiga: a q̄ aprouue a nosso senhor de dar remedio cõ auerem vista de Mazcate a sete de Junho hũ dia a tarde, em q̄ atell nẽ sãõs nẽ doentes nã tinhãõ bibido por de todo nã auer agoa no nauio. E andando às voltas pera tomar porto q̄ nã podião tomar por lhes ho veyto ser cõ

trairo acodirãõ de duas fustas dos nossos q̄ ali andauãõ armada que lhes derãõ agoa, z leuarãõ ho galeão a toa ao porto d' Mazcate: z tomados ali mantimẽtos se partio Eytor da silueira pera Ormuz õde estãõõ os capitães de sua armada q̄ chegarãõ. xxviii. d' Mayo. E chegado Eytor da silueira a Ormuz, dom Rodrigo deu a Lopo vaz hũã carta q̄ leuaua do Preste pera Diogo Lopez de siqueira, z hũã roupa de seda cõ doze grãdes chapas d'ouro d' martelo: z ele lhe fez merce em nome del Rey de Portugal de duzẽtos pardaos: z tambẽ ao embaixador do Preste d'ouros duzẽtos, z mandou logo tirar a mõte os nauios da armada d'eytor da silueira por terẽ necessidade de correjimẽto pola tozmetã passada: z mādou pagar soldo a sua gẽte por q̄ nã tinha q̄ gastar por as prelas q̄ nã fizera no estreito. E concertados os nauios: mandou na entrada d'agosto Eytor da silueira q̄ fosseã p̄õta de Diu esperar as naos q̄ fosseõ do mar roxo pera Cábaya: z mandou coele Manuel de brito z Manuel de macedo nos seus galeões, z cõ q̄tro galeões z duas caravelas se partio pera a p̄õta d' Diu q̄ si na fim d'agosto: z ele z os capitães da sua armada tomarãõ hi por forza tres naos de mouros de Abeca q̄ yãõ pa Diu em q̄ se fizerãõ tão boas prelas que despois de vèdida a fazẽda q̄ se tomou nelas mōrouse no quinto del Rey sessẽta mil pardaos pagas as partes a fora os catiuos que forãõ muytos. E por q̄ despois da tomada destas naos nã passarãõ mais outras: partio se Eytor da silueira

pa Chaul/õde achou Zopo vaz de  
 iam Payo q̄ auita pouco q̄ cbegara  
 Dozmuzq̄ fez muyta hõrra a Eitor  
 da silceira pelas p̄felas z muytos  
 catiuos q̄ trazia de q̄ as galês z na  
 utos da armada se podião bẽ forne  
 cer. E foy acerto q̄ hũ soldado natu  
 ral d̄ Ulfen vio atrestes catiuos q̄ el  
 tauão p̄fesos hũ judeu velho q̄ mo  
 raua no reyno de Xartaque por õde  
 passãdo ele cõ outros portugueses  
 pa Dozmuz/ q̄ se p̄derão na costa do  
 melmoreyno z yão muyto pobres:  
 a q̄le judeu velho q̄ estaua p̄feso os  
 agasalhou e sua casa/ z lbes deu cõ  
 q̄ se vestisse z despesa pera ho cam  
 inho. E lembrado este soldado deste  
 bem q̄ lhe fizera/ pedio a Zopo vaz  
 q̄ lhe fizesse merce dele/ cõtandolhe  
 a causa por q̄ lho pedia: z ele lha fez  
 louuandolhe muyto a lãbraça q̄ ti  
 nha do bẽ que recebera. E despois  
 ho soldado adou coele pedindo aos  
 outros soldados dizẽdo a todos ho  
 bem q̄ lhe fizera/ z aju toulhe cicoẽ  
 ta pardaos: z quãdo os mouros z  
 outros judeus souberã isto dizião  
 publicamẽte q̄ outro bẽ não era a  
 guardecido senã o q̄ se fazia aos por  
 tugueses/ z por isso lbes auião de  
 fazer bẽ quãdo os achassem e suas  
 terras.

Cap. vi. De como temẽdose de  
 ltaq̄ laca capitão de Diu del rey d̄  
 Cãbaya determinou de dar for  
 taleza aos Portugueses.



Do q̄to rey de Cãbaya  
 q̄ ouue nome coltão ma  
 dofar tene hũ filho q̄ foy  
 ho p̄imeyro: o q̄ chamon  
 Badur, que sendo moço mandaua  
 matar por lbe dizer e os seu feiticel  
 ros q̄ despois de homẽ auita de dar

muyta oppressã ao reyno z ho auita  
 de destruir por ser muyto mau. E  
 sendo Badur auisado disto fugio z  
 foyse pelo mũdo em trajos de jogue  
 com q̄ andou por diuersos reynos  
 z q̄si q̄ soube as lingoas de todos  
 por ser muyto curioso de saber as  
 cousas estrãgetras z muytẽgenho  
 so, z indo ter a cidade de Cbitoz no  
 reyno de Sãga (q̄ como disse con  
 na cõ ho d̄ Cãbaya) soube como seu  
 pay era falecido/ z assi hũ seu filho  
 q̄ por seu falecimẽto lbe sucedera no  
 reyno, z q̄ os senhores de Cãbaya  
 leuãtarão por rey outro seu irmão.  
 E determinãdo d auer por esta via  
 ho reyno q̄ era seu de dcreyto/ des  
 cobriose a raynha Cremeti (q̄ esta  
 ua viuua z governaua o reyno por  
 ho p̄ncipe ser ainda menino) pedi  
 dolhe ajuda z fauor pa cobrar seu  
 estado: o q̄ lhe ela deu de boa võta  
 de/ z fez cõ el rey do Bãdau seu ve  
 zinho senhor muy poderoso q̄ tam  
 bẽ lha desse: z cõ esta grande ajuda  
 cobrou ele ho reyno em q̄ matou seu  
 irmão e hũa batalha despois dal  
 gũas q̄ ouuerão ambos. E sãdo col  
 tãdo Badur pacifico rey de Cãbaya  
 começou de se querer vigar d̄ algũs  
 senhores do reyno q̄ seguirão cõtre  
 le a parte de seu irmão/ z atrestes  
 foy Beliq̄ laca filho d̄ Beliquiaz,  
 q̄ era capitão de Dio/ z receãdo ele  
 q̄ el rey lho tomasse, determinou d̄  
 se fauorecer cõ os Portugueses/ z  
 por q̄ lhe parecia q̄ não auita gouer  
 nador na India por ser ainda e Do  
 zmuz escreneo a Cbristouãõ d̄ soufa  
 q̄ lhe mãdasse hũ homẽ muyto hõr  
 rado/ que lbe queria dar cõra dũ ca  
 so de muyta importãcia, pera o que  
 lbe era necessario fauor do gouerna

doz: e não quis escrever o q̄ era por não ser descoberto: e por Logo vyz estar e Chaul foy lbe dada esta carta: e pola amizade q̄ sabia q̄ auia antre Abeliq̄ e o Rey de Cambaya lbe pareceo q̄ por necessidade se lbe que ria encomedar: e ele quisera ser o q̄ fora a ver se cō Abeliq̄: mas foy por todos cōtrariado em conselho: dizendo q̄ não era bẽ que ho governador da India fosse a cousa incerta: e acordarão q̄ fosse Eytor da silueira cō a armada cō q̄ partiria Dormuz, e ele foy cõtete e separtio logo.

Capit. vii. Do conselho q̄ Bagamabmut deu a Abeliq̄ sobre despear Diu: e como lho tomou.

**C**hegado Eytor da silueira ao porto d̄ Diu Abeliq̄ se vio logo coele e lbe contou toda a amizade q̄ auia antre ele e o Rey de Cambaya de que se não auia de fiar posto que rēcõciliassem: porq̄ não goardaua a ningũe sua palavra: e por isto que ria por se vingiar dar a fortaleza de Diu a el Rey de Portugal pa ter seu fauor e ajuda quãdolbe fosse necessaria: por em que auia de leuar toda a artilharia e munições que tinha em Diu pera fãq̄te hũa ilha nos Rezbutos ode queria fazer sua morada por se segurar del Rey d̄ Cãbaya: e q̄ lbe auião de dar ametade do q̄ rendesse a alfandega de Diu. E algũas vezes q̄ Abeliq̄ se vio com Eitor da silueira teue coele esta pratica se quer mais effeyto, porq̄ mouros nũca acabão de se determinar porq̄ de seu natural sã descõfiados: e este tinha algũ receyo q̄ despois q̄ teneffe Diu nã lbe variã nada: e fa

zialho ter Bagamabmut a q̄le mouro seu parente de q̄ faley atrã que estaua coele, a que pesaua tanto de dar Diu aos nossos q̄ desejava o ho matar: e como não podia dissimular coele e dizialbe q̄ fazia muyto bẽ de dar Diu aos Portugueses por se segurar del Rey de Cãbaya: porẽ q̄ segurança teria ele de lbe darẽ ametade do q̄ rendesse a alfandega de Diu despois q̄ ho teneffem: e q̄ lbe parecia q̄ estando eles no porto de Diu não se deuia de ir pera Faquete: porq̄ como os Portugueses nã erão seus amigos por natureza se não por interesse que lbes tolberia q̄ ao embarcar de sua pessoa, molheres e thesouro q̄ era grande ho não tomassem cō tudo, pera q̄ estãdo em seu poder lbe alargasse ho thesouro e o quelbes pedia da rēda de Diu. E como Abeliq̄ era desconfiado e andasse tão cheo de medo fez lho muyto grande esta diuida de Bagamabmut q̄ era seu parẽte e amigo: e de que confiaua q̄ se doeria de sua vida e hõrra, e por isso o que lbe disse fez nele tamanba impressã q̄ sospitou que aquilo poderia assiser: e começou de se atreter em sua ida, e pregũtou a Bagamabmut o q̄ faria: e ele por lbe nã sair de toda a vontade q̄ sabia q̄ era dar Diu: disselbe q̄ assi ho deuia de fazer pera se segurar del Rey de Cambaya. E pera segurança dos Portugueses q̄ não fizessem o que receaua não se deuia de embarcar coeles no porto: e deuia de dizer a Eytor da silueira que se tornasse a Chaul fingindo algũas causas pera isso, e despois de partido se embarcaria muyto a seu saluo e se iria: e ele ficaria em Diu

pera ho entregar a Eytos da silueira q logo mandaria chamar depois de sua partida. E não sendo Beliq tão recatado como lhe era necessário teve por muyto bõ ho conselho de Bagamabmut q lho não dava a outro fim se não pera que os Portugueses não ouuessem Diu. que de terminaua de partido Belique ho entregar a el rey de Cambaya pera se congratuar coele: e começando a embarcação de Belique dese voltar/ ya Bagamabmut cõ recados a Eytos da silueira ao seu galeão dizendo lhe da parte de Belique que sentia aluoroço nos moradores de Diu por verem a nossa frota no porto e começarem de sentir q lhe queria dar Diu/ e que receaua de se levantar em contrelle, por isso q denia tornarse a Chaul pera com sua ida se assellegar a cidade, e assellegada tornaria. E parecendo a Eytos da silueira que aquilo era arrependerse Belique mandoulhe dizer q do aluoroço da cidade lhe nã desse nada/ porque como a fortaleza estava da banda do mar podia embarcar se bũa noyte secretamête/ e em se embarcando se meteria ele dentro na fortaleza/ e como fosse nela levaria pouco polos aluoroços da cidade. Ao que Belique respondeo por conselho de Bagamabmut que ele não se auia dar de Diu sem levar toda sua fazenda e arrelharia o que não se podia embarcar se não por espaço de dias / e em quanto se embarcasse seria sua ida descuberta o que ele não queria/ por isso lhe parecia que se deuia de tornar a Chaul e ele embarcaria sua fazenda mais

dissimuladamête e sem sospeita da gente q assellegaria cõ sua ida: e tẽdo tudo prestes ho mãdaria chamar/ e assi se faria melhor e mais a salvo de todos. E desconfiado Eytos da silueira da verdade de Beliq por estes recados/ por saber a verdade da sospeita q tinha de lhe não dar Diu/ banqueteara Bagamabmut e outros mouros que yão coele, e mandaualhes dar muyto vinho duas pera que os embebedasse/ por lhe parecer que bebados lhe dirião a determinação d Beliq. E Bagamabmut como era prudente e rãdio e fazia se muyto bebado: e por que se Eytos da silueira fosse dizialbe que Beliq nã lhe auia de dar fortaleza em Diu/ e q ho tinha ali pera assentar bẽ suas cousas cõ el rey d Cãba ya cõ que adaua tratado amizade.

**C**apit. viij. De como Eytos da silueira se tornou a Chaul / e do mais q fez Lopo vaz d sã pão.

**L**isto creio Eytos da silueira q seria assi por q se gũdo ho feruor q vira e Belique pera despejar Diu pareceo lhe que ao outro dia ho despejaria, e vendo a dilação que punha/ teve por certo que se arrependia da primeyra determinaçã: e assi ho escreueo a Lopo vaz pedindolhe que determinasse o que faria/ porque lhe parecia que sua estada era sem proueito. Esta por Lopo vaz esta carta / mostroua em conselho em que lhe soy dito por algũs que ninguem podia melhor determinar o que Eytos da silueira



ra faria naquele negocio que ele me-  
mo pois lá estava e via o que passa-  
ua/ de q̄ podia determinar o que se-  
ria melhor: porque determinar-se  
cozes que não tinham experiencia  
do que la ya era fazer cousa ás escu-  
ras: e que podião com sua determi-  
nação deitar de todo a perder aque-  
le negocio de que a el rey de Portu-  
gal resultava tanta honrra e tanto  
proueito, por isso que Eytor da sil-  
ueira ho determinasse e assi ho fizel-  
se. Outros disserão q̄ pois ele era  
tão froxo que estando la e vendo o  
que passava não sabia determinar  
o que faria, e ho mãdava preguntar  
a quem ho não via. que não era bem  
deixar cousa de tanta importância  
em sua determinação/ e que se mã-  
dasse homem que ho soubesse fazer.  
E como os pareceres erão differê-  
tes/ e quasi tantos dũa parte co-  
mo da outra/ lãcou-se Lopo vaz da  
que dição que Eytor da silueira de-  
terminasse o que lhe parecesse, porq̄  
lhe pareceo que naquilo lhe fazia fa-  
uor porq̄ desejaua de ho ter de sua  
mão/ sem mais atentar quanto me-  
lhor foia mãdar outro porque não  
fizera o que fez Eytor da silueira/ a  
quem escreueo o que determinara  
no conselho. E como a cousa ficou  
em seu parecer, e ele esteu nesse enfa-  
do de estar ali vendo como Melique  
insistia que fosse a Chaul, e crendo  
que ho fazia por não comprir o que  
tinha prometido se foy sem mais cõ-  
siderar/ que assi como podia ser que  
Melique mentia assi tambem fala-  
ria verdade. E que ho medo que ti-  
nha del rey de Cambaya lhe repre-  
sentaria mil inconuenientes pera

fazer bũa cousa tamanha como de-  
ixar Diu e valo aos Portugueses.  
E partido foy ter a Chaul ôde deu-  
conta a Lopo vaz do que passava e  
Diu: e não atentando mais Lopo  
vaz naquele negocio não tornou a  
mandar logo Eytor da silueira a  
Diu ou outro com bũa instrução  
do que auia de fazer/ âtes ordenou  
de ho mandar ao estreito a fazer pre-  
sas e que partiria dali, e porque em  
quanto se apercebesse pera a parti-  
da se Melique mandasse recado pe-  
ra dar a fortaleza acodisse logo. E  
isto se assentou em conselho, e porq̄  
as nouas da vinda dos rumes aa  
India se começauão dauilar por  
certas/ pareceo bem a Lopo vaz es-  
creuelas a el Rey de Portugal, e q̄  
as leuasse Francisco de mendoça no  
seu nauio/ por quem lhe tambem es-  
creueo a abertura da sua subcessam  
pola ausencia de Pero mazarre-  
nbas/ e como governaua a India:  
e porque podesse vir gente na arma-  
da do anno seguinte despachou lo-  
go Francisco de mendoça q̄ partio  
na entrada de outubro porque che-  
gasse a Portugal antes que a arma-  
da partisse: e tambem despachou pe-  
ra Moçambiq̄ a Huo vaz de caste-  
lo branco capitão e feytoz do nauio  
do trato de Cãbaya pera çofala/ a  
q̄ mandou q̄ desse auiso em Moçã-  
biq̄ da vinda dos rumes porq̄ se hi  
fossem ter q̄ esteu esse apercebidos.  
Estas nouas dos rumes escreueo  
lopo vaz a Boa e a todas as outras  
fortalezas, rogando aos casados q̄  
quissem servir a el rey de Portu-  
gal em certas cousas que lhes no-  
meou q̄ erã necessarias por amor da

vinda dos rumes pera o q̄ não avia  
dinheiro ao presente. O que eles fi-  
zerão de muyto boa vontade, e em  
Cochim começaram logo hũ galeão  
e hũa caravela e hũa gale: e de re-  
nouar a fortaleza que estava dānefi-  
cada: e em Canano: se abriu hũa ca-  
na muyto alta que cingisse a fortā-  
leza: e em Goa hũ lanço de cbapa  
no muro e hũ galeão, e hũa carave-  
la: e hũa gale, e em Chaul outra ga-  
le, e mandou tambẽ Lopo vaz fer-  
nãode mozaís a Druz com poluo-  
ra z outras cousas necessarias pera  
defensam da fortaleza. E feyto tu-  
do isto partiose pa Dabul pera ho  
destruir por estar aleuantado, e pos-  
to que estava assentado em cõselho  
q̄ Eitor da silueira ficasse em Chaul/  
e dali se partisse pera ho estreito/  
porque se Belique mandasse reca-  
dolhe acodisse: lopo vaz ho leuou  
cõsigo com toda a armada pera ho  
mãdar de Goa, sendolhe requerido  
por todos os fidalgos que ho não  
leuasse porque senão perdesse Diu  
por ele ali não estar se Belique mã-  
dasse recado pera ho entregar: e nã  
quis senão leualo: e isto a requeri-  
mẽto Deitor da silueira: porque ou-  
ue por afronta ficar em Chaul com  
Christouão de Sousa que daua mesa  
a todos os fidalgos que ali inuer-  
narão que erã muytos, e assi a ou-  
tra muyta gente que todos folga-  
uão de star em Chaul por Christo-  
uão de Sousa ser muyto largo de cõ-  
dição e apraziuvel. E porque Eitor  
da silueira não avia dandar tão acõ-  
panhado como ele: por não poder  
fazer o que ele fazia não quis ficar  
em Chaul: e fez com Lopo vaz que

ho leuasse a Goa: o q̄ foy a final cau-  
sa de se desta vez não auer Diu.

**C**apit. ix. De como ho Tanadar  
de Dabul pedio paz a Lopo vaz  
de sam Payo.



E Chaul se foy Lo-  
po vaz de sam Payo  
a Dabul com deter-  
minaçã de o destruir  
porque ho tanadar  
recolbia ali mouros  
de Beça, e consentia que carregas-  
sem suas naos: e trazia algũas sus-  
tas de marinada auẽdo pazãtre el Rey  
de Portugal e ho Hidalção. Sen-  
trando pola barra dentro cõ a gen-  
te prestes pera desembarcar: layo  
ho Tanadar a recebelo em hũa al-  
madia: porq̄ não era aquele contra  
quem ya Lopo vaz: se não outro q̄  
lbe sucedera no officio que desejava  
de conseruar a paz q̄ estava assenta-  
da: e por isto layo a receber a Lopo  
vaz e desculpou selbe da culpa que  
teuera seu antecessor pedindolbe q̄  
lbe confirmasse a paz que estava as-  
sentada com os nossos: e que faria  
quanto quisesse. E elha cõfirmou  
com cõdição que lbe entregasse as  
sustas com sua artelbaria: que logo  
entregou: e hũa nao de Beça que  
estava carregada de pimenta, e que  
não acolheria mais outras no seu  
porto. E isto feyto partiose Lopo  
vaz pera Goa.

**C**apit. x. Do q̄ acõteceo a Anto-  
nio galuão capitão de hũa das na-  
os da carga ate chegar a India.

**D**este año de mil e ccccxxvi.  
Partirão de Portugal pe-

ra a India quatro naos sem capi-  
tão mox de que forão capitães Frã  
cisco da bahia Tristão vaz da veiga  
Antonio dabeu que leuaua a capi-  
tania mô: do mar de Malaca / e  
Antonio galuão filho de Duarte  
galuão / que partio derradeiro de  
todos a dezaseys de May: que nũ  
ca ateli partira nao tã tarde. E che-  
gando á costa de Guiné andou nela  
cozenta dias hora na volta do mar  
hora na da terra sem poderem sair  
dali fora: porque como aqui correm  
as agoas em demasia pera terra cõ  
a enchente da mãre poz muyto que  
de hoy te se alargauão pera bo mar  
não podia ser tanto que quãdo ama-  
nhecta não se achassem pegados cõ  
terra / porque não podião romper  
a grande forza da goa. E como An-  
tonio galuão entendesse algũa cou-  
sa da piloragem / dizia muytas ve-  
zes ao piloto q̃ fossen na volta do  
mar pois tinha vento / que posto q̃  
fosse escasso que quanto mais se em-  
pegassem lbes alargaria. E bo pilo-  
to não queria dando suas rezões q̃  
Antonio galuão recebia cõtra sua  
võtrade por lbe não parecerẽ boas /  
mas não lbe queria tomar seu offi-  
cio de mandar a via. E andãdo nel-  
te trabalho foy ter coele hũ nauio  
que ya da ilha de sam Tome pera  
Portugal / e sabendo que a nao ya  
pera a India lbe disserão dele que se  
toz nassem pera Portugal porque  
ja não tinhão tempo pera irem á In-  
dia aquele año por ser na fim de Ju-  
nho / e q̃ estauão ainda na paragem  
do cabo do monte: com o que a gête  
da nao ficou confusa e aluoroçada  
pera requerer ao capitão que se toz-

nassem, assi por ser tarde como por  
a nao pender muyto e ser temerosa  
de vela: por em Antonio galuão os  
allessegou esforçando os que espera-  
ua em nosso senhoz de passar aquele  
anno a India. E vendo bo piloto e  
mestre do nauio como querião prof-  
seguir sua viagem, disserão ao pi-  
loto da nao que por que não se alar-  
gaua da terra e fazia bo caminbo  
pera bo cabo de santo Agostinbo /  
porque a q̃la era a verdadeira naue-  
gação / pelo que ele pedio perdão a  
Antonio galuão de não querer to-  
mar seu cõselho que entãdo aprouou  
por bõ: e dali por diãte se fez na vol-  
ta do mar / e quis nosso senhoz que  
lbes alargou sempre bo vento e fizê-  
rão coe leu direito caminbo / e po-  
rem dando as velas quando as ou-  
tras amainão q̃ assi era necessario  
por ser muyto tarde. E porque a gête  
se gastaua com andarem tanto,  
Antonio galuão polos animar e ti-  
rar bo medo que tinhão mandaua  
sempre ter pão e vinbo sobre cuber-  
ta pera que comessem e bebessem / e  
atambor e pandeiros pera tangerẽ  
e cantarem: porque doutra manei-  
ra morrerão todos de pasimo. E co-  
mo Antonio galuão vio bo erro q̃  
bo piloto fizera em não se empegar  
da costa de Guinéã descansou ma-  
is sobrele e tomou anre si cuidado  
da via e de cartear: e era tão certo  
nisso que fazendose bo piloto e ou-  
tros cõ as ilhas de Tristão da cu-  
nha passadas, sempre perfion que  
nã e no ppzio pôto q̃ disse q̃ as auã  
de ver as virão, do q̃ bo piloto e os  
outros se espantarão muyto. E na  
uegando com muyto trabalho

se poserão de altura de trinta e nove  
graos, e dali começarã a deminuir  
e por se fazer com ho cabo dobra-  
do no mes de setebro em q ouuerão  
destar na India, pareceo ao piloto  
que ja aquele año não poderião ir a  
ela/ ainda q Antonio galuão qria  
ir por fora/ do que se o piloto agas-  
taua tanto/ q disse á gente que os q  
ria leuar a perder/ porque os vêtos  
auião ja de ser leuantes/ e as ago-  
as corrião muyto naquele tempo  
pera ho estreito de Moeca/ onde os  
auião de lançar como ja lançarão  
outras naos/ e este auia de ser ho  
derradeiro remedio quãdo os deos  
quisse saluar milagrosamête: mas  
que ho mais certo era q antre mou-  
ção e moução que era ho mes dou-  
tubro e de setebro auião dachar tã-  
ta calmaria naquele golfão q auia  
de morrer de fome e de sede/ e isto  
quãdo escapasse dos muyto baixos  
e ilhas e raiungas q auia nele. E  
coestas rezões e com outras prouo-  
cou quasi todos a que fizessem por  
força ir Antonio galuão por dêtro  
quãdo não quisesse por sua vôtade.  
e primeyro ho piloto é nome de to-  
dos lbe fez hũa fala em quelbe da-  
ua todas as rezões que digo e ou-  
tras muytas pera não ir por fora  
se não por dentro/ e inuernar em  
Moçâbiq. Ao q Antonio galuão  
respondeo que não auia dir se não  
por fora/ e q esperaua em nosso sñor  
de passar aquele año á India/ rogã-  
do muyto a todos quelbes parece-  
se bem ho q dizia, e insistindo nisto  
chamou ho piloto ao mestre. q auia  
nome Esteuão dias pera q ho a su-  
dasse contra o capitão poyz todos

erão da sua parte/ ao que ele respõ-  
deo que nũca deos quisesse q fosse cõ  
tra tal pessoa, quãto mais sendo seu  
capitão, a que era obrigadado dobede-  
cer/ e coisto ficou a cousa assi. E cõ  
tudo tendo o piloto os mats da sua  
parte determinou de leuar a nao a  
Moçâbiq mandando governar  
pera lá, ho q sabêdo Antonio gal-  
uão mandou logo governar pera  
onde querta / pelo que ho piloto  
lbe emcãpou a nao, e fez fazer hũ  
auto de como lbe o capitão toma-  
ua ho seu officio e qria meter a nao  
no fundo reqrêdo lbe da parte del-  
rey q lbe deixasse fazer seu caminho  
e como Antonio galuão visse q ho  
melhor era ir por fora não quis se  
não fazer ho que lbe parecia bem: e  
disse q ele mãdarã a via: e por q lbe  
não mudasse a derrota tinha de noi-  
te e de dia hũa agulha na sua cama-  
ra em q via pera onde governauão,  
e encomêda uale a nosso sñor man-  
dando dizer missa todos os dias /  
e a noite á Salue e as ladynhas e  
rogaua a nosso sñor q lbe valesse. E  
era tam deuoto/ q quebrãdo lbe ho  
garoupez cõ hũa toruoadã nã quis  
q se concertasse ao outro dia por ser  
dia sancto, nê ao outro q era domi-  
go, cõ quãto o mestre se queixaua q  
perdião viagê sem a ceuadeira, e to-  
dãua não quis Antonio galuão q  
se corregesse ho garoupez por serẽ  
os dias q erão/ ho que parece que  
foy permissão diuina por q se anda-  
rão naqles dous dias tãto quãto o  
mestre quisera ouuerão dir varar  
por cima dos baixos dos abrolhos  
que estão em dezasete graos da bã-  
da do norte/ e sêdo perto da linha

começo ulbe dadoecer algũa gente q̄ ele fez curar cõtanta diligẽcia q̄ lbe nã moze: conigũe/ ho q̄ foy muy to desparitar/ porq̄ ali moze sēpre muy tos. E despois q̄ ho piloto vio quã bõ conselho fora ho Dantonio galuão em ir por fora/ z q̄ esperaua de ser muy cedo cõ a costa da India pediolbe perdão dos req̄rimẽtos q̄ lbe fizera, louuãdo ho do melhoz piloto do mundo: z indo ja perto da costa da India acharãose entre as ilhas de Baldiua, z como sã todas rasas com a agoa z nẽ ho piloto nẽ nenbũ dos que yão na nao forão ali nũca ficarão muyto agastados: z mais porque vião hũs baixos por proa q̄ arrebetãuão em frol/ ho q̄ visto por Antonio galuão se sobio agauca com ho mestre, (porq̄ ho piloto desacoçoou) pera descobrir delãa terra z por onde auão dir/ z assi chegou aos baixos q̄ conhecido que erão de pedra viua/ pelo q̄ lbe pareceo que ao lógo deles auia de ser alcantilado/ z mandou fazer caminho ao derredor deles/ z em se poendo ho sol mãdon tirar algũs tiros pera q̄ a codisse gẽte de terra seã ouesse, de q̄ soubesse õde era. E logo sayo de hũa ilha hũa almadia bẽ esquipada em q̄ ya hũ velho com quinze ou vinte homẽs que chegãdo a bordo da nao entrou dentro/ z dele soube Antonio galuão q̄ era sñor da q̄la ilha q̄ auia nome Gãfar hũa das de Baldiua z que ya bẽ nauagado: z foy coele ate ho outro dia em amanhecẽdo que sayo dentre as ilhas, z posto q̄ ho mestre z piloto cõselhãã a Antonio galuão q̄ não deixasse ir os das ilhas ate ho

poerem na costa da India não quis dizẽdo q̄ afoza não fazer ho q̄ de uisficaria agẽte tam escandalizada que ainda q̄ vissem outra nao nã lbe acoderiã z a deixarião dar a costa/ z galardoãdolbes a boa obra q̄ lbe fizerão os deixou ir/ z partidos da qui hũ domingo na fim doutubro e amanhecẽdo ouuerão vista de doze velas z arribãdo a elas virão terra z ao longo dela hũa grãde armada q̄ com ho terreno se fazia na volta do mar/ z das doze velas q̄ parecẽrão primeiro/ z neste tempo foy conhecida a terra q̄ erão as serras de Calicut: z a armada era de Malabares/ z as doze velas cuidãuão serem de rumes que era a propria mouçãõ pera virem/ z os nossos estãuão ja prestes pera pelejar que em amanhecẽdo se apercebeo Antonio galuão/ z nisto hũa das doze velas chegou a nao, z conhecẽdo que era dos nossos saluouos com hũa grande grita, z entrarão algũs na nao que disserão a Antonio galuão como estãua defronte de Calicut que estãua de guerra z dela era a armada que viãõ, z que ho tempo os lançara ali vindo pera Cochim das ilhas de Baldiua com fazenda pera afeitoria/ pedindolbe que os leuasse em sua conserua porque não tinhão artelharia, z ele ho fez assi z a armada de Calicut não ousou de os cometer, cõy dando que todos erão dar mada z Antonio galuão surgio defronte por lbe ser ho vento contrairo pera Cochim/ pera onde queria ir, não temendo ho perigo que era estar tão perto

Dos inimigos, e ali pedirão muyto todos os da nao a Antonio galuão que pois bo vento era a popa pera Canano: e pera Soa que fossem lá e que farião muyto proueito em vèder hí suas mercadorias, porq̃ vendendoas em Cochim como era bo derradeiro porto auiação de fazer barato delas. Esculandose Antonio galuão desta ida por recear que não tornasse a Portugal no año seguinte por: quão tarde era, lhe disserão que isso querião eles, porque como a nao era grande e não tinha na Índia onde inuer nar irião a Dimuz em que farião muyto proueito dobrado sua fazêda / e quando tornassem seria mais cedo e poderião empregar de vagar: e como isto era perda del rey não quis Antonio galuão q̃ se fizesse, e acodindolhe tempo foy se a Cochim onde achou as outras naos que aquele anno partirão de Portugal.

**C** Capit. xj. De como el rey d Portugal mandou que Lopo vaz de sam Payo fosse governador.



Chegados a Cochim Francisco vanhaya e Tristão vaz da veiga q̃ erão capitães de duas naos derão a Afonso me xia védor da fazêda duas vias d cartas q̃ lhe leuauão del Rey d Portugal, e nestas achou ele dous maços de subcessões da governação da Índia por falecimêto de dom Anri. que de menses. E pera saber como aquillo era leo húa de duas cartas que lhe el Rey escreuia que dizia,

Afonso me xia / eu el Rey vos enuio muyto saudar. Per duas vias vos enuio nesta armada que nosso senhor leue a saluamêto dous sacos de cartas e despachos das cosas dessas partes que ouue por meu seruiço q̃ agora fossem / e leua hũ dos sacos Tristão vaz da veiga e outro Francisco vanhaya: tomay as cartas que vão pera vos e as do capitão môr: lbe day e assi todas as outras ás pessoas a que vão, e não fi que nhúa que não seja dada / e aquelas que esteuerẽ fora donde vos este uerdes manday lbas dar e vão a todo bo recado. E nesta armada me enuiay hũ rol de como forão dadas aquelas que destes ás pessoas onde vos estais / e ho modo que teuestes em enuiar as outras q̃ vão pera as pessoas que esteuerẽ fora / e tomay d isto bo cuydado / porq̃ ho ey por muyto meu seruiço serẽ dadas todas as ditas cartas: as prouisões q̃ vão das subcessões da capitania môr, tede naqla boa goarda e segredo q̃ cumpre a meu seruiço como de vos confio. Scripta em Almeirim a vinte dias de Março Pero dalcaçoua carneyro a fez de mil e quinhêtos e vinte e seis: e das outras prouisões q̃ ja la têdes não se ha du sar, e as tereis e boa goarda e mas trareis q̃ndo e boza vierdes. el Rey. A outra carta era do teor desta, se não q̃ não tinha esta particula derradeira. E vistas pelo védor da fazenda / pegou se a esta particula derradeira que das prouisões das subcessões q̃ estauã na Índia nã se auita du sar: e por isso determinou d abzir estas q̃ vão de nouo, e dizêdo q̃ era

hũa cousa que cumprira muyto ao seruiço del Rey, fez ajudar na sé de Cochim dom Gasco deça capitão da fortaleza hõllenceado João do soiro ouuidor geral da Índia, João rabelo feytoz de Cochim / Duarte teixeira tesoureyro das mercadorias / com outros officiaes da fazenda e da iustica / e assi os capitães da armada de Portugal e outros fidalgos e caualeyros da Índia. E juntos todos lbes leu aquelas duas cartas que lbe el Rey escripta e depois lbes disse que e hũa delas parecia bem claramente não querer el Rey que se vsasse das subcessões que estauão na Índia se não daquelas que ali mandaua / e que derogaua as que erão abertas / pelo que queria abrir as outras / e ver quem el Rey mandaua que fosse governador pera ho auer e por esse. Ao que dom Gasco deça / disse que por dizer na sua carta que das provisões que estauão na Índia não se vsara / não se entendia que se vsasse das q' não posto que as da Índia fossem abertas : porque se el Rey aquilo quisera que assi ho declarara / e que escruera parecẽto lbe que as subcessões que estauão na Índia não erão abertas / mas sendo ho como aua de mandar que se não vsasse delas e ficar em tamanha obrigação como ficaua aos q' daua a governança da Índia e lba tiraua sem nhũa causa pelo que mãdaua ter em muyto grande segredo as subcessões, e pois el Rey não mandaua, que posto que fossem abertas as q' estauão na Índia / que se abrissem as q' mãdaua de nouo que lbe requeria da

parte del Rey que as não abrisse / e não desse causa a auer diuisões na Índia / que estaua claro auer ante Pero mazcarenhas cuja era a governança de deryto : e aquele que se achasse na noua subcessam cuja a governança não era / pois el Rey não mãdaua que lba dessem : e se ele queria servir sua alteza. que lbe tornasse a mandar a noua subcessam cõ declaração do por que a nã abrisse. E deste parecer de dõ Gasco forão muytos, e outros com ho vedor da fazenda que se abrisse a noua subcessam. Ele disse a dom Gasco e aos outros que de ser mal ou bem abrir se a noua subcessam / que ele daria conta de como ho fizera, e q' aua de abrir : e assi ho fez contra vontade da mayor parte dos q' ali estauão.

**Capit. xii. De como Zopo vaz d'lam payo foy declarado por governador.**



Verta a noua subcessão Fernão nunez escriptuão da fazenda a lco em alta voz, dizendo

Eu el Rey faço saber a todos os meus capitães e alcaides mores das minhas fortalezas da Índia / capitães das naos / nauios das armadas que nas ditas partes adão / feytozes e escriptuões de minhas feitorias / capitães de naos, nauios q' vão pera vir cõ a carga pera estes reynos / fidalgos / caualeyros / e gẽte darmas q' nas ditas partes andarẽ e a todas qes quer outras pessoas e officiaes da iustica e fazenda a q' este meu aluara for mostrado, q'

pela muyta confiança que tenho de vossa mercê / que nas cousas de q' ho encarregar me sabera bẽ servir: me aprez que sendo casto que faleça do Anrique de menses / q' ora he meu capitã mór e governador das ditas partes da India q' nosso Senhor não mãde, subceda e entre na dita capitania mór e governança, ho dito Lopo vaz per a nela me servir / cõ aquele poder jurdição e alçada que tinha dada ao dito dom Anrique de menses / e me aprez que aja em cada hũ año em quanto me servir na dita capitania mór e governança / dez mil cruzados .s. cinco mil em dinheiro, e os outros cinco mil em pineta comprada do seu dinheiro ao partido do meyo / tomãdo e nomeando seu riscó nas naos e navios q' nomear que vierẽ para estes reynos / segundo ordenãça dos partidos do meyo. E entrãdo assi ho dito Lopo vaz na dita capitania mór e governança da India / entrãdo na capitania mór do mar que ele tem / Antonio de Miranda vazuedo / com ho ordenãdo que coela tinha ho dito Lopo vaz de sam payo, e no cargo que ele ao tal tempo teuer / prouera ho dito capitã mór ate eu prouer: e não estãdo na India ho dito Lopo vaz ao tempo do falecimento do dito dom Anrique / por ser vindo para estes reynos ou sendo falecido / ou falẽdo despois dẽtrar e succeder na dita capitania mór e governança / e qualquer destes casos entrãdo por capitã mór e governador Pero mazcarenhas que

estãdo por capitã de Malaca: e auera ho dito Pero mazcarenhas os ditos dez mil cruzados / de seu ordenãdo de capitã mór e governador / daquela maneyra que os ordeno ao dito Lopo vaz / e trãdo Pero de faria na capitania de Malaca, õdo do dito Pero mazcarenhas estãdo e auera ho ordenãdo da capitania de Malaca. E estãdo ele por capitã e Soa prouera ho dito meu capitã mór na dita capitania / a pessoa que lhe parecer que pertence mais a meu seruiço ateeu prouer / e auera ho ordenãdo da dita capitania. E porei volo notefico assi. e vos mando a todos em geral e a cada hũ em espicial, que vindo ho dito caso se cumpra / e guarde inteiramente este meu aluara como nele he contẽdo / e a qualq' dos sobre ditos que entrar na dita governança obedeça eis, e cumpraes seus requerimentos e mandados / assi como ho fazies ao dito dom Anrique, e como sois obrigados de fazer ao dito meu capitã mór e governador / e em todo ho deixai usar / do poder, jurdição / e alçada / que ao dito dom Anrique tinha dada por minha carta / sem duuida nem embargo algũ que a elo ponhais, e mando ao meu vedor da fazenda que em cada hũ anno em quanto me servir na dita capitania mór e governança / lhe mande pagar os ditos dez mil cruzados na maneyra sobre dita. Feito em Almeirim, a quatro dias d' abril / Jorge Rodriguez ho fez, de mil e quinhentos e vinte leys. Estes dez mil cruzados que ordeno que ajã os



sobreditos por anno, sera naquele proprio modo / formar maneyra q os tenho dados ao dito dō Anrrique / e ho ordenado de Antonio de miranda dazeuedo entrando na capitania mōr do mar serāo dous mil cruzados por anno. s. mil em dinheiro e mil em pimenta no modo sobredito de como a ha dauar ho dito dom Anrrique, posto que diga q ha dauar ho ordenado d Lopo vaz. El rey lido este aluara, foy feyto hū auto por Fernāo nunez escriptuāo da fazēda da abertura daquela subcessam, q foy assinado pelos mais vos que ali estauāo, porem a mais da gente assi altos como baixos estranbanāo muyto abir se a q̄la subcessam, e oiziāo q̄ ho vedor da fazēda fizera hūa consa muyto errada e roubaua sua hōrraa Pero mazcarenbas que por dreyto era verdadeyro gouernador / e que Lopo vaz de sam Payo nāo faria bem daceitar a gouernança que nāo era sua: e que vindo Pero mazcarenbas esperanāo que ouesse na India grande reuolta por ter nela muyto mais valia q̄ Lopo vaz de sam Payo. E bē parece que aduinhando el Rey de Portugal estas reuoltas q̄ se poderiāo seguir / como soube per Frāncisco de mendoça que dō Anrrique de menses era falecido e lhe subcedera Pero mazcarenbas por cuja ausencia Lopo vaz de sam Payo gouernaua a India / por atalhar as diuifōes que poderia auer mādou logo Pedreanes frāces em hū nauio cō recado q̄ auia Pero mazcarenbas por verdadeyro gouernador: e este se perdeu na ilha de sam Lourenço

e nāo ouue effeyto o que el rey quisera. E declarado Lopo vaz de sam Payo por gouernador, e auēdo ho vedor da fazēda por esse, despachou logo dom Anrrique deça quelbe le uallea Goa (onde lhe pareceo q̄ ho achasse) a subcessam, e por ele ecreueo hūa carta á camara de Goa em que lhe screueo o que fizera pera q̄ soubesse q̄ Lopo vaz de sam Payo era gouernador e to teuisse por esse: e sabendo hū Thomepirez capitāo dū catur esta noua, partio logo de Goa e busca de Lopo vaz pera lhe dar esta noua e ganhar as aluifaras e achou ho em Dabul de caminho pera Goa. E sabida a noua pola armada / os mais dela estranbarāo muyto o que fizera ho vedor da fazēda / por que todos queriāo antes que Pero mazcarenbas fosse gouernador q̄ Lopo vaz de sam Payo que continuando dali sua viagem chegou a Goa, onde sendo recebido como gouernador deu a capitania mōr do mar a Antonio de miranda dazeuedo e a de Goa a Pero de faria. E deixādo em Goa a Eytor da silueira pera que fosse ao estreito / se partio pera Cochim.

**Capit. xliij. De como Bagamab mut se leuantou com Diu / e ho deu a el rey de Cambaya.**



**Artido Eytor da silueira de Diu de se fazer forta leza / Delique saca q̄ falaua verdade e se perana de compzir o que prometera / começou logo de ho despejar / e**

mandou sua artelharía a Baquere  
pera onde determinaua de se ir. E  
Bagamahmut a que pesaua tanto  
como disse de Belli q dar Diu aos  
Portuguezes / e trazia grãde dili-  
gência polo estoruar / leuãtouse hum  
dia cõ a cidade por el rey de Cãba-  
ya, sendo Belli q em hũa sua quintã  
duas legoas d Diu: do qã gẽte foy  
cõrẽte por lhe pesar muyto de se ele  
trãdãl cõ Belli q: e leuãrada a cida-  
de logo Bagamahmut ho fez saber  
a el rey de Cambaya / mãdãndolhe  
dizer o q Belli q determinãua, e pe-  
dindolhe a capitãnia dela, e q lhe  
mãdasse gẽte. E el rey sabendo este  
recado partio logo pera Diu. E sa-  
bẽdo Belli q o q Bagamahmut tã-  
nã feyto / conbecco então a falsida-  
de do conselho q lhe dera em fazer ir  
Eytoz da silueira pera Chaul / õde  
cuydãdo q ainda estãua Lopo vaz  
de sam Bayo lhe mãdou dizer o q  
passãua / pedindolhe q lhe acodisse,  
porque esperaria ate sua vinda. E  
Christouão de souza por não ter ar-  
mada q lhe mãdasse / mãdou este re-  
cado a Boa q foy dado a Eytoz da  
silueira, por ho governador ser par-  
tido pera Cochim: e Eytoz da sil-  
ueira como ho soube partio se logo  
pera Chaul indo coele muytos fi-  
dalgos e outra gente / mas sua ida  
foy fora de tẽpo e sem proueito por  
não estar em Chaul quãdo Belli q  
mãdou ho recado q se bi esteuera a-  
inda se podera auer Diu, a q pãmei-  
ro q chegasse a Chaul chegou el rey  
de Cambaya cõ grãde poder de gẽ-  
te / e Belli q escassamẽte pode auer  
hũa fusta em q fugio pera Baqte. E  
tudo isto se sabia em Chaul quando

chegou Eytoz da silueira, q do mar  
mãdou dizer a Christouão de souza  
q se tinba algũ recado de Diu q lho  
mãdasse. E ele respõdeo q aqã for-  
taleza era del Rey de Portugal / e  
se a ele tinha por essa q fosse la e sa-  
beria ho recado, e se assentaria o q  
deuãdo d fazer, e se não q se fosse em  
boza. E parecẽdo a Eytoz da siluei-  
ra q por capitão mõz daqã arma-  
da lhe deuia Christouão de souza d  
mãdar ho recado, insistia q lho mã-  
dasse e não qria la ir, e tambẽ por  
recear q como la fosse lhe tomasse a  
armada e mandar outrẽ a Diu. E  
vãdolhe Francisco de souza tãuares  
palaura de não se fazer tal se foy a  
fortaleza / e cõselho lhe disse Chri-  
stouão de souza o q passãua em Diu  
q era escusado ir la: pelo q se assẽtou  
q não fosse e tomasse a dar cõtra dis-  
so ao governador, e não fosse ao es-  
treito, por ser certo q çoleimãorãte  
per mãdado do turco passãua a In-  
dia cõ hũa grãde armada de turcos  
e q estãua na Ilha de Camarão fazẽ-  
do hũa fortaleza, e ho mesmo escre-  
ueo Christouão de souza ao gover-  
nador por Eytoz da silueira / q assẽ-  
tado isto se partio logo pera Boa  
onde não achãdo ainda ho gover-  
nador se partio pera Cochim.

Cap. xliij. Do grãde aluoroço  
q auia na gẽte da Índia / dizẽdo  
q Lopo vaz nã era governador.

**R**artido ho governador  
Lopo vaz de sam Bayo  
da cidade d Boa, chegou  
a Cochim / õde ho vedor  
da fazenda era tambem capitão, q  
na armada do anno presentelhe mã-  
dara el Rey de Portugal pronissã

pera ho ser juntamente com védor da fazêda. E sabêdo que Lopo vaz de sam D'ayo era chegado ho r ecebeo com muyta festa e ho tornou com todos a jurar e obedecer por governador da Índia: e como em Cochim estava júta a mayor parte da gente dela / e os mais erão afeyçoados a Pero mazcarenbas e de seiação que ele governasse vendo q se fazia ho contrario publicamête / estranhauão muyto o que ho védor da fazenda fizera em abzir a noua subcessam de Lopo vaz d sam D'ayo despois de Pero mazcarenbas ser jurado e obedecido por governador / e chamado pera governar / e quelbe roubaua sua honrra e justiça. Era a onião que fazião sobristo muyto grande, e auia bandos antre os da parte de Pero mazcarenbas, e os do governador, e perficiuão com muyto perigo sobre ql era governador por deryto auendo palauras bús com os outros e de la flos e peijas: e era a reuoltata manha sobristo em Cochim que nã se ouuia nunca outra cousa / e pera mais ajuda chegou na segunda oytava do Natal hũ jungo a Cochim que deu noua que Pero mazcarenbas ficaua embarcado e partira pera a Índia, q agrauou mais nos de sua valia o que lhe ho védor da fazêda fizera. E ho governador como soube a noua da vinda de Pero mazcarenbas / porque ele soubesse primeyzo que chegasse a Cochim q não era governador / e não fizelle aluoroço mādou ho terlado de sua subcessam, e ho do auto que se fez quãdo foy jurado e obedecido por

governador a Anriq figueira feytoz e zalcay de môz de Loulão com hũ regimento que tanto que Pero mazcarenbas chegasse ao porto lhe fosse mostrar ao mar ho terlado da subcessam e do auto, e se ho ounesse por bõ lhe fizesse muyto galbado / e doutra maneyra que ho não acolhesse na fortaleza. Partido este recado pera Loulão / por que ho governador sabia que se dizia publicamente que ele tomara por força a governança a Pero mazcarenbas pera dar a entêder a todos que não era assi por conselho do védor da fazenda mandou ao derradeyro dia de Dezembro chamar a sua casa a Estião de souza / Felipe de crasto / Antonio galuão / Francisco danbaya e Cristiano vaz da veiga capitães das naos da armada q auia de tornar pera Portugal / que parecia q por essa cauia podião dizer se affeição o quelbes naqle caso parecesse, e perante Antonio rico que aquele anno fora de Portugal por secretario disse o que se dizia por parte de Pero mazcarenbas contra a sua subcessam. E por ele não fazer justiça dos que tão oufadamête dizião mal dele / e queria ver se por bem se querião enmendar / quelbes pedia como a fidalgos que tinhão tanta rezão de falar ver dade que liuremêtelbe dissessem com juramêto dos santos euãgelhos o q lhes parecia da sua subcessam, e se etêdião q por virtude d'ela era governador: e logo ho secretario lba teo. E lida / como quer q ho governador lhes pçgütou simprezmete o q lhes parecia de sua subcessam, e se o fazia governador:

assi simplesmente differão todos z cada hũ por si. que tinhão por cousa muyto clara ele ser governador por sua subcessam / z que assi o queria el Rey / z assi ho jurarão quelhes parecia. E Tristão vaz acrecentou mais, dizendo que por se enitarem cousas que serião de seruiço de Deos z del Rey z ele governador ho devia de ser, z tambem por estar em posse da governança: z quanto a se ele ou Pero mazcarenhas ho devião de ser por justiça, era necessario ver todas as prouisões passadas z por as não ter vistas ho deixava de dizer. E a isso se calou ho governador / z disse que affinasse o q̄ dissera / porq̄ de tudo Antonio rico fez hũ auto q̄ ele z os outros affinarã. E a mesma p̄gunta, z polas mesmas palauras fez ho governador a hũ Frey João Baro da ordem de sam Domingos homem letrado / que por mandado del Rey de Portugal fora pregar á India, que jurou ao governador q̄ ho era por deryto por virtude da sua prouisam: z pera ser mais notorio a todos ho diria na pregaçãõ q̄ auia de fazer nõ dia seguinte q̄ era da Circuncisam de nosso senhor: z no cabo da pregaçãõ disse as murmurações que auia contra ho governador por parte d̄ Pero mazcarenhas estranhandobo muyto, por que Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro governador / dando pera isso as melhozes rezões que pode / z affirmando que assi ho sustetaria em Paris z em Salamanca z em Portugal pera onde stava embarcado / pelo que se devia de creer que falava verdade pois nã tinha neces-

sidade do governador / de que não era tamanbo amigo como de Pero mazcarenhas: porem que auia de dizer verdade / z requereõ ao governador da parte de Deos que lhe lãbrasse bẽ que tinha nas mãos hũa cousa de tanta importancia z de tanto peso como era a governança da India: z que pois el Rey de Portugal a confiava dele, que lhe requeria da sua parte que castigasse grauiissimamente quẽ fizesse aluorõcos ou mouesse duuidas na sua prouisam: z que os degradasse de Cochĩ se fosse necessario. E o governador ho fez assi / z degradou logo a hum Simão toscano que fora criado de Pero mazcarenhas / porq̄ era ho principal que affirmava que Pero mazcarenhas era governador / z q̄ ho governador lhe roubava sua justiça: z assi degradou pera Chaul a Vicente pegado polo mesmo caso z aquiria muytos q̄ tiuessẽ sua voz. E durando estas reuoltas que de cada vez erãõ mayozes forãõ acabadas de despachar as naos da carrega que auião dir pera Portugal de que forãõ capitães Bastião de souza / Frãscisco danbaya / Tristão vaz da veiga z Antonio galuão / q̄ partidos de Canano seguirãõ sua viagem pera Portugal / leuando Antonio galuão a ossada de seu pay Duarte galuão: q̄ ho clerigo Frãscico aluarez trounera á India de Canarãõ vido do Preste: z Antonio galuão a leuou muyto secretamẽte na nao por a gẽte do mar ter q̄ se perderã a nao em q̄ for corpo morto. E estas naos chegarãõ todas a Portugal a saluamento.

**Capit. xv.** De como Christouão de souza capitão de Chaul determinou q̄ Lopo vaz de sam payo não era governador.



Vicente pegado que foy degradado da Chaul pelo governador / depois que foy lá por se vingar dele / disse a Christouão de souza que era verdade que ho governador z ho védor da fazêda estauão concertados de não darem a governança a Pero mazcarenbas, affirmão que Lopo vaz de sam payo era verdadeyro governador z não ele: z que assi homandaua el Rey de Portugal em hũa prouissam que dizia / quem caso que Pero mazcarenbas esteuesse por governador ho deixasse de ser, z ho fosse Lopo vaz de sam payo / z mostroulbe ho ter lado da carta do védor da fazenda: em que el Rey dizia que das subcessões q̄ estauão na India não se vsasse: z assi ho ter lado da subcessam de Lopo vaz de sam payo que viera de nouo. E parecêdo a Christouão de souza que ho védor da fazenda fizera o que não diuia em abrir a noua subcessam: pois Pero mazcarenbas estaua declarado, obedecido z jurado por governador / z q̄ el Rey na particula da carta a q̄ se ho védor da fazêda pegaua não mōdaua, que posto que Pero mazcarenbas fosse governador: se abrisse a noua subcessam: pareceolbe muyto mal ser Lopo vaz de sam payo governador: z muyto peor a determinação com que Vicente pegado lhe dizia que estauão ele z ho védor da fa-

zenda / z que seria forçado auer na India diuissam que seria cousa muyto pjudicial, por ser certo estar Colley mōraixem Camarão com a armada do Turco pera passar a India, z que auia de ser na monção de Mayo ou de Setembro. E pera saber que meyo nisto tomaria, ajuntou a conselho ho alcaide mōr: seytor z outros officiaes da fortaleza com muytos fidalgos que estauão coele: z Vicente pegado disse a todos o q̄ dissera a ele só. E lidos os ter lados da carta do védor da fazenda z da prouissam do governador: propos Christouão de souza ho caso / z todos disserão quelbes parecia o que disse que parecia a ele / z q̄ Lopo vaz de sam payo não tinha nhum deryto na governança pelas rezões declaradas: mas porque se escusasse diuissam antre duas tais pessoas, z os males q̄ se dela seguirião, era necessario que se possessem em justiça pera se julgar por deryto z nã por armas de qual deles era a governança: z que isto deuia descreuer logo a Lopo vaz de sam payo, defenganando ho que não auia dobedecer por governador a quem isto refusasse antes auia de ser contra ele: z que mandasse esta carta a Francisco de souza tauares que a dêsse a Lopo vaz de sam payo. E como esteera ho mesmo parecer de Christouão de souza / escreueo a carta z mandou a Francisco de souza que a deu ao governador em Goa como direy a diante.

**Capit. xvi.** Do juramento q̄ ho governador fez em Cochim.



**E**ndo ho governador por muyto certo estare os rumes em Camará fazedo húa fortaleza pa despois de feyta passarem á India, determinou de os ir buscar e pelear coeles: e porque sabia que ádanão muytos Portugueses em Cbozamádel, escreueo a Ambrosio do rego que lá era feytoz e alcayde mór: que lhes dissesse da sua parte q logo sopena de tredoze se fossem a Cochim porque compria assi a seruiço del Rey, e que perdoava aos q fossem obrigados á justiça quaes quer culpas que teuellem: porem como bo eles não tinhão por verdadeyro governador: não lhe obedecião: e também em Cochim muytos não se querião embarcar pera ir coele, dizendo publicamete que fingia ir ao estreyto por não estar em Cochim na cbegada de Pero mazaré: e não se poer coele. Pero mazaré carenbas em dreyto sobre a gouernança, e por isso não auião dir coele nem obedecer a seus mandados. E diziasse isto tão soltamete, e punba se tão por obra que se embarcauão muyto poucos. E querendo ho governador atalbar ao castigo q isto merecia, e fazer notorio a todos q partia com tenção de ir pelear com os rumes: hū domingo estãdo á missa em ho sacerdote leuantãdo a hostia disse em voz que podesse ser ouuido. Eu juro naquela hostia consagrada em que está ho verdadeyro corpo de nosso senhor Jesus Christo que me parto com tenção de ir buscar os rumes e pelear coeles, e pe

ralhes tozuar que não passem á India. E por esta ser minha determinaçãõ, mando a todo homem Portugues tirando aos fronteiros da fortaleza que se embarquem comigo, e quem bo não fizer sayba certo que sera grauemete castigado. E coeste jurameto e amoestaçãõ que ele fez se embarcou a gente toda crendo q auia dir pelear com os rumes: e antes de se embarcar deu hū regimento a Afonso mexia em que lhe mandaua que não recebesse a Pero mazaré carenbas como a governador: antes se quisesse desembarcar em Cochim como governador: lho defendesse por armas. E coeste regimeto lhe deu húa carta pera ele de grandes consolações sobre a mudança q el Rey fizera de ho fazer segūdo sendo primeiro. E feyta esta diligẽcia se partio de Cochim em Janeyro de mil e quinhentos e vinte sete: e chegando a Cananor deu a dō Simão de menses ho mesmo regimento q deixara a Afonso mexia, e hi deixou por capitão mór: de certos bargangantins a hū fidalgo chamado Jorge de souza pera que goardasse a costa de Calicut: e ho primeiro de fevuereyro se partio pera Goa: e embaicalá achou Eytor da silueira que lhe disse o que fizera em Diu. E a certeza que Christouão de souza tinha da estada dos rumes em Camará: e como por seu conselho e requerimentos não partira pera ho estreyto: e dali escreueo o governador a Christouão de souza ho fundamento que leuaua dir pelear cõ os rumes, pedindo lhe que lhe mandasse a armada que teuisse e a gẽte que

lbe sobejasse da ordenada á fortaleza. E partindo daqui pera Soa achou no caminho Fernão d' morais que vinha Dormuz, de cujo rey lbe deu cartas, e do capitão da fortaleza / e do feytoz: em que lbe fazião queixime de Raix xaraso de confas que tinha cometidas contra ho seruiço del rey Dormuz que por isso ho prêdera pedindolhe todos tres que logo mandasse por ele, porque em quanto esteuesse em Dormuz sem preauia de fazer maldades.

Capit. xvij. De como se assentou que ho governador não fosse a Camarão.



chegado ho governador a Soa, jutos todos os capitães e fidalgos principais da armada no mosteiro de lam Francisco com os mestres e pilotos dela lbe ppos a estada dos rumes e Camarão / e como queria ir pelejar coeles. E que todos ouuerão por muyto escusado por quã pouca gente tinha, e que seria muyto grande doudice ir cometer hũa tão poderosa armada como os rumes tinhamo estando eles em terra / e acordou se que ho governador inuernasse em Soa, e que vindo no verão seguinte armada de Portugal teria mais gente e poderia ir esperar os rumes aa ponta de Diu onde os tomaria trabalhados da viagem e com a artelbaria abatida pola passagem do golffão: e desta maneyra com ajuda de nosso senhor os desbarataria de todo. E de tudo isto fez ho secretario hũa auto q todos assi-

narão. E sabendo a gente comum como ho governador não auia dir buscar os rumes logo começou de dizer que essa fora sempre sua deterninação posto que jurara ho contrario, que bem sabião que não deitara aquela fama se não por fugir de Pero mazcarenbas pera não se poer coele em deryto / e dizião outras muytas confas em desprezo do governador / por que verdadeiramente criação que ho não era senão Pero mazcarenbas. E desengañado ho governador que não auia dir a Camarão / mandou Manuel de macedo a Dormuz pera que trounesses Raix xaraso preso a Soa pera ser castigado se ho merecesse / e madou lbe que toz nasse a inuernar a Soa, e mandou logo ao capitão mooz do mar que se fosse ate Cochim leuãdo grãde vigia sobze não errar Pero mazcarenbas / e q achando ho lbe dissesse da sua parte que se fosse inuernar a Enanoz ou a Cochim / por q assi cumpria a seruiço del rey seu senhor: e quando não quisesse senão ir a Soa que toz nasse coele ate a barra / donde ho não deitaria passar ate lbe não fazer saber como ali estava, e deulhe hũa carta pera Pero mazcarenbas que se quisesse toz nar a Malaca que lbeitaria mayor ordenado do q tinha a capitania. E a causa por q ho governador receaua que Pero mazcarenbas fosse a Soa, era porque vendo ho a gente comum e muytos fidalgos q erão da sua banda aueria aluoroço e se faria diuisão / e ho farião poer em deryto com Pero mazcarenbas / e não queria estar nessa auentura.

**C**apit. xviii. De como foy mor  
to Gaspar machado / e outros  
portugueses.



**A**ssãdo se estas cou  
rias na Índia / Pe  
ro mascarenhas q̄  
estava por capitão  
de Malaca / man  
dou ê Janeiro desse  
anno de vinte leys hũ nauo pera a  
Índia, a cujo capitão não soube ho  
nome. E foy em sua companhia hũ  
Gaspar machado / q̄ ya em hũ seu  
jungo cõ sua fazenda q̄ era muyta,  
e navegando por sua viagem forão  
ter ao cabo de Comorim / onde to  
marã Patemarcas hũ valêtemou  
ro / q̄ adãua por capitão mór d̄ hũa  
armada del rey de Calicut de cinco  
enta e dous paraós : e ya caminha  
de Ceilão a fazer guerra a el Rey,  
por ser amigo dos portugueses : e  
quis nosso Senhor q̄ ho mar andas  
se picado / e fizesse grãde marulho /  
pera os portugueses q̄ yão no na  
uio e no júgo escaparê a Patemar  
car, q̄ se os aferrara os tomara / e  
ele bem os quisera aferrar mas não  
ousou / por q̄ cõ a mar ulhada não se  
lhe desfizessem os paraós cõ ho na  
uio, e cõ ho jungo q̄ erão mayores,  
e mais fortes que os paraós, e por  
isso não ousou da ferrar coeles, e cõ  
tudo posse de baltrauento deles, e  
tirou lhes muytas bombardadas,  
coim q̄ lhes ferio, e matou muytos  
homens, e antres loy Gaspar ma  
chado / e asaz teuerão que fazer os  
outros em se acolher : e forão se a  
Cochim, onde acharão falecido dõ  
Anrique de menceles

**C**apit. xix. De como Pero mas  
carenhas soube que era governa  
dor da Índia / e do que fez.



**O**orge cabral que foy  
por capitão mór de  
certas fustas as ilhas  
de Aldiua, vendo  
como Pero mazca  
renhas era governa  
dor / determinou delhe ir dar esta  
nova a Malaca / cõ fundamento q̄  
lhe daria a sua vagante, da capita  
nia de Malaca por aluissaras da  
nova q̄ lhe leuaua. E assentado isto  
cõfigo / partio se pa Malaca na fus  
ta em q̄ andaua : e deu a noua a Pe  
ro mascarenhas q̄ era governador  
da Índia / per falecimento de dom  
Anriq̄ de menceles. E Pero mas  
carenhas lhe prometeo a capitania  
de Malaca quãdo se fosse pera a In  
dia : e da hi a algũs dias, foy certifi  
cado de todo q̄ era governador da  
Índia, per Antonio da silua de me  
neles, que lhe deu a carta Da sonso  
mercia, em q̄ lhe dizia que era gover  
nador, e ho mandaua chamar : e ho  
auto q̄ foy feyto de sua subcessão : o  
q̄ tudo visto pelo alcaide mór, fey  
to, e officia eis da fortaleza, e assi  
por outras pessoas honrradas q̄  
estauão nela, foy Pero mascare  
nhas obedecido por governador  
da Índia. E isto feyto fez se prestes  
pera se partir pera a Índia e Agos  
to, cõ tenção de esperar ho leuãte na  
ilha d̄ Pulopuar, q̄ he d̄ Setebro, q̄  
se chama a moução peq̄na / cõ que  
se iria pera a Índia. E antes q̄ par  
tisse deu a capitania a Jorge cabral  
ho q̄ Aires da cunha quisera impe



dir: dizeo q̄ a capitania pertẽcia a ele/ por ser capitão mór do mar/ por q̄ quando Afonso dalbuquerque ganbara Malaca que se fora pera a India, deixou: que falecendo Rey de brito q̄ ficaua por capitão da fortaleza/ succedesse na capitania Fernão perez dandrade, q̄ era capitão mór do mar/ e depois passara el rey dō Manuel hū aluara, q̄ estava na feytoria: que nas cousas de Malaca se goardassem os regimẽtos q̄ Afonso dalbuquerque hi deixara/ e assi se goardara na deferença q̄ Ruino vaz pereyra teuera cō Antonio pacheco, sobre a capitania, por morte de Jorge de brito/ como disse no liuro Quarto: e por isso q̄ a ele Aires da cunha pertencia a capitania da fortaleza, e não a Jorge cabral/ fazendo sobristo req̄rimẽtos a Pedro mascarenhas q̄ lba desse. Ao que respondeo, q̄ tudo quãto Aires da cunha dizia era assi/ se a capitania vagara por sua morte, mas q̄ vagãua por entrar na governança da India/ e por ser gouernador, era sua a vada daq̄la vagante/ e a podia dar a quem quisesse/ e por isso a daua a Jorge cabral/ assi por aluissara das nouas q̄ lbe leuara, como por ser hū fidalgo de muyto merecimẽto por sua linhagem/ e por muytos seruiços q̄ tinha feytos a el rey. E com tudo Aires da cunha protestou de Pedro mascarenhas lbe pagar a sua custa ho ordenado da capitania. E querẽdo Pedro mascarenhas partir cō a determinação q̄ digo: os pilotos lbe req̄rerão q̄ não partisse/ porque não auia de poder ir a India naq̄la moução, mas não quise

deixar dir: e partiose e hū nauio caminbo da ilha d' Pulopular, o de estado surto/ lbe deu tão brauo tempo de vêto/ q̄ ho masto do nauio quebrou por tres lugares/ e estene muyto perto de se perder/ e escapãdo Pedro mascarenhas desta borriçada/ tornouse a Malaca pera se a parelhar q̄ nã podia assi proseguir sua viagem/ e Malaca achou Francisco de lá cō a armada q̄ leuaua para fazer a fortaleza e çunda: e coleya dō Jorge de meneses por capitão de Maluco; per prouisão de dom Henrique de meneses/ q̄ lbe Pedro mascarenhas confirmou/ e lbe deu outro nauio que fosse em sua companhia/ a fora ho em q̄ ya: a cujo capitão nã soube ho nome: e assi lbe deu mais gẽte da q̄ leuaua, e municiões e mandou lbe que fosse pola via de Borneo/ pera se descobrir aq̄la nauagação pera Maluco/ q̄ era mais curta que pela via de Banda, e dãdolbe regimẽto do q̄ auia de fazer, partiose dom Jorge caminbo de Borneo: e por q̄ Simão d' souza galuão, que ya por capitão mór do mar de Maluco/ soube q̄ Pedro mascarenhas determinaua, de ir sobre Bintã pera ho tomar; e soube quã pouca cousa era a capitania mór do mar de Maluco: e quão pouco podia nela servir a el Rey de portugal, que era pera o q̄ a ele pedir: nã quis ir a Maluco: e ficou e Malaca pera se achar na empresa de Bintão: que tinha q̄ auia de ser hūa couisa de muyta honrra e fama/ a q̄ era muyto inclinado. 102

Cap. xx. Em q̄ se escrue ho titulo e a fortaleza da ilha d' Bintão.

**N**endo Pero mazcarenas que lhe era força do esperar a moução grande pera a India: e achandose com a gente que Francisco de Sá leuara, determinou de ver se podia coela tomar Dintão q̄tãta guerra fazia a Malaca. E assentado em conselho que bo fizesse/ partiose com hũa armada de dezanoue velas. s. hũ galeão pequeno, hũa galé/ quatro nauios redondos, dous bargatins, dous bateis de m̄tas/ quatro lâcharas e cinco calaluzes: e a fora Aluaro de Brito que era capitão da galé em que yá Pero mazcarenas/ forão capitães Francisco de Sá, Aires da Cunha/ Antonio de Brito/ Duarte Coelho/ Fernão Seruão Deuora/ Simão de Sousa Galvão, João Pacheco: e aos outros não soube os nomes. Trião nesta armada trezêtos Portugueses e seys cêtos Malayos, de que yão por capitães dous mouros honrrados/ hũ chamado Sanaya raja, o outro Tuã mafamede. E coesta armada se partio pera a ilha de Dintão que nalingoa Malaya quer dizer estre-la: e por isso el rey de Dintão tinha por titulo muyto horrado chamar ferey da estrela. Faz esta ilha sessenta legoas de Malaca auante do estreito de Lincapura pegada com a terra firme, que hũ estreito rio que se vay meter no mar aparta dela ao longo desterio hũ pedaço da foz de le está situada hũa boa pouoação chamada Dintão pouoada de mouros Malayos, onde bo rey que foy de Malaca se recolheo depois que per Antonio correa foy lançado do

pagode, como disse no liuro quinto e a tomou ao senhor dela q̄ era seu vassallo: e depois que el rey que foy de Malaca se apossou dela/ aforzificou grandemente pera se defender dos Portugueses com recoco que tinha de irem sobrele. E a maneyra da sua fortaleza foy esta, e hũa baya pequena onde se bo rio mete que he bo porto da cidade: fez ao longo dũ canal que se ali faz em voltas hũa estacada pera ficar tão estreito q̄ hũa galé não podesse virar nele. E esta estacada era d paos muyto grossos metidos em olhos de grãdes mós: e depois de metidos deitauão as mós no mar/ e que se yão ao fũdo/ e elas ficauão pã cima fora dagoa em boa altura, e doutros paos tão grossos como mastos de nauios q̄ naquela terra se chamão paos ferros mandou fazer hũa tranqueira entulhada que cercava a pouoação em redôdo com seus baluartes dos mesmos paos també entulhados, e com suas portas que se fechauão e abrião, e em hũa pôte que a trauessaua horio pera seruentia da ilha e da terra firme estauão dous baluartes na entrada e saída dela: e nelas e na tranqueira auia trezêtos tiros d artelharía. Esta tranqueira que cercava a pouoação tinha em lugar de caua tres ordêes de estrepes com as pôtas bernadas e postos e reues hũs pera que quisesse entrar/ e outros pera que quisesse sair. Esta pouoação era fundada em terra deuassa e apaulada, e por isso todas as casas estauão sobre esteos de paio aleuantadas da terra e seruiãse por pontes ou minhotel.

ras/saluo as del rey, que estauão sobze hũ oiteyro da bāda do serrtão.

**Cap. xxi.** De como Pero mazcarenbas foy sobze a ilha d' Bintã.



Manegando Pero mazcarenbas pa esta ilha, passou muyto grãde trabalho no caminbo por ser muyto roim, e todo per canaéis q se fazião antre hũ grande ar cepelago dilbas, e chegado cõ toda a frota, surgio de fora da barra, e dahi mãdou sondar bo canal da baia per onde auia dētrar, e foibo sondar Du arte coelbo, q lhe disse, que era ipossiuel poder entrar a nossa frota sem arãncarẽ primeyro a estacada: e mais desembarcando diante da tranqira, nã escaparia nbũ dos portu gueses uiuo, segũdo a muyta soma da telbaria q tinha, e a fora isso nã se poderia ētrar por ser muito alta. E sabido por Pero mazcarenbas este perigo, determinou dētrar pela ponte por onde se ferutão pera a terra firme, onde não auia tãta ar telbaria, e pera segurar esta ponte, e poder melhor ētrar por ela: determinou de a mandar abalrroar por hũ dos navios redondos, e coele mãdaria arrancar a estacada, pera entrar toda a frota: e porq̃ isto era cousa de muyto perigo, escolheo pera ho fazer hũ Fernão serrão Deuora q̃ tinha por efforçado, e era capitão dũ dos navios como disse / a q̃ fez cincoẽta Portugueses pera ho ajudar a este feyto: e fortalecido

ho nauio de largas e fortes arrombadas, q̃ podessẽ resistir aos tiros dos inimigos, e assi de boa artelbaria: etrou na baia indo atoadado a do us calaluzes porque fosse bem pelo meo do canal, e ali começaram os q̃ yão no nauio darrancar as estacadas, no q̃ passarão tamanbo trabalbo camanbo nã se pode imaginar, trabalhando continuamente no cabrestante, cõ que arrãcãõ as estacas a forza de peitos, e de braços, cospindo muytas vezes sangue cõ ho trabalbo, e como as estacas erã muytas, e a detença muyto grande em as arrancar, surdião tã pouco, q̃ ao mais que adauão cada dia, era bo cõprimẽto de hũa corda del parto, e coeste vagar gastarão oytodias em chegarẽ defrõte da tranqueira, donde as bõbardadas logo forão tantas que era medo ouu las, quanto mais velas: e danecãrão ho nauio de modo, q̃ nenão forão as arrombadas fora todo arrombado e metido no fundo. E ar dando os Portugueses nesta fadiga, apareceo hũa armada ao mar q̃ ya demandar a barra de Bintão.

**Cap. xxii.** De como foy desbaratada a armada que el rey d' Pão mandana em socorro del Rey de Bintão.



O Rey de Bintão como vio a frota de Pero mazcarenbas, e tinha dele noticia que era muyto caualeiro e dterminado, temẽdo de se ver coele em afronta, mandou muydepressa pedir soco

roa el rey de p̄do seu genro e vez  
nho/quel bo mandou log o detrin.  
ta e tres lancharas em que trião  
bem dous mil homẽs e muytos  
mantimentos. E esta era a armada  
que pareceo ao mar: e porque pe  
ro mazarẽbas se receou que che  
gada esta fuisse a del rey de Sintoão  
e tomãsem a sua no meyo e lhe des  
sem fadiga, não quis esperar que  
chegasse: e determinando de ir pele  
jar coela no mar leuando parte da  
sua meteoale em hũ balanco, e corẽ  
do toda a frota disse sua determina  
ção aos capitães/ que lhe pedirão  
muyto que não tomãse a quele tra  
balho de que bo eles escularião, e  
que ficasse em goarda do porto por  
que assi seria melhor. E fazẽdo seu  
rogo mandou quatro lancharas e  
cico calaluzes (a cujos capitães nã  
soube os nomẽs) que fossem pelejar  
com a frota del rey de p̄do/ e man  
dou por seu capitão mór Duarte  
coelho: e tendo andada hũa legoa  
donde ficaua p̄do mazarẽbas  
chegarão a tiro de berço da arma  
da dos inimigos a que começarão  
de tirar com sua artilharia / e eles  
com medo dela os meter no fundo.  
fugirão logo leuãdo a proa em hũa  
ilha que estaua dali legoa e mea ate  
onde lhe os portuguezes derão ca  
ça/ matandolhe muytos com a ar  
tilharia, e de vinte tres lancharas  
que chegarão primeyro toda a gẽte  
saltou em terra e fugio pola ilha e  
as lancharas forão tomadas pelos  
portuguezes / as outras dez não  
podendo aferrar a ilha passarão  
auante e acolhiãse: o q̄ vêdo Duar  
te coelho porque não escapassem/

saltou com algũs dos que yão coele  
em hũ balanco da sua iachara, e a  
força de remou deu apos eles, tiran  
dolhes com hũ meyo berço que bo  
balanco leuaua por proa / e nũm  
dos outros capitães bo seguiu por  
estarẽ todos ocupados em tomar  
as lancharas que digo. E vêdo os  
mouros ir bo balanco só virarão a  
ele indo obra de hũa legoa auante  
da ilha: e ele com quãto vio quãtos  
erão os que voltãão sobrele / não  
deixou de ir por diante, e vendo os  
mouros sua ousadia teuerãse / e  
ele tambem se teue porque lhe pare  
ceo doudice cometer tantos cõ tão  
poncos como leuãta se não quãdo  
não podesse fazer mais. E tornãdo  
os mouros a ir parele / e a parele  
e detendose de tinhas: e isto fizerao  
por tantas vezes q̄ sobrele a noy  
te, de que a estas horas era muyto  
perto, e os mouros fizerae na vol  
ta do mar / e Duarte coelho se tor  
nou pera os outros capitães e fo  
rãse todos pa p̄do mazarẽbas  
com as iacharas que tomarão aos  
mouros carregadas de mantimẽ  
tos: com que ele folgou muyto e te  
uõ por pronostico da vitoria que  
auia da uer del rey de Sintoão, e ass  
ho disse a todos esfozãdo os pera  
a peleja.

Cap. xliij. De como fernão ser  
rão pelejou com Zaquetimena.



Elvaratada esta ar  
mada / tornarão os  
do nauio de fernão  
serrão a seu traba  
lho / e arrancarẽ as

muytas e muyto grandes estacas que estauão metidas pelo canal por onde auião vir á pôte: em que se vião trabalho immenso quanto não se pode cõtar / porque hũs tinhão os peitos abertos das barras do cabrestãe / outros tinhão os braços moídos de tapar os muytos rombos que a artilberia dos inimigos fazia no nauio / que não cessaua de tirar de dia nem de noyte com que ho esburacaua todo / e era nele a agoa tanta com toda a diligencia q̃ os Portuguezes fazião pela esgotar / que quasi se vão ao fundo. E coesta tamanha fadiga quelhes durou quinze dias, quis nosso senhor q̃ vencesse seu trabalho a força dos inimigos / e chegarão á pôte dando bũa grãde grita e aferrarão coela. E que sabido por el rey agastou se tanto que desbonrraua os seus de muy asperas palavras / pelo que algũs intentarão de fazer dar bonauio á costa / e como foy noytena vazãte da mar e lbe cozzarão as amarras de mergulho: e sintido os Portuguezes que caçaua acodirão logo e surgirão outras ancoias que tinhão a pique, e forarão as amarras de cadeas de ferro por lbas não cozzarem. E vendo os mouros que não podião fazer nada se tornarão muyto enfergonbados: e el rey mandou então a Laqueximena que com quinhentos homens em õzelanchas que tinha varadas fosse pelear com Fernão serrão e ho tomasse / cuidando que a muyta artilberia da tranqueyza impediria aos outros nauios que lbe não acodissem,

e mandou que tirassem roda vinta / e entre tanto Laqueximena foy aferrar ho nauio de Fernão serrão que bem trabalhou por não ser aferrado desparando assaz de bombardadas: por em como as lâcharas erão muytas nã se pode tolber a algũas que ho não abaltrouassem por proa e logo saltarão muytos mouros dentro / e apos estes aferrarão outros e echerão ho nauio, e outros que não podião entrar tirauão de fora muytas frechadas: e os que estauão no nauio como erão muytos apertarão tão riço com os Portuguezes que por mais esforçadamente que pelejauão os leuarão ate bo conues: e aqui foy a peleja muy braua e Fernão serrão foy derribado com muytas feridas / porẽ era tão esforçado que se leuãton logo e tornou a pelear com muyto esforço. E com tudo os seus estauão tão feridos que não podião escapar se a este tempo não lobzenierão per o mazcarenbas e Duarte coelho cõ algũs Portuguezes, que ouuindo as primeyras bombardadas do nauio acodirão logo em bũ balanco por escaparem da artilberia que tiraua da tranqueyza. E chegãdo ás lancharas / porque lbe elas impedião q̃ não entrassem no nauio de lantarãlbes de troy panelas de poluozã com que começarão varder / e os inimigos por não se quey marem hũs se deitauão ao mar, outros fazião a fastar as lancharas e desabafarão ho nauio e fugirão: o que os mouros que estauão dentro não sentirão cõho arroido da peleja. E desabafado ho nauio / entrarão per o maz-

carembas e Duarte coelho com os que yão coeles, e ajudarão Fernão ferrão tambem que nũ dos mouros escapou de morte / se dos portugueses morrer nbum posto que todos estauão muyto feridos, pelo que Pero mazcarembas quisera q se forão pera os curarem / e q irião outros em seu lugar: e eles não quiserão, dizendo que em quanto teuelsem vida não se auião de tirar dali: o quelhes agardeço muyto e louuou seu efforço / e curados todos se tornou aa frota.

Capitolo. xxliij. De como Pero mazcarembas tomou a cidade de Bintão.



Quando Pero mazcarembas a grãde ousadia dos mouros em lhe quererem tomar ho nauio a sua vista, ouue medo que lhe queymassem a frota cõ balsas de fogo / e por isso não quis mais dilatar de cometer a cidade / e assentou de ser pola ponte como tinha determinado, mas porque os mouros terião d'isso receo por a mor do nauio q'estaua pegado coela / e poerião nela toda a força de sua defenlam: determinou de lhes fazer crer que auia de entrar pela trãqueira / õde mandou hũa noyte fazer hũa estãcia de pipas e cestos de campo cheos de terra em que mandou assentar tres berços / e assi mãdou fazer començadas hũa larga estrada. E a q̃rimena que estaua por capitão na tranqueya ho mandou

logo dizer a el rey / e q̃ lhe mandasse mais gente. E ele ho fez assi / e muytos mouros q̃ estauão em outras partes se passarão pera ali cuidando que por aquele lugar auião os portugueses de cometer a estrada, e era ho aluoroço muy grãde antreles crêdo que ao outro dia auião de ser mortos todos os portugueses. E como foy noyte Pero mazcarembas mãdou a Sanaya raja q̃ desembarcasse cõ os piães abalayos e se posesse detras da estãcia das pipas, e assi corêta portugueses: e mãdoulhes q̃ teuelsem tẽto q̃ e vêdo fogo em q̃lquer dos baluartes da pôte, possessem fogo aos berços e tangessẽ as trõbetas, e dessẽ grãdes gritas como q̃ desembarcauão pera cometer a trãqueira. E deixãdo a frota onde estaua por não ser sentido se embarcou nos balãcos e mãchuas / e desembarcou bẽpera batexo na terra firme que ficaria hũa legoa da pôte, pera õde tomou ho caminho q̃ fez cõ trabalho grandissimo e perigo, e por milagre d' nosso senhor não se perderão todos, porq̃ yão por vasa em q̃ atolauão ate acinta e ate debaixo dos braços, e por antre hũas aruozes q̃ cbamão mãgues q̃ deitão as razes peracima e ficão como os pés das mesmas aruozes, e como era escuro marrauão coeles / e se não fora ho efforço que lhes nosso seño daua este trabalho abastaua pera os debilitar tanto que não ficãõ pera fazerem cousa q̃ prestasse / porq̃ yão todos elameados / molbados e q̃brãtados. E com tudo chegarão á ponte hũa hora antemãba e tãõ efforçados

e inteiros como se então se leuan-  
 tarão da cama, e acharão Fernão  
 ferrão prestes com sua gente com  
 muytas panelas de poluozas, com q  
 logo pofarão bo fogo a hū baluarte  
 que estava na entrada da ponte em  
 vindo da ilha, e nele estava por ca-  
 pitão hū mouro chamado Tuão  
 raja, e bo baluarte era de madeira  
 e entibado e pegando bo fogo na  
 madeyra começou logo darder. E  
 a isto acordarão os mouros q̄ esta-  
 uão nele, que cuydando que Pero  
 mazcarenhas auia de cometer pola  
 trãqueyra estavam muy descuyda-  
 dos de cometer por ali, e por isto e  
 por estarem desuclados de vigiar é  
 toda a noyte adormecção: e acor-  
 dados com bo arroido do fogo say-  
 ranse do baluarte por não arderem  
 nele, e acodirão a hū postigo com q̄  
 lea pôte fechava / e cufas portas os  
 portugueses tinham acerca arrôba-  
 das e q̄bradas d todo / remeterã ao  
 postigo Ayres da cunha e João pa-  
 cifico e entrarão em q̄ pes aos mou-  
 ros que lhes resistião brauamente /  
 mas eles matando algũs dos dian-  
 teiros entrarão dētro / e a pos eles  
 q̄ntos estavam fora: e como os mou-  
 ros virão entrar os primeyros del  
 mayarão logo / e fugirão hūs pera  
 as casas del rey outros pera a tran-  
 queira onde estava Laquerimena / a  
 quem Sanayaraja em vêdo bo fo-  
 go no baluarte da ponte deu logo  
 rebate pela ordem que lhe Pero  
 mazcarenhas mādou. Laquerime-  
 na estava tão confiado em lhe pare-  
 cer que era impossivel entrarem os  
 portugueses por ali que não se al-  
 uoraçou nada com o q̄ Sanaya fez.

e estava muy seguro, seião quando  
 algũs que fugião do baluarte da  
 ponte forão dar coel / fugindo dos  
 portugueses que yão a pos eles /  
 então lhes acodio Laquerimena  
 com sua gēte: porem os portugue-  
 ses yão tão desnodados e com tão  
 brauo impeto. E os mouros fica-  
 rão tão espantados de os verem dē-  
 tro na cidade, que não dando por  
 Laquerimena fugirão pera as ca-  
 sas del rey e os portugueses apos  
 eles matando e ferindo muytos. E  
 el rey estando muyto fora de lhe pa-  
 recer que a cidade se podia entrar  
 estava del honrrando algũs quelbe  
 affirmauão que era entrada / e man-  
 dauaos que fossem goardar a tran-  
 queira: e nisto começou denxergar  
 os seus que yão fugindo / e então  
 creio que entrarão a cidade, e tendo  
 escassamente tempo pera caualgar  
 em hū alifante fugio ficando sua ca-  
 sa allí como a tinba / e os portu-  
 gueses yão tão desejosos de bo to-  
 marem que derão a pos ele: o que de-  
 sintindo se decco e embranchou se no  
 mato que era muy espeso / e por isso  
 os portugueses bo não quiserão  
 buscar / e forã se em busca de Pero  
 mazcarenhas que acharão pelejan-  
 do com hū capitão chamado Laxa-  
 raja que se defendia com passante  
 de mil mouros ao derredor dū ba-  
 luarte onde estava de que os mais  
 morrerão e ele fugio ferido d duas  
 espingardadas: e allí forão outros  
 muytos mortos e feridos ate as  
 dez horas do dia que se acabou este  
 feyto / q̄ foy hū dos marauilhosos  
 que os portugueses fizeram na-  
 quelas partes de q̄ aproue a nosso

senhor que não morreo nhū somen-  
te forão feridos algũs.

**C**apit. xxv. Do q̄ fez Pero maz-  
carenhas despois de tomada a ci-  
dade.



Tomada a cidade lo-  
go tres mercadores  
estrangeiros e ricos  
que hi morauão se fo-  
rão a Pero mazcare-  
nhas a pedir lhe q̄ lhes fizesse merce-  
das fazedas pois erão estrangeiros.  
E q̄ Pero mazcarenhas fez de boa  
võtade com cõdição que lhe auião  
de dar mantimentos os dias que  
ali esteuessse/pelo q̄ verão arrefens;  
e despois mandou Pero mazcare-  
nhas saquear a cidade em que se ou-  
te muy rico despojo principalmen-  
te nas casas del rey: e assi forã acha-  
das trezentas peças d'artelbaria. e  
muytas delas que forão tomadas  
aos Portugueses. E roubada a ci-  
dade foy posto ho fogo ás trãquey-  
ras e baluartes q̄ durou tres dias  
e tudo ardeu de maneyra que ate os  
paos que estauão metidos debaixo  
do chão arderão: e Pero mazcare-  
nhas estava tão magoado do muy-  
to mal que os mouros desta terra  
tinão feyto aos Portugueses/  
que não se auendo por vingado do  
que lhes fez, e tam bem pera ver se  
podia tomar el rey que sabia que es-  
tava na ilha mãou fazer nela muy-  
tas entradas a seus capitães, prin-  
cipalmente por el rey de Ainga grã  
de amigo dos Portugueses que vi-  
nha pera ho ajudar com hũa arma-  
da de dezoito lancharas e calalu-

zes: e este por que não pode ser na to-  
mada da cidade a judana aos Por-  
tugueses a correr a ilha/ em que a-  
inda forão mortos muytos mou-  
ros e catiuos deois mil: e isto foy  
feito em quinze dias q̄ Pero maz-  
carenhas estene na cidade despois  
que a tomou. E vendo el rey ho dã-  
no que se fazia em sua gente / e se alf-  
mais esteuessse que ficaria sem nhũa  
foyse pera hũ lugar chamado Uigē-  
tana onde despois morreo. E espa-  
lhada a noua como Pero mazcare-  
nhas tomara Dintão e era el rey su-  
gido foy ter ao q̄ era dantes senhor  
de Dintão que moraua na terra fir-  
me / pera onde se fora despois que  
lhe el rey de Malaca tomou aquela  
ilha / e sabendo como Pero mazca-  
renhas a ganbara por força / par-  
ceolhe que dele a tornaria a cobrar  
cõ se fazer vassallo del Rey de Por-  
tugal / logo lhe foy falar com sua  
licença / e fizerão pazes com condi-  
ção que ho senhor de Dintão não  
fizesse nela nhũa fortaleza, nem a-  
uia de ter armada / e quando alguẽ  
lhe fizesse guerra que ho defendes-  
sem os Portugueses: e dali por  
diante foy muyto grande seu ami-  
go. E isto feyto despachou a Fran-  
cisco de sã que fosse a cunda a fazer  
fortaleza e deulhe trezentos Por-  
tugueses que se embarcarão em se-  
te nauos / de cujos capitães não  
soube mais nomes que ho de Fran-  
cisco de sã e de Duarte coelho que  
leuaua a alcaydaria mór da fortale-  
za se fizesse. E partido Francisco  
de sã, partio se Pero mazcarenhas  
pera Malaca / onde lhe foy feyto  
muy solene recebimento, assi polos



Portugueses como pelos da terra por que todos ganbauão muyto na destruição del rey de Dintão com que se liurarão das grandes guerras que tinhão assi coele como com outros reys que ho ajudauão que vêdo ho destruido os mais fizeraõ paz com Pero mazcarenbas / e da li por diante foy Balaca muyto en nobrecida e abastada de mercadorias e mantimentos.

**Capit. xxvi.** De como Francisco de Sá foy a çunda e do quelbe aconteceo.



**F**artido Frãçisco de Sá pa çuda ou lbe hũ tamambo tẽporal de veto q os nativos da armada se esparãrão, e Frãçisco d' sã e outros tres capitães forã cada hũ por seu cabo / e Duarte coelho q ya em bũa nao arribou ido esua cõpanhia hũa galẽ e hũ bargatim, e forão ter q barra de çuda q he hũa cidade q estã no cabo da ilha de çamatra ao lãgo de hũ braço de mar q aparta a ilha de çamatra da ilha da Jaoa a mayor. São derrador desta cidade ha muyto grãde soma d' pimentaõ bo a como a do Malabar: he terra freica e bastada de matimẽtos / he ponoada de mouros / e te rey sobre si q tã bẽ he mouro: e a este tẽpo q ali chegou Duarte coelho não era a seõor da cidade do rey q queria dar forteza se não a qle cõ que tinha guerra q ilha tomou por força / e pa se acabar de todo o apossar dela estava nela / e tinha muyta gẽte de guerra: e era inimigo dos Portugueses, por q

sabia q ho rey a que tomara a çuda de os mādara çhainar e sua ajuda e lbes qria dar forteza. E qndo Duarte coelho ali chegou cõ o tẽporal q digo / deu aa costa ho bargatim q ya e sua cõpanhia, e saluarãse em terra trinta Portugueses q yão nele, q forã logotomados polos mouros e degolados por q os tinhão por inimigos / e a nao de Duarte coelho e a galẽ tã bẽ se ouuerão de perder, se os nosso seõhor não saluara. E vêdo Duarte coelho o q fora feyto aos do bargatim vio q a terra estava de guerra e achãdo se sem Frãçisco de la vio q era tẽpo perdido estar ali mais e foy se como ho tempo abonauçou: e desta ida de Duarte coelho, e do q sael rey sabia do outro seu antecessor q tinha dada palavra dar forteza aos Portugueses / ouue ele medo q tornasse cõ grã de armada / e por isso ajutou mais gẽte da que tinha e fortaleceose ho mais q pode. E estando assi tornou Frãçisco de la cõ toda a sua armada q andou ajutando por esses portos da ilha da Jaoa o de foy ter, e partito da cidade d' Panaruca: e chegou a çunda mādou cometer a el rey q lhe deixasse fazer forteza como deixara seu antecessor: e sobre ele nã querer desembarcou Frãçisco de la cõ sua gẽte pera ho fazer por força: e como os mouros erão muytos e estauão bẽ fortalecidos defendẽrão a desembarcação aos Portugueses, matando algũs deles. E Frãçisco de sa vendo que não podia desembarcar se recolbeo a sua armada. E conbecẽdo q cõ a pouca gẽte q tinha nã podia fazer nada tornou

se pera Balaca, õde sa não achou  
 Pero mazcarenbas q̄ era partido  
 pera a India, e por isso não pode a-  
 uer mais gẽte pera tornar a çunda,  
 nẽ Jorge cabral lha pode dar / assi  
 por ter pouca como por mãdar na-  
 q̄le tẽpo Bõçalo gomez vazenedo  
 cõ socorro a Baluco como direy a  
 diãte: e por isto não pode Francisco  
 de sa tornar mais açunda / e se foy  
 despois pera a India.

**Cap. xxvii.** De como Pero maz-  
 carenbas chegou a Cochim / e  
 querẽdo desembarcar lhe resistio  
 ho vedor da fazenda.



Inda a moução em q̄ se  
 podia ir pera a India /  
 partiose Pero mazca-  
 renbas cõ tres galeões  
 carregados da fazẽda del Rey e da  
 sua / e de caminho passou por Cou-  
 lãõ / õde foy rreçebido do feytoz e  
 alcayde moz Anrriq̄ figueira como  
 governador: posto q̄ tinha regimẽ-  
 to em cõtraio de Lopo vaz de sam  
 payo / e cõtoulbe tudo o q̄ passara  
 na India despois de ser chamado  
 pera a governar: do q̄ ele ficou assaz  
 da gastaado / e conselhou se do q̄ faria  
 cõ hũ Simão caeiro q̄ como gover-  
 nador: fizera seu ouuidor geral e  
 cõ hũ Lançarote de seixas a q̄ pelo  
 mesmo modo dera officio de secreta-  
 rio. Estes lhe conselharão q̄ se fos-  
 se a Cochim / e vsasse de muyto rigor  
 cõ Alfonso meria: porq̄ abziria a no-  
 ua subcessam, porq̄ ele tinha toda a  
 culpa e a abzir: porẽ que descançasse  
 q̄ posto q̄ fosse aberta lhe não perju-  
 dicaua ao deryto q̄ tinha na gover-  
 nãça por a sua subcessam ser p̄imey

ro aberta. E parecẽdo lhe bẽ este cõ-  
 selbo / partiose pera Cochim õde che-  
 gou ho derradeyro de Feuereyro.  
 Alfonso meria q̄ tinha sobrele suas  
 espias sabẽdo como era chegado,  
 lhe mãdou logo notificar polos iuy-  
 zes de Cochim / e por Duarte teixe-  
 ra tesoureyro das mercadorias / e  
 por Manuel lobato escriuão da fey-  
 tozia ho terlado da noua subcessam  
 de Lopo vaz de sam payo / e ho re-  
 gimẽto q̄ tinha dele pera ho não re-  
 ceber como a governador / e lhe re-  
 quereẽse da parte del Rey q̄ obede-  
 cesse ao governador: pois ho era por  
 aq̄la prouisam. Ao q̄ Pero mazca-  
 renbas respõdeo cõ muyta colera q̄  
 aq̄la prouisam não era assinada por  
 el Rey, e por isso não era obrigado  
 a conbecela por sua: e q̄ Alfonso me-  
 ria como seu imigo a poderia fazer,  
 e por essa causa lhe nã autã dobede-  
 cer principalmete por estar e posse  
 da governãça q̄ ho mesmo Alfonso  
 meria lhe dera e q̄ eles mereciã mui-  
 grãde castigado pois sabẽdo q̄ era  
 gouernador ou sauão õ lhe fazer ta-  
 is requerimẽtos. E Simão caeiro  
 como ouuidor geral lho estranhou  
 muyto dizendo que aquilo era ca-  
 so õ treição / e por seu cõselbo ouue  
 Pero mazcarenbas os iuyzes por  
 priuados dos officios e que se pena  
 de perdimentos das fazendas não  
 saysem de casa despois que fossẽ  
 em Cochim / e mandoulhes tomar  
 abito e tonsura, e fazer auto de sua  
 prouisam pera despois proceder con-  
 treles: e coesta reposta os mandou,  
 Duarte teixeira e Manuel lobato  
 ficarão presos cõ ferros no nauto  
 por que insistião mais no requeri-

mento chamando governador a Lo  
po vaz de sam Payo. E que sabido  
por Afonso mexia, lhe mandou re-  
querer da parte del Rey que lhe sol-  
tasse os presos que erão officiaes de  
sua fazenda que se podia perder por  
sua prisam tornandolhe a requerer  
q obedecesse á prouisam do gover-  
nador de que tinha regimento q ho  
não recebeste em terra por nenhũa  
uia z lhe resistisse com armas o que  
auia de fazer / e que se quisesse algũa  
couisa que se fosse a Soa z biacharia  
ho governador, o que se ele fizera fo-  
ra liure da muyta deshonrra q lhe  
foy feyta, z suas cousas se fizerao  
melhor / mas não teue quem ho acõ-  
selhasse / porq Sinão caeiro z Lá-  
carote d seixas cõ quanto vião ho ri-  
gor em q se Afonso mexia punha, z  
ho grande poder q tinha por seus  
officios / e quão pouco Pero maz-  
carenhas / acõselbauálhe q leuasse  
tudo a força de braço, z que desem-  
barcasse / por que como fosse em ter-  
ra seria governador: z como ele era  
muyto bõ caualeyro z tinha animo  
pera tudo parcialbe que tudo po-  
dia levar auante, z por isso respon-  
deo ao vedor da fazenda q ao outro  
dia lhe respõderia e terra porq era  
qñi noyte. E temendose ele q Pero  
mazcarenhas desembarcasse d noy-  
te z entrasse na cidade por ser rafa/  
chamou todo ho pouo d Cochim a  
repi q de sino: z cõ quãtos a muitos  
parecia mal tomarle a governança a  
Pero mazcarenhas / pelo q deuião  
á obediência por: uguela q nã dispu-  
ta se os mādados de seu rey ou dos  
q estã em seu lugar sam iustos ou  
injustos, acodirão logo todos por

tos e armas pera fazer e o q lhes Afonso mexia mādasse: z eielhes noti-  
ficou o q passaua cõ Pero mazcare-  
nhas / q não qria se não desembar-  
car cõtra ho regimeto do governa-  
dor: pelo q lhes requeria da sua par-  
te q tãto mótua como da del Rey  
pols tinha suas vezes q lhe ajudas-  
se a cõpir ho seu regimeto q era de  
fender cõ armas a desembarcação  
a Pero mazcarenhas z lhe ajudas-  
se a goardar a praya aqã noyte. E  
eles ho fizerao de boa vótade / e a  
praya se goardou cõ tãta diligência  
como q se goardara de inimigos / e to-  
da a noyte Afonso mexia gastou em  
mādar reqrimetos a Pero mazca-  
renhas q não desembarcasse / e q se  
fosse a Soa z lá reqresse sua justiça:  
z ele respõdeo a todos que em terra  
lhe respõderia / z ao derradeyro a-  
creceton mais q não aueria e Afon-  
so mexia tã pouca humanidade, q  
como a Chriştãos q erão ele z os de  
sua cõpanhia os não deixasse desem-  
barcar pa ouir e missa. E sendo ele  
desenganado q nẽpera isso, nã quis  
senã desembarcar porq tinha inteli-  
gência cõ algũs da cidade q desem-  
barcasse coa qã cor, z como fosse em  
terra se leuãtarião cole obedecẽdo  
por governador, z prẽderiã Afon-  
so mexia: o q não podiã fazer se ele  
desembarcar, z isso fez a Pero maz-  
carenhas insistir em sair em terra  
z não leir a Soa, z tãbem auer por  
grande afronta ter Afonso mexia  
ousadia pera lhe dizer q por ar mas  
lhe defenderia a desembarcação, se  
do ele hũa pessoa tã principal na  
India, z tido por muyto esforçado  
pelos muytos feytos em armas q

fizera. E como ele não queria come-  
 çar brigas com Afonso Mexia, e pa-  
 recendolhe q̄ desembarcãdo desar-  
 mado as não queria coele/ e tãbem  
 de conũado que não oufaria de as  
 cometer / e que os requerimentos  
 passados foirão mais pera ho espã-  
 tar, que pera ho executar / cometeo  
 a desembarcação / indo cõ toda sua  
 gente em dous bateis, e levãdo ou-  
 tidor e metrinho com varas / e assi  
 ele como todos os outros, tão des-  
 armados, que ate espadas não leua-  
 uão. E vendo Afonso Mexia, q̄ não  
 q̄ria se não desembarcar / defendo  
 lho como a inimigo / fazendo meter  
 pola agoa os que stauão coele, e mã-  
 dãdolhes q̄ ferissem a Pero mazca-  
 renbas / e aos de sua cõpanhia / co-  
 mo a inimigos, e assi ho fizeram: bra-  
 dãdo Pero mazcarenbas e os seus  
 que ho não fizesse, por q̄ eraõ Chri-  
 stãos, e não querião guerra senão  
 paz / e como pacificos yão sem ar-  
 mas: e requerendolhes da parte d̄  
 Deos e del rey q̄ estuessem quedos  
 ho que eles não fazião nem podião  
 fazer / porque Afonso Mexia os nã  
 deixaua, e andaua atreles sobre hũ  
 canalo acubertado armado / bradã-  
 do que os matassem como a inimi-  
 gos, pois desobedecião aos mãda-  
 dos de seu rey / e eles ho fazião assi  
 que os de Pero mazcarenbas não  
 tinhão cõ q̄ se defende. A gente da  
 terra que saio toda a ver isto estaua  
 muyto espantada / e assi era pera es-  
 pantar ver Portugueses fazer cou-  
 sa tão fea / e mais em terra de seus  
 inimigos: por q̄ não poderão eles fa-  
 zer mais mal aos do mar do q̄ lhes  
 fazião os da terra, e conbecẽdo q̄

romazcarenbas quã maõ cõselho  
 fora ir desembarcado pois desembar-  
 caua: e vendo que não podia desem-  
 barcar recolheose / indo bem espan-  
 cado / e ferido em hũ braço, e assi  
 hũ seu parẽte chamado Jorge maz-  
 carenbas foy ferido de hũa chuçã-  
 da, e outros muytos, e todos espã-  
 cados e pisados / e despois q̄ Pe-  
 ro mazcarenbas foy no seu galeão  
 mandou fazer hũ auro do q̄ lhe A-  
 fonso Mexia fizera sãdo governador  
 da India: e a ele, e a todos os mora-  
 dores de Cochim mandou aprego-  
 ar por tredores, ameaçãdoos q̄ lho  
 autã d̄ pagar se governasse a India.

Capit. xxviii. De como não po-  
 dendo Pero mazcarenbas des-  
 embarcar em Cananoz se partito  
 pera Soa.

**R**ecolhido Pero mazca-  
 renbas aos galeões não  
 distio Afonso Mexia d̄  
 goardar a praia / e quã-  
 to Pero mazcarenbas estete no  
 porto / receãdo q̄ se metesse e Cochĩ  
 e logo escreueo ao governador o q̄  
 tinha feyto a Pero mazcarenbas /  
 mãdãdolhe todos os req̄rimẽtos  
 q̄ lhe fizera sobre q̄ nã desẽbarcasse  
 e isto lhe mandou por Aires da Cun-  
 nha, q̄ tãbem leuou carta de Pero  
 mazcarenbas pa ho governador e  
 q̄ lhe escreuia o q̄ lhe fora feyto per  
 Afonso Mexia / e por isso se q̄ria ir  
 ver coele, e o mesmo escreueo a muy-  
 tos fidalgos q̄ stauã e Soa, pedido  
 lhes q̄ determinassem se autã d̄ ser  
 o po yãz d̄ sam payo governador  
 ou ele / por q̄ nã q̄ria se não justiça.  
 E partido Aires da cunha coestes

papeis mandou Alfonso mexia requerer a Pero mazcarenbas q̄ lhe mandasse entregar os galeões que trazia pera os mada correger e lhe entregasse a fazenda del Rey / e pera ir a Boa se la quisesse ir lhe daria hũa carauela. Do que Pero mazcarenbas foy contente / por q̄ despois que arrefeceu da furia que lhe cauou a injuria que recebera, lembrou se das que forão feytas a Alfonso dalbuquerque a quem desejava de seguir / e outro tal caso como aq̄le / e por isso determinou de não fazer nada por força se não por justiça: e coesta determinação não quis reter os galeões porque não parece se que se queria fazer forte neles / e entregouos com a fazenda que tinhão / e mudouse pera a carauela com sua fazêda e criados. E coesta mudança os máis dos que vinhão nos galeões se forão a terra por não caberem na carauela, e polo verem coa q̄ta determinação: e algũs destes forão presos por mandado do vedor da fazêda, e entre eles foy Jorge mazcarenbas estando ferido da chuçada que disse / e assi ferido como estava ho mandou levar preso a fortaleza de Loulão, como a quem fizera grãde crime: sendo ele pessoa que tinha bem servido el Rey, e fidalgo de sua casa. E Pero mazcarenbas despois que se mudou a carauela, partiose pera Cananoz a esperar hi ho recado de Boa, por q̄ dom Simão de meneses capitão da fortaleza era seu amigo / mas achou a cousa muy desuitada do que cuydava: porque sabendo dom Simão q̄ estava no porto lhe mandou logo di-

zer / q̄ lhe pesava muyto de sua vinda ser em tal tempo: que lhe não podia fazer nenhũ seruiço sendo muyto grande seu seruidor / porque tinha mandado do governador Logo vaz de sam Bayo a quem toda a gente da India tinha por governador / que chegando ele aquela fortaleza se quisesse ir a ella como hũ fidalgo tão hõrrado e de tanto merecimento como ho seu que ho recebesse com toda a honrra e cortesia q̄ fosse possiuel: mas que se fosse com nome de governador que lho não consentisse / e ele polo que devia a sua lealdade não podia fazer outra cousa se não obedecer lhe como a pessoa del Rey de Portugal q̄ representava. ao que Pero mazcarenbas respondeu que não queria se não que comprisse com sua lealdade / e que não queria dele mais que hũ catur em q̄ fosse a Boa pera ir ainda mais rafo quena carauela e com menos sospetta de querer por força aher a governança que não queria se não por justiça. Do que lhe dô Simão lounou muyto, e lhe mandou dar ho catur em que não quis levar mais gente a fora os remeyros q̄ Simão caeiro e Lançarote de seixas e dous moços que ho seruissem / e com quanto lhe veio á memoria ir se a Chaul pera Christouão de Sousa que tinha por amigo / e dahi fazer suas cousas / não foy por recear que fizesse como dom Simão, e mais pola fama que aua que era grãde amigo de Logo vaz de sam Bayo / e por isto não quis lá ir e partiose pera Boa parecedo lhe q̄ ho governador sequeria poer code em justiça, e quando não

q̃os fidalgos que estauão coele lho farião fazer. E poêdose ho caso em deryto a governança seria sua por lhe dizer Simão caciro que ho muyto que tinha ne. a lha daua.

**Capit. xxix.** De como ho governador soube o que Alfonso mezia fez a Pero mazcarenbas.

**A** Pres dacunha q̃leana os recados d' pero mazcarenbas e do vedor da fazenda pera ho governador chegou a Soa a quatro dias de março, e deu lhe os papéis quel euaua / e vistos por ele, e sabendo por Ayres da Cunha o q̃ se fizera a Pero mazcarenbas ouuesse por seguro na governança. E dando conta disso a Eytor da silueira e a Pero de faria e a algũs fidalgos de que se haui / lhe conselhoãdo que por nhũ modo consentisse que Pero mazcarenbas fosse a Soa / por q̃ segũdo a gẽte estava descõtete da abertura da noua prouísa / e tinha que lhe fora tomada a governança que vendo ho em Soa se leuãtarião coele / por isso que ho não cõsentisse entrar nela : o que pareceo bem ao governador / e escreueo logo ao capitão mór do mar que por ser grande inconueniente ao seruiço del Rey seu senhor ir Pero mazcarenbas a Soa como lhe dizião os fidalgos que estauão nela, lhe mandaua que fizesse de maneira que tompasse Pero mazcarenbas e lhe requeresse da sua parte que se fosse aa fortaleza de Cananoz dõde não sayria sem seu mandado / e não lhe que

rendo obedecer lho faria fazer por força / e preso ho entregaria a dom Simão de meneses de que cobraria conhecimento de como ho recebia / e quando se Pero mazcarenbas de fendeisse ho metesse no fundo se fosse necessario / fazendolhe primeyro todos os requerimentos e protestaçoẽs q̃ cumprissem, e escreueo hũa carta a Pero mazcarenbas dando lhe toda a culpa do que lhe fora feyto pois não quisera obedecer a seu regimento que lhe ho vedor da fazenda mãdara noteficar, e por isso não tinha rezão rezão de castigar ninguém do que lhe pesaua muyto / e quanto a verse coele e com os fidalgos q̃ estauão em Soa erão todos dacordo que ho não fizesse polo auerem por verdadeyro governador, e mais que daria sua ida grande toruação a se fazer o que era necessario pera ho recebimento dos rumes q̃ esperanão: e por isso lhe pedia muyto de sua parte e req̃ria da dei Rey seu senhor que se fosse a fortaleza de Cananoz como ho capitão mór do mar lhe diria / e dahi mandasse requerer o que quisesse. Coestas cartas despedito logo Ayres da Cunha a quem pola noua que lhe dera / e por lho ho vedor da fazenda pedir deu a feytozia e alcaydaria mór de Couião e a tiroo a Anriq̃ figueira que a tinha por el Rey, dizendo que fizera trelição e receber Pero mazcarenbas por governador. Partido Ayres da Cunha coestas cartas deu as ao capitão mór do mar / que nunca pode topar com Pero mazcarenbas / e por isso não ouue effeyto o que ho governador mandaua.

**Capit. xxx.** De como ho governador mandou q fosse preso Pero mazcarenhas.

**C**omo quer que a maior parte da gente q estava em Goa assi alhos como baixos fossem de parecer que a governança era de Pero mazcarenhas sabendo que era na Índia / e que anta de ir a Goa aluorazaranse muyto pera sua vinda / e dizião publicamente que ele era governador / e não Lopo vaz de sam Payo / e q vindo ele ho ajudarão a seio / e logo se começaram bandos antre eles / e os que tinham q ho governador ho era / e a cada canto auia ajuntamentos e perfias dús com outros sobre cuja era a governança / e auia grande aluoroço e vnião polacidade. E sabendo ho ho governador / disse ho a seus amigos pedidolhes conselho: eles lho derão q deuia de mandar goardar ambas as barras de Goa / porque hi era mais certo tomar se Pero mazcarenhas q no mar ôde ho capitão môr do mar ho poderia errar / e mādasse q ali fosse tomada a menagé a Pero mazcarenhas / que se fosse á fortaleza de Cananor donde não sayzia sem seu mandado / e não querendo dar a menagem que fosse preso em ferros / e assi ho leuassem a Cananor. E ho principal deste conselho foy Eytos da silueira a quem ho governador daua mil pardaos dordenado del. pois que Antonio de miranda seruio de capitão môr do mar / e isto por ho ter d sua parte por ser pessoa

de credito e ter muytos parentes q ho governador cuy daua que serião de sua valia por sua parte / e porque Pero mazcarenhas zos de uua parte cuydassem que era assi / cometeo a Eytos da silueira que ho fosse prender: do que se ele escusou porque lhe parecia bê prender se pera ho aconselhar mas nã pera ser ho executor / porque sabia quãto todos os fidalgos da Índia lho estranbarião. E vendo ho governador que se escusaua mandou a Simão de melo seu sobrinho / e a Antonio da silueira de menezes seu genrro que fossem com grande armada goardar ambas as barras de Goa / e prendessem Pero mazcarenhas não querendo dar a menagem / e que Simão de melo ho leuasse a Cananor / e ho entregaria a dom Simão preo em ferros de que cobraria conbecimêto de como ho recebia / e que assi ho entregaria quãdo lho ho governador mandasse / e eles se partirão pera as barras a nõte de Março com tamanha armada e chea de tanta gente como se fõrão esperar os rumes / o que aluoroçou mais os da parte de Pero mazcarenhas / e dizião que bê mostraua ho governador q queria governar por força pois não queria q Pero mazcarenhas fosse a Goa por não se poer coele em dreyto / e se teuera por certo telona governança q lhe não der a nada de ir a Goa / e q posto que ho mandasse prender q a governança auia de ser sua / e dizião de noyte em lugar que ho ouuia / e ele dissimulaua por não auer moor aluoroço: e por em era tamanho q não podia ser mayor / e algũs se yão

a quezar do que ho governador fazia ao goardião de sam Francisco de Goa que era homem letrado, dizendo-lhe que polo que devia a seu habito lhe devia estranhar o que fazia a Pedro mazcarenbas, e ele respondia que não avia que lhe estranhar porque fazia justiça, e que respeitaria mais largamente no cabo da pregação que avia de pregar ho domingo seguinte, e disse isto ao governador pedindo-lhe a sua prouisão para a ler no pulpito, e prouar por ela que ele era verdadeyro governador, e elhe rogou muyto que ho fizesse. E estado ho governador presente com muytos capitães e fidalgos, leu no cabo da pregação em alta voz a prouisão per q Lopo vaz de sam Payo era governador. E despois q prouou por muytas rezões que ele era verdadeyro governador, o q ninguẽ negava, se a subcessam de Pedro mazcarenbas não fora aberta primeyro, disse ho por q fazia aquela declaração, e que dizia a todas as pessoas que dizião que ho governador tomava por força a governança a Pedro mazcarenbas q vissem bem o que fazião, porque a fora lhe assacarem hũ grande falso testemunho cometião treição contra el Rey cousa muyto anozrecida entre os Portugueses, pola muyto grande lealdade de que sempre usava sobre as outras nações, e posto q ele era Castelbano não avia vergonha de ho confessar, mas que a avião daver os que lhe fazião dizer aquilo, e que duvidauão em cousa tão clara como era ser Lopo vaz de sam Payo governador por drey.

to e não por força, e que be sabião todos quão pouco parêtesco tinha coelenẽ com Pedro mazcarenbas, e quão pouca necessidade tinha deles nem doutra nenhũa pessoa deste mundo, e que ainda que lhe algũs assacauão que e lenão falava verdade, o q se ele fazia prouesse a Deos eterno que no inferno fosse confundido, e lhe tirasse logo a fala se ele dizia se não o que entendia, e assi ho jurava polo deos q aquela manhaã teuera nas mãos, e por tãto requeria da parte do Sancto padre ao vi gair o geral que hi estava que passasse hũa carta descomunhão em que ouvesse por escomungados a todos os q dissessem que ho governador ho não era por dreyto, e pagassem dez marcos de prata para a se, e não podessem ser absolutos se não polo bispo do Funchal, e reqria ao ouuidor geral e a todos os fidalgos q ouubassem por tamanha cousa como aquela era, e que subessem todos que as goardas que ho governador punha nas barras não era por se temer da vinda de Pedro mazcarenbas se não por não auer aluorços, e cuydando que ficauão todos crêtes coesta fala q Lopo vaz de sam Payo era governador por dreyto calou se, e logo Pedro de faria capitão de Goa lhe pediu a subcessam e a beijou e pos na cabeça, dizendo que a obedecia, e preguntado a todos se fazião outro tanto disserão que si, e do que ho goardião disse, e disto mandou fazer hũ auto para sua segurança, e se aproueitar dele quando fosse tempo, e por seu mandado foy ho ouuidor geral po



las casas desses fidalgos q se acharam na ptegação/ e ho assinarão por amor que disserão q obedecião a prouisão que ho gardião lera/ e os que assinarão, forão Pero de faria, ho feytor Miguel do vale, Eytor da silueira/ Francisco de souza tavares/ Sôçalo d' souza/ Rui gomez dagrã/ dom Jorge de crasto/ Manuel de brito/ dõ Antonio da silueira/ Gasco da cunha/ Diogo da silueira, dõ Alfonso de menezes, Gerónimo d' souza/ Anriq d' macedo/ Jobane mêdez d' macedo, Diogo de macedo/ Manuel de carualhal, Antonio mêdez de brito, Frãçisco da silua, Pero de sconar, e dõ Gasco de lima/ e Jorge de lima/ porq não quixerão assinar foram presos sobre suas menagês/ e assi porq mostrarão ser da parte d' Pero mazcarenhas, e ao outro dia foi este auto assinado pelos que estauã nas barras, que forão Antonio da silueira/ Simão de melo, dom Jorge de noronha/ Jorge de melo/ dõ João lobo/ dom Anrique deça, João pereyra/ Francisco correa, Antonio caldeira/ Gomez de souza maior/ Lopo correa/ Francisco de brito, Payo roiz daraujo/ Braçia de melo/ Antonio mendez de vasconcelos, Runo pereyra/ Frãçisco ferreira/ Salpar da silua, Fernão de mozaels, Fernão roiz barba. E assi foy assinado polo capitã mór do mar/ que chegou a este tempo, e pelos capitães q yão coele.

Cap. xxxi. De como Pero mazcarenhas foy preso em ferros.



Quando Pero mazcarenhas pera Soa, topou cõ Sôçalo gomez bazeneio/ hũ fidalgo de q cube a armada q ho estava esperando pera ho prenderem por mandado do governador. E como eleya posto em sofrer tudo ho que lhe fizessem/ e não fazer mais que requerer iua justiça/ não lhe deu nada e passou auante, e tãbê por não ter onde se ir: e depois de se apartar de Sôçalo gomez chegou á barra de Pangim aos dezaseis de Março. E tanto que foy visto lhe são hũ bargantim tirado lhe bombardadas por alto pera q amainasse como amainou, e d'pois de ser leuado a Antonio da silueira e lhe não querer dar menagem de se ir meter na fortaleza d' Cananoz e não sair sem mandado do governador, lhe foy deitado hũ grilhão. E entregue a Simão de melo ho leuou a Cananoz, e forão presos Simão caeiro/ e Lãçarote de seixas/ e leuados ao tronco de Soa, onde forão bem carregados de ferro. E entregue Pero mazcarenhas a dõ Simão de menezes, por Simão de melo cobrou dele hũ conbecimêto de como ho recebera, e que assi ho entregaria quando lho pedissem/ e coele se tornou ao governador, q se ouue por seguro com a prisão de Pero mazcarenhas/ e assi ho ficou: porq coela se asselegará todos os aluoroços que auita, e ninguem falou mais e Pero mazcarenhas/ temendo que lhe não fizessem como a ele, e mais perderão a esperança

de restaurar. E neste tempo Francisco de Sousa tauares q̄ tinha a carta de Christouão de Sousa, que com os d̄ Chaul se acordou q̄ escreuesse ao governador / lba deu / cuja sustancia era espatarle muyto dele, esperando se por Rumes cada dia / que trazião tamanbo poder como ele sabia: e sendo ho dos nossos tão pouco querelo ainda deminuir, cō ho diuidir em duas partes e fazer diuisão / que e todas as partes era a mais abominavel coufa que podia ser, quanto mais na India / e na quele tempo, que se lhe parecia que a governança era sua / que se possesse em justiça cō Pero mazarembas quando viesse de Malaca, e nã quisesse que se determinasse por armas como parecia que queria / e que te nesse direito esse fosse governador, porque ele não queria que ho fosse hū mais que ho outro, nē lhe queria que se possesse em direito, se não por não auer diuisão na India: e q̄ assi lho pedia muyto e requeria da parte del rey: certificandolhe que não auia dobedecer / se não a quem se possesse em direito. Esta esta carta pelo governador, achouse muyto fultado / por ser Christouão de Sousa ho principal capitão de toda a India / e que tinha a mayor parte da gente dela de sua parte, por dar muyto mayor mesa que todos os daquele tempo, e muyto mais abastada e melhores goarias, e da ua dinheiro a muytos que ho não tinhã, e ser d̄ muyto folgar, e muyto familiar com todos / polo que continuamete inuernauã e Chaul mais fidalgos e gente que e outra par-

te / e por isso ho governador ficou afaz agastado, em lhe parecer q̄ lhe não obedeceria pois nã se determinara a cō Pero mazarembas se não por força, e isto lhe fez crer que nã era ainda pacifico na governança / e não mostrou esta carta se não aos que tinha por amigos, que ficarão coela abalados / por ser Christouão de Sousa a pessoa q̄ era, e conselho rão ao governador q̄ lhe mādasse notificar a prisão d̄ Pero mazarembas / e como se fizera sem nã diuisão, que fora aprouada polo capitão mor do mar / e polo capitão de Cananor / e por todos os capitães e fidalgos da India. e ho obedecião todos por governador, pedindolhe que pois nã aua diuisão, que obedecesse, e escreuesse hūa carta a Pero mazarembas / como aua a sua prisão por boa / e lhe conselhasse que desistisse de pretendel a governança. E sabido isto por Christouão de Sousa como quer q̄ não pretendia neste caso mais que nã auer diuisão / folgou muyto de a coula se fazer tão pacificamete: e deu por isso muytas graças a nosso senhor, mas não que lhe deitasse d̄ parecer muyto mal a prisão de Pero mazarembas, e muyto peor não lhe da rem a governança, que lhe parecia ser sua por direito / e que pelo que deua ao seruiço del rey, e a obrigação que tinha de sua menagem e fidelguia / q̄ deua dobedecer por governador a Pero mazarembas, e não a vpo vaz de sam payo / mas poendo diante que fazendo assi se renouaria a diuisão que estava apagada / e que se desfaria ho corpo da

gente da India/ que se podia conseruar, cõ auer por boa a prisão de Pero mazcarenbas, e atalhaua aos queirão da sua parte/ vendo q̄ ele era da do governador/ ho seria tambe/ e estado todos juntos e cõ formes os ajudaria nosso senhor/ e lhes daria victoria dos Rumes/ q̄ não vindo na moução de Mayo estava certo virem na de Setembro/ e achando diuidida a gente da India/ seria muy leue cousa ganharẽna/ com não escapar nhũ dos nossos, e por isso lhe pareceo bẽ com cõ selho dos principaes que estauão coele/ quenão sõmente screuesse ao governador / que ho obedecia por esse, e aua a prisão de Pero mazcarenbas por boa/ mas tãbẽ a toda a India: e screuesse a Pero mazcarenbas cõforme ao que lhe ho governador rogaua / e a quem screueo esta carta.

Senhor por este parcio ouuehũa carta d. U. S. e q̄ melarga mête da conta do negocio d'atrelé/ e Pero mazcarenbas/ muyto folgara de o saber primeyro, porque vera antes meu parecer sã afeiçã, como. U. S. de mim crẽ e espera. E quanto senhor ao que diz que todos obedece rão a sua prouisão/ eu tãbẽ digo q̄ lhe obedeço/ no alto, e no baixo, como a governador que he por prouisão del rey nosso senhor/ e sei certo selo. U. S. por morte d' dõ Henrique de menses q̄ deos perdoe. E quanto ao que he passado sobre este caso, me pareceo escusado/ meu parecer/ por ho negocio ter sa fim deos seja louuado, tã sem aluoroço e sem diuisão, ho q̄ sempre pedi a nosso se-

nhor/ e estava afaz confiado q̄ se faria bẽ polo. U. S. ter atre as mãos e pois está feyto tanto e concordia e paz/ não falo nisso. A carta pera Pero mazcarenbas vai aberta, pera selbe parecer bem mãdarlha/ se não faça ho que quiser. Beijo as mãos de. U. S. de Lhaul a vite cinto d' Harço. Cristouão d' souza, E a de Pero mazcarenbas dizia. Senhor fuy emformado do senhor Lopo vaz, de todo ho caso d' atre vos e ele, e assi vi suas prouisões e os pareceres desses senhores que se acharão em Cochim/ e certo tudo foy feyto por seu estilo/ e como estas cousas estem e pontos de direito, q̄ muyto bẽ sabem algũs dos que stauão presentes, não vos pareça senhor ho contrario/ se não q̄ por todos, assi leigos como por esses dous frades q̄ ho deue d' entender/ e ser sem sospeita por seus habitos, e mais afirmando cõ juramento, forão suas prouisões auidas por boas: e certo a meu ver/ a vonda de Sualteza era selo ele per falecimento de dõ Henrique: e de todas as outras cousas / eu não fuy emformado se não a tẽpo q̄ tudo estaua feyto/ por isso foy escusado meu parecer/ e pois tudo esta pacifico, auel vossa prisão em paciencia/ por que certo foy necessaria, assi polo q̄ vos cõpre, como por euitar algũas sospeitas domes que deseião diuisões, ho q̄ pera ho tempo em q̄ estamos fora tão danoso/ q̄ muyto me lhor fora serdes ambos mórto: Quisuos senhor screuer esta, posto q̄ de vos não tenha recebido nhũa despois d' vossa vinda, pa nela vos

pedir por merce como acima digo  
ajays paciẽcia com vossas cousas/  
e queiraes fazer este seruiço a sua  
teza/ de vos não lembzardes ago  
ra de vossa honrra, por não vingar  
des vossa prisão/ cousa tão cõtra  
seu seruiço/ e certo receber eis assi  
nada merce de tão notavel seruiço,  
e não demouão vosso bõ conselho,  
algũas cartas de fidalgos da In  
dia, por que certo que vos ho con  
traíro aconselhar sera vosso immi  
go, e não deseja de vossas cousas se  
rem feytas a vossa bõrra como eu.  
Seja senhor ho q de mi mãda nesta  
terra e faloei/ não tocando nestes  
negócios (por ja terẽ fim) como seu  
seruidor e amigo que sou de muy  
tos dias. Beijo lñor vossas mãos,  
de Chaul. Cristouão de Sousa.

**C** Assim escreueo a dom Simão de  
meneses e a outros muytos fidal  
gos do que ho governador ficou  
muyto contente parecendo lhe que  
ho tinba da sua parte/ e Pero maz  
carenhas tambem ficou satisfeito  
quando vio a sua carta, porque en  
tendeo nela que não auia sua prisão  
por boa se não pola pacificação da  
India e por se escusarem diuisões/  
e tene esperança de lhe parecer ain  
da bem por se ho governador coele  
em dreyto sobre a governança se ho  
dom Simão soltasse, em que ja co  
meçava a entender que ho faria, por  
lhe ter prometido que como fosse in  
terno lhe tiraria os ferros/ pedin  
do lhe perdão de lhos não tirar ma  
is cedo por recear que ho governa  
dor ho foubesse. E isto deu oufadia  
a Pero mazcarenhas a mãdar hũ  
requerimẽto ao governador per hũ

Dinis camelo tabalião publico de  
Cananoz, cuja sustancia foy que ho  
governador se posesse coele e justiça  
e não lenasse ao cabo a força q lhe  
fazia tomadolhe a governança q  
lhe el Rey vera protestando por to  
das as perdas e danos que disse re  
cebesse, e requerendolhe tambem q  
soltasse a Simão caeiro e a Lança  
rote de seixas pera requererem sua  
justiça pois os tinha presos sem se  
rem culpados. E dado este requeri  
mento ao governador/ ele ho rom  
peo acabando de ho ler: pelo q Di  
nis camelo não onsou desperar a re  
posta e fugio pera Cananoz. E lo  
go nesta conjunção indo ho gover  
nador a fortaleza passando por dia  
te da porta do trõco Simão caeiro  
e Lançarote de seixas lhe require  
rão a grandes brados que os man  
dasse soltar pera requererem a justi  
ça do governador. Pero mazcare  
nhas/ e por isso os mandou carre  
gar de ferro mais do que estauão/ e  
defendeo sob graues penas que nin  
guem sobreste caso de Pero mazca  
renhas lhe desse mais requerimen  
tos senão ao secretario porque ele  
responderia/ e mandou apregoar q  
sopena de morte ninguem fosse ou  
sado de nomear por governador a  
Pero mazcarenhas: que sabendo  
como ho governador rompera ho  
seu requerimento a Dinis camelo e  
lhe não vera outra resposta/ lhe pe  
dio disse hũ estormento que lhe ele  
veu. E não responder ho governa  
dor a este requerimẽto/ fez parecer  
a dom Simão que tomava a gover  
nança por força/ e parecendo lhe  
mal começouse a balar pera lhe de

sobedecer / e não q̄ ho disesse á p̄e-  
romazcarenhas.

**C**apit. xxxij. Da causa q̄ Eytos  
da silueira / e Diogo da silueira,  
teuerão pera serem cōtra ho go-  
uernador.



abricado por cris-  
tonão de Sousa que  
auia por boa a p̄i-  
são de Pero maz-  
carenhas, como ele  
era pessoa tão prin-  
cipal na India, e de q̄ se fazia muy-  
ta conta / os mais dos que erão da  
parte de Pero mazcarenhas, ven-  
do que era daquele parecer / ho te-  
uerão també por bom / e crendo q̄  
assi cumpria ao seruiço de Deos, e  
del rey / assellegarão o seus aluozos  
e / principalmente em Goa / em  
que cessarão supramete os ajunta-  
mentos e perfiãs que auia dantes,  
com ho que ho governador ficou  
descansado, tendo que estava em  
paz: pelo que começou de saperce-  
ber do necessario, pera a vinda dos  
Rumes / assi como mandar varar  
nauios / e fazer outros de nouo / e  
fundir ar telbaria, e fazer poluozas  
e pelouros. E neste tempo na etra  
da Dabril / lhe pedio Eytos da sil-  
ueira, que mandasse Pero de faria  
seruir a capitania de Malaca de q̄  
estaua prouido, e que lhe daria a  
Goa / do que se ho governador es-  
cousou, porque Pero o faria tinha  
tambem a capitania de Goa por el  
Rey, e estava em sua escolha tela-  
ou deitála / e por isso ho não podia  
fazer ir a Malaca sem sua vôtade /

e com tudo ele lhe salaria nisso, e se  
quisesse ir a Malaca lhe daria a de  
Goa, e salandolhe, respondeo Pe-  
ro de faria que não deiria ir á Ma-  
laca / ho que Eytos da silueira não  
creo / quando lho ho governador  
disse / e pareceolhe que como esta-  
ua necessitado domês pera se suste-  
tar na gouernança / que faria com  
Pero de faria q̄ não deirasse Goa,  
por ho ter consigo que era grande  
seu amigo, e parecendolhe isto ná-  
quis receber palauras de compri-  
mentos / que ho governador tene-  
coele, dizêdo que lhe pesaua de lhe  
não poder dar aquela capitania  
mas q̄ outra cousa aueria que lhe  
desse: e ele respondeo que não auia  
que lhe dar, e que bem sabia dele a  
verdade, e que lhe não auia dêtrar  
mais em casa, ho que ho gouerna-  
dor soffreo polo tempo em que esta-  
ua / e dali se foy logo Eytos da sil-  
ueira muyto agastado e indinado  
cōtra ho governador, e cōtou o q̄  
passara coele a Diogo da silueira seu  
parente e amigo / conselbandolhe  
que lhe pedisse a capitania de Ma-  
laca, pois a Pero de faria não que-  
ria seruir / e ele ho fez assi: e ho go-  
uernador respondeo que lho dera  
de boa vontade / mas que lho não  
podia dar / pola seruir Jorge cab-  
ral / a quem Pero mazcarenhas  
a dera sendo jurado por gouerna-  
dor, pelo que Jorge cabral a não a-  
largaria sem ver prouisão de Pe-  
ro mazcarenhas / e indole sem ela  
a Malaca / seria fazer la outro al-  
uozoco como auia na India, e por  
isso ho não podia prouer do q̄ lhe  
pedia, do que se ele mostrou muy-

to agrauado / e não quis receber  
 nenhũa comprimentos do governa-  
 dor / por que todos então pela neces-  
 sidade que sabião que tinha deles se  
 lhe querião vender muyto caros / e  
 a ajudar se dele com fazerem seu pro-  
 ueito: e crendo que não tinhão nhũ  
 de sua amizade nem de serem de sua  
 valia pois lhes não daua o que lhe  
 pedião, pareceolhes muyto mal ser  
 ele governador, e que tinha por for-  
 ça a governança a Pero mazcaren-  
 has que era ho verdadeyro gover-  
 nador e por tal ho ouuerão, e lo-  
 go lhes pareceo bem que ho gover-  
 nador se possessesse coe em dreyto so-  
 bre quem ho deuia deser. E assentã-  
 do isto ambos, começarão de pro-  
 uocar outros fidalgos que fossem  
 de sua openião e fizeraõ coeles que  
 a teuessem e forão estes / dom Anto-  
 nio da silueira, dom Tristão de no-  
 ronha, dõ Jorge de crasto / Gasco  
 da cunha, dom Anrique deça / dõ  
 Francisco de crasto, Nuno fernãdez  
 freyre / Jorge da silueira, Frãçisco  
 da taide / Jorge de melo, Diogo de  
 miranda / Ayres cabral, Simão so-  
 dré / Barti vaz pacheco e Simão  
 delgado q̄drilheiro mór. E adquiri-  
 dos estes e outros muytos homẽs  
 por sua parte / logo ho escreverão  
 por terra a Pero mazcarenhas / e  
 sua determinação: por isso que tra-  
 balhasse com dom Simão que ho  
 soltasse / e na entrada do verão se  
 fosse a Goa, e farião cõ ho governa-  
 dor que se possessesse coe em justiça so-  
 bre cuja era a governança. E esta  
 carta foy assinada por todos estes  
 fidalgos que digo / q̄ vista por Pe-  
 ro mazcarenhas a mostrou a dom

Simão, dizendo que pois aqueles  
 fidalgos ho querião ajudar que por  
 que ho não soltaria ele sendo tama-  
 nho seu amigo / e pois nisso ser uia  
 a Deos e a el Rey, e affirmasse que  
 lhe prometeo de lhe dar a capitania  
 mór do mar se ho fizesse, e tirala a  
 Antonio de mirãda por que não era  
 sua se ele fosse governador que fica-  
 ua sem poder auer effeyto a segũa  
 subcessã de Lopo vaz d̄ sam Payo  
 que ho fazia capitão mór do mar, e  
 dom Simão lhe prometeo de ho sol-  
 tar se aqueles fidalgos permaneces-  
 sem em ser da sua parte: e que escre-  
 nesse a seus amigos que tinha em  
 Cochim pera saber se tinhão ainda  
 sua voz, e que requeresse a Antonio  
 de miranda e ao védor da fazenda  
 que pois erão na Índia pessoas tão  
 principais fizessem com ho gover-  
 nador que se possessesse coe e justiça:  
 e ele ho fez assi, e lhes mandou so-  
 brisso grandes requerimentos cõ  
 cartas a seus amigos que lhos a-  
 presentassem / e como ho védor da  
 fazenda era muyto recatado temia  
 se de Pero mazcarenhas ter al-  
 guãs inteligencias em Cochim / e  
 por isso tinha suas espias pera lhe  
 tomarem quais cartas ou papeis  
 que lá mandasse, e acertarão de to-  
 mar hũa carta que ouui / e tinha  
 ho sobre escrito tão riscado que se  
 não pôdia ler / e por isso não sou-  
 be pera quem era e dizia.

Senhor agora nouamente tozno  
 a fazer certos requerimentos sobre  
 a governança da Índia por me ser  
 requerido que os faça / lá senhor  
 vos ha d̄ ser mostrado hũ deles, sey

certo que vos ha de parecer bem fazelo pois a todos estes senhores digo polos mais deles parece mal não ho fazer dias ha / deseção todos viribe á mão poderem aleuatar ho seruiço del Rey nosso senhor, e não consentirem cousas que passem contra seu real estado de que tem que selbes pode dar muyta culpa por as consentirem passar como passam: e pozem como em Soa não fuy atequi visto nem ouuido, não passou ho tempo de fazer o q agora faço / beijarousey as mãos porque todo vejais, e ponhais ante vos que a Antonio de miranda nem a Afonso mexia lbes não ha nunca de parecer bem governar eu a India / porque governãdoa não lbe pertence a hũ a capitania mór do mar, nem a outro a capitania de Cochim o que lbes pertence governando Lopo vaz, e por isso ho querem foster. E com tudo vejo q quer Deos tornar sobriisto como cumpre a seu seruiço, e ao estado real del Rey nosso senhor. Deito as mãos de vossa merce deste Cananora vinte tres Dabril de mil e quinhentos e vinte sete. Pero mazcarenbas.

E vista esta carta pelo védor da fazenda, respondeo ao requerimento de Pero mazcarenbas que ho fizesse ao governador e não a ele / por q lbe não podia requerer q se possesse a justiça sobre a governança q era sua por prouissam del Rey, e ho mesmo respondeo Antonio de miranda / e ho védor da fazenda mandou logo esta carta de Pero mazcarenbas ao governador pera que

soubesse sua determinação, que ainda a não sabia, e cuydaua que estaua fora de tal pensamento.

Capit. xxxiiij. Do requerimento que os officiaes da camara de Soa fizeram ao governador.



Aqui por diate amindou Pero mazcarenbas os requerimentos sobre se ho governador poer coele em justiça, assi ao védor da fazenda como a Antonio de miranda e ao mesmo governador que a nhũ respondeo, antes prendeo algũas pessoas que lhos apresentauão. E Eytor da silueira / Diogo da silueira e dom Antonio da silueira com os de sua valia deixarão neste tempo de ir a casa do governador e acompanhalo como costumauão dantes / o que ele cuydaua que era pelos agrauos que terião das capitancias quelbes não vera, e dissimulaua coeles fazendolbes sempre galbado onde os topaua / nem tirou por isso a Eytor da silueira os mil pardaos que lbe mandaua dar á custa del Rey parecendo lbe que coisto ho amansaria, e bo teria da sua parte com os mais amigos q tinha: mas ele estaua ja tão determinado em fazer q se possesse em justiça com Pero mazcarenbas que nhũa cousa aproueitaua ao governador pera ho fazer mudar. E vendo ho governador que os requerimentos de Pero mazcarenbas nã cessauão delenganou ho por hũ carta que lbe não fizesse requerimẽ.

tos / porque não se auia de poer coele em justiça, que era fazer duuidoso o que tinha certo por prouisão del Rey: do q logo Pero mazcarenbas auisou a Eytor da silueira / escreuendolhe que pois Logo vaz não queria poerse em dreyto por seu requerimento, que lho fizel se ele com os outros de sua valia, e não querendo satisfazer que lhe desobedeassem e obedecessem a ele, porque se assi ho não fizessem que se chegaua ho verão: e se naquele negocio se não tomava primeyro algaã conculsam, que receaua que ho governador ho mandaria preso pera Portugal / e assi não aproueitaria ho bem que lhe querião fazer. E vista por Eytor da silueira esta carta / mostrou a aos de sua liga. E foy acordado por todos que não era necessario fazerse então nhũ requerimento ao governador se não sendo Pero mazcarenbas presete: por tão como fosse tempo ele fosse a Goa / e coele requererião ao governador que se posse em justiça / e quando não quisesse que lhe desobedeceriaõ e obedeceriaõ a ele. E neste acordo forão os officiaes da camara de Goa que tambe Eytor da silueira tinha prouocado a terẽ a voz de Pero mazcarenbas / e assi muytos cidadãos de Goa, que todos assinarão em hũa carta q Eytor da silueira escreueo a Pero mazcarenbas deste acordo, dizendo mais que todos aqueles que ali yão asfinados perderião por ele as vidas e fazendas. E os asfinados forão duzetos e sessenta homens, de õ Pero mazcarenbas ficou espãtado qn

do vio a carta, por cuydar que ninguem quisesse ser da sua parte / e mostrou esta carta a dom Simão pera que teuesse mais vôtade de ho loitar e se animasse a fazelo vendo que tinha tanta gente de sua valia / e tornou a escrever a Eytor da silueira e aos outros, q toda via era necessario em quanto não podia ir a Goa requererem ao governador que se posse coele em justiça, e quando ho não quisesse fazer q ho prendessem / e assi ficaria a cousa segura por sua parte / porque sem duuida se este feyto não fosse auerigoado antes da chegada das naos do reyno / e ho governador ho fosse quando elas chegassem estava certo ter mayor poder do que tinha / porque os capitães não auião obedecer se não a quem achassem em posse da governança / e coisso ho poderia prender em pizam mais apertada ate ho mandar pera Portugal, e por isso era muy necessario fazerẽ lhe ho requerimento que dizia, e prenderẽo quando não quisesse satisfazer a ele, e pera que parecesse q tinhão causa pera lho fazer / fez pera os fidalgos hum e outro pera a camara de Goa em que lhes requeria que requeressem ao governador q se posse coele em justiça sobre cusa era a governança. E Pero mazcarenbas insiftia tanto neste ponto que se posse ho governador coele em justiça, porque tinha por muy certo que a auia ele de ter / e que lhe auião de julgar a governança. Estas cartas / e requerimentos mandou por hum Abem vaz com sua procuração pera requerer e fa-



zer tudo quanto lhes cumprisse, e elepartio por terra em Fulbo, e chegou a Boa na entrada Dagosto, onde muyto secretamente deu a Eytor da silueira as cartas e requerimentos que leuaua que logo as deu aos pera que yão. E a todos parecerão bem os requerimentos de Pero mazcarenbas, e Abê vaz apresentou na camara o que ya pera os officiaes: que logo fizeram outro ao governador que se possesse em deryto com Pero mazcarenbas sobre a gouernança e derão ao secretario e coele o quelhes Pero mazcarenbas fizera. E ele os mostrou ao governador: que não respõdeo mais se não ameaçando: os selhe fizessem outros requerimentos: e ho mesmo faria se dessem resposta a nhũ que lhes fizessem sobre aquele caso, ou Pero mazcarenbas/ou a qlquer outra pessoa. E os officiaes disserão isto a Eytor da silueira, dizendo que assi ho auião de fazer, por isso que buscasse seu remedio: por em que se a cousa viesse a ser necessaria sua ajuda que lha varião. E vendo Eytor da silueira a determinação do governador/acordou com os de sua valia, e com todos os q̄ tinhão a voz de Pero mazcarenbas / que ele com os fidalgos fizessem bum requerimento ao governador que se possesse em justiça cõ Pero mazcarenbas, e que ho dessem a ele mesmo/ e que lho desse Manuel de macedo com bum escriuão/ e ele lho deu em saindo de sua casa. Ho governador ho tomou/ e logo ho leo/ e não deu outra resposta se não mandar Ma-

nuel de macedo aa cadeia e carregalo de ferro/ porque contra sua defesa fora ousado de lhe dar ho requerimento. E Manuel de macedo tomou testemunhas de como ho governador sendo ele fidalgo ho mandaua meter na cadeia com as pessoas baixas/ e isto mais polo injuriar que por fazer justiça, porque pera isso auia fortaleza õde ho prendessem merecendo ele prisão tão graue, quanto mais que lhe fazia sem justiça pois ho prendia por lhe requerer que a fizesse de si. E passando aquela primeyra furia ao governador mandou que fosse tirado do tronco/ e andasse pola fortaleza com a menagem tomada: mas ele não quis se não estar na cadeia pois da primeyra lhenão derão a fortaleza por prisão/ e ho escriuão que ya coele pera dar ho estormento foy espancado e arrepelado polo governador/ e os seus criados ho ouuirão de matar se não fugira.

**C**apitulo. xxxiij. De como ho governador prendeo Eytor da silueira e os outros fidalgos de sua valia.



**E**ndo Eytor da silueira e os outros fidalgos de sua valia o que ho governador fez a Manuel de macedo, pareceolhes que era por de mais fazerlherequerimentos sobre se poer em justiça sobre a gouernança porque ho não auia de fazer/ e que estaua

leuantado com a Índia. E consultiarão entre si que era muyto grande: de hõrra sua soffrenno, e que el Rey lho estranharã: e q̃ aquillo era causa muy abastante pera prenderem ho governador como Pero mazcarenhas requeria. E assentando de ho fazer assi, disserão aos officiaes da camara do Soa: e a todos os que erão da sua parte pera lhe acodirem com armas quando ouuesse de fer a pizsam: e começouse hũ granderumor pola cidade, de que ho governador não sabia nada: e Pero de faria lho descobrio. E logo que ho soube / determinou de prender a Eytos da silueira e os outros fidalgos que serião dezasete: e comunicãdo ho com Pero de faria. El lhe disse que assi ho deua de fazer / porque se não auia de soffrer tamanbo de facatamento. E assentado isto deuse parte a Antonio da silueira e a Simão Smelo e a outros: pera q̃ ao outro dia se fossem todos armados secretamente a tomar as ruas que yão ter a casa Deytor da silueira porq̃ deteuesses os que lhe quisessem acodir: e que Pero de faria por ser capitão os fosse prender, e ho governador estaria na rua noua pera mandar gente em sua ajuda ou acodir se fosse necessario. E ao outro dia pola menhaã q̃ forão noue dias de agosto estando tudo ordenado ficou ho governador a canalho na rua noua: e Pero de faria se foy a casa Deytor da silueira que estava hí muyto perto em outra rua: e achou ja muyta gente ao derredor da casa que ya acodir a Eytos da silueira / entendendo que

ho governador ho mandaua prender: e por acousa ser tão supita não leuauão mais que lanças: e assiaco dirão os fidalgos da conjuração sem mais armas q̃ as costumadas. E sabendo Eytos da silueira q̃ Pero de faria estava hí sayo a hũa genela e preguntoulhe que queria: e ele lho disse / requerendolhe que lhe desse a menagem. E ele respondeo que sobisse ele acima a tomarlha, e que lhe faria o que ele merecia. pois era tão roim fidalgo que aceitaua ilo prender. E que vendo Pero de faria mandou cbamar ho governador / que foy logo leuando algũa gente. E neste tempo era a reuolta muyto grande da gente que acodia ao governador: e a Eytos da silueira, e todos com lanças e ordenaua se hũa muyto perigosa briga, porque os do governador leuauão espingardas, e os fidalgos da liga estauão ja todos com Eytos da silueira, e determinauão damotinar a gente de sua parte contra ho governador: pera que começassem a pelesja: e eles prosseguissem: porque por selhe não dar toda a culpa do mal que se seguisse nã querião começar. E coesta determinação em ho governador chegando / disse Dlogo da silueira da genela aos da sua parte que estauão na rua. Senhores não vedes isto que toma por força a governança da Índia / não he bem que se lhe consinta. Ao que ho governador respondeo com ira, q̃ por força a tomava e a auia de tomar. E com quanto os da parte dos fidalgos ouuirão estas palavras / nunca eles ouzarão de ho

lir consigo porque vião que os fidalgos estauão quedos. E ho governador lhes bradou da rua que se dessem á prisam. E eles disserão que se não auião de dar / porque ele os não podia prender que era seu inimigo por lhe quererem que não tomasse a governança a Pero mazcarenbas, e sobristo lhe fizeram algũs requerimentos. E vendo ele que se não querião dar á prisam, de ceose do cavallo com muyto grande menencoria, e tomando hũa lança e adarga quis sobir acima onde estava Eytor da silueira cõ os outros / que por a sua gente estar mal armada e a do governador bem, e principalmente por lhes parecer seruiço del Rey não se fazer o que estava ordenado que auia de ser com tamanho perigo, não se quiserão defender se não dar se aa prisam. E que foy grande bem / porque se se defenderão ouuera de ser hũa cousa muy fea pera Portugueses e poucos ouuerão de ficar viuos. E ho governador querendo sobir pola escada / sayo ao patoizil dela Eytor da silueira, e disse lhe que ele e os outros fidalgos se dauão por presos, então pedio Pero de faria ao governador que se fosse / e que ele os leuaria aa fortaleza, e quelhe deua de dar aquela honrra de os levar pois era capitão da cidade. E ho governador ho fez assi, e foy esperalo á fortaleza onde foy logo com os presos que forão estes, Eytor da silueira, Diogo da silueira / Dom Antonio da silueira, dom Tristão de noronha, dõ Jorge de crasto / Galco da cunha, Marti vaz pacheco /

Jorge da silueira / dom Henrique deça / Diogo de miranda, francisco dataide / Simão delgado adribeiro mór, Runo fernãdez freyre / dom francisco de crasto, Simão soldré, Jorge de melo e Ayres cabral. Entrados na fortaleza / ho governador lhes tomou as menages que em seus pés nê albos não saysem dela / e disso foy feyto hũ auto. E presos estes fidalgos, pareceo ao governador que ficaua em paz, por que muytos daqueles que erão da sua parte vendo os presos forão reconciliar logo coele, e antreles forão os officiaes da camara / a que mandou que respõdessem ao requerimento de Pero mazcarenbas q̃ lhes leuara. E de vaz que ainda estava em Soa: e por com prazer ao governador responderão que lhe não podião requerer que se possesse em justiça sobre a governança por saberem que era sua por prouissam del Rey / e era obedecido por governador por todos os da India: e se sobisso lhe requeressem que se possesse em justiça pareceria que desobedeção aos mandados del Rey, a que pertencia julgar cuja era a governança e não a outrem / por tanto que sua vinda a Soa era escusada / porque não seruiria de mais que de fazer aluoroço na gente, que era necessario que estuesse quieta pera pelejar com os Rumes que esperauão / requerendolhe da parte del Rey que não fosse a Soa. E ho governador tambem respondeo largamente por parte da camara a Pero mazcarenbas / apõtandolhe ho dereyto que tinha

na governança, e como era sua. E de tudo foy feyto que se deu a Ben vaz com que se partio pera Pero mazcarenbas leuandolhe tambem cartas dos fidalgos presos em que lhe pedião que em todo caso fosse a Soa / porque tudo se faria bẽ. E partido Bẽ vaz / porque ho gouernador sabia que daqueles fidalgos q̃ estauão presos algũs não tinhão culpa e por amor da amizade Deytor da silueira forão na conjuraçãõ mandou os pera as pousadas / e tambem polos ter da sua parte / e estes forão Vasco da cunha / dom Tristão de noronha / Bartim vaz pacheco / Jorge da silueira / dom Anrique deça / Diogo de mirãda, Frãscisco dataide / Simão delgado, Runo fernandez freyre / dom Francisco de crasto, Simão lodré / e a Deytor da silueira / Diogo da silueira / dom Antonio da silueira e dom Jorge de crasto, por serem cabeças daq̃la conjuraçãõ deixou os estar na fortaleza, e a Ayres cabral / e a Jorge de melo por serẽ muyto mal vizentes e aluorazadores do pono mandou os levar á fortaleza de Be nastarim / e q̃os prendessem em ferros. E no cabo Dagosto temẽdose ainda Deytor da silueira e dos outros tres que lhe perjudicassem e q̃ escreuião a Pero mazcarenbas q̃ fosse a Soa os quisesa mãdar a Cochim em hũ bargantim : o que não careceo de sospeita que pera morrerem no mar os mandaua por ser ainda ho tempo muyto verde, e por isso lhe eles requerião muy estretamente que os não mandasse porq̃ os mandaua a morrer, pelo que dei

xou de os mandar e tinha sobreles grande recado / e eles tambem ho tinhão sobre si porque se receauão de peçonba / e andaua a cousa tão danada de parte a parte que tudo se podia recear, e de tudo se podia ter sospeita.

Capítulo xxxv. De como Pero mazcarenbas foy obedecido por gouernador por dom Simão de meneles.



Prisam destes fidalgos com q̃ ho gouernador cuydou que ficaua mais seguro na governança ho ouue ra de poer em risco de a perder : por q̃ sabida por Pero mazcarenbas sua prisam / e recebendo cartas deles da causa porque fora / e como se temião de os matar com peçonba, porque ja cometera de os matar no mar com os mandar em tempo tão verde como os mandaua: teue ousta dia de apertar muyto com dom Simão q̃ ho soltasse e obedecesse por gouernador / e desobedecesse Logo vaz de sam Payo: pois ele como tirano queria forçosamente tomar a governança, prendendo aqueles q̃ lhe requerião que se possese coele em justiça, e buscando artes pera os matar. E parecendo muyto mal a dom Simão a prisam daqueles fidalgos e ho mais que ho gouernador fazia / disse a Pero mazcarenbas, que pois ho gouernador se não queria poer em deryto sobre a governança se não tela por força, o q̃ lhe a ele parecia muyto mal q̃ tinha

por desbõrra obedecelo por gouernador, e por isso obedeceria a elle. Pero mazcarenhas pois queria justiça, o que fazia por pacificação da Índia. E porque parecezse assi a todos leuou Pero mazcarenhas a igreja da fortaleza. E iutos bo feytoz / e alcay de môz / e assi outros officiaes da justiça, e da fazêda: e alguns fidalgos e todos os outros q̄ morauão na fortaleza e arrabalde: hũ tabalião leu em voz alta a subcellam de Pero mazcarenhas que fora aberta por falecimento de dom Anrrique de menezes / e bo auto q̄ foy feyto da entrega da governança a Lopo vaz de sam Payo que gouernasse a Índia em quanto Pero mazcarenhas não fosse de Malaca, e a carta do védor da fazenda per q̄ bo mandou chamar, e a subcellam do gouernador com todos os autos e requerimentos que forão feytos da resistencia que lhe bo védor da fazêda fez em Cochim ate aquele dia. E despois de tudo lido / disse Pero mazcarenhas. Tudo o que senbores ouuistes, vos foy lido pera que sabais quão sem rezão e sem nhũa justiça fuy injuriado / preso e mal tratado: e que se não podera mais fazer a hũ publico mal feytoz que quisera entregar a Índia aos mouros / do que me fizerã, Afonso mecia em me espancar / e Lopo vaz é me prender sobre a merce q̄ me. S. A. fez da governança da Índia por muytos e muyto grãdes seruiços que nela e em outras partes tenbo feytos. S. A. e a el Rey seu pay: e agora por derradeyro lhe segurey Malaca com destruir el rey de Bin

tão / e parecendome que vinha receber a merce que me fez por galarção de meus seruiços recebi tanta desbõrra e tamanba injuria como esta notozio / principalmente Dafõ lo mecia que polo officio que tẽ me ouuera de fauorecer e ajudar querendo me Lopo vaz fazer forza / e a pacificar a Índia como pessoa tão principal nela por seu officio: e ele como meu imigo foy o q̄ a reuolueo com querer entender por me fazer mal o que a carta de sua alteza não diz / e tem posta a Índia em bãdos e diuisões e é perigo de se perder / e Lopo vaz bo ajuda por sua parte em não se querer poer comigo em justiça que por lho não pedir quando ya a Boa me prendeo em ferros como a tredoz / e por forza me quer tomar a governança. e diz que por armas a ha de defender / e bẽ se parece pois prende e mal trata a todos aqueles que lhe pedem justiça por minha parte. E pera se isto ver mais claramente prendeo agora os principais fidalgos da Índia com tanto rigor e aspereza como forão comprehendidos em treição / e dizem me que está determinado de vir cercar esta fortaleza e prẽderme cõho senboz capitão sendo tão certa a vinda dos rumes, e tudo isto com bo mais que tem feyto sam mostras verdadeyras destar leuãtado com a Índia e desobedecer aos mãdados de sua alteza / e cõtrariar as vontades de seus vassallos que andão na Índia, que aos mais parece mal esta tirania de que vsa. E pois bo ele assi faz / requeiro a vos señor capitão / e ao feytoz / e alcay de môz

e a todos os outros officiais desta  
 fortaleza da parte del Rey nosso se-  
 nhor hũa vez / e duas e tres: que vis-  
 ta a cõrumacia de Lopo vaz de sam  
 Payo de se não querer poer comi-  
 go em justiça sobre a governança,  
 que coestes officiaes ma êtregueis  
 por vossa parte / e me obedecais  
 por governador, pera que coeste fa-  
 uor e com outros que espero ho pos-  
 sa constringer a poerse comigo em  
 deryto pera que a governança siq̃  
 a cusa for e se pacifiquem estes ban-  
 dos com q̃ a Índia está em perigo  
 de se perder vindo os rumes como  
 esperamos. E coisto fez suas protes-  
 tações de não ho querendo assi fa-  
 zer lho estranhar el Rey / e auer por  
 eles a perda que recebesse de ho não  
 fazerem, pedindo de tudo estorimẽ-  
 tos com suas repostas ou sem elas.  
 Mas não foy necessario, por que to-  
 dos responderão q̃ lhe obedecerião  
 polas causas que dizia: e logo foy  
 jurado por todos e obedecido por  
 governador da Índia com grande  
 festa. O que logo foy sabido em Co-  
 chim / e como foy tempo muytos  
 fidalgos e outras pessoas honrra-  
 das que erão de sua valia e inuerna-  
 uão em Cochim se forão parele / e  
 assi chegarão a Cananoz algũs ca-  
 pitães de nauios que erão fora da  
 Índia. E achando que Pero maz-  
 carenhas era obedecido por gover-  
 nador por que Lopo vaz de sam Pa-  
 yo não se queria poer coele em iusti-  
 ficarão coele: e coisto estava muy-  
 to fauorecido.

**C**apit. xxxvj. Dos requerimen-  
 tos que fez Pero mazcarenhas  
 a Lopo vaz de sam Payo.



**D**edecido pero maz-  
 carenhas por gouer-  
 nador / e vêdole tão  
 fauorecido: determi-  
 nou dater d sua par-  
 te a Consultouãõ de souza, porq̃ lhe  
 lembrou que a carta q̃ lhe escreuera  
 de auer sua prisam por boa que fo-  
 ra mais polo ver preso e por apaci-  
 ficar a Índia que por lhe parecer re-  
 zão prenderẽno: e pois estava solto  
 e obedecido por governador / e se  
 queria poer em justiça sobre cuja  
 era governança q̃ seria da sua parte.  
 E pera isto lhe mãdou hũ requeri-  
 mento em que relataua todo ho pas-  
 sado, requerêdolhe juntamente cõ  
 dom Simão e cõ outros officiaes  
 da fortaleza que requeresse a Lopo  
 vaz de sam Payo que se possessẽ coe-  
 le em justiça, e não querendõ que  
 lhe desobedecesse / e obedecesse a ele  
 que queria justiça e pacificação da  
 Índia. E coeste requerimento man-  
 dou Francisco mendez de vasecones,  
 los que pera este caso fez seu procu-  
 rador. E partido Francisco menez /  
 mandou outro requerimẽto ao go-  
 vernador e dõ Simão outro pera q̃  
 soltasse aqueles fidalgos q̃ estauão  
 presos, e a eles todos cartas d muy-  
 to efforço que perderia a vida sobre  
 os soltar / dizendolhe o que era sey-  
 to e o que esperaua de fazer: e a pri-  
 meyra cousa que fez quem lhas leua-  
 ua lhas deu em chegando a Goa, e  
 despois os requerimentos ao secre-  
 tario que os deu logo ao governa-  
 dor / e então soube ele a soltura de  
 Pero mazcarenhas e como era o-  
 bedecido por governador, e lhe pe-  
 sou de ho fiar de ninguem, e vio q̃

ho ouuera deter em Soa ou é Cochim, e temese que entrasse de supito em Soa, porq̄ soube q̄ os presos, e os Lanadares, e capitães dos passos da ilha, e muytos cidadãos, lhe tinhã escrito q̄ fosse a Soa, porq̄ todos estã não prestes pera ho ajudar a restituir em sua honrra. E por isto mandou a Simão de melo seu sobrinho q̄ fosse goar dar a barra de Soa a velha, com hũa galeota, e com hũ bargantim / porque por ali lhe pareceo que entrasse Pedro mazcarenhas / que mandou que fosse preso, e leuado a Soa: e estando hí Simão de melo aos dezaseis dias de agosto, chegarão a Soa dous capitães e duas naos q̄ ho año passado partirão de Portugal, e inuernerão em Moçambiq̄. E os capitães erão Antonio dabreu, de que falei no liuro Terceiro, e Vicente gil filho de Duarte triffão armador de naos, e indo estes falar ao governador, e lhes contou ho que passaua antrele, e Pero mazcarenhas sobre a governança, e pera lhe darem seu parecer se era governador por direito / lhes mostrou as prouisoões passadas, e a carta del rey pera Alfonso mexia, e que dizia: q̄ das outras prouisoões senão vfallsse, e lhas leuasse çerradas, e deulhes juramento que verdadedramête lhe dissessem seus pareceres: e eles lhe jurarão que entendião / que ele era governador: e os que tinhão ho contrario deseruião muyto el rey. E despots disto aos seis dias de Setembro / chegarã a Soa outros dous capitães da armada que aquele anno partira de

Portugal, de que foy capitão môz Abanuel delacerda, e forão seus capitães Cristouão de medoça capitão Dormuz / na vagante de Diogo de melo / Aleiros dabreu / Gaspar de painua, e Balthesar da silua, e Abanuel delacerda, e Aleiros dabreu, se perderã na ilha e sam Renço por culpa dos seus pilotos, e Balthesar da silua, e Gaspar de painua, chegarão a Soa aos seis de Setembro: e tambem forão pregũtados polo governador, como Antonio dabreu e Vicente gil, e responderão como eles, e de tudo mandou fazer hũ auto, que foy por eles assinado, e por dom João de caunhado do governador, e por Francisco pereyra de berredo, quen as mesmas naos forão de Portugal, hũ prouido da capitania de Cananor, outro da de Chaul, nas vagantes de dom Simão, e de Cristouão de souza. E isto se fez aos dez dias de Setembro.

**C**apit. xxxvij. De como Pero mazcarenhas foy obedecido por governador, por Cristouão de souza.



Este tpõ teue Cristouão de souza novas muyto certas que Rair çalmão capitão môz da armada dos Rumes era morto, e q̄ morrera em hũa batalha, q̄ os mesmos Rumes ouuerã hũs cõ os outros sobre desauença que recreceo antre eles, e que era tanta gente morta /

za armada ficara tão baneficada q̄ se tornara pera çuez/ e que ja aquele anno nem tão afinba podião passar aa India. E apos estas novas chegou Francisco mendez de valcõ celos que mostrou a Chriſtõuão de souſa per autos publicos como dõ Simão tinha obedecido por governador a Pero mazcarenhas por lhe parecer que assi cumpria a sua lealdade e á menagem que tinha da da não obedecer senão a el Rey/ ou a seu certo recado que tinha que era Pero mazcarenhas de cuja parte e de dõ Simão lhe deu os requerimentos que lhe leuaua: e assi os que fizerão ao governador pera q̄ se posseſse em justiça / e o que ele fizera aos que lhos leuarão: e assi lhe mostrou per papéis todo ho mais que tinha feyto/ e como determinaua de ir cercar Cananoz, requerendolhe por derradeyro como seu procurador que lhe obedecesse como lhetinha obedecido com todos os capitães e fidalgos da India quando se abzira a sua subcessam. Ouuido tudo isto e visto por Chriſtõuão de souſa/ viu que era necessario entender em cousas de tanta importancia. E juntos a conselho/ bo feytoz e alcaide mor e os outros officiaes da fortaleza: e assi os fidalgos que inuernauão coele que era a mó: parte dos que andauão na India propos lhe a prissam Deytor da silueira e dos outros fidalgos / e bo escandalo que isso fizera / em tanto que da hí tomou dõ Simão causa pera soltar Pero mazcarenhas e bo obedecer por governador / e lhes mandou ler os requerimêtos

que dantes disse / e depois forão feytos ao governador, e o que lhe fazião Pero mazcarenhas e dom Simão. Ouuido tudo por eles ficarão muyto escandalizados da prissam dos fidalgos / e do governador mostrar que por força queria ter a governança/ assi em palauras como em obras/ pelo que de comũ acordo reqrerão todos a Chriſtõuão de souſa que pois Pero mazcarenhas era sóto e obedecido por governador / e Lopo vaz de sam payo nã queria poerse em justiça, q̄ pera pacificação da India deuia obedecer a Pero mazcarenhas, com declaração que em todo ho tẽpo q̄ Lopo vaz se quisesse poer em justiça coele que se posseſse. E isto se deuia de fazer logo âtes que Lopo vaz aquerisse mores forças das que tinha/ e se posseſse em querer determinar aquele caso por armas como se affirmaua. E por esta rezõ e outras muytas que se derão / e mais por q̄ a India nã se podia pacificar doutra maneyra, pareceo bẽ a Chriſtõuão de souſa obedecer a Pero mazcarenhas cõ a declaração que digo, e com determinação de fazer todas as vôtades que podesse a Lopo vaz de sam payo/ como depois pareceo quando estue com Pero mazcarenhas a suizo / como direi a diante/ no que se viu q̄ sômete por pacificação da India, e por ser nir nisso a Deos nosso senhor e a el Rey, fez esta obediencia a Pero mazcarenhas/ e nã por outro nbũ interesse nem proueito que pretendesse. E a cordado per todos que Pero mazcarenhas se obedecesse por governa



dos/ e obedecido por esse cō autos publicos que disso forão feytos, e assinados por todos/ mãdarão logo hū requerimēto ao governador que soltasse os fidalgos que estauã presos, e se possesse em justiça com Pero mazcarenbas. E Cristouão de souza lbe screueo hūa carta/ em quelbe daua as rezões porque obedecera á Pero mazcarenbas, e a declaração com que se fizera, do q̄ ho governador não foy contente, nem quis responder ao requerimēto quelbe foy dado/ antes ajūtou hūa armada, de que fez capitã mór a Antonio da silueira de menezes seu genrro, e lbe mandou que fosse cōela a Chaul/ e requeresse a Cristouão de souza que lbe entregasse a armada que lá estaua/ e que entregasse a capitania da fortaleza/ a Francisco pereyra de berredo, por quanto seu tempo era acabado/ e ele vinha prouido dela por el rey. E chegado Antonio da silueira a Chaul/ Cristouão de souza não cōsentio que se desembarcasse/ por que sabia que ho governador não quissera responder ao seu requerimento/ e vio se coele no mar/ estando cada hū em seu bargantim: e ouvindo Cristouão de souza ho recado do governador/ respondeo que n̄ hūa cousa daquelas aua d̄ fazer, porque tinha mandado em contraio de Pero mazcarenbas seu governador: sobre ho que Antonio da silueira lbe fez muytos requerimentos. E assi Francisco pereyra sobre lbe entregar a capitania da fortaleza/ protestando por seus ordenados/ proes, e percal

cos/ e disso tomarão ambos estromentos.

¶ Capit. xxxviii. De como dom Garcia Anriquez fez pazes cō el rey de Lidoze.



Tras fica dito como por Antonio d̄ Brito q̄ fora capitã da fortaleza d̄ Maluco lenar d̄ la muyta gēte/ e outras muitas cousas necessarias pa defençã da fortaleza, de que aua grande necessidade/ mandara dom Garcia anriquez a Martim correa q̄ lbas fosse buscar á ilha de Banda/ a quaes quer nauios d̄ Portugueses que bi estenesse. E Martim correa chegou a Bãda quasi perdido, com hū brauo temporal q̄ lbe deu/ e valeolbe Antonio d̄ Brito que ainda ali estaua. E logo despois de ele chegar, chegou de Malaca em hū nauio hū fidalgo chamado Manuel falcão, q̄ Pero mazcarenbas mandana por capitã mór/ de certos sngos de mercadores, em que ya hū Fernão baldaja por scruião da feytoria de Maluco com fazenda parela/ que logo Martim correa recolbeo no seu nauio. E por ele saber da gente da terra, que viram passar duas velas da feição das naos Portuguesas por aitre a aquellas ilhas/ pareceolbe que serião naos de Castelhanos/ por não sentir lugar pera onde naquele tempo fosse naos Portuguesas/ e receando q̄ se fosse Castelhanos iriã pera Maluco/ e poerião em perigo a nossa

fortaleza, por a pouca gente que lá ficaua / e menos munições cō que se defendesse / requereu a Antonio de Brito, e a Manuel faleão que fof sem focozzer a fortaleza de Maluco por q̄ nã se perdesse: e Antonio d̄ Brito não quis ir, e Manuel faleão si / e levando a mais gente que pode partirã ele e Artim correa pera Maluco / e foirão surgir na ilha de Ternate / e desembarcados se foirão pera a fortaleza, onde acharão que dom Garcia andaua e concerto de pazes com el rey de Tidore. Do que Cachil varoes não era contente, porque afora ver que perdia muyta parte do mando que tinha auendo pazes, e que os Portugueses não terião dele tanta necessidade como tinhão / receuase que com a paz, el rey de Tidore ho mandasse matar com peçonha, pelo mal que lhe tinha feyto na guerra. E com quãto dō Garcia isto sabia, fez toda via a paz com el rey de Tidore, com condição. que dentro em seis meses tornasse el rey a artelharía que fora tomada na fusta q̄ disse, e todos os scrauos dos Portugueses que andauão fugidos e suas terras / e assi ho mais que se achasse quelbes fora tomado.

**C**apit. xxxix. De como dō Garcia anríquez tornou a quebrar a paz.



Esta esta paz / sabendo el rey de Tidore quã descontente Cachil varoes estava dela / polo contentar lhe mandou dizer que cas-

saria com ele bñã filha se quisesse, e isto fazia porque como sabia que tinha muyto credito com os Portugueses / receou que por amor de le quebrassem a paz, no que ele receberia muyta perda / e por isso queria ter seguro Cachil varoes com amizade e parentesco. E sabendo dom Garcia ho que el rey de Tidore comeria a Cachil varoes / e que ele folgaua de ho aceitar / trabalhou muyto polo estozuar, porque via claramente que desta aliança del rey de Tidore com Cachil varoes, auia d̄ resultar fazer elhe algũa treção, e que com a paz se auia el rey d̄ Tidore d̄ querer vingár dos Portugueses / do mal que lhe fizirão na guerra / e vendo que não podia estozuar ho casamêto, determinou de ho estozuar com quebrar a paz / e pera que mostrasse ter rezão de a quebrar / mandou logo pedir a artelharía a el rey de Tidore / posto q̄ não era comprido ho prazo em que lha auia de entregar / e quando lhe foy este recado / estava ele muyto doente, e com tudo respondeo como homẽ que queria amizade / que não podia logo mandar a artelharía, por ter dada algũa a el rey de Sachão, e a outros reys q̄ ho ajudarão, que como a ajuntasse a mandaria / e os scrauos mãdaria logo pedindo a dom Garcia que lhe mãdasse algũ medico pera ho curar / e ele mandou bñ boticaíro / que lhe deu peçonha com que ho matou e poucos dias. E sabendo dom Garcia que era morto, determinou de tomar a cidade / em quanto os moradores dela estauão tristes pola

morte del rey / e descuydados da guerra. E tendo sua gente prestes pera isso / mandou hũ recado diante ao regedor do reyno que lhe mandasse logo a arrelbaria se não que a uia a paz por quebrada: e por ainda a este tempo ho corpo del rey esteue se por enterrar / respondeo que como fosse enterrado logo daria a arrelbaria e ho mais. Dom Garcia que não queria outra cousa mandou embarcar sua gente / e embarcada tornou a mandar pedir a arrelbaria / e se lha não dessem logo que ania a paz por quebrada. E fernão baldaya que leuou este recado / não quis sair em terra e mandou ho do mar: e sendo lhe respondido polo regedor e mandarins que tanto que acabassem hũ conselho em que esta não pera fazerem rey / logo satisfarião a dom Garcia. Ao que fernão baldaya não respondeo: mas com hũ pregão lhe notificou q̄ dom Garcia ania a paz por quebrada / e lhe pregoaua a guerra. E coisto feyto se tornou a dom Garcia que ya por caminho, e atembanã chegou ao porto da cidade de Tidore cujos moradores assi pola tristeza da morte del rey como polo descuydo que lhe causou a confiança que tinhão na paz estauão de todo desapercebidos pera se defenderem / e por isso como sentirão que os Portugueses desembarcauão fugirão da cidade / em que entrados os Portugueses não acharão q̄ fazer saluo poer-lhe ho fogo com que queimarão a mayor parte dela e tomarão sete peças da arrelbaria. E destruida a cidade / tornarão se á fortaleza: e deste

feyto ficarão os Portugueses em muyto descredito com toda a gente daquelas partes e os tinhão por trezadores / e que não goardauão sua fé, e assi no reyno de Bachão como em outros / a que dantes yão / lhes foy deseso que não fossem lá mais, e não forão.

**C**apit. xxxix. De como dom Jorge de meneses indo pera a ilha de Ternate foy ter ás ilhas dos Papuas onde inuernou.



Dom Jorge de meneses q̄ ya por capitão da fortaleza do Maluco partito como disse pa Malaca com regimento de Pero mazarrenbas que fosse pela via de Borneo pera se acabar de saber aq̄le caminho por onde se escusaua a detença que se fazia em Banda esperando por moução. E porque não pude saber o que aconteceu a dō Jorge nesta viagem / não direy mais se não que foy ter atraves das ilhas do Boro setenta legoas da nossa fortaleza: e chegando ali hũ dia sobre a tarde foy demandar a terra, e sendo muyto perto dela mandou sondar pera surgir a afastado da terra segundo ho costume dos Portugueses, mas como derrador daquelas ilhas não se acha fundo se não tendo as naos as proas em terra. Dom Jorge que isto não sabia / nem conhecia a terra: não ousou de surgir e afastouse pera ho mar. E vendo os da terra que se afastaua /

meterão se algũs è duas almadias  
 e forão se pera as naos / porè não  
 sabendo se erão de Portugueses se  
 de Castelhanos, não ousará de che  
 gar a elas / e falarãlbe hũ pouco d  
 lonje / e por das naos os chamarẽ  
 e acenarem cõ panos, chegou hũa  
 almadia a bordo dũa das naos / de  
 q̃ pergũtarão a gente dela pola nos  
 sa fortaleza e polos Portugueses,  
 de q̃ lbes nã souberão dar nhũa no  
 ua: e por nisto anoitecer se afastará  
 os da almadia das naos, e se forão  
 leuando tres beiraines vermelhos  
 quelbes os Portugueses verá. E  
 idas as almadias, despois q̃ foy bê  
 noyte acalmou ho vento / e dõ For  
 ge ficou se remedio, por q̃ como não  
 podia surgir por não auer fundo /  
 nẽ se podia chegar a terra por lbe  
 faltar ho vento, escolreo por antre  
 aquelas ilhas cõ as agoas q̃ ali  
 correm fortemente / e indo assi foy  
 cair no golfão que se faz antre estas  
 ilhas e ho estreito de Magalhaẽs,  
 onde lbe sobreueo hũ brauo tempo  
 ral, com q̃ a sua nao, e outra de sua  
 cõserua forão a Deos misericordia  
 ate as ilhas que chamão dos Pa  
 puas, donde por amor dos ponen  
 tes que ventanão não pode tornar  
 a Maluco se não no Bayo seguin  
 te / de mil e quinzentos e vinte se  
 te: cõ os leuãtes / e adou por aque  
 las ilhas seis mezes cõ afaz de fadi  
 ga, e adoceolhe e mozeolhe al  
 gũa gente.



O Liuro Sexto fica  
 dito, como hũa das  
 naos da armada de  
 Fernã d Magalhaẽs  
 cõ que ya descobrir  
 Maluco tornou a  
 Seuilha com Crauo, e sua tornada  
 e a mostra do Crauo q̃ leuou / deu  
 causa ao Emperador Carlos, mã  
 dar outra armada dontras cinco  
 naos q̃ fosse a Maluco a fazer for  
 taleza na ilha de Tidore, pola ami  
 zade que os Castelhanos acharã è  
 el rey dessa ilha, e desta armada foi  
 por capitão mór hũ frey Garcia d  
 loais frade duma das ordẽs da ca  
 ualaria de Castela / e desta arma  
 da sòmete a capitaina passou a Ma  
 luco com outro navio mais peque  
 no / por em sem ho capitão mór, de  
 que não soube ho q̃ fez. E desta nao  
 que digo era capitão hum fidalgo  
 Biscainho / que auia nome Marti  
 inbeguez de Carquicidõs / que era  
 justiça mór da armada / e chegã  
 do a hũa ilha soube como os Por  
 tugueses tinhão fortaleza / e arma  
 da na ilha de Ternate, e por isso re  
 colheo a gente do navio na nao / e  
 ho queimou / e ficou com trezẽtos  
 homens todos escolhidos, com que  
 seguiu sua viajẽ / e foy ter a traues  
 das ilhas do Morro / no mesmo in  
 stãte que dõ Jorge ali foy ter, e ou  
 ue vista dos navios em q̃ ya, e por  
 lbe auer medo que conheceo serem  
 dos Portugueses se escõdeo, e foi  
 se meter no golfão q̃ chamão d Ca  
 maso / cuja terra era del rey de Ti  
 dore / e por os moradores conhece  
 rem q̃ erão Castelhanos, polo que  
 sabião da amizade que el rey tinha

¶ Capitulo. xl. Da segunda arma  
 da que ho Emperador mandou  
 às ilhas de Maluco.

coeles os receberão muyto bem. E os Castelhanos sabendo a guerra que os Portugueses tinhão feyto a el Rey de Tidoze, prometerão lbe de os vingar deles com lbes tomar a fortaleza e matarênos a todos e comerênos assados e outros muytos feros com que os da terra estauão muyto satisfeytos / e danãlhes tudo sem dinheiro / e assombrauão coeste fauor os moradores doutros lugares del Rey d Ternate nossos amigos.

**C**apit. xli. De como chegou hũa nao de Castelhanos às ilhas de Maluco.



**A**hoia destes dous nauios de dom Jorge de meneses q forão vistos ante aquelas ilhas do Morro foy ter á ilha de Ternate, donde se deu a dom Garcia anriquez sem declaração se erão os nauios de Portugueses ou de Castelhanos. E como isto ficaua duuido logo dom Garcia determinou de saber a verdade porque receaua serem Castelhanos, e mandouho saber per Martin correa que foy em hũa cora cora com hũ soo Portugues chamado Digo da guerra por saber bem a lingua da terra / e a outra gente forão Mandarins. E nesta cora cora foy ter a Camafo a hum lugar del rey de Ternate, onde foy certificado ser a nao de Castelhanos, e de quão fauorecidos os vassallos del rey d Tidoze estauão coeles / e que tinhão grande armada / e conselharãlbe q

não fosse lá porque Martin correa ho quísera fazer. E vendo que ho a conselharão bem tornouse pera a fortaleza com aquela noua: que sabida per dom Garcia mandou com conselho hũa armada a esperar esta nao quando fosse de Camafo pera Tidoze que assi cuydarão que fosse: e a capitania moor desta armada deu a Manuel falcão / e forão nela setenta Portugueses em dous nauios / e Cachil varoes leuaua doze corascoras. E chegando Manuel falcão ao meyo do caminho mado polo ouuidor da fortaleza hũa carta que leuaua de dom Garcia pera Martin inbeguez que lbe ele foy dar em saindo do golfam de Samaço: e isto pera ter achaque de ver a nao como ya apercebida / e ho numero dos Castelhanos. E que tudo ho ouuidor viu muyto bem / e q a nao ya muyto bem artilhada e com muytas armas, e os Castelhanos serião trezentos. E Martin inbeguez lbe deu azo pera que ho visse muyto bem e ho dissesse a dom Garcia / que ele sabia bem quão pouco poder tinha assi de gente como doutras cousas que tudo lbe disserão os da terra: e por isso estaua muyto sobre os Portugueses e não os tinha em conta / mas nem por isso deixou de responder á carta de dom Garcia com muytos offercimentos e cortesia. E despedido ho ouuidor coesta carta seguiu sua viagem pera Tidoze / onde chegou e metida a nao dentro no arrecife / mandou fazer na entrada dele dous baluartes de pedra enlosa q artilhou muyto bem com algũa artilharia da nao:

z estes goardauão a êtrada do por-  
 to, z a nao estava defronte cõ a arte  
 lbaria q̄ lbe ficou, q̄ parecia bũa for-  
 taleza. E ho ouuidor de dõ Garcia  
 despois q̄ se despedio de Marti hi-  
 nbeguez tomou-se a Banuel falcão  
 q̄ sabêdo ho modo de q̄ a nao estava  
 ouue por efusado cometela ido tão  
 singelo / z tornouse pera a fortaleza  
 z deu cõta a dõ Garcia do q̄ achou.  
 E Martim hnbeguez despois q̄  
 se fortaleceo como digo / mādou di-  
 zer a dõ Garcia por hũ homẽ desses  
 principais q̄ yão coele / q̄ ele era ali  
 vindo por mādado do Emperador  
 seu senhor / cujas aq̄las ilbas erãõ /  
 assi por estarẽ na sua demarcação,  
 como por fernão d̄ magalhães seu  
 vassallo lbas descobrir polo q̄ tinha  
 tomado posse d̄ las, z mais as tinha  
 per hũa sentença q̄ ouuera contra el  
 Rey de Portugal: z por estas cau-  
 sas todas despois destas ilbas se-  
 rẽ descubertas, ficarão ali trita de  
 seus vassallos q̄ forão na sua arma-  
 da cõ feytozia em q̄ ficara muyta fa-  
 zenda / z bẽ xl. peças d'artelbaria /  
 z q̄ não achaua nbũa cousa destas,  
 z q̄ os da terra lbe dizião q̄ os Por-  
 tugueses tomarão tudo z matarão  
 os Castelhanos q̄ ficarão na feyto-  
 ria / z mais os achauão cõ fortalez-  
 za feyta nas terras do Emperador  
 sem sua licença q̄ folgaria de saber a  
 rezão q̄ os Portugueses tenerão  
 pera fazerẽ estas cousas: por q̄ de tu-  
 do auita de tirar esto mētos perase  
 q̄ irar ao Emperador. E chgado  
 este messageiro a dõ Garcia lbe dis-  
 setudo isto: ao q̄ ele respondeo / q̄ a-  
 quelas ilbas z outras muytas não  
 erãõ nõ forão nõica do Emperador,  
 nõ lbe podião caber e sua demarca-

ção / por q̄ nõ a auia z q̄ a ouuelle, ele  
 sabia certo nõ lbe caber enela, z q̄ se  
 ouuera sētença cõtra el rey seu se-  
 ñor a veria / por os q̄ a verãõ serem seus  
 vassallos: z q̄ tambẽ os iuyzes Por-  
 tugueses a verãõ por el Rey seu se-  
 ñor, pelo q̄ não era aquela a rezão  
 por o de as ilbas de Baluco erãõ  
 suas, nõ menos por as mādardesco  
 bzir por fernão de magalhães q̄ as  
 não descobrio de nouo, por auer ma-  
 is de dez annos q̄ as descobrira An-  
 tonio d'abreu por mādado d'afonso  
 dalbuquerque governador q̄ naq̄le tẽ-  
 po era das Indias por el Rey de  
 Portugal: do q̄ ho mesmo fernão  
 d̄ magalhães fora testemunha, z tẽ  
 do certeza o de aq̄las ilbas jazião,  
 por fazer treição a el Rey de Por-  
 tugal fizera crer ao Emperador se-  
 rẽ de seu descobrimẽto, z fizera q̄ as  
 ya descobrir indo por outro cami-  
 nho z nauegação / onde ouuera ho  
 fim q̄ merecia por ser tredor a seu  
 senhor natural q̄ era el Rey de Por-  
 tugal z não ho Emperador: z q̄ do  
 tẽpo q̄ Antonio d'abreu descobrira  
 estas ilbas / logo algũs reys delas  
 ficarão amigos del Rey de Portu-  
 gal / z forão cõtetes de os Portu-  
 gueses tratar em suas terras, z da-  
 li por diãte sēpe lã tratarão / z por  
 rogo del rey de Ternate ho passado  
 mādara el Rey de Portugal fazer  
 naq̄la ilha bũa fortaleza. E indo a  
 fazer Antonio de Brito achara cer-  
 tos Castelhanos na ilha d̄ Tidoz,  
 q̄ por nõ terẽ licença del Rey d̄ Por-  
 tugal pa andarẽ por suas terras os  
 mandara ao governador das In-  
 dias pa saber a rezão por q̄ o fazião,  
 assi q̄ aq̄las ilbas erãõ por dcreyto  
 del Rey d̄ Portugal, por cujo mada

do ele estava por capitão naq̃la for-  
 taleza q̃ defederia ate a morte a que  
 lba quisesse tomar, e defeder a qual  
 quer gente do mundo que não an-  
 dassem por aq̃las ilhas sem licença  
 del Rey de Portugal/ e que assi fa-  
 ria aos Castelhanos pois adauão  
 sem ela/ pelo q̃ lbe requeria da sua  
 parte/ e da do Emperador q̃ logo  
 se fosse pera a fortaleza, e não querẽ  
 do estar de mistura com os Portu-  
 gueses lbes varia hũ lugar aparta-  
 do em q̃ estuessem á sua vontade: e  
 mais lbe requeria q̃ não comprasse  
 nũ crano q̃ ho não podia fazer por  
 ser todo pera el Rey de Portugal,  
 e não querẽdo por sua vòta de fazer  
 hũa cousa nẽ outra, ele protestaua  
 de lho fazer por força sem por isso  
 encorrer enhũa pena pois ho fazia  
 por ser uir a el Rey de Portugal seu  
 senhor. E coesta reposta se foy o mel-  
 sageiro / e porẽ Marti binbeguez  
 não se quis ir pera a fortaleza/ e mã-  
 dou requerer a dõ Garcia q̃ ho dei-  
 xasse estar õde estava, e sobzisto ou-  
 ue muytos recados de parte sem to-  
 mar enhũa conseruaçã e cada hũ ti-  
 rou seus estormentos do q̃ requeria.

**Capit. xliij.** Do que aconteceu a  
 dom Garcia anriquez cõ os Ca-  
 stelhanos. e do mais q̃ succedeo.



Endo dom Garcia que  
 Martim binbeguez nã  
 se queria tirar de Lido  
 re e fazia alenantar ho  
 preço do crano dando por ele qua-  
 tro tanto do q̃ estava assentado na  
 feytozia, determinou de lho fazer  
 por força/ e isto cõ conselho de Da-  
 nuel falcão feytor e outras pessoas

principais/ e que ele em pessoa fosse  
 a este feyto. E isto assentado, partito  
 hũa noyte leuãdo ate cẽ Portugue-  
 ses, e muytos dos da terra embar-  
 cados em corascoras e outros na-  
 uos, e pera baterem a nao e os ba-  
 luartes leuou tres camelos/ hũ em  
 hũ batel com hũa manta e os dous  
 em hũa fusta e hũ calaluz/ e nestes  
 não ya outra gente de pelefa se não  
 os capitães bombardeiros e remei-  
 ros: e a fusta q̃ ya diante em chegã-  
 do de frõte dũ dos baluartes que a  
 sintirão os Castelhanos cõ quanto  
 fazia escuro, tiraram lbe tantas bõ-  
 bardadas que lbe matarão hũ re-  
 meiro, e quebrarão a cana do leme/  
 quebrãdo hũa mão ao que ya a ele.  
 E ho capitão da fusta sem mais es-  
 perar por dom Garcia começou lo-  
 go de bombardear ho baluarte/ e  
 por os tiros serẽ muyto amende ar-  
 rebetou ho camelo, pelo q̃ se retirou  
 pera onde estauão a fusta e ho cala-  
 luz: e dom Garcia mãdou logo por  
 outro camelo á fortaleza que veio an-  
 tes q̃ amanhecesse e foy assestado  
 na fusta, e manbaã clara mãdou dõ  
 Garcia dar bateria aos Castelha-  
 nos com ho batel, fusta e calaluz: e  
 eles q̃ virão como se a consa ordena-  
 ua começão õ desparar sua artelha-  
 ria dos baluartes e da nao/ e era tã-  
 ta que os pelouros q̃ tirauão pare-  
 cião que auião dentulbar ho mar: e  
 receando os q̃ yão no batel/ fusta e  
 calaluz q̃ os fizessem e pedaços, não  
 oularão õ chegar muyto e poserã se  
 tão lóge q̃ quando os seus pelouros  
 desparauão yão dar no mar e õ cha-  
 peletas chegauã jũto da nao q̃ ainda  
 não chegauão a ela: e os Castelha-

nos como q̄ zombauão de les lbes dauão muytas apupadas. E dom Garcia tambémã oultau de chegar com as corasozas por serẽ muyto fracas que erãõ cofidas cõ cordas z qualquer tiro as faria em pedaços. E neste joguete q̄ mais ho parecia q̄ peleja estenerãõ ate ho meyo dia q̄ sobreneo a viração. E vendo dom Garcia que não fazia nada/afastou se com toda sua armada: z tambem porquelbe faltaua a poluora, z auia de mandar por ela á fortaleza, z em quanto mãdou ficou em hũa enseada: z estando ali fayo Bartim correa/ ho feytoz z outros ate quinze em terra. E estando oulhãdo hũ lugar de mouros q̄ estaua em hũ alto pera ho irem queymar/algũs Castelhanos que estauão no lugar z os sintirã/ forãõ muyto secretamente porantre ho mato, z começarãõ de lbes tirar cõ espingardas z bêstas, z hũ q̄ drelo deu a Bartim correa a baixo de hũa orelha q̄ deu coele no chãõ quasi morto. E por este desastre/ z tambem por dom Garcia ver quenão podia fazer nhũ dãno aos Castelhanos. nã quis ali estar mais z tornouse pera a fortaleza com sua armada/ do que os Castelhanos fi carãõ muyto soberbos crẽdo que os Portugueses fugiãõ com medo/ z assi ho dizião aos da terra, z porẽm a nao ficou tão aberta do muyto sugar da artelharã, z por ter a quilba no chãõ/ z por ser velha abrio de todo z se echeo dagoa z perdeose sem mais aproueitar pera nada: do que os Castelhanos ficarãõ muyto tristes, z nã fizeramãõ mais nhũ reboliço de guerra/ z deixarãse estar como

homẽs que descanfauão, z do Garcia fez ho mesmo: z porque era chegada a moução pera Malaca em q̄ auiaõ õ partir pa lá algũs sũgos/ determinou de auer algũ crauo pera el Rey, porque este era ho proueito que pretendia daquela fortaleza, z ainda ate entãõ não tinha auido nhũ com q̄ fozrãse parte do muyto gasto que fazia naq̄la fortaleza. E a causa de não se poder auer nhũ crauo pera el Rey era serẽ os Portugueses tão cobiçosos q̄ ho atrauessauão todo/ dando por ele ho do bro que se daua na feytozia, z fazendo muytos mimos aos negros que lho vendiãõ/ pelo q̄ ho não querião leuar á feytozia/ z ho mesmo feytoz z escriptuães ho comprauãõ antes pe ra si que pera el Rey/ z por isso não podia auer nhũ. E sabẽdo do Garcia isto/ mãdou que toda pessoa do crauo q̄ teuesse desse a decima parte a el Rey pelo preço da feytozia/ z quando ho não quisesse dar por sua vontade lho tomãsem por forza/ z assi ho mandou apregoar, com o q̄ todos receberãõ muyto pesar z porãse em ho não consentir/ z chamarãõ em sua ajuda Cachilvaroes z assi muytos Andarãis. E vẽdo do Garcia este aluoroço/ z achãdo se só z sem poder pedir socorro ao gouernador/ z receando que se apertasse muyto, q̄ lhe fugissem os Portugueses, z ficando só lhe tomãse os mouros aa fortaleza deixou sua determinaçã z etẽdo e fazer sua fazẽda como os outros fazião, z no Janeiro seguinte mãdou e hũ sũgo q̄ partio pa Malaca Bartim correa z Manuel lobo cõ cartas ao capitãõ



de Malaca em q̄ lhe pedia socorro de gente de q̄ tinha muyta necessidade por amor dos Castelbanos q̄ ficaram em Lidore e em Seilolo.

Capit. xliij. De como Antonio de miranda dazenedo prometeo a Pero mazcarenhas de lhe obedecer.



Partido ho verão, partiose Antonio de miranda dazenedo capitão mór do mar da Índia de Cochim meado Setembro cõ toda a armada pera Goa, e por ele escreueo Alfonso mexia yé dor da fazenda ao governador o q̄ passara aq̄le inuerno com os requerimentos de Pero mazcarenhas, a que deu de mandar pera Portugal por ser na Índia muyto perjudicial ao seruiço de Deos e del Rey, não sabendo ainda q̄ era solto. Partido Antonio de miranda foy ter a Cananoz pera ver se tinha dõ Simão necessidade dalgũa cousa, e estando no mar lhe mádou Pero mazcarenhas hũ requerimento por dom Simão em que lhe requeria, q̄ pois dom Simão e Christouão de Sousa coma mayor parte dos fidalgos da Índia e gente darmas que andaua nela vendo como Lopo vaz de sam Dayo não se q̄ria poer coele em justiça pera se saber cuja era a governança e a queria ter por força ho tinhamo obedecido por governadoz. E ele com tudo queria justiça por pacificação da Índia, lhe requeria da parte del Rey que tambẽ ho obedecesse por que vendose Lopo vaz sem ar mada consentiria que

se julgasse por dery toa qual deles pertencia a governança, protestado de não querendo satisfazer a seu requerimento correr em pena de lhe pagar seus ordenados proes e percalços que auia dauar como governador, e mais a q̄ parecesse bem a el Rey. E visto este requerimento per Antonio de miranda, vendo q̄ Pero mazcarenhas estaua obedecido por governador, e que deele e Lopo vaz serẽ ambos governadores se auia de seguir muyto deseruiço de Deos e del Rey, respondeo que ele não podia obedecer por governador a Pero mazcarenhas ate nã saber do governador que não se que ria poer em justiça, e quando ho soubesse que então lhe desobedeceria, o que não satisfazendo a Pero mazcarenhas, lhe mandou requerer q̄ do que dizia lhe desse hũ assinado, e que ele fez polas causas q̄ digo, parendolhe que aquele era ho melhor talho que podia dar, e deu ho assinado que eu vi, e dizia.

¶ Digo eu Antonio de miranda dazenedo capitão mór do mar da Índia polo muyto poderoso Rey de Portugal nosso senhor q̄ me obrigo ao senhor Pero mazcarenhas, de fazer com ho senhor Lopo vaz de sam Dayo q̄ ora he governador da Índia, que se ponha coele em dery to: q̄ tambẽ pretẽde ser governador dela sobre q̄l deles ho serã. E não querendo ele poer se neste iuyzo, por este dou minha fé, preito e menagẽ ao dito senhor Pero mazcarenhas de me ir parele e lhe obedecer como a verdadeiro governador: feyto p mim e assinado aos deza sete de Se

tembro de mil e quinhentos e vinte sete.

**C**adao este assinado partiose Antonio de miranda pera Boa ôde logo ho governador soube como ho vera, e estranhoulho muy asperamente, e affirmandolhe q se não auia de poer em justiça sobre a merce q lhe el Rey fizera / que bê se poderia ir pera Pero mazcarenbas / porq outrê acharia q fosse capitão môr do mar. Ele se disculpou, dizendo q não dera ho assinado com tenção de ho comprir se não por se espedir de Pero mazcarenbas que conheira que estaua tão danado q receou de fazer coealgũ desmãcho. Ho governador foy acõselhado q tirasse a capitania môr do mar a Antonio de miranda pelo q fizera, mas elenão quis porq não fizesse mais aluozço na gente, e por ver se podia fazer as cousas por bê / e mandou logo Antonio d mirãda a Chaul (donde ainda Antonio da silueira não era vindo) pera que se entregasse da armada q lá estaua, e fizesse entregar a capitania da fortaleza a Francisco pereyra de berredo.

**C**apit. xliiii. Doque Antonio de miranda e Christouão de souza fizerão.



**C**hegando aa barra de de Chaul achou Antonio da silueira q se partira pera Boa, e disselhe que esperasse ate ver se Christouão de souza queria satisfazer ao recado do governador, e mandoulhe dizer como estaua ali q compria muyto

ao seruiço del Rey verêse ambos / a que ele respõdeo que se era pera lhe entregar a armada e a capitania da fortaleza que ja dissera que ho não auia de fazer por ter mandado em contrario de Pero mazcarenbas seu governador, e mãdoulhe requerer com os officiaes da fortaleza e cõ os fidalgos q inuernauão coele / que visse a forza q Lopo vaz de sam Payo e Alfonso merxia fazião a Pero mazcarenbas em lhe tomarem a governança, não querêdo ele se não o q fosse dereyto: e pois estaua em sua mão fazer determinar este caso por justiça, que fizesse cõ Lopo vaz que ho quisesse. E fazendo sobristo grandes protestações contra Antonio de miranda: que depois de responder a estes requerimentos se vio cõ Christouão de souza na fortaleza / onde concertarão ambos ho modo que se teria pera q Lopo vaz de sam Payo se possessê em justiça com Pero mazcarenbas pera pacificação da India, e q os iuyzes q determinassê este caso fossê nomais de sete. s. Antonio de miranda / dõ João deça, Francisco pereyra de berredo, Baltesar da silua, Gaspar de paua capitães de duas naos da carrega / frey João daluim da orde de sam Francisco que em leygo se chamara João lopez daluim / frey Luys da vitoria da ordem de sam domingos, e Christouão de souza quis q fossê estes iuyzes / posto q sabia q tirãdo os dous frades os outros tinhã assinado q Lopo vaz era governador verdadeyro / mas porq ele nã teuisse q dizer os cõsetio e por isso nã quis ele ser hũ dos iuy

zes/nem quis que ho fosse nbū fidalgo seu parente nem homem de q se presumisse ser da openião de Pero mazcarenbas que pois Antonio de miranda foy nomeado por juiz bem ho podera ele ser mas não quis por esta causa/ e porque não era seu fim se não apacificar a India, e que não se determinasse esta deferença por armas/ porque nisto cria q serua Deos e el Rey que era o que lhe lembrava / e não outra cousa. E sendo nomeados estes juizes ante ele e Antonio de miranda com juramento de terem nisso segredo ate ho tempo de se declararẽ, por q nem Pero mazcarenbas/ nẽ Lopo vaz ho soubessem/ ao outro dia se ajuntarão na igreja com ho feytoz e alcayde mór da fortaleza/ e outros officiaes/ e fidalgos/ e pessoas principais que inuernaõ nela, relatãdo ambos as cousas passadas/ e dizendo quão necessario era pera pacificação da India que ho governador se posesse em justiça cõ Pero mazcarenbas tinhão ambos cõcertado bũa panta q lhes mostrãõ pera dizer cada bũ se se acrecẽtaria mais nela ou diminuiria, e os capitulos dela forão estes.

Que Antonio de miranda darã bũ assinado a Christouão de souza tal como o q vera a Pero mazcarenbas.

Que outro em que se obrigasse a leualo a Goa, e seguramente podesse falar ao governador sem perjuizo de sua fazenda/ parentes amigos e criados, pera lhereq̃rer o q lhe parecesse seruiço del Rey/ sem interuirẽ outras palauras fora da materia / assi de sua parte como da do

governador. E q̃ chegado a barra de Goa deitaria a armada de fora e ficaria nella Antonio da silueira em arrefens entregue a bũ fidalgo sem sospeita naquele negocio, com lhe ele tomar a menagem, que sendo caso q ho governador prendesse a Christouão de souza/ que a quele fidalgo se fosse pera Pero mazcarenbas cõ a armada e ho obedecesse por governador.

Que q̃ Christouão de souza darã a Antonio de miranda bũ estormento assinado por ele e polos officiaes da fortaleza e fidalgos q̃ inuernaõ nela em q̃ promettessem de lhe obedecer com toda a armada q̃ estãua em Chaul ate chegarẽ a Goa e se compzir ho atras capitulado: e tambẽ prometerião no estormento, quenão querendo Pero mazcarenbas o que fosse seruiço de Deos e del Rey q̃ se fossem pera ho governador, e que se não falasse mais em Pero mazcarenbas ser governador: e ho mesmo prometeria ho alcayde mór q̃ ficasse por capitão na fortaleza de Chaul q̃ a entregaria ao governador e não a Pero mazcarenbas.

Que q̃ quando ho governador e Pero mazcarenbas se posessem em justiça sobre a governança antes de os juizes da causa pronũciarẽ cousa algũa prometerião cõ juramento q̃ aq̃le q̃ ficasse por governador não etẽderia na pessoa/ nẽ na fazeda do outro, nẽ nas de seus criados, parentes e amigos/ nẽ deffaria o q̃ o outro teuesse feyto, e a q̃lquer deles q̃ nisto não quisesse consentir que lhe desobedecessem.

**E** que os juizes que ouvessem d' julgar a quella differença, serião pel' soas sem sospeita/ que eles ambos Cristouão de souza/ e Antonio de miranda/ declararião quãdo fosse tempo.

**E** q' tãto q' ambos de dous che gasssem a Soa serião soltos, Eytoz da silueira/ d'õ Jorge de crasto/ d'õ Antonio da silueira/ e qualesquer outros que estueessem presos por aquẽle caso d' Pero mazcarenhas/ que tãbem prometeriã de goardar ho que ali determinauã/ e que esta deferença se determinaria em Cochim/ d'õde se ajuntarião/ Logo vaz de sã p'ayo/ e Pero mazcarenhas e impartindo Logo vaz d' Soa d' iusticia logo da governança/ e iria como pessoa privada, em poder d' Antonio de miranda, e em Cananoz se lhe entregaria Pero mazcarenhas pelo mesmo modo, e querendo ele leuar e seu poder/ se entregaria Logo vaz/ a Cristouão de souza, ou a dom Simão de menezes/ pera que ho leuasssem no nauio em q' fossem. E que alẽ do seguro que Antonio de miranda auia dauer a Cristouã de souza/ lhe aueria outro do capitã de Soa, e dos officiaes da camara da cidade/ com juramento q' farião/ que não goardando ho governador ho seguro que lhe desse/ lhe desobedecerião, e obedecerião a Pero mazcarenhas.

**E** depois d' lida esta pauta, q' todos a ouvirão/ disse Cristouão de souza a causa porque se fazia, reque rãdolhes a todos cõ ho capitã mór do mar/ que lha ajudassem a poer

em efeyto/ e que assi ho prometessẽ todos por juramento, ho que eles fizerão, tendo muyto em merce a Cristouão de souza, e a Antonio d' miranda fazerena. E de tudo foy feyto hũ auto por Salpar afonso tabalião publico da fortaleza/ que foy asinado por todos, aos quatro Doutubro de mil e quinhentos e vinte sete.

**Capit. xlv. De como ho governador/ e Pero d' faria, e outros jurarã de cumprir a pauta que fizerão Cristouão de souza, e Antonio de miranda.**



**E** esta pauta foy leuãda a Antonio da silueira/ por Antonio de miranda/ pera que consentisse nela, e ele consentio muyto contra sua vontade, e por não poder mais fazer, e estranhando muyto a Antonio de miranda fazela. E feytos dela dous teriados/ hũ pera Cristouão de souza, outro pera Antonio de miranda/ que se partio no mesmo dia/ e ao outro Cristouão de souza/ deixando entregue a fortaleza a Alvaro pinto alcaide mór dela/ e depois de chegarẽ todos iũtos a barra de Soa, Antonio de miranda se foy ao governador/ e perante ho licenciado João do solro ouuidor geral da Índia/ e ho secretario/ lhe mostrou a pauta que fizera com Cristouão de souza/ dizendo que a fizera por euitar os grandes males que vira que estauão ordenados, por Cristouã de souza/ e por os q' stauã

coele que muy estreitamente lhe requererão q̄ consentisse nela: e por isso consentira muyto contra sua vontade / porque bem sabia que ele era verdadeyro governador, e pera ho ser trabalhara q̄ os iuyzes fossem sem sospeita e no mais de sete pera terem menos que apurar. Do que ho governador ouue muyto grãde menencoria / e porque ho feyto não se podia desfazer / nã lhe disse mais se não que ele mesmo tinha a culpa do que ele fizera / pois se fiara mais dele depois de dar ho assinado q̄ vera a Pero mazcarenbas, e que fizera mal de fazer aq̄la pauta / por que se fora por escusar males que então estauão mais armados que nunca. E querendose Antonio de mirãda disculpar / disse ho governador que não erão necessarias disculpas pois fizera sua vontade / mas que creffe q̄ os iuyzes não auião de ser mais de sete auendose de poer em iustica, e elhe disse que não serião / e dissolhe daria hũ assinado se ho quisesse. E tendo ele jurado com Christouão de souza de terem em segredo os iuyzes que ouuessem de julgar a quella deferença ate ho tempo em q̄ se ouuessem de declarar por compraer ao governador hos descobrio / e forão os que disse. E contente ho governador deles lhe pediu hũ assinado que não fosse outro, nem fosse mais: e ele lho deu / e ho ouuidor geral / e ho secretario assinãrão como testemunhas. E ficando a pauta ao governador vio a coeles e com Pero de faria / quelhes conselharão que consentisse nela / porq̄ não ho fazendo se leuãtarião todos

controle / e primeyro a mandaria mostrar aos officiaes da camara da cidade, e contentandolhes consentiria nela com condição q̄ fosse como governador ate Cananoz / e que a honrra Dafonso mexia fosse goardada e não consentirião que ficando Pero mazcarenbas por governador ho tirasse de nbum dos officios que tinha, por qualquer maneyra que fosse, e ho entregaria seguro ao governador que fosse do reyno. E contente Christouão de souza disto / mandou ho governador soltar os presos, e deu ho seguro a Christouão de souza pera ir a Goa / e elenão quis ir por lhe escreverem que não fosse, porque ho governador tinha determinado de ho prender com Antonio de miranda / e por isso se determinou que se dissesse bũa missa na agoada de Goa, e leuantando ho sacerdote a hostia jurassem nela Antonio de miranda e Christouão de souza perante dom João deca e Antonio rico secretario da India q̄ ho governador iria como governador ate Cananoz: e q̄ verdadeyramente segũdo suas consciencias os escolberião pera iuyzes quella deferença aqueles homẽs que lhes parecesse q̄ melhor e cõ mais conciência determinassem aq̄la causa sem descobrirem per si nem por outrem os que tinhão escolbidos. E tambem jurarião o que tocava ao vedor da fazenda. E leuados estes capitulos por dom João deca e por Antonio de miranda a Christouão de souza / ele lhes disse que se acrescentassem na pauta: pozem que por quanto ho galcão sam dinis em

que ho governador andaua/ era a maior força que andaua na India, por andar maravilhosamente artelhadaz/ e nele somente podia pelejar com toda a outra armada da India aua de jurar que como chegasse a Cananoz se passaria como preso á galéem que andaua Antonio de miranda. E sendo ho governador disposto contente, aos vinte Doutubro foy dita húa missa na agoada de Boa na terra firme: e sendo presentes Christouão de souza/ Antonio de miranda/ dom João deca e outros muytos fidalgos em ho sacerdotel euantando a hostia disse Antonio torico que bi estaua aos circunstantes se jurauão por aquele verda deyo Deos em q firmemete crião como fieis Christãos de cumprir e goardar o que foy assentado na pauta de Chaul: e que ho governador fosse em posse da governança e com toda sua hõrra ate Cananoz, e que goardassem em tudo o que cumprisse á honra do vedoz da fazenda/ e não consentissem que ficado Pero mazcarenhas por governador lhe tirasse hũ dos officios que tenesse senão que ho deixasse estar: ate ir governador de Portugal: e dizendo cada hũ em alta voz que si disse a Christouão de souza e a Antonio de miranda se jurauão na mesma hostia que bem e verdadeiramente escolhessem pera iuyzes daquela deferença aqueles que segundo seu parecer melhor e com mais saã conciência a determinassem, e que nem por si nem por outré auião de descobrir quẽ erão ate não ser tempo de se declararem/ e eles disserão que si, e

destes juramẽtos fez ho secretario hũ auto q todos assinarão: e logo ao outro dia vinte hũ Doutubro/ no mosteiro de sam Frãscisco d Boa estando bi Pero de faria capitão dela e officies da camara, e quãtos fidalgos aua nela e ho vigairo geral com toda a clertzia, tendo frey Bonçalo guardião do mosteiro ho sanctissimo sacramento nas mãos estãdo ho governador em gtolbos, disse em voz q todos ho ouuissem. Bem sabeis os q aqui estais como por vos e por outros muytos que estãdo ausentes nã hũa vez mas tres fuy jurado por governador da India por as prouisões del Rey meu senhor q disso tenho, e por esse fuy obedecido/ pelo qual me nũca quis poer em justiça sobre a governança com Pero mazcarenhas/ nẽ agora me posera se nã vira claramente quãto Deos e del Rey serão deseruidos, e por isso mais por força que por vontade/ e como quem mais não pode me ponho em dreyto/ e juro naquela hostia consagrada de assi ho fazer, e chegando a Cananoz de sistir do mando de governador, e não do dreyto que tenho na posse da governança, que deste não ey de disistir antes protesto de me ajudar delem todo ho tempo que me for necessario, e assi jurou de se etregar como preso na galé Antonio de miranda/ e de cumprir os mais capitulos da pauta que ele fizera com Christouão de souza em Chaul com condição que fosse goardada intelramente a honra do vedoz da fazenda como estaua assentado: e ho mesmo juramento fizeram Pero de

faria, João dosolro, os officiaes da camara, e todos os mais q' ho autã de fazer, e ainda ho não tinhão feyto: e de tudo ho secretario fez hum auto que todos assinarão.

**Capit. xlvj.** De como Pero mazcarenbas e Lopo vaz de sã payo desistirão em Cananor do mando de governadores.



Caba isto q' todos ouuerão por muyto grande cousa por quão difficultosa lhes parecia poerse ho governador em justiça/ partioe ele pera Cananor hũ dia despois de partidos Antonio dazeuedo e Christouão de souza. E foy esta partida tão prestes q' os do bãdo de Pero mazcarenbas se espantarão muyto / porque cuydauão que ho governador ho não seria mais que ate Cananor / e que ele assi ho cria por ter tantos cõtra si. E chegãdo todos a Cananor aos feys de Nouembro forã se logo á fortaleza Christouão de souza e Antonio dazeuedo / e mostrarão a pauta a Pero mazcarenbas pera a jurar de que ele foy contente, dizendo que tudo cõsentiria por pacificação da India: mas que estaua muyto descontente do que vira em hũa carta que ho governador mandaua ao vedor da fazenda, que ele ouuera por sua diligẽcia, e nela nomeaua os iuyzes que tinhão escolhidos pera determinarem aquela deferença / e que ali vira claramente quão sospeto lhe era frey João daluim pola

muyta confiança q' Lopo vaz mostraua ter que auia de julgar por ele polas rezões que daua pera isso. E mostrando a carta virão Antonio de miranda e Christouão de souza que era assi, e por isso lhes requireo que tirassem frey João dalui e metessẽ outros: e Pero mazcarenbas quisera que Christouão de souza foyra hũ deles, dizendo que ho podia ser pois ho era Antonio de miranda / e ele não quis por saber q' Lopo vaz ho tinha por sospeito / e em lugar de frey João daluim meterão cinco pera ser em iuyzes / que forão Lopo dazeuedo / Antonio debruto que fora capitão de Baluco Buno vaz de castelo branco capitão e feytoz do nauio do trato de çofala / Tristão de gá, Bastião pirez vigairo geral da India. Do q' Antonio de miranda foy contẽte com quanto tinba dado seu assinado ao governador que os iuyzes não autão de ser outros se não os sete que lhe dissera em Goa / e estes que forão acrecẽtados ficarão assi nomeados antrele e Christouão de souza com juramento de não se descobrirem a ninguem / nem Antonio de miranda ho disse a Lopo vaz. Isto assenta do, ao outro dia se ajuntarão na igreja da fortaleza Pero mazcarenbas dom Simão de menezes / ho feytoz e alcaide mór cõ os mais officiaes da fortaleza / Antonio de miranda, Christouão de souza com outros muytos fidalgos, e perante todos e do secretario despois de ouuida missa / tendo Bastião diaz vigairo da fortaleza nas mãos ho sanctissimo sacramento / jurou Pero maz-

carenhas por ele de cōprir em tudo o q̄ estaua na pauta que disse, declarando que quãdo dististisse de ser governador / e se entregasse como pessoa privada, dististiria sōmente do m̄do de governador, e não do direito que tinha na governança / dististindo que não insistira tanto em o ser / se não por crer que era sua / e q̄ era contente que ficando Lopo vaz por governador, ho mãdasse preso pera Portugal: e acabando ele de jurar / jurou dom Simão / e despois os officiaes, fidalgos, e pessoas principaes / e todos assinarão em hũ auto que ho secretario fez disso, e tãbẽ ho assinou ho governador. E despois disto a requerimento d' Pero mazcarenhas fez ho mesmo secretario hũ auto, em que se declarou que os juizzes que auião de julgar aquela contenda / não auião de julgar mais senã quem era bem q̄ governasse pera pacificação da Índia / porque cusa era a gauerança por direito, el rey ou seus desẽbargadores ho auião de determinar. Feytas todas estas cousas, embarcouse Pero mazcarenhas no galeão de Cristouão de souza / como estaua assentado na pauta, e porq̄ ali se mudou Antonio de miranda da galéem q̄ andaua ao galeão sam Dinis, e Lopo vaz de sã payo lhe auia de ser entregue pera ho levar a Cochim ficou no mesmo galeão, do que se Pero mazcarenhas queixou a Cristouão de souza / e a Antonio de miranda, dizêdo que Lopo vaz não compria ho capitolo da pauta / no modo que auia de ser entregue, e dististir d' governador / po

is ya no galeão sam Dinis, que era a mayor força da Índia, e podia nele pelejar com toda a armada / e mais leuaua bandeira na gauea / q̄ aquillo não era de dististir de ser governador / se não fello como dantes, re querendo q̄ fosse como estaua assentado / ho que Lopo vaz não quis fazer. Ho que vendo os fidalgos / se possẽrão muyto contra isso, dizendo que se quebraua a pauta / e ho juramento que Lopo vaz fizera / e vêdo Cristouão de souza como isto era azo pera se estrouar ho bê que estaua comecado / fez cõ Pero mazcarenhas e com os outros / q̄ deixassem ir Lopo vaz como queria e ho consentirão / e embarcado Pero mazcarenhas desparou hũ tiro grosso, e a este final dous homẽs q̄ estauão nas gaueas dos galeões / sam Dinis / e sam Rafael / tirarão as bandeiras que ambos tinhã como capitães, pera que sentêdesse que em ambos estauão os governadores / e que ho tirar das bandeiras, era final que dististião do m̄do da governança, e ficauão como pessoas privadas / de que se auia de fazer justiça / e eles ambos em se tirãdo as bandeiras / protestarão que não dististião mais que do m̄do da governança, ate se julgar qual auia de governar, e da posse que tinhão não dististião. E feyto isto Antonio de miranda entregou Pero mazcarenhas a Cristouão de souza / pera ho levar ate Cochim / e lá lho entregou / e ele se entregou de Lopo vaz de sam payo, e se partirã todos per a Cochim. E quando foy esta per fia de Lopo vaz não querer sair de



Sam Dinis/ mandou dizer a Pero mazcarenbas que poz se escusarem aqueles debates/ e outros muytos que sabia q auião de recrecer, q lhe requeria da parte del rey/ que pois sem eles ambos se podia e Cochim dar a sentença sobre aquela de manda, que ficassem na costa com a armada repartida por ambos, guardando que não leuassem os mouros pimenta/ e que os juizzes sómente fossem a Cochim/ e depois de dada a sentença como lhes parecesse lbo mandarião dizer/ e Pero mazcarenbas não quis:

**C**apit. xlvij. Da desauença que ouue entre Lopo vaz de sã payo e Pero mazcarenbas.



Partidos como digo pera Cochim/ chegarão lá a quinze de Dezembro, e lurtos foy Antonio de miranda mostrar ao védor da fazenda/ a pauta que fizera com Cristouão de souza, pera que a jurasse como todos fizeram/ ho q ele não quis fazer, dizendo a Antonio de miranda q como fazião tal pauta sem sua autoridade, que era a segunda pessoa da Índia depois do gouernador/ sem cujo consentimento não se podia fazer nada que tocasse a governança, e estranhádo muyto, e dizendo que eles darião conta a el rey de cousa tão mal feyta como aquela fora, e não querendo de todo em todo ho védor da fazenda jurar a pauta/ Pero mazcarenbas e todos os fidalgos de sua

parte, requererão a Cristouão de souza/ e a Antonio de miranda/ q pois Alfonso mexia não queria jurar a pauta/ como Pero mazcarenbas, e Lopo vaz/ com todos os fidalgos da Índia fizeram, no que se mostrava claramente ser muyto sospeito/ que aquela deferença não se determinasse em Cochim/ se não e Loulão, que era dali hũ dia de viagem. E conhecendo Cristouão de souza que Lopo vaz não auia de cõ sentir nisso/ poz ter sabido que toda a esperança de ser gouernador tinha em Alfonso mexia polos cargos que tinha/ e como de todo em todo estaua posto em lhe fazer a vótade, ainda que fosse sem rezão, poz nã dar causa a se aquele negocio de terminar por armas/ fez com Pero mazcarenbas, e com os de sua valia, que posto que Alfonso mexia não quisesse jurar a pauta/ que cõsentissem que aquela deferença se determinasse em Cochim: e consentindo nisso/ forão a terra Antonio de miranda/ e Cristouão de souza, e meteramse em santo Antonio pera nomearem os juizzes que julgassem aquella deferença/ e querendo Cristouão de souza/ que se não nomeasse por juiz frey João daluim, e e seu lugar se metessem/ Lopo da zeuedo q fora aquele anno de Portugal/ Antonio de brito que fora capitão de Badaluco/ Muno vaz de castelo branco/ que fora capitão do nauio do trato de çofala, e Cristiano de çã/ Bastião pirez vigairo geral da Índia: como ele e Antonio de miranda assentarão cõ Pero mazcarenbas em Cananoz/ Antonio

de mirãda pelo scrto que tinha da  
do a Lopo vaz de sam payo, que os  
juizes não fossem mais de sete, nem  
se mudassem os que estauã nomea-  
dos, não queria consentir nos que  
se acrescentauão, nem se, tirar frey  
João daluin, nem bo quis fazer se  
dar conta disso a Lopo vaz/ q quã-  
do ho soube, ouue disso muyto grã  
de menencoria/ porque tinha por  
muytos sospeitos os juizes que se  
acrecentauão, e nao quis consentir  
nisso, dizendo que não auia mais d  
sorrer do que sofrera, e que bẽ escu-  
sado foza a Antonio de miranda en-  
ganalo/ e trazelo ali de Soa, e que  
ele tinha a culpa daquilo e não ou-  
trem/ em tecer a meada que tinha  
tecida, por em quelbe não daua ma-  
da/ por qã ele, e aos outros todos  
esperaria em hũ paio, e que se fosse  
logo pareles, e que os ajudasse en-  
ganalo, mas que se nã quisessem cõ-  
pzir ho que estaua assentado, nã cõ-  
sentia em nhũs juizes/ nẽ se queria  
poer em direito, e que pelesaria cõ  
todos com sam Dinis sõmente, e a  
vẽtura diria quẽ era governador,  
e que ele seria obrigado a dar cõta  
de tudo pois foza a causa: e Anto-  
nio de miranda lhe respondeo que  
não enganaua niguẽ, antes fazia o  
que deuia/ e no que fizera naquele  
caso tinha feyto muyto seruiço a  
Deos e ael rey/ aquẽ se queixaria  
das injurias que lhe dissera, e ou-  
tras muytas palauras descandalo  
se passarão antreles/ que não se ou-  
uirão por amor do grande arroido  
que fazião os q se meterã no meyo:  
e Antonio de miranda se foy do ga-  
leão muyto agastado, pera ho em

que estaua p̃ero mazcarenbas /  
que sabendo ho que passaua/ lhe  
requereo por virtude da pauta/  
q pois Lopo vaz de sã payo nã cõ-  
sentia nos juizes/ que ele e Cristo-  
uão d souza nomeauão/ e ele era de  
les contente, que comprisse a pauta  
que dizia, q em tal caso ho ouuesse  
por governador sem mais contra-  
dição, e lhe requereõ que por esse  
ho obedecesse, e ho mesmo requeri-  
mento lhe fizeraõ quãtos fidalgos  
estauã coele/ e por virtude da pau-  
ta: e por estar escaldado das pa-  
lauras que lhe dissera Lopo vaz/  
cõsentio no q p̃ero mazcarenbas  
e outros lhe requerião / tomando  
testemunbas que ho fazia por q Lopo  
vaz não queria cõpzir a pauta/  
e fazendo sobrisso grandes protes-  
tações, tomou logo os nauios que  
pode e os entregou a p̃ero maz-  
carenbas/ e forão estes a galẽ ba-  
tar da em que estaua por capitã Ey-  
tor da silueira / ho nauio de Rino  
vaz de castelo branco / duas cara-  
uelas/ de que erão capitães Uicen-  
te pegado, e João de sã/ hũ galeão  
de que era capitão Simão d melo/  
que naquele tempo nã estaua nele/  
e assi hũa galeota, e algũs bargan-  
ris, e posto que Antonio de miran-  
da tomasse estes nauios a Lopo vaz  
ficarã sam Dinis, e sam Luys, e ho  
camozim, de qerão capitães Abar-  
tim aфонo de melo iusarte, e dom  
João deça, e as galês de Ruy pe-  
reira/ e Antonio da silueira / de  
meneses, e a carauela de Fernão de  
moracis, afora muyta fustalã q  
estaua no porto de Cochim/ e por  
isso ho poder de Lopo vaz era da-

uátage do de Pero mazcarenbas /  
 e assi os d' hū bādo como do outro  
 fazião prestes suas armas, e arte-  
 lharía, esperādo por batalha, pola  
 perfia q̄ tinha Lopo vaz em não cō-  
 sentir nos iuizes que Cristouão de  
 souza e Antonio de mirāda nomea  
 não, e algus dos d' Pero mazcare-  
 nbas / dessa gente baixa, bradauāo  
 por guerra / dizendo q̄ Pero maz-  
 carenbas não deula de lofrer tātās  
 soberbas, quātas lhe Lopo vaz fa-  
 zia, e q̄ entāo tinha tēpo de se vin-  
 gar de quātas injurias tinha rece-  
 bido. E era pera auer medo, de co-  
 mo a cousa estava aparelhada pera  
 se perder a India, porq̄ segundo ho  
 poder d' abo os bādo: estava igoal  
 estava certo se dessem batalha / não  
 se apartarem sem hū ficar vécedor,  
 e este auita de ficar de maneyra, que  
 facilmente ho desbarataria el rey d'  
 Calicut / q̄ pera este fim tinha pres-  
 tes grande armada, pera dar sobre  
 os nossos q̄ escapassem da batalha /  
 e todos os outros reys e senhores  
 estauāo daleuanto / pera a este tēpo  
 darē nas nossas fortalezas e as to-  
 marē / e desta vez tinhāo por certo  
 ficar a India liure dos nossos, ta-  
 si ouuera de ser: porq̄ nē Pero maz-  
 carenbas se queria decer do acrecē-  
 tamento dos iuizes, nē Lopo vaz  
 de não serem tātos / e tres dias du-  
 rou esta perfia / em q̄ ouue muytos  
 requerimentos de hū ao outro / e  
 muytas protestaçoēs de hū de les  
 ter culpa do mal q̄ se seguisse da ba-  
 talha que se aparelhaua / no q̄ An-  
 tonio d' miranda se achaua muyto  
 culpado. por descobrir a Lopo vaz  
 os iuizes q̄ tinha concertado com

Cristouão de souza q̄ julgasse aq̄la  
 contenda / e polo assinado q̄ lhe de-  
 ra de não serem mais / que se estas  
 duas cousas não forāo / Lopo vaz  
 consentira nos onze iuizes / e porq̄  
 ele consentisse neles, se affirmou que  
 lhe prometeo d' votar por ele, e por  
 isto consentio Lopo vaz que fosse  
 aqueles onze iuizes / e por lhe Afō  
 so meria aconselhar que consentisse  
 neles / e despois descolhidos lhe  
 possesse sospetçoēs / e ho mesmo lhe  
 cōselhou ho ouuidor geral / e tãbē  
 dō Vasco deça seu procurador: lhe  
 mostrou a paura q̄ tinha assinada /  
 e ho juramento q̄ tinha feyto de a  
 cōprir / pelo q̄ não podia fazer ou-  
 tra cousa se não cōsentir / q̄ se nome-  
 assē os iuizes, e por todas estas cau-  
 sas ho cōsentio / e mādādo chamar  
 Antonio de mirāda lho disse, e pe-  
 dindolhe perdā das palauras q̄ lhe  
 dissera reconcillou coele. E depois  
 de Lopo vaz consentir / requereo  
 Pero mazcarenbas que ho tirassē  
 de sam Dins, por quāto estava ne-  
 le muyto poderoso: e Antonio de  
 mirāda ho pos na nao sam Roque  
 q̄ tinha pouca gente / e entregou  
 a Antonio da silueira de menses  
 seu genro / e Pero mazcarenbas  
 foy posto na nao srol delamar / e  
 entregue a Diogo da silueira, e am-  
 bos jurarāo de os entregar quādo  
 lhos pedissem. E com isto ficaram  
 seguros de obedecer á sentença que  
 se desse contra cada hū deles.

Cap. xlviii. Como forāo acrecē-  
 tados mais dous iuizes por par-  
 te de Lopo vaz de sam payo / e  
 do mais que passou.



Assentado isto / logo ao dia seguinte que forã dezanoue do Dezêbro / se forã a terra Cristouã de Sousa / Antonio de mirãda / ho ouuidor geral / e ho secretario, ao mosteiro de santo Antonio, onde se ajuntarã os mais dos capitães e fidalgos que estauão em Cochim, e perante eles nomearão Antonio de miranda / e Cristouã de Sousa / as pessoas que auia de ser juizes aluidros / da deferença que auia antre Pero mazcarenhas / e Lopo vaz de sam payo, e por ficarẽ nomeados os não tomo a nomear, e declarados estes juizes, foy dita hũa missa que todos ouuirão: e no santissimo sacramento lhes deu ho secretario juramento / q̄ bem e verdadeiramente julgassem se pertêcia a governança a Pero mazcarenhas se a Lopo vaz de sam payo / e eles bo jurarão, e ho secretario fez ho mesmo juramento, de goardar ho assinado que cada hũ lhe daria de seu parecer, e ho não mostraria nẽ daria a ningũe, senã a el rey selbos pedisse, e de tudo fez hũ auto q̄ todos assinarão. E feyto este juramento, Antonio de mirãda tomou Cristouã de Sousa a parte, e disselbe q̄ pera q̄ Lopo vaz de sam payo nã te uesse que dizer / quando se a sentença desse contrele, que deuão da crecentar ainda por juizes, a frey Joã daluim, e a Brães da silua dazeuedo / e logo pola primeira, Cristouã de Sousa não queria, por q̄ sabia certo que aqueles dous erão muyto sospeitos a Pero mazcarenhas,

e receaua que julgassem contrele, e não querendo ele cõsentir, lhe disse Antonio de miranda q̄ consentisse, e nã se receasse da q̄les juizes / por q̄ ele auia dẽ votar por Pero mazcarenhas, e tãbẽ dõ Joã deça por q̄ sabia muyto certo que a justiça era sua, e nã fazia a q̄la cirimonia dõ juizes, por mais q̄ pa apacificar Lopo vaz / e por q̄ lhe não pareceisse q̄ lhe tomauão a governança / e a dauão a Pero mazcarenhas: e estãdo nisto acodio dom Joã deça, e disse ho mesmo q̄ dizia Antonio de mirãda / e Cristouã de Sousa consentio nisso, sem dar conta a Pero mazcarenhas / nem a nbũ de seus parentes e a migos / por q̄ lhe pareceo q̄ por mais saluas que lhes fizesse nã auiaõ de consentir naquelles dous juizes / por q̄ os tĩnbão por muyto sospeitos / e por essa rezãõ fora tirado frey Joã daluim a requerimẽto de Pero mazcarenhas, e tãbẽ por q̄ ele queria que aquela cousa se acabasse em paz, e não por guerra como se começaua de fazer que este era ho seu fim / e posto que entẽdeo que ya contra seu juramento descolber juizes sem sospeita / consentio nestes dous por euitar a guerra q̄ teue pera si que aueria se ho nã consentisse / por q̄ cometer Antonio de miranda aquilo não era sem vontade de Lopo vaz / q̄ estaua claro trabalhar pola fazer, e por cima de tudo isto Cristouã de Sousa estaua só e não tinha q̄ẽ bo ajudasse, por q̄ como ele visse as nouidades que dõ cada vez sobreuinhão, conbeceo q̄ ainda a cousa auia de vir a estado q̄ se se não fizesse a võta de a Lopo vaz

z a Alfonso mexia auia de quebrar,  
 z como tinha assêrtao de lha fazer  
 em tudo porq̃ não ouuelle guerra/  
 não quis que ficasse coe lenhū fidal  
 go seu parente nem amigo/ nê pes  
 soa da valia d' Pero mazcarenbas,  
 porque acontecendo ho q̃ lbe pare  
 cia, não contrariassem sua determi  
 nação z fizessem reuolta: z consen  
 tido ele nestes dous juizes/ foilhes  
 dado ho mesmo juramêto q̃ aos ou  
 tros/ z assi ficarã treze/ z logo eles  
 disserão a esses fidalgos z capitães  
 que estauão prestes q̃ mādassê cha  
 mar ho vedoz da fazenda/ porq̃ sê  
 ele fazer certos juramentos não  
 auia de dar sentença naquele caso q̃  
 lbes era cometido, z vindo ho vé  
 dor da fazenda, a requerimento da  
 queles fidalgos z capitães/ Anto  
 nio d' miranda ê nome dos outros  
 juizes, lbe requireo da parte del Rey  
 de Portugal que jurasse de entre  
 gar a fortaleza de Cochim a Lopo  
 vaz de sam payo/ ou a Pero maz  
 carenbas/ a qual julgassem por go  
 uernador/ z isto sem manha nê cau  
 tela/ z ele ho jurou com condição q̃  
 assi os juizes/ como todos os capi  
 tães z fidalgos que ali estauão, z na  
 frota jurassem solenemente q̃ toma  
 uão sobresi a ele/ z a Aires da cu  
 nha capitão de Loulão/ Pero vaz  
 trauaços, Diogo chabinho, z os mo  
 radores de Cochim/ z officiaes da  
 camara que não recebessem nhū da  
 no nem offença, assi em suas pesso  
 as, como fazêdas/ z lbe fizessê dar  
 embarcação/ assi pera Portugal,  
 como pera outros lugares/ z a ele  
 lbe não fosse negada, posto q̃ se des  
 pois alegasse que era seruiço d' rey

q̃ elehi casse na India, z q̃ Pero maz  
 carenbas se obrigasse por hū assina  
 do seu a cõpir tudo isto cõ juramê  
 to/ z assi foy feyto: z ho secretario  
 fez d'isso hū auto q̃ todos assinarã/  
 z despois d'isto querendo os juizes  
 entender em seu officio/ disserão a  
 Cristouão de souza q̃ se fosse/ z ele  
 polo que tinha assentado cõ Anto  
 nio de miranda z q̃ esteuasse ao des  
 pachos daq̃la deferença, nã se quis  
 sair/ z vendo que Antonio de mirã  
 da era hū dos que insistia q̃ se fuisse,  
 ouue coele sobzisso palauras, z assi  
 com os outros/ z foy a cousa d' ma  
 neyra, que acodirão os juizes de  
 Cochim por mādado de Alfonso me  
 xia/ pera deitar em fora a Cristouã  
 de souza, que já se saia quando eles  
 chegarão/ vendo que sua estada nã  
 oproueitaua ali, z então conbecceo  
 quã mal fizera ê não fazer hū capi  
 tolo na pauta, jurado/ z assinado,  
 por Antonio de miranda/ que ele  
 estueisse ao despachos daquele defe  
 rença/ porque assi não lbe fora de  
 feso que não estueisse/ z então vio  
 també ho grande erro q̃ fizera/ em  
 deixar acrecetar os dous derradei  
 ros juizes/ porque polo rigor que  
 vsarão coele/ lbe pareceo que auia  
 de dar a sentença cõtra Pero maz  
 carenbas, z em entrando onde ele  
 estaua, disse d' muyto agastado, sus  
 alforges z partamos q̃ tudo he por  
 demais, z calouse que nã quis ma  
 is dizer/ por amor do juramento q̃  
 tinha, z isto tudo se fez ate vespera.  
**C** Cap. xlix. Das rezões q̃ ho ve  
 dor da fazêda z outros offrecerã  
 aos juizes pera q̃ Pero mazca  
 renbas não fosse governador.



Es pois de Christouão de Sousa ser ido q os juizes ficarão recolhidos com ho secretario que ali ficou / que auita de ser ho escriuão daquelle processo, dom Vasco deça procurador de Lopo vaz de sam payo, e Simão caeyro procurador de Pero mazcarenhas / mostrarão aos juizes as procurações que tinham d'abos: e lhes derão todos os papeis de que abos se esperauão dajudar e coeles hūas largas rezões per escripto sobrea justiça que tinham, e apos isto lhes foy dado hū requerimēto dos officiaes da camara de Cochim em nome de toda a cidade, em q lhe requerião da parte de Deos e del rey que por nhū modo lhe não julgassem a governança a Pero mazcarenhas, por que se lhe dessem auita de despo uoar a cidade / e irse pera os mouros, por não se atreuerem a saluar cō os Christãos ficando ele por gouernador que era seu inimigo capital, alegādo as rezões q auita pera isso: peloqual não se fiarião de nhū juramento que fizesse. E visto este requerimento pelos suizes lhes forão das hūas rezões do vedor da fazenda que dizião.

Senhores se vossas merces q ferẽ verdadeiramente espicular a justiça que ho senhor gouernador Lopo vaz de sam payo tem pera lhe ficar a governança / acbarão que lhe sobejia, e da mesma maneyra hão dou-lhar a que Pero mazcarenhas pôde ter pera ser gouernador / acbarã que he nhūa por muytas rezões, de

que aqui darei algūas.

Principal he ser ele muito odioso aos moradores desta cidade, pela injuria que diz que recebeo deles quã do desembarcou contra meus requerimentos, pelo q está claro que seria muyto grãde deseruiço de ds e del rey / ficar elena India como pessoa particular, quanto mais cō mado / e a fora ser muyto odioso por esta causa que tẽ de vingança / ho he tã bem por deseruir a el rey cō ho mandado que lhe dá, como vereis nessa inquirição que se tirou aqui contra ele a requerimento do feytor de Malaca, em que se achou que fez muyt graues erros, assi nas cousas da justiça, como nas da fazenda / e tambẽ offreço os autos que mandou fazer contra os officiaes da camara desta cidade / contra quem ha de proceder despois que for gouernador. E Lopo vaz de sam payo os que tinham presos em Soa (e não e ferros como lhe merecião) soltou os leuemente, por lhe dizerem q era a sefego da India / e pola ver pocifica se pos em ventura de perder ho que tinha certo, e digouos que tem bem seruido el rey nosso senhor na justiça / e na fazenda olhay ho que fazeis.

Tem tãbem Pero mazcarenhas determinado como for gouernador de tirar Antonio de Miranda de capitão mór do mar / e a mim da capitania de Cochim: como se proua por essa carta assina da por ele.

Tambem ha outra rezão muy evidente pera não ser gouernador Pero mazcarenhas / por que polo ser cometeo muy graues crimes perdoados cōtra forma das ordenações

del Rey nosso senhor a algũs que  
 tinhão mortas algũas pessoas e os  
 recolho a Cananoz e deles traz cõ  
 si go hũ Lucas ley rão que matou a  
 qui tres homẽs, e por seu mãdado  
 estã em posse de hũ nauio. Pero ta  
 uares q̃ matou sua sogra sobre do  
 us seguros de dom Anrique e hũ  
 bombardeiro q̃ matou hũ homẽ  
 e os q̃ espancarão e ferirão em Ca  
 nanoz bo tabalião quelbe leuou ho  
 requerimento dos officiaes da ca  
 mara desta cidade. E por ser goner  
 nador prometeo a muytos q̃ tinhão  
 roubado e tomado muyto dinhei  
 ro a el Rey nosso senhor delbo qui  
 tar / assi como foy a Christonão de  
 souza que tẽ tomados a sua alteza  
 perto de quinze mil cruzados / deles  
 do tempo do doutor Pero nunez  
 e deles do meu, e por saber que ho  
 queria constringer a pagar este di  
 nheiro se contrariou logo das car  
 tas em que tinha obedecido por go  
 uernador a Lopo vaz de sam Payo  
 e lhe desobedeceo por nã pagar este  
 dinheiro, como nã pagará sendo  
 Pero mazcarenhas governador, e  
 Lançarote de seixas da feytoria q̃  
 teue em Pegũ deue muyto dinhei  
 ro a sua alteza e lho nã quer pagar  
 por ser secretario de Pero mazca  
 renhas, nem menos pagará bo fre  
 regado de sua fazẽda e deixou a del  
 Rey: e Francisco mendez de vascon  
 celos q̃ deixou por capitão em Ca  
 nanoz tomou hũ nauio de mercado  
 res nossos amigos que ya carregã  
 do de muyta fazẽda e dinheiro, e  
 tudo tẽ sonnegado segũdo tenbo po  
 lo liuro e assẽto do escriuão do mes

mo nauio e Abaniel da gama que  
 eu tenbo preso por dous mil cruzã  
 dos que deu a el Rey, que me come  
 çana de pagar deixou de ho fazer,  
 dizendo que como Pero mazcare  
 nhas gouernasse que tudo se bẽ fa  
 ria. Pois quẽ toma tais p̃cipios  
 de gouernar a iustica, e vaprouet  
 tar tambem a fazenda de sua alteza  
 antes de ser gouernador / que fara  
 despois q̃ bo for: Pelo que estã no  
 tozio ser cousa muy pjudicial se lo, e  
 julgãdo vossas merces que ho seja,  
 eu lhes encampo a fazenda del Rey  
 nosso senhor que eu tenbo nela tam  
 bem seruido, que recebo passante  
 de trezentos mil cruzados de pro  
 ueito como darey por conta / e con  
 certadas suas fortalezas e pagos  
 mais de duzentos mil cruzados de  
 soldo sem lhe bolir nos cofres das  
 naos da carga como algũs fazem.  
 E porque nã se pode fazer tãto ser  
 uico sem se tomar conta aos q̃ rou  
 bõ sua fazenda e sem poer verbas  
 a outros q̃ ho deseruẽ per outros  
 modos (que he dobrado ser uico) de  
 sefão os culpados nestes erros co  
 moleais vassallos que me va da In  
 dia e buscarão pa isso este caminbo  
 de fazer gouernador a Pero maz  
 carenhas: q̃ se ho senhozes julgar  
 des por esse vos encampo a fazẽda  
 de sua alteza, e protesto que seja sa  
 tisfeyto pelas vossas, e quãdo nã  
 per vossas pessoas, e protesto por  
 meus ordenados / e polas perdas  
 que receber, posto que me nã lem  
 bra senão el Rey nosso senhor, por  
 que a ele se faz a guerra.  
 ¶ Coestas rezões estauão outras  
 de Pero defaria capitão de Boa fũ

dadas sobre a mesma materia / e assi hũ requerimento do licenciado Joã de soiro ouuidor geral da Índia / em q̄ requeria o que por estas rezões vay relatado. E toda a noytedo dia em que os iuyzes começa rão de star em despacho quãtos moradores aua em Cochim andarão descalços em procissam cõ suas molheres e filhos / pedindo a nõsso senhor que spiritalse nos iuyzes que não julgassem a governança a Pero mazcarenbas polo medo q̄ auã de se vingar deles e cõ grandes bra dos pedião misericordia: o que foy muyto piedosa cousa de ver.

Capit. i. De como foy dada a sentença q̄ Lopo vaz de sam Payo governasse a Índia.



Uisto pelos iuyzes tudo o que se alegaua por ambas as partes / fez cada hũ hũ escripto de seu parecer que assinou e ho deu ao secretario que os leo peranteles / e depois de se achar que Lopo vaz de sam Payo tinba mais votos / e que a ele pertencia a governança julgarão que fosse governador / e ho secretario escreueo a sentença que dizia.

Uistos por os iuyzes estes autos / e o que por eles se mostra / e vistos nõsso assinados em q̄ cada hũ declarou sua tenção / julgamos por nõsso definitina sentença que Lopo vaz de sam Payo governe / e seja governador nestas partes da Índia / e Pero mazcarenbas se va em bora pera ho reyno de Portugal /

e lbe sera dada embarcação segũdo a qualidade de sua pessoa: e quanto aos ordenados dos sobreditos fiq̄ pera el Rey nõsso senhor ho julgar como lbe bem parecer / e assi todo ho mais que cada hũ deles quiser requerer no reyno.

Assinado pelos iuyzes / logo no mesmo dia q̄ forão vinte hũ de Dezembro ao sol posto Antonio de miranda . Dom Joã deca, Bras da silua dazeuedo / e Tristão de gã seforão em hũ bargantim á nao em que estava Pero mazcarenbas: e dos de sua valia forã muytos apos eles cuidando que a sentença se deira por ele. Entrados dentro ho secretario lba publicou perante todos: e ele a ouiuo com rosto muyto seguro / mostrando grande coraçãõ. o que seus amigos não fizeraõ / q̄ todos ficarão muyto tristes. Ele ficou naq̄la nao ate lbe ser dada embarcação. E os iuyzes forão publicar a sentença a Lopo vaz de sam payo. q̄ a recebeu com muyto prazer / e deu muytos agradecimentos a aos iuyzes: e pediu muyto perdãõ a Antonio de miranda do q̄ passara coele. E com quanto a sentença foy dada por Lopo vaz / depois se deu em Portugal cõtrele: e q̄ pagasse a Pero mazcarenbas ho ordenado q̄ leuara de governador cõ todos os proes e percalços. E por ser q̄si nõsso tenãõ se foy ho governador a terra e ficou no mar: õde e na terra oube muytas folias e prazeres e grãde strõdo dar telheria q̄ desparaua: o q̄ daua grãde rozmẽto aos da outra parte: por q̄ lbes parecia q̄ se ficasse na Índia q̄o governador lbes aua



de fazer mal. E porque a elle he pa-  
receo q̄tãto esta sospeta os quis  
segurar, e ao outro dia antes que  
desembarcasse cozeo toda a frota  
em búcatur, e a todos em geral fez  
esta fala. Pois nosso senhor Deos  
foy seruido d̄ me restituy: e na gover-  
nança da India, peçouos senhores  
que todos vos alegréis comigo / e  
creais que ficando eu por governa-  
dor, vos fica a todos hū amigo pe-  
ra vos fauorecer na India, e com el  
Rey meu senhor representandolhe  
vossos seruiços e pedir-lhe que vos  
faça merce: porque vos dou minha  
fê que vos t̄nho em muyto boa cõ-  
ta aos que fostes da parte de Pero  
mazcarenbas em proseguirdes cõ  
tanto efforço o que vos parecia que  
era rezão, por q̄ ho mesmo fizereis  
por mim se foreis da minha parte, e  
por isso vos não ey de ter má vonta-  
de, e vos prometo que me não lem-  
bre mais ho passado: e vos peço q̄  
façais outro tãto. e q̄ sejamos muy-  
to amigos, e siruamos todos el rey  
muyto bem, e vamos descansar q̄  
he tempo. E que lbe todos teuerão  
muyto em merce e forãse coele pera  
terra, õde foy recebido com solene  
procissão, e debaixo de hū palio  
foy leuado a See, e despois douuir  
missa a fortaleza em q̄ auia de pou-  
sar, e ali tornou a fazer muytos of-  
frecimentos aos fidalgos que lbe  
forão contrarios com que se segura-  
rão pera ficar na India.

Capitolo. li. Do que ho gover-  
nador fez despois de ser restitui-  
do em sua posse.



Estituído Lopovaz  
desam Bayo na go-  
uernança, quisera lo-  
go aperceberse pa ir  
buscar os rumes / q̄  
bem sabia ho seu del  
barato e a morte de çaleimão raiz e  
foylbe conselhado que não fosse por  
que por nhū modo lbe conuinba ir  
fora da India, assi porque os da va-  
lia de Pero mazcarenbas não esta-  
uão de todo asselegados / e fican-  
do ele na India despois da partida  
do governador aueria outra reuol-  
ta como dâtes, porque nhū auia de  
querer ir ao estreito: e tambê el rey  
de Calicut tinha feyta grande ar-  
mada / e yendo ho governador fora  
da India faria nela muyto dãno / e  
abastãua q̄ ho capitão mór do mar  
fosse ao estreito as pzelas e lá sabe-  
ria a certeza do q̄ era feyto dos ru-  
mes / e não vindo governador no  
anno seguinte então os iria ho go-  
uernador buscar tãbê apercebido  
que podesse pelejar coeles. E isso de  
terminado, despachou ho governa-  
dor ho capitão mór do mar cõ hūa  
armada de noue velas. s. seys galeõ  
es de que a fora ele que ya em sam  
Dinis forão por capitães Fernão  
rodriguez barba de sã Rafael / An-  
tonio da silua dos Reys magos /  
Ruy vaz pereyra de sã Luys, An-  
rique de macedo do çamorim grã-  
de / e Lopo de mezquita do peño /  
e Frãçisco de vascócelos de hūa ga-  
leota, e Ruy pereyra de hūa galé ba-  
starda, e hūa galeota e çico bargã-  
tis: e coesta frota em q̄ irião mil ho-  
mês se partio em Janeiro / e. xij. di-  
as despois d̄ sua partida mãdou o

governador a Simão de melo seu sobrinho a fazer presas ás ilhas de Maldiva / e levou hū nauio de ganeza e hūa caravela. E neste tempo forão acabadas de carregar as quatro naos que auião dir para Portugal e se partirão / e foy em hūa delas Pero mazcarenhas êtregue preso a Antonio d' Brito. e por amor dele se forão muytos fidalgos para Portugal e assi outras pessoas. E primeyro que esta frota partisse mandou ele citar ho governador perãte el rey ou perante os desembargadores da sua relação pola governança da Índia, e por ho ciuel e crime que sobre aqle caso esperaua d' alcançar contrelle: e mais lhe escreueo como os Castelhanos ficauão em Maluco na ilha de Tidore como disse atrás pera que se socorresse a dom Jorge de menezes que lá estava por capitão. E partida esta frota chegou a Portugal a saluamento: e Pero mazcarenhas foy bem recebido del rey: que não ouue por seu serviço o que lhe fora feyto. E despois de Lopez vaz de sam Rayo ser em Portugal oute sentença contrelle que lhe pagasse todo ho ordenado que ounera dauer com a governança.

**Capit. liij.** De como dom Garcia anriquez entregou a fortaleza de Maluco a dom Jorge de menezes.



Dom Jorge de menezes q̄ inuernou nas ilhas dos Papuas como disse atrás despois que ventarão

os leuantes partiose pera Maluco e chegou á ilha de Ternate em Mayo de mil e quinhētos e vinte e sete, onde soube em chegando a guerra q̄ os Portugueses tinhão com os Castelhanos / Lidores e Seilolos: do que lhe pesou por a pouca gente q̄ leuaua e essa quasi toda doente que a outra lhe morreo nas ilhas onde inuernou. E tãdo ja esta certeza despois de chegado, deixando os dous nauios a recado se foy nos bateys aa fortaleza, donde sabendo dom Garcia sua ida ho sayo a receber muytoledo / por que se poderia tirar da grande obrigação em que estava com a guerra por amor do pouco apercebimento que tinha parela / e logo lhe entregou a fortaleza assi como lha Antonio de Brito entregara / que foy da maneyra que disse no liuro sexto. E dom Jorge lhe deu disso hū conbecimento feyto per hū tabalião publico: e logo q̄ dō Jorge chegou Martim binbeguez o capitão dos Castelhanos que estava em Tidore ho mandou visitar dandolhe a boa hora de sua vinda / e offrecendolhe paz e amizade: cō que l'ume de dō Garcia que nunca a quísera coele, antes lhe metera a sua nao no fundo e lhe matara hū domē e ferira tres: o q̄ dom Jorge lhe agradeceo offrecēdo: e lhe tambem por amigo / e disculpando dom Garcia que ho quísera ser seu, mas que ele fora o que não quísera nem trse parele como lhe mandara pedir, e quísera antes estar antre os mouros seus inimigos / pedindolhe que pois quieria sua amizade q̄ ho mostrasse e se ir pa a fortaleza /

ondelhe daria a aposentamento de que fosse contente. E por Martin binbeguez não responder a isto lhe mandou dom Jorge hū requerimēto aos quatro dias de Junho em q̄ lhe requeria cō ho alcaide mōr da fortaleza, feytoz e outros officiaes que le fosse logo daquela terra e de todas as lhas de Maluco / e não comprasse nū cravo. E ho mesmo requerimento lhe fez Martin binbeguez: e despois de muytos requerimentos de parte a parte fizeram tregoas / ate verem recado da India ou Espanha do que mandava ho governador q̄ fizesse dō Jorge. E como as tregoas forão assentadas ouue muyta amizade, prestança e conuersação entre os Portugueses e Castelhanos, e dauãse da diuas hūs aos outros principalmente os capitães. E sempre Martin binbeguez se fora pera a nossa fortaleza se ho não estoruarão elrey de Seilolo e Cachilvaroes: elrey de Seilolo porque os Tidores tenessẽ necessidade de sua ajuda / e Cachilvaroes porque os Portugueses a tenessem da sua.

Capit. liij. Do que dō Jorge querã fazer acerca do cravo e não pode.



Despois disto tirou dom Jorge a alcaide mōr da fortaleza a Manuel falcão que a tinha por lho mandar assi Pero mazcarenbas, porq̄ lhe leuara dous homiztados dō Malaca. E tirada esta alcaidaria deu a

a hū Simão de vera, e porque Manuel falcão não se escandalizasse de lhe tirar a alcaidaria / e ele e outros não cuydassẽ q̄ ho fazia sem causa mostroulhe ho mandado de Pero mazcarenbas. E com tudo Manuel falcão não se ouue por satisfeyto e ficou inimigo de dō Jorge posto que ho dissimulaua. Tambẽ dom Jorge quis vsar de hū regimēto que Alfonso mexia vedoz da fazenda da India mādara a Maluco, em que mandava que ho feytoz de Maluco comprasse quanto cravo ouuesse nas lhas / e carregasse ho mais q̄ podesse pera elrey e ho mādasse a India, e o que sobejasse ho vendesse aos moradores da fortaleza cō ganhar ho mais que podesse, e daque dinheiro se pagasse ho ordenado do capitão e dos outros officiaes, e se pagasse ho soldo e mantimento da gente dar mas pera elrey poder sofrer os grandes gastos daquela fortaleza: e cō tudo que se tomasse ho cravo sem escandalo dos mouros e Portugueses q̄ estauão na terra. E dom Jorge mandou apregoar este regimento, e que se goardasse. E vẽdo os Portugueses quanto prouẽto lhes tiranão, e que desta maneira poderia elrey saber ho muyto q̄ ganhaua e auer ho cravo á sua mão e ho muyto que perdia em ho não auer / e que nunca ho mais alargaria / no que ficauão perdidos, porq̄ nã ficauão mais q̄ cō ho soldo e mantimento que nunca lhes pagauão: determinarão de não consentir que aquillo fosse auante / e confederarãse com Cachilvaroes que ho estoruaſse. E ele q̄ muyto folgaua de

os Portugueses sempre terem necessidade de sua ajuda assi ho fez, vido jêdo que pois os mouros não podião vender seu cravo a quem quisessem / que assi não vèderião seus mantimentos na fortaleza, e mandou q os não vendessem dali por diante: e começou ho escandalo de crescer em tanta maneyra que a dõ Jorge lhe foy necessario dissimular, porque ho nã pode defender. E assi perdeo elrey tamanho proveito como este fora de sua fazêda / e que foy a causa de fazer ali aquela fortaleza / e que sem ter ho cravo lhe não serua de mais que de gastar dinheiro de balde, e comprar ho cravo ho tres dobro mais caro do que ho comprava na India antes que a fizesse, porque os mercadores lholeuauão a Malaca ou á India, sem mandar por ele a Maluco cõ tamanho gasto como fazia a fortaleza que lá estaua, e as armadas que yão por ele, em que a fora ho dinheiro que se gastaua se auenturauão Portugueses q cada dia se perdião no mar, e morrião na terra.

**C**apit. liiij. Do que passou dom Jorge de menezes cõ dõ Garcia anriquez sobre mandar a Malaca pela via de Borneo.



Quando dõ Jorge partio de Malaca pera Maluco, mādoulbe Pero mazcarenhas que lhe mādaf se recado pela via de Borneo como achara Maluco e como ficaua / e q requeresse a dom Garcia q fosse por este caminbo de Borneo / porq como era muyto mais breue q ho de Banda / e podia a fortaleza ser por

ali socorrida em menos tempo que pola via de Banda / desejava Pero mazcarenhas que fosse bem sabido dos Portugueses pera q nauegassem por ali, assi pera serẽ conbecidos dos reys e senhores daquelas ilhas / e tratarem coeles por ter enformação que auia nelas ouro / como por os Castelhanos fazerẽ por ali seu caminbo / e os podião biesperar e lhes tolberião que não fuissem a Maluco: e tambem por se euitarẽ brigas que sempre recrecião entre os capitães que inuernauão em Bãda. Este regimento mostrou dom Jorge a dõ Garcia / e requereolbe da parte de Pero mazcarenhas, q se partisse pera Malaca no nauto e que ele dom Jorge fora / e que fosse pola via de Borneo. E coeste requerimento ficou dom Garcia muyto saltado / porque recebia grãde perda não indo por Banda, onde spera ua vir ter hũ jũgo que ho anno passado mādara a Malaca carregado de cravo seu e de partes / e auia de tornar a Bãda com roupa pera ho levar carregado de noz e maça / e dizendo a dom Jorge que ele lhe responderia / ouue conselho cõ algũs seus amigos que erão aqueles que tinhão mandado ho cravo com ho seu / e esperauão de fazerẽ suas fazêdas em Banda como ele esperaua de fazer a sua / e por isso lhe cõselharão que per nhũ modo deixasse dir por Banda. E acordarão todos o q disse a dõ Jorge pera não ir por Borneo: e isto acordado / respõdeo dõ Garcia ao requerimento de dõ Jorge. Que ele fora de muyto boa vontade pola via de Borneo por

feruir el Rey / mas que sabia q̄ não  
 auita de poder ir / por que cometera  
 por hi bo caminho em tempo Dan  
 tonio de Brito, leuando muyto bõs  
 pilotos: e depois de andar per di  
 do por aquelas lhas cõ muyto grã  
 de trabalho arribara a Baluco: e  
 auendo dõ Jorge a dõ Garcia por  
 escusado de ir / determinana de mã  
 dar outrẽ por aquele caminho: o q̄  
 visto por dom Garcia / e que se fosse  
 outrem ficaua ele em muyta culpa  
 por não ir, determinou deshoiar a  
 ida / e disse a dõ Jorge que lhe pa  
 recia muyto escusado mandar aq̄le  
 nauio por que a fora descobrir aq̄la  
 navegação pela via de Borneo, a  
 principal causa de ho mãdar era mã  
 dar pedir socorro q̄ ele ja tinha mã  
 dado pedir por Manuel lobo: e q̄n  
 do aquele nauio chegasse a Balaca  
 ja lá auita de ser sabido ho seu reca  
 do, e quando vissem que sobre tão  
 apertado da guerra dos Castelha  
 nos como ele mandaua dizer q̄ esta  
 na / e tão necessitado de gente e mu  
 nições pera a guerra, e que sobrisso  
 ya a aquele nauio pareceria q̄ ho pri  
 meyro recado fora zombaria, e que  
 não auita necessidade de gente nẽ de  
 munções / por que se a ouuera não  
 se poder a mandar aq̄le nauio: e a  
 fora isso os q̄ fossem nele auião de  
 dizer como a nao dos Castelhanos  
 se fora ao fundo / e que os Castelha  
 nos erã o menos / e as treguas que  
 tinhão assentadas o que tudo seria  
 causa de lhe não mãdar ir ho socorro  
 que esperaua / ou selho mandassem  
 não seria tão bõ como fora nã indo  
 ho nauio / pelo que ho não deuia de  
 mandar / mas de xalo estar e man

dar concertar outro que estava va  
 rado / e depois de aparelhado lho  
 desse por que ele iria nele esperar os  
 Castelhanos ao caminho / e impi  
 dir lhes que não mandassem pedir  
 socorro a noua espanha como se de  
 zia que querião mãdar pedir: e por  
 fazer seruçõ a el Rey queria leuar  
 cem bahares de crauo que tinha de  
 partes / e os venderia ao feytoz pe  
 ra el Rey. E por que logo dõ Jorge  
 não quis conceder isso, lhe fez hum  
 requerimento em que fazia grãdes  
 protestações que sobreuindo algũa  
 perda a el Rey por ele dõ Jorge não  
 querer fazer o que lhe requeria car  
 regasse tudo sobrele. Este requeri  
 mento foy publicado a dom Jorge  
 aos quinze dias de Junho / que pa  
 recendolhe boas as rezões de dom  
 Garcia / respõdeo que queria fazer  
 o q̄ lhe requeria: e pozem q̄ se disse a  
 fortaleza / ou os Portugueses rece  
 bessem algũ dãno ou perda que car  
 regasse sobrele dom Garcia, e assi  
 cessou de mandar ho nauio. E porẽ  
 dõ Garcia ficou muyto descontere  
 de dõ Jorge por assi apertar coe q̄  
 fosse pela via de Borneo / e arrepe  
 deose de lhe dar cem bahares de crauo  
 de q̄ lhe tinha dada palaura dõ lhos  
 mãdar dar e Balaca: e a causa foy  
 que pedindolhos dõ Jorge empre  
 tados respondeo ele que aueria seu  
 conselho. E dando cõta disso a seus  
 amigos q̄ esperauão de se ir coe /  
 conselharanlhe q̄ lhe desse de graça  
 os cem bahares de crauo / e que não  
 quisesse dele outra paga se não hum  
 nauio em que se fosse, e licença pera  
 se irẽ coe ate vinte homens de sua  
 obrigação. E dõ Garcia ho fez assi

fazendo hũa doação a dom Jorge dos cẽ bares de crayo, e hũa procuração pera os mandar arrecadar em Malaca / e dom Jorge lhe prometeo ho nauio e mais a licença pera os homẽs / e quando dõ Garcia vio que apertara tãto coele q̃ fosse pela via dõ Borneo, sentioho tãto q̃ desconfiou de dom Jorge compzir ho quelbe prometera / e começou deter mã sospeita dele.

**C**apit. lv. De como dom Jorge de menses mãdou recado ao capitã de Malaca pola via de Borneo.



isto que dõ Jorge por amor do requirimento de dõ Garcia / desistio de mãdar ho nauio que disse, tinha tã assentado de mandar a Malaca pela via de Borneo pera se saber bẽ aquela nauegação / que determinou de mãdar hũa coracora, por ser nauio de que auia na terra grande abastãça, e não auia de fazer mingoa na fortaleza. E porq̃a viajẽ lhe impoztaua muyto, não a confiou doutrẽ senão dũ Vasco lourenço / q̃ afozer muyto efforçado e sesudo era seu tio / pelo que tinha nele muyta confiança: e deulhe pera sua cõpanhia hũ Diogo cão, e outro chamado Sõ çalo veloso, e outros dous e por piloto hũ Castelbano / e hũ Malayo que forão coele de Malaca, e tinham algũ conbecimento da quele caminho. E pedido a Cachil daroes a melhor coracora das que tinha os mãdou nelã / e deu a Vasc

co lourenço cartas pera ho capitã de Malaca, screuendo lhe a guerra em que ficaua e a necessidade q̃ tinha / pedindolhe muyto q̃ ho socorresse / e quelbe mandasse hũ maço dõ cartas ao governador da India / e tãbẽ lhe deu roupa e outras peças boas pera dar a el rey de Borneo, e assi outros reys / e dõ Garcia, e Cachil daroes tãbẽ derão secretamẽte cartas a Diogo cão, q̃ screuião ao gouernador da India contra dom Jorge / e ele as tomou por dõ Jorge ho mãdar contra sua vontade, e mandaua tãbẽ dõ Garcia hũa renunciação da doação / e procuração, que tinha dadas a dõ Jorge dos cẽ bares de crayo / q̃ dõ Jorge mãdaua arrecadar em Malaca por Vasco lourenço: que partido de Ternate foy surgir na cidade de Borneo, leuãdo no caminho muyto trabalho, e hãchou hũ caualeiro chamado Alfonso pirez que ya pera Maluco por capitão dũn jungo, a q̃ deu conta de como ficaua dom Jorge / e este Alfonso pirez era muyto conbecido dõ rey dõ Borneo / e por isso foy com Vasco lourenço quando lhe foy falar quelbe deu ho recado dõ dom Jorge, como mãdaua por aquele caminho a Malaca, pera a amizade q̃ tinha coele fosse em crescimento / e os Portugueses conuerfallssem / e teuesẽ traço em sua terra / e coeste recado lhe deu de p̃sente hũ pano dar mar de ras muyto rico / em que estava assegurado ho casamento del rey Dingraterra cõ a tia do Emperador / e el rey tirado pelo natural cõ suas vestiduras reays. E quando el rey

de Bozneo vio aquelas figuras, pre-  
guntou que querião dizer, e Vasco  
loureço lho disse. E sabêdo el rey  
que aquele que tinha a coroa era rey  
coroado, sospeitou que os Portu-  
gueses com engano lhe querião me-  
ter a quele pano em casa, pera q̄ de  
noyte por feyticia aquela figura  
de rey se tornasse homê, e assi as ou-  
tras figuras q̄ estauão coele, e ho  
auia com ajuda deles de matar ou  
prender e tomar lhe ho reyno, pelo  
que ficou muy tozoado, e disse a  
Vasco loureço que lhe tirasse logo  
ho pano de diante, que não queria  
que em seu reyno ouuesse outro rey  
se não ele, e que se fosse logo com os  
outros Portugueses se não que os  
castigaria como a homês q̄ lhe que-  
rião fazer treição. E ele e os outros  
se virão em perigo, se não fora por  
Alfonso pirez, e algũs mouros mer-  
cadores que os desculparão dizen-  
do a verdade a el rey e ho abrande-  
rão muyto da furia que tinha, e po-  
rem não quis ho pano nem que fi-  
casse na terra. E detêdo-se aqui Vas-  
co loureço, determinou Alfonso  
pirez de não ir a Maluco, e tornarse  
a Malaca, ou por se deter aqui ma-  
is tempo do que ouuera de ser, ou  
por amor da guerra q̄ auia em Ma-  
luco com que não podia fazer fazê-  
da, e sabendo Vasco loureço como  
se tornaua foy se coele por ir em me-  
lhor embarcação que na coracora q̄  
dali se tornou pera Maluco ôde che-  
gou cõ muyto perigo, e ho capitão  
côrou a dõ Jorgeo que passara.

**C**apit. lvi. De como dõ Jorge de  
menezes mandou prêder dõ Bar-  
cia anriquez.



**D**e tempo que esta  
cora cora chegou  
começaua el rey de  
Bellido de fazer  
guerra a dõ Jorge  
porque não êtraua  
nas treguas dantre el rey de Lido-  
re, e fazia algũas corridas por mar  
a Ternate, e Cachilbaroes as fa-  
zia també a Bellido, e fazia-se algũ  
dãno de parte a parte. E estãdo assi  
a cousa, faleceo Barti binbeguez  
capitão dos Castelhanos, e eles fi-  
zerão outro q̄ se chamaua Fernão  
dela torre. E sabido por dõ Jorge  
mandou ho visitar, e perguntar lhe  
se queria goardar as treguas que  
estauão assentadas antrele e Bar-  
tim binbeguez, e Fernão dela torre  
não quis, e tornou-se a guerra a re-  
nouar. E porque Fernão dela torre  
não tinha nãua vela de remo se não  
as da terra mãdou fazer hũa galeota  
pera que pelejasse nela cõ os Por-  
tugueses, e como dõ Jorge ho sou-  
be mandou fazer outra com muyta  
pressa, pera o que mandou apenar  
quantos carpinteiros e calafates  
auia na terra, posto que andassem e  
outras obras, pera o que mandou  
tomar muytos que fazião hũ júgo  
de dom Garcia, porque importaua  
muyto acabar-se a galeota cedo, por  
ele não ter outro nauio de remo em  
que pelejasse com a galeota q̄ fazião  
os Castelhanos. E vendo hũ cleri-  
go chamado Fernão vaz tomar os  
carpinteiros que trabalhãno no  
jungo, assi por ter parte nele como  
por ser amigo de dõ Garcia se foy  
logo a sua casa, dizêdo que pesar de  
tal como lhe auia dom Jorge de ti.

rar os officiaes da sua obra / e que  
 bo não fazia se não polo não ter em  
 conta / e coisto outras palauras d  
 padre mais caualeiro, q religiofo /  
 cõ q ho prouocou a ter menencioza  
 de lbe dom Jorge tomar os carpim  
 teiros / sem lbe lembrar q era pera  
 ser uiço del rey, e coesta furia se foy  
 a ribeira / onde dom Jorge andaua  
 fazendo trabalhar na galeota / e se  
 lbe queixou do q tinba feyto / e do  
 Jorge respondeo q não se podia fa-  
 zer menos, por cõpir assi a seruiço  
 del rey. E por do Garcia insistir  
 que lhos não ouuera o tomar, e do  
 Jorge querer foster q fizera bẽ, vie-  
 rão a taes palauras / que do Jor-  
 ge chamou sandeu a do Garcia e q  
 ho castigaria muy bem / e do Gar-  
 cia lbe disse que dististisse da capita-  
 nta, e q lbe faria conbecer q era me-  
 lhor fidalgo e caualeiro que ele / e  
 nisto apunhou da espada / e passa-  
 rão outras palauras mais feas, e  
 acodindo gente de hũa parte e dou-  
 tra, se foy do Garcia pera sua pou-  
 sada acõpanhado desses q erão de  
 sua valia, que lbe louuauão muyto  
 bo q dissera a dom Jorge / e os q ñ  
 carão cõ dom Jorge, lbe disserão q  
 não denia d passar por tamanha de-  
 sobediencia / e q denia logo de pre-  
 der do Garcia, e bo que mais atica-  
 ua isto era Manuel falcã, por qrer  
 grande mal a ambos, e desejar de  
 os ver em discordia: e a garrocha-  
 do do Jorge destes conselhos / mã-  
 dou a Eboina nunez da fonsca seu  
 ouuidor / que fosse tomar a menajẽ  
 a do Garcia / bo troue esse preso a  
 fortaleza, ao q os que estauão coele  
 que erão muytos acodirão, dizẽdo

a dom Garcia q não era bẽ de se arse  
 prender / e que eles ho ajudarião /  
 e do Garcia não quis dar a mena-  
 jem ao ouuidor, e disse lbe que nã ti-  
 nha alçada sobrele nẽ elrey lha da-  
 uã / que tirasse de uassa dele / e a mã-  
 dalle ao governador da India: e la-  
 bendo isto dom Jorge, mandou re-  
 picar ho sino da fortaleza / a que se  
 jũtu a gente, e do Jorge lbe disse  
 como do Garcia lbe desobedecia,  
 pelo q determinaua de ho prender,  
 e todos disserão que fizesse bo que  
 lbe bẽ parecesse, e que eles ho ajuda-  
 rião como a capitã del rey de Por-  
 tugal: e logo do Jorge mandou a  
 Simão de vera alcaide mór, que cõ  
 hũ scriuão da feytozia fosse tomar  
 a menajem a do Garcia da sua par-  
 te, que se fosse pera a fortaleza preso  
 e disesse aos q estauão com do Gar-  
 cia que se fossem parele atẽ q fosse  
 lá / e qdo chegou a sua casa / achou  
 que se ajũtauão muytos coele, hũs  
 por terem seu crãuo feyto e se qre-  
 remir coele / outros por q tambem  
 se querião ir, por amor da guerra q  
 estaua trauada de que se enfadauã,  
 e quãdo estes ouuirão bo que lbes  
 dom Jorge mandaua dizer de sua  
 ida lá, disserão que fosse emboza, q  
 eles ho triã receber ao caminho cõ  
 lançadas / e este atreuímento tinbã  
 por saberẽ que passará sem castigo  
 aqueles que favorecẽ a ajudarã  
 Antonio de Brito não sendo capi-  
 tã / contra do Garcia que ho era /  
 e do Garcia respondeo ao alcaide  
 mór bo que os d sua valia lbe  
 louuauão muyto / e era ho aluoro-  
 ço muyto grande neles, o q sabido



por dom Jorge mandou apotar algũas peças de artelbaria nas casas de dom Garcia pera as derribar/ mas primeyro tornou a mandar lá ho alcaide mór com ho melino reca do que dantes/ e coe hũ Tristão vieira: a q̄ rogou por ser amigo de dom Garcia que lhe conselhasse que se fosse pera a fortaleza. E ele ho fez assi, pregütandolhe primeyro se de terminaua de se defender de dõ Jorge. Ao que dom Garcia respondeo, que como se auia de defender sendo ele capitão del Rey de Portugal: e então lhe disserão Tristão vieira e ho alcaide mór/ que pois assi era q̄ lhe pedião que fizesse o que dõ Jorge mandaua: que os q̄ ali estauão lhe contrariarão/ e ele disse q̄ não er a tempo/ porque se ho fizesse da ria causa a auer muytos mortos e feridos/ pelo que os Castelhanos ficarão senhores da terra. E dizẽ do isto foyse só á fortaleza pera ver se podia apacificar dom Jorge, a q̄ disse. Ex me aqui que me quereis q̄ me quereis: e el lhe pediu a menagem que dom Garcia lhe deu despo is de muytos debates porq̄ lha nã queria dar. E tomada pelo ouuidoz e feyto disso hũ auto/ ho mandou pera hũas casas em q̄ Antonio de Brito poufara, e mãdou logo tirar deuailla dele.

Capit. lvij. De como dom Jorge soltou dom Garcia e tornarão a ser amigos.



Anto que dom Garcia foy preso/ como Tachil daroes era grãde seu amigo/ tra balhou muyto com

dom Jorge q̄ ho soltasse e andolhe pera isso muytas rezões/ mas dom Jorge nunca quis/ dizendo que ho auia de ter preso. e que assi ho auia de mãdar ao governador da India pelo que Tachil daroes ficou muy desgostoso de dom Jorge/ e se lhe acrecentou ho odio que lhe começa ua deter polo não ter tanto de sua mão como cuydaua que ho tenesse. E tambem Baltazar rodriguez feytoz e outros homẽs hõrrados tra balbauão com dom Jorge q̄ soltasse dom Garcia/ e que se lembrasse que era hũ bõ fidalgo, e q̄ fora capitão daquela fortaleza, e ho recebera cõ muyta festa e prazer/ e lhe fizera muytos offrecimentos: mas toda uia dom Jorge ho não quis soltar/ dizendo que ele e creueria a el Rey porque ho tinha preso. E com toda esta brigã mandou neste tempo Tachil daroes com algũs Portugue ses correr per mar a Seilolo, e quei marão hũ lugar e sem receberẽ dãno se tornarão pera Ternate: e auẽdo dezoyto dias que dom Garcia estaua preso, e sabendo que dõ Jorge ho não queria soltar, e dizia que ho auia de mandar preso ao gouernador agastou se muyto, e teue conselho com os de sua valia sobre o q̄ faria: e eles lhe conselharão que de uia de requerer a dom Jorge q̄ ho soltasse que ja de uia de estar satisfeyto de algũa paizão que dele tenera/ e quando ho não quisesse soltar lhe mandasse dizer que ho prendesse em ferros, porque ou auia de ser bem preso ou bem solto: e se ho não quisesse prender em ferros que auia a menagem por aleuantada/ e se auia

dir pera sua casa e fazer o que lhe bẽ viesse. E dom Jorge por bo seu caso nã ser pera bo prender em ferros nã ho auia de prender, e por se nã soltar per si sem sua licença ho auia de soltar: pozem aconteeo doutra maneyra / porq̃ ouuindo dõ Jorge bo recado de dom Garcia que lhe leuou ho alcayde mór, lhe mandou dizer polo feytoz que ho nã auia de soltar / e que lhe pedia que quisesse antes estar sobre sua menagem que em ferros. E nã querendo dõ Garcia, aconselharão a dom Jorge que pois assi queria que ho prẽdesse em ferros, e ele se foy ás casas onde dõ Garcia estaua / e dahi ho leuou aa fortaleza e com hũs grilhões ho mandou meter na torre da menagẽ onde esteve oyto dias. E que vendo os de sua valia que seria de coẽza ate cincoẽta homẽs, determinarão de ho tirar da fortaleza, dando diso conta a Cachil baroes pera que os fauorecesse como fauorecia: mas eles nã poderão por na fortaleza auer grande goarda e vigia de noyte e de dia. E vêdo que nã podião fazer o q̃ de se auão / determinarão de se ir pera hũ lugar forte dõnde mandassem requerer a dom Jorge que soltasse dom Garcia / e quando nã quisesse q̃ se fossem pera os Castelhanos, e que os prouocarião a fazerẽ guerra a dom Jorge / dizẽdo lhes quãopouco poder tinha pera se defender, e prĩmeyro q̃ ho posessem por obia vsarão de manha / descobrido ho a Fernão baldaya e escripturaõ da feytoria, porque como era amigo de dõ Jorge ho diria logo: e dom Jorge por se eles nã irem pe

ra os Castelhanos soltaria dõ Garcia. Isto foy descuberto a Fernão baldaya por hũ Castelhana desta lga q̃ auia nome Frãscisco do sonto que era seu amigo, e porque sabia q̃ ho era de dom Jorge lhe descobria aquele negocio. E sabido isto por dom Jorge quisera logo prẽder os principais daquela conjuraçãõ, e assi ho disse a Fernão baldaya e a Sinão de vera alcayde mór, a que pelou diso por serem seus amigos e naturais do porto dõde eles erão e por isso disserão a dom Jorge que lhe auia de ser muyto trabalhoso goardar tantos homẽs quatro ou cinco meses q̃ auia dali aa mouçãõ de Balaca, e que temia que lhe fugissem, e que estes auião de soltar dõ Garcia despois que estuessem presos / e soltos poderião fazer hũ maõ recado: que ho melhoz feria soltar dõ Garcia e tirar se de perigos / e mais nã sendo a causa de sua prisão tão obrigatoria: e sobristo lhe derão outras muytas rezões pera ho soltar que a dõ Jorge parecerão bem. E cõ outros pareceres como estes / mandou soltar dom Garcia com condiçãõ que nã fosse cõtrele e ho ajudasse cõtra os Castelhanos e que ele romperia a deuassa que tinha tirada dele: e tudo isto lhe prometeo dom Garcia, e lhe deu sua fẽ de ho fazer assi, e despois forão grãdes amigos e se conuerfauão como que nũca ouuera antreles nãua discordia.

Capit. lviij. De como os da parte dõ Garcia trabalhauão por auer imzade antrele e dõ Jorge.



Esta amizade e conuerſação de dō Jorge e dō Garcia pela ua muyto aos de ſua valia / por que como erão os mais que eſtaão na fortaleza e os mais luzidos dela / e vião a grande neceſſidade que dō Jorge tinha de gente por amor da guerra temiaſe de dom Jorge não querer q̄ ſe foſſem / e dauão por muyto certo dom Garcia não lhos pedir ſe continuaffe coele a amizade q̄ começauão. que bẽ vião que não era rezão que dom Garcia os pediffe em tal tempo / mas ho deſejo de irẽ lograr a fazenda que tinbão / e ho intereſſe do que ganhanão em ſe ir não lhes deixaua vlar do que entẽdião. E como vião que pera ſe trem não auia melhor remedio que diſcordia entre dom Jorge e dom Garcia traba lhaũão quãto podião pola ſemear / e dizião aos amigos de dō Jorge que não ſe deuia de fiar tanto de dō Garcia que não era tamanho ſeu amigo como lhe daua a entender / e tudo erão diſſimulações ate auer licença pera leuar os que queria / e quãdo lha não deſſe que os auia de leuar por força / e a dom Garcia dizião que viſſe bem como ſe confiãua em dom Jorge que não era ſeu amigo como moſtraua / nẽ auia de com prir coele de lhe dar ho nauio pera ſe ir / nem a licença pera os homẽs como lhe prometera / e que ſe auia de ſeufar cõ a guerra que tinba / porẽm q̄ a verdade era pera ſe vingar deles por q̄ forão da ſua parte / por iſſo que tomãſſe coele conculam na quele negocio / e não eſperãſſe pola

partida quando não teueſſe tempo pera fazer nada / e tantas vezes diſlerão iſto a dō Garcia que quaſi ho creio / e por iſſo eſtando bũ dia com dō Jorge a porta da fortaleza lhe pediu que lhe acabãſſe de dar ho nauio que lhe prometera pera ſe ir / e licença pera os que forão em ajuda de ſua ſoltura / ao que dō Jorge reſpondeo que ainda era muyto cedo pera falar na que negocio / que q̄ndo foſſe tempo ele feria ſer uido como mãdaſſe. Do q̄ dom Garcia foy cõtente / e falou em outra couſa do q̄ os de ſua valia ficarão muyto deſcontentes / por que lhes pareceo que dom Jorge dizia aquilo por tẽporizar / e aſſi ho diſſerão a dom Garcia / e que não ſe moſtraſſe tão froxo na quele caſo / nem que ſe eſtaſſe aa diſpoſição de dom Jorge / nem ſe lhe ganhaſſe como moſtrara quando lhe falara / q̄ ſe quiſeſſe andar acompanhado que eles ho acompanhãrião / por que vendo ho dom Jorge andar acompanhado ho temeria / e faria quanto quiſeſſe. E que a dom Garcia pareceo bem / e dali por dĩa te andou acompanhado e todos cõ ſuas eſpadas / e como dō Jorge era ſeu amigo não atẽtaua naquilo / nẽ em muytas ſobrançarias que lhe fazião os de dom Garcia / a q̄ aquilo pareceo muyto mal / e parecia lhos que dom Jorge diſſimulaua / pera quando foſſe ao tempo da partida os não deixar ir / e vingar ſe deles deſpois de ido dom Garcia / e por iſſo aſſentãrão de os não deixarem eſtar em paz / e ſemear em antreles tal diſcordia que nunca eſteueſſe bem / por que doutra maneyra não

se poderião ir daq̃la terra / e dizião  
 a dom Jorge que dom Garcia daua  
 muytos auisos aos Castelhanos e  
 aos mouros de quãto se ordenaua  
 na fortaleza conreales, e trabalhaua  
 quanto podia porque os de Ter  
 nate lhe tauessẽ odio / e lhe fizessẽ  
 guerra: e pera os pronocar a isso  
 lhes mandaua deitar peçonba nos  
 poços de que bibião / e mãdaua de  
 noyte aos de sua valia que lhes en  
 trassem nas casas e lhes dormissem  
 com as molheres e com as filhas /  
 e como fabião a lingua da terra di  
 ziaõbe por ela que dom Jorge lho  
 mandaua fazer. E porque isto assi  
 passaua / e os de dom Garcia bofa  
 zião / viãse os mouros tão perse  
 guidos que muytos se yão da cida  
 de a mozar a outra parte: e dizião  
 mais a dom Jorge que nhũa consa  
 dõ Garcia defejaua tanto como ma  
 talo / e destruylo quando bo não po  
 desse matar: e pera mais auerigoa  
 rem suas mêtiras e fallos tesseinu  
 nbos, e meterem odio antre os da  
 terra e dom Jorge. e bo homiziarẽ  
 com el rey de Bachão grande ami  
 go dos Portugueses que aste tempo  
 estaua em Lerate com obra de ou  
 zentos homẽs saltarãõ hũa noyte  
 no seu arrayal hũ Tristão vieira /  
 Afonso gẽtil / Ruys diaz / e outros  
 da parte de dom Garcia e matarãõ  
 quatro ou cinco Bachões e ferirãõ  
 muytos / porque como estauãõ em  
 terra damigos não se temião de na  
 da, e os Portugueses fizerãõ a seu  
 saluo o que querião e feyto recolbe  
 ranse. E ao outro dia indo el rey de  
 Bachão fazer queixume daquilo a  
 dom Jorge / Tristão vieira e os ou

tros q̃ bo fizerãõ bo estauãõ esperã  
 do sobre acordo: e sabendo dele ao q̃  
 ya disserãbe que não fosse porque  
 dom Jorge lho mandara fazer / por  
 isso q̃ não tinba remedio pera se lhe  
 fazer justiça. E pera q̃ el rey creesse  
 que era assi / disserãbe que a causa  
 porque dom Jorge lhe mandara fa  
 zer aquela offensa fora por vingança  
 dos Portugueses que matarãõ  
 em sua terra a dom Tristão seu ir  
 mãõ quando lá fora / e dos sungos  
 e crauo que lhe tomara como atras  
 fica dito. E el rey o creio, e dali por  
 diante não quis ir á fortaleza / e es  
 teue pera se leuantar e fazer leuãtar  
 a terra: mas quis Deos que foy dõ  
 Jorge sabedor disso e da causa por  
 que bo queria fazer / e deulhemuy  
 tas desculpas / e mandou tirar de  
 uassa sobzisso em que se acharãõ cul  
 pados Tristão vieira e os outros  
 que bo fizerãõ / que sendo auisados  
 fugirãõ pera bo mato onde os não  
 poderãõ tomar, pelo que dõ Jorge  
 os não castigou e deu conta do que  
 passaua a el rey de Bachão pelo q̃  
 perdeo a sospẽta que tinba de dom  
 Jorge e tornou a sua amizade co  
 mo dantes.

¶ Capit. lix. De como dõ Garcia  
 prende dom Jorge em ferros, e  
 a causa por que.



Soutros da parte de dõ  
 Garcia como virãõ que  
 se achara culpados Tri  
 stão vieira / Afonso gẽtil  
 e Ruys diaz, pera indinare dom  
 Jorge contra dom Garcia e sua dis  
 cordia auer effeyto: disserãbe que

bem via ho perigo em que aqueles  
homens ho quiserão poer, e que não  
ho fizerao se não por mandado de  
dom Garcia: e pera ver se era assi q̃  
visse quão pouco caso dom Garcia  
fizera disso sendo tamanho seu ami-  
go, e que ele os fizera fugir e os fa-  
vorecia. E parecendo a dom Jorge  
q̃ aquilo seria assi, pera escular pa-  
rões e desgostos, e tambem por ser  
perto do tempo da partida de dom  
Garcia que era em Nouembro / de-  
terminou de ho mandar pera Talá-  
game donde auia de partir / e que  
hi estaria ate que partisse / do q̃ deu  
conta a Baltezar rodriguez feytoz /  
e ao alcaide mór Simão de vera e  
a Fernão baldaya q̃ tinha por ami-  
gos / que por ho serem mais de dō  
Garcia / ou por lhes parecer assi ti-  
rarão dom Jorge daquele proposi-  
to / dizendo que seria dar causa a ou-  
tras iniuzades e odios, pelo que dō  
Jorge se mudou daq̃la determina-  
ção. E vendo seus inimigos q̃ nhũa  
couxa daquelas ho aluoroçaua nem  
mouia pera quebrar cō dō Garcia /  
começarão de deitar fama que dō  
Jorge mandaua matar dō Garcia:  
e rugindose isto assi / hũ negro que  
se chamaua Abiguel nunez que dō  
Jorge leuara da India, e em q̃ con-  
fiança por ser homem esforçado des-  
cobrio em muyto segredo ao feytoz  
que dom Jorge lhe tinha mandado  
que matasse a dom Garcia / e por  
lhe parecer que não era bem que ho  
fizesse / se queria lançar cō os Cas-  
telhanos. E parecendo isto hũa cou-  
sa muy grande ao feytoz quisera que  
Abiguel nunez ho dissera a dō Gar-  
cia / mas ele não quis dizêdo q̃ auia

medo de dom Jorge: e pozem que  
dō Garcia podia estar seguro que  
ele ho não mataste, mas que dou-  
trem ho não seguraua: e ho feytoz  
fez com Abiguel nunez q̃ não se fo-  
se pera os Castelhanos nẽ pera ou-  
tra parte / e que dom Garcia ho le-  
uaria pa a India e assi ficou. E cuy-  
dando ho feytoz bem naquele nego-  
cio não lhe daua muyto credito, al-  
si por lhe parecer que dō Jorge não  
cometeria hũa couxa tão fea, como  
por saber os mexericos e embozi-  
lhadas que auia naquela terra an-  
tre os capitães, e por outra parte  
parecia lhe que podia ser verdade /  
por que nos homens tudoha, e que  
se matassem dom Garcia que ele te-  
ria que dar conta a Deos pois ho  
não auisara, e por este respeito de-  
terminou de lhe descobrir o que lhe  
Abiguel nunez dissera, tomandolhe  
primeyro juramêto de não somete  
dizer em nhũ tempo q̃ ele lho disse-  
ra, mas nem dar disso cōta a pessoa  
algũa e ho ter em muyto segredo.  
Ouuido isto por dom Garcia, assen-  
tou que era verdade / e que dō Jor-  
ge o queria mandar matar: e despo-  
is de agradecer muyto ao feytoz  
tão bõ auisso, disse lhe que não podia  
deixar de dar conta daquele caso a  
algũs seus amigos / pera que teuel  
sem cuydado de ho goardar, pozem  
que lho diria com juramêto: o que  
pareceo bem ao feytoz, e pedi lhe  
muyto que lhe não lembrasse aqui-  
lo mais, nem teuesse nhũ escandalo  
de dom Jorge, que bem poderia ser  
que estaria muyto innocente / mas  
dom Garcia não ho fez assi / e logo  
deu conta disso a Manuel falcão /

Manuel botelho, Diogo da rocha, Francisco pirez, e outros q̄ tinha por amigos e em que confioua, que lhe conselharão que matasse logo a dom Jorge. E differerãse pera ho fazerem Manuel botelho e Francisco pirez. E Manuel falcão não foy deste parecer, dizendo que era forte cousa matar hum capitão de hũa fortaleza, que melhor seria prẽdelo e tirar de uassã de suas culpas, porque alem das que tinha lhe poeriaõ tantas que nunca se desembaraçasse delas, e mais sendo eles te remunhas, e com a deuassã ho mãdasse dom Garcia preso aa India, e que ficasse por capitão daquela fortalez, como ho ele era dantes. O qual conselho pareceo bem a dom Garcia, sómente tornar ele a ser capitão, porque sabia quão trabalhoia e perigosa cousa era selo daquela fortaleza, em que assentou consigo de deixar por capitão a Manuel falcão, e isto não q̄ lho disse se ate auer effeito, e assentado nisto disse ho dom Garcia a el rey de Barchão e a Cachil varoes, pedindo lhes que ho favorecessem. E eles lho prometerão e muyto alegres por auer tamanba discórdia antre os Portugueses, porque por veradeyro erão seus inimigos, e não lhes mostrauão amizade se não cõ necessidade, o que eles sempre desejauão que teuissem deles. E neste tempo mandou dom Jorge a Cachil varoes que fosse darmada aa ilha de Maquiem, com quem forão muytos dos que erão da parte de dom Jorge, e dom Garcia fez que ficassem os da sua pera fazer

o que determinaua. E vendo que era tempo ho pos em obra, e logo Francisco de crasto grande amigo de dom Garcia convidou Simão de vera alcaide de môr e outros pera lhes dar hũa banquete no Tolo loco hum lugar hũa légua da fortaleza, porque se temia dom Garcia que estando estes na fortaleza não lhe deixarião prender dô Jorge sem baralba. E aceitado ho banquete pelo alcaide de môr e pelos outros que auião de ir coele, e ao outro dia que era domingo leuou os Francisco de crasto ao lugar onde auia de ser: e como dom Garcia soube que dom Jorge acabara de jantar, mandou a Manuel falcão, e a Diogo da rocha, que se fossem parele e fizessem que jugasse coeles as tauolas, porque occupado no jogo não entendesse o que lhe querião fazer. E assentados a jugar forãse logo aa fortaleza Manuel botelho, Tristão vieira e Alfonso gentil que ja erão perdoados do que fizeraõ a el rey de Barchão, e assi hum Francisco pirez, João defigueiredo, Andres de palacios, Francisco do souto e outros todos da quadrilha de dom Garcia, e estes yão ja repartidos hũs pera fecharem as portas da fortaleza e as goardarem, e outros pera leuarem algũs criados de dom Jorge a folgar fora da fortaleza, e os que não podessem leuar fora, que com cada hum se pofessem tres dos conjurados pera os terem e tolberem que não acodissem a dom Jorge, e apos estes foy dô Garcia, seria as duas horas de spois de meodia:

z como não se temião de inimigos z era de dia não estaua ali ho porteiro/ pelo q os q tinhão cargo de fecharem a porta tanto que dom Garcia sobio pera a torre da menagem onde dom Jorge estaua/ tomarão as chaves da porta da fortaleza que estauão hi dependuradas z a fecharão z forão se apos dom Garcia/ que despois de recebido de dō Jorge se assentou, z vêdo como dom Jorge estaua com ho sentido no fogo que jugaua se abraçou coze, dizendo. Estay preso: z logo Manuel falcão z outros tres ou qtro ho ajudarão/ z os outros se liarão com dous criados de dom Jorge que não estauão coze mais/ z tuerão os z taparãlbe as bocas que não bradaassem. E dom Jorge que vio a conta como ya / começou de bradar. Treição/ treição: z nisto hū fen paje teue acordo de ir repicar ho sino da vigia. Dom Garcia z os outros que se abraçarão com dom Jorge/ tuerão coze muyto trabalhoso em ho derribarem pera lbe lançarem ferrões: porq como ele de seu natural era muyto forçoso z esforçado/ z a menencoria de se ver assi tratar lbe acrescentaua as forças z esforço. braceiava z pneava z mozdia tão fortemete que quasi ho não podião ter. E se ele estuera solto z com armas / nhū daquelles oufara de ho esperar: z ele bradava/ dizendo. Tredozes mataime/ z não me injurieis. E com tudo como erão muytos derão coze no chão z deitarãlbe hū adoba de quatro elos que dom Garcia pera isso mandara leuar secretamente, z coesta estue

dō Garcia preso quando dō Jorge ho prendeo. E deitada a adoba apanharão em corpo z em alma z derão coze em hū sotão da fortaleza debaixo do chão, o de ainda ho prenderão a hūas camaras de bombardas.

Capitolo. lx. Do que passou dō Garcia despois de ter preso dom Jorge.

**R** Altazar rodriguez raposo feytor z outros Portugueses que poufauão fora da fortaleza, ouuindo repicar ho sino como ho tinhão por causa noua por ser arais bozas acodirão todos com suas armas/ z quando acabarão as portas fechadas cuydando q era treição, hū bradavão por escadas pera sobirem ao muro, outros dizão que quebrassem as portas: z era a reuolta z arroido tamanho que a gente da terra saya a ver o que era. E despois que dom Garcia sayo do sotão em que deitou dom Jorge/ z ouuio repicar ho sino / z ho arroido que fazião os que estauão de fora/ acodio ao muro a lbes falar pera os alesssegar, z disselbes. Senhores não vos altozaceis z alesssegay q a fortaleza be del Rey dō João de Portugal nosso senhor z por sua está z estara/ que todos somos seus vassallos, z deseamos seu seruiço: z porque ho eu muyto desejo/ z ho bem z repouso de todos, fiz o que vos agora direy. Bem sabeis como eu era capitão desta

fortaleza / e a entreguey a dom Jorge de menses por virtude de hũa prouisão do governador da India pera que lha entregasse, o que eu não podia fazer por dom Jorge mandar encorçar hũ homem portugues nas lhas dos Papuas / pera o que não tinha alçada nem poder pois ainda não era capitão, por não ser entregue da capitania / pelo q̄ era obrigado á justiça, e ate não seliurar não podia ter cargo de capitania nẽ doutra couza: e se ho eu soubera não lhe entregara a desta fortaleza e ho mandara preso á India. E não abastou este crime que tinha cometido sendo pessoa privada, se não despois q̄ foy capitão vsou sempre de tiranias, e tẽ destruyda esta terra, e andaua pera me matar: e sabendo eu suas culpas pelo que deuo ao seruiço de Deos e del Rey nosso senhor ho prendi pera ho mandar á India com a deuassa de suas culpas: e não dei cõra disto a todos e geral porq̄ não toruasse tamanho seruiço del Rey / e agora que he feyto volo digo. E peço senhores muyto por merce q̄ mo ajudeis a foster / auendo por bê o que tenho feyto / e ajudandome a guardar esta fortaleza de q̄ me ey por entreguey pera dar conta dela a el Rey nosso senhor ou ao seu governador da India. E nisto chegou ho feytoz Balthesar rodriguez q̄ ya muyto agastado por lhe parecer que foza causa da q̄la revolta / pelo q̄ descobrira a dõ Garcia, e então vio quão mau conselho teuera em lho dizer / e achauasse muyto culpado: e quando vio dom Garcia nã quis esperar q̄ acabasse de falar /

e questando selhe do q̄ tinha feyto a dõ Jorge, dizialhe q̄ outros meos mais honestos podera ter aq̄le negocio que ho de q̄ vsara / de que lhe auia de ser tomada muy estreita conta. E dissimulando cõ o que Balthesar rodriguez dizia por se não poer coele em disputa, pediu lhe por merce q̄ se fosse pera sua casa e oulhasse polo seruiço del Rey como oulhaua a que ele daria conta do por q̄ prẽdara dõ Jorge / pelo que esperaua merce e honrra. E vendo Balthesar rodriguez q̄ naquilo nã auia remedio calousez os outros responderão a dom Garcia q̄ se fizera bê ou mal q̄ ele daria conta disso e forãse / e tam bê Balthesar rodriguez. E em quanto dom Garcia e os outros andauão nisto ficou a torre da menagem só, e sintindo ho hũ criado de dom Jorge chamado Aluaro do cais q̄ estaua doente, e assi o que era feyto a dõ Jorge como homẽ esforçado leu antou se, e metêdoso na torre da menagem fechou as portas de dentro / e posto a hũa janela começou de dizer a grãdes brados. Esta fortaleza he del Rey nosso senhor, e dõ Jorge de menses ho capitão dela em q̄ pesa dom Garcia anriquez. ao q̄ logo acodio dom Garcia, e os q̄ estauão coele e por escadas sobirã as janelas da torre e entrando dentro tomarão Aluaro do cais com q̄ derão dũa janela abaixo bê espancado e arrepelado / e a outro que quisera repicar ho fino fizeram saltar do muro abastõ. E ainda isto não era quasi feyto quando chegou Simão de vera alcaide mór, e os outros amigos de dom Jorge que



forão ao banquete, e sabendo q̄ esta na preso determinarão de ho soltar e todos juntos se forão á porta da fortaleza pera a quebrar: e outros da parte de dom Garcia acodirão pera lho defender, e João escriuão patrão da ribeira, e Lhome fernãdes piloto subirão ao muro polas lanças, e assi outros algũs / e disse rão a dom Garcia que acodisse ao q̄ queria fazer Simão de vera e os outros, e começouse hũa grãde reuolta porque acodio el rey de Sachão com muyta gente: e posto que mostraua que era pera apacificar a ver dade, era pera fauorecer dõ Garcia, que com hũa lâça nas mãos, e hũa adarga no braço requeio a Simão de vera e aos que estauão coele que se fossem / porq̄ aquele feyto não se auia de liurar por força d'armas como eles querião, pois todos erão hũs e vassallos del Rey de Portugal / cujo seruiço não era auentura rēse tantos homens por hũ só, e que sem tanto d'ano como eles querião fazer se apacificaria aquilo. E tam bẽ outros que estauão de fora que não erão por dom Jorge nẽ por dõ Garcia ajudarão a pacificar de modo que Simão de vera e os que estauão coele se forão pera suas casas e dom Garcia ficou por capitão da fortaleza / e assi esteve hũs dias.

**C** Capit. lxi. Do q̄ fizeram os amigos de dõ Jorge despois de sua prisão.



Esta prisão de dõ Jorge correo logo a noua pela terra / de que a gente se espantou muyto. E sabi

da por Cachil varoes em Abaquẽ, esses amigos de dom Jorge q̄ estauão coele ho fizeram logo partir pera Ternate pera ho socorrer e ajudarem. E chegado a Ternate Cachil varoes foy logo ver dom Garcia, de que estaua muyto cõtete por prender dõ Jorge a quem tinha odio e desejava de ho ver fora de capitão. E Simão de vera tão que esta armada chegou / juntou logo os amigos de dõ Jorge que yão nela, e erão por todos corenta homens / e fizeram todos cabeça de Simão de vera, a que derão sua fe de fazer em todo ho possiuel por soltarem dom Jorge, e quando não podessem ir se pa os Castelhanos: e fauoreciaos hũ irmão del rey q̄ auia nome Cachil viaco grande amigo de dõ Jorge e inimigo de Cachil varoes por entender suas tiranias. E praticada do sobre o que auião de fazer, determinarão de impedir hũa deuassa q̄ dom Garcia mandaua tirar de dõ Jorge: porque a fora lhe assacarem grãdes males tirauão por testemunhas seus inimigos, e q̄ forão em sua prisão. E Simão de vera fez sobrisso hũ requerimento a dom Garcia, protestando não ser valiosa tal deuassa: porem dom Garcia não deu ouzou de atirar. E porque Simão de vera insistia que não se tirasse, aluorçarãose os da parte de dom Garcia pera ho matar / e assi ho dizião publicamente e andauão em magotes armados d'armas defensiuas e offensiuas, e como erão muyto mais que os de dom Jorge e tinhamão por sua parte el rey d' Sachão e Cachil varoes adauão a fouteo co

mo senhores do campo. O q̄ vendo Simão de vera z seus companheiros não se teuerão por seguros em Bernate / z disserão a Cachil viaco que se querião ir pera a terra alta onde estarião seguros, z d'alir e quererião sua justiça / z quando lha não quisessem fazer se irião pera os Castelhanos: o que pareceo bem a Cachil viaco, z foyle coeles pera os fazer aponsetar / porque se temeo que ho governador daquela terra os não quisesse receber / z partirão hũa noyte secretamente. E chegados a terra alta não os quisera ho governador receber por não leuarê licença do Cachil varoes: z Cachil viaco lbe disse / q̄ onde ele estava nã era necessaria licença de Cachil varoes, q̄ sintio muyto agalharê Cachil viaco z os Portugueses sã sua licença, z a do Garcia tambem lbe pesou muyto de se trê peralã / porq̄ logo lbe começaram de fazer seus requerimentos, z assi fizeram hũ a Berdo botelho capitão do nauio em q̄ fora dom Jorge de Malaca pera Maluco / em que lbe Simão de vera requeria que se ajuntasse coele pera soltarem ao seu capitão que estava preso: ao que Berdo botelho respondeo q̄ não conbecia outro capitão se não dom Garcia / z que lbe não tornassem mais com tais requerimentos porque era tempo perdido, que ele não conbecia por capitão a do Jorge. E vendo Simão de vera quão pouco lbe aproueitauão seus requerimentos / assentou com os outros que chamassem em sua ajuda el rey de Tidoze z Fernão dela torre / z q̄ se fossem pareles quando não aca-

bassem com dom Garcia q̄ soltasse dom Jorge / z mandarãhes dizer tudo o q̄ passaua acerca da prisão de do Jorge / pedindolhes que os ajudassem z emparassem como pessoas virtuosas z poderosas q̄ erão, z que mandassem requerer a dom Garcia que soltasse dom Jorge / z quando não quisesse q̄ então se irião pareles / porq̄ por nbũ modo auião de ficar com dom Garcia nem com outro capitão. E el rey de Tidoze z Fernão dela torre posto q̄ tinhão guerra com os Portugueses vendo que aqueles não tinhão culpa / z que erão desemparedos / detrimnarão de os fauorecer z ajudar, z assi lbo mandarão dizer / z logo fizeram hũ requerimento a do Garcia que soltasse dom Jorge protestãdo que carregassem sobrele todas as perdas z danos que daquela prisão recresse, assi a el Rey de Portugal como a quaesquer outras pessoas. E quando do Garcia vio aq̄le requerimento ficou muyto embaraçado, porque vio que se do Jorge teuesse de sua parte el rey de Tidoze z os Castelhanos que lbe daria trabalho / z que lbe farião guerra z receon muyto aquela carga. E com tudo respondeo ao requerimento / dando as melhores rezões q̄ pode por onde prendeo dom Jorge: z depois disto rogou a Cachil varoes q̄ fosse a terra alta, z com algũa dissimulação soubesse de Simão de vera z dos que estauão coele se determinauão de se trê pera os Castelhanos porque isto receaua muyto / z os segurasse quãto podesse. O que Cachil varoes fez logo / z chegou

a eles disselhes que não sabia porq̃ se forão da fortaleza / porque dom Garcia não lhes tiraua officios, nê ordenados / nem soldos: antes dese juaa delhos dar dobrados / e lhe pesaua muyto de se irê. Ao que Simão de vera respondeo que não querião nada de dō Garcia sem soltar dom Jorge: e que soubesse certo q̃ se auião dir pera os Castelbanos / e eleitaria conta dos males que succedessem. Estando nestas praticas chegou bũa armada dos Castelbanos que mandaua Fernão dela torre ê fauor de Simão de vera / e dos outros: que por Cachil varoes ali estar fizeram que ya pera os leuar e fizeram mostra de se quererem embarcar. E quando ele vio tanta conserusam, pediu a Simão de vera que não fizesse nada de si ate não ir falar com dom Garcia / de q̃ sabia certo q̃ auia de soltar dō Jorge antes de se partir pera Malaca / e q̃ ele lho faria fazer logo: e Simão de vera disse q̃ por amor dele esperaria, porrem que se dom Garcia não soltaua dom Jorge que logo se auia dir.

**C**apit. lxiij. De como dō Garcia soltou dō Jorge de meneses.



Abendo dom Garcia per Cachil varoes a determinação de Simão de vera e de seus companheiros temeo muito sua ida pa os Castelbanos, porq̃ lhe auião logo de fazer guerra eles e el rey de Lidore / e el rey de Sello lo. Estando a fortaleza de guerra

não se podia partir como queria / e deixala a Manuel falcão / porq̃ succedendo algũ desastre seria sua a culpa / e por isso se mudou do proposito que tinha de leuar dō Jorge preso e deixar por capitão a Manuel falcão, e quis antes soltar dō Jorge e tornar lhe sua capitania / e assi bo mandou dizer a Simão de vera por Cachil varoes / e q̃ se fosse logo pera a fortaleza com os outros. E ele não quis / dizendo que não se auia dir se não despois de dō Jorge solto. E dali por diante se entendeo em bo côcertarê com dō Garcia no q̃ se passarão algũs dias: e por veridadeyro se assentou que dō Garcia soltasse dō Jorge e lhe deixasse sua capitania, e q̃ dom Jorge lhe auia de dar bo nauio de Pero botelho pera sua embarcação, e auia de deixar ir Pero botelho com quantos estauão no nauio / e auia de dar licença pera se irê com dō Garcia todos os q̃ erão da sua parte sem lhes embargar suas fazendas nê fazer nbũ impedimêto pera q̃ não se fossem / e assi se auião de romper todos os requerimentos q̃ erão feytos de parte a parte e de uassas q̃ erã tiradas / e q̃ isto auião de jurar dō Jorge e dō Garcia em solêne juramento. E despois de dō Garcia ido pera Talãgame cõ todos os q̃ auião dir coele, viria Simão de vera e os outros e soltarião dō Jorge: e assi foy feyto, e dom Garcia mandou diante seu fato / e dos que yão coele / e primeyro que se partisse da fortaleza mādou ê cranuar a artelbaria da fortaleza porq̃ lhe nã tirassê coela: e ele ido êtrarão Simão de vera e seus

companheiros e soltarão do Jorge com muyto prazer / mas do Jorge que bo não tinha antes estava muyto sentido de do Garcia pola offensa que lhe fizera / mandou logo ao ouuidor que fizesse autos de tudo o que lhe dom Garcia fizera e assi tirou estormentos de como no tempo que esteuera preso se apoderarão os Castelhanos da ilha de Maquiem por não auer quem lha defendesse / no que el Rey de Portugal recebeu muyta perda por auer nela muyto cravo / e mandou logo fazer hũ requerimento a Pero botelho que se fosse pera a fortaleza porq̃ tinha muyta necessidade do seu nauio por amor da guerra dos Castelhanos, e sobisso tomou a auer outra resuolta que dom Garcia dizia que do Jorge lhetinha dado aq̃le nauio pera a sua embarcação: e ouue muytos requerimētos de parte a parte, e por fim de tudo se foy do Garcia no nauio e Pero botelho coele contra vontade de dom Jorge / que mandou fazer auto de sua desobediencia auendo ho por aleuātado, e assi quātos yão com dom Garcia, e tirou estormentos de comolhes de ra licença por força / e a necessidade em que ficaua de gente: e coestes autos e estormentos / e com cartas pera ho capitão de Malaca, mandou logo a hũ Alente de Alfonso que partio pera Malaca apos do Garcia / e assi mandaua tambẽ pedir socorro de gente.

Capit. liiij. De como os mouros de Zogũ matarão Aluaro o bravo e tomarão hũa gale.



Este año de mil e. ccc. xxvij. estando Jorge cabral por capitão de Malaca, matará os mouros da cidade de Zogũ certos portuguezes sem hũa causa / e Jorge cabral mandou lá a vingar estas mortes a hũ Aluaro de bruto capitão de hũa gale em que leuaria setenta portuguezes que todos coele forão mortos pelos mouros de Zogũ / e tomarão a gale. E anēdo quinze dias que a noua deste dāno era em Malaca chegou hi de Banda Martim correa / a que Jorge cabral por ho ter por bõ canalezro deu a capitania mór de hũa armada que mandou a Zogũ a vingar aquelas offensas / e por não saber particularmēte como Martim correa as vingou diago em soma que queymou Zogũ matando primeyro muytos mouros / e tomado a tomar a gale que tomarão a Aluaro de bruto se tornou a Malaca / e por ele soube Jorge cabral como a sua partida de Maluco ainda lá não era dom Jorge de menses, e a necessidade grandissima de gente e de mantimentos em que ficaua do Garcia árriquez por amor da guerra q̃ tinha cõ os mouros e cõ os Castelhanos q̃ ficauão em Tidoze. O que sabido por Jorge cabral fez logo prestes ho socorro que partio na estrada do Janeyro seguiu hũ fidalgo chamado Bõ çalo gomez dazeuedo q̃ foy por capitão mór de hũa armada de dous nauios de gauea, e hũ bargãti e hũ jũgo em q̃ forão cẽ portuguezes e muytas munições, e dous mil cruzados de roupa.

**C**apit. lxxij. Do q̄ fez Lopo vaz de lam Payo depois que foy julgado por governador.



O governador Lopo vaz de lam Payo que ficou e Cochib depois de partidas as naos da carrega pera Portugal, despachou dom João deça que fosse tomar posse da sua capitania da fortaleza de Cananoz: e por que tinha por certeza que auia muytos paraos de Malabares de Calicut por toda aquela costa q̄ fazião muyto mal aos amigos dos Portugueses, rogou a dom João deça que aquele pedaço de verão q̄ auia ate ho inuerno goardasse aquela costa com hũa armada que lhe daria: do que ele foy contente por servir el Rey, e ho governador lhe deu hũa galé em que andasse e dezaseys catires e bargantis que ho acompanhasssem / a cujos capitães não soube os nomes. E partido dom João deça a goardar a costa do Malabar / entendeu ho governador em mandar fazer a fortaleza a çunda q̄ sabia q̄ não era feyta por Francisco de sã não poder mais: e por esta fortaleza importar muyto ao seruiço del Rey de Portugal / porque defenderia aos Castellbanos que não fossem lá se quisessem ir buscar pimenta desejava ele de se fazer, e pera isso escolheu a Martim Afonso de melo iusarte que era seu parente e ho conbecia por esforçado: e quando o comercio coeste cargo ele ho não quis aceitar, dizendo que Francis-

co de sã aueria por iniuria querer outrem fazer o que ele não fizera / e por isso não auia daceitar tal cargo. E ho governador lhe disse que as cousas do seruiço del Rey / nã auia ninguem dauer por injuria fazelas outrem se ele as não pode fazer / e q̄ el Rey não era obrigado a goardar essas prebeminencias a ninguem, se não seruisse de quem fosse sua vontade pois todos erão seus vassallos / e que ja se seruira de Francisco de sã e então se seruira de ele. E com tudo Martim afonso não quis aceitar a quella capitania / nã a aceitara se ho governador lhe não fizera sobzisso grandes requerimentos / e ainda então a acitou com dizer que faria o que lhe Francisco de sã mandasse se ho achasse em Malaca. Aceitada esta ida por Martim afonso, por ho governador e ele se temerem que sabendo a gente onde ya não auia de querer ir pelo q̄ lá acontecera a Francisco de sã, deitarão fama que Martim afonso auia dir fazer pelas aa costa de Lanaçarim, e de caminbo auia dinuerner em Paalcate, pelo que se ajuntarão quatrocentos homens que ho governador queria mandar nesta armada que foy de noue velas grossas e deremo / de cujos capitães não soube os nomes salvo de tres, de Thome pirez capitão do nauio em que ya Martim afonso, de Duarte mendez de vasconcelos capitão de hũa galeota de João coelho capitão dũ bargantim, e ho governador mandou a Martim afonso que fosse por Ceilão e socorresse a el rey a quem fazia guerra Patimarcapitão mór dũa armada

del rey de Calicut: e Martin afonso ho fez assi. E chegado a Ceilão não achou Patemarmar / que sabendo que ele y a lbe oune tamanbo medo que fugio, e ficando el rey de Ceilão liure desta guerra, foyse Martin afonso a Calecare hũ grande lugar na costa cujo senhor tinba a pelcaria do alofar como contey atras, e por que se temia dos mouros de Calicut fez paz com Martin afonso com condição que pagasse ho tributo que seu antecessor pagaua / e que ho governador da Índia lhe mandasse dar goarda quando fosse a pelcaria / e daqui se foy a Paleacate onde auia dinuernar.

**Capit. lxy. De como dom João deca delbaratou e prendeo Chinacutiale.**



**D**om João deca capitão de Cananoz que andaua goardado a costa com a armada que disse, andou por ela todo aquele pedaço de verão / em que fez muyto dano aos mouros de Calicut que yão pera Cambaya com pimenta / e em diuersos dias tomou cozena e oytovelas antrezambucos e paraos e os mais deles pelejando em que matou muytos mouros: e não contentete coeste dano que lhes fazia sayo hũ dia em Mangaloz onde sabia q̄ estauão certos paraos de Calicut que lhe fugirão e queimou ho lugar: e por que ho nã pude saber particularmente ho digo assi enfoma, e tambem hũa batalha que ouue no

cabo do verão com Chinacutiale hũ valêtemouro e muy sabedor da guerra que era capitão mór de sessenta paraos del rey de Calicut / e cuy dando de tomar dom João sayo a pelejar coele / e com quanto leuaua tamanba armada e gente muy grossa a respeito dos Portugueles foy delbaratado e morta e ferida muyta de sua gente / e ele foy ferido de duas cutiladas pelo rosto, e de duas espingardadas per hũa perna / e assi le deitou ao mar cuy dando delcapar por ho seu parao ser entrado pelos Portugueles / e assi foy tomado. E auida esta vitoria que foy muyto grãde por ser ja ho cabo do verão se recolheo dom João a Cananoz / e mandou parte da armada pera Cochim / e ho governador lhe fez merce de Chinacutiale que eu viem seu poder / e por quem ouue grande resgate.

**Capit. lxyj. De como Pero de faria partio pera Malaca / e Simão de souza galuão pera Maluco.**



**E**stando ainda ho governador em Cochim por lhe parecer assi seruiço del Rey rogou a Pero de faria que fosse seruir a capitania de Malaca pois era sua: do que se ele quisesse escusar por Malaca ser muyto doética / e assi ho disse ao governador / dizendo que antes queria ficar em Soa pois tambem era sua. que era muyto sadia, e por derradeyro cõsentio em ir a Malaca por comprazer ao

governador que desejava de tirar de lá Jorge cabral q̄ estava da mão de Pero mazcarembas. E querêdo também ho governador prouer a capitania de Baluco e tirala a dō Jorge de meneses de Cuba e hū fidalgo chamado Simão de souza galvão de q̄ faley atras / e isto por ser pessoa de grãde confiança e em que tinha muyto credito, e a capitania mór do mar e alcaydaria mór da fortaleza deu a outro fidalgo chamado dom Antonio de crasto / e a feytoria a outro fidalgo chamado Antonio caldeira / e a capitania de hūa galé em q̄ Simão de souza aũa dit a Jorge abreu que fora ao presete cō dō Rodrigo de lima, e deulhe setenta homẽs, e em Malaca lhe aũa Pero de faria de ar trinta peçã fazerem cento / e depois partiraõ ele e Pero de faria pera Malaca em Abril de mil e quinhentos e vintoyto, e pinneyzo se partio ho governador pera Goa oãde aũa diuernerar / e da hi mãdou por capitão da fortaleza Dormuz hū fidalgo chamado Christouão de mendoça que a tinha por el Rey dom João de Portugal, e mandou coele Raxaxafo que era liure por sentença do liceneado João de soiro ouuidor geral, e que fosse servir ho seu gozillado Dormuz. E chegado Christouão de mendoça a Dormuz foy entregue da capitania por Diogo de melo que era capitão.

**C** Capit. lxxv. Das presas que Antonio de miranda capitão mór do mar fez no estreito / e do mais que succdeo.



**A**rtido de Goa Antonio de miranda dazeuedo capitão mór do mar seguiu sua rota pera ho cabo de Boardafum oãde chegou despois de passada hūa grande tormenta, e ali repartio sua armada em tres escoadrões apartados hūs dos outros, por q̄ as naos dos mouros que passassem não lhe podessem escapar / e andando esperando apartouse Anrique de macedo com tẽpo da conserna Dantonio de miranda: e andando apartado alamar / hū via pola manhaã topou com hū galeão grande de rumes feyto como os nossos / e como os rumes erã muytos e yãõ bem apercebidos de guerra sayzãõ ao encontro dos Portugueses tirandolhe muytas bombardadas / e aperceberãõ muytos armados de sayas de malba e corceletes, e era fermosa gente e muyta. E cō tudo Anrique de macedo os não duuidou e abalrrou coeles / e começãõ hūs e outros de pelejar brava mête sobre entrarẽ hūs os outros, e sendo ho vèto calma que ficou de lufadas arremessarãõ os inimigos hūa lâça de fogo ao galeão Portugues / e pegoulhe no artimão que ardeo donde com hūa lufada de vèto se sacodio, e tornou a cair no dōs inimigos ainda acesa e pegoulhe ho fogo / e por amor do fogo que se pegou nos galeões cessou a peleja / e acodirão hūs e outros ao apagar / e os Portugueses cortarãõ logo a abalrroar de sapegados dos inimigos apagarãõ ho fogo e liurarãõ

delt/o que os inimigos não poderão fazer ao seu e ardeo todo com muytos deles. e alguns poucos selá çarão ao mar que foirão mortos e catiuos cõ ajuda doutros Portugueses de dous galeões da frota q ali foirão ter. E por ser acabada a moução das presas forãse todos estes tres capitães a Cayê hũa villa de mouros na costa Arabia, õde p mādado Antonio de mirãda se auião dajutar despois de feytas as p̄sas, e hi ho acharão cõ vite velas de mouros que tomarão ele e os outros / e erão oyto naos grossas e doze terradas, e marruazes q sam mais pequenos que naos: e por ele ser certificado que ainda auião de passar certas naos de mouros pera ho estreito toz nou se a esperalas destando em Cayem Ruy pereyza que era quadrilheiro mór pera vender parte da fazēda que se tomara aos mouros, e por em as naos não passarão e vendo q não passauão foyle a Adem que estaua de paz cõ Portugal, onde achou Ruy pereyza q tinha recado dos regedores da cidade que el rey não estaua nela / e q os rumes fizeraõ hi algũ dāno. E despois da morte de coleimão raiç se forão a Camarão estes que escaparão. E sobre esta noua teue Antonio de mirãda conselho se iria a Camarão pelejar com os rumes: e foy acordado que não porq era passada a moução / mas que mādasse lá hũ catur a saber nouas deles q por ser pequeno poderia passar / e foy nele hopiloto mór, e por lhe bo vëto ser contrairo não pode surdir auante e toz nou se, e no caminho tomou

dous marruazes / e dous mouros soube que os rumes que estauão em Camarão serião tres mil e quinhẽtos homẽs. Esta noua deu a Antonio de mirãda: que Dadẽ se foy a Zeila pa dar nela, e achouha despejada e queimouha, e dali se foy a Bazcate: e deixando hi a frota / e por capitão mór dela Antonio da silua foy inuernar a Dmuz.

**C**apit. lxxviii. De como foirão catiuos de mouros Diogo de meçquita e outros.

**R**uernando Antonio de mirãda dazeuedo em Dmuz vëdeose a fazēda das naos que tomou em que se fizeraõ sessenta mil cruza dos: e a vinte dous Dagosto se partio pera a ponta de Diu onde aũa de fazer outras presas. E ebegado la achou ainda ho mar tãõ grosso que ho comia / e por isto arribou a Chaul fazendo sinal aa frota que arribasse / e todos arribarão saluo Antonio da silua e Anriq de macedo que poderãõ sofrer ho pairo: e arribando Antonio de mirãda sobreueolhe hũ temporal de vento por dauante com que Lopo de meçquita capitão do çamozim peqno arribou pera Diu. E andando ainda os mare feytos desta toz noua topouse com hũa nao de mouros de Diu que serião duzētos / todos bem armados, e os Portugueses serião ate trinta / e arribarão sobre a nao com quanto ho tempo era forte e ho mar andaua grosso, e abalarãna / e em a ferrãdo saltou Lo



po de mezquita nela com boa parte dos seus e começarão de pelejar cõ os inimigos com muyto esforço, e neste conflito deffaziãse a nao e bo galeão polas grandes pancadas q se dauão com a grandissima marulhada que fazia e ambos estatião abertos e fazião muyta agoa / e ouuerãse de perder se não quebrara a abarroa, e cada hũ foy pera fazer cabo ficando Lopo de mezquita com os que digo na nao: e não podendo os do galeão tornar a tomar a nao com a fortidão do tẽpo arribarãõ por esse mar por senão perderem. E Lopo de mezquita e os outros que ficauão na nao vendo que sua saluação de spois de nosso senhor era bo bõ pelejar / pelejarãõ tão efforzadamente que matarãõ a mayor parte dos mouros, e os outros se derãõ de muyto feridos / e postos em recado acodirão os Portugueses a nao que se ya ao fũdo com a muyta agoa que fazia: o que vêdo Lopo de mezquita apañou todo bo dinheiro que achou nela / e mandou a Diogo de mezquita seu irmão que se metesse no batel / e assi deza leys outros, por que não podendo a nao escapar se saluaasse com bo dinheiro / e por em não deirou de trabalhar por esgotar a nao. E vendo os que estatião no batel com Diogo de mezquita que não se podia vencer a agoa q a nao fazia / nem com as bombas, nem com baldes / desesperarãõ de se poder saluar, e porque se os que estatião nela se quisessem acolher ao batel se alagaria por ser pequeno, a qual se afe antes que isto acontecesse se Diogo de mezquita lhes poder

resistir antes holerãõ por forca. E indo caminho de Chaul toparãõ com a armada de Diu e forãõ cattuos / e leuados a Diu donde os leuarãõ a el rey de Cãbaya q folgou muyto coeles por os ter por muyto efforzados e sabedores na guerra / principalmente a Diogo de mezquita, a que cometeo que se tornasse mouro / offrendo lhe por isso grandes honrras e merces: e não querẽ do ser mouro ho atentou cõ grades tormentos ate ho meter na boca de hũa bombardãõ cenada pera despararem coele. Ele como fiel Christantão e verdadeyro amigo de nosso senhor / soffreo tudo com costancia grandissima / dizendo sempre q lhe fizessem quanto quisessem, que não auia de deixar a ley de Deos verdadeyro pola seyta de Bafamede que era mentira. E vendo os outros cattuos leu efforço tambem não quiserãõ ser mouros. E el rey de Cambaya espantado da costãcia de Diogo de mezquita ho mãdou prender / e a cle e aos outros mãdou dar cruel catiueiro. E Lopo de mezquita q ficou na nao / pos tanta diligencia com a ajuda de nosso senhor que vendeo a agoa, e escapãdo a nao foy ter a Chaul ode achou Antonio de Miranda / e do dinheiro que se fez da fazenda desta nao forãõ pagas as partes que se deũsãõ aos da armada / e os sessenta mil cruzados ficaram forros para el Rey.

Capit. lxxix. De como Balthãca capitão da armada de Diu pelejou cõ Anrique de macedo, e de como foy morto Antonio da silua.



**A**rrique de macedo que ficou a pôta de Diu passada a tormenta com q̄ os outros arribarão acalmou ho vento: e estando em calmaria derão cole as fustas de Diu que erão trinta e tres: e adaua por seu capitão môz: hũ valente mouro chamado Halixá/ que vêdo ho galeão daquela maneyra cercou ho em redondo, e mādou lhe dar bateria, e os Portugueses começaram tam bem de jogar com sua artilheria/ e começou se hũ brauo fogo principalmente da parte dos mouros que tirauão todos ao lume dagoa por as fustas serem rasteiras/ e fizerãlhes tantos rimbos que não aproueita uão bombas nê baldes pera vedar a multidão dagoa q̄ entrava/ e foy necessario atupirêse os buracos cõ colchões e colchas/ e andauão os nossos tão cansados que quasi não auia quem podesse trabalhar / e se os nosso senhor não socorrera não poderão escapar, porque ainda que neste tempo sobreueo vento ho galeão não podia bẽ navegar por ter quebrados os mastos e as vergas espedaçadas / e as velas rotas. E nisto chegou Antonio da silua capitão do galeão reys magos q̄ vinha ao tô do estrôdo das bõbardadas/ e chegando a tiro de berço do çamozim mandou dar fogo a sua artilheria / e mais auante começaram as trombetas de tanger / dizendo. Alegraiuos, alegraiuos que aqui sam os tres reys magos. E ounnido os mouros as trõbetas, cuyda rão q̄era o capitão môz q̄ sabião q̄ chegara á ponta de Diu, mas não

que se fora, e cuydando que vinha com toda lua armada / fugirão todos com medo e deixarão Halixá só, que tambem fugio por derradeiro. E sospitando Antonio da silua a causa da fugida dos inimigos/ seguiu ás bombardadas, e Halixá lhe teue hũ pouco ho rosto tambem ás bombardadas, e nisto deu nele hũ pelouro de bomba perdido e matouho, cõ que os seus ficarão tão desacoçoados q̄ nã quizerão mais seguir os inimigos, e tornarãse pera onde ficaua Anrique de macedo: e Halixá vendo os assi tornarcuydou que era manha pera ho colherê: e por isso não quis ir apos eles, mas foyse fugindo, que se os seguíra, nem eles nem os do çamozim escaparão. E chegados a Anrique de macedo forãse todos a Chaul, e dahi pera Boa com ho capitão môz que chegou la na fim de Setebro / e deu conta do passado ao gouernador.

**C**apit. lxx. De como Christonão de medoça capitão Dornuz mādou por terra Antonio tenreiro a Portugal cõ recado a el Rey.



**E**ste tempo desejado Christonão de medoça capitão Dornuz de mādara el Rey de Portugal certeza dõ como os rumes não passauão aa Índia, e auisos de muytas confas que comprião a seu ser uico, assi em Dornuz comona Índia escolheo pera leuar por terra este recado a hũ Antonio

tenreyro natural de Coimbra q̄ el  
tana em Ormuz / e fora com Balte-  
sar pessoa ao Reque ismael / donde  
indo caminho de Jerusalem foy pre-  
lo por turcos cuydando que fosse es-  
pia. Levado ao Cayro foy solto /  
e querendose dali toznar a Portu-  
gal se foy a Chipre / donde por hũa  
contecimento mudou seu caminho  
e toznou se aa India / e de Chipre a  
traueffou ho deserto e foy ter a Ba-  
çora e dahi a Ormuz / e por q̄ tinha  
experiencia deste caminho / e sabia a  
lingoa Persiana / e por ser homem  
desprito e esforçado ho escolheo pe-  
ra fazer este caminho / e mais por  
não achar outrem / porque por ho  
perigo do caminho ho receauão to-  
dos / e dizendolhe Christouão de  
mendoça quanto esta ida importa-  
na ao seruicio del Rey d̄ Portugal.  
Ele polo seruir a acceitou de boa vō-  
tade / e dādolhe Christouão de mē-  
doça muyto pouca ajuda pera sua  
despesa / e algũas cartas de credito  
pera onde lhe fossem necessarias se  
partio Ormuz pera a cidade de  
Baçora a vinte de Setembro do an-  
no de mil e quinhētos e vintoyto /  
e foy por mar ate esta cidade / que he  
em Arabia no cabo do sino persico  
trinta e tantas legoas pelo rio eu-  
frates acima / e pos neste caminho  
cozenta dias por os vētos q̄ achou  
contrarios / e nesta cidade se detene  
vinte dias em se despachar porque  
a casila que ya pera Damasco onde  
ele esperava dir era partida / e ho  
Reque da cidade não lhe queria dar  
guia para atravesar ho deserto que  
ya de Baçora ate Alepo / dizendo  
que não achaua quem se arriscasse a

tamambo perigo como era irē duas  
pessoas no mais por q̄ as alimarias  
os comerião / e mais que nunca ou-  
ue pessoa q̄ passasse ho deserto sem  
ir em casila / e parecia que ho Reque  
d̄ ho dar por morto se fosse no mais  
que coma a guia / aua dō dele e não  
lhe queria dar quitamēto pera se ir.  
E com tudo nunca Antonio ten-  
reyro desistio de ir. E vendo ho Re-  
que sua perfia / muyto espātado de  
seu esforço / e louuandolho muyto  
lhe deu hũa piloto q̄ ho guiasse / por  
que naquele caminho regēse polos  
ventos como no mar por não auer  
hi estradas nē pouoados saluo do-  
us castelos dalarues. E Antonio  
tenreyro e ho piloto se partirão na  
entrada de Novembro às duas ho-  
ras despois de meã noyte / porque  
não fossem vistos / e ya cada hũa em  
seu dormedario que andão de vinte  
cinco legoas ate trinta ante dia e  
noyte / e não comē mais de hũa q̄r-  
ta de farinha hũa vez no dia e bebē  
de quinze em quinze dias / e nestes  
leuauão seu mātīmēto de tamaras /  
biscouto / farinhas / manteiga / Va-  
ca cozida e agoa. E partidos d̄ Ba-  
çora tirarão por seu caminho a diã-  
te por aquele espantoso deserto por-  
dē nã auião mais q̄ alimarias bra-  
uas. s. vffos / tigres / lides e lobos / e  
afastauãse quãto podião donde po-  
dia auer alarues (q̄ andão por aque-  
le deserto em aduares) porque os não  
roubassem q̄ sam grandes ladrões /  
e assi caminharão vinte dous dias  
sem nunca receber e afronta daqlas  
alimarias saluo duas vezes que os  
quiserão cometer dous lides a que  
el caparão polo grande andar dos

dozmedar foz: e outra vez d' madru gada correndo a redea folta. E tão amedrontados forão os dozmedarios que cozerão duas legoas, e desta corrida se estrepou bo dozmedario. D' Antonio tenrreyzo em hũa mão / e ficou tão manco q' lbes foy forçado de terê se lveys dias / no que passarão muyto grande trabalho / e també em não acharem em todo este tempo agoa mais q' quatro ou cinco vezes em que padecerão grã de sede, e ainda esta q' achauão era amargoz. E tornando ao caminho despois do dozmedario ser são / no cabo destes vinte e dous dias chegarão a hũa pequena vila castelada e cercada de muro de talpas grossas pounada de alarues mouros, por na ter ali hũa grande fonte que lbe regaua suas sementeiras / e auia palmeyras e tamaras, e aqui se meteo Antonio tenrreyzo em hũa cafila que estava de caminho pera a cidade de Dalepo no cabo deste deserto: e bo seu piloto se tornou pera Baçora: e neste mesmo dia foy dormir a cafila a outra fortaleza, e dali a corenta legoas sairão do deserto e entrarão na comarca da cidade de Dalepo cercada de muro e pounada de mouros do senhorio do turco / e aqui se tirou Antonio tenrreyzo da cafila q' auia de passar ate a cidade de Damasco: e tirado se foy a casa d' u Veneziano mercador d' muyto grosso e rico trato que ali fazia sua habitação, e em que a gente da terra tinha grande credito / e chamauasse deicer andre / a que leuaua cartas de Chistouão de medoça pera lbe dar auilamento pera seu caminho e

não bo achou que era em Costantinopla a chamado do turco / e por ser i nuerno z auer muyto grandes neues que ninguem caminhaua esperou aqui Antonio tenrreyzo cincoenta dias e no cabo se meteo em hũa cafila que ya pera a cidade de Tripoli de iuria tudo senhorio do Turco / e daqui se embarcou e foy ter aa ilha de Chipre / e despois de passar assaz de trabalho em muyto grandes tormentas em que se vio / foy ter a Italia, d' onde tomou seu caminho por terra pera Portugal e chegou a saluamento / e deu a el Rey as cartas q' leuaua / e foy muy grande espãto sua ida por ser bo primeyro Portugues que fez aquele caminho por terra / e bo primeyro homem que bo fez foz cõ hũ piloto, e que mostrou a el Rey que por terra lbe podia ir recado da India e tres meses ou menos, porque não gastou ele mais no tẽpo em que caminhou / bem que fez mais detença polos impedimentos que lbe socederão.

**Capit. lxxj.** Do que passou Bõgalo gomez dazeuedo com dom Garcia anriqz na ilha de Bãda.



Tras ficado como foz gecabrial mado soucorer Baluco por Bõgalo gomez dazeuedo q' partio de Abataca na entrada de Janeyro do anno de mil e quinientos e vinte e toyo / e chegou a Banda onde achou dõ Garcia anriquez q' auia pouco que chegara de Baluco / e tinha feyta hũa tranqueyra onde

pousava, e Gonçalo gomez tambem mandou fazer outra / e nisto chegou Vicente dafonseca com as cartas de dom Jorge de meneses e outros que mandara fazer de dom Garcia / e contou a Gonçalo gomez tudo o que dom Garcia fizera a dom Jorge, requerendolhe secretamente que ho prendesse e a quantos yão coele e que lhe tomasse ho nauio / e quanto aa prisão de dom Garcia e dos outros respondeo Gonçalo gomez que ho não podia fazer, mas que lhe tomaria ho nauio quando fosse tempo. E vendo Vicente dafonseca isto quisera mandar a Malaca as cartas e papeis que leuava de dom Jorge per alguns Portugueses que auião dir pera laa, e como sabião que era contra dom Garcia, que tambem auia dir não ouue ninguem que os quisesse leuar / pelo que os não mandou e tornou a dom Jorge como virey a diante. E vendo dom Garcia Vicente dafonseca, que sabia que era grande seruidor e amigo de dom Jorge logo sospeitou a que auia de ser sua vinda, e por isso se começou de recear que Gonçalo gomez ho prendesse, e mais porque tanto que Vicente dafonseca chegou, Manuel falcão que pousava com dom Garcia tendo a mesma sospeita de Vicente dafonseca que ele tinha / se passou logo pera a tranqueira de Gonçalo gomez / parecêdolhe que fazia a vontade a dom Jorge / por que esperaua de tomar pera Maluco com Gonçalo gomez a que contou o que dom Garcia fizera a dom Jorge / conselhandolhe que ho prendesse por isso / e que lhe tomasse ho nauio

em que ya, e Gonçalo gomez dissimulaua, e Manuel falcão começou de deitar fama que Gonçalo gomez auia de prender dom Garcia pelo que fizera a dom Jorge, e alguns seus amigos o começaram dauisar disso / e que lhe auia de tomar ho nauio em que ya por isso que possesse cobro nele: o que não quis fazer por que lhe parecia impossivel tomarê-lo por leuar crauo pera el Rey / e da prisão não se temia porque sabia a verdade por espias que trazia com Gonçalo gomez, que tinha assentado consigo de lhe tomar ho nauio quando se ouuesse de partir e não ho disse a ninguem por não ser desconferto: e quando se ouue de partir pera Maluco se foy por terra espedir de dom Garcia que sayo coele ate a praya onde se embarcon nos bateis, e alargado de terra se foy dreyto ao nauio em que dom Garcia ya que auia nome cayado, e então ho deu dom Garcia por tomado e creio o que lhe tinhão dito. E entrado Gonçalo gomez no nauio tomou ho pera leuar a Maluco, e sabendo que dom Garcia tinha as velas na tranqueira mandou lhas pedir, desculpándose de tomar ho nauio: porque ho fazia a requerimento de dom Jorge de meneses capitão de Maluco de cuja jurdição era aquela terra, e por dom Garcia as não querer dar lhe tomou ho seu jungo em que leuava mais de quatorze mil cruzados, pelo que dom Garcia mandou logo as velas e hũ recado a Gonçalo gomez per Manuel lobo / estranbandolhe o que lhe fazia / e por ele mandou hũ carta de crença ao mestre e condestabre

do nauio / e a outros em que confiaua que fizessem o que lhe Manuel lobo disse, que foy que quando se partissem fizessem de modo que dessem a vela derradeyro de todos para ficarem na traseira / e ainda então fizessem que se embaraçãõ / porque entretanto iria dõ Garcia com gente e tomaria ho nauio, por que Bonçalo gomez por lhe boventar a popa não lhe auia de poder acodir, e assi ho tomaria. E eles disserão que ho farião: e ido Manuel lobo deu Bonçalo gomez a capitania do nauio a Ruy figueira capitão do outro nauio, cuja capitania deu a Manuel falcão. Isto feyto foi se ao seu nauio e fez se a vela, e os outros capitães coele saluo Ruy figueira / cujo mestre por comprir o q prometera a dom Garcia fez que se embaraçãõ aodar da vela / pelo q todos os outros sa nauegatão quando ele deu a sua / e ainda fez tomar ho nauio por dauante / que era ho final a que dõ Garcia auia dacodir, que acodio logo em para ós cõ muita gente. E Ruy figueira que entẽdeo a ruindade capeou a Bonçalo gomez que estaua vendo ho embaraço do nauio: e vendo Bonçalo gomez a gente que ya de terra pera ho nauio e ho capear de Ruy figueira, entẽdeo logo o que era, e mandou tirar as bombardadas a dom Garcia / o que fez tambem Manuel falcão: e como Manuel lobo ya na diã teira matoulhe hũa bombardada dous remeiros, e a ele quebroulhe hũa perna: que vendo dõ Garcia desesperou dauer o nauio e tornou se, e Ruy figueira seguiu sua via a

pos Bonçalo gomez que partionã fim Dabil.

**C**apit. lxxij. De como Aluaro de saya vedra tomou hũa galeota aos Portugueses e catinou muitos dos que yão nela.



quanto isto passaua estaua dom Jorge em grãde aperto, por que sabendo Fernão dela torre e os reys de Tidoze e de Seilolo quando escorchado dom Garcia ho deixara assi de gẽte como de munições de guerra / determinarão delha fazer mais apertada que dantes / principalmẽte el rey de Seilolo que trabalhaua quanto podia por ganhar todo ho Aborro / que desejava muito de ser senhõr dele. e por lhe os Castelhanos prometerem de lho fazerem auer foy ele da sua parte e os ajudaua: e como trazia ali sempre grossa armada pera esta conquista tolbia leuar eie mantimentos a Ternate / tomãdo os nauios que os leuauão, o que era causa de auer grãde fome na fortaleza. E estando a cousa neste estado, chegou a Tidoze hũ nauio de Castelhanos, e por capitão hũ Aluaro de saya vedra que partira da noua espanha por mandado do governador dela por capitão mór de tres nauios e socorro dos Castelhanos que estauão em Tidoze e dous desaparecerão no caminho / que segundo se despõs soube se perderão: e Aluaro de saya vedra não pos mais na viagem de tres meses por amor das grãdes corrétes

que bo mar faz da noua espanha pe-  
ra as ilhas de Maluco, e polos vñ  
ros que sam sempre a popa. E estes  
naulos mandou bo governador da  
noua espanha por grandes conjetu-  
ras que auia que dali se podia na-  
uegar pera as ilhas de Maluco. E  
quando os Castelhanos virão Al-  
uaro de saya vedra, e fouverão don-  
de ya, e a breue viagem que fizera  
ficarão muyto ledos e esforçados  
contra os Portugueses, esperão  
que da noua espanha lhe iria sempre  
foco-ro, a que os Portugueses nã  
podessem resistir e lhes tomarão a  
fortaleza, e os mouros seus ami-  
gos tambem tinhão grande contẽ-  
tamento coesta noua: e determina-  
rão logo el rey de Lidore, e el rey de  
Bello de irẽ tomar a ilha d' Abou-  
tel cujos Sangajes erão da obediẽ-  
cia del rey d' Ternate, e muyto ami-  
gos dos Portugueses. E sabendo  
os Sangajes este apercebimẽto ho  
mandarão logo dizer a Cachil da-  
roes e a dom Jorge pedindo a am-  
bos que os socorressem: e Cachil  
daroes apercebeo sua armada em q̃  
se embarcou: e dom Jorge mandou  
fernão baldaya na galeota noua q̃  
fizera e deu-lhe trinta e tantos Por-  
tugueses que fossem coele, e man-  
dou-lhe que andasse da ilha de Abou-  
tel pera a de Baquie, e que fizesse a  
mais crua guerra que podesse aos  
inimigos. E sabendo fernão dela  
tozre este foco-ro que ya aos San-  
gajes de Aboutel, mādou logo Al-  
uaro d' saya vedra por capitão dou-  
tra galeota que fizera noua, e deu-  
lhe cozeta Castelhanos. E partido  
pa Aboutel topou-se cõ fernão bal-

daya a q̃tro d' Mayo. E como erão  
ambos valẽtes canaleiros em se vñ  
do fizerão remar bñ cõtra o outro  
desparado essa artilheria q̃ leuauã  
e delaparelhando as galeotas com  
as bõbardadas se aferrãõ, e pe-  
lejarão bñ bõ pedaço muy brauamẽ  
te sem se poderẽ entrar: e neste tẽpo  
foy morto fernão baldaya cõ ou-  
tros oyro. E como os Portugue-  
ses ficarão sem capitão, e por esta-  
rẽ muytos feridos nã se poderão  
mais defender com bo esforço pu-  
meyro, pelo q̃ os Castelhanos os  
entrarão e os fizerão rēder, e os ca-  
tiuarão, e lhes tomarão a galeota/  
morrẽdo porẽ cinco deles e feridos  
os mais. E tomada a galeota / Al-  
uaro de saya vedra a leuou a fernã  
dela tozre q̃ estaua na cidade de Li-  
dore, e entrou cõ grãde festa, e foy  
recebido cõ outra mayoz e os Cas-  
telhanos e mouros ficarão tão fo-  
berbos coesta vitoria q̃ se drão por  
senhozes da fortaleza, õde foy grã-  
de tristeza pola tomada da galeota  
e catineiro dos Portugueses, por  
q̃ nã ficauão nela mais de cincoẽta  
e Cachil daroes nã quis mais an-  
dar em Aboutel a nõdese por muyto  
inuriado de acõtecer a q̃le de safre  
aos Portugueses andando ele em  
sua cõpanhia: e deirado sua arma-  
da e Aboutel tornou-se pa Ternate.

**C**apit lxxij. De como Bõçalo  
gomez d'azenedo chegou a ilha d'  
Ternate.



Estando dõ Jorge muy-  
to agastado pola toma-  
da desta galeota, e por  
lhe nã ficarẽ mais de

dnoventa Portugueses pera desen-  
 der a fortaleza / e por não ter máti-  
 mentos chegou Alcete da Fonseca a  
 oyto de Mayo / e deulhe noua do  
 grande socorro q̄ trazia Bôçalo go-  
 mez q̄ não tardaria. E cõ ho prazer  
 desta noua não sintio dõ Jorge não  
 querer ninguê leuar a Balaca os  
 papéis q̄ Alcete da Fonseca leuaua /  
 e logo se espalhou a noua do socor-  
 ro q̄ vinha aos Portugueses. E os  
 Castelhanos cuydado q̄ septe auiaõs  
 de vêcer fizeram prestes Alvaro de  
 Saza vedra pera ir esperar Bôçalo  
 gomez ao caminho e tomalo com  
 quantos yão coele / e leuou duas  
 galeotas e hũ bargantim. e a arma-  
 da del rey de Tidoze. E ele partido  
 chegou Bôçalo gomez a ilha dõ Sa-  
 cbão / õde se vio cõ el rey e soube de  
 le ho estado em q̄ estava a fortaleza,  
 e deixou coele Manuel falcão / por  
 q̄ como sabia a amizade q̄ auia a tre-  
 le e dõ Jorge quãdo se partira de  
 Ternate nã ho quis lã leuar ate nã  
 saber como dõ Jorge estava coele e  
 soldados se fosse necessario. E par-  
 tido dali seguiu sua rota pera Ter-  
 nate cõ toda sua armada / e topou  
 no caminho a dos Castelhanos de  
 q̄ auẽdo vista mãdo embandeirar  
 a sua em final dalegria porq̄ nã cuy-  
 dassem q̄ os remião: porem Alvaro  
 de Saza vedra não oufou de cometer  
 Bôçalo gomez q̄ passou por ele mã-  
 dando rãger suas trôbetas como  
 q̄ os saluaua / e dali foy surgir no  
 porto de Talangame, e dabi a for-  
 taleza onde foy recebido cõ muyta  
 festa: e dõ Jorge lhe entregou logo  
 a alcaydaria mór da fortaleza, e a  
 capitania mór do mar por hũa pra-

zisa q̄ leuaua do governador da  
 India. E sabẽdo Bôçalo gomez ho  
 dãno q̄ dõ Jorge tinha recebido da  
 guerra / conselhou lbe q̄ trabalhas-  
 se por fazer paz cõ Fernão dela toze:  
 e dõ Jorge lbe disse q̄ a nã auia dõ  
 fazer senã cõ sua hõrra, e ainda por  
 q̄ lbe a ele parecia bẽ fazela q̄ se fora  
 por ele não a ouuera de cometer. E  
 auido seguro pera mãdar hũ messa-  
 geiro a Fernão de la toze lbe man-  
 dou dizer por Jorge goterrez hũ ca-  
 ualeiro, q̄ ele semp desejava dter paz  
 cõ os castelhanos / assi por serẽ chri-  
 stãos, como por yassallos do epãdor  
 q̄ estava tão liado cõ el rey dõ Portu-  
 gal por parêfesco e amizade: e q̄ se a  
 teli não falara na paz fora porq̄ não  
 cuydasse q̄ ho fazia por necessidade  
 mas agora q̄ sabia q̄ não era porisso  
 pois lbe era vido tamanho socorro  
 como era norozio / lbe pedia q̄ fizesse  
 paz, e não fosse causa da uer guerra  
 antre Chriistãos. E deu a Jorge go-  
 terrez estes apontamẽtos com que  
 auia de fazer a paz.

¶ Que dõ Jorge era cõtete dõ fazer  
 paz coele e cõ os reys de Tidoze e dõ  
 Seilolo por amor dele: e lbe varia  
 Paulo hũ castelhano q̄ fora catino  
 do tpo de dõ Garcia: e q̄ Fernão de  
 la toze lbe auia dõ dar todos os por-  
 tugueses q̄ forão catinos na galeota  
 e lbe auia de tornar a metã da ilha  
 de Maquẽ q̄ tinbã tomada e era  
 da obediencia del rey de Ternate: e  
 lbe auia dõ jurar q̄ não auia da iudar  
 os reys de Tidoze e de Seilolo / se  
 quisessem guerra coele. E q̄ os por-  
 tugueses e castelhanos q̄ se passãẽ  
 dũa parte pa a outra não sendo por  
 casos crimes, q̄ os dessem a seus ca-



pitães / e assi os escravos que fugissem: e que Cachil baroos e el rey de Bachão não farião mais guerra aos reys de Tidoze e de Seilolo: e quando Fernão de la toze não quisesse a paz coestas condições que lhe fizesse sobzisso hū requerimento cō protestaçaõ q̄ ele fosse obrigado a todas as perdas e danos q̄ recressem daq̄la guerra / assi a el Rey de Portugal como ao Emperador. Levado este recado de dō Jorge e a pōtamētos das pazes a Fernão de la toze em todos cōcedeo se não na restituçã damerade da ilha de Abaquiẽ dizēdo q̄ era do Emperador. E respōdēdo ao requerimēto q̄ lhe fez Jorge gotierrez ficou a guerra comobantes.

**Capit. lxxxiij.** De como dom Jorge de meneses e Fernão de la toze mandarão pedir socorro hū á India e outro á noua espanha.

**M**endo dō Jorge q̄ Fernão de la toze não queria a paz cō as condições q̄ ele apōtana não quis: posto q̄ foy cōtra ho parecer dō Bôçalo gomez e doutros q̄ forão coele: q̄ dizião que deuia daceitar a paz se se dar ametade da ilha de Abaquiẽ, mas dom Jorge não quis por q̄ lhe parecia aquillo couar dia: e vêdo q̄ não fazia a paz, e que a guerra avia vir em crecimēto: e entendēdo em Bôçalo gomez quão pouco ho avia a ajudar a ella quis mādãr pedir socorro a Malaca e á India assi de gente como de fazenda pera a feytoria q̄ ja nã aua nhūa por se gastar

toda como chegou, e mais pera mādãr por Simão de vera que queria mandar em hū nauio os autos e estoimētos q̄ tirara de dō Garcia pera ho fazer prender antes q̄ se fosse pera Portugal: e determinou que fosse no nauio cayado q̄ estava carregado de crano. E dadas as cartas em q̄ escreuia ao capitão de Malaca e ao governador da India quanto acontecera despois de ser capitão da fortaleza, partiose Simão de vera no nauio que digo. E chegado á ilha de Abindanao foy morto com quantos leuava polos da terra que lhe tomarão ho nauio, ou se perdeu por q̄ nũca mais pareceo: e assi não ouue effeyto o q̄ dō Jorge queria. E sabēdo Fernão de la toze como dō Jorge mandara a Simão de vera q̄ pedir socorro a Malaca e á India sobzelho Bôçalo gomez leuar, tão bõ creo q̄ queria destruir de todos os Castelhanos, e pera tãbẽ ter gēte com q̄ se defendesse: acordou cō conselho de mādãr pedir socorro a noua espanha, escreuendo ao governador dela o q̄ passaua, e q̄ alem da gēte dar mas lhe mādasse officiaes pera fazer hūa fortaleza de q̄ tinba necessidade grãdissima por não terem q̄ se recolhesse. E coeste recado mādou Alvaro dō saya vedra no nauio em q̄ fora: e pera credito da tomada da galeota dos Portugueses leuou algũs dos q̄ forão nela catiuos e forão Fernão romeiro patrão da ribeira, Jacome ribeiro comitre: e hū escruião pnbzico da fortaleza: e assi outros dous Portugueses q̄ se passarão pera os Castelhanos, e pedirão q̄ os mandasse cō

Aluaro de saya vedra/hũ ania nome Simão de brito patalim / e outro Bernaldim cordeiro. E partido Aluaro de saya vedra a quatorze de Junho pera a noua espanha/ estando furto no porto de hũa ilha q se chama Spamey ceto e setenta le goas de Lidoze, determinou Simão de brito cõ Fernão romeiro de quei marem ho nauio / porq Aluaro de saya vedra não fosse pedir ho focorro / e não achando maneyza pera ifo furtarão ho batel e quatro escrauos q ho remassem / e tornarãse todos pera Ternate / e cõ furtarẽ este batel poserão Aluaro de saya vedra em condiçãõ de não ir por diãte por nã ter batel com q se seruiffe: e todauia foy / mas achou logo ho vento por dauante / e por tãtos dias que lhe pareceo q era ali geral e por isso se tornou pera Lidoze onde foy ter em Nouembro. E Simão de brito e os outros Portugueses q fugirão no batel forão dilha em ilha sofrendo muyto má vida de fome e de trabalho ate que forão ter antre hũas ilhas onde se deparão ficar tres de cansados e os tres seguirão auante ate a ilha de Barmelun do senhorio del rey de Lidoze / onde sendo conhecidos por Portugueses forão presos por amor da guerra que sabião que el rey tinha coeles a que logo forão mandados: e conbecedo os Fernão dela torre q yão com Aluaro de saya vedra te ue deles má sospetra, pelo q os mandou meter a tozmẽto e confessarão a verdade. E por esta treçã mãdon Fernão dela torre degolar Simão de brito e enforçar Fernão romeiro

e ho outro ficou catino. E despõs disto se tornou a falar na paz / mas não se tomou nhũa concrusam por Fernão dela torre não querer alargar a metade da ilha de Abaquem: do q dom Jorge andaua muyto desgastado, e mais porq quisera ir destruir a cidade de Lidoze / e Bõçalo gomez nunca ho quis ajudar nem quis mandar os Portugueses que forão coele / e dizia q não fora a Abaluco se não pera fazer crauo, pelo q todos lhe querião bẽ e não fazião caso de dõ Jorge se não dele / nẽ dõ Jorge não ousaua demandar os q forão coele de modo que ficaua subdito de Bõçalo gomez com quem não ousaua de bolir por não amotinar a gẽte e trabalhaua pola leuar por bem. E Bõçalo gomez cõ vergonha foy sobre a ilha de Abaquẽ pera tomar os lugares q forão del rey de Ternate / e foy coele Cachil daoos mas enfadouse logo e tornou se sem fazer nada / nẽ quis mais sair de Ternate se não quando se foy, e por não ter rezão de ir dar ma da alargou a alcaydaria mór e a capitania mór a dom Jorge e todo seu feyto era fazer crauo: e dom Jorge deu estes officios a Lionel de lima que cuydon que ho fizesse melhor q Bõçalo gomez / e mandoulhe pagar dãte mão hũ anno doordenado / mas ele ho fez tão mal / e valeolhe a dõ Jorge que os Castelbanos cõ medo da gente que sabião que estaua na fortaleza fazião a guerra mais branda, e tinhão muyras vezes tregoa.

Capit. lxxv. De como Martin afonso de melo iusarte se perdeu na costa de Bengala.

**R**uernando Martin afonso de melo iusarte em Daleacate rompo-se na India bo segredo de sua ida a çunda, e algũs amigos dos q̄ leuaua na armada lbes escreuerão verdade donde auião dir: e estes de rão a noua a outros / de modo que foy sabido pelos da armada do que se muytos escãdaliçarão polos enganarem, e hũs fugirão por não trem a çunda / e outros se conjurãrão pera queimarem os nauios da frota tão dãnados estauão / e hũa noyte lbes poserão ho fogo, e se nã fora acodirlbe Marti afonso muytinha e apagar ho fogo cõ muyta diligencia eles forão queimados, e por mais deuassas que tirou pera saber quem ho fizera nunca ho pode saber, mas soube de muytos que estauão pera fugir por não irẽ coele e estes mandou prender, e aos que erão fugidos tomou as fazendas. E passado ho inuerno com muyto trabalho destas amotinações partio-se / e porque soube que ante Bengala e Pegu andauão certas fustas de rumes fazendo presas / surto em hũa ilha chamada Regamele de fronte da cidade Darracão a esperar as fustas q̄ auião ali dir ter: e estando surto sobreuolbe tamanho temporal de vento que não podendo ho nauio sofrer a amarra se leuou e arribou / e os outros capitães tambem arribarão, e não podendo ter coele se apartarão de sua

conserua / e despois de cessar a tormenta se achou / e determinou de tornar á ilha donde se aleuantara pera ver se achaua hi os outros capitães: e nauegãdo per ante hũas ilhas deu bonauio em hũ baixo onde ficou / e porque a gente não pelesasse sobre tomar a barquinha do nauio pera se saluarẽ hũs e outros não, mandou a hũ fidalgo chamado Andre de souza que se metesse nela / e não consentisse que ninguem entrasse dentro / e pera se salvar a gente toda mandou muyto de presa fazer jangadas de algũs paos das obras mortas do nauio e darcas / elfozcãdo a gente que todos se saluarião. E estando nesta occupação seria a mea noyte quando ho nauio adernou / e tãbonie todo pera hũa parte, quelbe não ficauão descubertos mais que os castelos. E como isto foy supito e de noyte ouuerãse de perder quantos estauão dentro mas acolherãse aos castelos e ali ficarão / e as jangadas que estauão começadas se perderão, e eles ficarão molbados e quasi despídos pera se deitarem ao mar cuydãdo que não tãhbão outra salvação: o q̄ vido Martin afonso os deteu e chamou Andre de souza que chegasse á popa do nauio se meteo na barquinha levando diante a Thome pirez que era ho senhoziõ dele / e despois se meterão outros que Martin a fõlo chamou por seus nomes, e não ficarão mais que seys Portugueses e os escrauos / que pedião chorando que os tomassem / e era piedade ouuilos: mas por ser de noyte e Martin afonso temer que se ço-

çobrasse a barquinha com ho peso da gente não os quis tomar / pro-  
metendolhes com juramento de  
tornar por eles tanto que posses  
os outros em terra / que por não  
caberm z temer que çoçobrassem  
os não tomava / z eles disserão que  
assi ho esperauão nele. E Bartim  
afonso, se foy caminho da terra que  
seria donde estaua ho nauio como  
de Lisboa a Almada, onde cbegou  
sendo ainda de noyte / z ho rolo do  
mar era tamanho z tão brauo que  
fazia muy grande escarceo, z por  
isso não ousou Bartim afonso de  
se cbegar a terra, z mandou fora  
dous marinheiros pera verem se  
era praya ou penedia / z estes não  
tornarão mais / z parecêdo a Bar-  
tim afonso q se afogarião não quis  
que saysem ahi ninguém, z tornou  
ao nauio pelos Portugueses que  
lá ficauão por ver que caberião na  
barquinha, z não quis tomar nhũ  
escrauo porque não çoçobrasse. E  
tomados os Portugueses tornou  
se a terra onde deitara os mari-  
nheiros, z não os achando nem  
sinal deles teue os por perdidos. E  
com quanto este defastre era tama-  
nho / z estauão em muyto grande  
perigo assi no mar como na terra q  
não sabião / não faleceo a Bartim  
afonso esforço: z mostrando gran-  
de coraçõ lbes disse. Em tamanha  
desauentura como he perder a fa-  
zenda, z a vida ficar em tamanho  
risco como parece que está a nossa a  
principal consta que nos ha de con-  
solar, ha de ser termos por certo q  
ho merecemos por nossos pecca-

dos / porque muyto menos se sente  
ho mal que vem a homem por sua  
culpa que aquele q padece sem ela, z  
que este que nos sobreueo não he  
tanto como merecemos a nosso se-  
nhor: que como pay piadoso vsan-  
do de sua misericordia infinita nos  
deu este leue castigo / porque se ho  
vera conforme a nossas culpas on-  
de se perdeu ho nauio acabarão  
nossas vidas, z por não perdermos  
as almas que lbe tanto custarão  
deuemos de crer que nos deixou  
coelras / z mais que assi como nos  
liurou de tamanho perigo nos ha  
vacabar de liurar de todo ate nos  
poer em saluo, por isso meus com-  
panheiros vos peço muyto que  
creais isto como ho eu creio, z que  
esperais em nosso senhor como eu  
espero que nos ha de leuar a salua-  
mento / z que esta esperança vos  
esforçe pera não sintirdes traba-  
lho, fome, sede z outras fadigas  
que auemos de passar ate termos  
remedio com que tornemos a In-  
dia / z que vamos agoza ao longo  
da costa pera ver se achamos os  
nossos nauios ou algũ deles em  
que nos embarquemos / z quando  
não iremos ate Arracão / cujo se-  
nhor he amigo dos Portugueses  
z dali nos iremos a India. O que  
pareceo bem a todos, z se mostra-  
rão muyto esforçados pera ho se-  
guirem.

Capitulo. lxxvj. Dos gran-  
des perigos z trabalhos que  
passarão Bartim Afonso z  
os outros ate cbegarem a Ar-  
racão.



**S**em leuarem nhũa cousa que comer mãis que hum pouco de bizcoito, e sem agoa nauegarão do-  
 us dias ao logo de terra sem comer nhũa cousa, porque por amor da agoa que não tinhão não ousarão de prouar ho bizcoito / nem ousa-  
 ua Martim afonso de mandar a terra buscar agoa porque não via sinal de a auer nem ya na compa-  
 nhia quem soubesse a terra pera a buscar / e mais não viã nhũa po-  
 tuação. E indo assi nesta afronta tamanha virão hũa aldeia / com que todos forão muyto ledos pa-  
 recendolhes que ali terião reme-  
 dio da goa, e Martim afonso mã-  
 dou deitar em terra hum fidalgo  
 chamado Francisco da cunha que  
 agora moza no Algarue / e a hum  
 fialho da cunha / pera que soubes-  
 sem dos moradores daquela aldeia  
 se lhe darião agoa / e quão longe  
 estava do mar. E como Francisco  
 da cunha e ho fialho chegarão aa  
 aldeia a untarãse bem corenta ho-  
 mões e tomandoos antre si os le-  
 tarão por força mais pera ho ser-  
 tão e os prenderão / e os que fica-  
 uão na barquinha bem os virão  
 levar mas não conbecerão como  
 os leuauão, e cuydarão quelhes  
 yão mostrar algũa agoa. E estan-  
 do esperando por eles sobreueo hũ  
 vento por dauante com que ho mar  
 se começou dençar apelar: e receã-  
 do os portuguezes algũa tormẽta  
 e tambem enfadados da mã vi-  
 da tomarão dali achaque pera di-

zerem a Martim afonso que dessem  
 barcaffem ali / o que lhe não pa-  
 receo bem ao menos ate não tor-  
 narem Francisco da cunha e ho  
 fialho / nem lhe parecia bem de-  
 sembarcarem / porque como os da  
 terra os vissem desarmados te-  
 rião coraçõo pera os matarem por  
 amor de os roubarem / e que fa-  
 rião isto sem receo, porque como  
 não nauegauão não tinhão que  
 perder, e que auendo de desem-  
 barcar melhor seria em Arraçõ  
 como tinha dito / porque ho se-  
 nhor dela como nauegava e tinha  
 que perder não lhes auia de fazer  
 nhũ mal com temor das nossas ar-  
 madas, e por isso seria melhor irẽ  
 lá. E Martim afonso não dizia is-  
 to senão pera ver se topaua algũs  
 dos seus nauios que tão mal lhe  
 parecia desembarcar em hum ca-  
 bo como no outro. Mas como is-  
 to não parecia assi a todos / disse-  
 rão muytos que deuitão de de-  
 sembarcar ali porque não leuauão  
 mantimẽtos / e auia dous dias que  
 não comião, e yão sessenta e qua-  
 tro pessoas cõ que a barquinha ya  
 metida no fundo / e que se alarga-  
 ria com qualquer marulho / por  
 isso que ho mais seguro era desem-  
 barcar ali. E nisso apertarão tan-  
 to que Martim afonso disse que  
 desembarcaffem, e pozem que ho  
 fazia muyto contra sua vontade,  
 e que não era capitão, nem era na-  
 da / que se ho fora não desembar-  
 cara / e que não podia ser que de  
 cinco nauios que se dele apartarão  
 não achassem algum em que se sal-

naassem por escusarem de star á coz-  
 testia dos mouros / e que entre tã  
 to bem se poderião foster na bar-  
 quinba / e quando a tormenta fos  
 se tamanha então desembarcariaõ.  
 E ouuindo isto Andre de souza /  
 Gonçalo vaz de melo / Huo fer-  
 nãdez freyre e outros dous todos  
 grandes amigos de Martim aфон-  
 so disserão / que ele era seu capitão  
 e ho aua de ser / e que se possessẽ  
 aquillo em conselho / e saberião se  
 era pera fazer ou não. E posto fez  
 se o que Martim aфонso dizia: e  
 passando grande espaço que Fran-  
 cisco da cunha e ho fialho não tor-  
 nauão disse que ali verião todos  
 que gente era aquela / e quão bom  
 seria desembarcarem. E sem mais  
 esperar separtio / porque como não  
 tinha armas não ouiuo de sair a  
 saber o que lhes acontecera / e estes  
 fugirão despõs e torãse aa India.  
 E indo Martim aфонso ao longo  
 de terra com ho mar bonança vi-  
 rão hum ribeiro que se metia no  
 mar / com que derão muytas gra-  
 ças a nosso senhor / e por q̃ ali não  
 parecia pouoação segurouse Mar-  
 tim aфонso e mandou a Diogo pi-  
 rez deça / e Huo fernandez frey-  
 re / e a outros dous que fossem en-  
 cher dagoa hũa jarra martabana  
 que leuaria dous almudes. Estã  
 do tomando agoa acertarão dous  
 homens da terra de chegar ao ri-  
 beiro com hũa panela darroz co-  
 zido que ainda leuauão quente / e  
 Huo fernandez lho comprou e le-  
 uou a com a agoa a Martim aфон-  
 so: e querendo ele partir ho arroz

por todos lhe pedirão que ho co-  
 messe soo / porque pera todos não  
 era nada e pera ele soo seria algũa  
 cousa / e não quis se não partilo  
 e a cada hum comeu hum bocado.  
 E porque na agoa era necessaria  
 grande prouissam se fartarão alto de  
 la / e leuarão a jarra chea / e por  
 lhes durar molbava: Martim a-  
 fonso a ponta dum lenço nagoa e  
 dauao a chupar a cada pessoa cer-  
 tas vezes no dia / e ho outro tem-  
 po tinhão na boca hum pelouro  
 despingar da pera não auerem se-  
 de / e comião algũs bocados de  
 bizcoito pera se fosterem. E coesta  
 adieta tão trabalhosa nauegarão  
 cinco dias sostendo os nosso senhor  
 milagrosamente / e no cabo deles  
 chegarão aa barra Darracão.

Capitulo lxxvii. De como Mar-  
 tim aфонso foy leuado com os  
 outros per hũs peccadores aa  
 cidade de çuquirã.



Como a Mar-  
 tim aфонso lhe pe-  
 sasse muyto de se  
 entregar aos mou-  
 ros / porque labia  
 quão desleais e  
 falsos sam traba-  
 lhava por bulcar todos os modos  
 que podia pera não se entregar. E  
 porque sentia nos mais dos por-  
 tugueses enfadamento de tanta má  
 vida nã ou sou delhe dizer o q̃ temia  
 dos mouros porq̃ não cuydassem q̃  
 ele não queria desembarcar se não  
 trazelos na barquinba / e q̃ deslepe-

rados fizessem algum desatino / e por isso dissimulou coeles / dizendo-lhes que antes que se fossem para Arracão fossem ver a hũa ilheos que ali estauão perto se por ventura estarião hi algũs dos seus nauios / e quando não algũ fato se fossem perdidos / que bo mar ali lançasse / e depois se irião para Arracão. E consentindo que fossem mandou remar para lá / e começado da travesar acalmou bo vento e bo mar ficou cauado / e era tão vanzeiro que metia a barquinha no fundo com a agoa que lhe entrava que vazauão com hum capaceete e com hũa bacinica que leuauão / e aqui se virão de todo perdidos pelo que cha marão muyto deuotamẽte por sam Zourço a quem prometerão suas esmolas / e nosso senhor por rogos do bem auenturado martir os liurou deste perigo / a cuja honrra depois mandou Abartim afonso fazer hũa irmidã em hũa sua quinta no termo Dobidos / e liures do mar chegarão ao ilheo / em cuja praya logo em desembarcãdo achãrão dous sacos de bizcoito todo molhado e hũa arca de pao / e dentro algũs guingões de que depois fizeram arrombadas á barquinha. E nisto conhecerão que algum nauio dos que buscãuão era perdido / e virão que bo ilheo era quasi tudo praya pequeno e redondo e no meyo dele debaixo de hũas arvores altas estava hum charco d'agoa nadiuel em qãdauão peixes / mas a agoa cheirava mal e amargava / e por ali auia hũas faueiras como

as nossas com fauas / hũas verdes e outras secas. Os Portugueses em as vendo arremessarãse a elas com a fome que leuauão comendo muytas : e parece que por terem esta propriedade os mais dos que as comião começarão logo darremessar / e sair tudo juntamente como se comerão algũa peçonha e cayão no chãu muyto fracos e desfacordados / pelo que os outros cessarão de as comer / e Abartim afonso accidio muy triste cuydãdo que aquilo fosse peçonha e fez agasalbar os doentes ainda qã não auia outras camas se não a area / e allí andou ate que anoyteceo / e quis lhe nosso senhor bem que fãza lãar pera os alomear. E andãdo passeando Bruno fernandez freyrez e Francisco mendez ao longo do mar por não poderem dormir com bo cuydado do perigo em que se vião virão sair d'agoa hũa tartaruga / e indo apos ela ate onde tinha perto de duzentos ouos tomãrãna coeles e leuarãna a Abartim afonso que a mandou logo fazer em pedaços para comerem e fizeram muytos por ser mayor que hũa grande rodela / e as gemas dos ouos deitou em hũa bacinica e coalhados ao fogo os deu por sua mão aos doentes com que os esforçou / e allí comerão todos da tartaruga assada e do bizcoito e almeirões cozidos qã auia ali muytos e cozãnos em agoa em hum capaceete que ainda que era ferrugẽto e os almeirões sabião a ferrugẽm sabião bẽ com a fome. E ao ou

tro dia tomarão outra tartaruga a que acharão mais de duzentos ovos / e coeste refresco fararão os doentes e esforçarão os sãos algum tanto em tres dias que ali estiverão. E vendo Martin afonso a gente contête, rogou lbes que não fossem a Arração, porque tinha grande duvida no senhor da quella cidade por royndades que sabia que fizera a Portugueses que ali forão mais prosperos do q eles yão, mas que fossem a Chetigão outra cidade del rey de Bengala que hũ Portugueses vos da companhia que ja fora nela lbe dizia q era perto, e que ali os agasalharião bem por amor que nauégauão / e tinham necessidade da amizade dos Portugueses / e todos disserão q fossem. E atrauestando a costa / chegarão a hũa praya onde virão muytos palmitos / e vendo Martin afonso a terra despouada desembarcou ali com todos / e mandou tirar q barquinha em terra / e com pedaços das tartarugas q ainda leuana e algũs ovos, e cõ ho biscoito ajuatarão os palmitos e refrescarão, e com boa agoa que acharão deixarã se estar tres dias, e d noyte dormirão dous marinheiros na barquinha / e de quando em quádo se levantaua Martin afonso e a vigiava: e isto fez porque algũs Portugueses lha não podessem furtar como determinarão pera fugirem nela e deixarẽ os outros. E na derradeyra noyte indo a Martin afonso visitar achou duas almadias pegadas cõ terra / e cuydando que a querião tomar bradou aos Portugueses q acodif

sem. E sentindo hũs pescadores da terra que estauão nas almadias q acodião / afastarãse de terra e falarão / e Martin afonso lbes inãdo u perguntar por hũ Portugueses que ja estuera em Bengala e sabia a lingua quanto era dali a Chetigão / e dizêdoque perto concertou coeles que os leuassẽ lá por dez pardaos que lbes derão / e os pescadores mentião / e a cidade que dizião não era Chetigão se não outra chamada Luqueria de q era senhor hũ mancebo mouro chamado Codauaz e por dinidade cã, e ficana ho nome todo Codauazcã, e era vassalo del rey de Bengala. E tomãdo os pescadores a barquinha d toa tirarão a força d remo qnto mais poderão e em amanhecendo achou se Martin afonso dentro em hũ rio / q ho Portugueses que estuera em Bengala disse que não era aquele ho rio de Chetigão / porẽm que bem podia sair por ali ao mar, porque sabia que aquele rio cercaua aquela terra como ilha, e forão por aquele rio ate que anoyteceo: e nisto saltarão os pescadores supitamente em terra, dizêdo que yão leuar recado ao lascar de Chetigão como estauã ali: e dizêdo lbe ho Portugueses que porque mertião se aquele não era ho rio de Chetigão, disserão q si era / e forãse. E Martin afonso disse que esperassem ate verem que recado leuãdo os pescadores, mas eles não tornarão mais / porẽm forão dizer a Codauazcã que estauã ali tãtos Portugueses q andauão perdidos / e q nã leuãdo armas. E ele folgou muyto cõ aqlas nouas



porque os tinha por valentes homens e sabedores na guerra / e folgou coeles pera bo ajudarem em bũa que tinha com bũ seu vezinho, porque esperaua de bo vêcer cõ sua ajuda, e porque era noyte não quis que desembarcasse, e mãdoulbes dizer per bũ homem que sabia a lingua Portuguesa que não se agastasse porque ele era grãde amigo del Rey de Portugal / e assi lbo disse bo homem em voz alta sem bo verẽ por amor do grande escuro que fazia. E ouvindo Martim afonso estas palauras em Portugues e em lugar onde tão pouco esperauão ou vir falar sua lingua nem palauras tão fauorauels a eles ficarão muito consolados, e esperarão bõ remedio pera a saluação das vidas, pelo que derão muytos lououres a nãso senhor.

**Capit. lxxviii.** De como Martim afonso e os outros ficarão e poder de Codauazção.



**C**odauazção que estava muyto aluorazado pera auer os Portugueses / leuantouse como foy manbaã e caualgou acompanhado de muyta gente de guerra que tinha junta / e ido coele todos a pẽ se foy a ribeira leuando diante seus instrumentos de guerra que yão tocando por festa / mas aos Portugueses não lhes pareceo assi: e quando virão tanta gente daquela maneyra cuydarão que

os yão prender / e disserão que não era sũo esperar mais, que se fossem / porque bo recado que lhes derão de noyte da parte do goazil foy pera os deterem que não fugissem / e a Martim afonso lhe pareceo bem e foyse pelo rio abaxo pera ir sair ao mar: a gẽte de Codauazção quando os virão fugir lançarão a pos eles ao longo do rio apelidando a terra, e tirãdolbes muytas frechadas e pedradas / e da outra banda do rio acodião trabalhadores / e suas mulheres e filhos: e todos cõtamanha furia que parecia que os querião meter no fũdo, e valeolbes que indo assi deu a barca em seco / o que vendo Martim afonso leuantou bũ lenço em final de paz porque os não matassem e bradou a gente que esteneisse queda: e ela bo fez assi / e porque a barca estava bũ pouco fastada foy necessario desembarcar Martim afonso e os outros a nado: e ele foy logo falar a Codauazção que quando bo vio lhe fez muyto galalhado / e disse que não se agastasse polo desastre que lhe acontecera, e que fizesse cõta que estava em Portugal, porqẽ ele e os outros Portugueses assi auião de ser tratados como lá, e que ele os deixaria ir pera a India dentro na moução / ou os mandaria quando não tenesse embarcaçõ por isso que defcansasse: que lhe Martim afonso agardeceo muyto, e ele bo mandou apouentar com todos os outros em bũas grandes casas / e lhes mãdou dar todo bo necessario, e panos pera vestidos dalgũ que disse tinham necessidade. E logo

no outro dia chegarão aa barra desta cidade Duarte mendez de valco celos capitão de hũa galeota e Joã coelho capitão dũ barganti ambos da conserua de Bartim Afonso q andauão em sua busca, e na barra souberão dos meismos pescadores q ali leuarão os Portugueses como estauão na cidade. E os capitães mādārão dizer a Bartim afonso como estauão ali q determinasse o q queria: e ele pediu licēça a Codauazção pera se ir lêbrando lbe o que lbe tinha prometido. E ele lbe disse q era verdade, mas q não lbe podia logo dar licēça, e cōtoulbe a causa por q q era a guerra q tinha q esperar a acabarcō sua ajuda de trona moução: e então lbe daria licēça: e q mādasse dizer aos capitães que estauão na barra q ho esperassem, e entre tanto lbes darião os mantimentos de q teuellem necessidade, e Bartim afonso ho fez assi.

**C**apit. lxxix. De como Bartim afonso foy liure do catiueiro em que estaua.



Como Codauazção tinha sua gente prestes pera ir sobre seu inimigo, partio se logo levando Bartim afonso cō ligo, q y a a cavallo e os outros Portugueses a pé, e todos leuauão armas q lbes Codauazção deira: e forão cō muyto trabalho por ho caminho fer muyto roym e fragoso. E a gente de Codauazção se espantaua de como ho podião atuar não sendo costumados a andar

por aquela terra: e tinhão os pera muyto: e assi forão por suas jornadas ate chegar em aa cidade do inimigo de Codauazção que tinha deitado fama que leuaua cem Portugueses com espingardas a fora ho grande poder de gente da terra: e assi alifantes, pelo que seu inimigo não ousou d ho esperar e fugio deitando a cidade de despejada: e por isso a tomou Codauazção sem nhũa resistência: e dali foy seguido seu inimigo ate ho deitar fora da terra que nunca ousou de lbe dar batalha com medo dos Portugueses que da gente da terra não fazia conta ainda que fora mais da que era: assi que ho medo dos Portugueses fez fugir ho inimigo de Codauazção que ficando senhor de toda a terra de seu inimigo se tornouga a cidade de Soré onde staua sua mãy e dous seus irmãos: e ho galardão que deu a Bartim afonso e aos outros pola ajuda quelbe derão, foy negar lbes a licēça quelbes tinha cōcedida e pedir lbes resgate polos deixar ir: o quelbes não derão polo não terē. E quando Bartim afonso vio a pouca verdade de Codauazção, determinou de fugir dando parte disso a algũs dos q estauão coele. E cōcertado com os capitães que estauão na barra, que pera hũ dia certo lbe mandassem as almadias pos em obra sua fugida hũa noyte despois que sintio que os da cidade erão recolhidos: e mandou diante os mais dos que estauão coele com quem foy hũ portuguez q cō hũ Bannel d caceres leuaua os recados d Bartim afonso aos capitães e sabia a terra

e odestauião as almadias q̄ era valli a q̄tro legoas: e partidos estes foise **Martim afonso** apos eles, indo coe le **Daniel de caceres**: e isto seria as onze horas da noite: e como ho caminho era muyto roym e cõpido, e comẽçarão de cansar e algũs ficarã testes querẽdo despois ir a pos os outros nã sabẽdo a terra se perderã: e vẽdofe perdidos tomarã por remedio tornarẽse á cidade, õde chegarã antes **Damanbecer** / e deita rãse em suas camas a dormir, e a nã restes foy **Dioogo pirez deca**. **Martim afonso** e os outros seguirã a nãte, e com ho roim caminho e cõ irem de vagar / e partirem tarde da cidade amanbeceolhes antes q̄ chegarã aas almadias, e por nã serẽ descubertos embrenharãse. E tanto q̄ amanbeceo soube logo **Codauazcã** q̄ **Martim afonso** e os outros **Portugueses** erã fugidos / do quelhe pelou muyto / e mãdou chamar **Dioogo pirez deca** e os que estãuão coele / e preguntoulhes que como fugira **Martim afonso** e os outros e eles ficarã / disse que nã sabia porque **Martim afonso** lhe nã dera conta de nada / e q̄ acordã do õ noy rebo acharã menos e aos outros. **Codauazcã** ho creio / e mãdou logo hũ capitão cõ quatro cẽtos homẽs dar mas e busca de **Martim afonso** e dos outros e q̄ trabalhãse muyto polos achar: e ele os achou, e eã gẽte os vẽdo comecão darremessar sobzeles pedradas / e frechadas sem conto: e os **Portugueses** se quiserão defender, e **Martim afonso** nã quis / dizẽdo q̄ nã eratẽpo, porq̄ se ho fora ele comecã

ra primeyro, e q̄ quanto se mais de fendessem tãto mais aluozã caritão a terra / e se ajuntaria mais gente e os matarião mais afinba, e por isso era melhoz entregarẽse sem escãdalo. E bradãdo aa gẽte q̄ nã tirasse foyse parela, e disse ao capitão q̄ os **Portugueses** erão tão obedientes a quem tinão por capitão q̄ fazião quãto lbes mandana, e porq̄ ele mãdara aq̄les q̄ ali vinhão q̄ fugissem que por isso fugirão: e se se auita de dar algũia pena por aq̄la culpa que fosse a ele sõmente porq̄ ele a tinba, ho capitão lhe disse q̄ nã era culpado e fugir, e q̄ pealara disso a **Codauazcã** / porq̄ folgãua coele e cõ os outros **Portugueses** q̄ se fosse pera a cidade e q̄ lhe fãria merce / e assi forã. E primeiro q̄ valli abalãzẽ bũs **Diamenes** dos gẽtios pedirã ao capitão q̄ lbes mandasse dar hũ vaq̄les **Portugueses** pera sacrificãrẽ aos seus pagodes a quẽ rogãrão q̄ lhe deparasse aq̄les **portugueses**, e pois lhos deparara q̄ lbes desẽ hũ pera lhes fazerẽ festa: e ele lbes deu a hũ **Bõçalo** vaz de melo, a que queria mal porq̄ quando forão aa guerra lhe chamara cão perro, e ele nã se vingou cõ medo / e vingouẽ ali porque vio a sua. E ali foy logo degolado, sem **Martim afonso** nẽ nhũ dos outros oufãrẽ de falar por nã poderẽ mais. E leuado **Martim afonso** a **Codauazcã**, ele se lhe queitou porq̄ lhe fugia dãdolhe tã boa vida, e toznoubo a sua graça como dantes, e fazialhe merce e hõrra e porẽ nã ho quis deixar ir nẽ a nhũ dos outros, pelo q̄ **Martim afonso** ecreueo tudo o que passãua aos

capitães que ho estauão esperando na barra/ e creuendolhes que se fosse/ e creueo hũa carta pera ho governador em que lhe daua relação de sua desauentura/ pedindolhe que ho mandasse resgatar/ e os capitães separtirão e derão esta carta a Lopo vaz de sam Payo q̄ ainda gouernaua a Índia/ q̄ rogou a hũ mouro Dozmuz chamado Cojeçabadim que ya a Bengala/ que resgatarasse Artim a fonso/ e os que a achasse viuos, e eles resgatou por tres mil cruzados que deu a Codinação/ e os mandou a Índia em hũa fusta sua gouernando Rundo da cunha/ logo no primeyro anno de sua gouernança.

**C**apit. lxxx. De como Simão de souza galuão com tormenta foy ter a Dabem.



**D**artidos Pero de faria e Simão de souza de Cochim pera Malaca como entrarão no golfo da ilha de Ceilão pera a deçamatra/ por ser sempre perigoso ainda que seja na moução e porque a gale era a rasteira mãdou Simão de souza abater quanta artelbaria leuaua assi grossa como miuda: e q̄si no cabo do golfo lhe sobreueo hũa brava tormenta com que se apartarão/ e Pero de faria foy ter a Malaca õde foy entregue da capitania da fortaleza por Forçecabral que a seruia/ e Simão de souza com ho mesmo temporal foy ter a ilha de camatra a barra d̄ Dabem quasi perdido/ e cõ a artelba

ria toda a batida e a gente enjoada e cansada. E sabendo ele polos da terra õdestaua/ quisera logo ir se ho deixara ho tẽpo por saber camanho imigo dos Portugueses era el rey Dabẽ/ mas ho tẽpo nõ lhe daua lugar. El rey sabẽdo da gale q̄ estaua na barra mãdou pregutar q̄ gente era e pera õde ya, e sabendo q̄ erão Portugueses q̄ yão pa Malaca/ determinou de os tomar, e pera saber quantos erão/ e como yão apercebidos mãdou visitar Simão de souza cõ muyto refresco/ dizẽdo q̄ folgaua muyto de ir ali ter pera fazer amizade cõ os Portugueses cõ que a desejava de ter auia dias/ rogãdolhe q̄ entrasse pera dẽtro q̄ lá estaria mais seguro e seria melhor prouido, e se quisesse q̄ ho mãdaria rebocar per algũas lancharas. O q̄ Simão de souza lhe agardecco/ dizẽdo q̄ nõ ya pera dentro por se deter menos/ por q̄ na hora q̄ ho tempo desse lugar se auia õ partir. E receãdo el rey q̄ ho fizesse assi/ mãdou fazer aquela noyte prestes mil homẽs dar mas q̄ se embarcarão em vinte lancharas pera irẽ tomar Simão de souza q̄ polo seu q̄ lhe leuou o refresco soube a gẽte q̄ tinha, e q̄ nõ leuaua artelbaria pera se defender: e como foy manha õs despedio, mãdãdo ao capitão delas q̄ por força lhe leuasse Simão de souza quãdo nõ quisesse por sua võrade, e por distimular mãdoulhe diãte hũ recado em hum calaluz: que pois ali estava que entrasse pera dentro porque lá estaria mais seguro/ e que mandaua algũas lancharas pera que ho rebocassem. E este recado lhe deu

do calaluz hũ mouro que não quis entrar na galé. E dandolhe Simão de soufa a reposta yãose as lanchas chegando: e quando Simão de soufa vio a muyta gente que ya nelas conbeccho engano, e disse ao mour o quelbes dissesse q̄ se fossem quelbes não queria dar trabalho / e ele não se queria ir, pelo que Simão de soufa pediu suas armas / e os outros tambem se armarão: e hũ fidalgo q̄ se chamava Manuel de soufa pos bo fogo a hũ falcão e tirou ao calaluz pera que se fosse. Ho capitão das lanchas vendo que era descuberta sua treição mandou que a ferrassem a galé: e tangendo os mouros seus instormetos de guerra / e dando grandes gritas remeterão á galé tirandolhe muytas bombardadas e espingardadas de que ferirão algũs Portugueses, e duas ou tres lanchas aferrarão a galé por popa, e saltarão muytos mouros dentro sem lho os Portugueses poderẽ defender: e a peleja se começou muyto brava / que com quanto os Portugueses erão poucos, e os mouros muytos pelejarã tam esforçadamẽte que matarão e ferirão muytos dos que entrarão e os outros fizeram tornar a suas lanchas, pelo que os outras não oulãrão mais dẽtrar: e porẽm combatião os Portugueses bravissimamente com espingardadas, frechadas / zagũchadas e pedradas: e com tudo fazião mortal dãno por que como as lanchas erão alterofas e a galé rasteira ficauão muyto senhores dos Portugueses e tratão os muy mal / porẽ não tanto

que não recebessem dobrado mal / mas como erão as nove partes mais que os Portugueses não selbes enxergaua tanto como neles q̄ erão poucos. E desta maneyra durou a peleja ateas dez horas, em que Simão de soufa e os outros se defende rão com efforço tão sobrenatural q̄ auendo os mouros por impossivel vencer enos e spantados de tal valentia domes / e dos muytos q̄ da sua parte erão mortos e feridos se retirarão ficando corenta Portugueses mortos e feridos / e tornãrãse pera a cidade.

Capit. lxxxi. De como Simão de soufa galuão foy morto na barra de Dacheim cõ quãtos yãocoele.



Abẽdo el rey como a sua gente não le uaua a gale / oune viisso muyto grãde menencoria, e mandou logo ir diante de si os capitães e preguntoulbes como não leuauão a gale, e eles lho contarão fazendolhe grande espãto da valentia dos Portugueses: do q̄ el rey se agastou muyto mais do q̄ estaua, e caualgãdo em hũ alifante mandou chamar bo seu capitão geral com a gẽte de guerra que tinha a cargo, e mandoulbes que lhe fossem por a gale de Simão de soufa / jurãdolbes por Dafamede que os que tornassem sem ela q̄ os auia de mandar matar com a mão daquẽle alifante, e logo os mandou embarcar em cincoenta lanchas / o que fizeram com bẽ mã vôtade por auer

rê grãde medo aos Portugueses pela vaietia q̄ neles virão na peleja passada. Tho capitão mór dos mouros del'pois q̄ chegou á gale fez q̄ nã ya pa pelejar / z lenãtãdo hũa bãdeira d' pãz disse q̄ queria falar a Simã de souza q̄ chegou a bordo a saber o q̄ queria. E ele lhe disse da parte del' rey q̄ estava muyto agastado, porq̄ sendo tamanho amigo dos Portugueses z deseãdo de lhe fazer hõrra z galalhado receberã de seus vassallos tamanho offesa como lhes fora feyta, z q̄ logo mãdara prẽder todos aq̄les q̄ lha fizeraõ / z pera ver ho castigo q̄ lhes daua / lherogaua muyto q̄ entrasse pera dẽtro / z q̄ ficaria louuado. E q̄ ouuido polos q̄ estãuõ cõ Simã d' souza, muytos comẽçarão de dizer q̄ se etregassem porq̄ ja não podião pelejar: o q̄ ouindo Simã de souza ouue medo que se amornasse a gente / z por isso lhes quis falar / z disse ao capitão dos mouros q̄ aueria conselho com sua gente, z se eles quisessem ir pera dẽtro. E como ho capitão receaua muyto a peleja com os Portugueses foy contente de Simã de souza auer ho conselho que dizia pera ver se podia escusar a peleja z afastouse. E Simã de souza pregũtou á gẽte da galé que dizia, z muytos lhe disserão que faria bem de fazer o que el' rey de Dache queria pois por força ho auião de fazer por não lerẽ poderosos pera se defeder posto q̄ todos os q̄ ali chegarão forão viuos z sãos q̄nto mais sendo a mayor parte mortos z feridos: z poderia ser que veda el' rey q̄ se punhão em seu poder q̄ lhes goardaria sua palaura z

faria o que dizia / z q̄ se tiraria da gũ mao pensamẽto se ho tinha, o q̄ mais afinha poeria em obra veda q̄ não se fiaua dele. Ao que Simã de souza respõdeo, q̄ claro estava q̄ que era tão mortal inimigo dos Portugueses como el' rey Dache que se os acolbesse q̄ os auia de matar v' muy cruas mortes: z pois auião de morrer sem as vingar, q̄ melhor morre rão vingãdo as / z farão o q̄ deuã a Chistãos z a cauleyros / z entre tãto q̄ fazão o q̄ deuão lhes varia nollo senhoz maneyra pera se salvarẽ: z quando não podessẽ saluar as vidas q̄ lhes saluaria as almas por sua misericordia pois morrão por seu seruiço. E animados todos coestas palauras / disserõ q̄ fizesse o q̄ lhe bem parecesse / z q̄ eles ho se guerião: o q̄ lhes agardeco muyto, z disse ao capitão dos mouros que não auia dẽtrar pera dẽtro q̄ se podia ir ebõza: z ele por estar ameaçado del' rey não ou sou de se ir, z mãdou aos seus q̄ cometessem a galé z trabalhassem muyto porq̄ tomassẽ os Portugueses viuos, q̄ assi lho enco mẽdara el' rey / z q̄ lhes lãzasse como os ameaçara se fossẽ sem a galé / por isso q̄ fizessẽ rem saluar as vidas. Os mouros remeterão á galé cõ tamanhos alaridos q̄ eles somẽte abastarão pa desatinar os Portugueses / q̄nto mais tãtas nuũes de frechas q̄ tolhião a claridade do sol: tãta soma de spigar dadas q̄ escurecião ho ar / pedradas, z agũchadas, azagayadas z outros arremessos tão espesos q̄ parecão hũa grossa chuua. E nesta renolta se chegarã tãto certas lãcharas á galé q̄ sal

tarão algũs mouros d'entro / q' logo forão somidos pelos Portuguezes / q' cada hũ pelejava por vinte , e não delcanfauão momẽto e fizeram afafatar as lancharas dos mouros / que como erão muytos se ebaraçauão hũs com os outros porque todos querião ser os dianteiros que pelejassem , e cõ a fadiga q' nisto tinhão podião os Portuguezes aprontar-se deles / assi cõ os tiros mtudos como cõ as espingardas e outras armas offensiuas com que derribauão hũs sem pernas , outros partidos em pedaços . Era cousa espãtosa de ver como os Portuguezes se podião defender de tanta multidão de mouros / quanto mais offedelos com tamanha destruição . E pozem eles não estauão sem ela que erão algũs mortos e os outros q' si todos feridos / e os mouros q' bo não sabião mas cuydãdo q' estauão em todas suas forças por passar de tres horas que duraua a peleja / e q' nem somete os poderão nũca abalaroar / começarão de se alargar da peleja ainda que os capitães lhes lembrauão bo ameaça q' lhes elrey fizera , pelo que lhes não daua espantados de tã braua defensão domẽs . E vêdo hũ mouro q' andaua na galé de por força / como os mouros se afastauã lãcoufe anado por ninguẽ atetar nele , e foy dizer aos mouros que nã se fossem , porq' os portuguezes erão mortos os mais deles , e os outros tão feridos e cansados q' nã se podião defender , e se os cõbatẽẽ mais hũ pouco q' lhes tomariã a galé / e bo capitãomãdou este mouro a elrey per a quelbe disesse aquillo , e

assi os feridos q' tinba , pa q' lhe mãdasse gẽte de refresco , e munições q' logo mandou . E chegada esta gẽte toznarã os mouros a cometer a galé q' entrarã muytos , por ja os Portuguezes que auia viuos lhes nã poderem resistir : porq' não pelejaũ mais q' Simão de souza , Manuel d' souza , dõ Antonio de crasto , Antonio caldeira / Jorge dabreu / e outros tres ou quatro : e cõ quanto fazião façanbas / os mouros os fizeram retirar ate ho pé do masto , e pregarão duas frechas a dõ Antonio de crasto na aste d'ua chũça com que pelejava / e ficarão lhe as mãos pregadas , e assi pelejou ainda hũ pouco , e foy selhe tãto sangue das muytas feridas que tinba que cayo morto , e Simão de souza , e Manuel de souza com os outros fizeram ali coulas tão milagrosas que não se podẽ contar , e bevingarão suas mortes assi os que ali morrerão / como os q' despois acabarão snas vidas e poder dos mouros . E na furia desta peleja deu hũ zaguncho darremelo a Simão de souza sobze bo coraçãõ , e com a força que leuaua lhe rõpeo as cotraças e bo coraçã e caio morto / e os que ficarão viuos que feridã vinte cinco , em que entraũo Antonio caldeira , e Jorge dabreu / se entregarão , prometendolhes os mouros as vidas / e eles se derão por nã terem forças nem folego pera se defenderem , e com este Simão de souza acabarão d' morrer quatro filhos de Duarte galuão . f. Jorge galuão , Manuel galuão / e Ruy galuã que todos falecerão nestas partes seruindo os Reys de Portugal como

seu pay e ante passados seruirão. Tomada a galé pelos mouros não q̄rião goardar ho seguro q̄ verão aos Portugueses / e queriãnos matar se os capitães não acodirão que lhos tolberão: e eles vêdo que nã podião vingarse deles dos muytos parentes e amigos q̄ lhes matarão / vingarãse em Simão de souza q̄ feyto em pedaços ho deitarão ao mar. Tomada assi a galé foy leuada a el rey com os Portugueses que escaparão viuos / a q̄ el rey fez muyto gafalhado por dissimular sua maldade / e fez q̄ lhe pesaua muyto da morte de Simão de souza e dos outros q̄ ele madaua chamar pera lhas fazer gafalhado e hõrra como desejava de fazer a todos os Portugueses de que era grande amigo: e como eles fossem sãos q̄ escolhem entre si algũ que fosse dizer da sua parte ao capitão de Malaca / q̄ mandasse pozeles. e pola galé e artelharía / e polo mais que lá tenesse que fora dos Portugueses porque tudo daria de boa vontade. E isto fazia com tenção que ho capitão de Malaca mandasse algũ nauio / e q̄ botomaria com a gente que fosse nele: e pera mais enganar os Portugueses mandou lhas dar muyto boas posadas e curalos cõ grãde diligencia / e dar lhas todo ho necessario tão largamente como se esteuerão entre Christãos.

Cap. lxxxij. De como dõ Garcia anrriq̄z chegou a Malaca.

**D**om Garcia anrriq̄z q̄ ficou na ilha de Banda despois que foy tempo partio se pera Malaca. e

no caminho tomou hũ sũgo de mouros Jaos. E auido seguro de Pero de faria que ho não prendesse nã a nhũ dos q̄ forão na prisão de dom Jorge. se foy a Malaca / onde lbe Pero de faria mandou embargar toda sua fazenda / dizêdo q̄ lbe não vera seguro mais q̄ pera ho nã prender. E despois estando em Malaca hũs embaixadores del rey de Panaruca. que he na ilha da Jaoa que yão assêtar paz e amizade cõ Pero de faria / se leuãtou hũ arroido entre os criados destes embaixadores e os Malayos. que foy causa de se deslembargar a fazêda de dõ Garcia / e foy desta maneyra. Pousauã estes embaixadores e hũa cerca de taipa junto da pouoação dos Quelis / e passando hũ dia hũ homẽ da terra per junto desta cerca com hũ pouco de dinheiro virã lhos hũs criados do embaixador e tomarã lhos por força. ao que acodirão algũs da cidade: e estando em rezões com os q̄ tomarão ho dinheiro q̄ ho tornã lhas passou ho meirinho da fortaleza / a q̄ requererão que ho fizesse tornar. e querêdo lhas fazer foy sobriſso morto pelos Jaos. E os da cidade vendo isto se acolberão cõ medo / e começasse hũ rumor que os Jaos de Panaruca e quãtos morãno em Malaca erão feytos amoucos. e por q̄ atras disse q̄ coula sam amoucos ho não digo: e este rumor chegou á fortaleza / e acodio logo Pero de faria com gente armada cuydãdo q̄ era treçã. e q̄ndo foy achouja dõ Garcia anrriq̄z q̄ cõ sete ou oytos Portugueses da sua companhia acodio ao arroido cõ suas ar-



mas e fez deter os Jaos que nã paf  
fassem auante e matou doze deles,  
pelo que quando chegou Pero de  
faria onue pouco que fazer em os  
fazerẽ recolher/ e tudo se logo apa-  
cificou. E porque dom Garcia aco-  
diu a tão bõ tempo lhe mãdou Pe-  
ro de faria desembargar sua fazêda  
dando fiança dũs tantos mil cruz-  
dos/ pera se dom Jorge de meneses  
quisesse dele algũa cousa/ e assi esca-  
pou dom Garcia em Malaca.

**C**apit. lxxxij. De como el rey de  
Dachem mandou cõ engano di-  
zer a Pero de faria que lhe daria  
os Portugueses e a galé.



Este tpo auia guer-  
ra antre el rey de  
Dachem/ e el rey  
dauru seu vezinho.  
E sabendo el rey  
dauru a muytare  
zãõ q os Portugueses tinbãõ pera  
serem inimigos del rey Dachem/ mã-  
dou pedir ajuda a Pero de faria ca-  
pitãõ de Malaca/ mandãdo lhe di-  
zer por seu embaixador como tinha  
guerra cõ el rey Dachẽ, e q confia-  
do na amizade q tinha cõ os Por-  
tugueses do tempo q Jorge dalbu-  
quer q fora capitãõ de Malaca lhe  
mandaua pedir ajuda contra el rey  
de Dachẽ que sabia que era inimigo  
dos Portugueses/ e q lba auia de  
dar por mar pera coela pelejar a sua  
armada com a del rey de Dachem  
em quãto eles pelejassem por terra,  
e q esperaua de se vingãr dele e vin-  
gar aos Portugueses das offensas

q lhes tinha feytas. E partido este  
embaixador del rey Dauru, foy lo-  
go sabido del rey de Dachem: do q  
ele ficou muyto agastado/ por que a  
fora recear muyto el rey Dauru por  
ser poderoso de gente/ e gẽte esfor-  
çada e guerreira, auia grande me-  
do de lhe bo capitãõ d Malaca dar  
ajuda, porq dandolha era sem nhũa  
redençãõ destruido: e estava certo  
darlha assi por os males q os Por-  
tugueses tinhãõ dele recebidos co-  
mo porque naqã conjunçãõ auia  
muytos Portugueses e Malaca/  
assi os q estauãõ dantes/ como os  
que forãõ cõ Francisco de sã a çũda:  
e os q leuara Pero de faria da In-  
dia/ e os que auia de levar Marti  
afonso de melo iufarte q ainda nã  
sabia que era perdido/ porẽm sou-  
bera dos Portugueses q tinha ca-  
tiuos q auia dír a ter a Malaca. E  
tẽdo por certo dar se a ajuda a el rey  
Dauru/ determinou de lhe atalhar  
com manha que lha nã dessem: fa-  
zendo como bizẽ da necessidade vir-  
tude, e requerer amizade ao capi-  
tãõ de Malaca cõ offrecimento de  
dar os catiuos e a galé/ e todo ho  
mais q tinha tomado aos Portu-  
gueses. E porq nã auẽtura se nhũ  
dos seus nesta embaixada, e tambẽ  
porq parecesse ao capitãõ de Mala-  
ca q tinha võtade de cõpir o q di-  
zia/ mandou coela Antonio calde-  
ra/ e em sua cõpanhia outro Por-  
tugues, e primeyro q ho mandasse  
lhe fez muytas mostrãas d amizade  
a fora as q tinha feytas a todos em  
os agasalhar e curar/ e disse lha a  
causa porq ho mãdaua e nã a nhũ  
seu, e q se o capitãõ d Malaca q sse

q̄ mādasse logo pelos outros Portugueses, e pola galé e artelbaria/ assi dela como de bñia nao q̄ se perdéra na sua barra, e a que tomara na fortaleza de Pacem: e que não quieria outra confa se não sua amizade e a dos Portugueses. E ao tempo que Antonio caldeira chegou a Malaca tinha Pero de faria prometida sua ajuda ao ebaixador del rey Dauru, e quando vio Antonio caldeira e soube ho recado q̄ leuaua ficou muyto ledo parecêdolhe que cobraria os Portugueses que esta não catiuos, e a gale e artelbaria, e que nisto ganhaua mais q̄ em dar ajuda a el rey Dauru: e não ele só mête estaua coisto muyto ledo mas os mais dos principais da fortaleza/ e dōde Pero de faria tinha prestes Diogo de macedo capitão mōz do mar de Malaca pera ir por mar com outros capitães ajudar el rey Dauru começou de ho ter. E q̄ não parecendo bem a Bartim correa por ser seu amigo e ter coele credito lhe disse que visse bem o q̄ fazia/ por q̄ toda aq̄la amizade del rey Dachê lhe parecia fingida, e q̄ não era pera outro fim senão pera saber se daua ajuda a el rey Dauru, ou se fazia armada prestes pera ir vingar a tomada da gale assi como auia pouco q̄ se fizera em longu/ por q̄ bem deuia ele de saber que auia muyta gente e Malaca. E a rezão por onde lhe parecia q̄ el rey Dachê mandaua mais Antonio caldeira pa saber aq̄las duas cousas que cō determinação de fazer amizade/ era conhecer ele por experiencia que os mouros não cometião amizade se não q̄ndo vião

q̄ lhes era muyto necessaria, e que el rey Dachê ainda nã se vira a prestado dos Portugueses pera cō necessidade de sejar sua amizade/ antes ele lhes tinba feytas muytas e muy graues offensas, na morte de Forze de Brito/ na tomada da fortaleza de Pacem, na da galé de Simão de souza e outras, por q̄ nunca ouuera castigo: pelo q̄ auia de star muyto soberbo, e não pedir amizade com offrecer tâtas cousas a q̄tê lhe não podia nbñia/ o que lhe fazia sospitar o que sospitava. E parecendo isto bẽ a Pero de faria/ mandou chamar Antonio caldeira, e lhe refugio perãte Bartim correa quanto lhe ele tinba dito/ rogando lhe muyto que atentasse bẽ se se poderia ter aquela sospita del rey Dachem. Ao que ele respõdeo que não abonado ho muyto, e dãdo ho por amigo muyto fiel dos Portugueses/ e acreditando ho tanto que disse q̄ por nbñ preço deiraria de lhe toznar com qualquer reposta que lhe dessem pola confiança q̄ nele tinba. E q̄ visto por Pero de faria, teue por sem duuida q̄ el rey Dachê fala ua verdade pois Antonio caldeira fiava tâto dele/ q̄ estãdo liure se que ria toznar lá sem receo de ho cativar: e mais por q̄ dilatãdo ele a reposta a el rey de Dachê/ lhe disse Antonio caldeira q̄ se a mais dilatasse e ho não quisesse mandar a Dachê q̄ ele se iria, por q̄ auia de cõpir o q̄ prometera a el rey de Dachê e aos Portugueses que ficauão coele de toznar com a reposta. E quando Pero de faria vio sua determinação, acabou de todo crer q̄ ele tinba por

verdadeyro o que el rey de Dachê lhe mandaua dizer, e despachoubo logo escreuendo a el rey de Dachê que folgaua muyto com sua amizade, e q̃a aceitaua em nome del rey de Portugal, e dali por diante teria nre hũ bõ amigo, e receberia de le fauor e ajuda quando lhe fosse necessario, e que logo mãdaria pelos Portugueses e polo mais q̃ dizia, e com a confiança que tinba de sua amizade, não queria dar ajuda a el rey Dauru que lhe mandaua pedir contra ele, e que d'isso poderia estar seguro, e mandaua hũ Portugues casado em Malaca que sabia bem a terra e a lingua dela que leuasse Antonio caldeira em hũ balanco e ho possesse no Reyno de Pacem onde estava el rey de Dachem e lho entregasse. E partidos d' Malaca forão ter a hũ ilha/onde fazêdo agoada forão mortos polos mouzadores dela que erão mouros, pelo que el rey de Dachem não ouue reposta.

Capit. lxxxiiii. Do q̃ passou entre Pero de faria e el rey Dauru, e el rey de Dachem.



Espedido Antonio caldeira pa Dachê, como de Pero de faria tinba asserado de nã dar ajuda a el rey Dauru despedito ho seu embaixador respõdendo que não podia ajudar a el rey Dauru contra el rey de Dachem por amor dauar aqueles Portugueses que tinba catiuos, e por cobrar a muyta arrelbaria q̃ tinba del rey de Portugal que se isso não fora que ho ajudara de muyto boa

võtade, e ajudarla cõtra qualquer outro rey. E ouuindo ho embaixador esta reposta tão fora do que esperaua, e depois de ho deterem tãto tempo como ho detenerão ouue muyto grande menencoria posto q̃ ho dissimulou. E sem mais se despe dir de Pero de faria se partio hũa noyte muyto secretamente, do que pelou muyto a Pero de faria, parecendo lhe que ya agrauado, e que el rey Dauru ho ficaria dele: o q̃ ele não queria porque sabia que el rey Dauru era leal amigo dos Portugueses, e grande seruidor del rey de Portugal, e por isso desejava de ho poupar: e pera ho temperar de seu agrauo, mandou lá a hũ Fernão de morais capitão dũ galeão como que ho mandaua em seu fauor, e cõ grandes desculpas de lhe não dar logo ajuda. E chegado ho embaixador del rey Dauru a ele antes que Fernão de morais lá chegasse, lhe deu a reposta de Pero de faria, de que el rey ficou muyto agastado, e por que se temeo que desse ajuda a el rey de Dachê, despachou logo sua armada que tinba prestes que fosse pelejar com a del rey de Dachê que estaua no porto de Pacem: e indo pa lá topou no caminho hũ paraõ em que ya hũ Portugueses daq̃les q̃ el rey de Dachê tinba catiuos por que ho mesmo rey mandaua dizer a Pero de faria q̃ mãdasse logo polos outros Portugueses, e pola galé e arrelbaria: e isto porq̃ Antonio caldeira tardaua cõ a reposta, e pa recialbe q̃ Pero de faria nã queria sua amizade, por amor dos vãos q̃ tinba feytos aos Portugueses/

z q̄ria antes a amizade del rey Dauru z darlhe ajuda pera ho destruirẽ ambos. E coesta sospeita ferua / z pera se tirar dela tornou a mandar aquele Portugues, q̄ topando ho os Aurus / como sabião que ho seu rey não estava bẽ com os Portugueses tomarão este z mandarão a el rey Dauru / que sabẽdo dele ao que ya não ho quis deixar ir / porq̄ Pero de faria coeste recado não se apressasse a socorrer el rey Dachẽ. Enisto chegou Fernão de morais ao porto dondestava el rey Dauru: que como não era amigo dos Portugueses não quis mandar recado a Fernão de morais, ates defendeo que ninguem fosse ao galeão. E passando quatro dias que Fernão de morais estava no porto sem pessoa nhũa da terra ir a bordo, determinou com quãto lhe aquilo pareceo mal se auẽturar z ir falar a el rey / o quelhe foy contrariado, dizendo que poderia ser que el rey estaria agrauado de Pero de faria pola ajuda quelhe não quis dar / z por isso não quereria que os Portugueses fossem a sua terra nẽ conuerialos / z que indo a terra sem seu recado lã çaria mão dele, z ho prenderia por isso que não fosse. E como Fernão de morais era muyto esforçado z auentureyro não quis deixar dir: z chegando diante del rey / foy dele muyto bẽ recebido z agasalhado, z mostrou receber bem as desculpas de Pero de faria / z que não lhe pesaua de sua amizade com el rey Dachẽ por amor das causas q̄ dizia, antes folgaua muyto decobrar por aquela via os Portugueses / galẽ

z artelharã, z que nem por isso deixava de ser seu amigo z ho seria sem pre. E isto tudo era fingido, que como vio Fernão de morais logo de terminou de ho prẽder z tomarlhe ho galeão sea sua armada desbaratasse a del rey de Dachẽ, z isto por se vingar da ajuda quelhe Pero de faria não deu. E com tudo quis esperar se vicia a sua armada ou não, porque não vencendo queria ficar amigo com os Portugueses / porq̄ ficando mal coeles receaua q̄ se ajustassem cõ os Dachẽs z ho destruissem / z deteu Fernão de morais oytto dias dando lhe a entender q̄ ho tinha pera se fauorecer coele contra seus inimigos / z a cabo dos oytto dias lhe foy noua que a sua armada pelejara com a del rey de Dachẽ / z q̄ nhũa vencera z se apartarão sem mais pelejarem z a sua se tornaua, z logo deixou ir Fernão de morais z lhe deu ho Portugues que leuaua ho recado del rey de Dachẽ / que tinha reteudo ate tambem ver em q̄ parauão aq̄les negocios, z por não serem a sua vôtade ho soltou / z mãdon dizer a Pero de faria o que ia tinhadito a Fernão de morais que quãdo chegou ao galeão achou q̄ homestrez a outra gẽte se querião ir desesperados de ele tornar / parecendo lhe que era catiuo / z receando que fossem os mouros tomar ho galeão. E vendo el rey Dauru que sua armada não vencera a del rey de Dachẽ não quis pelejar coele por terra / nem menos el rey de Dachẽ quis coele guerra / parecendo lhe que ho auião de judar os Portugueses por não ter

ainda reposta de Pero de faria, e logo se concertarão ambos e se fizeram amigos. E como a amizade delrey de Dabem cõ Pero de faria era fingida por amor da guerra delrey Dauru como se vio dela de sapressado/não quis mais amizade com Pero de faria nẽ dar lhe nada, e pesoulhe dos Portugueses que tinha mandados: o que Pero de faria não soube por que por nã poder não mandou a Dabem / e por lhe parecer que tudo estava certo pera de cada vez que lá mandasse, e se então soubera a verdade e inãdara lá hũa armada elrey de Dabem com pira o que tinha prometido ou fora destruido.

**C**apit. lxxxv. De como Runo da cunha partio pera a India por governador dela.



Este anno de mil e quinhentos e vinte e oito mandou el Rey dom João de Portugal por governador da India hũ fidalgo chamado Runo da cunha vedor da sua fazenda / q̃ por amor da grande inuernada que foy naquele anno não pode partir se não a dezoyto de abril / e leuou hũa armada de noue naos grossas e hum galeão / e hũ nauio redondo. Das naos forão capitães a fora ele, Simão da cunha seu irmão que ya por capitão mór do mar da India, Pedro vaz da cunha também seu irmão q̃ leuaua a capitania de Goa / Garcia de Sá q̃ leuaua a de Malaca / dõ Fer

nado de lima de Sãtarem q̃ ya por capitã mór das tres naos do trato d̃ Baticala pa Ormuz, dõ Frãscisco deça / Frãscisco de medoça, João de freyras e Antonio de faldanha: do galeão Bernaldi da silueira / do nauio afonso vaz azãbujo. E nesta armada forã tres mil homens d'armas em que entrãuão muytos fidalgos e criados del Rey a mais luzida gente que ate aq̃le tempo fora á India, Partida esta armada antes de chegar ás ilhas das Canarias átre as noue horas e as dez do dia se foy a nao de João de Freitas ao fũdo por q̃ abrio da popa ate a proa de duas pancadas que lhe deu a nao de Simão da cunha, e isto por culpa do piloto da nao de João de Freitas, e em obra de hũa hora se echeo d'agua que não se pode lançar ho barel fora e ho esquife escassamente em que se meteo João de Freitas cõ algũs, e sobristo e sobre se tomarem arcas e tauoas pera cada hũ se salvar ou ue muytas cutiladas, de q̃ muytos morrerão: e foy piedosa consa d̃ ver hũ homẽ casado que leuaua sua mulher e tres filhas moças / que vendose sem esperança de saluação se abraçãrão todos cinco: e dãdo gritos que chegãuão ao ceo se forão cõ a nao ao fundo: o q̃ os das outras naos entenderão quãdo a virão meter debaixo d'agua que ateli não sabião nada do que passaua por irem hũa legoa dela ou pouco menos. E entendendo o que era acodirão os capitães em os esquifes com q̃ salvarão bem cincoenta pessoas q̃ andauão pegadas e arcas e tauoas, e afogarãte na nao cento e cincoen-

ca, e Runo da cunha nã castigou ho piloto da nao de João de Freitas q̄ escapou porque nã soube a verdade de como aquilo fora que lhe foy encuberta. E prosseguindo em sua via gẽ foy fazer agoada na ilha de Santiago/ õde achou menos ho galeão de Bernaldim da silueira que cuydou que achasse ali porque desappareceo logo ao sair da barra de Lisboa, z indo por sua rota foy ter ao parcel de çofala onde deu em seco, z foy morta a gente pelos çafres. E fazendo Runo da cunha agoada na ilha de Santiago / z tomados os mantimẽtos que lhe leuauão duas carauelas que ateli forão coele tornou a sua viagem / z na costa de guiné desçeu a nao Dantonio de Saldanha por singlar menos que todas as outras z perderem viagem por esperarẽ por ela : z disselhe pelo seu piloto que se ficasse com a bẽção de Deos / porque bem via quão tarde era / z que perdião viagem por sua causa / z que melhor seria perderse hũa nao que todas : z coisto deu os traquetes que leuaua amainados z ho mesmo fizeram as outras / o que vendo os que yão com Antonio de Saldanha ficarão muyto tristes de se verem ficar / o que eu vi por ir na nao. E dãdo ho governador os traquetes com as outras desapareceirão em pouco espaço / z Antonio de Saldanha mandou tantas vezes mudar a carga da nao da popa a proa / z assi pelo contrairo que lhe acertou ho cõpasso : z singrou dali por diante muyto bẽ. E nisto z em vigiar a nao sem dormir de noyte nẽ se despir / z em a fazer andar ma-

is do que ho piloto z mestre fazião z em a legurar / z em ter muyto grã de cuydado de curar os doctes foy tão singular capitão que mais nã podia ser. E despois da ajuda õ noz so senhor por sua diligencia foy esta nao aq̄elle anno a Índia segũdo os estoruos que teue pera não ir. E seguindo Runo da cunha sua rota nã lenãdo õ sua conserua mais q̄ Pero vaz da cunha z dõ Fernãdo delima z Afõso vaz ido na volta do cabo õ boa Esperança lbe deu hũ temporal de sul q̄ durou hũa noyte z hũ dia ate vespera, z em acabando forão ter coele Antonio de Saldanha z dõ Francisco deça / que auia dias que yão em companhia, z forão recebidos com grande festa. E indo assi em conserua lbe deu aos seys dias de Julho na paragem do cabo outro temporal de sul que durou vinte q̄tro horas, z poderão as naos sofrer ho paio ate ho quarto da lua / em q̄ ho vẽto foy em tanto crescimento q̄ a Runo da cunha lbe foy forçado arribar porq̄ era ho mar tão grosso que ho comia / z assi arribarão as outras naos saluo a Dãtonio de Saldanha, que como era no ua quis nõso senhor q̄ pode sofrer ho paio / z isso foy tambẽ causa de passar a Índia. E arribando Runo da cunha foy correndo com aq̄elle temporal ate que acalmou z achou se com Pero vaz da cunha z com dom Fernãdo delima. E os outros capitães forão por esse mar ate que tornarão a fazer viagem. E achãdõse Runo da cunha cõ seu irmão z com dõ Fernãdo / acorden coeles que por quanto era tarde z yão em

risco de não passar á India / q̄ por pouparê caminho fossem por fora da ilha de sam Lourenço, e assi ho fizeram: e do Francisco deça e Francisco de mendoça e Afonso vaz que fizeram seu caminho por dentro forão ter a Moçâbiq̄ / saluo Afonso vaz q̄ se perdeu nos ilheos de Moçambique e saluouse toda a gente / e dom Francisco deça e Francisco de mendoça acharão em Moçambique a Simão da cunha / e por ser passada a moução não poderão passar aa India, e inuernerão hi. E Garcia de sa que antes do primeyro temporal se apartou da côserua / depois de se ver quasi perdido cõ a segunda tormenta seguiu sua rota / e passando muyto trabalho de fome e de sede cõ que lhe morreo muyta gente chegou aa costa da India hũ sabado dezaesete Doutubro com tanta necessidade de agoa que não le uaua mais que hũa pipa dela. E depois dele oyto dias chegou Antonio de saldanha que tambẽ passou assaz de trabalho com fome e sede / de q̄ lhe adoeceo quasi quanta gẽte leuaua e lhe morrerão perto de sessenta pessoas. e foy por fora / e por fazer prouisam na agoa que leuaua pouca / bem hũ mes senão deu a cada pessoa mais q̄ hũ quartilho de agoa cada dia, e por passar aa India não tomou nhũa agoada por se não de ter: e chegou a Baticala hũ sabado vinte quatro Doutubro / e dali foy ter a Cochim.

Capitolo. lxxxvi. De como se perdeu a nao de Huno da cunha.



Assada a tormenta que disse com que se as naos espalharã, Huno da cunha cõ pero vaz da cunha e dom fernãdo de lima seguirão por sua rota / e com muyto royn viagem de ventos cõ trairos e calmarias foy ter aa ilha de sam Lourenço quasi na fim Doutribro / e hirgiona barra do rio de Santiago pera fazer agoada, e ali foy ter coele hum Portugues q̄ lhe contou como escapara da nao de Manuel de lacerda que se perdera ali em hũ baiz por culpa do seu piloto / e a gente se saluara na terra por ser perto / e Manuel de lacerda se deteuera hũ anno esperando que fossem ali ter algũas naos que os tomassem: e q̄ aueria dous meses que andara hi hũa nao oyto dias / de dia a terra e de noyte ao mar, e que cada noyte lhe fazião fogos em cruz pera que soubesse que estauão ali Christãos, e nunca chegara a terra / e depois desaparecera. E estava era a nao Dãntonio de saldanha, e não quis chegar posto que vio os fogos, porque sabia que tambẽ os mouros os fazião pera enganarem os Christãos e os fazerem chegar a terra / e se perderem em muytos baixos e restingas queba ao longo dela. E disse mais aq̄le Portugues que desaparecida esta nao ficarão Manuel de lacerda e todos muyto tristes / por não esperarem tão cedo por outra nao. E porque a terra era muy pobre de mantimentos / e não se podião manter: e tambem porq̄ ho mais certo caminho das naos

Portuguesas era pola outra bāda da ilha acordarão de se passarē lá / e feytos em duas quadrilhas foy cada hūa por seu cabo: e tele por estar doente se deixara ali ficar, e que a gente da terra lhe fazia muyto boa companhā / e dela soubera como chegarão aquellas tres naos. E fazendo Runo da cunha e os outros capitães agoada / em hūa terça feyrá que auia quatro dias que allestaua / estando os bateis dētro no rio / levantouse hū trauessam com que a nao de Runo da cunha começou de caçar pera terra, e por estar sobre hūa só ancoralāçarão outra / e despois outras ate seys que não auia mais e todos os austes delas trincarão, e tra por se roçarem por pedros que estauão debaixo, e com a grande força que leuauão pelo peso das ācoras trincauão logo. E não auēdo ancoras que teuessem a nao, caçou tanto pera terra, que deu sobzē hūa area dōde fez assento e abrio, encheose d'agoa / e ho mesmo ouue-ra dacontecer á nao de dom fernādo delima se não teuera hū auste de cairo que teue mão, porque també outros de linbo trincarão, e os esquifes que erāo por agoa dētro ao rio nunca poderāo acodir por ho vēto ser trauessam e na boca do rio fazer ho mar tamanbo escaqueo que não poderāo sair / nē sairāo ate não acalmar ho vento, e a nao por a restinga ser baixa não ficou cuberta d'agoa mais que ate a ponte / e dali pera baixo tudo se perdeu, e a gente se saluou toda / e Runo da cunha se passou com parte dela pera a nao de Pero vaz da cunha, e a outra se a-

pousentou na de dom fernando, e tirados os mastos e vergas a esta nao / e queymado quanto parecia sobelagoa / Runo da cunha se paratio caminbo da Índia a dez de Novembro e foy ter antre as ilhas de Zanzibar / e hūa noyte entrou em hūa enseada grande que se fazia antre a ilha de Zanzibar e outra. E quando veo pola manhaā nem os pilotos poderāo entender por onde entrarāo / nē por dōde auiaõ de sair: porque os canais por dōde entrarāo e por dōde auiaõ de sair erāo tão estreitos que não se enxergauão com ho mar que arreventaua em frol. E despois de desesperarem de não poderem dali sair e estarem em muyto risco de se perder, mādou Runo da cunha a Manuel machado capitāo dos seus alabardeiros que fosse a terra com algūs deles a tomar lingoa pera saber onde staua, e ele foy no esquife da nao e quisera sair em hūa pouoação de q̄ logo os negros acodirão bem armados de frechas e paos tostados, e pelejando coele ho fizeram recolher por força, e sobzisso lhe matarāo hū gormete e ferirão outros homens: o que sabēdo Runo da cunha / fez conselho sobre o que faria / e seu irmão Pero vaz se conuidou pera ir a terra / dōde foy no batel com certos fidalgos e outros homens todos armados. E vēdo os a gente da terra daquela maneira fugirão e despouarāo ho lugar: do q̄ Pero vaz se agastou muyto / e disse a todos que bem viāo ho perigo em q̄ as naos estauão, e quāta necessidade tñbāo de tomar quē as tirasse dali / e pois os negros



não querião esperar era necessario tomarênos por manha: e esta seria ficarem em terra embranhados algũs dos nossos / e os outros fizel-se m que se tornauão no batel á nao, por que como fosse noyte os negros auia de tornar á pouoação / e os q̃ ficassem embranhados poderião tomar algũ quelbes dissesse onde estavaõ / ou lbes desse maneyra pera se tirarem dali. E a isto não respondeo ninguẽ / saluo hũ mãcebo fidalgo chamado Diogo de melo filho de João de melo abade de pōbeiro q̃ disse ele ficaria com hũ seu irmão chamado Tristão de melo / e com hũ seu criado que auia nome João rodriguez. E quelhe Pero vaz teue muyto em merce / louuando ho por isso grandemente, e prometendolhe de ho dizer a Rũno da cunha pera lbe fazer merce: e Diogo de melo lbe disse que visse como ficaua / e tanto que fosse noyte que acodisse á praya diante daquela pouoação onde estavaõ pera a ele ter õde se saluasse / que bem sabia que se auia de ver em perigo, por q̃ não auia de vir de terra sem tomar lingoa: e coisto se foy embranhar com seu irmão e cõ ho outro / e Pero vaz mandou remar ho batel pera as naos. E vendo ho os da terra ir cuydarão que se tornauão / e por isso em anoyte cõdo se forão pera a pouoação: e sintindo Diogo de melo que tornauão sayo do mato cõ Tristão de melo e João rodriguez / e apañou hũ mouro q̃ ya só, que vendo os nossos ouue tamambo medo que se calou, por que eles tambem ho ameaçarão com as espadas nos peitos q̃ ho matarião

se bradasse ou não quisesse andar. E coisto derão muytinha coele na praya onde a borda vagoa acbarão. Pero vaz no batel. E vendo todos ho mouro que era hũ velho forão muyto ledos / porque disse a Pero vaz pelo lingoa despois que perdeo ho medo / que se ho não tomarão q̃ nunca as naos ouuerão de sair dali ainda que tomarão outro / porque ele era piloto daquela costa, e q̃ as auia de tirar / e ho mesmo disse a Rũno da cunha despois q̃ foy coele quedeu a Diogo de melo muytos agardcimentos pelo que fizera / e lbe prometeo que como gouernasse a India lbedaria a primeyra cousa que vagasse que coubesse nele / por q̃ fizera hũ muyto grande seruiço a Deos e a el Rey em lbe trazer aq̃le piloto: do que os q̃ forão cõ Pero vaz ouuerão grande enueja, e lbes pelou muyto de não se offrecerem a embranhar se como se ele offreceo. E certo q̃ despois de nosso senhor ele foy causa de se as naos saluarem em toinar aquele piloto, e ao outro dia ho piloto mouro tirou as naos daquela enseada por hũ canal tão estreito que todos se espantauão de como podião por ali sair / e dali forão ter ao porto de Zanzibar / onde estiverão algũs dias refrescando por ser a terra muyto pera isso como disse atras. E desesperando Rũno da cunha de poder passar á India por ser vinda a moução dos leuantes que era contraira perã sua nauegação / e lbe era forçado inuernar em algũ lugar daq̃la costa, determinou de ser em Bombaça por ter muyto bõ rio pera estarem as

na  
de  
re  
po  
de  
ou  
m  
m  
fic  
m  
fic  
de  
re  
ra  
ce  
bo  
ue  
m  
po  
di  
na  
nb  
ba  
do  
em  
of  
ba  
ma  
a q  
de  
C  
qu  
do



naos o que não podia ser em Belin de por ser costa brava, e as naos correrê muyto perigo, e por isso não podia hi ter bo inuerno. E assentado nisso, deixou em Zanzibar bem duzentos doêtes que leuaua por ir mais despejado / e por ser a terra muyto sadia e abastada pa eles ali ficarem. E pediu a hũ fidalgo chamado Aleixo de soula chichorro q ficasse por seu capitão, o que ele fez de muyto boa vôtade por servir el rey. E Ruño da cunha se partio pera Belinde, onde foy muyto bêrecibido del rey / e bi achou Diogo botelho pereyra capitão de hũa naueta em que foza buscar do Luis de meneses se parecia por aq̃la costa / porque auia sospêta q̃ não era perdido e estava ali com a gente da sua nau, e daqui mandou Ruño da cunha pedir licença a el rey de Bombaça pera inuernar no seu porto da dolbea rezão porque não podia ser em Belinde, e fazendolbe muytos offrecimentos. Mas el rey de Bombaça parecendolbe que aquilo era manha pera lhe tomarê a cidade nã a quis dar / pelo que ele determinou delha tomar e ter bi ho inuerno.

**C**apit. lxxxvii. De como Ruño da cunha tomou a cidade de Bombaça.



Dado parte desta de terminação a seu irmão e a do Fernão da que pareceo bem / assentou em conselho que ho deuia de fazer. E feyto alarde da gente que tinha achou oyto

centos Portugueses e bem duzentos mouros da Índia nossos amigos que inuernauão em Belinde que fozaõ coele / e feys centos com que ho ajudou el rey de Belinde: e partio hũ dia atarde com quatro velas: a capitaina / a de dom Fernão de lima / a de Diogo botelho pereyra e a dos mouros. E chegãdo ao outro dia pola manhaã a barra de Bombaça surgio, e furto mandou sondar a barra por Pero vaz da cunha q̃ foy no batel da nao bem artilhado e fozaõ coele corenta homens de que algũs erão fidalgos. f. Henrique de souza chichorro / Diogo botelho pereyra e outros: e na entrada da barra que era ho mais estreito dela acharão que estava hũ baluarte de pedra / e q̃ tinha oyto bombardas que os mouros que estavam nele despararão logo em vêdo ho nosso batel que por ser rastelero, e passar muyto riço ho não poderão pescar: e passando auãte foy surgir no lugar onde as naos auãdo desurgir que era perto da cidade, e este final auãte de ter Ruño da cunha pera entrar sem Pero vaz tornar a darlhe recado, porq̃ das naos podião ver onde surgia / pelo que Ruño da cunha começãdo de ventar a viração diffirto as velas leuadas as ancoras / e ho mesmo fizerão os outros e entrarão pera dentro / e tirarãlbe do baluarte mas não lhe fizerão nhũ dãno, e Ruño da cunha não mãdou tomar ho baluarte por mostrar aos mouros q̃ ho não tinha em conta / e lhe fazer crer q̃ lhe não queria fazer guerra e consentis se el rey por bem que inuernasse ali /

z por isso esperou aqle dia ate noyte  
sem mandar tirar a cidade pera ver  
se lhe mandaua algũ recado / mas  
ele estaua bem fora disso / z assi lho  
aconselhauão os seus, z dizilhe q̃  
quãdo se não podesse defender que  
melhor era deixar a cidade que dar  
lha por sua vontade / z que lhe fi-  
caua passado ho inuerno q̃ os Por-  
tugueses se auião dir. E coeste pro-  
posito despejarão a cidade da fazê-  
da z da gente que não ficou mais q̃  
a de peleja. E vido Runo da cunha  
que el rey estaua em seu ser z não lhe  
mandaua recado enganouse que  
queria guerra / z pera saber o dete-  
ria melhor desembarcação / como  
foy noyte mandou a Pero vaz que  
ho fosse ver. E chegando ele diante  
da cidade q̃ os mouros ho sentirão  
sairão muytos a praya z tirauão  
muytas frechadas cõ frechas her-  
uadas q̃ ferirão algũs Portugue-  
ses / z Pero vaz se tornou a Runo  
da cunha / a que disse que auia hũa  
praya em q̃ podia hẽ desembarcar  
posto q̃ auia de sair a gẽte por agoa  
que daria poia cinta / z dali a duas  
horas chegou a capitaina hũ mou-  
ro de Adelinde que vinha da cidade  
z disse a Runo da cunha que se goar-  
dasse de desembarcar na praya que  
auia de ser cousa perigosa pola dete-  
ça que a gente auia de fazer em che-  
gar a terra / z que entre tanto a fre-  
charião os mouros porque assi ho  
tinhão determinado: por isso q̃ de-  
uiação de desembarcar junto de hũa  
mezquita q̃staua abaixo da praya  
em q̃ desembarcaria sên hũ perigo  
por ser ali alcantilado / z que ele mo-  
straria este lugar. E disse mais que

os mouros serião tres mil e peleja,  
z que não tinhão mais que hũa es-  
tancia de fora de hũa das portas da  
cidade com quatro ou cinco bom-  
bardas de ferro / z que ho bombar-  
deiro era hũ Portugues / z q̃ auia  
antreles algũs espingardeiros, z q̃  
estauão com grande medo q̃ lhe pa-  
recia que auião logo de fugir. Sa-  
bido isto por Runo da cunha, cõcer-  
tou cõ seus capitães de dar ao ou-  
tro dia na cidade z deu a diãtrea a  
Pero vaz da cunha com seys cetos  
Portugueses z trezetos mouros,  
z muytos destes Portugueses erã  
espingardeiros / z era seu capitão  
hũ fidalgo chamado Fernão couri-  
nho que despõis foy por terra da  
India a Portugal, z Runo da cu-  
nha com os outros capitães z resto  
da gẽte lhe auião dir na retro goar-  
da. E ao outro dia em amanhecido  
desembarcarão na mezquita onde  
os guiou ho mouro de Adelinde /  
que feria da cidade hũ tiro de bêsta  
ou pouco mais, z sem acharem ali  
resistencia (porque os mouros os es-  
perauão na praya) seguirão pera a  
cidade que era cercada de muro bai-  
xo, z forão contra a porta onde de  
fora estaua a estancia que ho mou-  
ro dissera / em que estauão duas bõ  
bardas de ferro que tirarão algũs  
tiros. E vendo ho bombardeiro q̃  
os nossos se chegauão, fugio cõ me-  
do z assi os mouros que estauão na  
estancia se recolherão a cidade. E vẽ-  
do el rey que contra os Portugue-  
ses nã auia defensa fugio da cidade  
cõ toda a gente, z como a pressa foy  
grande que não podião levar o que  
tinhão deixarão muyta parte dele

soterrado, e outra leuaraõ e lhes  
 ficou por hi. E el rey se pos na mes-  
 ma ilha mea legoa da cidade: cõ seu  
 arrayal bẽ fortalecido. E não achã-  
 do Huo da cunha nõõa resistencia  
 nos mouros/não os quis seguir e  
 mandou roubar a cidade em que ho  
 mais que se achon forão mantimẽ-  
 tos/porẽ algũs acharão dinheiro  
 com q̃ se tornaraõ dali pera Portu-  
 gal no nauio de Diogo botelho. E  
 tomada assi a cidade se morrer nin-  
 guem dũa parte e da outra/ fez Huo  
 no da cunha algũs caualeiros, e  
 depois mandou fortalecer algũa  
 parte dela atrauessando as ruas cõ  
 tranqueiras: porq̃ pera quão pou-  
 cos os nossos erãõ ficaua ela muy-  
 to grande/ e não a podião defender  
 toda: e temtase Huo da cunha que  
 os mouros lhe corressen por quão  
 perto estauão. E fortalecida aquela  
 parte da banda do mar com suas es-  
 tancias e gente que as goardasse/  
 apoufentouse nos paços del rey/ e  
 dahi a algũs dias mandou tomar  
 ho baluarte da barra em que ainda  
 estauão mouros/ e mandou a isso  
 dom Rodrigo de lima irmão de dõ  
 Fernando de lima, que com os que  
 leuaua tomou ho baluarte matãdo  
 e catiuando a mõz parte dos mou-  
 ros q̃ ho goardauão, e tomandolhe  
 sua artelbaria/ e foy ferido dõ Ro-  
 drigo de hũa frechada e assi algũs  
 outros: e ele morreu depois da fe-  
 rida por ser a frecha beruada. E da  
 li por diante como os mouros esta-  
 uão tão perto da cidade/ e a mayor  
 parte dela esteuesse despejada, vi-  
 nõõa correr lhe de dia e de noyte/ e  
 como não achauão resistẽcia da par-

te do sertão de saner gonbauãse tã-  
 to que entrauaõ dentro/ e hũs le-  
 uauão o que lhes ficara escondido,  
 outros chegauão ate as tranquei-  
 ras q̃ os nossos tinhão feytas nas  
 ruas: e querião passar por elas/ e  
 assi ho fizeraõ se pelos nossos lhe  
 não fora defendido q̃ lhes resistião  
 fortemẽte: e se os nossos não teue-  
 rãõ necessidade de pelejar na toma-  
 da da cidade aqui teuerãõ tanta q̃  
 os mais dos dias e das noytes ho  
 fazião, porq̃ os mouros erãõ tão  
 sobejos que continuamẽte vinhãõ,  
 e muytas vezes tomauão os Por-  
 tugueses comendo e erãõ feridos  
 muytos de hũa parte e doutra. E  
 hũa vez sayo dõ Fernando de lima  
 com tamanha pressa que foy sem ca-  
 pacete cõ hũ chapeo de frisa, e passã-  
 dolho com hũa frecha ho ferirão na  
 testa: ao que ele disse muyto alto. A-  
 mores de minha molher por mos-  
 trar que não sentia a ferida/ e pe-  
 jou tambem com os q̃ ho ajudauão  
 que fez fugir os mouros de que fi-  
 carãõ algũs mortos. E sendo os  
 Portugueses tão perseguidos coes-  
 tes continos rebates/ afrontauasse  
 Huo da cunha disso/ e tinhao por  
 grande injuria, e por que não sabia  
 quantos os mouros erãõ e os nos-  
 sos serẽ poucos não oufaua de mã-  
 dar dar no arrayal pera os fazer a-  
 fastar dali: e desejavaõ de tomar lin-  
 goa pera que foubesse o q̃ digo, en-  
 comendou a Diogo de melo de que  
 disse atras quelba tomasse, por que  
 tinha nele confiança que ho faria, e  
 ele lho prometeo/ e forão coele Tris-  
 tãõ de melo e outros dous homẽs  
 e hũa noyte se deitaraõ em cilada

perto do arrayal. Estando assi fo-  
rão ter coeles dous mouros de que  
tomanhos brados antes que lhe po-  
desse tapar a boca q̄ foy ouvido no  
arrayal, õde bo aluoroço foy muy-  
to grande, e começarão todos de  
se reboluer pera acodir: o que sentin-  
do Diogo d' melo quisera tomar bo  
mouro as costas e leualo: mas era  
tão gordo que nunca e lenênhũ dos  
outros bo poderão leuantar. E vê-  
do ele isto / e que daltá cidade era  
mealegoa, e que bo não auia de po-  
der leuar contra sua vontade porq̄  
os mouros vinhão matou bo e cor-  
roube hũ braço que leuou pera tes-  
t: munho do que fizera, e perto da  
mea noyte chegou aa cidade coele e  
por Muno da cunha dormir deu ho  
braço ao seu camarayzo, e ao outro  
dia lhe contou o que fizera: e querê-  
do laa tornar pera ver se podia to-  
mar lingoa não ouue d'isso necessi-  
dade, porque os mouros não torna-  
rão mais, que vendo que os Por-  
tugueses chegauão de noyte ao seu  
arrayal pareceolhes que lhes pu-  
nhão cilada, e ouuerão tamanho  
medo que dali por diante não yão  
á cidade se não com muyto tento, e  
se dauão rebates era poucas vezes,  
de modo que os Portugueses fica-  
rão liures da afronta em que dâtes  
estauão polo bõ efforço de Diogo  
d' melo. E auendo ja dias que Mu-  
no da cunha ali estava começarão  
os nossos da doecer e morrer por  
fer a terra doentia, e em todo bo in-  
uerno que durou ate fim de março  
morrerão trezentos e setenta Por-  
tugueses antre os quaes morreu

Pero vaz da cunha e outros muy-  
tos fidalgos e caualeyros:

**C**apit. lxxviii. Do q̄ bo gover-  
nador fez este inuerno em Goa, e  
de como se perdeu hũa armada  
no rio de Chatusa.



Inuernado bo gover-  
nador Lopo vaz de  
lam Bayo este iuer-  
no do anno de vintoy  
to na cidade de Goa  
não quis prouer a fortaleza de capi-  
tão, e ele mesmo bo foy pera tirar  
algũas tiranias que sabia q̄ fazião  
os capitães, assi como dar sentenças  
por dinheiro / porq̄ os iuyzes não  
podião despachar os feytos senão  
coeles / leuar hũa tãga de todos os  
caualos que yão dormuz: e irião  
sempre hũs años pelos outros pas-  
sante de dous mil caualos, e todos  
os seguros q̄ dauão ás naos dor-  
muz quando se tornauão hũ pardao  
por cada vinte candis, e auia nao q̄  
pagaua cincoeta pardaos, e mais  
hũa tanga de cada pessoa, e não auia  
anno que não fossem a Goa sessenta  
seteta naos e leuaua cada hũa muy-  
ta gente. E estes tributos que os  
mouros sentião muyto mais q̄ os  
que pagauão a el rey na alfandega  
tirou bo governador, de q̄ os mou-  
ros folgarão tanto que no anno se-  
guinte forão a Goa muyto mais na-  
os que ateli e a renda da alfandega  
teue muyto grande crescimento, e af-  
si concertou outras mudezas que  
erão muy necessarias pera bõ regi-  
mento da cidade e nobreza dela. E  
porque auia algũa falta dos manti-

mentos q̄ yão do Balagate por os  
Tanadares do Hidalcao os antre-  
terê / mãdoulhe lobuiso hũa emba-  
xada per Tristão de gá / cõ hũ presẽ  
te dũ arnes inteiro laurado o roma-  
no cõ medalbas e folbajê, duas ma-  
ças de torneio de prata douradas e  
hũa soma de corul grosso / mãdado  
lhe offrecer sua ajuda se lhe fosse ne-  
cessaria. Do q̄ o Hidalca se mostrou  
muyto cõdete / e desoachou ho com  
muytos agardecimẽtos: e puissões  
pera os tanadares q̄ deitassen pas-  
sar pa Goa q̄ntos mãtimẽtos lhe le-  
uassẽ e cortar na terra firme toda a  
madeira q̄ quisesse: cõ o q̄ foi a cidadẽ  
bẽ prouida. E porq̄ não layte d Calicut  
nẽ dese u señozto nbũa pimẽta,  
mãdou o governador Simão d me-  
lo cõ hũ galeã e cinco bargãtis ago-  
ardar a costa: e ele ficou esperando  
por Antonio d mirãda q̄ chegou na  
fim de setẽbro. E foy lhe recado de  
dõ João deça capitão de Cananoz q̄  
a vinte de setẽbro se perdera hũa ar-  
mada q̄ layra de Cochĩ d treze bar-  
gãtis e catures e hũa galeota: e cõ  
hũ supito trauessã dera toda a costa  
na boca do rio d Chatuã na costa d  
calicut e se despedaçara, e a gẽte fora  
toda morta e cativa pelos mouros:  
pelo q̄ el rey ficara muyto soberbo e  
fazia hũa grossa armada: cõ cuo fa-  
toz os mouros d Cananoz andauã  
muyto aluorçados: por isso q̄ laisse  
de Goa ho mais cedo q̄ podesse.

Cap. lxxxix. como o governador  
desbaratou Lutiale de Tanoz.



Abido isto pelo governa-  
dor e seis dias se acabou d  
fazer p̄stes: e partio d goa

ho. i. d outubro deixãdo por capitã  
Antonio de mirãda q̄ deitãcaie do  
trabalho q̄ leuara no estreito. Forã  
coele estes capitães nos seus galeões  
Fernã rodrigues barba, lopo d me-  
quita, Anriq̄ de macedo, Antonio  
delemos a q̄ deu ho galeão Santo-  
nio da silua: leuou mais e sua conser-  
ua ate sete bargãtins q̄ não aua ma-  
is e Goa, e ele foy no galeão sam Di-  
nis. E chegãdo antre mõre Deli a-  
chou Simão de melo seu sobrinho  
q̄ lhe disse q̄ tinha auiso de dõ João  
deça capitão de Cananoz: q̄ estava  
em Termapatão hũa frota de Cali-  
cut de. cxxx. velas. i. sessenta para os  
bẽ armados e artilhados e as ou-  
tras pagueres e naos de carga q̄ le-  
uauã especiarã a meca: e os para os  
yão e sua goarda ate serẽ fora da co-  
sta da India: de q̄ era capitão mór  
Lutiale de Tanoz valẽte caualeyro  
q̄ tinhã por scõ por chegar entã da  
cala de Abeca. E sabẽdo ho governa-  
dor esta noua disse q̄ se fossem lãçar  
ao mar da baya d cananoz q̄ ali q̄ria  
pelejar: porq̄ dãdolbenosso senhoz  
vitoria como esperaua / querta q̄ a  
yissem os mouros. E fez se alamar  
cõ os galeões: e os bargantins mã-  
dou que fossem ao longo da costa: e  
assi foy surgir onde digo a boca da  
noyte: e logo mãdou Sicira ho ma-  
labar capitão dũ catur a saber noua  
da armada dos mouros se e / ou q̄  
fazia pera a ir buscar se não viesse  
logo. E ele a achou no caminho: por  
que sabendo Lutiale que Simão  
de melo andaua a monte Deli com  
tãto poucas velas / determinou de  
ho ir tomar parecendolhe q̄ ho po-  
dia fazer cõ tamanba armada, e des-  
pois de ho tomar eiperaua de ir cõ-

batera a fortaleza de Cananor: e coel-  
ta de terminação se fez a vela de ma-  
drugada, e passado a visado gover-  
nador: cuydou q'era Simão de melo  
e por isso virou sobre ele. Era fermo-  
sa cousa de ver tãta multidão de na-  
uios todos cõ as velas infunadas  
e muyto pera espantar a que auia de  
pelejar coeles. a soma d'artelharía d'  
q' yão armados / a gêtesem cõto de  
q' yão fornecidos / abastada de spin-  
gardas / varcos e frechas / de zagú-  
chos / de padas e doutras armas  
offensiuas e defensiuas: e d'ãdo gri-  
tos q' parecia q' fendião ho ceo com  
prazer de lbes parecer q' tomarião  
os nossos, e coisso tanta diuersida-  
des de tãgeres q' retenião q' quebra-  
não os ouvidos d' que os ouuia. E  
cõ tudo o governador como os vio  
armouse logo e fez final de conselho  
a q' forão os capitães e fidalgos e  
acharãno atnda armãdose / e sem se  
assentar assi em pé como estaua lbes  
viisse q' determinaua d' pelejar cõ os  
mourous. E po' d'azeuedo, dõ Tris-  
tão de noronha e Eytor da silueira  
dixerão logo q' pareceria d'ouidice  
q' rer pelejar cõ armada tão grõssa  
q' ho não deniãdo de cometer, mas q'  
se apionhassem e fizessem fortes pe-  
le defender d'os inimigos se os come-  
tesse. E coeltes se forão a mayor par-  
te d'os do conselho: e alguns q' forão  
bê poucos dizião como o medo q' fe-  
ria melhor pelejar q' apinboarêse /  
por q' os mourous nos seus nauios q'  
erãora fteiros os rodearião e mata-  
rião às espigardadas e frechadas  
sem lbe eles poderê fazer nhũ nofo-  
dos galeões / por isso ho melhor se-  
ria pelejar coeles e comerelos logo  
nos bargãtins, por q' por serê liget-

ros poderião êtrar e sair q'ndo que-  
lessem / e os galeões irião a vela em  
sua cõpanhia pera seruire cõ a arte-  
lharía como fortaleza. E de batêdo  
hús e outros sobre fazerê boas suas  
rezões / chegou Siqueira / e como  
era muyto esforçado e sabia bem a  
guerra do mar por auer vias q' a vsa-  
ua, disse ao governador q' fazia por  
q' estaua tão deuagar / q' se os mou-  
ros cbeganão a eles q' lbes auião de  
fazer muyto mal estãdo da q'la ma-  
neyra / q' não tinhão outro remedio  
se não comerelos nos bargãtins so-  
mête e não no meyo em q' auita grã-  
de força senã per q' lquer dos cabos  
q' auião de star tãcos e nã se auião  
d' poder ajudar tãos afinba q' eles nã  
leuassê na mão cada hũ seu paraor: e  
q' esperaua ênosso senbor q' os auia  
da ajudar como fizera outras vezes /  
e q' entretãto q' comerelles nos bar-  
gãtis os galeões farião seu officio  
cõ a artelharía. E o governador lbe  
parece bẽ este conselho mas nã ou-  
sou de ho tomar por tãtos capitães  
e fidalgos lbe serê cõtrairos e cala-  
uasse: e Joã de soire ouuidor geral  
que era do parecer do governador /  
e por q' ho via calar nã oulaua de fa-  
lar / por liberto hũ pé sobre ho seu  
oulbãdo parele como q' lbe conselha-  
ua q' tomasse ho parecer de Siquei-  
ra. Ele parece q' inspirado de nosso  
senbor pera auer a vitoria q' ouue /  
disse muyto ledo e esforçado. Ora  
sus que ey de pelejar. A eles com ho  
nome de Jelin: que quiser acompa-  
nhar ho seu governador e a bandei-  
ra real de sua Alteza sigame. E coif-  
to tomou hũa espigarda às costas  
e salto em hũa fusta de que era a ca-  
pitão Joã de taful, e nã ho segui

rão, outros fidalgos se não os que  
 yão no seu galeão/ que forão estes/  
 Ruy Diaz perezra / dom Sancho  
 Manuel, João rodriguez perezra  
 ho passaro/ dõ Francisco de crasto,  
 João perezra/ Bras da silua daze-  
 uedo/ Garcia de melo / Duarte coe-  
 lho, Fernão da silua/ Ruy perezra  
 Lionel de souza/ Andre casco, Ma-  
 nuel de brito cabral, Francisco de  
 Barros de patua. Por que os mais  
 dos que forão de voto que não se pe-  
 lesasse se deixarão ficar / e não com  
 medo mas com pesar da honrra q̃  
 o governador ali poderia ganhar/  
 que ainda não podião apagar ho  
 odio que lhe tinhão por parte de  
 Pero mazcarenbas. Embarcado  
 ele, achouse com treze ou quatorze  
 bargantins e catures que tambem  
 acodirão algũs de Cananor / de q̃  
 forão capitães Francisco medez de  
 Braga, Martim da silua e Jorge  
 vaz / e de todos fez dous esquadro-  
 es: e ho diãteiro deu a Simão de me-  
 lo com quẽ foy Lopo de mezquita  
 em hũ bargantin, e ho outro lhe fi-  
 cou, e foy hũ dos capitães Fernão  
 rodriguez barba. Isto ordenado re-  
 meterão aos inimigos q̃ estauão a ti-  
 ro de berço bradado por Sãtiago/  
 e dão por hũ cabo tirando muytas  
 bombardadas e espingaradas cõ  
 que os romperão deixando arrõba-  
 dos algũs para os sem receberẽ de-  
 les dãno, e ho mesmo foy doutra  
 vez que os tornarão a romper: e des-  
 ta vez sete bargantins nossos afer-  
 rarão sete paraos dos inimigos, de  
 que dos pimeyros tres que abal-  
 roarão erão capitães Siãira / Fra-  
 nçisco medes de Braga, Martim da

silua de Cananor. E em aferrando  
 lhes lançarão dentro muytas pane-  
 las de poluozra com que os quey ma-  
 rão e aos mais dos que yão neles: e  
 ho governador com os outros tam-  
 bẽ pelejarão tão esforçadamente que  
 poserão os inimigos em tal aperto  
 que se desbaratarão em menos de  
 duas horas q̃ durou a força da pele-  
 ja / e fugirão a remo hũs pera Ca-  
 nanor, outros por esse mar que an-  
 daua bem cuberto deles que se lan-  
 çauã a ele por escapar dos nossos/  
 q̃ matarão muytos e outros ca-  
 tiuarão. E durou isto ate ho meyo-  
 dia que começou a viraçãõ de q̃ os  
 inimigos se ajudarão e derão a vela  
 pera fugirẽ a todo tira: o q̃ vêdo ho  
 governador os não quis mais se-  
 guir por os seus estarẽ muy cansa-  
 dos e recolheo os paraos q̃ estauã  
 rãidos q̃ forã xxxv. cõ os metidos  
 no fũdo em q̃ forão tomadas quasi  
 cincoeta peças de artelbaria / e forã  
 mortos e catiuos bẽ dous mil mou-  
 ros sem dos nossos nã morrer hũ  
 o q̃ foy milagre por quã poucos erã  
 e os inimigos tantos de cujo sangue  
 o mar em q̃ foy a batalha se tornou  
 de cor de sangue q̃ foy a vista de Ca-  
 nanor: e por isso os mouros dele a  
 virão muy bem q̃ todos estauerão  
 na praya cuydado q̃ os nossos aulã  
 õ ser tomados e ficarão muyto tris-  
 tes q̃ndo virão ho cõtraio / e fize-  
 rão grandes prãtos / por q̃ muytos  
 dos mortos erão naturais d Cana-  
 nor. E receado el rey de Calicut q̃  
 por amor desta vitoria lhentregasse  
 ho governador a terra por Crãga-  
 nor mandou laa ho príncibe com  
 muyta gête: e sabido istoẽ Cochim



mandou ho vedor da fazenda bñã armada ao passo de Cranganor.

**C**apit. xc. De como ho governador correio a costa d Calicut z destruy a vila de Porquã.

**V**ida esta tamanha victoria ho governador setoz nou ao galeões z achou dõ Tristão de noronha, Topo vazuedo z Eytor da silueira: que despois do governador partido pera dar a batalha se correrão de ho não ajudar z yão pera isso em bú batel/ mas chegarão a tempo q tudo era acabado: z ele z os outros que contrariarão ao governador q não pelesse ficarão muyto corridos: z muyto mais de ho não acompanharem na pelea z ficarem nos galeões. E parecendo a algũs que o governador ho exercueria a el rey fizerão capitulos dele por se vingarem que prouarão por seus parêtes z os mandarão a el Rey no anno seguinte: mas ho governador q não tinha tal pensamẽto posto q ho nã acõpanharã na batalha, lbes fez tãta bõra z gafalhado como se a eles vicerão. E porq poderia ser q a armada dos mouros se tornaria a reformar nã quis ho governador desẽbarcar e Cananor z dous dias esteve esperando no mar. E vedor q nã tomãũ parecẽdo lbe q autã de star metidos por esse rios, partio a buscalos cõ conselho dos capitães z fidalgos, z mādou diãte a Simão de melo por capitão mór dos bargãtis, z ele yã ao mar cõ os galeões. E indo assi etrou Simão de melo cõ noue bargãtis/ õde soube que estãũõ va-

rados doze paraõs z queimou os cõ parte do lugar sem em seus moradores auer resistencia/ porque fugirão como virão os nossos / q despois de queimados os paraõs corrarão quantas palmeiras autã ao verredor do lugar que era a mayor destruição que lbes podia fazer: z despois disto sayo em Charua õde queimou dezasete paraõs / z ho lugar com morte de muytos dos seus moradores em vingãça dos nossos que ali forão mortos quãdo se a frota perdeo. E assi sayo em outros lugares que todos forão destruidos estando ho governador no mar a vista de tudo / z assi foy ate Cranganor onde achou a nossa armada que h estãua como disse. E sendo certo que ho principe de Calicut não estava ali se nã pera defensã leuouba em sua companhia / por que leuaua determinado de ir dar em Porquã pera destruir ho Arel pola imizade que tomara com os Portugueses por amor del rey de Calicut. Este nome Darel he titulo de senhorio / z assi era ho Arel senhor daqle lugar, z grande colliro de toda roupa pera o q trazia muytos catures bẽ artilhados, z colsto tinha aqui rido grãde tesouro / z tinha muyta artelharã z bõ quinhão de gẽte de pelea. E porq ho governador isto sabia dterminou de o destruir z dar ho lugar a faco pa q os Portugueses enriqcessem, z isto disse secretamente a algũs capitães porq se não rompesse z desse supitamente no lugar. E partido de Cranganor tarde / fez que ya pera Cochim / z em anoy tecendo fez volta sobre Po: q

onde surgio em amanhecêdo, e em surgindo saltou em terra cõ sua gente/a que fez saber que lhe daua ho lugar a escala franca/com q̄ todos ficarão tão ledos que posto q̄ a sua êtrada era muyto perigosa por ser por esteiros de maré, e por muyta yasa que chegaua ao giolho/passarão tudo prestesmente leuando Simão de melo a dianteira/mas não acharão com quem pelejar por ho Arel ser fora com sua gente de pelesja. E os mozadores que erão fracos e sem armas em vêdo os nossos fugirão e deixarãlbe ho lugar / em que ele entrando se forão dereytos aos paços do Arel e meterãnos a saco, e tomou se muy grosso dinbeiro, porque eu vi hũ caldeirão decozbe que leuaria hũ cantar o dagoa q̄ tomou Francisco mèdez de Braga cheo de pardaos douro, e outros tomarão dez mil / oyto mil / cinco mil, e ho geral de cêtoz duzêros pa cima e erão mil homês. E a fora ho dinbeiro amoedado douro se tomou outro muyto de prata e peças ricas d̄ pedraria, e muytos panos ricas da Persia, e hozamandel e das ilhas de Baldiua / e camara bãdos da Persia: e forão tomadas sua molher do Arel e hũa sua irmaã que não poderão fugir / fermosamẽte arrayadas douro / aljofar e pedraria, assi nas orelhas como no pescoço / mãos, braços e pernas e tudo lhes foy tomado e elas ficarã catiuas. E roubado ho lugar foy destruido com seu sitio em redondo a fogo e a ferro q̄ não escapou nũa couza / e forão tomadas oytenta peças d'artelbaria de ferro e de metal

e oyto paraços e dous catures. E coesta vitorio se foy ho gouernador a Cochim: e ho Arel ficou tão quebrado desta destruição que nunca mais ou sou de ser cõtra os nossos / e daqui naceo fazer despois paz cõ Runo da cunha, e não ou sou de a fazer com ho gouernador por saber que aquele anno se esperaua na Índia que fosse outro de Portugal, e auia medo que desfizesse o que estellesse assentado / e resgatou sua molher e irmaã por muyto dinbeiro.

**C**apit. xxi. De como soube ho gouernador que as fustas de Diu corrião a Chaul: e do q̄ fez.



Stãdo ho gouernador em Cochim chegou Garcia d'Isaa, e despois Antonio de saldanha / que como disse se apartarã de Runo da cunha com a tormenta que lhes deu: e contarão ao gouernador o que passarão na viagem. E Antonio de saldanha lhe disse q̄ se gundo ho tempo que auia q̄ se apartara de Runo da cunha, q̄ pois não era na Índia q̄ não passaria aquele año / e assi pareceo a todos. E assẽtado q̄ não passaria aq̄le anno, tornou ho gouernador a fazer guerra a Calicut / pa o q̄ se foy a Cananoz cõ toda a armada, e surgido ao mar mãdou a Simão d' melo q̄ fosse quei mar q̄toze paraços de Calicut q̄ estauão no lugar de Marauia ao pé do môte Delt: e Simão de melo foy lá cõ cinco bargãtis em q̄ leuou sessẽta homês e pelejou cõ os mouros que erão trezentos / e despois de pelejarem hũ pedaço os delba-

ratou e os fez fugir e queimou os paraos. E feyto isto tornou-se Simão de melo a Cananor e desembarcou com o governador / que determinando de mandar Antonio de Miranda á costa do Malabar, deu a capitania de Goa a dō João deça capitão d Cananor: e a de Cananor a Simão de melo, a que deixou nove bargantins armada ate a vinda d Antonio de Miranda, q despachou depois de chegar a Goa pera onde se partio de Cananor: e depois de le partido partio-se dom João deça pera Goa, e em chegando se partio Antonio de Miranda pera a costa do Malabar com hũa armada de duzêtos homens. E estando o governador em Goa lhe foy dado hũ recado muyto apressado de Francisco pereyra de berredo capitão de Chaul em quelhe dizia q as fustas de Diu que erão cincoenta e tantas chegaram á boca da barra de Chaul e lhe corrião cada dia / q se temta seguido trazião muyta gente que entrassem no rio e tomassem a fortaleza que tinha pouca gente: por isso que socorresse logo se não quelha êcampaua, pelo que o governador assentou de ir a Chaul como trazia determinado de ir por outro recado como aquele que lhe Frãscisco pereyra mandara a Cananor. E partio-se de Goa a cinco de Janeiro de mil e quinhêtos e vinte nove bem contra vontade d Antonio de Saldanha e de Garcia de lá que forão coele que com outros muytos fidalgos lhe contrariarão sua ida / dizêdo que a pessoa do governador da India não auia de ir a cousa tão pouca a seu respeito como as fustas de Diu, que abas-

taria mandar hũ fidalgo. E bo governador que sabia que era hũa armada muyto poderosa / e que se a desbarata-se faria grande seruiço a el Rey seu senhor não quis se não ir e leuou hũa armada de cincoenta e duas velas, galeões / galês, galeotas / bargantins e catures, e neladous mil homens portugueses e dos da terra. E chegando a Chaul achou que as fustas fugirão com medo de sua ida / do que os quelha contrariarão zombarão muyto e dizilhe que as fosse buscar / e logo o governador despedio hũ capitão dũ catur q lhas fosse buscar ate certas legoas pola costa: e ele as achou no rio de Abaim, e vio que erão sessenta e tres cheas de gête e muy bẽ armadas de artellaria / e que andaua por capitão mór delas hũ valêtemouro chamado Balixa / e assi bo disse ao governador que achou na barra de Chaul. E sabendo de esta noua entrou no rio e foy desembarcar na fortaleza / e depois de desembarcado chegarão no mesino dia á barra treze fustas de Balixa que ele mandaua a saber nouas do que o governador determinaua, e deu-lhe por final q se lhe saíssem de Chaul q era final que o governador ya pelear coele e se não não. E os mouros chegarão á boca da barra posto que os nossos galeões estauão hfurtos e não lhes ouuerão medo porque ventaua a viração que era contraria pera sairem de dentro, e começarão de bombardear: o que sabido pelo governador mandou logo a Eytor da silueira que lhe saísse com doze bargantins q foy a remos ate a boca da barra com a decete da

maré mas não pode sair por amor da montante que começaua. E com tudo os mouros fugirão e forã dar esta noua a Balixa.

**C**apit. xcij. De como ho governador disse aos capitães da armada que queria ir tomar Diu e de como foy contrariado.



**A**bêdo ho governador ôde as fustas estauão e q nã corrião a Chaul como dantes determinou de as ir buscar pera pelejar coelas: e primeyro q partisse descobrio aos capitães z fidalgos hũa cousa q ja de Soa trazia na vôtade. E sũtos todos em conselho lbes disse. Bê sabeis señores q Diu he a mais forte cousa de toda a costa de Cambaya e chauce de toda a India porq dalia pode el rey de Cambaya conquistar, e ali hea certa colheita dos rumes se vierã a India: e por isto a fora ser tão mau vezinho como he pola guerra q nos fazi importa muito ao seruiço del Rey meu senhor to mar se, o q ago: a prazêdo a nosso senhor se poder a fazer cõ muyto pouco perigo de seus yassallos e muyto pouco gastode sua fazêda / porque eu sey certo q a principal gente de Diu anda nestas fustas / e a mayor parte de sua artilharia, e q deliq tocão q ago: a he capitão he ainda nouo na guerra e sabe pouco dela q sam cousas euidentes de se poder to mar facilmente: e esta foy a causa principal de minha vinda e nã buscar as fustas q pera isso abastara hũ capitão. E porq eu sey certo q Diu esta desta maneyra, e sey q cõ ajuda de

nosso señor ho poderemos tomar / me parece q deuemos de deixar as fustas e engolfar monos no mar, como queimos a Dimuz / e engolfados fazer volta sobre Diu onde vedonos de supito hão de cuydar que deixamos sua armada desbaratada de que hão dauer tamanho medo q ou se nos hão de dar ou não hão de poder resistir pera os tomarmos: e isto me crede como a homem que de idade de deza seys annos andey sempre na guerra ategora. E pregũtãdo a Antonio d Saldanha e a Garcia de Sá que lbes parecia, disserão que lbes não parecia bem ir primeyro a Diu que pelejar com as fustas, porque segundo a gente delas andaua soberba vêdo que ele se partia de Chaul e as não ya buscar crião q lbes fugia e terião atreumêto de ir a Chaul e destruir a cidade e a fortaleza: e quanto a ir a Diu tambem lbes parecia mal porque não crião que estaua despejado nẽ se dentia de crer se se não visse pelo olho, porque como auião os mouros de ser tão descuidados que estando ele tãto auião de ter Diu desapercebido pera se defender importantolhe tãto: e aparecendo ele no seu porto e não ho tomando seria hũa grande deshonra: por isso não era bê que fosse / nem menos as fustas porque era muyto pequena empresa pera ho governador da India. E cõ ho parecer destes dous se forão os mais dos que ali estauão / fomite Eytor da silueira foy do parecer do governador, assi em ir a Diu como em ir pelejar cõ as fustas, e por ser hũ só não aproueitou, mas ho gover-

nador disse que ainda que parecesse mal a todos, que avia dir pelejar cō as fustas, e que fosse coele quē quissese. E logo se partio com toda a armada, e deu a capitania mōr dos navios de remo a Eytor da silueira pera que fosse ao longo da costa / e ele com os navios grossos ya bum pouco amado pera que as fustas lhe não escapassem. E quando ho governador partio apareceu no ceo hū final branco feyto como barra e atranessaua de noroeste a sueste e tinha hūa ponta sobre Diu, de q̄ despois se soube que os mouros tomaraõ muyto mau pronostico / e este final durou ate ho dia e hora em q̄ as fustas forão desbaratadas.

**C**apit. xciiij. De como ho governador pelejou com a armada de Diu e a desbaratou.



**S**endo ho governador nesta ordem dia de trudo atarde apparecerão ao longo de terra hūas treze fustas que yão pera Chaul, e em auendo vista da nossa armada voltarão fugindo: ho governador como vio estas cuydou q̄ vinha toda a armada: meteo se logo em hū bargantim cō determinação de pelejar coela. E vendo que não erão mais foyse ao bargantim deitor da silueira, e disse lhe que ao outro dia prazendo a nosso senhor esperaua que pelejassem com as fustas, e deulhe ho regimento do que avia de fazer: porque ele avia de estar nos galeões fauorecêdo a batalha: e pa mais animar os

capitães na peleja mādou apregoan por toda a frota / que varia cẽ cruzados ao capitão q̄ primeyro aserrasse fusta. E sabido pela frota que auiaõ de pelejar confessarãse todos aquela noyte: e ao outro dia q̄ era quarta feyza de cinza seys de Setembro em rōpendo a alua chegarão a Bombaim õde as fustas estauão pegadas cō hūa ponta / e erão por todas sessenta e quatro. Eytor da silueira como foy ho dia claro que as vio correo todos os bargantins e catures õ sua capitania e mādou a todos os capitães que não tirassẽ nhū tiro aos inimigos se não despois de desesperarem de os aserrar que assi ho tinha mandado ho governador: porque não fugissem com medo da nossa artelbaria. E receando Eytor da silueira q̄ os mouros se se vissem em apertada se acolhessem a hū rio que lhes ficaua da bāda do norte, mādou a hūs oyto capitães de bargantins que em ele rompêdo com os mouros tomassem a boca do rio e lha defendessem / e abalou pera os mouros com os outros cujos capitães erão a fora ele, Diogo Coelho, Gaspar paez, Francisco aluarez, João rodriguez bo chatim, Pedraluarez de mezquita, Antonio correa de Goa, Lourço boteelho, Christouão Lourenço carracão, ho calafate de Chaul, Diogo coresmas malu, Pero barriga, Antonio colaço, Christouão correa, Jorge diaz, e Antonio fernandez: com quẽ yão estes fidalgos, Christouão de melo e Diogo de sã Payo sobrinhos do governador, dõ Frãcisco de crasto, João pereyra, Aba-

nuel rodriguez coutinho, Andre  
 casco, frâncisco de Barros de pay-  
 ua, Luys coutinho, Duarte coe-  
 lbo, João de melo, Garcia d melo,  
 Antonio barbudo, João da siluei-  
 ra, Manuel do carualhal, Runo pe-  
 reyra, Açagrote dalpõem e outros  
 a quem não soube os nomes. Balixa  
 estava com suas sessenta e quatro  
 na da retroguarda: e como vio que  
 os nossos abalauão deu sinal aos  
 seus que tirassem com a artelharía/  
 e começou de tirar tãtos pelouros  
 que era cousa despanto, e tudo foy  
 cuberto d fumo, e por mais bastos  
 que os pelouros erã os nossos ti-  
 ranão auante quanto podião sem  
 nhũ tirar. O que visto por Balixa,  
 e q̄ chegauão a aferrar não ouso  
 dagoardar mais com medo e fezse  
 á vela pera dobrar a pôra que digo  
 e acolherse pelo rio acima, e por bo  
 vento ser escasso pera isso mandou  
 meter os remos de q̄ tão pouco se  
 pode ajudar por ser contra agoa, q̄  
 vazaua a maré, e por isso se mudou  
 a outra fusta peq̄na e deixou a sua q̄  
 era grãde, o que foy causa d'escapar  
 da peleja que a este tempo se começa  
 ua a atacar brauamente, porque os  
 nossos chegarão aos inimigos, e  
 bo primeyro bargantim q̄ aferrou  
 cõ hũa das fustas q̄ era como hũa  
 boa galeota foy bo Antonio fer-  
 nãdes em q̄ yão os fidalgos q̄ disse/  
 e com a grande pancada q̄ bo bar-  
 gantim deu em aferrando tornou a  
 desferrar e afastouse hũ pouco fi-  
 cando dentro na fusta Francisco de  
 Barros de payua q̄ foy bo primey-  
 ro que saltou nela e ficou na postiga

ondeho espaço que bo bargantim  
 esteue sem tornar a abalroar cor-  
 reo muyto grande perigo e soffreo  
 trabalho immenso em se defender  
 dos inimigos que trabalhauão quã-  
 to podião por lhe tirar a vida. E to-  
 nando bo bargantim a aferrar foy  
 socorrido dos outros a q̄ os mou-  
 ros defendião que não êtrafsem na  
 fusta. E estado nesta perfia cayo da  
 gauiã da fusta hũa panela de poluo-  
 ra que quebrou na mesma fusta do  
 malto pera a popa, e tomando fogo  
 a poluora que ali estava arrebentou  
 com hũ medonho estouro, e toda a  
 cuberta daquela parte lançou ao  
 mar com quantos estauão nela, e  
 Francisco de Barros que hi estava  
 cayo no bargantim ferido em hum  
 hombro dũ zaguncho, e forão feri-  
 dos João pereyra de hũa frechada  
 no rosto, e dom Francisco de crasto  
 na cabeça com hũa pedra, e como a  
 fusta arrebentou ficou rãdida, e en-  
 tre tanto chegou Eytor da silueira  
 com os outros capitães, e aferrã-  
 do os inimigos apertarãnos tã rijo  
 que fizerão saltar muytos ao mar  
 e outros matarão, e os desbarata-  
 rão de maneyra que todos fugirão  
 e os Portugueses os seguirã e por  
 se não poderem acolher ao rio que  
 cuydauão, forão tomadas corêta e  
 seys fustas com toda sua artelharía  
 e queimadas tres de q̄ não escapou  
 ninguem que todos forão mortos  
 nelas e no mar: sem dos Portugue-  
 ses morrer nhũ, somente forão al-  
 gũs feridos, e das onze fustas que  
 escaparão recolheo Balixa sete cõ a  
 sua e fugio pera hũ lugar grande  
 chamado Lanã donde se foy a Ba-

gaim, e as quatro fugirão pelo rio de Bagotane onde forão tomadas pelos gentios de Chaul, e assi não escaparão mais que as sete q̄ leuou Balira. E desbaratados os mouros, recolheose ho governador cō os nauios grossos aa enseada de Bombaim no proprio dia, no q̄l e na noyte seguinte os dos nauios de remo que pelejarão cō os mouros os acabarão de matar na agoa. E isto feyto ajuntou Eytos da silueira sua armada, e as fustas que tomou aos inimigos e foyle pera ho governador que ho recebeo cō muyto prazer, e laa armou caualeiros a muytos fidalgos e a outros que ho quizerão ser por se acharẽ em hũ feyto tão hõrrado como aquele foy, e de que os mouros ficarão muy debelitados: porq̄ toda sua esperança esta na naq̄la armada. E juntos todos os nossos, tornou ho governador a propoer em cõselho sua ida a Diu, dando por rezão muy principal ho desbarato das fustas com q̄ Diu si caua desbaratado e se tomaria facilmente ou sedaria, mas não lhe aproueitou porq̄ Antonio de saldanha e Garcia de salte forão muy cõtrairos, e por sua causa outros muytos como da primeyra. E veio a couza a tãto q̄ lhe disse Garcia de sa que não roubasse a honrra a Ruuo da cunha que el rey não mandaua aa India a outra couza senão a tomar Diu: por isso q̄ ho deixasse, se não q̄ pedia dele hũ estormento, e ho mesmo dizia Antonio de saldanha. E por do governador não ter da sua parte mais que Eytos da silueira, e andar muy acanhado cō a vinda

de Ruuo da cunha q̄ quasi nin suem ho queria ver, não on sou dir cõtra os requerimẽtos que lhe fazião. E segundo se despos soube foy couza muy errada não ir a Diu porq̄ se lhe entregara se la fora e não custara tãto como despos custou assi de sangue como de vinheiro, e pa sua desculpa com el rey pedio ho governador ao secretario hũ estormento de certidãõ do que propofera naquele conselho e no outro ates de pelejar com as fustas, pera q̄ el rey soubesse que se não deixara de tomar Diu por sua culpa. Este estormento foy tirado de hũ auto que ho secretario fez dambos os conselhos que foy assinado pelos que forão neles.

**C**apit. cxliij. De como ho governador quisera ir sobre a cidade de Lanã, e a causa por que não foy.



Endo ho governador q̄ não podia ir a Diu, determinou de dar em Lanã hũa cidade de mouros quatro legoas por dentro do rio de Bombaim, cidade grande e rica, e em q̄ se faz muyta roupa de Cambaya, e era senhor dela hũ Reque: e porq̄ ho governador sabia que estaua rica a queria tomar pera a dar a saca aos soldados q̄ leuassem de comer pa ho inuerno: e pera q̄ ho fizesse tributario a el rey d Portugal. E propoisto isto em conselho, e acordado que ho fizesse embarcouse na fustalha e nos bateis dos galeões com toda a gente da armada, e Antonio de saldanha foy e hũa galé muyto contra vôtade do governador e de

todos/porque ya em risco de ficar em seco: z aquele dia átarde que foy ho primeyro de Março entrou pelo rio de Baím com determinação de chegar a Laná em amanhecêdo porque tomasse os inimigos mais delapercebidos. E indo todos a remo com a maré que enchia ja perto da cidade/ soube ho comitre da galé Dantonio de saldanha tão mal afinar ho canal do rio que se meteo por hũ esteiro/ em que ficou em seco quando vazou a maré que foy quasi em amanhecendo, z assi ficou toda a armada em seco/ z foy cousa espantosa quando foy manhaã clara ver como ficarão os bargantins z catures/porque hũs ficaram como esporões fincados no chão z as popas pera cima/ outros com os esporões pera cima z as popas pera baixo que parecia que os estueirão ordenando daquela maneyra: do que ho governador ficou bem agastado porque não aua outro remedio se não esperar pola maré: z os capitães assi como ho nauio de cada hum podia nadar/ assi tiraua pera a cidade por mais mandados que ho governador fazia que ho nã fizessem/ z deixauão só/ z ate Antonio d saldanha deixou a sua galé em seco z foy sem hũa fusta/ z a gale ficou em risco de não poder sair / porque as agoas yão quebrando como que as mares da noyte sam mōzes que as do dia, z por isso ficou a gale em muyto pouca agoa/ z não podia nadar/ nẽ podera sair sem ajuda: z esta deu ho gouernador que por se não perder nã se quis dali irate a não tirar, z ele por sua pessoa se meteo na vasa

ate a cinta z ajudaua a tirar pelos cabos z apontar ancoras porq̃ os fidalgos que yão coele tirassem também/ o q̃ eles fizerao z forão Christouão de melo, Diogo de sam Paço, dom Francisco de crasto/ Francisco de Barros de payua/ João pereyra, Manuel rodriguez continho Andre casco/ Luys continho/ Duarte coelho/ João de melo/ Garcia de melo, João da silueira/ Manuel do carualhal/ Antonio barbudo/ z Lançarote dalpõem. E ajudarão tambem Lourenço botelho com a gête da sua fusta z ho colaço com a do seu catur: z leuando todos tanta fadiga z trabalho que lhe saya ho sangue das mãos de puxarẽ polos cabos tirarão a gale pera ho alto das oytro horas da manhaã ate a hũa despois de meyo dia, sem nhũ dos outros capitães querer ajudar se não tirar pera a cidade posto que vião ho trabalho em q̃ ho governador ficaua. E vendo ele tão pouca obediência aos seus mandados não quis dar em Laná porque receou q̃ tão pouco lhe obedecessem lá z que recrecesse disso algũ desastre/ z tornou se pera a frota que deixaua no mar. E vendo os que estauão diãte da cidade partir a bandeira forão a pos ela: z ho governador não quis castigar tamanho desacatamẽto como aquele foy por os culpados serem muytos mas reprendeos brãdamente: z perdeose hũ bõ saca naquela cidade porque estaua muy rica. E por ser ja perto do inuerno z ho governador auer dinuernar em Soa z não ter mais q̃ fazer naq̃la costa que não fizesse hũ capitão mōz



z deixou hũa armada de vinte bargantins z duas galeotas com trezentos homens a Eytoz da silueira pera que fizesse a guerra na q̃la costa ate bo cabo do verão em que se recolheria a Chaul / z ele partiose pera Soa onde chegou em Março.

**C**apit. xcij. Do que fez Antonio de miranda na costa do Malabar cõtra os mouros de Calicut cõ ajuda de Chistuão de melo.



Chegado bo governador a Soa despõs do desbarato das fustas mãdou a Ormuz tres galeõs carregados do mercadoria del rey, cuja capitania mór deu a dom fernando deca seu cunhado / z forão seus capitães Antonio de lemos z Lopo de mezquita, z mandoulhe que da volta fosse fazer presas á ponta de Diu / z despachou pera Malaca a Garcia de sa que tinha a capitania / z encomẽdoulhe muyto bo resgate de Martim a fonso de melo jurarte que estava catiuo em Bégala, z mandou ao Malabar Chistuão de melo seu sobrinho em hũa gale z seys bargantins de baixo de sua bandeira pera que se ajuntasse com Antonio de miranda z lbe obedecesse. E chegado laa foy coeleao rio de Chale õde sabia que estava hũa grande nao del rey de Calicut carregada de pimẽta pera Abeca z doze paraõs pera irem em sua companhia em que aueria oyto centos mouros frescheiros z espingardeiros a fora outros despadas z lâças q̃ erão muytos, z

Antonio de miranda entrou no rio com os bargatins z catures lenãdos a fio por ambas as partes do rio quel benão fizesse nojo a artelharía dos mouros, que tinham os paraõs diante da nao na metade do rio encadeados de quatro em quatro com bombardas nas proas z per ambos os bordos. E por mais bombardadas q̃ tirarão, os Portugueses remãdo a todo tira / z desparando sua artelharía lbe chegarão / z aferrando cõ os quatro diãteiros pelejarão tão rífo cõ os mouros que estauão neles q̃ os fizeram fugir saltãdo hũs ao mar z outros recolbendose pera os paraõs traseros que lora forão cercados dos Portugueses, z pera se despacharẽ mais afinha lbe lançarão dẽtro panelas de poluozã com que os queimarão, z coisso se deitarão todos os mouros ao mar / z deles forão mortos nãgoa outros fugirão pera terra na do cõ tamanho medo que nem na pouoacão se atreuerão a saluar se / z os Portugueses a q̃imarão z destruirão tudo ao derredor. E destruida a terra toznou se Antonio de miranda sem pder nhũ dos seus de q̃ forão feridos algũs / z leuou consigo a nao carregada como estava z oyto paraõs q̃ os quatro forão queimados / z mãdouha coeles a Cochim onde bo vedor da fazenda mandou fazer deles bargantins, z a pimenta foy descarregada na feytozia. Despõs disto andãdo Antonio de miranda z Chistuão de melo a monte fermoso hũ da bãda do sul z outro da do norte / teue Chistuão de melo vista da arma-

da de Calcut hū dia a tarde / e sa-  
bendo que era de cincuenta paraos  
ajuntouse com Antonio de miran-  
da (que ainda não sabia parte dela)  
e disse-lho, e por ser tarde não pele-  
jarão coela aquele dia e deixarāno  
pera ho outro dia. E cōcertado da  
maneyra q̄ auia de ser / em amanhe-  
cendo foy se Christouão de melo em  
busca dos inimigos indo abolinā-  
do ao longo de terra com ho terre-  
nho, e Antonio de miranda se em-  
pegou. E ido assi ouue Christouão  
de melo vista dos inimigos que tam-  
bem ho buscavão / e sendo perto de  
les tiroulhe algũs tiros / e como q̄  
auia medo deles polos ver muytos  
viroulhe a popa com os outros e  
fezlena volta do mar. E em os mou-  
ros vendo que fugia forão apos ele  
obra de trinta paraos que ho seguí-  
rão ate auer vista Dantonio de mi-  
randa, que indo de antio do q̄ auia  
de fazer em vendo Christouão de  
melo fez volta / e passando a fora v̄e  
to dele meteo se por ātre os inimigos,  
que v̄edose assi cometer de sobre sal-  
to amainarão pera fugir a remos  
porque não podião pola bolina. E  
nesta detença o yto dos nossos bar-  
gantins aferrarão o yto paraos / e  
começarão de pelejar: e querēdo os  
outros fugir sayolbes ao encontro  
Christouão de melo, e seys dos se-  
us bargantins abalroarão cō ou-  
tros seys paraos, e os dezaseys q̄  
ficarão por aferrar fugirão ate se  
ajuntar com ho seu capitão mōr se-  
guindo os Antonio de miranda as  
bombaradas e espingardadas: e  
nisto estuerão hū pouco coeles / q̄  
posto que os quiserão aferrar eles

se goardarão bem disso: tanto que  
āpertando os nossos pera ho fazer  
lhes fugirão ao longo de terra me-  
tendose por rios e esteiros cō muy-  
ta gente ferida e algũs paraos ar-  
tombados: e Antonio de miranda  
e Christouão de melo os não quise-  
rão seguir, e forão ajudar os seus  
q̄ ficarão aferrados com os inimigos  
que ja os tinhão desbaratados, e  
os matarão todos sem ficar nbū / e  
os quatorze paraos lhes ficarão  
em poder que Antonio de miranda  
mandou a Cananoz pera os fazer ē  
bargantis: e correrão a costa despo-  
is, e deixado a limpa meado Abril  
se recolheo Christouão de melo pe-  
ra Soa e Antonio de miranda pera  
Cochim por amor do Inuerno.

Capit. xcvi. Da guerra que Ey-  
tor da silueira fez em Cambaya.



Quando Eytor da  
silueira por capi-  
tão moor na costa  
de Cambaya, de-  
terminou de to-  
mar hūa fortalez-  
za duas legoas do  
mar pelo rio de Bagotane / em que  
soube que estava hū capitão del rey  
de Cambaya com seys centos de ca-  
ualo e dous mil dep̄: e deixou dir  
porque obra de hūa legoa da fortalez-  
za era ho rio tão baixo que não po-  
dião nadar os catures / e queimou  
seys pouoações grandes de laura-  
dores que estavam quasi na entrada  
do rio de hūa parte e doutra / e fez  
espantosa destruição: o que sabēdo  
ho capitão da fortaleza foy ho buf-

car com sua gête pera pelejar coele, e topoubo na derradeira pouoação que andaua destruindo. E sabendo Eytor da silueira quão grossa gête trazia não quis pelejar coele no câpo por ter tão pouca gête como erã trezêtos homês / porque muyto ya de pelejar coeles no câpo a pelejar na fortaleza onde determinaua vir pelejar, que no campo auião destar espalados e tirar aos nossos como a barreira / e na fortaleza não a uião de pelejar mais que aqueles q̄ coubessem no muro / e no primeyro impeto q̄ era bo mais forte ficauão com os nossos quasi tantos por tãtos / e por isso não quis Eytor da silueira pelejar, e assi ho disse aos seus que fez recolher aos bargãtis ficando ele na traseira / porque os mouros q̄ chegauão ja sobre ele assoberbauão muyto dando grandes apupadas, e chamando nomes aos nossos e os de caualo remetião e ca ramuçado: e Eytor da silueira lbes fez rosto com a gente que estaua por embarcar tirãdo muytas espingardadas, e hũ dos nossos que tinha hũa lâça com hũa rodela se afastou do co: po dos outros / e hũ dos de caualo que ho vio só remeo a ele pera ho ferir a mão tente com hũ zaguncho, e ho soldado ho esperou / e em querêdo chegar a ele q̄ alcanã ho braço pera ho ferir meteolhe a lança polo sobaco do braço e deu coele no chão ferido mortalmente / e ainda não foy no chão quãdo lhe ho soldado tomou ho zaguncho / e caualgãdo no caualo leuou outro mouro decontro que ya pera ho ferir / e passou ho polos peitos posto

q̄ bo laudel era forrado de malha: ao que os nossos derão grãde grita e deffecharão hũa grãde currada despingar dadas, e coisto se tuerão os mouros e se retirarão. E bo soldado tomando ho caualo do segũdo mouro pela redea se foy cõ muyto assellego pera Eytor da silueira pedĩndolhe que ho fizesse caualeyro quando fosse tempo: e ele ho fez. E não ponho ho nome deste soldado por não ser conhecido: porẽ ganhou ali esta honrra / e Eytor da silueira lha fez dali por diante / e assi ho gouernador q̄ lhe chamaua ho seu caualeyro, e na igreja estaua jũto coele / e en ho vi muytas vezes. E embarcado Eytor da silueira foyse ao lógo da costa caminho de Baçaim dali a cinco legoas: mea legoa por hũ rio acima / mandando diante saber sua disposição per hũ Chistouão correa capitão dũ bargãtim: e este lhe disse que quasi pegado cõ holugar estaua hũa trãqueira de madeira de duas faces entulhada que tinha tres baluartes do mesmo com sessenta peças d'artelbaria grossa, e estaua em sua goarda e do lugar Balixa (q̄ fora capitão das fustas) cõ tres mil homês de pe e quinhẽtos de caualo acubertados. E com quanto isto se soube era ho desejo dos nossos tamanho de pelejar cõ os mouros, que em quanto Eytor da silueira fazia cõselho como auia de cometer ho lugar bradauão todos que acabassem. E assêtado por todos que se cometesse / e repõtãdo a marẽ entrarão pelo rio acima cõ grãdes alegrias: e ao outro dia ás noue horas chegarão de fronte da

tranqueira que estava na borda do rio que não avia outro desembarca doiro se não nas bocas das bôbardas q logo despararão nos nossos, que sendo tão poucos era cousa medonha velos antrê rãtos pelouros como vinhão da tranqueira q pera cada hũ dos nossos avia muytos q os marassem / mas nosso senhor os goardou quietos os eseparação e tomãrão terra / e os primeyros forão duzentos piães Canarins que yão cõ Balu mocadão dos remeiros q Eytor da silueira deitou diante pera quebrar neles a primeyza curria da tranqueira / e també estes forão salvos. E desembarcado Eytor da silueira, remeteo á tranqueira que muytos dos nossos tinhão aferrada / e pelejauão muyto valentemente com os inimigos que se defendião muy bem, e dauão q fazer aos nossos por serem muytos: e se os nossos não teuerão tãtas espingardas virãse ã assaz de trabalho / porque as frechadas dos inimigos não tinhão conto / nem os arremesões e pedradas que lançauão / e lançadas que dauão a mão tenre, mas as espingardadas dos nossos podião mais e derribarão tantos que fizerão caminbo pera êtrar sem lhe os mouros poderem resistir, posto que trabalharão nisso quanto podião. E vêdo que os nossos os entrã não fugirão / e eles os seguirão até bo lugar onde se meterão todos: e aqui fizerão os inimigos rosto aos nossos defendendose. E isto porque sabêdo Balixá q Eytor da silueira ya sobre a tranqueira, receado que entrãtie deitou nela a gente q lhe

pareceo que abastaria pera a defender e com a outra de pé e de caualo sepos em Cilada com tẽção de varnos nossos despois de andarem no lugar, e com os inimigos terẽ esta certeza fizerão rosto aos nossos e se defendião. E estando nisso say o Balixá da cilada com os de caualo diante e os de pé detras / o que finto Eytor da silueira recolheo os nossos e sayose ao campo / e feyτος em hũa pinha esperou os inimigos que ho forão cometer cuy dando q lhe fugia. E chegãdo oo dianteiros q erão os de caualo / desfechão os nossos as espingardas tirando em roda viua porq os mouros os não entrassem e derribarão muytos deles / e os caualos cõ medo do estrõdo das espingardadas começão de fugir, e metêse por antrẽ os de pé derribando os com os pechos, e trilhando os com os pes os desbaratarão e fizerão fugir e coeles Balixá: e os nossos por estarem muy cansados os não seguirão, e forão roubar ho lugar a que derão fogo despois o roubado e ardeo a parte da quele dia e quasi todo ho seguinte sem ficar cousa q não fosse queimada, e cortadas as hortas e palmares derredor. E foy cousa espãtosa a destruição que foy feyta por tão pouca gente. E isto acabado q foy hũa cousa muy grande sayose Eytor da silueira pera ho mar com sua armada carregada de muyta fazenda / artebaria e cariuos que se tomãrão em Baçalm, e com tres taforas carregadas de madeira, e foyse por essa costa a destruir muytas ponações de que a gẽte fugia

cô medo, e os nossos que maão os lugares e destruyão tudo. E era ho medo tamanho nos da terra q̃a seys legoas por dentro do sertão não oulaua ninguem de par ecer. E coeste medo mandou ho Reque da ylla de Laná pedir paz a Eytor da silueira com lbe offerer que pagaria cadãno quatro mil pardaos de pareas / e daq̃le deu logo dous mil e por não poder pagar os outros dous mil deu arrefens. E de tudo isto foy feyto hũ contrato assinado por ambos / e por ser no cabo do verão se foy Eytor da silueira a Chahil onde auita diuerner / e dahi mãdou as taforeas da madeira ao gouernador.

**Capit. xcvi.** Do que passou dõ Jorge de meneses cõ Fernão de la torre.



Tras fica dito quão pouca ajuda deu Gõçalo gomez dazeuedo a dom Jorge de meneses cõ a gente q̃ leuou de Balaca e como nã queria mais que estar na fortaleza fazêdo sua fazenda: por em hũ só bem lbe fez que com sua estada enfraua os castelhanos e os mouros pera que não fizessẽ a guerra tão agtada como dãtes, e tinhã muytas vezes tregoas e yão folgar hũs cõ os outros sem terem necessidade de pedirẽ seguro se não quando chegauão ou leuantauão hũa bandeira branca, no que parecia que aueria paz antreles. E com tudo nunca a ouue / nẽ Fernão de la torre quis dar a dõ Jorge os

portugueses que tinha catiuos por mais vezes que lhos pedto do que dom Jorge estava muyto agastado. E corrédo assi ho tempo hũa noyte quasi no fim do quarto da prima forão ter aa fortaleza dous castelhanos, que tomados pelas vias forão leuados a dom Jorge q̃ os mandou prender cuydando que yão pera dãno da fortaleza por não pedirem seguro / nem leuarem recado do seu capitão. E sabendo Fernão de la torre a prisam destes Castelhanos com seguro de dõ Jorge lbe mãdou hũ embaixador que foy com tamanho aparato como que fora de hũ grande príncipe / porque alẽ de leuar muyto ricos vestidos / leuaua diãte trombetas / e frantas e dous reys de armas: e ya acompanhado de gente muyto luzida. E a cõcrusam de sua embaixada foy espãtar se Fernão de la torre muyto de dom Jorge, prender os dous Castelhanos sendo tão costumado antreles, e os portugueses irẽ folgar hũs com os outros: e pedindolbe q̃ lhos desse: e dom Jorge disse q̃ ele responderia, e mandou apouentar ho embaixador que deteuẽ algũs dias, e neles lbe fez muyta bõrra comendo as vezes ambos / e outras lbe mandaua de comer a sua pouxada. E hũ dia estãdo ho embaixador no cabo do comer lbe mandou dom Jorge como por zõbaria hũ paxel em que yão hũ cão e hũ gato peque nos viuos com hũ recado, que pois aqueles dous que erão tão cõtraitos de sua natureza / e estauão tão pacíficos / que porque ho não estauão assi os Castelhanos cõ os por

tugueses; pois que auia tanta re-  
 zão pera isso / assi pozserem todos  
 Chriştãos e espanhoes / como tam-  
 bem por serem vassallos de dous  
 principes são ligados per parentes-  
 co e amizade. E visto pelo embai-  
 xador ho recado e ho presente, mã-  
 dou perguntar a dom Jorge per  
 qual daquelas alimarias entendia  
 os castelhanos. E ele respondeo q̃  
 polo gato / por ho terem ate então  
 muyto arranhado / e ele auia de  
 ser ho cão que os auia dapanbar  
 dum bocado / e q̃ dissesse a Fernão  
 dela torre que lhe pedia muyto q̃  
 lhe desse os Portugueses que lhe  
 la tinba / se não q̃ lhenão auia de  
 dar os castelhanos / que pera isso  
 os tomara. E isto respondeo ao  
 embaixador: por derradeyro quan-  
 do se tornou: pozem Fernão dela  
 torre não quis dar os portugueses  
 E daqui a dias a quatro de Deze  
 bro chegou a Ternate hum fidal-  
 go chamado dom Jorge de crasto  
 em hum jungo de que ya por ca-  
 pitão e de caminbo foy por Bor-  
 neo, levando em sua conserua hum  
 Jorge de brito por capitão de hũa  
 fusta que se perdeu de sua compa-  
 nhia e tornou-se pera Banda, e dõ  
 Jorge leuou muyta roupa pera a  
 feytozia e munições pera a forta-  
 leza que então era tudo muyto ne-  
 cessario. E com a vinda de dom  
 Jorge de crasto se favoreceo dom  
 Jorge algũa cousa / e mandou ho  
 darimada ao morro, onde chegou  
 pelejou com a armada dos inimi-  
 gos e os desbaratou e se tornou a  
 Ternate: e sendo ja em Janeiro  
 de mil e quinhentos e vinte noue /

Bonçalo gomez dazenedo come-  
 çou de querer entender em sua par-  
 tida pera Malaca: o q̃ vendo dom  
 Jorge de meneses, lhe requereu muy-  
 to estreitame te que ho não fizesse,  
 e assi ho requereu a Lionel de li-  
 ma, a quem tinba dada a alcayd-  
 ria mór da fortaleza / e capitania  
 mór do mar / poendolhe diante a  
 necessidade que tinba deles por a-  
 mor da guerra que lhe fazião os  
 mouros e os Castelhanos / e em  
 quanto apreto ficaria por lhe leua-  
 rem a gente. E com tudo nunca  
 quizerão se não irse / prometendo  
 lhe de lhe não leuar a gente, que  
 dom Jorge deteu com muytos  
 rogos e dadias de sua fazenda /  
 e prometendolhes que no anno se  
 guinte lhes ajudaria a fazer crauo.  
 E coisto que lhes prometeo fica-  
 rão: e pola ida de Lionel de lima  
 deu os seus officios a hũ Gomez  
 aires criado do mestre de Santia-  
 go / e mandou na conserua de Bõ-  
 çalo gomez dazenedo a dom Jor-  
 ge de crasto que fosse pedir soco-  
 ro a quaisquer capitães ou merca-  
 dores que achasse em Banda / assi  
 de gente como de mercadoizas pe-  
 ra a feytozia. E partio Bonçalo  
 gomez e os outros a dez dias de  
 feuereyro / e Bonçalo gomez foy  
 por Sachão pera tomar hi Ma-  
 nuel falcão que deitou em Sachão  
 ate saber se dom Jorge queria que  
 ele fosse pera a fortaleza / o que ele  
 não quis consentir por estar mal  
 coele, como ja disse.

Capit. cvij. De como Garcia de  
 Sá se partio pera Malaca.



Entrado ho mes de Janeiro deste anno de mil e quinhentos e vinte nove que era a moução pera ir de Malaca pera a Índia / partiose Jorge cabral que fora capitão da fortaleza de Malaca / e dom Garcia anriquez cada hũ em seu jungo / e assi outros fidalgos que laa estauão e chegarão aa barra de Cochim / e com quanto yão com determinação de passarem a Soa não ousou Jorge cabral por ser ja na fim de Março e ventarem os noroestes que correm ao longo da costa e lbe erãõ por dauante / e por isso se acolbeo Jorge cabral a Cochim. E dom Garcia não quis acolherse coele / e disse que aua de passar a Soa em que pes ao vento e ao mar: e polo vento ser por dauante / e ho jungo em que ele ya ser mau de bolina e ir muyto carregado / chegou a Batecalá com muyto grande trabalho e perfia: e estãõ hi vio que ho tempo aua de ser de cada vez mais forte por ser meado Abril que entraua ho Inverno / e por isso ouue por seu cozdo que era melhor tornarse a Cochim: como tornou / e com grã de tormenta chegou aa sua barra onde durando a tormenta surgio, porque por ho jungo ser grande e ir muyto carregado não pode entrar no rio de Cochim. E deixando dom Garcia ho jungo surto sobe hũa ancoza foyle a terra / e depois de ido creceo ho vento tanto que durou tres dias e tres noytes e andaua ho mar tão grosso que

ho jungo sefoy ao fundo cõ a muyta agoa que lbe entrou dentro / em que se perderão cincoenta mil cruzados que tanto valia a carga q̄ tinha: e dom Garcia não ficou cõ mais que com ho vestido com que foy a terra / e depois ho prendeo Rudo da Cunha pelo que fizera em Maluco e ho mādou preso a Portugal no anno seguinte. E depois de passada esta tormenta / Garcia de saa que estaua entãõ em Cochim separtio pera Malaca / e ya em hũa nao, e leuaua em sua companhia hum jungo que comprara pera leuar sua fazenda: e ho jungo se perdeu ao sair da barra. E chegou Garcia de saa a Malaca, lbe entregou Pero de faria a capitania de fortaleza / e ficou em Malaca ate ho Setembro seguinte que se partio pera a Índia onde chegou em Nouembro.

Capitolo. xcix. De como el rey Dacheu tomou por engano hũ galeão a Daniel pacheco.



O rey de Dacheu polos recados que tinha mandado a Pero de faria que mandasse pola galé como atras fica oitoto esteve esperando que fossem por ela. E quando vio que não yão / nem Pero de faria lbe mandaua repostã ficou espantado / e determinou de saber porque lbe não mādaua recado: e mandando preguntar a causa disso ao Sédara de Malaca q̄ aua nome Sanaya de rã cõ

quem tinha grande amizade / e lhe peitaua grossamente por lhe dar a uiso do que sabia q os Portugueses determinauão e quantos erão, porque todo seu pensamento era diminuillos tanto com ardils e manhas que podesse tomar a fortaleza sem perigo. E como pera isto tinha este trato com Sanaya / foy por ele auisado de como Pero de faria recebera bem a embaixada que lhe leuara Antonio caldeira, e como ho mandara com repostas: e por amor da sua amizade que tinha por muyto certa não uera socorro a el rey Dauru / e que se Garcia de saa não entrara na capitania naquele tempo / que sempre Pero de faria mandara pola galé. E el rey de Dacheim que isto soube, determinou logo de cometer paz a Garcia de sa pera ver se lhe podia acolher algus Portugueses pera os matar, e mandou lhe hum embaixador, que auido seguro de Garcia de sa entrou em Malaca, e pimeyro que desse a embaixada correu toda a cidade sobre hum alfante levando nas mãos hum bacio douro em que ya húa carta del rey de Dacheim pera Garcia de sa e rodeado de muyta gente depé / leuaua hum homem diante tangendo em húa bacia, e de quando em quando dizia em voz alta como pregão que el rey de Dacheim queria fazer amizade com el rey de Portugal: e isto fez por ser assi ho costume daquelas partes. E corrida a cidade deu a embaixada a Garcia de sa, cuja conrusam foy desculparsi do que fora feyto a Si

não de souza galuão / e como estaua prestes pera dar a galé, arrelharia e Portugueses, sobre que mandara tres a Malaca per duas vezes pedir ao capitão que mandasse se por tudo hum homem honrado pera assentar coele amizade / porque deseja uana que os Portugueses teuessem trato em sua terra, e que nunca uira repostas: pedindo a Garcia de saa que lhe quisesse responder com fazer o que pedidia. E parecendo Garcia de saa que era aquilo verdade, fez muyta honra ao embaixador, e despedio holo go mandando coele outro com repostas como el rey queria, que fez grande recebimento ao embaixador Portugues / e por lhe fazer honra que antreles he muyto grã de lhe deu duas manilhas douro pera que troueffe no braço deryto como canaleyro, e aos que yão coele deu a cada hum sua. E partido ho embaixador pera Malaca foy morto com quantos yão coele na barra de Dacheim por mandado del rey / e isto tão secretamente que ho não souberão mais que aqueles que ho fizerão / e por isso ho não soube Garcia de saa, mas soube a honra que lhe el rey de Dacheim fez pelo que não teue nenhúa sospeita daquela maldade / mas vendo que ho embaixador não tornaua cuidou que se perdera no mar. E sabendo isto el rey por Sanaya de raja / tornou a mandar outro embaixador a Garcia de saa / espantandose muyto como não mandaua confirmar a paz como lhe mandara dizer / q a mandasse logo



confirmar per algum homem honrado. E cuidando Garcia de lá que era assi, sem bo praticar em conselho escolheu pera mandar a Dacheim hũ Manuel pacheco q̃ sabia bem a lingua Malaya, e porque se ganhaua muyto na mercadoria q̃ se lá leuasse dulce hũ galeão nouo carregado de vela e a mais sua, e a outra doventa Portugueses que auião dir com Manuel pacheco, que por a ida ser de proueito ouuerão licença pera irem, com grãde adherença. E disto deu logo Sanaya auiso a el rey de Dacheim conselhãdolhe que tomasse aquele galeão, affirmando que se ho tomava que ele lhe tomaria logo a fortaleza de Malaca, porque a gente que ya no galeão era a principal da fortaleza, e a q̃ ficaua era doente e pobre. E tendo el rey este recado quando Manuel pacheco chegou á barra de Dacheim determinando el rey de ho tomar mandou muytas lancharas de armada para isso, que andando bo galeão balrraunteando de fora da barra sayrão poucas e poucas, e quando os Portugueses virão tanta gente comotrazião as lancharas, disserão a Manuel Pacheco que lhe parecia aquillo treição, que seria bõ armarêse pera se defenderem: do que se ele agastou muyto dizendo que el rey não auia treição que não fizel sem aluoroço. E como ia estueessem muytas lancharas ao derrador do galeão, entra por ele hũa frecha que sayo dantre os mouros, ao q̃ Manuel pacheco pediu muyto apressado hũa saya de malha, e em a metêdo pela cabeça yem outra frecha e

atravesalhe bo pescoço, e apos isto etrão os mouros bo galeão por todas as partes dando grãdes gritas, e sem se os Portugueses pode remarmar nem defender forão tomados ás mãos sem escapar nhũ, e leuados a el rey os mãdou matar com os outros q̃ tinha da galé de Simão de souza, e ficou he bo galeão que era nouo e muyto bem artilhado, e coesta artelbaria ficou muyto mais abastado de la do que estaua a fortaleza de Malaca: cõtra quem mandou logo hũa armada, mandando dizer a Garcia de lá que lhe agardecia muyto bo galeão que lhe não falecia mais que hũ bargãtín, que lhe rogaua que lho mandasse senão que ele bo tomaria cedo. E el rey ficou tão soberbo que não tinha em conta os Portugueses, e determinou de lhes tomar a fortaleza de Malaca.

**Capit. c.** De como foy descuberta a treição de Sanaya de raja, e foy morto por isso.



Espos da tomada deste galeão mãdou Sanaya de raja dizer a el rey de Dacheim que pois bo tomara que ele compriria com lhe dar a fortaleza pera que dali por diante buscava tẽpo. E quasi q̃ ho ouuera de fazer se bo nosso senhor não descobrira, e assi foy que andando muytos mouros Dacheim de armada ao longo da costa de Malaca, ajuntarãse com algũs dela onde chamão

ho tãque del rey z hi fizerão hũ bã-  
 quete em que os Dacheis despois  
 de bebados cõrãõ aos Malayos  
 como por instrução de Sanaya el  
 rey de Dacheim tomara ho galeão,  
 z como mandara matar ho embat-  
 pador de Garcia de sa pera mais dis-  
 simulação, z como tinba ordenado  
 de tomar a fortaleza em hũ tal dia  
 que Garcia de sa estenesse na igreja  
 com toda a gente que auia de tirar  
 dentro com hum camelo que estaua  
 cenado de frente aa porta da forta-  
 leza, z matar a mais da gente que es-  
 tenesse dentro tomar a fortaleza cõ  
 gente que auia de ter pera isso: do q̃  
 logo Garcia de sa foy auisado por  
 algũs dos Malayos queerão seus  
 amigos: z ouue logo conselho sobre  
 matar Sanaya / z que fosse com ho  
 menos aluoroço que podesse ser. E  
 estando neste conselho chegou Sa-  
 naya q̃ era fora com outro mouro  
 seu enteado que auia nome Tuam  
 mafamede / z Garcia de sa ho man-  
 dou chamar: z ele foy logo lá bẽ des-  
 cuydado do pera q̃ ho chamauão  
 que não cuydaua que se sabia / z ya  
 coele Tuã mafamede / a que Garcia  
 de sa disse q̃ queria prender Sanaya  
 por treição que fazia: o q̃ Sanaya  
 não entendeo por não entẽder a lin-  
 goa Portuguesa. A que Tuam res-  
 pondeo / que se Sanaya fizera treição  
 que a pagasse. E logo Sanaya  
 foy preso / z atadas as mãos atras  
 foy deitado do terrado da torre q̃  
 era de cinco sobrados / z assi foy  
 morto. E Tuam mafamede que as-  
 si ho vio matar ficou fora de si com  
 medo / z Garcia de sa lbe disse que  
 não ouuesse medo / porque Sanaya

pagara homal que fizera: z a ele q̃  
 era leal faria sempre muyta honrra  
 z merce / z mandou ho leuar pera  
 sua casa muyto acompanhado: z as-  
 si liurou nosso senhor a fortaleza cõ  
 a morte de Sanaya de rãsa que fez  
 muyto grande espanto nos Ma-  
 layos / z fez lẽbrar a morte de Tuã  
 timuterãsa em tempo Dafonso dal  
 buquer que / z dizião que os Por-  
 tugueses sabião muyto que não se  
 lbes escondia nada. E el rey de Da-  
 chem ficou muyto triste pola mor-  
 te de Sanaya / porque perdeu nele  
 grande perda / z a molher de Sa-  
 naya fugio logo / z foyse coela Tuã  
 mafamede pera el rey Dugentana,  
 hũ rey comarcão de Malaca.

**C**apit. cij. De como Ruño da cu-  
 nha chegou a Druz, z de como  
 foy preso Rax parafo.



Ruernãdo Ruño da  
 cunha em Bomba-  
 ça forão ter coele no  
 cabo do inuerno Si-  
 mão da cunha / dom  
 Francisco deça / z Francisco de mẽ-  
 doça que inuernarão em Boçam-  
 biq̃ onde lbe morrerão q̃tro cõtos  
 homẽs / z assi ho disserão a Ruño  
 da cunha / z a perdição Dafonso  
 vaz azambujo / z de Bernaldim da  
 silueira: do que ele ficou muyto tris-  
 te z receou que tambem Garcia de  
 sa / z Antonio de saldanba fossem  
 perdidos / z porque era no cabo do  
 verão da Índia / z a navegação  
 pera laa auia de ser muy perigosa

por amor das naos que erão grandes / acordou cõ aqueles capitães que pera segurança delas fosse ter bo inuerno da India a Ormuz. E estado pera partir foy bi ter em hũ nauio hũ Bastião ferreyra cidadão de Soa que por mandado do gouernador foy buscar Runo da cunba a Moçambique cuy dâdo que inuernaua lá e não ho achando foy a Belinde, e porque auia de ir inuernar aa India escreueo Runo da cunba por ele ao gouernador como tomara Bombaça. e a causa porque ya a Ormuz / pedindolhe muyto que tenesse a armada da India concertada porque auia de ter necessidade dela em chegando. E partido Bastião ferreyra, partiose ele pera Ormuz, e estando na agoada de teiue foy ter coe lhom fernão deça cõ os outros dons capitães de sua cõserua que yão da India como disse atras. e dahi se foy a Mazcate õde deixou os doentes da armada que erão muytos, e as naos de dõ Francisco deça e de Francisco de mendoça, e por capitão a dom fernão de lima, e foyse na sua nao a Ormuz indo coe lhom Simão da cunba e dom fernando deça com seus capitães, e el rey lhe fez grande recebimento: e com sua chegada ficou Raix parafo muyt assombrado que castigasse suas tiranias, porque como yinha nouamente auia medo de entender nele. E auêdo poucos dias que ho gouernador estaua em Ormuz, chegou de Portugal Manuel de macedo por capitão de hũ galeão com prouisam del Rey de Portugal para prender Raix parafo por muytas

culpas que tinha dele, e que lhe fosse entregue, e no mesmo galeão ho leuasse preso a Portugal. E el Rey deu este cargo a Manuel de macedo por confiar dele q̃ ho faria melhor que outrem e não se peruerteria cõ peltas. E chegando ele á agoada de Teiue que he sessenta legoas de Ormuz soube como Runo da cunba estava em Ormuz: e porque se receou que se foubesse ao que ya lhe tiraria a honrra que speraua de ganhar em prender Raix parafo (por ser cousa muyt desejada) quis ecobzir sua ida a Ormuz, e foyse e hũa terrada cõ algũs de que se confiou mandando ao q̃ deixou no galeão por capitão que dali a tantos dias fosse ter a Ormuz que era ho tempo que lhe pareceo que teria feyto seu negocio. E chegado a Ormuz na terrada que era hũ dia pola manhaã desembarcou muyto secretamete e foyse a casa de Raix parafo que pousaua nos paços del rey, mandando primeyro a hũ criado seu que como ho visse falar com Raix parafo lhe leuasse hũa carta a Runo da cunba em q̃ dizia q̃ lhe requerta da parte del Rey de Portugal que tanto que aquela visse mandasse gente a casa de Raix parafo porque cõpria muyto a seu seruiço. E chegado a casa de Raix parafo foy dele muyto bem recebido porque ho conhecia e tinha coe lhom amizade de quando ho leuara da India pa Ormuz despois de se liurar das culpas que lhe punhão como disse atras. E ho homem querinha a carta pera Runo da cunba como os viu falar foy lha leuar. E lendo Runo da cunba a carta chegou Si

mão da cunha muyto de pressa e disselhe que fazia que Manuel de macedo tinha preso Raix xaraso: e assi era que ja a noua andaua pola cidade. E ficando Ruño da cunha muyto salteado coesta noua mandou logo a Simão da cunha que fosse prender Raix xaraso, e ele foy com muyta gente: e chegando la achou que ja Manuel de macedo tinha preso Raix xaraso, e Simão da cunha lho tomou e lhe mandou logo escrever sua fazenda, e ho leuou consigo a casa de Ruño da cunha sem na cidade auer por isso nũ aluorço. e quanto xaraso tinha nela muyto poder e muyta valia, e era muyto aparentado / e isto por medo dos nossos. E Ruño da cunha ficou tão agastado de Manuel de macedo prender Raix xaraso sem lhe dar conta disso / que ho mandou prender com quanto lhe ele mostrou a prouissaim que trazia del Rey pera ho prender: e tambem ho porque Ruño da cunha fez isto foy por abrandar el Rey Dormuz q̄ mostrou sentir muyto a prouissaim de Raix xaraso por ser sua casa, e dauasse por muyto injuria do disso. E despois da prisão de Raix xaraso em Agosto, ordenado Ruño da cunha sua partida pera a India veyo noua certa a el Rey Dormuz que Raix bardadim governador de Baharê por el Rey Dormuz selhe reebalara e lhe não q̄ria pagar coarenta mil xarafins que lhe pagaua de rēda, e isto por amor da prisão de Raix xaraso de q̄ era cunhado dizendo q̄ el Rey ho fizera prender pois consentira q̄ fosse em sua casa, pelo q̄ lhe auia de fazer todo ho mal q̄ po-

dese. E q̄ sabido por el Rey deu conta a Ruño da cunha, dizendo q̄ pois ele era vassallo del Rey de Portugal e lhe pagaua pareas q̄ ele como seu governador lhe auia de restituir Baharem e tornar a sua obediencia a Raix Bardadim / e mais pois a prouissaim de xaraso fora causa de seu aleuamento / e se isto não fazia que não podia deixar de descontar nas pareas del Rey de Portugal a q̄les coarenta mil xarafins q̄ lhe rēdia Baharê: a q̄ Ruño da cunha respõdeo q̄ não tinha naquillo rezão / porque se xaraso fora preso fora por suas culpas e el Rey de Portugal ho podia castigar como seu superior / e por isso não era aquilo escusa pera não pagar as pareas. E daqui praticarão tanto sobrestia cousa q̄ Ruño da cunha fez cõ el Rey q̄ pagasse mais de pareas a el Rey de Portugal os coarenta mil xarafins q̄ lhe rēdia Baharem e quelho someteria a sua obediencia. E isto pos Ruño da cunha em cõselho com os capitães e fidalgos de sua armada: e algũs disserão q̄ eleya dirigido de Portugal pera tomar Diu: e Diu temporaria mais tomarse que se acrecẽtarem mais coarenta mil xarafins ás pareas Dormuz / porque auia de e der mais, e auia de ser mais hõrra del Rey de Portugal tomarse / e que se agora fosse sobrele cõ ho destroço que Logo vaz de sam Dayo tinha feyto nas fustas / e com ir de nouo de Portugal q̄ ho tomara, e indo sobre Baharem ou mandado lá q̄ auia de auer muyta detença por ser fora de moução / e perderia tempo de chegar aa India tão cedo co-

mo era necessario pera ir sobre Diu; por isso que deixasse Babarê. E outros disserão que não porque bê se podia fugigar Babarem e tomar-se Diu, e coestes foy Runo da cunha. E isto se assentou, e q fosse Simão da cunha a Babarem: a que Runo da cunha deu por regimento q por quanto era fora da moução / e os ventos lhe auião deser por dauante q andasseas voltas ate trinta dias e quando neste tempo bo não possesse aferrar que se tornasse. E coeste regimento se partio Simão da cunha na entrada de Setembro / e ele foy em hū nauio redondo dū Jorge gomez mercador da Índia Portugues, que eu conbeci / e forão por seus capitães dom Francisco deça no nauio em q Manuel de macedo fora de Portugal, que não cbegou a Babarem por ser rolin de vela / e Manuel dalbuquerque em outro, e dom fernão deça no seu galeão, e Aleixo de souza em outro. e Lopo de mezquita no camorim pequeno, e Tristão dataideem hūa fusta / e a gente q ya nestes nauios forão trezentos dos nossos todos fidalgos e caualeyros criados del Rey, gēte toda limpa e bem armada de cotraças de seda, e armas blancas. E fazendo sua viagé acabarão os vêtos contrarios e tenerão assaz de trabalho / e andando assi deulbes nosso senhor hū vento que os pos em Babarê / saluo a dom Francisco deça que ficou atras e Aleixo de souza que no caminbo tomou algūas terradas de mouros. e depois foy ter a Babarem estando os outros furtos,

**C**apt. cij. Do q aconteceu a Simão da cunha em Babarem / e de como morreo e outros muytos.



**C**hegado Simão da cunha ao porto de Babarem achou hū Delchior de souza tauares capitão mór do mar Hormuz com obra de seys bargantis e catures q estaua goardando bo porto, junto do qual estaua hūa boa fortaleza cō cobelos e torres cercada de muro e caua onde Rax Bardadim estaua com suas molheres / filhos e muyta gente d'armas. E vendo ele surta a nossa frota / e parecendo lbe ao q ya / pos hūa bandeira branca aruorada na fortaleza: e vista por Simão da cunha mādou a terra saber o que queria por hū lingoa: por que Rax Bardadim lhe mandou dizer que ele não se leuātara se não por amor da prisam de Rax xaraso seu cunhado: e pois os nossos interuinhão nisso que ele nã queria coeles nada por ser muyto grãde seruidor del Rey de Portugal, e pois ele queria aquela fortaleza lha queria dar em paz / e se lria cō suas molheres / filhos / gente e quanto estaua nela / e coesta condição lha daria. Ouuido isto por Simão da cunha, quisera aceitar a fortaleza com aqila condição, mas foy cōtrariado dos capitães e fidalgos / dizendolbe q com medo a tomara daqila maneyra, e q não era bê que aqle mouro ficasse castigado polo q fizera / e quando a ouuesse tomar sem peleya fosse cō lbes ficar a fazēda: e que Rax

bardadim se fosse com suas molhe-  
 res/ filhos e gente/ porque sem fa-  
 zenda ficaria bẽ castigado. e não da-  
 ria mais toruação nẽ desallego a el  
 rey Dormuz. E com quanto isto pa-  
 receo muyto mal a Simão da cu-  
 nha por parecer assi a todos ho ou-  
 ue por bẽ, mas muyto contra sua  
 vontade / e isso respondeo a Rair  
 bardadim: que como homẽ efforça-  
 do não repricon mais se não man-  
 dou aruozar no muro duas bandei-  
 ras/ bũa brãca outra vermelha co-  
 mo quẽ dizia aos nossos q̃ vissem se  
 querião paz ou guerra. E q̃ vendo  
 os capitães disserão a Simão da  
 cunha q̃ quisesse guerra / e por isso  
 ele mandou desembarcar a gente / e  
 algũa artelharía q̃ leuaua pa bater  
 a fortaleza. E feytas suas estãcias /  
 e ordenados seus capitães e gente  
 q̃ auia de star nelas / começouse de  
 dar bateria á fortaleza / e em come-  
 çando mandou Rair bardadim tí-  
 rar a bandeira branca e ficou a ver-  
 melha como quem não estimaua a  
 guerra dos nossos: e bem parecia q̃  
 era assi / por q̃ como os nossos fazia  
 algũ buraco no muro cõ a artelha-  
 ria logo era tapado e tão depressa q̃  
 quasi q̃ não se enxergaua / do q̃ Si-  
 mão da cunha andaua muyto agas-  
 tado vendo q̃ não fazia nada. prin-  
 cipalmẽte por q̃ lhe faleceo a poluo-  
 ra tambẽ apercebido ya dela: e en-  
 tão vio ele camanho erro fizera em  
 não tomar a fortaleza q̃ lhe dauão  
 em paz. E como não tinha outro re-  
 medio de poluoza se não mãdar por  
 ela a Dormuz / mandou logo lá hum  
 bargatim q̃ foy epoucos dias / por  
 ho vento ler a popa, mas á tornada

foy ho vagar muyto. E vendo os  
 mouros a diliação que auia na bate-  
 ria da fortaleza zombauão dos nos-  
 sos de cima do muro como eranoy-  
 te, e dizialbe q̃ pois os nã quiserão  
 deixar ir q̃ ali auião todos de ficar.  
 E parece q̃ adiunbauão ou fizeraõ  
 por onde fosse assi segundo se presu-  
 mio q̃ deitarão peçonba nas agoas  
 de que os nossos auião de beber, ou  
 por elas serẽ peçonbentas naquele  
 tẽpo / e nele mesmo ser a terra muy-  
 to doentia / e os nossos estarẽ des-  
 postos pera doenças com ho muy-  
 to grande trabalho q̃ tinhão come-  
 çarão dadoecer e tanto que não se  
 podião levantar. E Rair bardadim  
 mandou dizer a Simão da cunha q̃  
 pola amizade q̃ tinha cõ os nossos  
 lhe aconselhaua q̃ se fosse porque se  
 ali estuesse mais lhe auia dadoecer  
 a gente de maneyra que quando se  
 quisesse ir não auia de poder: e os  
 nossos zombauão daquilo e dizião  
 a Simão da cunha q̃ ho mouro di-  
 zia aquilo com medo, e por isso Si-  
 mão da cunha não tomou seu conse-  
 lho que foza muyto bõ / por q̃ despõs  
 nã succedera a desauẽtura q̃ succedeo:  
 e foy a doẽça dos nossos em tanto  
 crescimento que quando a poluoza  
 chegou Dormuz estauão quasi to-  
 dos doẽtes e algũs mortos / e por  
 q̃ ele via assi adoecer a gente mudou  
 as estãcias pera perto do mar, por  
 q̃ ho tenesse mais a mão se se visse a-  
 pertado dos mouros que fossem so-  
 brele / o que temia muyto que fosse  
 se Rair bardadim foubesse como ti-  
 nha a gente: o q̃ ele sabia muyto bẽ po-  
 la experiência q̃ tinha da terra / mas  
 como não queria se não amizade cõ

os nossos porque se fizesse algũ dã-  
no sabia que Raiz xaraso ho auita  
de pagar nunca quis bolir consigo  
nem sair aos nossos/ que se fãira cõ  
pouco trabalho os matara a todos.  
E depois de Simão da cunba re-  
colher os seus pera mais perto do  
mar, fez hũa estãcia em que os pos  
todos/ e tornou outra vez a bater  
a fortaleza de que derribou hũ lãço  
do muro por estar abalado bantes,  
e quisera por all entrar a fortaleza  
se teuera quem ho acompanbara/  
mas não achou sãos mais de trinta  
e cinco homens, e todos os outros  
tão doentes e fracos que não se po-  
dião bolir: e de muyto agastado le-  
uantou as mãos ao ceo, dizêdo. Se  
nhoz quã pouco te custara darsine  
cem homens sãos/ Que cõ tãtos se  
atreuera a entrar a fortaleza se os te-  
uera: e vendo que os não tinha dei-  
xou de ho fazer com muyto grande  
magoa assi por isso como por ver  
quão bem acertaua em tomar a for-  
taleza que lhe dauão em paz/ e quã  
mal aconselhado fora em a não to-  
mar e em se não ir quando tinha tẽ-  
po. E âtes que ho não teuesse de to-  
do determinou de fazer embarcar  
a artelbaria e os doentes porq̃ os  
saluasse/ o que fez cõ immenso tra-  
balho assi seu como dos trinta e cin-  
co que estauão sãos / que saindo lhe  
muyto sanguedas mãos embarca-  
rão a artelbaria, e depois os doen-  
tes com q̃ ja não podião de cãfados  
e por isso lhes atauão cordas nos  
pés e os leuauã a rasto ate ho mar.  
E foy hũa muy piedosa cousa de  
ver esta embarcação, assi do mau  
trato que se daua aos doentes por

se mais não poder fazer, como dos  
gímidos e gritos que dauão e ma-  
goas que dizião. E neste trabalho  
ajudou muyto bê aos nossos hum  
mouro Dormuz q̃ foy com Simão  
da cunba que era Xequeda ilha Dã  
gão e ya em hũa terrada com corê-  
ta mouros tambẽ Dormuz com q̃  
fez muyta ajuda aos nossos assi no  
cerco passado como nesta embarca-  
ção. E embarcados todos os doê-  
tes e artelbaria/ se embarcou Si-  
mão da cunba morto de paixão, e  
de tamanba desauentura a que ele  
quisera atalbar em tomar a fortale-  
za se ho deixarão/ do que ele tinha  
mayor magoa/ e coela disse ao mes-  
tre do seu nauio em se embarcando.  
Mestre quando ouuerdes de fazer  
algũa couia de vossa honrra não to-  
meis ho conselho de ninguẽ se não  
ho vosso. E coisto fez dar ás velas  
e se partio e assi os outros nauios:  
e logo nos primeyros tres dias de  
sua nauegação começaram de mor-  
rer muytos dos doentes q̃ leuaua  
q̃ lhe renouauão de cada vez mais  
sua tristeza de que ele adoeceo, e tão  
auorrecido ya da vida e de tudo q̃  
se meteo na camara do nauio sem  
querer ver ninguem nẽ falar/ e dã-  
do muyto grandes ays e sospiros  
durou nove dias depois q̃ adoeceo  
e morreo de tristeza, e no seu nauio  
morrerão bê setenta doentes a fora  
os dos outros nauios: e ficou ho  
nauio tão desemparrado de quẽ ho  
marcasse que se ouuera de perder se  
lhe nosso senhoz não socorrera com  
ir ter coele Fernandaluarez carna-  
che em hũa terrada que com sua gê-  
te ho ajudou a leuar a Dormuz, ôde

Simão da cunha q̄ ya morto nele  
foy enterrado / e assi Francisco go-  
mez filho do bispo do fūchal, e to-  
dos os nauos da armada chegarã  
muy destrogados / hūs diante ou-  
tros: despols: e os mais dos q̄ forão  
a habarẽ morrerão que muy pou-  
cos escaparão / e isto foy o q̄ ganhou  
de ir lá: e mais coesta ida não pode  
Runo da cunha partir pera a India  
em Agosto pera chegar em Setem-  
bro e fazer prestes a armada pera ir  
a Din aquele anno e não foy. E v̄ẽ-  
do Runo da cunha como nã tinha  
mais que fazer em Ormuz / deter-  
minou dese partir pera a India / e  
arrecadou as pareas del rey Dor-  
muz / e soltou Manuel de macedo  
e pos em seu poder a Raixarafo  
porque ho ausa de leuar pera Por-  
tugal por mandado del Rey. E tẽ-  
do tudo prestes, partio se caminbo  
da India, e forão coele dõ Fernãdo  
delima / dom Francisco deça / Frã-  
cisco de mendoça / Manuel de ma-  
cedo e outro todos capitães de na-  
os / e Jorge gomez no seu nauio.

Capit. ciiij. De como ho governa-  
dor se partio de Soa pera Cochí.



Endo ho governa-  
dor Lopo vaz desam-  
Payo ho inuerno e  
Soa, chegou hi Bal-  
tião ferreyra na en-  
trada dele com cartas de Runo da  
cunha, que tomara aos mouros  
Bombança dõ de teuer a ho inuerno,  
e ficaua em Belinde dõde auia vir  
a Ormuz pa no verãdo seguinte pas-  
sar á India, pedindolhe que lhe te-

uesse a armada prestes porque auia  
de ter necessidade dela e chegado /  
e por esta noua mandou ho gover-  
nador: hũa solene procissam / em que  
com todos foy dar graças a nollo  
senhor por a noua da armada de  
Portugal / q̄ os mouros querião  
adiuinhar que não auia de vir / e an-  
dauão por isso muyto ledos dizẽdo  
q̄ ja não auia Portugal. E dadas  
graças ao eterno Deos / ho gover-  
nador se pos com muyta diligẽcia  
a mandar concertar a armada, e a  
fazer de nouo algũs nauos a fora  
muytos que mandara fazer em di-  
uerfos tempos. s. seys galeões e a  
tafoza de Cochim que era nao de  
quinhẽtos toneis, seys galẽs reais  
cinco galeotas / quatro carauelas /  
e cincoenta bargantins / e muytos  
outros q̄ mandou fazer de paraça  
Balabares / de que no tempo q̄ go-  
uernou a India se achou por certe-  
za que se tomarão a inigos bẽ cen-  
to e cincoenta com fustas e outros  
nauos, e todos bẽ artilhados e de  
boa artelbaria: e destes forão leua-  
dos muytos pera diuersas partes  
do senhorio que el Rey de Portu-  
gal tem na India, e outros se gasta-  
rão de velhos: e com tudo ficou a  
mais grossa e melhor armada que  
tinha nhũ principe Chriãõ de cẽ-  
to e trinta e seys velas. s. quatorze  
galeões, seys galẽs reais, oytõ ga-  
leotas, seys carauelas, e cẽto e du-  
as fustas e bargantins. E assi co-  
mo acrecẽto a armada, assi tambẽ  
receuidado de reparar as fortale-  
zas da terra do necessario: na Dor-  
muz mandou fazer hũ baluarte de  
frente da porta, e mandou acabar



hūs cobelos q̄ estauão começados, e emmadeirar os terrados da fortaleza / e argamassar bo muro, e concertar a igreja q̄ estaua dānificada, e na d' Cbaul mādou leuātār mais hū fobzado na toze da menagē, e a cabar bo cobelo do alcaide mōr / e fazer hū cais d' pedra, e duas casas pera almazēs d'artelbaria e de mātīmētos. Macidade de Soa hū pedaço de cbapa no muro da banda do mar e hū cobelo, e acabar a sé q̄ estaua começada e telhar de nouo bo mosteiro d' sain frāçisco. Na fortaleza de Lananoz mandou fazer hūa caua ao derredor do arrabalde pera q̄ ficasse dētro bo poço da goa, q̄ estaua fora da fortaleza q̄ era parela muy grāde perjuizo por nāter a goa: e na mesma caua hū baluarte q̄ varefasse bo mar dūa bāda e da outra cō a artelbaria e mādou refazer bo muro da cerca da fortaleza q̄ estaua d'effeyto em muytas partes e derribar o q̄ cercaua a toze da menagē por ser fraco e fazelo mais forte / e fazer hūa casa pa feytoria, e hūa sala do apouentamēto do capitão. Em Cochim mādou fazer a parede grande q̄ vay da fortaleza ao lōgo da praya ate o caluete / e acabar todos os cobelos q̄ estauā da bāda do mar: e assiontras obras miudas de q̄ a fortaleza tinha necessidade. E a fora tudo isto mādou pagar trezētos mil cruzados d' soldo, q̄ foy coufa em q̄ fez grande seruiço a el Rey seu senhor. E assi como foy esforçado na guerra / foy cōstāte na justiça q̄ sempre folgou muyto de fazer / posto q̄ algūs quiserā dizer bo cōtraio por odio q̄ lhe tinhão: po-

rē ele castigou sempre os crimes asperamēte como se vfo no mulato q̄ foy enforcado em Soa por tirar de noyte em Cochi cō hūa espingarda a frāçisco perey e a pestana / e os oyto alenātados da cōpanhia dos q̄ se alenātārão cō hūa fusta e cō hum bargantim, q̄ em pessoa foy prēder hūa noyte a terra firme / e eu bo vi partir q̄ estaua em Soa a esse tēpo. Foy sēpre muyto deuoto e temeroso de nosso senhor / e tão casto q̄ nūca lhe sentirão molher em quāto andou na India: e foy fora de vaidades nē presunções / e cō todos era companheiro assi na paz como na guerra / e pera todos muyto bē ensinado. Foy homē grande de corpo mēbuido e bē apesloado e de rosto alegre. E no cabo deste inuerno que teue ē Soa / em dia de sain Bertolameu de madrugada surgio na sua barra a armada q̄ aquele anno foy de Portugal de q̄tro naos em q̄ ya por capitão mōr Diogo da silueira e por seus capitães Ruy gomez da grā, Ruy mendez de mezquita / e Anriq̄ montiz que morreo no mar, pay Daires montiz e Dantonio montiz q̄ forão coele meninos: e esta armada leuou tão boa viagē que quādo chegou a Soa yā os homēs de la q̄ crão quinhētos tão sãos e tão gordos q̄ parecia q̄ aua quize dias q̄ partirão de Lisboa, e nūca despois eu vi outros tais. E detendose Diogo da silueira poucos dias em Soa, separtio pa Cochi: e despois dele o gouernador a fazerse prestes pera a partida d' Portugal / pa o de esperaua de partir pola vida de Ru no da cunha, como direy a diante.

finis.

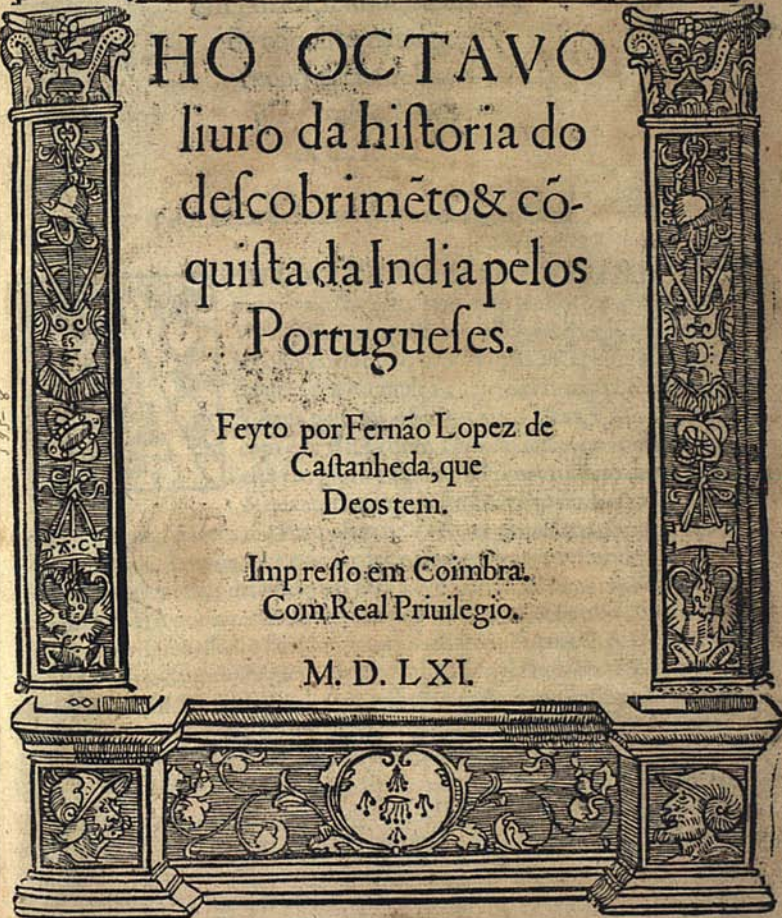


HO OCTAVO  
liuro da historia do  
descobrimẽto & cõ-  
quista da India pelos  
Portugueses.

Feyto por Fernão Lopez de  
Castanheda, que  
Deos tem.

Impresso em Coimbra.  
Com Real Priuilegio.

M. D. LXI.



HO OCTAVO

libro da historia do

descobrimto e do

quillo da India ocior

Portuguezes.

Leito por Fernão Lopes de

Castanheda que

Deo tem.

Impresso em Coimbra

Com a calhnia de

M. D. L. XI.

# Prologo no Octauoliuro da

historia do descobrimento & conquista da India pe  
los Portugueses. Dirigido ao muyto alto & muyto  
poderoso Rey dō Sebastião nosso senhor deste no-  
me o primeyro. Rey de Portugal, & dos  
Algarues, Daquem, & Dalé mar,  
em Africa, senhor de Guinê,  
da cōquista, nauegação,  
& comercio de Etyo-  
pia, Arabia, Persia,  
& da India.

Pelos filhos de Fernão Lopez de Castanheda.

*am*  
*madm Digno*



## INDA QUE NAM FORA MANIFESTO

muyto alto & muy poderoso senhor, o animo cō que  
V. A. & seus antepassados todos, receberão as semelhan-  
tes offertas de obras proueytosas á Republica, & que en  
finauão por exemplos a bem obrar na paz & na guerra,  
bastaua pera nós offereceremos esta a V. A. a vontade  
com que el Rey dom Ioão ho terceyro vosso auô (que  
está em gloria) accitou o Primeyro liuro desta historia  
& quanta merce por isto fez a Fernão Lopez de Casta-  
nheda nosso pay (q̄ Deos té.) Porq̄ alem de V. A. ter as mesmas obrigações pera  
a fauorecer que ele tinha, que erão ser de excellentes feytos de Portugueses, & ani-  
marem com elas a seus descendentes pera as ymitarem, & terem por facil poer as  
fazendas & vidas por acrecentamento de nossa sancta fee, & seruiço de seu Rey (co-  
mo estes seus antepassados fizerão) parecia bastate causa pera V. A. fauorecer este  
Liuro, ser parte daquele Primeyro (por continuacão da historia) q̄ a el Rey vosso  
auô pareceo bem, Principalmente que trabalhou nela tanto nosso pay, & fez tan-  
tas diligências por escrever a verdade, que com o fim da historia selhe acabou a vi-  
da, que tinha muy trabalhada de muytas indisposições causadas de cōtino cuy-  
dado, & de continuas vigalias, & leytura de muytos papeis q̄ da India trouxera.  
Polas quaes rezões, em seu nome pedimos a V. A. queira tomar sob seu amparo  
este Liuro Octauo, (& com este o Nono & Decimo seguintes, quemuy cedo se  
imprimirão) pera que responda o fruyto ao muyto trabalho que ho Autor nele  
teue, & alcance ho fim que pretendeo.



HO LIVRO OYTAVO DA HISTORIA do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses, por mandado del Rey dom Ioão de gloriosa memoria deste nome o III. Em que se cõtem o q̃os Portugueses fizeram na India, & em outras partes do oriẽte, gouernandoa Nuno da cunha.

*Feyto per Fernão lopez de Castanbeda.*

CAPITVLO PRIMEYRO.

De como Nuno da cunha chegou à India, & foy entregue da gouernança.



**D**ARTIDO Nuno da cunha Dormuz. E seguindo por sua viagem, foy surgir na barra de Goa a vinte quatro Doutubro. E no mesmo dia a tarde desembarcou, esperando o no cais os veadores da cidade, & capitão, & ouuidor dela com muytos fidalgos, & gente outra. E mostrada sua prouisam de gouernador, & jurando de goardar os priuilegios da cidade: forão abertas as portas, que estauão cerradas em quanto durou esta cerimonia. E metido debaixo dũ palco, entrou na cidade: onde estaua a clerizia com hũa solene procissam de Cruzes leuantadas, foy leuado á Sé da cidade a fazer oração, & da hi pera sua casa. E como tinha determinado de aq̃le anno não ir a Diu, cometeo a Eytor da silueira que fosse com a armada da India esperar Simão da cunha á costa de Cambaya: pera hi entregar a armada quando tornasse de Baharem, pera fazer guerra a Cábaya. Que ainda q̃ diz

no cabo do liuro sexto q̃ Simão da cunha tornou de Baharem antes de Nuno da cunha partir Dormuz, não foy assi, q̃ foy erro da impressam. E por Eytor da silueira auer por afronta de leuar aq̃la armada pera outrem, escufouse disso: pelo que ho gouernador pedio a seu cunhado Antonio da silueira de meneses que a leuasse. E estando pera partir, chegou recado do desbarato de Simão da cunha, & da sua morte. E porque Antonio da silueira estaua pa leuar esta armada, deu lhe ho gouernador a capitania mór della, pera que fizesse a Cambaya a guerra q̃ lhe ouuera de fazer Simão da cunha, & deulhe nouecentos Portugueses, de que os quatrocêto crão espingardeiros: que forão embarcados em cincoenta & tres velas de remo, galés, galeotas & bargantins. E partido Antonio da silueira, deu o gouernador a capitania mór de utra armada que auia de mädar ao estreito a Eytor da silueira de quatro galeões, duas carauelas & quatro bargatins. Dos galeões a fora ele, forão capitães Martin de crasto, Antonio de lemos & Fernão rodriguez barba: das carauelas Frá-

2  
 cisco de vasconcelos, & Ioanemendez de macedo. Dos bargatins Antonio boelho, Francisco de freytas, & outros dous, & deulhe por regimêto q̄ partilhe em lancero. E deixádo por capitão de Goa a dom Fernando de lima, se partio pera Cochim. E de caminho deixou dom Ioão deça na capitania de Cananor que era sua. E fez capitão mór da costa do Malabar a Diogo da silueira seu cunhado da primeyra molher, & deulhe hũa armada de duas galeotas, de que forão capitães Mantel de vascoellos, & Nuno fernandez freyre, & a carauela de Francisco da cunha, & seys bargantins, & foy capitão dũ Ioão da silueira seu irmão de Diogo da silueira, & deixoulhe nesta armada duzentos Portugueses. E chegado a Cochim, foy recebido com a mesma solénidade q̄ em Goa: & ali acabou de ser entregue da governança.

## CAPIT. XII.

De como forão presos Lopo vaz de sam Payo & ho licenciado Ioão de soyro.

**E**Ntregue ho governador da governança, mandou prêder a Lopo vaz de sam Payo, & escreuerlhe quanta fazenda lhe foy achada, dizendo q̄ assi ho mandaua el Rey de Portugal, por anor de hũs capitulos q̄ derão dele seus ímigos. E por estes capitulos se processou despois em Portugal contra Lopo vaz de sam Payo: & se deu sentença cõtrele, que perdesse ho mantimento q̄ ou uera seruido de governador. E por esta causa se deu a sentença cõtrele, & nã por lhe daré a governança os juyzes q̄ jul

garão por ele na Índia, como disse no liuro septimo q̄foi por erro. E sabida a pri sam de Lopo vaz, todos os q̄ erão amigos do seruiço de Deos & del Rey, forão muyto espantados: por ser notorio com quanta diligencia, verdade & limpeza Lopo vaz de sam Payo seruirea ho cargo da governança da India, assi na guerra, como na paz, & q̄ tinha feyta a melhor & mayor armada do q̄ nũca gouernador fizera ateli. E todos os da India ho dizião assi publicamête, o que eu ouui a muytos, brassendo de quãmao galardão lhe dauão de seus muytos & grandes seruiços. E assi dizião q̄ ho governador estaua muyto indignado cõtra Lopo vaz de sam Payo, & lhe queria mal por lhe Garcia de saa & Antonio de saldanha fazerê crer, que Lopo vaz lhe quisesa roubar sua honra em querer tomar Diu, o q̄ fizera sem duuida se lho eles não estoruarão, & assi por outros mexericos doutras pessoas q̄ nũca falecê. E de ho governador não estar bêcõ Lopo vaz, se pareceo no exceder ho modo q̄ teue em lhe mandar tomar sua fazêda tão meudamête, que lhe mandou Lopo vaz dizer q̄ nã se agastaua do q̄ lhe fazia, porq̄ esperaua em nosso Senhor que outro ho auia de vingaro: q̄ se se comprio bê. E logo q̄ Lopo vaz foy preso, mandou dizer ho gouernador ao licenciado Ioão de soiro, ouuidor geral da India, que entregasse a vara a hũ Pedro barreto, & se fizesse prestes pera Portugal. E vêdo Ioão de soiro este recado do governador, como era prudête, pareceolhe q̄ não era sem misterio, & q̄ não faria

faria boa fazéda em ficar na India côtra vôtade do governador. E sem mais q̄ter saber se el Rey ho mãdava ir ou nã, respondeu ao governado: q̄ lhe beyjava as mãos por tamanha merce, q̄ ele era já velho & cansado, & não tinha na India outro premio de seus trabalhos, se não pobreza & muytos desgostos, pelo que nenhũa cousa desejava mais q̄ irse para sua molher, & seus filhos. Mas porq̄ ele desejava boa côta de si a el Rey de que tinha a q̄la vara, quelhe desse hũa certidão de como lha tomava. Cõ cuja resposta ficou ho governador atulhado, q̄ desejava de mãdar Ioão de soiro para Portugal, & q̄ não fosse seu ouuidor: porque lhe não tinha boa vôtade, por ser certo q̄ ele fora ho primeyro que em particular, & em publico conselhara cõ muyta instancia a Lopo vaz de sam Payo despois do desbarato das fustas de Diu, q̄ ho fosse tomar, & assi por outros mexericos, de q̄ sempre os governadores quando nouamente chegãõ a India ouué que farte, principalméte de pessoas q̄ té nela mádo. Assi q̄ védo ho governador q̄ por ali não podia levar Ioão de soiro, mãdoulhe tomar residécia sem ho el Rey mãdar ir pa Portugal, néauer por acabado ho tépo de sua ouuidoria. E ráto q̄ a residécia foy pregoada, como Ioã de soiro tinha muytos ímigos, assi dos fidalgos da India, por ser grãde amigo de Lopo vaz, cujos ímigos erãõ, como dos outros por fazer deles justiça que to dos auorrecé, todos teuerãõ q̄ dizer cõtrele. E mais porq̄ ho enqueredor & escriuão da residécia erãõ seus ímigos, &

assi ho forãõ rábé muytas testemunhas, que cõ medo q̄ ele fizesse justiça deles, se lançarão cõ os mouros. E cõ seguro do gouernador se tornarãõ pa os Christãos. E cõ os ditos destas & outras taes testemunhas, foy Ioão de soiro preso, & mandado a Portugal. E partido, como seus ímigos desejavaõ de ho destruir, nã cõtentes cõ as testemunhas da residécia ajudarãse de hũ Pero daguiar, q̄ seruido Ioão de soiro douuidor geral seruia de seu escriuão, q̄ depois de sua partida foy preso por falsario, a q̄ algũs ímigos de Ioão de soiro cometerãõ q̄ testemunhaffe cõtrele, & q̄ lhe auertiãõ perdãõ do governador do crime, porque estaua preso. E prometendo que si, ouuerãlhe ho perdãõ, que dizia ¶ Eu Nuno da cunha védor da fazenda del Rey nosso senhor, & gouernador India, &c. Certifico, q̄ sendo preso Pero daguiar por falsario, lhe perdoey suas culpas, cõ tal cõdição q̄ confessasse tudo o que sabia do licécia do Ioão de soiro, q̄ foy ouuidor geral nestas partes da India. E isto por parecer q̄ cõpria assi a seruiço del Rey nosso senhor. E assi pareceo ao governador, & nã cõ outra mãtécão. E coeste perdã, disse este Pero daguiar mil testemunhos falsos cõtra Ioão de soiro, segũdo se despois soube por inquirições muy autéticas que sobrisso se tirarãõ, que eu vi: & mais Pero daguiar como foy solto fugio pa os mouros, & antreles morreo, & se me não enganõ mouro. Finalméte q̄ por mais maldades q̄ os ímigos de Ioão de soiro fulminarãõ cõtrele ate ho fazeré condenar, sabida despois a ver



dade, foy restituído em sua hontra, & em graça del Rey, & em seu seuiço, & nele morreo. E Lopo vaz de sam Payo, & ele, como digo torá mādados p'fos pa Portugal na armada q' ho gouernador mādou aq'lle anno, de q' foy capitão mór Lopo dalmeida de Santaré, filho q' foy de dō Diogo dalmeida prior do Crato, que chegou a Portugal a saluaméto cō rica cartega.

C. A. P. I. T. III.  
Do que dō Iorge de crato fez na ilha de Bida.

**N**O liuro septimo fica dito como dō Iorge de crato, por mandado de dom Iorge de meneses capitão da fortaleza de Maluco, foy a Banda a buscar socorro. E chegado, achou hi Iorge de britto capitão da fusta q' se perdera de sua conserua quādo hia pera Maluco, & não podendo seguir sua rota arribou a Banda, pera q' vinda a moução de Mayo se fosse a Maluco. E assi achou dō Iorge dous j'igos de Malaca, de que erāo senhores hū Lopaluarez, & hū Bastião vieyra mercadores ricos, a q' dō Iorge contou a necessidade de géte, & de dinheiro em que ficaua a fortaleza de Maluco, requerēdoles da parte del Rey, que emprestassem dinheiro pa se remedear, & alargassem coréta Portugueses q' leuaão em sua cōpanhia pera a defender. O q' eles não quiserão fazer, do que dō Iorge fez autos que mandou ao capitão de Malaca pera os castigar. E esperando ele por moução pera tornar a Maluco, forão ter as outras duas ilhas de Banda certos mouros vassalos del rey de Tidore por seu mandado ale-

uantar a terra cōtra os Portugueses, & pera os fauorecerē hião coeles algus Castelhanos; q' aluoroçarão a géte, dizendo mil males dos Portugueses, & muytos bés dos castelhanos, & q' auião cedo de senhorear toda aq'la terra. E por mais que dō Iorge trabalhou por atalhar a isto, & por tomār estes mouros & castelhanos nunca pode. E vinda a moução de Mayo, partio se pera Maluco, & chegou á fortaleza cō no mais q' vinte cinco Portugueses que hião na fusta com Iorge de britto, & sem nenhũa fazenda pera a feytoria, do q' dō Iorge de meneses ficou muyto agastado por não ter com q' pagar á gente seu mantiméto, q' morrião com fome. E a géte da terra q' ho sabia, se espantaua muyto de como os Portugueses podião soffrer tamanhos trabalhos como crāo os da guerra & os da fome, & da grāde constācia q' tinhāo em seruir a seu Rey, & como nā se hião & deixauāo a fortaleza pois crāo tã mal pagos, assi do soldo como do mantiméto. E assi erāo espātados do pouco cuydado que os gouernadores da India tinhāo dos Portugueses q' estauāo naq'la fortaleza. E quando Cachil daroes soube q' não auia nenhũa fazéda com q' se pagasse o que se deuiā aos Portugueses, dizia q' nā podia ser se não q' não auia na India nenhūs Portugueses, né gouernador pois não mādaua cō que se pagasse a géte que estava naq'la fortaleza. E vido ele a defordé que auia antre os Portugueses, & quāo pouco obedeciāos os que se achauāo em Banda aos mādados do capitão de Maluco, cuja sabião q' era a jurdi-

a jurdição de Banda, teue hoem muy pouca conta, & assi aos Portugueses: & dizia que galinhas brancas antre pretas pareciao muyto mal. E outras cousas, em que mostraua criar algũa malicia cõ treles, como despois se affirmou.

## CAPIT. IIII.

De como dom Iorge de meneses foy sobre a cidade de Tidore.

**N**Este tempo se acabarão hũas tre-goas que auia antre dom Iorge, & Fernão dela torre, & assi antre os reys que seguião estes dous capitães. E acabadas as tre-goas, nã quis Fernão dela torre assentar outras por conselho del rey de Tidore, & do gouernador de Ielolo, que tinha tudo prestes pera renovar a guerra com que esperaua de se fazer de todo senhor do Morro, que he a melhor cousa daquelas partes, & por isso fazia esta guerra. E mãdou logo lá sua armada, pera que tomasse os lugares que lá tinha el rey de Ternate: & el rey de Tidore mandou outra. E ainda que Cachil daroes tinha bẽ prouidos os lugares del rey de Ternate, mandou també sua armada, em que forão algũs Portugueses. E andando lá, encontreuse Cachil rade gouernador de Tidore, capitão de hũa grossa armada com seys corascoras da armada de Ternate. E despois de o sternates pelejarem muyto esforçadamente, forão desbaratados por Cachil rade: que matou & ferio muytos deles, & mais prendeo hũ mouro principal de Ternate capitão de hũa cora cora, que tomou com quantos hião nela, que mãdou despois matar muyto cruamente. E ficando

os Ternates, & os Portugueses que os ajudauão assi desbaratados, acolherãse a terra: & mandarão recado por mar a dô Iorge de seu desbarato. E que os inimigos estauão muito poderosos, porque a fora estar lá a principal gente de Tidore, andauão coela corêta Castelhanos, q̃ a fauorecia muyto, & se nã fosse hũ grosso focorro, q̃ serião cedo senhores do Morro. O que sabido por dom Iorge, ficou muyto ledo, porque vio que tinha muyto bõ tempo pera destruir el rey de Tidore, & desbaratar Fernão dela torre, q̃ nã teria consigo mais que ate corenta Castelhanos, & el rey de Tidore muy pouca gente, & esta nã bem vsada na guerra, pelo que determinou de ir a Tidore. E calando isto consigo, disse a Cachil daroes que era necessario destruyrẽ aquelas armadas de seus inimigos que andauão no Morro, & ajũtarem todo seu poder, & ho de seus amigos. O que parecendo bem a Cachil daroes, mandou logo recado aos Sangajes & capitães da ilha de Ternate, & a el rey de Bachão, que acodissem com sua gente: o que logo fizeram, porque tinhão pouco que fazer em a ajuntar. E chegados a Ternate, sem dom Iorge dizer nada do que determinaua, mandou armar os Portugueses, que grão cento & vinte todos escolhidos. E leuando suas trombetas & atabales, deu mostra a el rey de Bachão, & a Cachil daroes, & aos outros, que folgãrão muyto deos ver. E eles també derão mostra da sua gente a dom Iorge, que por nã saber certo quanta era ho nã digo, mas era muyta & bem arma-

da. E logo ali se apartou dom Iorge cõ ho alcaide de mór, & com ho feytor, & outros Portuguezes principais, & com el rey de Bachão, & Cachil daroes, & difficelhes. Que bem sabião que a guerra que tinhão auia tão tempo, & de q̃ recebião tantas opressões, toda naciada cidade, & ilha de Tidore. Cuyo reya fora ter grande poder de gente de seu reyno tinha ho fauor & ajuda dos Castelhanos que se tinhão fortalecidos em sua terra com fortaleza prouida de muyta & boa artilharia, com que ficaua ainda mais poderoso. E que ele nunca vira ho tempo tão desposto pera ho destruyr como aquele, por a sua principal gente da guerra ser fora, & así a mayor parte dos Castelhanos, pelo que não auia que defendesse a terra, que destruida ficarião em paz, & não aueria quem lhe fizesse mais guerra: porque el rey de Geilolo não a podia fazer sem ajuda del rey de Tidore, & dos castelhanos. Ouuido isto polos circunstantes, ho primeyro que deu seu voto foy el rey de Bachão, por ser ho principal. E disse, quellie parecia muyto bem irem sobre Tidore, & destruy-la, & ho mesmo disse Cachil daroes, & os Sangajes & capitães q̃ hie esta uão. Mas os Portuguezes, que como tinhão fazenda que lograr, não querião arriscar as vidas em pelepas, forão os mais contra estes pareceres, dizendo: q̃ ainda que parecesse que em Tidore auia pouca gente, q̃ não auia de ser tão pouca, que com a artilharia que tinha não defendesse ho primeyro combate dos Portuguezes, que não erão tantos, nem

leuaão tanta gente, que do primeyro lanço leuassem nas mãos hũa cidadetão forte como era Tidore, nem menos a fortaleza dos Castelhanos que estauã dentro. E que ficando a combates, auerrião tempo pera a gente que andaua dar mada no Morro, & a de Geilolo lhe ir focorrer: & ajuntandose toda, os poderiã desbaratar, ou sabendo como a fortaleza de Ternate ficaua soo a irrião tomar, & vsarião do seu artil: por isso lhes parecia que não deuia deir a Tidore. O que ouuido por dom Iorge, ficou tão agastado de os Portuguezes serem de voto que não fossem a Tidore, dizendo os mouros que si: que se leuantou, dizendo que não auia de perder a merce que lhe nosso Senhor fazia, em lhe dar victoria de seus inimigos com tão pouco trabalho & perigo, como sabia que auião de ter. E logo entregou a fortaleza a Gomez aires alcaide de mór, com que deixou alguns Portuguezes forados cento & vinte que disse. E pediu a el rey de Bachão & a Cachil daroes, que logo se embarcassem com sua gente, que ele así ho auia de fazer: & auião de partir aquela noyte antes que se rompesse o dia, por que queria tomar os inimigos de supito. O que lhes pareceo muyto bem, & logo se embarcarão, & así dõ Iorge: com que os Portuguezes hião de muyto má uõta de, o que ele entendia mas dissimulaua. E embarcou se em hũa batel grande bem artilhado, & com Iorge de Crasto em hũa parão malabar: E os Portuguezes q̃ não couberão coeles, se embarcarão cõ el rey de Bachão, & com Cachil daroes,

& partioſe veſpera de ſam Simão & judas paſſado hũ pedaço da noyte. E ao outro dia, que era dia deſtes dous Apoſtolos, em amanhecendo chegou ao porto de Tidore: que he hũa cidade grande hũ pouco afaſtada do mar, cercada de hũa tranqueyra de duas faces em lugar de muro.

## CAPIT. V.

¶ De como dom Iorge de menefes tomou a cidade de Tidore.

**C**Hegado dom Iorge ao porto de Tidore, aſſentou logo coeſſes capitães & peſſoas principaes de dar na cidade. E que entretanto que foſſe parela, ficaffe dom Iorge de craſto no paraõ em que hia: & com ho camelo que leuava, & com ho outro q̄ hia no ſeu batel deſſe bateria a hũ baluarte que ali eſtava, & deixou coele quinze Portugueſes, & algũs mouros de Ternate. E ele com a outra gente deſembarcaſſe & foſſe dar na cidade, que era dali a hũ pedaço. E porq̄ auiaõ dir por antre aruoredo, acordouſe que foſſe diante deſcobrindo a terra hũ Vaſco Lourenço, muyto valente caualeyro, com que irião doze Portugueſes: & logo á ſua viſta hũ Dinis botelho cõ outros tantos. E deſembarcado dõ Iorge com toda a gente leuando eſta ordẽ, abalou pera a cidade, onde aſi noſmouros como nos caſtelhanos auia grande ſobreſalto, & muyto grãde medo: porque Cachil rade ho gouernador de Tidore, que era muyto eſforçado, & ſabido na guerra não eſtava na cidade, que andaua no Morro com a principal gẽte dela, & el rey era ainda moço que não

ſabia pelejar. E Fernão dela torre ho capitão mór dos caſtelhanos tambẽ eſtava deſatinado, porque alem de ſaber pouco da guerra, & nunca ſe ver nunca em outra tal como aquela, achauaſe com no mais de corẽta & dous caſtelhanos, que os outros erãõ todos fora. E ele não ſe entendia com os mouros, nẽ eles coele: pelo que auia em todos muyto grande eſpanto. E com tudo Fernão dela torre mandou aſſeſtar algũs berços ſobre ho muro, principalmente daquella parte dõ de hia dom Iorge, & mandou tirar coeles, & tirauãõ muyto amiude. E chegãdoſe os Portugueſes mais, começãõ os caſtelhanos de meſturar eſpingardadas, & com hũa paſſarãõ a rodela a hũ Portugueſes, & ho ferirão na mão eſquerda. E como eles hiãõ todos, ou os mais de má vontade a eſta guerra, abaſtou eſta ferida pera os eſpantar, & impedir que não paſſaſſem auante, & detuerãſe. O que ouuera de ſer cauſa de morrerẽ muytos ſe lhes noſſo Senhor não acodira, porque como eſtauãõ juntos, poderãõ he as eſpingardadas dos imigos fazer muyto dãno. Mas niſto chegou dom Iorge & começou de bradar, que ſe chegaſſem ao muro, & eles não derãõ por iſſo, & deſixarãſe eſtar quedos. E como eſcera muyto eſforçado, paſſou a diante com hũa eſpada dambas as mãos, dizendo. Que pois não querião pelejar, que ele queria ſer ho primeyro que recebeſſe a morte, antes que padecer tamanha vergonha. E dizendo iſto, & chamãdo por Santiago, remeteo a hũ portal que eſtava na tranqueyra por onde os de den-

tro se feruião. E em abalando que hia perto da tráqueya hũ Castelhana chamado Pero deramos, que estaua em cima com Fernão dela torre, & có outros: lhe disse. Senhor dom Iorge, agora veremos. E dizendo isto, desfechou hũa espingarda nele. E quis Deos que lhe deu na espada, & refualando dahi ho pelouro, lhe deu na cabeça: & por ter capacetete, & ho pelouro ir fraco lhe não fez nada. E logo dom Iorge çarrou com a tranqueyra, & por ser aleijado do braço dereyto não se pode guindar acima, o que prouou de fazer por ser muyto ligeiro. Em ele chegando ao muro, chegarão Vasco Lourenço, Dinis botelho, Vicente dafonseca, Francisco pirez, & outros que abalarão coele. E neste tempo os Castelhanos nã fazião senão tirar, hũs com espingardas outros com bêstas & outros com pedras & lanças. Porê os Portugueses não dando por isso, esforça dos por dom Iorge se chegarão sem medo à tranqueyra, & mais védod dom Iorge em cima, porque como Vasco Lourenço, Vicente dafonseca, & os outros forão coele, ele os ajudou a sobir, & assi eles tambem ajudarão a ele, dando lhe decima as mãos. E em quanto se isto fazia era a peleja muy braua, porque vendo os Castelhanos que os entrãõ, trabalhãõ quanto podião por não perder a tranqueyra, & os Tidores lhes ajudãõ muy bem, de que forão mortos bem cincoenta: q̃ como os Portugueses & os mouros que os ajudãõ erãõ muytos, entrarão a tranqueyra. E entrada, não poderão os Castelhos, nem

os mouros resistir aos Portugueses, & os Tidores se recolherão pera a cidade, & Fernão dela torre com os Castelhanos pera a sua fortaleza, leuãdo os mais feridos, & ficando dous mortos & quatro presos. E dom Iorge foy com sua gente seguindo os Tidores, ferindo & matando muytos, ate os deitar da cidade, & de volta coeles se foy ho seu rey.

## CAPIT. VI

Do concerto que fizirão dom Iorge de meneses, & Fernão dela torre.

**A**Vida por dô Iorge esta tão illustre vitoria com somente lhe ferirem tres Portugueses, mandou recado a dom Iorge de Crasto, que se fosse logo à cidade cõ os Portugueses q̃ ficarão coele. E ele chegando, foy a cidade saqueada & despois queymada, no que se gastaria ate vespera, porq̃ como as casas erãõ de madeyra ardeo muy afinha. E despois disto assentou dom Iorge de combater a torre dos Castelhanos, a que chamãõ fortaleza, que como disse era cercada de caua. E primeyro que ho fizese, escreueo hũa carta a Fernão dela torre: em que dizia, que lhe pedja muyto, & requeria da parte do Emperador, que se entregasse: & que não fosse causa de mais mortes dos Christãos, porque bem via ho estado em que estaua, & quam pouco remedio tinha pera se defender, & q̃ se se quisesse entregar a ele, & aos que estauão coele seguraua as vidas, & as fazendas. E esta carta lhe mãdou por hũ seu escravo que forrou pera isso: & da torre sayo ho alcaide mór q̃ se chamaua monte mayor a tomar esta carta.

E lida

Elida por Fernão dela torre, mandou dizer a dom Iorge pelo mesmo Monte mayor, que não se auia entregár por mais seguros que lhe desse: mas que lhe daria a galeota, que fora tomada a Fernão Baldaya com toda sua artelharia, & a ilha de Maquiem, & que não ajudaria mais cõtra os Portugueses a el rey de Tidore, nem a el rey de Geilolo, nê lhes faria guerra. E que ficando em paz, & amizade, ele dom Iorge se tornasse pera Ternate. Ao que dom Iorge respõdeo, que não fora suaida por tão pouca coufa: & pois asy queria, que sua fosse a culpado dâno que recebesse. E partido môte mayor coesta reposta, abalou dô Iorge apos ele com sua gente, toda feyta em dous fios como procissam, porque a artelharia da torre dos castelos a não podesse pescar. E diante hião algũas peças d'artelharia em carretadas, que forão tomadas em hũ baluarte, & asy escadas & muytas panelas de poluora. E vêdo Fernão dela torre este aparato, & a muyta gente que dom Iorge leuaua, determinou de se entregár. E auido seguro de dom Iorge pera lhe ir falar, sayo da torre com a melhor gente que tinha. E afastado hũ pouco dela, & dô Iorge da sua, se falarão: & assentarão que Fernão dela torre desse a dom Iorge a galeota, que fora tomada a Fernão Baldaya, com toda a artelharia, & os catiuos. E que logo ao outro dia Fernão dela torre se fosse pera a cidade de Camafo com os Castelhanos que ho quisessem seguir, & ali estaria sem fazer guerra aos Portugueses, nê a el rey de Ternate, nê a el rey de

Bachão, nem a nenhũs amigos dos Portugueses. Nem farião crauo, nem iriãõ a nenhũa das ilhas em que o auia: & q̃ tornarião a ilha de Maquie a el rey de Ternate. E contra ele, nem contra el rey de Bachão ajudarião el rey de Tidore, nem el rey de Geilolo: & pera sua embarcaçãõ dom Iorge lhes daria ho bargantim que fora del rey de Geilolo, & mais tres corascoras pera ho acompanharem ate Camafo: & que dom Iorge lhes não faria mais guerra, nem a el rey de Tidore, nem a el rey de Geilolo. E isto se goardaria ate el Rey de Portugal, & ho Emperador mandarẽ ho contrayro. E depois de ambos de dous darem conta disto a sua gente, do que todos forão contetes: fizerão ambos por eserito hũ capitulaçãõ desta paz, que jurarão de cumprir, & goardar, & a assinarão cõ algũas pessoas principais.

## CAPIT. VII.

Do que fez dom Iorge de meneses despois deste concerto.

**F**Eyto este concerto, logo dezoyto, ou dezanoue Castelhanos disserão que querião ficar com dom Iorge. E Fernão dela torre lhos entregou, & cõ os outros q̃ serião vinte, se tornou a sua torre a fazer prestes pera sua partida, q̃ foy ao outro dia, leuando toda sua fazenda, & a do Emperador, & dô Iorge mandou coe tres corascoras da armada de Cachil daroes. E indo seu caminho pera Camafo, q̃ he no Morro, toparão q̃tro corascoras, em q̃ hia ho governador de Geilolo: & quãdo vio o Bargati, cuidou q̃ era de Portugueses, e por isso não oufou

de os cometer: & dissimuládo, passou auante sem mais querer saber quem hia ali. E chegado a Geilolo, soube o que dom Iorge de meneses fizera em Tidore, & que no bargantim que topara hia Fernão dela torre com os castelhanos, & as corascoras erão de Ternates, que lhe dauão guarda. E auendo ho governador aquilo por injuria, armou logo dez corascoras, & foy senelas, pera por força tomar os castelhanos aos Ternates, & os leuar a Geilolo, onde lhe parecia q estarião melhor que em Camafo: & partido, nunca os pode achar, & tornou se. E chegado Fernão dela torre a Camafo, tornou se pera Tidore os Ternates q forão coele. E algũs castelhanos q estauão em Geilolo, como souberão q estaua em Camafo, lhe escreuerão que fosse pera Geilolo, porque lá estaria melhor, por ser Camafo del rey de Tidore, que era ja amigo dos Portugueses. E tanto fizerão coele, que depois se foy pera Geilolo, & quebrou o que tinha prometido, & jurado. E dom Iorge de meneses, que ficou em Tidore, despois de partido Fernão dela torre, assentou paz com el rey de Tidore, com cõdição que auia de pagar certos bahares de crauo cada no de parcas a el Rey de Portugal, & q auião de star certos Portugueses em Tidore, pera lhe ensinarem os nossos costumes, & não auia mais dajudar os Castelhanos contrele, nem aos mouros. E estando aqui dom Iorge, appareco ao mar hũ jungo de Bada, & Damboino, em que vinhão cento & cincoeta mouros, que ho leuauão carregado de rou-

pas, & de mantimentos peradarem por crauo em Tidore, cuydando que estaua em sua prosperidade. E sabendo dom Iorge donde era, mandou a dom Iorge de Crasto que ho fosse tomar, & ele foy em hũa galeota. E sabendo os mouros a destruyção de Tidore, & aida dos castelhanos, não oufarão de pelear, & entregáse adom Iorge de Crasto, que os leuou no jungo á cidade. E dom Iorge de meneses lhe fez merce do jũgo, em nome del Rey de Portugal, así porque ho tomara, como porque auia de ficar em Tidore, pera arrecadar ho crauo que el rey auia de dar. E deixando coele corãta Portugueses, & Cachil daroes com sua armada, se partio pera Ternate, leuando duas galeotas dos Castelhanos, & algũa artelharia, & así a galeota que elles tomarão a Fernão Baldaya com sua artelharia, & muyta poluora, & muytas munições, & ho maçame, & ancoras que forão da nao de frey Garcia de loais. E bem vingado dos dãos que receberados castelhanos, & comprido o que dissera, que auia de ser ho cão que os auia dapanhar dũ boca do, chegou a Ternate, onde foy recebido com grande festa. E ficou em muyto credito coma gente da terra, & dali a algũs dias chegou dom Iorge de Crasto de Tidore, onde deixou tudo acabado. E no Ianeyro seguinte se partio pera Bada cõ determinação de se tornar á India, como tornou, & leuou algũs Castelhanos p mádado de dõ Iorge de meneses q sabedo como Fernão dela torre se foy de Camafo pera Geilolo cõtra a ca-

pitulação que tinham feita, lho mandou estranhar. E Fernão dela torre deu por desculpa, que ho fizera por força: & porrem que no mais goadaria a capitulação, & así ho fez.

## CAPIT. VIII.

De como Antonio da silueira de menses destruy currate & Reynel.

**P**Artido Antonio da silueira cõ sua armada, foy ter a Chaul, donde se partio pera a costa de Cambaya, q̃ le da banda do sul, onde auia de fazer a guerra. E começou logo em hũ lugar chamado Reynel, ho principal daquelle banda: que está quatro legoas do mar, por hũ pequeno rio acima, que vay em voltas per hũ campo assentado na borda do rio. He abastado de trigo, & darroz, que se colhe naquelle campo, em q̃ ha muyta caça daltenaria. Ho lugar he grande, & raso, & bẽ arruado: tem boas casas de pedra & cal, de muytos sobrados, & muyto polidas. Seus moradores sam todos mouros Neiteas, & os meliores caualeiros de Cambaya. E daqui hia a principal gente pera as sustas de Diu, & así pera os exercitos del rey de Cambaya, que tinha por fronteyro ho capitão deste lugar contra Nizamalico, & estava li outro. E chegando Antonio da silueira a foz deste rio de Reynel, quã a vio tão estreita, não quis entrar sem sondar primeyro ho rio per si mesmo: & achou que ficaua seco de le muyta parte com baixa mar, pelo que não podião entrar os naujos grandes que deixou de fora com gente que os guardasse, & por capitão mor Manuel de yalconcelos: &

nos catures, em que leuaua sete centos soldados, entrou pelo rio acima. E de caminho quísera dar em outro lugar, grãde & nobre, chamado currate, que estava pelo mesmo rio hũa legoa antes de Reynel, & achouho despejado. E desembarcando com sua gente, em hũ dia & hũa noyte ho queymou todo, que ne nhũa casa ficou em pé: & as ortas & palmares darredor forão todas cortadas & destruidas, & queymadas muitas cotias carregadas de mantimentos, que estauão pera ir a Diu. Feyta esta destruyção, partio se Antonio da silueira pera Reynel, que parecia da outra banda do rio, que por fazer grandes voltas estava hũa legoa de currate: de cuja destruyção sendo seus moradores certificados, se fortificação com hũa tranqueyra a borda dagoa em que assostarão muyta & boa artilharia que tinham, a mais della de metal. E nas bocas das ruas fizeram outras, em q̃ tambem assentarão artilharia: & quatrocentos de cavallo, se fayerão ao campo a esperar Antonio da silueira. E muytos destes crão acubertados, & todos armados de laudeis, deles enlaminados de laminas de ferro, & outros forrados de malha pelos peytos, & mangas, & terçados nas cintas, & nas mãos dois & tres zagunchos, & nos arçõs seus arcos & coldres de frechas, que bẽ parecia gente de feyto. E así esperarão os Portugueses, que hiaõ pelo rio acima tangendo suas trombetas, & dando grandes gritas, porque os inimigos soubessem que os não temião. E eles em se os nolfos descobrindo, que a artilharia podia

jugat



jugar de starregião hũa grande curria-  
 da de bombardadas, que parecia hũa  
 toruoadada muy espantosa. E continu-  
 ando, parecia que tirauão em roda viua  
 tantos & tão bastos erão os pelouros.  
 E foy milagre de nosso Senhor por sua  
 bõdade, que nenhũ não acertou em ho-  
 mē, & todos hião por alto. E sendo hũ  
 tiro de bêsta abaixado lugar, de frõte dõ  
 de estauões de caualo de sembarcou An-  
 tonio da silueira cõtoda a gēte, por não  
 de sembarcar nas bocas das bõbardas da  
 traçyra & pera dali ir dereyto ao lugar.  
 E porq̃ creio q̃ os de caualo ho comete-  
 terião, ordenou sua gente, & deu a diã-  
 teyra a Manuel de soufa, cõ que hião os  
 mais dos espingardeyros, q̃ em de sem-  
 barcãdo fizeram rosto aos de caualo, des-  
 parando suas espingardas, de q̃ eles pa-  
 rece q̃ ouuerão medo, & recolherãse ao  
 lugar sem peleja, porq̃ lã esperauão de se  
 defender com a arrelharia q̃ tinhão nas  
 bocas das ruas. E asy ho fizeram, q̃ em os  
 Portugueses aparecendo começarão de  
 tirar coela: mas nẽ por isto eles deixarão  
 de chegar, saltando dũ cabo pera ho ou-  
 tro, & abaixãdo se q̃ lhe não acertassem  
 os pelouros, como não acertarão. E che-  
 gando as tranqueyras, acharão grande  
 resistẽcia nos mouros, q̃ erão muytos &  
 esforçados, & pelejarão hũ pedaço ate q̃  
 os entrarão pela rua principal, & forão  
 os primeyros Ioão iufarte tição Dãzi-  
 nhaga Ruy boro de lima, dõ Diogo vi-  
 lançuela, Gonçalo vaz coutinho, Frãcis-  
 co da silua, Baltesar lobo de soufa, & ou-  
 tros fidalgos ate dez: & estes mostrarão  
 aqui bẽ sua valẽtia, por naq̃la rua estar

ho mayor peso da gente. E asy como se  
 estes desbaratarão, logo a gente das ou-  
 tras se desbaratou, & fugirão todos, fi-  
 cando corẽta mortos, & dos Portugue-  
 ses tres, & algũs feridos. Antonio da sil-  
 ueyra os não quis seguir, & poẽdo goar  
 da da bãdado ferrão, mãdou saquear ho  
 lugar, em q̃ as mais das casas erão laura-  
 das de macenaria, & douradas, & cate-  
 les dourados & laurados de pedraria bai-  
 xa, & outras alfayas tão polidas & ri-  
 cas: que ate muytos falcões que se acha-  
 rão em alcandaras tinhão os caparões  
 dourados. E bẽ parecia de gente rica, q̃  
 asy o era a q̃ ali moraua, por ser dos prin-  
 cipaes lugares de q̃ tratauão pera a Chi-  
 na. E asy acharão muyta mercadoria,  
 de que auia casas cheas: principalmente  
 de cobre, & de marfim, & de porcela-  
 nas, & doutras coufas de muita valia, de  
 os nossos carregarão os catures ho mais  
 q̃ poderão: porẽ carregauão pouco por  
 amor do peso da gēte que auia dir neles,  
 que se forão nauios grãdes, quantos ali  
 hião ficarão ricos pera sempre, porque  
 não tinha cõtõ a riqueza que ali auia de  
 muytas coufas q̃ não digo. E temendo  
 Antonio da silueira q̃ lhe carregassem  
 os catures, q̃ não podessẽ nadar, mã-  
 dou poer fogo ao lugar, & esperou a  
 noyte seguinte, q̃ ardeu todo sem ficar  
 coufa que se podesse enxergar. E forão  
 queymadas vinte naos, & muytas cot-  
 tias todas carregadas de mercadoria, &  
 de madeyra, & a terra ao derredor foy  
 toda destruida como em currate. E dei-  
 xando tudo destruido a fogo, & a fer-  
 ro, embarcou se: mandando primey-

ro deitar na mayor altura dorio a artilharia que não pode levar, q̄ foy muyta, berços & falcões, & todos de metal. E chegado á barra, achou q̄ tomarão os q̄ ficauão na armada seys cotias que hião pera Diu carregadas de mâtimentos, & queymarão outras muytas carregadas de madeyra, q̄ em Diu fizeram grande mingoa, pola neccsidade q̄ tinha de tudo. E as nouas da destruyção destes dous lugares fizeram grãde espanto, a silã como em toda Cambaya, por que por esta rem tão longe do mar, & os caualeyros de Reynel terem tanta fama, se esperaua que nũca os nossos lá fossem. E a gente da terra andaua toda pasmada, por q̄ vião que se não podião segurar se não bẽ metidos no sertão. E deixando Antonio da silueira muyto grãde terror nesta comarca, por começar de se chegar ho inuerno se partio pera Chaul.

## CAPIT. IX.

De como Antonio da silueira destruy Damão, & Agacim, & outros muytos lugares de Cãbaya.

**E** Indo sempre ao lógo da costa pera a destruir, foy ter a Damão hũ lugar muy grãde na póta da enseada da banda do sul cõ hũa fortaleza de muro de largura doyto pês quadrada, & em cada quadra hũ cobelo, & a porta chapada de metal, em que elrey de Cãbaya tinha gête de guarinção, que sabendo a destruição q̄ os Portugueses fizeram em currate & Reynel, & como tornauão não oufarão desparar, & fugirão. E os do lugar lhes teuerão companhia, tirando primeyro suas fazedas: & por isso os nossos não acharão aqui com

que pelejar, & queimãrão, & destruirão tudo na terra, & no mar muitas naos, & cotias carregadas de mantimentos, & mercadorias. E indo daqui pelo rio acima, queymarão muytas aldeas: em que acharão hũa nao grande q̄ se fazia pera Meca, q̄ tambẽ foy queymada, & forão catiuas muytas almas. E tamanho era o medo na gête, prinẽipalmẽte na mezuquina, q̄ desẽmparauão os lugares em q̄ morauão, posto que fossem lóge do mar, & hiãse pera mais longe. Destruida esta comarca de Damão, partio se Antonio da silueira pera Agacim, outro lugar grande, por hũ pequeno rio acima na volta que a costa faz pera Chaul, em q̄ auia cinco mil & quatrocẽtos homẽs de peleja: os cinco mil de pé, & os quatrocẽtos de caualo, gête esforçada, & q̄ esperaua de se defender. E por isso Antonio da silueira determinou de os cometer, pera o q̄ desẽmbarcou na costa hũ quarto de legoa do lugar, por ho rio ser pequeno & baixo: & mandou diante Manuel de souza cõ cẽto & cincoẽta espingardeyros, acõpanhado de muitos fidalgos, & ele hia nas costas. E chegado perto do lugar, acharão os de caualo no campo, & os de pé no lugar. E os de caualo posto que vião chegar os Portugueses não os sairão a receber, & deixarãse estar apinhoados. O q̄ vendo Manuel de souza, deu Saniago neles, & entrão comẽçarão de bolir, remetẽdo aos Portugueses: q̄ os tratauão muyto mal cõ as espingardas, com que derribarão treze: de q̄ eles ouuerão tamanho medo, que a cabo de pouco que pelejauão fugirão, deixando

deixando cinco Portuguezes mortos. Os de pé tanto q os virão fugir fizeram o mesmo, sem receberê tão mal como receberão se ho lugar não teuera naqla parte mais q hũa só êtrada muito estreito, pelo q os Portuguezes se deteuerão em entrar: & por isso não poderão alcançar dos imigos mais que ate duzêtas almas, que matarão & catiuarão. E ho lugar foy todo destruido a fogo & a ferro, así casaf como aruores, & corias, q auia muytas carregadas de mantimentos, & madeyra, q se leua daqlas partes pera outras de Cambaya, & pera ho estreyto. E estando Antonio da silueira pera se embarcar, tres Portuguezes que ficarão em terra desmãdados, forão cometidos de certos mouros decaualo, q os poserão em tanto aperto q os fizeram apartar, & dous fugirão por acerto pera ondestaua Antonio da silueira, a q ele acodio, & os recolheo. E ho outro, q se chamaua Pedraluarez do geito, tomou mais desfuiado seguindoo tres mouros decaualo. E vendo ele q não podia escapar virou a eles, & derribou hũ moito q vinha diante: o q vendo os outros fugirão, & ficando liure, se foy embarcar em paz. E dali se foy Antonio da silueira a hũa ilha chamada Bombaim pegada cõ a costa, pera dali arrecadar as pareas de Taná, Banderá, & Caranjá, que Eytora da silueira fizera tributarios, como disse no liuro sexto: q eles logo pagará cõ medo de serê destruidos como os outros, em q se fez a espátosa destruição q disse, não sómente neles, mas em muytas aldeas q ha por aqla costa, q he

muy pouuada. E nesta guerra queymarão os nossos trezêtas velas antre naos grossas zambucos, & cotias carregadas de fazêda, de madeyra & de mantimentos. Em que fizeram muyto grande perda, así a Cambaya como ao estreito, & forão jatiuas muytas almas, de que a el Rey de Portugal vierão cêto & cincoêta, bõs pera remeytos. E esta foy a mais aspera guerra q ateli foy feyta a Cambaya, & de q recebo mais perda, & os nossos receberão mais proueito: porque todos os daqla armada forão ricos, & el rey de Cábaya a sentio muyto. E nesta ilha ficou Antonio da silueira algũs dias pera arrecadar as pareas como disse.

## C A P I T U L O X.

De como ho capitão del Reynel desbaratou a Frãcisco pereyra de berredo, capitão da fortaleza de Chaul.

**F**Azendo Antonio da silueira esta guerra naqla costa, a fazia el rey de Cambaya a Nizamaluço señor de Chaul vassallo del Rey de Portugal. E isto por seus capitães, q lhe tomarão & qymarã muytos lugares de seu señorio & ele andaua fugindo dũ cabo pera ho outro, & por isso os imigos se espalharã por sua terra. E hũ destes capitães, q era ho de Reynel sabêdo a destruição q os nossos fizeram em Reynel, por vingança determinou de queymar Chaul dos mouros, parecendolhe que por serem amigos dos Portuguezes se vingaua, & partio pera lá cõ cinco mil decaualo, & doze mil de pé. E mandou diante algũs q fossem ver a disposição da terra, & estes chegarão jũto do lugar. Onde logo foy grande aluoroço, & derão recado

cado na fortaleza q̄ lhe acodisê. E acer-  
 touse q̄ estaua hi Fernão de Moraes, que  
 hia em hũ Galeão pera Ormuz, & acod-  
 dio logo cõ sua gête, & assi algũs da for-  
 taleza. E acharão ja os ãmigos antre as  
 ortas de Chaul, & pelejarã coeles, & os  
 fizerão fugir, ficando mortos tres de ca-  
 ualo. E ficando ho lugar seguro por aq̄la  
 vez, se tornou Fernão de Moraes pera a  
 nossa pouoação. E ao outro dia forão  
 estes principaes de Chaul dos mouros  
 requerer a Frãscisco pereyra de berredo  
 capitão da nossa fortaleza, q̄ fosse bus-  
 car os ãmigos q̄ estauão perto, & os lan-  
 çasse de todo fora da terra, porq̄ lhes nã  
 queimassem o lugar: & q̄ era obrigado  
 a defendelos pois Nizamaluco era tri-  
 butario a el Rey de Portugal. O que os  
 q̄ estauão com Frãscisco pereyra, lhe cõ-  
 felharão q̄ fizesse. E ele ho fez, & sahio  
 da fortaleza cõ cincoenta de caualo, &  
 cento & cincoéta espingardeiros de pé:  
 & foy em busca dos ãmigos ate chegar  
 a hũ passo mea legoa alem de Chaul, q̄  
 se chama Argao: que he tão forte q̄ cin-  
 coenta homẽs ho podẽ defender a todo  
 mũdo. E chegando ali nã parecião ain-  
 da os mouros, pelo q̄ teue que erão fugi-  
 dos de todo, & se quiserã tornar pera a  
 fortaleza. E assi lhe disserão algũs q̄ ho  
 fizesse, porq̄ ele nã era obrigado a ir  
 buscar os ãmigos tão lõge da fortaleza;  
 & pera defender Chaul abastaua acodir  
 lhe se os ãmigos tornassem, & quanto  
 mais perto pelejasse da fortaleza, tanto  
 mais pelejaria a seu saluo. Outros disse-  
 rão, que deuia de passar auãte & ir bus-  
 car os ãmigos, & pelejar coeles: porq̄

se tornasse sem ho fazer, q̄ pareceria fra-  
 queza, & q̄ ficaria em descredito com a  
 gête da terra. E tão ho apressarão estes  
 q̄ ho fizerão passar auãte a outro passo,  
 dõde mãdou quatro de caualo a desco-  
 brir a terra. E estes lhe mandarão dizer  
 q̄ nã parecião os ãmigos, q̄ fosse auãte,  
 & nã perdesse aq̄la honrra, q̄ lhe que-  
 rião roubar os que lhe conselhauão que  
 nã fosse, & coisto foy. E faindo a hũ  
 campo acharão os ãmigos, q̄ estauão no  
 cabo dele deitados ao pé de hũã ferra: q̄  
 logo se leuantarão em os nossos parecẽ-  
 do. E quando Francisco pereyra vio tão  
 grossã gente, achouse embaraçado: &  
 mais porq̄ os ãmigos de caualo pegarão  
 logo cõ os nossos de caualo q̄ hião diãte.  
 E por os mouros ferẽ tão grossã gente,  
 os nã poderão sofrer, & recolhiãte quã-  
 to mais podião muyto apressados dos  
 ãmigos, que os apertauão rijo: & por is-  
 so Frãscisco pereyra se quiserã recolher  
 com os de pé ao passo donde partira, &  
 fazerse ali forte. Mas nã pode, porq̄ vẽ  
 do os de pé a pressã com q̄ se os Portu-  
 gueses de caualo recolhião, & a grossã  
 gête dos ãmigos q̄ vinha sobreles, e estã  
 do cãfados do caminho, por a calma ser  
 muyto grãde: começarão de desmayar,  
 & desordenarse. E em vez de se fazerem  
 em corpo, & tirare aos ãmigos cõ as es-  
 pingardas, espalhãse & começão de fu-  
 gir polas ferras fora do caminho. O que  
 vẽdo os ãmigos, começão de dar grãdes  
 gritas: & apertarão tão rijo coeles, q̄ os  
 desbaratarão a todos & fizerão fugir,  
 assi os de caualo, como os de pé por es-  
 sas ferras por fora da estrada, com ho  
 que

que receberão mais dano: q̄ seforão por ela como Francisco pereyra, & algũs outros que teuerão coele em chegando ao primeyro passo se fizerão fortes, & resistirão aos ãmigos có as espingardas, mas não ouue esse acordo. E assi forão os Portugueses fugindo ate a fortaleza, indo os mouros em seu alcão, q̄ matarão deles oytenta de pé: & ferirão muytos, & queymarão Chaul dos mouros, de q̄ matarão muytos. E chegarão tão perto da nossa fortaleza, que lhe queymarão ho arrabalde se não fora a artilharia que começou de tirar. E có tudo cercarão a fortaleza, o que Frãscisco pereyra escreveu logo a Antonio da silueira, & q̄ ho fosse socorrer. O q̄ ele fez como vio a carta, & chegou no mesmo dia q̄ partio, por não ser Chaul mais de cinco legoas de Bombaim. E chegando a Chaul, achou a terra toda cuberta de mouros, que có sua vinda se forão: & recendo que tornassem, deixou se ficar em Chaul.

## C A P I T. XI.

¶ De como ho governador prendeo Francisco pereyra de berredo.

**P**Artidas as naos da carga pera Portugal, de q̄ foy por capitão mór dō Lopo dalmeida, despachou ho governador pera Malaca a Antonio da silua de menses capitão da nao do trato da India pera Malaca. E assi pera Maluco hũ fidalgo chamado Gõçalo pereyra, q̄ tinha por el Rey de Portugal a capitania da fortaleza da ilha de Ternate, & coele outro fidalgo seu cunhado que auia nome Hanibal cernige q̄ hia na sua subcessã. E por capitão mór do mar

de Maluco hũ Bras pereyra sobrinho de Gonçalo pereyra. E ho governador deu a feytoria da fortaleza a hũ Luys dandrade: & estes todos partirão de Cochim em Abril pera Malaca, indo em sua cóserua Antonio da silueira, & hũ Lionel delima em hũa galeota que hia também pera Maluco. E despachados estes, partio se ho governador pera Goa a seys de Feureyro, & é Baticalã lhe foy dada hũa carta d'Antonio da silueira: em q̄ lhe escreveu ho desfastre que acontecera a Francisco pereyra, & como ficaua em Chaul. E ho governador quisera logo ir a Chaul, & não foy por adoeecer em Goa, & por isso escreveu a Antonio da silueira, que tirasse a capitania a Frãscisco pereyra de berredo, & a feruisse, & lho mandasse preso a Goa, & q̄ tirasse a inquirição sobre a desordẽ do Argao, & assi ho fez Antoni da silueira, & ficou por capitão de Chaul, & inuernerã coele seys çetos & ciuocenta soldados, a q̄ deu sempre de comer à sua custa, em q̄ gastou tanto. E ficou tão indiuidado, que de pão cozido ficou de uendo tres mil pardaos a Ana fernandez, molher do bacharel Fernão Lourço, a que ho ouui. E coesta gente segurou a fortaleza de ser cercada de mouros.

## C A P I T. XII.

¶ De como Diogo da silueira queymou Calicut, & foy sobre ho lugar de Mangalor, & ho destruyto de todo.

**D**Logo da silueira, q̄ ho governador deixou por capitão mór na costa do Malabar: foy por seu mādado ao porto de Calicut pa acabar as pazes

que

q̄ el rey de Calicut começara de fazer  
 cō Lopo vaz de sam Payo. E el rey não  
 quis por hũaliga q̄ tinha feita cō o Cha  
 tim de Mangalor, como direy a diante.  
 O q̄ vêdo Diogo da silueira, por se vin  
 gar mādou poer fogo ao laço da cidade  
 q̄ estava ao lōgo do mar, o q̄ algũs Por  
 tugueses fizeram cō panelas de poluora.  
 A q̄ os da terra logo acodirão, mas to  
 lherálho do mar cō a artelharia: & cō tu  
 do não arderão mais de duzetas casas,  
 por não auer véto: q̄ se ho ouuera, toda  
 a cidade fora queimada. E vêdo Diogo  
 da silueira q̄ não auia ali mais q̄ fazer,  
 foyse pola costa queimando muytos lu  
 gares, & cortado os palmares, & outros  
 aruoredos de q̄ a gente se manté, q̄ he a  
 a mayor guerra q̄ se lhe pode fazer. E fa  
 bêdo quanto importaua ao seruiço del  
 Rey de Portugal, q̄ a especiaria não fos  
 seleuada a Meca: trabalhaua cō grande  
 diligêcia em goardar os rios daq̄la co  
 sta principalmête ho de Chale, em q̄ sa  
 bia q̄ estauão carregando algũs galeões  
 de rumes despeciaria & droga pera ho  
 estreyto, & assi muytos zâbucos & pa  
 raos grâdes. E porq̄ não podessẽ sair,  
 logo dali a poucos dias q̄ foy na costa  
 mādou a Nuno fernâdez freyre q̄ fosse  
 surgir na boca do rio de Chale cō a sua  
 galeota, & cō hũ bargantim, q̄ leuauão  
 ambos sessenta homês, & q̄ goardasse q̄  
 não fuisse nenhũa das velas q̄ estauão de  
 tro. E pera estarẽ todos de melhor vōta  
 de, os manteue quatro meses á sua custa,  
 tendo continuamête tanta abastãça de  
 mantimêtos q̄ mandaua buscar a Cana  
 nor q̄ nũca lhe faltauão. E ele cō a outra

armada vigiaua os outros rios de ma  
 neyra q̄ nũca pode sair nenhũa nao, &  
 passoule a Moução: pelo q̄ os mouros,  
 & rumes descarregarão as naos & ga  
 leões & os vararão: & não quiserão cō  
 prar tanta piméta como lhes vêdião os  
 gétios, & eles por isso a forão véder na  
 nossa feytoria de Cochim, & por esta  
 causa foy muyta aq̄le anno. E sabendo  
 Diogo da silueira q̄ os mouros não po  
 dião aq̄le anno ir ao estreyto, determi  
 nou de ir sobre Mangalor como lhe ho  
 governador escreuera de Goa q̄ fosse: &  
 pera isso lhe mandou mais bargátins &  
 gête. E praticado Diogo da silueira este  
 feyto cō dom Ioão deça capitão de Can  
 nanor, por ser bé esperemêtado na guer  
 ra assentarão q̄ deuia dir. E partiose lo  
 go, leuado hũa armada de duas galeo  
 tas, hũa cárauclã & treze Bargátins, cu  
 jos capitães forão Nuno fernâdez frey  
 re, Manuel de vascócelos, Francisco da  
 cunha, Ioão da silueira, Antonio de fou  
 sa, Gomez de souto mayor, Niculão ju  
 farte, Aires cabral, Lourenço botelho,  
 Afonso aluarez, o calafate de Goa, Ioão  
 penaluo, Antonio fernandez, Frâncisco  
 de sequeira malabares, Diogo corema  
 & Antonio médez de vascócelos feitor  
 da armada. E coesta armada foy ter so  
 bre a barra de Mangalor, q̄ he hũ lugar  
 grande do reyno de Narsinga metido  
 obra de meya legoa por hũ rio. E sobre  
 le jũto cō ho lugar estava feita hũa casa  
 forte de pedra, & cal como fortalezã  
 com seus baileus ao derredor, de que se  
 podia defender, & tinha muyta artelha  
 ria asseltada da banda do rio pera ôde ti

nha hũa feruêtia & outra pera o lugar. E hũ pouco abaixo desta fortaleza da banda da terra estaua hũa tranqueyra de duas faças entulhada de terra, em q̄ estaua hũa estâcia dartelharia. E este lugar tinha arrendado a el rey de Narsinga hũ grãde mercador gétio, a q̄ na sua lingua chamão Chatim: & por seu grãde trato & riqueza se chamaua ho Chatim de Mangalor. E assi era ele ho mais rico Chatim de toda aq̄la costa de Goa ate ho cabo de Comorim, & que tinha mayor trato: & por ser amigo dos nossos podião suas naos nauegar seguras. E vendo el rey de Calicut que não podia carregãr e seus portos pera o estreito, fez amizade coeste Chatim, & mādaua ali sua especiaria, & hi a carregãuão os mouros de Meca cõ dissimulaçã q̄ carregãuão no porto de nosso amigo: & pagãuão a el rey de Calicut os mesmos dereytos q̄ lhe soyãõ de pagar no porto de Calicut, & por isso cõtentaua ho Chatim. E hiã este trato em tâto crecemento, q̄ assi era Mangalor escala de Meca, como Cochim de Portugal, pelo q̄ era muy perjudicial. E por industria del rey de Calicut, se fortaleceo ho Chatim da maneyra q̄ digo, & lhe mandou a artelharia, & a sua custa tinha ali gête de goarniçãõ pa defensã do lugar, & da fortaleza: & isto esteue encuberto algũs annos ate q̄ foy sabido pelo governador, q̄ por essa causa ho mandou destruir. E chegado Diogo da silueira a barra de Mangalor, mādou tomar lingua, de q̄ soube q̄ ho Chatim fora auisa do de sua ida per mouros de Cananor,

& q̄ esperaua por ele cõ determinaçãõ de se defêder, pera o q̄ tinha muyta gête de peleja, & assi soube ho sitio do lugar. E cõ quanto vio q̄ era muyto forte, & a gête muyta em demasia pera a sua, q̄ não erãõ mais de q̄trocetos Portugueses, determinou de dar nele. E dando cõta aos outros capitães de sua determinaçãõ, q̄ forãõ coela conformes: assentou coeles de dar no lugar ao outro dia. E porq̄ os parãõs de Calicut cursãuão ali muyto, q̄ ficariãõ na boca do rio a carauela & as duas galeotas pera lhes defender e aêtrada se viessem, & cõ os bargantins entrariãõ. E por se liurar do nojo q̄ a artelharia lhe podia fazer, desembarcaria hũ pedaço abaixo do lugar cõ duzẽtos & corêta Portugueses, de q̄ os cento & vinte serião espingardeiros, & os outros q̄ erãõ comitres, bombardeiros, & gête do mar iriãõ nos bargantins pera esbõbardear a fortaleza: porq̄ cuydãdo os inimigos q̄ os cometiãõ polo rio não aco dissẽtãtos a defender lhe a entrada da terra. E destes iria por capitãõ hũ Francisco dajora, porq̄ os capitães auião dir cõ Diogo da silueira. E isto assentado, confesarãse todos aq̄la noyte, & encomẽdarãse a nosso Senhor, porq̄ o feyto era perigoso. E ao outro dia q̄ forãõ vitesete de Março, de mil & quinhẽtos & trinta, em começãdo a marẽ abalarãõ pelo rio acima, & Diogo da silueira desembarcou onde staua assentado. E seguindo pera ho lugar, pto dele acharãõ obra de dous mil dos inimigos, que os esperãuão em hũ palmar. E em vendo os nossos derãõ hũa grãde grita, desparãdo

do muytas frechadas & algũas espingardadas. Ioão da silueira que leuaua a dianteira cõ os espingardeyros, mádou dessechar neles: & apertarãnos tão riço, derribãdo algũs mórto, q os fizerão recolher ao lugar. E eles recolhidos, quise ra hũ seu bombardeiro dar fogo a artilharia da tranqueira: & quis Deos q hũ dos nossos lhe acertou cõ hũa espingardada & o matou, & os nossos chegarão tam asinha a tráqueira que a artilharia não pode tirar, & em chegãdo entrarão logo a tranqueira, que os inimigos não ou farão de resistir, & deles se acolherão á fortaleza, & outros ao lugar. E Ioão da silueira com ate sessenta dos nossos, tomou ao lógo do rio pera a fortaleza: & no caminho achou hũa mezquita ódestauão recolhidos muytos inimigos, q se defendirão cõ muyto efforço. E logo no começo foy a peleja muyto aspera, & muytos dos nossos forão feridos, porq como a porta da mezquita era estreita, & eles querião entrar todos juntos descobriãse & feriãnos. E estando neste cõflito, hũ fidalgo chamado Francisco de souza remeteo só á porta da mezquita, & leuou hũ mouro nos braços, & matouho ás punhaladas. E coisto os q defendião a porta se retirarão hũ pouco pera dètro, q algũs dos nossos teuerão lugar dentrar, & como hũs entrarão, entrarão todos. E a causa dêtrare despois de nosso Senhor, foy Frãcisco de souza, q doutra maneira a êtrada da mezquita ouuera de custar muyto. E entrados os nossos, todos os inimigos forão mórto, q nenhũ escapou: & entretanto os q fica-

uão cõ Diogo da silueira enxorarão ho lugar de todo, q não ficou nele ninguẽ. E todos cõ grande impeto, remeteu a cõ bater a fortaleza: em q logo acharão grã de resistẽcia, porque os inimigos estauão muytos sobre os baileus, de q arremessauão panelas de poluora, & tirauão muytas pedradas, & algũas espingardadas, cõ que ferirão algũs dos nossos q chegarão desmãdados. Mas estes não durarão muyto, porq a nossa espingardaria lhes começou de tirar, & matãdo algũs fez recolher os outros: & não ou farão de tornar ali mais por amor das espingardadas q lhêstirauão em afatecêdo. E védose os nossos desapressados de cima, buscarão maneyra pera entrar a fortaleza: & Ioão de souza lobo, & Diegaluarestelez, & Francisco de barros de payua, acertarão dachar hũ berço de ferro, q tomando todos tres fizerão dele vay & vé, com q arrõbarão hũ postigo da fortaleza por onde entrarão cõ outros a pesar dos mouros, q lho defenderão pouca couza, porq os entrãuão ja por cima das paredes. E era a reuolta an treles muyto grande por fugirẽ, porq como forão êtrados não ou farão desparar mais, & fugirão pela porta do rio, a q se lançarão pera se acolherẽ da outra bãda, como acolherão muytos. E algũs forã mórto, assi ao fugir pelos nossos, q adauãna fortaleza, como no rio pelos q estãuã nos bargãtis, q ja erã chegados. E átrestes foy morto o Chatẽ de hũa espigardada, & dos nossos Deos seja leuãdo não morreo nhũ, sendo este hũ feito muyto perigoso, & em que os inimigos



pelejarão animosamente. Despejada a fortaleza, porq̃ os inimigos não tornasẽ em q̃nto se roubasse, & ostomassẽ de se percebidos, mandou Diogo da silueira goardar as portas a seu hirmão Ioão da silueira, & a Manuel de vascócelos: & deu ho cargo de fazer embarcar a artilharia dos inimigos a Ioão de souza lobo, Diego alvarez, Martim vaz pacheco, & a Francisco de Barros de payua: q̃ a fizeram embarcar, & forão sessenta bôbardas, de que muytas erão grossas, & tres quãrtas. E entretanto foy a fortaleza roubada, em q̃ se achou muyta soma de cobre, de coral & dazougue, & muytas graãs, & veludos, & outras muytas mercadorias muy ricas de Meca: & muyta poluora, & mantimétos sem côto. E disto foy a mayor parte queimada, porq̃ vêdo Diogo da silueira q̃ a gente se desmandana em carregar muyto os bargantins, depois demarcada a artilharia mandou dar fogo á fortaleza, q̃ foy toda queimada se não as paredes da banda do rio por serẽ muyto fortes, & os nossos as derribarão á mão ate os aliecces. E assi foy queimado todo ho lugar & treze naos q̃ hi estauão varadas, & queimadas, & cortadas as hortas: de maneyra q̃ parecia q̃ nunca ali ouuera pouoação. E foy este hú muy notauel feyto por serẽ os nossos tão poucos, & de q̃ el Rey de Portugal foy muyto seruido, assi por selhe tolher q̃ nã se leuasse mais dali pimenta a Meca, como por ser aq̃le lugar muyto forte & soberbo, q̃ se não falaua em outra cousa. E ali tinha el rey de Calicut sua esperança, & os

seus muy grande esforço, & colheita: & por sua destruição ficarão todos muy q̃brados, & a terra ficou toda assombra da de medo dos nossos.

## CAPIT. XIII.

Do que aconteceu a Diogo da silueira com Patemar capitão da armada de Calicut.

**D**Estuido ho lugar, porq̃ era cabo do verão, & Diogo da silueira nã auia de fazer mais q̃ correr a costa, em q̃ não se esperaua cousa perigosa, pelo q̃ não tinha necessidade de tãtas velas, mandou pera Goa noue, & cõ as outras q̃ erão sete se foy a Cananor. E no mesmo dia q̃ chegou passou a vista Pati marcar capitão de hũa armada de Calicut de sessenta paraos, q̃ hia por arroz a Mangalor, não sabêdo q̃ era destruido. E auendo os nossos vista dele, determinou Diogo da silueira dir pelejar coele, posto q̃ tinha tão pequena frota: & esta ainda carregada da prela de Mangalor, & sayo cõ hũa galeota em q̃ andaua, & cõ cinco bargantins por se ho outro estar descarregado, & tres ou quatro catures de Cananor. E mandou a todos q̃ afferassem cõ os mouros, porq̃ trazião artilharia, & se andassem as bombardadas q̃ os meterião no fundo. E indo coesta determinação achou ho véto traueçsam & ficauão lhe os inimigos de balrra véto, pelo q̃ os não pode afferar, somete hú dos catures por ser ligeiro passou auãte a remo. E quãdo os inimigos ho virão ló o quiserã abalrroar. E e querêdo voltar pa fugir, os q̃ hião nele se cõcertarão tão mal q̃ çoçobrou, & afogarãose sete dos nossos q̃ hião dentro. Ao q̃ os mouros derão hũa grande grita, & começaram de

de desparar muytas bombardadas, & de hũa quebrarão hũ braço a Ioão da silueira, que andaua diante no seu bargantim. E vendo Diogo da silueira que por causa do vento não podia afferrar os inimigos, & que ás bombardadas lhe tinhão muyta auantagê por ferê muytos, & trazerê os nauios desempachados: não quis perder tempo, nem gête, porque vio que era por de mais andar ali cõ tão poucos nauios & tão carregados. E tornou-se a Cananor, & Patemarcar foy sua guia, & quando achou Mangalor destruido carregou em outra parte. E tornado Diogo da silueira a Cananor muyto sentido pelo que lhe acontecera, mádou descarregar os bargantins, & a galeota. E cifados, & ensinados pera que ficassem mais ligeiros, leuando algũs catures de Cananor: que por todos erão onze velas, foyse a môte Deli a esperar Patemarcar pera pelejar coele, & tornado ho foy logo cometer. E como de então vinha carregado, & sentio a determinação dos nossos, pois ho hião ali esperar. E cõ ho espáto q̄ trazia do q̄ achára feyto em Mágalor, não quis tomar-se coeles, & trabalhou por se acolher cõ ho vento que lhe fazia pera isso. E os nossos os seguirão cõ grandes apupadas, & meterão no fundo seys paraos cõ a artelharia, & os outros fugirão & se forá a Calicut: cujo rey ficou muyto triste pela destruição de Mangalor. E vêdose desesperado de ter outra colheita como aquilla, quisera despois fazer paz cõ ho governador, q̄ não quis por conhecer quã mentiroso era, & quã in-

cõstante. E Diogo da silueira despois q̄ lhe fugio Patemarcar, andou pela costa ate quasi a sim Dabril sem mais achar cõ quem pelejasse: & por entrar ho inuerno se foy a Cochim, onde inuernou.

## CAPIT. XIII.

De como Eytor da silueira foy por capitão môr do cabo de Goardafum, & das presas que fez.

**A** Tras fica dito como Eytor da silueira partio de Goa a vinte hũ de Janeiro, do anno de trinta pera ho cabo de Goardafũ cõ a armada q̄ disse, em q̄ forão seyscêtos Portugueses. E chegado á paragem onde auia desparar as naos, repartio os nauios atrauessando ho mais que podião alcançar, porq̄ não possessem passar nenhũas naos sem ferê vistas. E andando as esperando, foy ter coele hũa nao muito grãde de mouros malabares, cõ quem pelejou. E eles se defenderão muyto bê por hũ bõ pedaço, & despois forão entrados & mortos todos, se não hũs poucos de q̄ Eytor da silueira soube q̄ aquila nao era do Chitim de Mangalor, & hia carregada de pimeta & droga. E foy muyto grande dita tomar-se esta nao, porq̄ cõ a goarda q̄ Diogo da silueira fez na costa do Malabar não hia a Meca outra pimenta se não aquela, & assi não foy lá aquele anno nenhũa. Tomada esta nao que foy muyto rica, topou Martim de castro ou tra q̄ hia de Diu carregada de roupa de Cambaya, & hião nella bem duzentos homês de peleja, em q̄ entrão muitos Turcos: & os nossos serião ate corenta. E pelejarão coeles hũ bõ espaço primeiro q̄ os aferrassem ate q̄ os abalroarão:

& em afferrádo, Martim de crasto que era muy arriscado caualeyro, foy o primeyro que saltou dentro, & coele algũs dos seus: cõ quanto as pedradas & frechadas q̃ os inimigos tiraũo erãõ sem conto. E despois de ferẽ dẽtro, foy a peleja muyto mais rija que dátes, porq̃ os mouros erãõ homẽs de feyto, & peleja uã com muyto efforço: & defendẽdõse morrerã quasi todos, deixando muyto ferido a Martim de crasto, & dez ou doze dos nossos, q̃ todos jũtos fosteuerãõ ho mayor impeto da peleja. E tomada a nao, achou se q̃ hia rica arrezoadamente. E a fora estas duas naos feto marãõ algũas outras pelos outros capitães, mas sem peleja: & estas duas forãõ as de mór preço. E dos catiuos q̃ forãõ tomados soube cytor da silueira, que a mayor parte das naos de Diu & do reyno de Cambaya erãõ passadas: porq̃ como esperauãõ q̃ ho gouernadot fosse aq̃lle ãno a Diu partirãõ cedo polas não tomarẽ. E sabido isto por Eitor da silueira, vẽdo q̃ era tẽpo p̃dido andar ali mais, partiõ se pera ho lugar de Mete: õde tinha mãdado aos outros capitães q̃ se ajũtassen no fim das presas, & hi se ajũtarãõ todos.

## CAPIT. XV.

De como os Rumes leuantarãõ ho cerco a Adem com medo da nossa armada.

**M**Orto ho capitãõ mór do Turco q̃ matou Soleimãõ raez, como disse no liurõ sexto. Mustafa, & Cojefõsar seu tesoureyro, não oufando de tornar a Judã, nẽ a çuez, pola treição que fizerãõ ao Turco, determinarãõ de tomar Adẽ & fazer se Mustafa senhor

de la pera fazer hi seu assẽto. E ajũtãdo dez nauios de remo, antre grãdes & pequenos da armada q̃ leuaua Soleimãõ raez, & corẽta zãbucos: & Geluas foy sobre Adẽ, onde chegou de supito com seys cẽtos Rumes, & muyta outra gẽte da terra, q̃ por ganhar soldo ho ajuda uã. E cercou Adẽ por mar, & da banda da terra mandou fazer hũa estãcia, em que forãõ assẽtados quatro Basifiscos, com q̃ lhe derribarãõ todo o muro da q̃lla parte por muytas vezes: & os mouros ho tornarãõ a refazer. E erãõ tãõ efforçados, & defendiã se tambẽ, q̃ nunca Mustafa os pode tomar em cinco mefes q̃ durou ho cerco: em que lhe morreo muyta gẽte desla pobre, de fome, & de sede. E sabendo Mustafa como a nossa armada andaua no estreito ouue medo q̃ fosse a Adẽ como costumauãõ, & q̃ ho tomãsse segũdo a sua gẽte estãua del mayada do trabalho da guerra. E por isso leuatou ho cerco, & se foy pera Camarãõ & Adem ficou liure.

## CAPIT. XVI.

De como Eytor da silueira fez que el Rey Dadem se fizesse tributario del Rey de Portugal.

**S**Endo junta toda a nossa armada em Mete, mandou Eytor da silueira as naos & zãbucos das presas a Mazcate pera se vẽderẽ. E ele partiõ se pera Adẽ, porq̃ leuaua por regimẽto do gouernador, que acabãdo as presas desle hũa vista a Adem. E achãdo no porto quãesquer nauios de muyto preço os tomã se, & doutra maneyra não curã se deles. E mandã se recado a el Rey, q̃ por amor dele ho fazia: & se quisesse ser vassallo del Rey de Portugal, & pagar lhe

lhe algũas pareas q̄ ho ajudaria em quãto podesse: & por a guerra q̄ sabia q̄ tinha com os rumes mandava aq̄la armada em sua ajuda. E chegado Eytor da silueyra ao porto Dadé, q̄ foy aos quatro Dabril, despois de furto, foy logo visitado por dous mouros principais, da parte del rey cõ muito refresco, de vacas galinhas & carneiros, & cõ palauras de muyta amizade: & isto cõ medo da nosa armada. Porq̄ segũdo ele sabia que os nossos erãõ de concrusam, & tinha a sua gente trabalhada da guerra dos rumes, deuse por tomado, & porisso dissimulou com estas mostras damizade. E na enuolta delas mãdou perguntar a Eytor da silueira a determinação de sua vinda. E ele lhe respondeo pola instrução do governador: & pos de sua casa que achãdo no uas em çacotora que os rumes erãõ idos & não tinha necessidade da juda, espalhar a armada às presas. E coisto lhe comeo a vassalagê & paga das pareas, offerecêdo lhe sua ajuda cõtra os rumes, se tornassem, & mandoulhe algũa cousa com que lhe pareceo que folgasse, pera o proouocar a fazer seu requerimento. A que el rey respondeo, que cuydava que ho governador lhe agradeçesse foster ele aguerira contra os rumes, gente maluada, & ta manha imiga dos nossos: q̄ todo seu desejo era entrar em Adé pera passar a India: & porisso folgasse com sua amizade sem mais pareas né cousa algũa. E enten dendo Eytor da silueyra q̄ el rey se escufaua, mãdoulhe dizer que ho melhor lugar em q̄ os o governador podia acolher era Adé, porq̄ os teria ali mays certos: &

se ate li não erãõ desbaratados, fora por andaré sempre por lugares estreytos & não sabidos, por isso visse oq̄ lhe cõpria. E passãdos sobristo mais outros recados vio el rey q̄ lhe cõpria fazerlhe a võta de & fezse vassalo del rey de Portugal, com lhe pagar de pareas cadãno dali por diante dez mil xerafins da valia Dormuz: & disto se fez hũ contrato, cõ condição q̄ o governador ho ajudasse contra seus inimigos, & as naos Dadé podessem nauegar seguras pera onde quisessem, tirãdo Me ca. Este cõtrato foy assinado por el rey & por Eytor da silueira. E el rey deu logo a Eytor da silueira mil & quinhêtos xerafins mortos, de q̄ mãdaria fazer em Ormuz hũa coroa pera el rey de Portugal, que lhe leuariãda sua parte em final de vassalagê. E detendose aqui Eytor da silueira a fazer este contrato lhe escreueo el rey de Xael q̄ queria ser vassalo del rey de Portugal, & entregarlhe a artelharia que tinha em Xael & em Dofar, pedindolhe muyto que fosse por hi pera se fazer disto assento. E eytor da silueira respondeo que aceitaua sua vassalagê, poré que não podia ir lá por lhe ho tẽpo não dar lugar, que mandaria lá hũ homẽ de confiança com que assentase o q̄ dizia. E querendose Eytor da silueira partir deixou em Adé a requerimento del rey hũ bargantim com trinta Portugueses, & por capitão hũ Antonio botelho criado del rey de Portugal, de q̄ cõfiava: & deulhe por regimẽto q̄ passado ho inueno se fosse a India: & de caminho passasse por Xael, & visitasse el rey da sua parte, & lhe dissesse que coele podia assentar

o q̄ lhe efcreuera a Adé, pera o q̄ lhe deu instruçã. E feyto isto se partio pera Ormuz, & passando por Mazcate achou vé didas as presas, de q̄ vierã a el rey pagas as partes trinta & dous mil pardaos. E hi soube que Frâncisco de freytas capitão de hũ bargantim que deixara em Mete cõ hũa não de presa pera a leuar a Mazcate, despoys de ele ser partido, chegou hũa fusta de rumes, que erã trinta, & dez Arabios todos espingardeyros: & quando Francisco de freytas a vio, cuydando q̄ fosse algũ bargantim nosso sayo a ela, & conhecedoa aferrouha, posto q̄ nã tinha mays de dez Portugueses: & aferrados pelejarão por tãto espaço sem se poderé vencer, que de cansados lhes foy necessãrio descãçar pera tomaré folego: & tornado a pelejar quis nosso senhor q̄ posto que os nossos erã tam poucos, que pelejarão tam efforçadamente q̄ os rumes & Arabios forã todos mortos: saluo hũ arenegado Portugues, que andaua coeles, q̄ saltando nagoa bradou q̄ era Christão, & isto lhe valeo: & este se chamaua Antonio bocatro, & estando cõ seu pay em Ormuz que era alcaide mor, de sua propria malicia sem auer outra causa, fugio pera a terra firme, & se foy tornar mouro: polo q̄ os mouros ho não teuerã em conta, & ho desprezauão. E vio se despoys em tãta necessidade de pobreza, que lhe foy necessãrio fazerse alfayate, & cõ isso ganhaua de comer, ate q̄ se ajuntou cõ os rumes: que na peleja ajudou muy bé cõ hũa espingarda, por q̄ despoys de tomado disserã algũs que ho virão tirar. E nesta peleja morrerã dous Portugues

ses, & os outros forã feridos. E de Mazcate se foy Eytor da sylueira inuernar a Ormuz: dõde na fim de Agosto se partio pera a ponta de Diu, & sem fazer nada esteue hi todo Setembro, & despoys se foy pera Goa em Outubro.

## CAPIT. XVII.

¶ De como Gonçalo Pereyra chegou a Malaca.

**P**Artidos Gonçalo pereyra, & Antonio da silua de Cochim, seguirão sua rota pera Malaca, & com tẽpo apartouse Antonio da silua de Gõçalo pereyra, que com Lionel delima foy em conferua ate as ilhas q̄ chamão de Nicobar, & Lionel de lima q̄ hã diãte como a sua galeota era pequena, podeas dobrar, posto que achou ho vento ponteyro: o que Gonçalo pereyra não pode fazer por ser ho seu galeão grande: polo q̄ lhe foy forçado surgir na primeira ilha que era despouada, & surgio hũ pedaço afastado de terra. E por ho tẽpo ser roim pera sua viagẽ se deteu ali algũs dias, em q̄ por recear que lhe saltassem os mantimẽtos começou dapertar a regra: do q̄ se a gente começou dagastar, & desconfiados algũs de se poderé ir dali tãto cedo, concertarã muyto secretamẽte que se fossem no paraó do galeão á costa de Pegu que era dali perto, onde farião em presas mays proueyto do que fazião auenturados a morreré de fome & de sede, & q̄ tinhã bõ aparelho pa furtar ho paraó, por neste tempo se fazer coele agoada, & por isso trazia hũ par de berços & pelouros. E tẽdo isto assentado, negociarã estes como fossem fazer agoada: pera o q̄ leuarã suas

suas armas, & estando ho piloto em terra enchendo as pipas cõ algũs marinheiros conjurados se forão cõ ho paraó: & não ho achando ho piloto logo sospitou o que era: & ficando muyto triste por ho galeão estar dali bõ pedaço & não ter em q̄ fosse por ser a ilha despouada, & muyto triste se foy com os outros por ella a diante pedindo misericordia a nosso senhõr, que auendo a delles lhes aprou hũa almadia, que parece que ali foy ter a costa, cõ que elles ficarã muyto ledos, ainda q̄ era tão pequena que não cabia nella mais q̄ hũ homẽ pera ir ao galeão, & este acordarão q̄ fosse ho piloto, assi por ser lá muyto necessario, como por lhes prometer de acrescentar a almadia com algũs taouas & mada dar por eles: & metêdo se so na almadia foy remando cõ hũ pao, & assi chegou ao galeão: & dito a Gonçalo pereyra como ho paraó era furtado, fez logo acrescentar a almadia, & mandou polos marinheiros q̄ ficauão em terra. E indo perto da ilha deulhes por cima dela hũa toruoadã que ouuera de çoçobrar a almadia, & mais esgarrou coela por esse mar & perderase, se lhe nosso senhõr não aco dera, que passada a toruoadã ho piloto q̄ tinha olho na almadia avio ir esgarrada o que sabido por Gonçalo pereyra por que ficaua perdido sem ella mandou cõ grande pressa levar ancora, & dar à vela & forão sobre a almadia q̄ tomarão: & cobrados os marinheyros q̄ ficarão na ilha, alargou ho vëto algũa cousa, com que acordarão de proseguir sua viagẽ, ainda q̄ fosse cõ trabalho, por q̄ menos o

sintirião que morrerẽ ali à fome: & por esta causa se partirão, & se forã de ilha e ilha, surgindo muytas vezes, por ho vëto ser contrayro. E quasi q̄ não se mantinhão se não cõ ho peixe que pescauão. E parece q̄ enfadado ho piloto & algũs homees darmas, & marinheiros desta mã vida, determinarão de se tornar a Bengala, matando primeyro a Gõçalo pereyra pera ho poderẽ milhor fazer, & q̄ em Bengala se fariã ricos de presas. E cõcertandose esta conjuraçã, foy descuberta a Gonçalo pereyra: que prẽdeo logo ho piloto, & todos os outros cõjurados. E chegado a Malaca, foy tirada de uassa sobre aquela conjuraçao, em q̄ não se achou mais proua contra os cõjurados, que pera serem açoutados com baraçõ & pregão & degradados. E por q̄ Gonçalo pereyra leuaua por regimẽto do governador que fosse de Malaca pera Maluco pela via de Borneo, deteu se em Malaca ate quasi a fim Dagoosto.

## C A P I T. XVIII.

De como morreu el rey de Ternate, & se matou Cachil vayaco

**A**Tras fica dito como Fernão della torre despois de ido pera Camafo, onde auia de star pola capitulaçam das pazes que fez com dó Iorge de me nefes, se foy pera Geilolo por lho requerẽ os castelhanos que hi estauã. E depois de lá estar tornou ho governador de Geilolo a fazer guerra a el rey de Ternate: polo q̄ foy necessario fazerlha tabẽ dom Iorge, mas nẽ hũs nẽ outros a fazião tam apertada como dãtes. E comẽçãdo se assi esta guerra, faleceo el rey de

de Ternate: & fofpeitoufe muyto q̄ foy de peçonha, & q̄ lha mandara dar Cachil daroes, por faber que elrey lhe q̄ria mal por elle fer cauza de fer metido na quella fortaleza, & auer tanto tépo q̄ ali eftaua como preso. E afsi tâbé por amor das tiranias q̄ fazia em fuá governança, com q̄ tinha posto ho reyno em grande opressam. Poré a verdade da morte del rey não se foubé: & foy muyto fintida, afsi dos portuguefes como dos mouros por lhe todos quereré bem por fua boa condição. E por fua morte foy leuandado por rey outro feu irmão mais moço q̄ auia nome Cachil ayalo. E védo a ray nha fua máy que lhe não ficaua outro, temendo q̄ lhe morresse este, pedio mui to a dō Iorge que lho deffe pera estar na cidade, & fez lhe sobriſſo muytos requerimentos. Mas dom Iorge nunca quis, temendo q̄ lhe fizessem treição se el rey esteuſſe fora de feu poder. E afsi lho cō felhaua Cachil daroes por amor do que ganhaua em el rey estar na fortaleza, q̄ tinha auſolutamente todo o mando do reyno, & eftádo fora não auia de fer afſi por lhe a ray nha q̄ rer gráde mal. E por q̄ ela ſabia q̄ por ele poderia feu filho ſair fora da fortaleza, diſſimulaua ho mal q̄ lhe queria, & trabalhaua muyto por lhe fazer a vontade. Em tanto que teue coele ajuntamento, ſendo fua madraſta & com tudo nunca pode alcançar o q̄ deſejaua, por Cachil daroes eſtoruar q̄n to podia que não tirassem el Rey da fortaleza: pelo mando que perdia: tirádoſe que receaua tanto de perder, que tinha mortal odio a toda peſſoa que ſoſpeita-

ua que podia ſer cauza delho tiraré. Pelo que queria grande mal a Cachil vayaco que a tras nomeey, por q̄ dō Iorge era grande feu amigo, & ho fauorecia muyto: o q̄ temia fer cauza de ho fazer gouernador, & tirar a ele daquele cargo: por q̄ ſempre entédeo em dō Iorge deſpoys que forão as deferenças q̄ teue com dō Garcia anriquez q̄ não era feu amigo: & que a cōmunição que tinha coele era mays por neceſſidade q̄ por vontade. E por iſto que digo ſe temia de Cachil vayaco, & encubertaméte ho tinha por imigo: & Cachil vayaco a ele da meſma maneira por amor das fuas tiranias. E viuédo deſta maneyra acertou ſe q̄ húa armada del rey de Geilolo foy dar viſta á fortaleza: & dō Iorge mandou contrela a Cachil vaiaco com algús Portugueſes: & ele ſe embarcou em húa coracora em q̄ Cachil daroes coſtumaua dandar, do que ele não foubé nada. E cachil vaiaco depois de fazer recolher os geilolos & lhes tomar húa coracora, tornouſe coela muyto ledo pera a fortaleza: o que també dom Iorge feſtejou por ſer feu amigo, do q̄ Cachil daroes ouue gráde enueja. E oue tamanha me nencoria de cachil vaiaco ir na fua coracora que deſcobriu ho odio q̄ lhe tinha & dali por diante lhe daua todos os deſgoſtos que podia, & ho auexaua em tudo: & trataua de lhe dar peçonha. E tão apertado ſe vio Cachil vaiaco dele, que deſeſperado de ſaluár fua vida antre os mouros ſe acolheo á fortaleza, contádo a dom Iorge a cauza por q̄ ho fazia. E ſabédo Cachil daroes como eftaua na fortaleza

taleza ficou muy agastado por lhe parecer q̄ tomava por valedor a dô Iorge. Isto inflamou ainda mais a Cachil daroes côtrele, & determinâdo de ho auer pedio ho a dom Iorge por sua pessoa: dizendo, que aquelle homê tinha offendido muy grauemente a el Rey de Ternate, & ho tinha muyto deseruido. E pera proueito do reyno era necessario ser castigado, pelo q̄ lho deuia de dar: porq̄ el Rey de Portugal não auia dauer por seu seruiço emparar ele, nem fauorecer os que deseruião a el Rey de Ternate, antes folgaria delhos ajudar a castigar. O que ouuido por dô Iorge, como era amigo de Cachil vayaco, & desejava de ho saluar, pos em conselho se ho entregaria a Cachil daroes. E quando ele viu que dô Iorge punha aquilo em conselho, temeose que ho aconselhassem, que ho entregasse. E porque sabia certo, que se Cachil daroes ho acolhesse q̄ ho auia de marar, & que ho nam pedia a outro fim: quis antes matarse que morrer por seu mandado. E supitamente se deitou da torre abaixo, & logo morreo. E com sua morte se desfez ho conselho, & Cachil daroes ficou vingado, & dô Iorge muyto triste por lhe não poder valer. E ficou muyto mais descontente de Cachil daroes do que era, & Cachil daroes muyto mais dele, por q̄rer emparar seu imigo, & lho nam dar logo como lho pedio sem auer conselho sobrisso. E assi se foy mais acrescentando ho odio que se tinham hũ ao outro.

## CAPIT. XIX.

¶ Dainjuria que foy feyta a Cachil vaydua, E do mais que succedeo.

**D**Este odio que Cachil daroes tinha a dô Iorge, lhe naceo ter outro a todos os Portugueses, & desejar de os deitar da terra, & auorreçião lhe tanto, que os mouros ho entendião. E a fora quererem mal aos Portugueses de seu natural, querião lho tambem por saberem q̄ lho queria Cachil daroes. E no q̄ podião lhe fazião mal, mas isto muyto dissimuladamente, porq̄ não vião a sua: & auião grande medo a dô Iorge, porq̄ ho conheçião por caualeyro. E por se vingarem dele lhe matarão hũa porca da China, que ele estimava muyto. E posto que foy feyto secretamente, dô Iorge fez sobrisso tanta diligencia, que achou culpado na morte da porca a Cachil vaydua tio del rey, & caciz mor que antreles he como antre nos ho Papa: & nem por ser de tão alto estado & dignidade, dô Iorge deixou de ho mandar prender na fortaleza. Do q̄ se recrececeo grãde aluoroço na cidade, & se não fora ho medo que tinham a dô Iorge leuâtárase. E logo cachil daroes se foy cõ os principaes da cidade a porta da forteza ôdestaua dô Iorge, & pediolhe cõ todos eles, q̄ mandasse logo soltar Cachil vaydua: estranhãdolhe prãder hũa pessoa de tal qualidade por tão baixa cousa como hũa porca. E dô Iorge não curando de muytas palauras disse, que ho não auia de soltar, se não pagãdolhe a sua porca anouçada. E Cachil daroes, que conhecia dô Iorge por determinado, não curou de mais pratica, & foy cõ os outros pera mandar penhores que se possessem em caução ate a porca ser aualiada:



liada. E quando tornou já não achou dô Iorge que andaua na ribeira, onde lhe foy falar Cachil daroes. E dô Iorge foy cõtete de dar Cachil vaydua sobre os penhoires, & mandou a hũ Pero fernãdes que ostomasse & ho fosse soltar, & ele ho fez assi. E como homẽ de pouco saber cuydando que fazia graça, lhe vntou a boca & ho rosto com hũa posta de toucinho: que foy a mayor injuria & offensa que se podia fazer a hũ mouro, por lhe ser tão defeso em seu alcorão comerem porco, quãto mais a Cachil vaidua de tal qualidade & dignidade entre os mouros. E assi sentio ele tanto aq̃la injuria, que lhe saltarãõ as lagrimas fora dos olhos. E correndolhe polo rosto, que ainda leuaua vntado do toucinho, se foy pera Cachil daroes, que cõ muytos mandarins ho esperaua à porta da fortaleza, a quem contou sua injuria: cõ que todos chorarãõ assi da magoa dele como por não se poderẽ vingãr. E cuydando que aquilo fora feyto por mandado de dom Iorge, se indinarãõ ainda muyto mais, porem calarãõse. E algũs Portugueses que ali estauãõ, em vez de os consolarẽ riãõse muyto, louuando a graça de Pero fernandez. E Cachil vaidua de se auer por muyto injuriado, não quis mais morar em Ternate, & foyse por aquellas ilhas: notificando aos mouros a grandissima injuria que lhe fora feyta, do q̃ Mafamede estaua muyto offendido, pedindolhe da sua parte que a vingassem. Pera o que todos se comẽçarãõ daperceber, & depois ho fizerãõ: & Cachil vaidua se recolheo na ilha de Ba

chão, & não tornou a Ternate se não no tempo Dantonio galuãõ como drey a diante. E se a dô Iorge lhe pesou quando soube a offensa que fora feyta a Cachil vaidua; ou o q̃ fez nisso não ho pude saber: porẽ Cachil daroes não fez nada, & esteue como estaua sem bolir consigo, se não que dali a algũs dias mandou que nam leuassem os mouros a vèder nenhũs mantimẽtos à cidade. E isto por lhos os Portugueses tomarem por força sem lhos quererẽ pagar, por q̃ bãõ tinhãõ com que, que não auia dinheiro na fortaleza cõ que lhe pagassem soldo nem mantimento, do que dô Iorge andaua muito agastado, & não podia dar remedio aos muytos queixumes q̃ lhe os mouros fazião dos Portugueses que lhes tomãõ ho seu. A quem se repreidia disso, respõdiãõ que lhes desse de comer, & que ho não tomariãõ aos mouros: q̃ vendo ho pouco remedio de seus agrãuos que achauãõ em dom Iorge se queixãõ a Cachil daroes, que por cuitar brigas lhes mandou q̃ não vendesse nenhũs mantimẽtos, nẽ os teusssem em casa por lhos os Portugueses não tomarem. Cõ que eles ficarãõ em estrema nẽcessidade, & se viãõ cercados da morte: a que dô Iorge querendo acodir, mandou Gomez aires alcaide mór da fortaleza cõ algũs Portugueses, que fosse pola ilha buscar mantimentos. E algũs destes que hiãõ diante, chegarãõ a hũ lugar chamado Tabona, & como homẽs mórto de fome, & tambem foberbos: parecendolhes que erãõ senhoras da terra, se meterãõ logo polas casas, tomando

do por força os mantimétoſ q̄ achauão: Do que eſcandalizados os moradores, começaram de lhes reſiſtir com ſuas armas. E como erão muytos, & os Portugueſes poucos tratauãno mal, & niſto chegou Gomez aires cõ os que ficauão coele, que erão poucos mais q̄ os q̄ andauão no lugar. E cuydando ho regedor dele que hião em ſocorro dos com que os mouros pelejauão, acodio tam- bem peralhes ſocorrer: & tomando os Portugueſes antre ſi, derálhes muytas pancadas & feridas, & a algũs tomarão aſarmas que leuauão, & aſi os fizeram tornar pera a fortaleza.

## C A P I T. X X.

De como ho governador de Tabona foy deitado aos cães, & Cachil daroes foy degolado.

**V**endo dô Iorge os Portugueſes tão mal tratados, ficou muyto indinado contra os mouros de Tabona. E mandou a Gomez aires, que foſſe logo contar aquilo a Cachil daroes, & q̄ lhe diſſeſſe da ſua parte que mandaffe ir à fortaleza o regedor de Tabona, & os principaes que ho ajudarão a fazer tamanha offenſa aos Portugueſes: porque doutra maneyra não ho teria por amigo del Rey de Portugal, né ho ſeria ſeu. E como dô Iorge tinha el rey na fortaleza, fez logo Cachil daroes o q̄ lhe mādou dizer: & forão com ho regedor de Tabona dous homẽs principaes do lugar, a que dom Iorge mandou cortar as mãos, & cortadas os mandou levar a Tabona pera darem nouas aos outros, & ao regedor mādou ho deitar com as mãos atadas a dous cães grandes que ti-

nha de filhar. E iſto era na praya, q̄ eſtaua cuberta de gente, que ſahia a ver tão noua & crua juſtiça. E foy couſapiadoſa de ver como os cães remeterão ao regedor, & começaram de lheſfarrapar a carne, mordendo ho muy cruelmente, & dos gritos que ele daua cõ a dor das dentadas. E niſto deu conſigo no mar, parecendoſe que ali ſe ſaluaria: & metendoſe ho mais que podia, os cães ho ſeguirão dandarem encarniçados. E védoſe ele em tamanho perigo, andando ja a nado com os pès que cõ as mãos não podia, fez volta a os cães que ho ſeguirão & começou cõ muyto eſſorço & acordio de ſe defender cõ os dètes: do que todos ficarão muy eſpantados, porque ſe os cães ho mordião ele tam- bem a eles. E andando muyto ferido, aſſerreu hũ dos cães por hũa orelha, & aſſerrado ſe meteo coele debaixo dagoa, onde foy aſogado. E aſi acabou ſua vida deixando muyto grande eſpanto de ſeu eſſorço em quantos ho virão, & tamanha fama antre os mouros, que ainda agora falão nele, & não ouue ali que não choraffe cõ piedade de verem morrer tão cruel morte a hũ homẽ tão eſſorçado, que poſto que tinha culpa, fora pera lha perdoar auêdo reſpeito a cauſa dela, & mais deſpois que moſtrou ſeu eſſorço. E pola perda deſte homem ficaram os mouros muyto magoados, principalmente Cachil daroes, que dali por diate teue mortal odio a dô Iorge, & aos Portugueſes: & deſejaua de os matar a todos, ou deitalos fora da terra, & praticou iſto com os do conſelho del rey de

Ternate.

Ternate. E a principal causa pera que o queria fazer era pera ser rey, & dahi a algũs dias foy dito a dom Iorge, que elle tinha assentada paz cõ Cachil catabruno governador de Geilolo, & tinham ambos concertado de matarem os Portugueses & os Castelhanos, & tomar-lhes quanto tinham, & depois matarem os reys, que eram ainda moços, & faze-rêse reys, & liarêse por casamêto. E Cachil daroes avia primeyro de matar os Portugueses, & depois Cachil catabruno os Castelhanos. E culpauão tambem nesta treyção ho çamarao, que era ho almirante do mar, & ho Boyo q̄ era justiça mór do reyno. Sabido isto por dom Iorge, porque ho caso era de tanto peso não quis fazer nada nele, ate não ter a mayor certeza que pode. E depois que a teue, mandou hũ dia chamar a Cachil daroes, & ho Boyo, & ho çamarao: & apartando os, lhes fez perguntas do que lhe era dito: & eles ho confessarão com temor que os nam metessem a tormento. E por Cachil daroes ser ho principal da treyção, foy preso na fortaleza: sobre o q̄ foy grande aluroço nos mãdarins, & mais quando souberão a causa de sua prisam. E dom Iorge teue logo conselho com ho feytor, & alcaide mór, & outros officiaes, & pessoas principais da fortaleza sobre o que faria de Cachil daroes. E foy acordado q̄ fosse degolado publicamente, porque estando preso poderchia leuãtar a terra cõtra a fortaleza com esperança de ho liurarem: & sabêdo que era morto assessorarião pois ho não podião cobrar. E

isto assentado, foy Cachil daroes degolado da maneyra que em Portugal sam degolados os grandes senhores: o que foy grande espanto nos mouros, especialmente nos mandarins, que naquela terra não morrem por justiça: & quando cometem crime per q̄ mereção morte degradãnos. E vendo eles matar assi a Cachil daroes, não se ouuerão por seguros, & dizião q̄ fora morto sem causa sòmente por mexericos: & temendo esses principaes que lhes fizessem outro tanto, determinarão de seir da cidade morar a outra parte, por não estarem na conuersação dos Portugueses, & cõselharão a raynha q̄ fizesse ho mesmo. E assi ho fez, & foy se coeles a hũ lugar forte chamado Turutó: porem a gente comuũ não bolio consigo, & deixou se estar. E a raynha depois q̄ foy em Turutó, mandou pedir a dom Iorge, que lhe desse el rey seu filho porq̄ não morresse. E elle nunca quis, pelo q̄ a raynha mandou, q̄ não leuassem a vender mãimentos à cidade: & assi durou este aluroço ate que Gonçalo pereyra chegou a Ternate.

## CAPIT. XXI.

De como Gonçalo pereyra chegou à ilha de Ternate.

Gonçalo pereyra que ficou em Malaca, esteue hi ate vinte Dagosto q̄ se partio pera Maluco com Lionel de lima, & foy de Malaca ate ho estreito de Cincapura ao longo da costa, & dali fez seu caminho pera ilha de Borneo, que assi ho leuaua por regimento de Nuno da cunha pera tomar hi caixas, que sam hũ genero de moeda que

serue

ferue em Maluco, & assi algũa mercaderia necessaria pera lá. E fazendo seu caminho por átre muytas ilhas por óde ele he, foy ter á ilha de Borneo q he hũa ilha, de q os Portugueses á este tempo tinhão descobertas oytenta legoas. He terra muyto abastada de carnes, arroz, & doutros muytos & diuersos mantimentos: & assi de coufas ricas, & de muyto preço, como a canfora que nace por toda esta ilha em aruores, assi como nace a rezina nestas partes. E esta daqui he a propria canfora, & que val na India a peso douro: porque á outra da Persia he contrafeyta. Ha tambem diamães que naceem nas prayas do mar, junto da cidade de Tanjapura, que sam muyto mais finos q os da India, & sam de mayor valia. Nesta costa que he descuberta ha cinco grandes pouoações, todas portos de mar. s. Moduro, Cerauá, Laue, Tanjapura, & Borneo: de que a ilha toma ho nome. Cidade grãde, cercada de muro de ladrilho de nobres edificios & a principal de todas, & em q os reys daqila ilha residem, & té ali muy sumptuosos paços. Destes portos, os principaes sam Laue, & Tanjapura, & onde se faz mayor carregação: & em todos morão muytos, & muy ricos mercados que tratão na China, na Laquea, em Sião, Malaca, çamatra, & é outras ilhas derredor, a que leuão canfora, diamães, aguila, & mantimentos, em que entra hũ vinho q chamão tampoi, ho melhor que ha antre os vinhos contrafeytos, & em retorno leuão roupa de cambaya de toda sorte, cobre, azougue, vermelhão,

& cacho & pucho. Os moradores della sam moutos: geralmête sam baços, & bem despostos, tratãse bem, & vestê se ao vso malayo, & falão a lingua malaya. Ho rey desta ilha he mouro, & muyto rico & poderoso de géte, & seruefe com grande estado: tem hũ regedor que pola mayer parte gouerna ho reyno, a que chamão em sua lingua xabandar. Chegado Gonçalo pereyra ao porto desta cidade, mandou hũ presente a el rey per Luis dandrade, & ao xabandar outro: & mandou dizer a el rey, que el rey de Portugal, & ho seu governador da India ho mãdauão ali pera ho feruir no que mandasse, porque deseja uão muyto sua amizade: & q seus vassallos fosseem tratar a Malaca como hião dantes, onde serião bem tratados, & também os Portugueses fosseem a seus portos & teuessem neles trato. E dado per Luis dandrade este recado a el rey, & ao xabandar com os presentes, com q mostrarão folgarem muyto, responderão. Que recebião grãde contentamento em el rey de Portugal & seu governador querem sua amizade, q goardarião coeles muy inteiramête, & erão muyto contentes de fazerem o que lhes pedião. E que se auião por ditosos de Góçalo pereyra ir ao seu porto, & de ho terem por vezinho em Maluco, onde se prestarião coele. E mandou el rey ao xabandar, que aquele dia agasalhasse em sua casa a Luis dandrade: & assi ho fez, fazendo lhe grande festa. E ao outro dia ho despachou el rey, & mandou coele dous mandarís a visitar Góçalo pereyra,

ra, & mádoulhe hũ presente. E em vinte dias que ali esteue, lhe leuarão a véder todos os mantimentos & cousas de que tinha necessidade. E ficando em grãde amizade com el rey, se partio pera Ternate: & leuando muyto boa viagem, foy surgir no seu porto a hũ sabado na entrada Douubro, do anno de mil & quinhétos & trinta & hũ. E logo algũs se forão á fortaleza, de quem dó Iorge soube como Gonçalo pereyra hia prouido da capitania por el rey, & como hia coele Lionel de lima que era seu imigo. E teue pera si, que por essa causa ho auia de mexericar com ho governador da India: & sospeitou q̄ auia de ser preso. E ao domingo quando sayo a receber Gonçalo pereyra mádou leuar a hũ seu criado hũs grilhões debaixo da capa. E depois de recebido Gonçalo pereyra cõ grãde festa, que desembarcou ao domingo pola manhaã. Chegades á porta da fortaleza, mostrando Gonçalo pereyra a prouisam que leuaua da capitania, lha entregou dom Iorge, dandolhe as chaves da fortaleza, & así lhe entregou el rey Cachil dayalo. E despois tomando os grilhões q̄ ho seu criado leuaua, disse a Gonçalo pereyra: que se tinha necessidade deles pera lhos deitar, que ali estauão, & ele muyto obediente pera os receber. E esta justificação fez dom Iorge pola sospeita que disse que tinha de ser preso. E Gonçalo pereyra lhe disse, que não hia pera ho prender nem anojár, se nam pera ho servir no que podesse, cõprimdo cõ a obrigação de seu carrego. E coisto entraram na fortaleza, ondedõ

Iorge ho banquetteou aquelle dia, & ho enformou da terra: & deixando ho nela, se foy á noyte pera a sua pouxada, que era fora da fortaleza.

## CAPIT. XXII.

¶ De como Gonçalo pereyra prometeo á raynha de Ternate de lhe entregar seu filho.

**S**Abendo a raynha & os mandarins q̄ estauão coela, que Gõçalo pereyra estaua de posse da capitania, & que dom Iorge nam era capitão, determinão de se queixar dele dos muytos grãdes agrauos q̄ lhes tinha feytos, así na prisam de Cachil vaidua, como na merredo regedor de Tabona, & de Cachil daroes: & sobre tudo de lhe não querer dar ho seu filho & terlho preso, morredolhe ja outro na prisam. E auida licença de Gonçalo pereyra, mandarão hũ principal Mádaram a este negocio, que sabia a lingua Portuguesa, & homem muyto prudente, & discreto: que despois de ser bem recebido de Gonçalo pereyra lhe disse. A pouca experiẽcia de nõsã lealdade, & a mã fama que os mouros tẽ de desleais aos Christãos, & ho muyto credito que os Portugueses tem de justificados, te fará crer que a ida da raynha & dos mandarins, & deixarem sua cidade: não foy por culpa de dom Iorge de meneses. E que fazêdo lhe ele muyto boas obras, fauorecêdo suas pessoas, & emparado sua terra, eles como imigos dos Christãos por lhes fazerem mal, & lhes tirarem os mantimentos, deixarão suas antigas moradas, & forão tomãr outras nouas. E porẽ, não sam os mouros tão desleais como os Christãos os fazem

fazem principalmente os destas ilhas de Maluco que te prezão de fidalgos, & de cavaleiros. Poys quem se prezara destas duas cousas, tambem se prezara de lealdade, sem que a fidalguia & cavalaria não podem ser. E senõta lealdade he verdadeira ou não, digam no os moradores da ilha de Tidore, que vindo os castelhanos a sua terra sem os conhecerem os agasalharão, fauorecerão, & empararão hatantos annos: & podendo os matar & tomar lhestanta fazenda como tem, sem terem quem lhos diso tomallê conta, nunca neles entrou tamanha barzeza, & sempre os tratarão como a seus naturaes: E se os Tidores fizerão isto aos Castelhanos que não conhecião, porque ho não farião os Temates aos Portugueses, de que tinham tanto conhecimento por fama, & por experiencia: & a quem por estas duas cousas que el Rey Boley se tinha de suas virtudes offreceo fortaleza em sua terra, cõ desejo de sua amizade, & sem a isso ho obrigar outro interesse. Mas temo de passar a diante que a grauidade do caso me faz couardo pera ho contar: & com tudo esferome cõ a confiança de tua bondade, que nos dizê que he tanta, que de ti mesmo faras justiça. Não foy a ida da Rayuha nem dos mandariins por sua culpa, nem deixarão suas casas por maldades que fizessem: mas forão tantas as auexações, oppreões & males que receberão dos Portugueses que de os não poderem soffrer se desterrão de sua natureza, & forão buscar novos assentos. Certo que outra pessoa a que estes males que digo não doerão tan-

tõ os ouuera de contar: & nõ eu, que sõmente em cuydarnelles sinto partir meu coração em mil partes, com dor & magoa de tamanha deaventura como foy a nossa, quanto mays tendo padecido tanta parte deles. E poys aquilo a que me a ty mandariaõ não se pode fazer sem os contar dilos hey. Ho primeyro agrauo q os de saventura dos moradores desta terra receberão, foy de Antonio de Brito, que lhes prendeo seu Rey, & deliure lho fez catiuo. E dom Garcia ho continuou q nunca lho quis soltar, nem menos dom Jorge, ate que morreo. E nam abastou morrer aqille mas logo meteo em seu lugar o que he succedeo, & este foy ho galardo que ouuemos de consentir que os Portugueses fizessem fortaleza em nossa terra, & cuydando q metiamos amigos com nosco, nos achamos com inimigos, porque sempre nos assi tratarão. E de poys q os agasalhamos qual denos pode salvar o que tinha pera comer, que tudo nos tomauã: Qual de nos pode goardar suas molheres & filhas que as nõ forçafsem? Qual de uos pode viuer quieto, que eles nos desenquietauão: E tudo isto soffrãmos, mas dõ Jorge não quis, que de nos auexou & perseguio, de maneyra que ho não podemos soffrer. Ele nos prendeo Cachil vaidua nõõ cãtiz mór, que não podia ser pera nos mayor injuria, nem parelmayor offensa que vntaremilha a boca com porco, cuja carne he tão abominavel em nossa ley. Mandou deytar aos caes hum homem de tanto preço como era ho regedor de Tabona. Mandou degolar Cachil daroes gouer-

nador deste reyno, & a principal pessoa dele. E temêdo a raynha, & os Mandarins, que també os mandasse matar se forão da terra. E ela, & eles se mandão aqueixar de dô lorge por estas cousas q̄ fez, & te pedê que lhe façás justiça dele tão inteiramente como eles esperão: & que lhe des seu rey, pera q̄ os gouerne, empare & fauoreça, & pera q̄ case & aja filhos que lhe sucedão. E a raynha te pede especialmente, q̄ ajas piedade de sua viuuidade, & desemparo: & que te lêbre que não té outro filho pera sua consolação se não este, q̄ lho deixes lograr algũs dias antes de sua morte. E que fazendo isto faras o que deues, & como se espera da bõdade Portuguesa: & ela, & todos os do reyno serão obrigados pera sempre fazerêo que lhe mandares. Ouuida esta fala por Gôçalo pereyra disse ao embaixador, que ele responderia. E mandou ho agafalhar, & dar todo ho necessario à custa del Rey. E fazendo cõ selho, propos nele o q̄ lhe a raynha & Mandarins mandauão dizer acerca de lhes soltar seu rey: em q̄ hũs disserão, q̄ não era bê que se soltasse. Porq̄ se a raynha & os Mâdarins não se tinham leuãtado polos escâdalos & agrauos que dizião ter recebidos, fora por amor do seu rey que estaua na fortaleza. E segũdo se mostrauão agrauados, como ho teuessem por se vingare dos agrauos passados, & por não receberê outros, se leuãtarião. Outros disserão, q̄ antes pera os desagrauar & apazigoar, se deuia de soltar el rey: porq̄ se Gôçalo pereyra cõtinuasse cõ a prisam del rey cuydarião

q̄ todos os capitães lhes auião de ter prefos os seus reys, & os auião sempre da-grauar. E como desesperados trabalharião por deitar os Portugueses fora da terra, q̄ erão muy poucos pera resistirê ao poder dos mouros, se fizessem todos corpo: oq̄ estaua certo fazerê, porq̄ hũs auião dajudar os outros. E védo q̄ Gôçalo pereyra lhes soltaua seu rey, & fazia o q̄ seus antecessores não fizerão, lhe tomariã amor, & crerião q̄ també auia capitães q̄ lhes fizessem bê: & tornarião a amizade cõ os Portugueses, & ficaria a terra assentada. E deste parecer foy Gôçalo pereyra, & este se goardou. E porê assentouse, q̄ antes que el rey fosse solto se acabasse a fortaleza, pa mayor segurãça dos Portugueses, & dos mouros estarem em paz. E q̄ entretanto fingisse Gonçalo pereyra q̄ andaua muyto ocupado no despacho dos nauios q̄ auião dir pa a India, & q̄ depois de sua partida lhes daria el rey: porq̄ ate então se poderia çarrar de todo o muro da fortaleza, & acabar hũ baluarte, ou faleceria muy pouco, & q̄ então não faltaria algũa escusa. E isto assentado, respõdeo Gôçalo pereyra ao embaixador da raynha: q̄ era contêde delhe dar el rey seu selho, & seruiã e tudo, porq̄ assi lho mãdaua el Rey de Portugal, & ho seu gouernador. E q̄ lhe pedia muito q̄ logo se fosse pera a cidade de Ternate, & assi os mãdarins q̄ estauão coela, pa assentarê a terra: & q̄ teuessem amizade cõ os Portugueses como dâtes, porq̄ todos erão seus seruidores. Etornado ho embaixador coesta reposta, ainda a raynha repri

cou que lhe dessem primeyro seu filho, & etão se iria pera a cidade: & sobristo ouue muytos recados de parte a parte. E assentouse por derradeyro, q̄ el Rey fosse entregue despois da partida dos nautos: & que Gonçalo pereyra jurasse solenemente de ho fazer assi. E ele ho jurou em hũa Cruz q̄ ho vigayro da fortaleza tinha nas mãos, vestido em hũa sobrepeliz: & ele em giolhos cõ as mãos sobre a Cruz em quanto disse as palavras do juramento, estãdo presentes os principaes Mádarrins de Ternate, & os officiaes da fortaleza.

## CAPIT. XXIII.

¶ Do que Gonçalo pereyra fez despois de chegar a Ternate.

**F**Eyto este juramêto, fizerão os mouros grande festa com a esperança da liberdade do seu rey. E a raynha cõ os Mandarins, se foy logo pera Ternate. E Gonçalo pereyra a mandou visitar por Luysdandrade, mandãdolhe hũ bõ presente, & assi a algũs dos Mádarrins que sabia que erão seu priuados. E assi os mādou aos Sangajes & governadores da terra, notificandolhe ho cõcerto que tinha feyto com a raynha, & como estaua em Ternate, pedindolhe q̄ ho viessem ver porque folgaria muyto de os conhecer & seruir. E eles ho fizeram assi, saluo Cachil humar sangaje da cidade de Maquiem por estar agrauado das pareas do crauo que lhe dom Iorge mandara que pagasse a el Rey de Portugal: que ele dizia q̄ não podia pagar, por lhe não ficar q̄ comer. E por não fazer aluorogo, dissimulou Gõçalo perey

ra coele: & aos que forão á fortaleza fez muyta honrra, merces, & gasalhado. E pera mais cõtentar a todos, vestio el rey á Portuguesa de veludo de cores: & ordenou certos Portugueses pera sua guarda, & que ho leuassem a defendadar, & folgar pola cidade. De maneyra q̄ parecia a todos q̄ el rey estaua em sua liberdade: do que a raynha & todos andauão muyto contentes, & tinhão muyta confiança q̄ Gõçalo pereyra cumpriria o que tinha jurado, & mostrauãlhe em tudo grande amizade. E pera a ele arrematar mais & segurar, fez hũ governador do reyno com aprazimêto dos Mádarrins & da raynha, pera que ho tuesse de sua mão, & o ajudasse, & fauorecesse como Cachil daroes fizera a Antonio de britto. E este foy hũ mádarrim da geração dos reys de Ternate, q̄ auia nome Cachilato: de q̄ todos os Portugueses tinhão muyto conhecimêto. Tãbê neste tẽpo Fernão dela torre capitão mór dos castelhanos, mādou visitar Gõçalo pereyra, & ratificar as pazes que tinha feytas com dô Iorge de meneses, & fez paz cõ el rey de Geilolo. E por se lhe el rey de Tidore mádarrim queixar, que não podia pagar as pareas do crauo que lhe posera dom Iorge de meneses, porque se as pagasse lhe não ficaua nada, pareceo bẽ a Gonçalo pereyra de lhas leuãtar ate auer recado do governador da India, a quem escreueria sobristo. Do que el rey foy muyto contente, & ficou grande seu amigo. E tendo Gonçalo pereyra assentada a terra em tanta paz, & allesego, & vendo que não auia cou



fa que estoruaſſe ho ſeruiço del Rey ſeu ſenhor, que ele poſpoſta toda cobiça, deſejaua de fazer muy inteiramente: começou de ſe poer em ordem pera ho fazer, & deu hũa carta do governador Nuno da cunha a dô Iorge de menefes, que lha não quifera dar ate não aſſentar a terra. Em que ho governador dizia a dom Iorge, que ele era enformado que a principal cauſa dos deſconcertos que ouuera antre os capitães que eſtauão naquela fortaleza, & os que hião de nouo pera eſtarem nela, fora quererêſe ir cõ os capitães que ſe hião, os Portugueſes que la eſtauão, por terem feyto ſeu crãuo. E algũs que hião com ho capitão nouo ſe podião empregar ſuas fazendas fazião ho meſmo. E ſem lhes lembrar a obrigação que tinhão do ſeruiço de Deos & del Rey ſe hião, deixando de guerra ho capitão que ficaua, & ſem géte. E pera euitar iſto lhe mandaua, que quando ſe foſſe da fortaleza não leuaſſe mais que ate ſeys homẽs ſem licença de Gonçalo pereyra, & por cada hũ que leuaſſe de mais ſem ela pagaria mil pardaos. E a fora eſta carta, lhe moſtrou Gonçalo pereyra hũ aluará do meſmo governador, em que lhe mãdaua o que lhe ſereuia na carta: & aſſi outro, em que mãdaua a Gonçalo pereyra, que tomãſſe a menagem a dom Iorge ate ſe ir apreſentar diante dele na India, & tirãſſe deuaſſa dele de todo ho tempo que fora capitão daquela fortaleza. E Gonçalo pereyra lha tomou perante ho alcayde mór & feytor, & perante hũ eſcriuão, que fez de tudo hũ auto. E Gõ-

çalo pereyra pedio muyto perdão a dô Iorge do que fazi, dizendo que não podia al fazer, por lho mandar aſſi ho gouernador da India: & porem que lhe prometia de ho deſpachar muyto bê, goardando em tudo ſua honrra. E que alem dos homẽs que lhe ho governador daua, lhe daria vinte homẽs que foſſem coele: & daria licença a dom Vicente de menefes ſeu irmão pera ir em ſua cõpanhia, & aſſi lhe daria hũ jungo que fazia pera ſua embarcação. E dom Iorge lho teue em merce, & lhe diſſe que ho não culpaua em fazer o que lhe mandaua ho governador, nem deixaria por iſſo de ſer ſeu amigo, & ſeruidor & q̄ confiaua muyto nele, que faria o q̄ dizia. E pediolhe q̄ foſſe eſcriuão de ſua deuaſſa Grauiel da coſta, que ali fora feitor: & ele lho prometeo. E dom Iorge ſe foy pera ſua pouſada preſo ſobre ſua menagem ſem nenhũ eſcandalo de Gõçalo pereyra: & aſſi ho dizia a ſeus amigos, que ho forão logo viſitar. E gonçalo pereira começou logo de tirar deuaſſa dele.

## C A P I T. XXIII.

¶ De como Gonçalo pereyra quis fazer crãuo  
pera el Rey de Portugal.

**C**Om eſta priſam de dom Iorge de menefes, & por ſer feyta com tanto aſſeſego, ficarão os Portugueſes muyto toruados, principalmente os que forão officiaes na fortaleza: & temerão muyto a Gõçalo pereira, vendo cõ quãta prudencia fazia ſuas couſas. E logo viirão em ſi o q̄ receuão, q̄ Gonçalo pereira mandou recencear a cõta ao feytor, & almoxariſe, & outros officiaes paſſados

dos pelo feytor Luys dandrade. E isto porque os mandaua ficar na fortaleza por ter falta de gente. E não se achou a estes nenhũa cousa da fazenda del Rey em receita, & tudo era despesa: pelo que tendo eles roubado el Rey, & deueno lhe quanto tinhão, achou se que el Rey lhes deuia. Tão desordenado andaua tudo naquela fortaleza, & tão pouco se olhaua pola fazenda del Rey, nem auia a quem lembrasse os gastos que fazia naquela fortaleza, pera lhe pouparem pareles sua fazenda, se não quem mais podia apanhar mais leuaua. E desengannados estes, que não auião aquele anno de ir pera a India: determinou Gonçalo pereyra de fazer crauo pera el Rey, & mandou apregoar hũ regimẽto que leuaua do gouernador Nunoda cunha, que era ho mesmo que fizera Afonso mexia: & polo auer por bom, mandaua que se goardasse. E Gonçalo pereyra ho mandou apregoar com grande solenidade: & a sustancia dele era, que se comprasse pera el Rey quanto crauo ou ueste naquelas ilhas pelo preço que estaua assentado na feytoria, & se metesse nela, & que nenhũa pessoa de qualquer qualidade q fosse ho podesse comprar. E este crauo que se comprasse pa el Rey ho compraria ho feytor Luis dádrade, ou quem ele ordenasse, com conselho & parecer de Gonçalo pereyra: & comprado se carregasse ho mais que ser podesse, assi pera se leuar á India como a Malaca, & o que sobejasse se desse ao capitão, feytor, & officiaes da fortaleza, & a gẽte d'armas sobre seus ordenados,

& soldos, por tal preço que el Rey podesse ganhar, pera poder cõ ho ganho foster ho gasto que fazia naquela fortaleza. E auendo hi tanto crauo que sobejasse de tudo isto, se vendesse aos mercadores com ho mesmo ganho. E porrem que tudo isto se fizesse com resguardo de não auer escandalo na terra. Apregoado este regimento, ficarão os mouros muy descontentes por lhes tirarem de venderem ho crauo por mais do preço que estaua assentado na feytoria, porque ho vendião por mais. E os Portugueses tambem teuerão muyto descontentamento, porque perdião muyto em não comprarẽ ho crauo aos mouros: & com tudo consolarã se, parecendo lhes q aquilo não ouuesse effeito: porque assi se apregoaua na chegada de cada capitão, mas não se fazia nada pelas emburullhadas que recreião ao par tir, antre o que ficaua & o que se partia. O que eles esperauão que seria assi antre aqueles dous, & por mais conformes q elles esteuessem, que eles os rebolueirão cõ seus mexericos de que erão muyto bõs officiaes: & por isto se desagastarão logo, & não deixarão de fazer crauo ho mays encubertamente q podião. Mas tambẽ Gonçalo pereyra atalhou a isto, com mádar apregoar sob certa pena que toda pessoa que teuesse dachem em sua casa, que assi chamã ao peso cõ que pesam ho crauo, ho leuasse ao feytor Luys dandrade pera ho quebrar & queimar, porq dali a diante não auia da uer mais q dous pesos, abos de hũa marca, hũ na feitoria, & outro cõ casa da ray-

nha, pera que todos os que vendessem crauo ho fõllem lá pesar, pera se saber quanto crauo vinha á feytoria, & quanto rendia: & que ho feitor auia dir buscar as casas, & se achasse algũ Dachem, quem quer que ho teuesse auia de pagar a pena. Este pregão se comprio muy inteiramente, & todos os dachês forão leuados a Luis dandrade que os queimou & quebrou: & mandou fazer dous nouos, hũ pera a feytoria, & outro pera a raynha. E porq̃ os Portuguezes tinhão comprado muyto crauo, pelo que ja aq̃le anno se podia auer pouco pera el Rey, mandou a todos os que ho tinhão que védessem ho terço dele a el Rey pelo preço da feytoria, o que eles fizeram muyto cótra sua vontade. E sabédo q̃ se estava carregando hũ jungo dũ mercador chamado Nacoda catimo pera ho levar á ilha da Iaoa carregado de crauo, mandou ho tomar pera el Rey, por ser despois do pregão da defesã do crauo, & pagalo polo preço da feytoria: & acharão q̃ tinha setenta & tantos báres de crauo. E nesta carregação tinha parte a raynha de Ternate, & algũs Sangajes que se calarão, porq̃ Gonçalo pereyra não soubesse q̃ eles quebrauão ho regimiento del Rey de Portugal, & também porq̃ ho crauo era tanto q̃ os mouros rogauão coele. Neste tépo foy Gonçalo pereyra auisado, q̃ na ilha de Maquiem estauão varados seys jungos de mouros pera fazerẽ crauo, & na ilha de Bachão cinco sobre ancora pera o mesmo, que erão da Iaoa, Báda, & Amboino. E dando conta disto a Bras pereyra

capitão mór do mar, mádoulhe q̃ os fosse deitar fora, porque não carregassem. E bras pereyra não quis ir, dizendo que não hia a Maluco se não pera fazer proueito: & não auia dandar darmada corredo as ilhas, gastando o q̃ tinha: que se a ida fora proueuosa q̃ logo a fizera. E por mais requerimentos quelhe Gonçalo pereyra fez pa ir, nũca quis ate lhe dizer q̃ lhe alargaua a capitania mór do mar, & q̃ se iria pera a India na moução seguinte pois ho apertaua tanto. E pediu logo licença pera se ir, dizendo q̃ se lha não desse q̃ a tomaria. E Gonçalo pereyra dissimulou coele, porque não abrisse caminho a outros: que vendo q̃ aq̃le q̃ era seu parête ho deixaua em tal tempo, que farião eles q̃ não lhe erão nada: & disse lhe que não se fosse, q̃ não ho queria mandar pois não era sua vótade de ir. E có tudo Bras pereyra ficou muyto escandalizado, & quasi seu ímigo. E Gonçalo pereyra não ho pode castigar por não se amotinar, & amotinar outros quelhe farião grande mingoa, pola grãde necessidade que tinha de gẽte. E porque Bras pereyra isto sabia fazia aqueles feros. E vendo Gonçalo pereyra que ele não queria ir, cometeo a ida a Lionel de lima, que com quanto era capitão del Rey, & aquela ida era muyto de seu seruiço, a não quis aceitar, né aceitou ate que lhe Gonçalo pereyra prometeo a capitania do primeyro nauio ou jungo, que mandasse á India có crauo, em que podesse levar o que teuesse, & lhe pagaria ho ordenado da galcota. E por derradeyro quando foy

não

não achou nenhũ jũgo, porque foy rãto ho vagar que primeyro os ternates mã darão auiso aos capitães dos jungos, & eles se forão com medo de lhos metem no fundo.

## CAPIT. XXV.

Da defaueença que ouue antre dom Iorge de meneses & Gonçalo pereyra.

Como quer que ho diabo trabalha sempre por toruar ho seruiço de Deos: & onde vê mayor feruor, hi põe mayores forças pera ho impedir. Asfi fez aqui, que não trazendo Gôçalo pereyra ho pensamento, se não como seruiria nosso Senhor & a el Rey: & a maneyra q̄ teria pera ter aq̄la terra em paz em quanto nela esteuesse, & fizesse ter aos homês boa ordem em sua vida, pera que ficasse exemplo a seus successores: ouue Portugueses tão pouco Christãos, & tão bestiaes, que por ele fazer isto lhe tinhã mortal odio, & asfi a Luis dandra de. Porq̄ por ter ho mesmo desejo, que ele tinha de seruir el Rey ho ajudaua quanto podia por sua parte, & tomãuo estes imigos por causa de suas abominaueis vôtades, dizerẽ que Gôçalo pereyra queria vsar o que nenhũ capitão vsara de goardar tão inteiramẽte ho regimento acerca do crauo. E o que os mais atormentaua verẽ a grãde amizade que Gôçalo pereyra tinha com os mouros, & quanto trabalhaua pola foster cõ boas obras. E q̄ isto nã era outro fim se não por não ter necessidade dos Portugueses, & poder fazer o q̄ quisesse. E verẽ a grãde conformidade q̄ auia antrele & dõ Iorge de meneses, q̄o que

hũ queria, queria ho outro: & vendo q̄ indo aquilo asfi era em seu perjuyo, começarão de vsar de suas diabolicas manhas, & ordir odio & imizade antre Gôçalo pereyra & os mouros, & antrele dõ Iorge, dizẽdo aos mouros q̄ Gôçalo pereyra os queria ter sugeitos, & q̄ não védessem ho crauo, não mandando el Rey de Portugal tal cousa, né menos ho gouernador da India: & ele por se mostrar bõ seruidor q̄ria fazer mais do q̄ lhe mãdãuo: que não sabia como a raynha & os mãdaris cõsentião aquilo. E a Gôçalo pereyra hião dizer q̄ dõ Iorge dizia á janela de sua pouxada aos q̄ passãuo pola rua, que ele Gôçalo pereyra auia de prẽder a raynha, & algũs seus priuados. E isto dizia por se a raynha ir da cidade, & fazer aluãtar os mãtimetos: & q̄ se lhe não quifera muyto grãde mal & desejava muyto de ho dãnar que ho não dissẽra, mas q̄ lho queria & desejava de ho ver em necessidade: porq̄ asfi tãbẽ dizia, q̄ quãdo se partisse q̄ auia de leuar da fortaleza quanta gẽte podesse, porq̄ não teuesse cõ que a defẽder aos mouros. E q̄ em Banda auia de tomar ho nauio a Hanibal cernije, porq̄ era seu cunhado, & mãdar pedir seguro ao gouernador antes de chegar á India: & quãdo lho não desse q̄ se auia daleuãtar, & segũdo dõ Iorge era determinado q̄ ho fãria asfi, por isto q̄ ho deuia de prẽder em ferros. E a dõ Iorge de meneses dizialhe q̄ não se fiasse da amizade que lhe mostrãua Gonçalo pereyra, porq̄ na deua fã não lhe goardãua ne nhũã, antes se mostrãua seu immigo

mortal, porque prouocaua as testemunhas a que dissessem mal dele. E quando ho não querião dizer, que dizia q̄ não sabia, por q̄ aqueles vilãos dauão sua alma ao diabo por amor de dō Iorge, & sobristo lhe dizia outras palauras injuriosas, & fazia escreuer o que dizião ao contrayro. E dizião, que por ser parente de dom Garcia anriquez lhe queria tamanho mal: que ho auia de destruir, pois lhe não podia tirar cō hũa espingarda. E posto que pola primeyra Gonçalo pereyra, & dō Iorge não cresse isto, tantas vezes lho disserão, & tantos modos buscarão estes mexeriqueiros pera lho meter na cabeça, & mais ho diabo que os ajudaua que ho creirão: & começaram de criar odio hũ ao outro, & como ele foy crescendo assi, não se fiaua hũ do outro. E veo a desconfiança a crescer tanto, principalmente em dō Iorge: que mandou pedir a Gonçalo pereyra que lhe desse hũa certidão de como lhe entregara aq̄la fortaleza de paz cō tãtas peças d'artelharia com as q̄ tomara aos castelhanos, & assi seys nauios & outras cousas, porque lhe era necessãria pera el rey saber ho seruiço q̄ lhe tinha feyto. Ao que Gonçalo pereyra respondeo, q̄ não lhe auia de dar tal certidão, porque a terra não estaua de paz cō a fortaleza quando lha entregou, antes muy abalada pola morte de Cachil daroes, & dō regedor de Tabona, & da injuria q̄ fora feyta a Cachil vaidua, & a raynha fugida de Ternate, & os seus mandarins, & ho Sangaje Cachil humar rebelado por amor das pareas que lhe posera, &

el rey de Tidore queixoso por lhe fazer outro tãto. E por de todo em todo Gonçalo pereyra não querer dar esta certidão, tirou dō Iorge hũ estormeto de le: pelo q̄ de cada vez crecia mais ho odio antreles. E sobristo fugirão da fortaleza seys Portugueses, de que hũ era piloto: destes seys se forão dous pa os castelhanos, & os quatro caminho de Bãda em hũ parão da terra. E tãto q̄ estes homẽs desaparecerão, foy dito a Gonçalo pereyra, q̄ dom Iorge & seu irmão dō Vicente os mandarão diante: & assi auia de mandar os mais que podesse. O que sabido por Gonçalo pereyra, condenou estes fugidos em perdimento das fazendas pera el rey q̄ logo forão vèdidas em leylão, & ho dinheiro entregue na feitoria. E de dous destes q̄ logo forão tomados em hũa ilha se soube em juyzo q̄ era verdade que se hião por mādado de dō Iorge, & de seu irmão dom Vicete, & lhes derão vinte mil caixas pera o caminho, & sete patolas, & lanças, espingardas, & outras armas: & lhes disserão que cedo iria outrabarcada apos eles. E com ho testemunho destes homẽs, acabou Gonçalo pereyra de dar credito ao que lhe dizião de dom Iorge: & prèdeo logo dom Vicente sobre sua menagê, & dous criados de dō Iorge em ferros por amor dos dous homẽs dos quatro q̄ fugirão. No q̄ dō Iorge não teue paciencia, & soltou muytas palauras cōtra Gonçalo pereyra, a que logo foy descuberto: que ho jũgo que dō Iorge tinha começado pera si, se fazia cō a pregadura, breu & estopa del Rey de Portugal,

& á sua custa pagava també os officiaes. E pera mayor certeza disto, que fossem a casa Da fonso pirez hñ amigo de dom Iorge, & hi acharião muyto ferro, & outras cousas que dô Iorge de meneses tomara dos almazens, quando soube q̄ Gonçalo pereyra vinha á vela pera to mar ho porto de Talágame. E logo Gô çalo pereyra foy buscar a casa Da fonso pirez, em que achou quinze quintaes de ferro que tomou pera el Rey, por lhe Afonso pirez dizer que dom Iorge os mandara ali meter: & assi tomou ho jũ go pera el Rey. E receando q̄ dom Iorge se leuantasse, tirou hñ capitão dou tro jungo que hi tinha dô Iorge, q̄ chegara q̄ era seu, & deu a capitania a Lionel de lima ímigo de dom Iorge. E isto porque ho jungo auia de tornar pera a India, & Gôçalo pereyra lhe tinha prometida a capitania do primeyro nauio q̄ fosse pera a India. E sobristo tirou dô Iorge muytos estormentos de Gôçalo pereyra, & ele deu assõu de dom Iorge sobre a morte de Cachil daroes, & do regedor de Tabona, & da injuria q̄ foy feyta a Cachil vaidua, & sobre mandar enforçar hñ Portugues nas ilhas dos pa puas, & assi sobre outras culpas q̄ lhe pu nhão. E por derradeiro quádo foy tẽpo de partir, que foy em Feuereyro de mil & quinhentos & trinta & dous, ho entregou preso em ferros a Lionel de lima seu ímigo. E não lhe valeo requerer a Gonçalo pereyra, que lho não entregasse por ser seu ímigo, que ho desse a Hanibal cernije que hia tambem pera Banda. E porq̄ Gonçalo pereyra recea-

ua que dom Iorge tomasse em Banda o nauio a Hanibal cernije como dizião, não quis dar licença a nenhũ seu amigo pera ir naquela armada, né a seu irmão dô Vicente. E deu a Lionel de lima as deuaffas que tirara de dom Iorge, & escreueo hñ carta muy larga ao gouernador Nuno da cunha, acerca das coufas de dom Iorge, dizendo que perguntasse por elas a Lionel de lima, & ao vigairo que fora da fortaleza & ao meirinho. E assi lhe escreuia tambem como ficaua a fortaleza, & quáo trabalhosa era por amor das defordés dos Portugueses, & assi outras cousas necessarias. E mandou pera el Rey cincoeta bãres de crauo, que foy ho primeyro capitão q̄ ho mandou. E na conferua de Lionel de lima hia Hanibal cernije ate Banda, pera trazer dahi fazenda pera a feytoria. E a raynha de Ternate escreueo també a el Rey de Portugal, & ao gouernador da India, fazendolhe queixume de dom Iorge, & mandou có as cartas ate a India dous criados seus, a que encomẽdou muyto que vissem bê que poder tinha el Rey de Portugal na India. E leuado dô Iorge tãto a recado como digo, foy ter á India, donde ho gouernador ho mandou preso pera Portugal, porq̄ por ser da qualidade que era não quis julgar as culpas que lhe punhão, & assi ho escreue á raynha de Ternate. Cujos criados quádo virão mandar dô Iorge pera Portugal, & q̄ não fazião dele justiça na India dizião, q̄ antre os Porrugueses não auia justiça pois alargauão tanto ho castigo das culpas: que pera bê se auião

de castigar ôde se cometião, & que dali por diante não esperarião q̄ lhes fizessem justiça.

## C A P I T . XXVII.

¶ De como se perderão no mar dom Fernando de lima de Sanctarem & Lopo dazeuedo.

**N**este inuerno que ho governador Nuno da cunha teue em Goa, não quis prouer a capitania da fortaleza que estaua vaga, & ele seruió de capitão por poupar o ordenado a el Rey, & deu a ouuidoria geral da India ao licenciado Lopo fernandez de castanhe-da meu pay ouuidor de Goa, & por sua industria crecerão as rendas de Goa vinte mil pardaos. E no cabo deste inuerno chegou a Goa Antonio botelho capitão do bargantim que ficou em Adem cõ cartas damizade del rey Dadé pera ho governador, em q̄ lhe screuia como Mustafa & Cojeçofar despois de leuãtados de sobre Adem se partirão com vinte seys velas pera a India. E despois deste na êtrada Doutubro, chegou Eytora da silueira com sua armada, & deu conta ao governador do que fizera em Adem. Elhe contou como dô Fernando de lima, nem Lopo dazeuedo não forão a Ormuz, nem sabião nouas deles, pelo que se cria serem perdidos: & así foy que nunca mais parecerão,

## C A P I T . XXVIII.

¶ De diuersas armadas que partirão pera a India.

**N**este anno partirão de Portugal cinco naos pera a India sem capitão mór, de q̄ forão capitães Manuel de britto, Fernão camelo, Frâncisco

de souza tauares, q̄ hia por capitão de Cananor, Pero lopez de sam Payo pera capitão de Goa, & Luis aluarez de payua. E despois da partida destas naos, partio pera a ilha de sam Lourenço Duarte dafonseca por capitão mór de seu irmão Diogo dafonseca a buscar a gête da nao de Manuel de laçerda, & ambos se perderão. E os capitães das cinco naos da carrega leuarão muyto roim viagé, & os tres primeyros chegarão a Goa no mes Doutubro em diuersos dias. E despois disso se partio ho governador pera Cochim, & sendo lá chegou em Nouêbro a nao de Pero lopez de sam Payo, a que morrerão na viagé duzentos Portugueses a fora cferauos, & os mais morrerão doudos. E milagrosamente chegou defronte de Cananor por não auer qué mareasse as velas, & auia dias que as não guindauão, nem amaynauão, & acodiolhe Diogo da silueira que andaua na costa, & a leuou á toa a Cananor. E chegada ho governador a Cochim, despachou pa Portugal as naos: & primeyro que partissem, mandou Niculao jufarte em hũ nauio com nouas a el Rey do que passaua na India. E deixãdo em Cochim Antonio de saldanha pera leuar a armada que hiestaua se tornou a Goa.

## C A P I T . XXIX.

¶ De como foy morto Hagemahumud por dô Manuel telo de meneses.

**C**omo quer que ho governador determinasse de ir este anno sobre Diu, v sou de hũ artil a fim de coele alcançar fortaleza em Diu, sem mor-

re de gente. E foy mádar a Diu primeiro que ele fosse Coje percoli hū mouro Persiano, em que tinha grande confiança por ser bõ homem, & auer muytos annos que era morador em Goa. E este mouro auia de star em Diu, pera q̄ quando ho governador fosse cõ sua armada, conselhasse a Melique tocã capitão de Diu, q̄ desse fortaleza ao governador, porq̄ lhe não tomasse a cidade, fazendolhe ho poder que ho governador leuaua muyto mayor do que era. E que aq̄le conselho lhe daua como amigo, & quãdo Melique ho não tomasse, que visse bem o que determinaua, & se fuisse da cidade pera lho dizer. E cõ lhe fazer grãdes merces, se partio Coje percolim como mercador, q̄ hia Dormuz com mercadoria. E despois da partida deste mouro, começou de se ajutar em Goa a armada que ho governador auia de leuar: & por serẽ os nauios muytos, & não caberem no rio de Goa, asy como chegauão asy se partião pa Chaul, donde auião de partir todos jutos pera Diu. E despois de serẽ partidos, partiõse ho governador com a armada q̄ tinha em Goa pera Chaul em dia dos Reys, do anno de mil & quinhentos & trinta & hū. E chegando a Chaul pera saber o que hia na costa de Cambaya, mádou ha descobrir per dom Manuel de menses relo, Luis falcão & outro fidalgo, q̄ me não lembra seu nome, que forão em tres catures armados. E chegando todos tres juntos perto da ilha das vacas, toparão de supito cõ Hagamahumud, aquele mouro de que contey no liuro

quinto, que tanta guerra fez aos Portugueses: que andaua por capitão de vinte fustas em goarda daquela costa, em que trazia muyta & muyto boa gente de guerra. E auendo ele vista dos tres catures, & conhecendo que erão de Portugueses, foy contrelles com sua armada. Dõ Manuel & os outros dous capitães, que virão hũa armada tamanha, parecẽ dolhe que seria mais doudice que valẽtia pelejar coela, começaráse de recolher seus passos contrados, porque não cuydassem os mouros que fugia, que cõ tudo não deixarão de os seguir, apertando ho remo quanto podião, principalmente Hagamahumud, cuja fusta era mais remeyra que todas, & asy leuaua a dianteyra a todas: & hia alcançado ho catur do a que não soube ho nome, por ser zorreyro, & não se remar tambẽ como os de dom Manuel, & de Luis falcão, & quasi que ho hia abalroando. O que vẽdo dõ Manuel, posto que ho perigo de ho focorrer era muyto grãde não deixou de ho fazer. E fazendo volta atras a boga arrancada, remeteo á fusta de Hagamahumud, & em chegando bordo cõ bordo, q̄ os Portugueses quiserão saltar dentro na fusta, quis nõsso Senhor poer tamanho medo nos mouros q̄ vinhão nela, q̄ se acolherão todos ao outro bordo. E em se recolhendo & a fusta çoçobrãdo, tudo foy hū: que não teuerão os Portugueses tempo pera saltar dentro. E o que ouuerão de fazer na fusta fizeram fora, que foy matarem na goa os mais dos mouros, & átreles foy Hagamahumud. E porq̄ a mayor parte



te de sua armada se vinha chegado, contentou-se dom Manuel com salvar ho catur. E mandando cessar da morte dos mouros, fez-lhe dar hũ cabo pera ho ajudar a furdir, & foy se coele & com Luis falcão pera Chaul, ôde se soube logo a morte de Hagamahumud. Do que ho governador foy muyto ledo, & deu por isso muytos agardecimêtos a dom Manuel: & não tão sômente por a valétia que fez em se aventurar com tamanho perigo a salvar ho catur & saluálo, mas em ser causa da morte de Hagamahumud, ho mais valente & esforçado capitão que tinha el rey de Cambaya, & que mais ardijs de guerra sabia: & q ho governador temia tanto, que não re ceaua de ter outro estoruo pera não tomar Diu, se não este mouro, que sabia q auia destar dêtro, & que Melique tocão se regia por ele em tudo. E quando soube q era morto, deu ho feito de Diu por acabado como ele desejava, & assi ho derão os capitães & fidalgos da armada, dizendo: que nenhũa cousa podera succeder tão importante pera se tomar Diu como a morte de Hagamahumud. E assi fora se ho governador não se deteuer a tanto como se deteue em Chaul q forão dez dias mais do necessario, & despois na ilha do betele. E nesta detença veyo a Diu ho socorro que direy a diante: & forã os mouros q estauão nele ajudados pelos de Chaul de tudo o q ho governador determinaua, & do poder q le uaua. E os mefmos mouros se espantauão de indo ho governador a hũa emprefã tamanha fazer tanta detença: &

tambem se espantauão muyto, que sendo são, quãdo caualgava hia encostado a hũ moço desporas. E zombando daquilo dizião, que não era aquele ho homem que auia de tomar Diu.

## CAPIT. XXX.

De como ho governador Nuno da cunha partio de Chaul pera a cidade de Diu.

**A** Cabadas estas detenças, partio se ho governador com a mais poderosa armada do que ate aquele tempo se ajuntara na India, que era de quatorze galeões todos grandes, fortes & bem artilhados, & seys naos Portuguesas, & dezafete gales & galeotas, & hũa galeaza, & duas carauelas, & cêto & doze fustas, bargátins, catures, jũgos: & outros nauios de diuersas feyções, que com os de guerra fazião perto de trezentas velas. E nos de guerra hião quatro centas peças d'artelharia grossa, basifiscos, espolha fatos, camelos, esperas liões, serpes, saluagês, a fora a miuda, que era grande soma. A gête que hia nesta armada erão tres mil Portugueses, & tres mil Malabares, & dous mil Canarins frecheiros, & espingardeyros. Os principais capitães forão Eytor da silueira, Diogo da silueira, Antonio da silueira de menses Antonio de saldanha, Manuel de britto, Ruy gomez da graã, Marti afonso de melo jufarte, Marti de crasto, Ruy vaz pereyra, Vasco da cunha, Francisco da cunha, Manuel de souza, Antonio de lemos, Fernão rodriguez barba, Anriq de macedo, Lopo de mezquita, Fernão de morais, dom Fernando deça, Fracisco de vascócelos, Manuel de vascócelos,

los, Ambrosio do rego, Nuno barreto, Gonçalo gomez dazeuedo, Francisco de saá, Fernão de lima, Ioão da silueira, Anrique de souza, Manuel dalbuquerque, Tristão dataide, Luis falcão, Antonio de saá, Iurdão de freytas, Tristão go mez da graã, Nuno fernádez freire, Ioam médez de macedo, Diogo botelho pereyra. E pera que a frota fosse em boa ordem & goardada, fez tres capitánias cada hũa de vinte bargátins & catures: & fez delas capitães a Manuel dalbuq̃rque, Tristão dataide, & Luys falcão. E diáte da armada obra de hũa legoa auia de ir Antonio correa de Goa, descobrin do ho mar com certos catures. E indo nesta ordem bê de vagar, foy ter a Damaão, donde auia datrauessar a enseada pera Diu: & porq̃ despois não podia to mar outro porto, tomou ho deste lugar, que com ho medo da nossa armada esta ua despouoado, & assi a fortaleza q̃ era forte cõ suas portas forradas de metal. E aqui foy dita hũa missa cõ grande solénidade, em hũa tenda q̃ se armou pera isso, & prégou frey Antonio padrao co missaíro na India do menistro da ordé da obseruancia de saá Francisco. E encomendou muyto da parte de nosso Senhor, q̃ pelessem todos cõ muyto esforço pera tomarem Diu, onde nosso Senhor era muyto offendido cõ as abominaciones da falsa feyta de Mafamede, & geralmête assolueo todos de seus pecados. E dita a missa, mandou ho gouernador dar hũ pregão Real, q̃ dizia. Ouui, ouui, ouui ho mádado do muyto alto, & muito podero Principe el Rey dõ

Ioão de Portugal nosso senhor, que por galardoar ho esforço & valentia dos q̃ se atreuerem a sobir primeyro nos muros de Diu, & leuantaré neles esta bandeira por sua Alteza, em seu nome lhe faz o senhor gouernador merce ao primeyro de quinhentos cruzados, & ao segundo de quatrocétos, & ao terceyro de trezentos. E despois disto, porque ho gouernador sabia por Antonio correa que oyro legoas de Diu estaua hũa pequena ilha quasi pegada com a terra firme, onde por ser muyto forte el rey de Cambaya mádaua fazer hũa fortaleza, pera o que tinha hi hũ capitão turco cõ dous mil homés de peleja Guzarates, & Abexins, & algũs Turcos: & mil de trabalho que trabalhauão na fortaleza, de que estaua feyta algũa parte dos muros, & dos cobelos, mas pouca cousa. Teue conselho com os capitães principais da armada, se daria nesta ilha primeyro q̃ em Diu. E moueo a poer isto em conselho, saber que a voz de todos era que se desse primeyro naquela ilha q̃ em Diu: posto q̃ sua determinação era de não se entremeter em nenhũ feyto ate não tomar Diu. E assi ho disse no conselho, em que ouue diuersos pareceres: porq̃ hũs dizião que era bê cometer primeyro a ilha q̃ dessem em Diu, porq̃ se passassem sem a tomar, como os mouros erão mais de mostrásq̃ de obras, tomarião tamanha soberba cuidádo q̃ era de medo, que aquilo abastaria pera lhes dar esforço com que se defendessem. E por isso era necessario não passar sem tomar a ilha, porque isso seria causa de os

mouros desconfiarẽ de se defenderem. Outros dizião que não era bẽ cometer-se a ilha, porq̃ como ella era muyto forte por ser a mayor parte cercada de rochedo, & menos gente da, estava nela a poderia defender. Podia ser q̃ acõtecesse algũ perigo no cometimento, & qual quer q̃ fosse daria muyta quebra a tamanha armada como aq̃la era & tão poderosa. E os nossos vendo q̃ tão pouca coufa como a ilha (a seu respeyto) lhes daua que fazer, esperãdo que em Diu por sua grandeza, & fortaleza achasse mais resistencia perderião ho esforço q̃ leuauão pera o tomar. E os mouros pelo côtrayro: o q̃ se deuia muyto de recear, & por isso não se deuia de cometer a ilha. E como do outro parecer erão mais q̃ deste, assentou se q̃ se tomasse a ilha primeyro que Diu, & assi ho assinarão to dos em hũ auto que foy feyto pelo secretario Simão ferreyra.

## C A P I T. XXXI.

De como ho governador pelejou na ilha do betele com ho capitão del rey de Cambaya, & lha tomou.

**A**ssentado q̃ a ilha do betele se deuia de tomar, partio se ho governador, leuando a ordẽ que trouuera ateli. E atrauessando ho golphão da enseada, chegou hũa manhaã a esta ilha, que se chamaua então do betele, & agora se chama dos mortos, que como disse está oyto legoas de Diu, quasi pegada cõ a terra firme terá hũa legoa de roda pouco mais ou menos: da banda do norte tẽ hũ canal daltura de tres braças, & da bãda do sul hũs ilheos com q̃ fica estreita a passagem pera a terra firme. Da de

leste tẽ ho rio q̃ a aparta da terra firme, da doeste ho mar. E de todas he cercada de alto rochedo, & fica muyto alta sobre ho mar. E pera ser hũa das mais fortes coufas do mundo, não lhe faltaua mais que ser cercada de muro, que lhe elrey mandaua fazer, pera fazer outro Diu, receando q̃ lha tomassem: porque de nenhũa parte se podia també fazer guerra a Diu como dali, do que os gouernadores tinhão pouco cuydado. A esta ilha chegou ho gouernador hũ dia pola manhaã: & vêdo os mouros tamanha armada, temerãse q̃ os tomassem. E querendo fazer concerto com ho gouernador, auido seguro dele, foy lhe falar ho capitão da ilha: & pediolhe q̃ os deixasse ir com suas molheres, filhos & fazêdas, & que lhe deixaria a ilha. E ho gouernador não quis, se não q̃ ele sómente se fosse com suas molheres, filhos & fazêda: & que os outros se lhe auião dẽtregar, & ho capitão não quis. E isto q̃ ho gouernador fez, foy contra ho parecer de todos. E aquele dia assentou ho gouernador, q̃ ao outro dia desse na ilha manhaã clara: & a primeyra entrada fosse Deitor da silueira, que cometeria da banda do ponente onde estava a porta da fortaleza, & da banda do leuante Diogo da silueira, & da do sul Martim Afonso de melo jusarte, & Francisco de saã, & os outros capitães irião repartidos coeles. Isto assentado, foy Martim afonso de melo jusarte em anoytecẽdo por mãdado do gouernador ver ho desembarcadoyro da ilha. E achando que era bõ, tornou cõ recado ao gouernador,

dor, & depois ao seu nauio. E confesse, & encomédouse a nosso Senhor, como fazião todos os da armada. Os mouros como estauão determinados de morreré antes que se entregarem, fizeram setecentos deles os cercillos como clerigos, q̄ assi ho costumauão quando determinão de morrer: & estes se chamão boluches, gente de feyto. E ho seu capitão queymou suas molheres, filhos & fazenda: & assi ho fizeram todos os casados, por não terem embarcação pera passáré a terra firme, & a géte pobre passou a nado. E ho tesoureiro del rey de cambaya, se passou em hũa pequena jangada de madeyra com ho dinheiro que tinha. Assi que não ficou na ilha mais que a gente de peleja. que acabando de queymar as molheres, & os filhos, q̄ foy tres ou quatro horas ante manhaã, derão fogo a essa artelharia q̄ tinhão por mandado do capitão, & coela, & com espingardas começaram de tirar a algũs nauios nossos que estauão a sombra da ilha, & tão perto que ouuião os nossos aos mouros chamar lhes perros, & que ali auião de morrer. E os nossos lhe começaram també de tirar, & era ho luar tão claro que os enxergauão muyto bé, & começou se hũ aspero jogo de bombardadas, & espingardadas de hũa parte & doutra. E védo ho governador que se gastaua naquilo a poluora dos nossos de balde, não quis estar polo que se determinára no conselho de dar na ilha manhaã clara, & mādou dar logo, que foy muyto ante manhaã, pera o que mandou fazer final có as trô-

betas & charamelas: o que foy grande erro, pelo q̄ se disso seguio. Ouuido este final pela armada, embarcaráse logo todos com grande pressa hũa quinta fey-ra a dous dias de Feueyroy, dia da purificação de nossa Senhora. E comerão có seus capitães a ilha pelas partes que lhes forão assignadas, não cessando os mouros de desparar sua artelharia & espingardaria, mas não fazião nojo coela. E ytor da silueira por ter a primeira entrada, foy o que cometeo primeiro a porta da fortaleza, q̄ os mouros tinhão entulhada de pedra & terra. O q̄ os nossos não entenderão có ho açodaméto q̄ tinhão de a quebrar, & també não o enxergarão có a sombra do muro, & trabalhauão pela derribar có hũ vay & vé. E tão ádarão neste trabalho q̄ amanheceo, & étão enxergarão como a porta estaua, & disserão a Eytor da silueira que estaua ao pé da escada, q̄ ficou muyto agastado por lhe teré feridos algũs despingardadas, & ter necessidade de escada pa sobir ao muro, & mādou logo por ela. E entretanto ficou á espingardadas com os mouros, q̄ não recebião tanto nojo por estarem cubertos có ho muro, como fazião aos nossos que estauão descubertos. E isto derão hũa espingardada a Eytor da silueira na coxa da perna dereyta que lha vazou, passandolhe as escarcelas: & achouse logo tão mal q̄ ho leuarão ao batel. E chegando á escada, sobio a sua gente ao muro: & ho cótramestre do seu galeão, a q̄ não soube ho nome, não podendo sobir pela escada por a gente ser muyta, sobio pola lá-

ça q̄ leuaua ate que lâcou a mão ezquerda ao muro, & se pegou. Earrancando có adireyta a espada, deu hũa estocada a hũ mouro q̄ ho derribou: & os outros não outarão de chegar a ele polas espingardadas q̄ os nossos tirauão muy battas. E neste tēpo começarão os mouros de despejar da q̄le lugar, porque ouuião grande grita, & reuolta na ilha: & foy q̄ nesta detença q̄ os Deitor da silueira fizera em sobir, cometeo Diogo da silueira pela parte que lhe foy assignada: & foy ho primeiro capitão q̄ subio, & subirão coe le dez homēs do galeão, é que hia Martim de crasto capitão dele, Fernão de crasto, Gil de crasto, Luyscoutinho, Francisco de soufa, Payo rodrigues daraujo, Antonio de sa, Lionel de soufa, João aluarez dazeuedo: & Anrique de soufaho galego. Ea pos estes sobirão logo Diogo de melo, Fernão de lima, Lionel de lima, Jorge de lima, dom Vasco de lima Vasco pirez de saopayo, dom Manuel de meneses, dom Francisco de crasto, & outros a que nã soube ho nome, q̄ crã dez: & acharão Diogo da silueira có os outros q̄ os tinham os mouros em grande aperto por serē muytos, & eles poucos. E se estes não sobreuieram virãsem em grã de fadiga: & có sua vinda & de Martim afonso de melo: que chegou có sua gēte os fizerão afastar: & carregando sobre eles os leuarão ate juto de hũ cobelo, onde se apinhoarão bem quatro centos, & aly fizerão rosto aos nossos, pelejando brauamēte có espingardadas & frechadas: & algũs que estauão no Cobelo os ajudauam de cima cõ pedras & cantos q̄

deytauão aos nossos. E acertou hũ canto na cabeça a Diogo da silueira, q̄ foy ho primeiro q̄ chegou a elles q̄ ho derribou: & aly forão derribados outros que quise rão chegar coele. Porē Diogo da silueira & eles se eleuantarão, & era a peleja tamanha q̄ era espato. E có quanto a este tpo se tinham ajuntados muytos dos outros capitães cõ Diogo da silueira, não podião entrar os mouros, també se defendião: principalmēte depois q̄ foy ter coeles ho seu capitão cõ outros tres mouros de caualo. E de q̄doso se ajuntou coelles esforçãdoos cõ grandes alaridos. E tam bem da nossa parte se ajuntarão todos os capitães q̄ eram ja entrados cõ sua gēte, & de cada vez a peleja era mais aspera. E estãdo em peso remeteo Jorge de lima ao capitão dos mouros & ferio ho de maneyra q̄ ho matou: & cõ sua morte enfraquecerão os mouros, de que muytos erão mortos: & se forão recolhendo pera hũa mezquita, onde se meterão muytos, & outros q̄ não poderão por os nossos os apertarē, fugiram cõtras as barrocas da banda do mar, & parte dos nossos ficarão cõ Diogo da silueira pelejando cõ os que se acolherão a mezquita, parte forão seguindo os q̄ fugião caminho das barrocas, por onde se lança uam abayxo: & muytos destes forão mortos. E matãdo hũ Portugues hũ mouro, outro mouro que hia em sua companhia, vendo que nã podia escapar, virou ao Portugues pera ho ferir, & elle deu cõ a lança polos peytos & ho passou da outra parte, & ho mouro se deixou correr pola lança aly atrauesado, ate se ajuntar cõ ho Portu-

tugues & deulhe hũa cutilada cõ hũ ter-  
 çado que lhe cortou hũa coxa cercea, &  
 cairão ambos cada hũ pera seu çabo. E de  
 fte esforço, & força auia muitos antre os  
 mouros, de q̃ quãtos se acolherão a mez-  
 quita forão mortos. E acabãdo de os ma-  
 tar chegou ho governador, & achou os  
 nossos a caça cõ os mouros que fugião  
 pera as barrocas, por onde se deytauão a  
 correr: & muitos cayão com pressa, & fa-  
 ziaõse pedaços por aq̃les penedos, & os  
 outros lançauãose delles ao mar, delles se  
 metião debaixo de lapas. E os nossos q̃  
 acudião todos a esta parte por ser a pele-  
 ja acabada estauão em atalaya: & em se-  
 os do mar ou os das lapas descobrindo,  
 tirauão lhe cõ as espingardas, & assim ma-  
 tauão muytos. E porque se perdião muy-  
 tos tiros, mandou ho governador q̃ não  
 tirassem mais, & foy correr a ilha, onde  
 não achou hũ mouro, que quasi todos  
 forão mortos & çatiuos. E porisso cha-  
 marão dali por diãte a esta ilha à dos mor-  
 tos. E dos nossos morrerão dõ Francisco  
 dabranches, Ioão aluarez dazeucedo, &  
 outros fidalgos & homẽs conhecidos, q̃  
 erão por todos dezasete. E forão feridos  
 cento & vinte, de que despoys morrerão  
 algũs. E posto que a victoria foy grande  
 custou muyto caro, & deu may sperda  
 que proueyto, porque não auia nhũa ne-  
 cessidade de matar então aquelles mou-  
 ros, & muyto grande de poupar os nos-  
 sos pera tamanho feito como ho de diu.

## CAPIT. XXXII.

De como ho governador chegou a Diu, &  
 como soube que Rumeçãõ estaua dentro  
 com rumes & artelharias.

Mortos & çatiuos todos os mou-  
 ros que auia na ilha & destruida  
 & queymada a fortaleza que se começa-  
 ua, & recolhida sua artelharia, recolheo  
 se ho governador a frota com todos  
 os nossos, em que se logo começou den-  
 xergar algũ desmayo pelo dano que re-  
 ceberão na destruyção da ilha: alsí dos  
 mortos que eram pessoas principaes, co-  
 mo dos feridos, de quem muytos ho eram,  
 & auiam de fazer grãde mingoa no fey-  
 to de Diu, alsí como Eytor da silueyra  
 que de cada vez se achaua peor: & era hũ  
 dos esforçados capitães da armada & de  
 bõ conselho, & cle foy hum dos que ho  
 deu que não se tomasse a ilha antes de  
 Diu. E recolhido ho governador dey-  
 xou se ali estar oytõ dias esperando polo  
 judeu, ou polo motiro que tinha em Diu  
 por espias, que leuassem auiso de como es-  
 taua, o que não pode ser, porq̃ seys dias  
 antes que chegasse à ilha dos mortos, po-  
 las detenças que fez, chegou Mustafa, q̃  
 depoy se chamou Rumeçãõ, que muer-  
 nando no estreyto (como disse a tras) se  
 partio pera a India com determinaçãõ de  
 ir morar a Cambaya, & viuer cõ lerey  
 que se seguiria dele polas guerras q̃ tinha.  
 E coeste fundamento se foy diante Co-  
 jefosar com ho dinheiro q̃ tinha do Tur-  
 co, q̃ erão trezentos mil cruzados: & foy  
 desembarcar a Diu. E despoys chegou  
 Rumeçãõ em hũ galeão, & com a outra  
 frota em que leuaua suas molheres, & se-  
 yscentos rumes, & tres basaliscos de me-  
 tal, cada hũ de trinta & dous palmos, que  
 erão muy fermosas peças: & alsí outras  
 miudas, & mil & trezẽtos Arabios. E cõ

D toda

toda esta gente foy ter a Diu, onde foy muy bé recebido de Melique toçao, que estava muy to medroso da grande armada que sabia que ho governador leuaua. E polo que ho judeu, & ho mouro lhe tinham dito estava determinado de dar fortaleza ao governador. E Rumeção q̄ ho entendo ho prouocou a q̄ ho não fi zesse, poçdolhe diante quam forte estava Diu, assi de gente (porque auia nele treze mil homés de peleja) como darte lharia: porq̄ os baluartes, assi da fortaleza como da vila dos Rumes estavam muy bem bastecidos dela. E a cadea que atrauessãua ho porto, que fazia muy grande impedimento nacutiada & dentro dela seteta & tres fustas, que era hũa grossa armada: & estava tam forte que podia pelejar com todo ho mũdo & defenderse: quanto mais dos Portugueses que não auião de ser tantos: pelo que lhe feria cousa vergonhosa & de grãde vituperio & desonra fazer nenhũ partido com ho governador quãto mais dari lhe fortaleza, que pois lhe parecia que os nossos leuauão tamanho poder q̄ despeja se a cidade da fazenda & da gente q̄ não era pera pelejar, & ficasse a de peleja & a defendesse coela. E se os Portugueses podessem mais & os entrassem, q̄ estarião despejados pera se salvar. E se os não entrassem que tornarião a recolher o q̄ teuessem fora, & ficarião descansados. E isto pareceo bê a Melique toçao, & assi se fez. E mais mandou que sopena de morte não se fuisse nenhũ dos mercadores estrangeyros que nela estavam, porq̄ estes pelo q̄ lhe compria ajudarião a defender a cidade, & mais não darião nenhũ auiso ao governa

dor do que determinauão de fazer. E por isto nem ho judeu nem ho mouro não poderam sayr da cidade & dar auiso ao governador, que se andara mais de pressa & chegara antes de Rumeção, fizera muyto seruiço a Deos & a el Rey, & ganhara grande honra em se lhes dar fortaleza em Diu, que era a mais forte cousa que auia na India, & de quemouros & Rumes fazião todo seu fundamento, pera dali detarem os nossos fora dela. E vendo ho governador q̄ lhe tardaua ho recado q̄ elpe raua não quis mais esperar, & patiosse pera Diu, onde chegou hũ domingo á tarde ouze de Feureiro, & furgio ao mar quasi hũa legoa da cidade: sabendo já a vinda de Rumeção por lingua q̄ tomou Antonio correa. E certo que fez espanto na cidade hũa armada tamanha & tam poderosa como a nossa parecia. E se Rumeção não estuera dentro, Melique rogara com fortaleza ao governador, & q̄ ho não destruisse. E ainda Rumeção teue que fazer em lho estoruar: ate dizer lhe q̄ se fuisse da cidade, & que ele a defenderia com a gente que trouuera, & cõ os merdores. E ele tinha mandado minar todas as ruas da cidade, & encher as minas de poluora pa lhes dar fogo, se os nossos entrassem. E mandou lhes tirar cõ os feustiros, principalmente á capitaina, q̄ ate noi te não fizerão outra cousa. E cairã tres pelouros ta perto dela q̄ o governador mandou alargar as amarras pa ficar mais loge que lhe não fizessem os pelouros nojo. E nũca quis mandar tirar a cidade, esperando ainda por recado das suas elpias, pera determinar o que auia de fazer.

## CAPIT. XXXIIL.

De como ho governador deu bateria a Diu,  
& do que lhe aconteceo.

A outro dia em saindo ho sol appareço muyta gēte polos muros & baluartes da cidade, vestidos de cabayas de graá que se vião muyto bē, & logo os baliscos dos rumes começarão de disparar & tirauão pelouros de metal: & de ferro coado de peso do ytēta arratēs, segūdo se vio por algũs q̄ cairã em nauios nosos, q̄ nam fizerão nojo. E vendo ho governador isto & que não vinha nenhũa das suas espias desesperou de virē, & determinãdo de dār bateria à cidade por mār mandou a Antonio correa que che gassē até a cadea q̄ çarraua ho porto pera descobrir a artelharia q̄ auia nos baluartes, & se estaua algũa armada no porto, & Antonio correa foy costeãdo a ilha cosido cō terra, polo não pescar a artelharia, assidos baluartes da cidade como do da vila dos rumes, que chouia sobre eles pelouros, & assi ho galeão dos rumes q̄ estaua de fora da cadea, & as fustas q̄ estauão de dentro, ho q̄ tudo muy bem visto por ele setornou ao governador q̄ estaua no galeão são Dinis cō Eytora da silueyra, q̄ se finou aq̄le dia da espingardada q̄ lhe derão na ilha dos mortos. E sua morte fez grande espanto na gente comū por ele ser dos principaes capitães da armada & bem quisto, & sabendo ho governador por Antonio correa como a cidade estaua forte pola banda do mār, mãoulhe que fosse saber sua disposição da banda da terra, & sabida lhe tornou a dizer que daq̄la parte não tinha artelharia & que estaua fraca porq̄ a

mayor fortaleza q̄ tinha era hũa caua baixa a q̄ logo se podia atupir, & q̄ do desembarcadoyro à cidade seria perto de hũa legoa, & q̄ daquela parte lhe parecia q̄ aueria pouco em atomar, o que não podia ser por ho governador nã hir aparelhado pera dar bateria por terra. E então vio ho er q̄ fizera ē se deter tãto no caminho, & em fazer tamanho gasto como fez em fazer aq̄la armada pera ir a Diu sem saber muito bem sua disposição, & que gente lhe era necessaria pera ho tomar. E neste dia senão fez mais, & ao outro pola menhaã se ajuntarão no seu galeão os capitães da armada aque disse ho auiso que esperaua da cidade, & a fortaleza que tinha da bāda do mār & da terra, propondo per qual seria melhor darem lhe bateria, & foy determinado que posto que a bateria não se podia dar bem por mār por amor do arfar dos nauios, q̄ pois ali estauão que se desse do mār, porq̄ da terra não podia ser, por a distancia que auia do desembarcadoyro à cidade ser grãde pera se levar a artelharia por terra. E posto q̄ se podera levar não a uiã tanta gente que podesse ficar na frota pera pelejar cō a armada dos imigos se lhe faise, & podesse jr à bateria pera goardar a artelharia com q̄ se desse: & os imigos erã tanta gente que se podião repartir a pelejar no mār & defender a terra, & por isso cra ho mais seguro dar a bateria por mār, & trabalhar por q̄brar a cadea q̄ çarraua ho porto, & entrar dentro & tomar a armada dos mouros ou ganhar ho baluarte do mār ou ho da barra: por que cō qualq̄r destas cousas se alarião os mouros pera darem fortaleza. E logo ali se af-



sentou que dom Vasco de lima, Jorge de lima, & Tristão homé cada hum em seu batel de mantas que leuaua cada hum seu tiro chamado lião surgisem da lagea pera dentro: & dessem bateria ao baluarte do mar. E que os ajudassem Iurdão de freytas hum fidalgo da ilha da madeyra, & Antonio de sa de Santarem, capitães de duas albetocas que leuaua cada hũa hũ espalhafato: & ao baluarte de Diogo lopez bateria Manuel dalbuquerque com a sua galeaça que tiraua hũ baselisco por proa, & auião da judar quatro capitães de quatro galeotas, que tirauão quatro tiros grossos. E os capitães forão Nuno fernan dez freire, Fernão de lima, Manuel de val concelos, & Vasco da cunha: ho baluarte da terra auia de bater Francisco de sa capitão da galé bastarda com hum baselisco que tiraua ferro coado de peso de setenta arrateés: & auião do dacôpanhar quatro galés que tirauão tiros grossos: & Antonio da silueyra com ho resto das galés: & fustalha de que era capitão mór, auia de estar de sobre salente pera acodir se fosse necessário, & entrar por qualquer portal que os da bateria fizessẽ no baluarte do mar. E a outra armada dos galeões & nauios grossos auia de estar afastado obra de hũa legoa de terra, porque lhe não chegasse artilharia dos mouros. Isto assentado forão desemmaasteados os nauos da bateria, & fortalecidos de fortes & largas arrôbadas: & aquela tarde os começaram de rebocar algũs catures com quem andauão ho governador & Antonio de salda nha: & nisto forão as bôbardadas da cidade tantas, principalmente dos baluartes

que auião de ser batidos, que os que rebocauão Francisco de sa ho deyxarão longe donde auia de estar, porem Manuel dalbuquerque foy leuado ao posto donde auia de bater. E por Francisco de sa ficar longe donde auia de estar não se deu ao outro cia a bateria como estaua assentado, mas ouue hum brauo jogo de bombardadas dâbas as partes. E na madrugada seguinte quis ho governador mandar rebocar Francisco de sa, & deuenisso tam má ordem: & assi por a corrente da goa ser muy tesa, que amanheceo primeiro que ho possessem no posto, então forão as bombardadas tam bastas que os mouros tirauão que não as podendo os capitães dos catures soffrer deyxarão Francisco de sa mealegoa donde auia de estar, que foy grande desincho: & ho governador da gasta do de ver quanto estoruo auia pera Francisco de sa chegar onde auia de estar, mandou que todavia se desse a bateria, que se começou ás noue horas do dia, & foy coufa espantosa as bombardadas que desparauã dhũa parte & doutra, & a grossa fumaça que se leuantaua dambas as partes que escurecia ho ceo & a terra. E em a bateria começado ex que abalão ostres bateis de mantas atoados a tres catures, de que erão capitães, Gonçalo vaz coutinho fidalgo, Frâncisco de Barros & outro. E parecia coufa de carnio ver tres bateys que parecião tres cascas de nozes, irem cometer tres baluartes que estauão das mais medonhas cousas do mundo, com os muytos pelotiros que deytauão, com que parecia que ardião em fogo: & assi lhes tirauão as fustas que estauão de dentro da cadeia, & ou

trás dantre ho baluarte da terra & a vila dos Rumes. E a dozentos passos do baluarte do mar como os pelouros choutiao matarão dez remeiros no catur de Gonçalo vaz coutinho, que rebocaua ho batel de dom Vasco de lima: & ho arrombarão de modo que não pode passar auante: & alargando ho cabo com que leuaua a rodo ho batel ho deyxou. Mas logo acedio outro catur que ho rebocou: & vendo lorge de lima como Gonçalo vaz alargara ho batela dô Vasco, temose q Fernão de Barros lhe alargasse ho seu, pelo q lhe bra dou que ho não fizesse se não q o meteria no fundo. E como ele era esforçado não ho fez por mais q as bombardadas forão, cõ que lhe matarão dous Portugueses & sete remeiros: & foy ho poer a quarenta passos do baluarte, q deste espaço se auia de dar a bateria. E ainda ali não alargou o cabo atelhe lorge de lima não bradar duas vezes que ho alargasse: & neste espaço forão postos os outros bateis: & ficou ho de dom Vasco da banda do mesmo baluarte. E ho de Tristão homê da vila dos Rumes: & ho de lorge de lima no meo. E todos tres começarã de ho bater com seus tiros que de ytauão pelouro de ferro de peso de quarenta arratés: & tendo ho aberto lorge de lima com tres tiros que lhe tirou, arrebtou a bomba no reparo ao derradeyro, & não pode mays tirar, que seisso não fora ele. & os outros fizeram portal por onde se podera entrar. E com tudo lorge de lima ho mandaua cõcertar: pera ver se poderia fazer obra: & nisto lhederão tres tiros ao lume dagoa com que lhe arrombarão ho batel, & lhe

matarão cinco Portugueses: & pera não se alagar mandou lançar ho tiro a hũa bãda. E neste instate estando dom Vasco em pé no seu batel lhe leuou hum pelouro dos inimigos a cabeça com parte dos hombros, respondêdo ele ao seu condestabre (que lhe dizia que se abaixasse) que não auamedo a pelouros. E assi como aconteceo a estes bateis assi aconteceo aos outros nauios da bateria que lhes não valerão arrombadas nem fortaleza pera refiztirem às brauas curradas de pelouros que lhes dauão os inimigos em roda viua: & a todos arrombarão, & meterão muytos dentro, com que lhes matarão assaz de gente, principalmente a Manuel dalbuquerque que estaua mais pé todo baluarte que tinha a cargo. E os mouros tambem receberam algum dano, porque polas amcas dhum pano do muro entrou hũ pelouro nosso que acertou de dar em hum cayxão de poluora que estaua junto de hum tiro: & acendeose ho fogo na poluora. E quey mou muytos dos inimigos, & eu viho fumo: & assi outros tiros perdidos lhes fizeram tambem muyto dano & muyto mais lho ouerã de fazer se os nossos tiros grossos não arrebtarão todos sem ficar nenhum. E disse que por lhe deitarem carga dobrada da q leuauão: & que ho má dou assi ho governador, por lhe parecer que farião mayor passada, & por isso se esquentarão muyto mays do que se esquestarão cõ a carga propria. E arrebtarão sem lhes valer a muyta diligencia que os nossos poserão em os resfriar com vinagre. E estando assi a cousa que passaria de dez oras, que tão durou a bateria sem

os tiros arrebentarem, soube ho gonerador como os tiros erão arrebentados, & que não fazião nada, & por illõ mandou afastar elles nauios pequenos: & os grandes por ho não poderem fazer logo, ficão rão ate a tarde.

## CAPIT. XXXIII.

De como ho governador se partio do porto de Diu.

**E** Em se os nauios afastando derão os mouros grandes gritas, assi de prazer, como por fazerem escarnio dos Portugueses, & mostrarãse muytos polos muros & baluartes, disparando sua espingadaria: & nisto & em tirar a artilharia despenderão ate a tarde, que se os nauios grossos acabarão dafastar. Ho governador dafastado & descontente não se quis tornar ao seu galeão, & foise a taforea de Antonio saldaña, & hi teue conselho se daria outra bateria, & foylhe cõselhado que não, porque ainda que não teuera arrebentados os tiros grossos como ostinha não podia fazer nojo á cidade, pola muyta & muy grossa artilharia que tinha, cõ que lhe fariã de cada vez mayds dãno. E q̃ a cidade tam forte como aquela estauã não se podia dar bateria por mar pera lhe fazerem dãno, se não por terra detras de mantas & repairos. E que se deuia detornuar, & deixar aquele feito pera outro tempo em que se podesse milhor fazer. E estãdo nisto supitãmete desparrão as fustas dos inimigos a sua artilharia, & assi os baluartes & muros, & isto por se tejerãem ho prazer que tinhão da victoria. E ouindo os Portugueses aquelle supito, cuydão rão que as fustas sahião a pelear coeles.

E como os nauios da bateria estauão desparelhados, & eles assombrados da resistencia passãda, aluorocão se muyto com medo: & foy muyto grande rebate por todo a nossa armada. E se as fustas sayrão os nauios desparelhados correrão riscõde serem tomados, mas não sayrão porque não tinhã os inimigos esã oufãdia: & cuydão que tinhão feito assãz em se defender: & alli foy, porque se os nossos tiros não arrebentão tam asinha eles fizẽo portãl por onde os Portugueses entrão: ou quebrão a cadea, & afezão cõ as fustas: & com qualquer destas a cidade se tomara. E porque os nauios da bateria estauão desparelhados, & era necessãrio aparelhare se foy forçado ao governador deter se ali a festa feyta seguinte, & sabado, & domingo: & segũda feyta se partio pera a ilha dos mórtoes. E os mouros q̃ ho virão ir ficão liutes do grande medo que tinhão de os entrarem: & Mustafa muyto soberbo por fazer que não se desse Diu ao governador. E alũtho fez certo a el Rey de Cambaya, pera quem se logo foy, a que contõu ho que passãua, & lhe fez seruiço da artilharia que trõutiera. E por tudo isto lhe fez el rey grãndes honrras & merces, assi de renda como de nome de cão, que antre les he muyto estimãdo. E daliã diãte se chã mou Rumeção: & era dos mayds honrrados capitães del Rey de Cambaya, & mais seu priuado, & de que ele fazia mayor conta, do q̃ Melique tocã ficõ muyto magoado: & secretamente inigo de rumeção, & cecõso que el rey lhe desse a capitãnia de Diu.

## CAPIT. XXXV

¶ Do que ho governador fez despoys de se yr de Diu.

**C**Hegado ho governador á ilha dos mortos, teue ali côselho com todos os capitães & fidalgos da armada, que por quanto os moutos de Diu auião de ficar muyto soberbos por ho governador os não poder tomar, & auião de cuidar que não podia nada, era necessario pera q̄ de todonão perdesse ho credito ficar na costa de Cambaya hũa grossa armada que destruisse os mays doslugares que podesse, principalmente Baçaim em que el Rey de Cambaya começaua de fazer outro Diu. E começasse na cidade de Goga que he dentro na enseada deza sete legoas da ilhadós mortos: & coisto se reftauraria em parteho reués que os Portugueses receberam em Diu. E assentado dese fazer alli, conuidouse Antonio de saldanha pera ficar por capitão mór desta armada: & ho governador lho concedeo por ser pessoa de merecimento, & por ter feyto muyto seruiço na India a el rey de Portugal: & deu lhe a galé bastarda em que ficasse & oyto galésoutras com quarenta fustas: & bargantins em que ficariao passante de mil Portugueses todos gente escolhida, & com a outra armada se foy ho governador a Chaul, cuja capitania por estar vaga deu a Diogo da silueyra seu cunhado. E de Chaul se foy ho governador a Goa, dõde mandou ao estreyto adom Antonio da silueyra por capitão mór de hũa armada & deu lhe a ga leça em que foy: & os outros capitães a fora ele forão Martim de crasto, lorgede

lima, Anrique de maçedo, Antonio de lemos, Ioão rodriguez paez, todos em galécões. E deu lhe por regimento que fosse ver Adem a saber del rey se tinha necessidade de sua ajuda: & tendo a lha desle. E arrecadaffe as pareas que deuia. E ho governador ficou em Goa onde auia de ter ho inuerno. E porque pola ida de Afonso mexia, que se fora pera Portugal aquele anno ele ficaua por vedor da fazenda até el Rey prouer, ho quelhe era pejo por a grande occupação que tinha na governação da India. Por se descarregar dos negocios da fazenda fez ouuidor dos feytos de la ao licençia do Lopo fernandez de castanheda que ateli se uira douuidor geral da India na vagante do licençiado Ioão do foyro: & auiao deser dali por diante ho doutor Antonio de macedo, que vinha prouido por el Rey deste officio.

## CAPIT. XXXVI

¶ Decomo Antonio de saldanha destruyo a cidade de Goga, & do mays que fez na costa de Cambaya:

**A**Ntonio de saldanha que ficaua na costa de Cambaya com a armada que disse, partido ho governador pera Chaul, partio se pera a cidade de Goga q̄ he na enseada como disse, situada na boca de hum steyro rasa sem nenhũa fortaleza, pouoado de mouros mercadores, q̄ ouuindo como a nossa armada hia despejarão ho mays que poderão. E neste tempo acertou destar ali hũa armada de Malabares de Calicut de vinte cinco paraos carregados de pimenta que leuauão a vender. E estes sabendo a vindade Antonio de saldanha, & não tendo outro re

D iij medio

medio vararão os paraos polo esteyro açima obra de hũa legoa da cidade: se poferrão em renque jutos hũs dos outros, com seus tiros dartelharia nas proas: & os lemes atraueifados nelas pera mays fortaleza: & a gente detras com mostra de se defender, postoq̃ algũa se foy pa a cidade a ajudar algũs mouros que nela ficarão por que os mays crão acolhidos com medo dos Portugueses que chegarão à cidade hum dia pola menhaã, & logo desembarcarão: & diante de todos Fernão rodriguez barba, que leuaua a primeyra entrada. E por derradeyro Antonio de saldanha, E como a gente que estaua na cidade era pouca defendeose pouco, q̃ logo fugirão ficando algũs mortos afsi guzarates como malabares: & entrada a cidade foy saqueada. E porque Antonio de saldanha sabia que a armada dos malabares estaua pelo esteyro açima, determinou de a hir destruyr. E partio pera lá despoys de comer, & foy por terra feytos tres escoadroes de sua gẽte. A capitania do dianteyro que seria de dozentos homẽs deu a Fernão rodriguez barba. E a do segundo q̃ seria de trezentos deu a Francisco de vasconcelos. E ho terceyro deyxou pera si que seria de quinhentos homẽs. E indo nesta ordem chegou a hũa grãde varzia, por ondena bordado esteyro estaua varada a armada dos malabares, que como os Portugueses forão deles a tiro de bombardas, lhes começaram de tirar com artelharia que jugaua muyto a miude: mas nem por isso deyxarão eles de passar auante. E rompendo por antre aquela multidão de pelouros inuestirão cõ os paraos,

& os mouros como virão a cõcrusão, & que os Portugueses querião pelejar coeles sem nenhũ medo, ouuerão lho tamanho que fugirão: & deyxarão os paraos, sem morrer nenhum Portugues, que acabando os immigos de fugir começaram logo dapanhar essa pimenta que eles tinham. E temendo Antonio de saldanha q̃ se carregassem muyto: & que tornassem os immigos sobreles & não se podessem defender como muytas vezes se faz, mandou dar fogo aos paraos. E arderão todos com quanta pimenta tinham, do que os soldados ficarão muito magoados, porque perderão alimuyto: & ficarão assaz de descontentes de Antonio de saldanha, que despoys que os paraos arderão se tornou a cidade, onde mandou queymar cinco naos que estauão varadas, & sem a sua gente fazer ali nehuã presa se tornou a embarcar. E dalise passou a outra banda da enseada, & entrou em cutrate & Reynel que achou despejados. E hi tomou oytto paraos Malabares que achou varados. E feyto isto se partio pera Chaul sem querer hir dar em Baçaim, como lho gouernador mandara, & a causa foy porque ho escorreo de noyte, & por não tornar a tras, & mays porque soube que estaua muyto forte. E chegando a Chaul deyxou quasi toda a armada a Diogo da silueyra, que afsi ho mandara ho gouernador, pera fazer guerra à costa de Cambaya, & tolher que não fosse dela mantimentos a Diu nem madeyra, porque desta maneyra lhe daria tanta guerra que com aperto se desse. E deyxando a armada em Chaul se foy na galé bastarda a

Goa, & deu conta a governador do que fizera.

## CAPIT. XXXVII.

De como Iorge de lima socedeo na capitania a dom Antonio da silueyra.

Dom Antonio da silueyra que foy ao cabo de goardafum por capitão mór da armada chegado a parajem em que auia desperar as naos de presa, repartio sua armada no modo que auia de star: & andarão asy ate quasi a fim Da bril sem passarem nenhũas naos de presa, & por se chegar ho inuerno partio se pera Adem. E no caminho soube que el rey se leuantara contra os Portugueses, & marara quantos la deyxara Eytord a silueyra, & outros que despoys forão commercadorias, em que tomou bem oyteta mil pardaos. E affirmouse q̃ a causa desta treyção del Rey Adem foy cobiça de hũa nao carregada de pimenta que hũs Portugueses la leuarão que ele mandou tomar, & despoys tomou ho mays que digo, & com tudo dó Antonio chegou a Adê. E chegando fugirão do porto certas naos que hi estauão, & a eletirãõ lhe as bombardadas: & vendo dom Antonio que não podia fazer nada por quam pequena armada leuaua, partio se pera Ormuz onde auia de inuernar & hi faleceo: & por seu falecimento foy emlegido por capitão mór da quella armada, Iorge de lima. E cle deu a capitania do seu nauio a dom Ioão lobo, & em Agosto se partio Iorge delima pera a India. E no caminho tomou dous nauios de mouros: & no dinheyro que se fez na carga q̃ leuauão vicirão ael Rey cincoenta mil pardaos pagas as partes.

## CAPIT. XXXVIII.

De como Gonçalo pereyra fez amizade com el Rey de Tidore:

Partido dom Iorge de meneses de Ternate, entendeo Gonçalo pereyra em acabar a fortaleza que ainda estaua da maneyra q̃ Antonio de britto a deyxara: que nenhũ destes capitães se lebrou de acabar aq̃la obra. E como Gõçalo pereyra pa isso tinha necessidade de madeyra, & outras coufas que auia nailha de Tidore mãdou pedir tudo ao rey dela por ser amigo dos Portugueses, & mandou a isso Luys dandrade, por quem lhe mãdou hum presente de sedas, & outras coufas de preço. E Luys dandrade hia com nome de embaxador, & asy leuaua ho aparato, com que desembarcou em Tidore. E sabendo el Rey quem ele era: & os carregos que tinha lhe mandou fazer solene recebimento: & os seus principais mandarins com muyta gente ho forão esperar ao mar: & em desembarcando ho tomarão antre si, & ho leuarão aos paços del Rey per de bayxo de hũa ramada de ramos verdes q̃ duraua do mar ate os paços: & ho chão cuberto de flores: & cruas cheyrosas, & entrados nos paços acharão el Rey e hũa varanda terrea aparamentada de finos panos deras, de figuras, & de verdura: que lhe derão os Castelhanos. E el rey seria de xvij. annos, & era aluo & gẽtil homẽ: esta ua vestido muy ricamẽte, & tinha grãde magestade & estado, estaua acõpanhado de seus jrmãos, & de muytos mandarins. E como se criara cõ os Castelhanos sabia bem a sua lingua: & Bizcainha, & Portuguesa: & prezaua se muyto de as falar. E quando Luys dandrade chegou diante dele

fez

fez lhe muyta honrra: & falou lhe Portugues. E Luys dandrade lhe apresentou ho presente que lhe leuaua com que mostrou, que folgaua muyto, principalmente com hũa elpingarda: & despoys lhe preguntou miudamente por el Rey de Portugal: & polo Emperador, & por suas cortes, & despoys polo gouernador da India. E por Gonçalo pereyra, a quem respondeo que madeyra: & quanto lhe fosse necessario de sua terra tudo lhe daria, & lho mandaria: & assi ho fez. E ficando muyto amigo de Gonçalo pereyra, a que tambem mandou hum presente, tornou se Luys dandrade pera Ternate. E no caminho se ouuera de perder com hũa toruoadá que lhe deu: & despoys disto por Cachil humar Sangaje da cidade de Maquiem estar leuantado por amor das pareas que lhe posera dom Jorge, & não querer dar obediencia a Gonçalo pereyra mandou contrelle Vicente dafonseca com hũa armada, & Cachilato com outra, ho que sabido por Cachil humar fugio pera el Rey de Geylolo, & foy lhe tomada sua terra. E despoys por rogo del Rey de Geylolo: & de Fernão dela torre lhe restituyo Gonçalo pereyra seu estado, do que el Rey de Geylolo & Fernão dela torre ficarão seus amigos, & se visitarão dali por diante por seus meseyros.

## CAPIT. XXXIX

De como a Raynha de Ternate determinou de matar Gonçalo pereyra.

**N**este tempo executaua Gonçalo pereyra a prematica do crauo quanto

podia, apertando muito que se goardasse do que os Portugueses andauão muy escandalizados polo muyto que nullo perdião: & dizião antre si que se deuião de ir pera os mouros ou pera os Castelhanos, & deyxar sôs Gonçalo pereyra: & Luys dandrade, pera ver se defendião a fortaleza. E os que isto sintião mays, & dauão causa a se os outros aluroçarem erão ho vigairo da fortaleza que auia nome Fernão lopez: & Afonso pirez, Vicente dafonseca, Baltesar veloso: & Manuel pinto, que como sabião a lingua da terra, & tinhão amizade com a Raynha & com muytos mouros que tambem recebião perda nesta prematica do crauo, prouo cauamnos a parecer lhes mal: & a escandalizarense de Gonçalo pereyra, a que determinarão de tirar a capitania & fazerem outro capitão que lhes alargasse ho crauo, & cometerão pera isso Bras pereyra que sabião que estaua mal com Gonçalo pereyra: & por ho não querer acceytar assentarão de fazerem capitão Vicente dafonseca, que naquele tempo inuriou de palauraa sobrerolda da fortaleza pordizer da parte de Gonçalo pereyra aos que estauão em sua casa que fossem vigiar a fortaleza porque não querião ir á vigia. E reprimendo Gonçalo pereyra disto a Vicente dafonseca, ele se agastou tanto que lhe disse algũas descortelias. E como Gonçalo pereyra desejava de ho castigar por saber que era trauesso: & reuoltoso prendeo ho na fortaleza em ferros cõ aquele acha que ho q̄ sabido polos outros cõjurados pedirão logo a Gonçalo pereyra com grande instancia que ho soltasse

raste & ele não quis, dizendo q ho auia de ter preso pera na moução ho mandar á india com outros reuoltos q auia na fortaleza: do que eles ficarão muyto cortados por lhes parecer que entravao naquele conto: & não quizerão mays falar lhe na soltura de Vicente dafonseca: & determinarão de ho matar antes da moução & antes que Hanibal cernige seu cunhado chegasse de banda. E trabalharão de a querer de sua parte a Raynha, & Cachilato: & os mays dos mandarins, & tantas cousas & males lhes disserão de Gonçalo pereira: & que não auia de dar el rey. E tanto lhe meterão em cabeça que não desejava se não destruiros, & que assi ho auia de fazer se lhe não atalhassem com a morte, que eles ho creião: & menos abastar pera ho serem por serem desconfiados: & inimigos dos christãos. E a fora este odio natural teuerão outro a Gonçalo pereira polo que dele ouuirão. E pera saberem se era assi como eles dizião mandoulhe a Raynha pedir seu filho muyto apertadamente, dizendo que lhe lembrasse quantos dias auia que lhe jurava de lho dar & que ho nam cõpria, que se espantava muyto de não comprir ho que jurara em sua ley. E como ele desejava da cabar hum baluarte da fortaleza em que andava com grãde pressa, & a entrega del Rey ho auia destoruar: & tambem não ho querer entregar até a fortaleza não ser de todo çarrada, porque os da terra ho ajudassem como ajudauão, respõdeo á Raynha que ele desejava tanto de a servir: & fazerlhe a vontade que

sem juramento lhe entregara seu filho quanto mays jurandolho. E pola occupação em que andava de que não se queria estoruar não compria coela, pedindolhe muyto que lhe desse licença pera isso: & que ho ajudasse com mays gente pera acabar a sinta obra: porque quanto mays a sinta cabasse, tanto mays a sinta lhe daria seu filho & faria todo ho mays que lhe mandasse porque pera isso desejava de ter descanso. Porem a Raynha não foy contente daquela resposta: porque lhe pareceo escusa pera lhe não dar seu filho: & teue por verdade, ho que lhe os Portugueses dizião de Gonçalo pereira, pelo que determinou de ho matar & tomara a fortaleza, & despois matar todos os Portugueses. E o que lhe deu atreuimento pera isso foy conhecer ho odio que os principaes & mays antigos Portugueses tinhão ao capitão, & que folgarião de ho ver morto: & por esta causa tinha pera fazer aquilo ho melhor tempo que podia ser. E mays por el Rey estar na fortaleza: & coele seus irmãos, & algũs filhos dos mandarins: & hia ho gouernador visitalo muytas vezes. E quasi q nunca de lá sayão mandariis mancebos que hião folgar coele, a quem polos terem muyto em costume não buscavao se leuauão armas, pelo que as podião levar secretas: & quando não leuarlhas hião os que leuauão de comer a el Rey, nas canas em que leuauão ho vinho: & a agoa. E nisto se acabou de determinar, com conselho dos seus mandarins com que ho logo praticou.



## CAPIT. XL.

De como foy morto Gonçalo pereira.  
E os moaros que ho matarão.



Sto determinado a raynha por dissimular com Gonçalo pereira se mostrou muyto satisfeita com a sua resposta, & mandoulha muyto agradecer. E pera mais dissimulação mādoulhe muyta gente que ho ajudasse a fazer a fortaleza, por que quanto acabasse mais cedo mais a rainha lhe daria seu filho: do que Gonçalo pereira ficou muyto ledo, & andaua muyto contente, fazendo continuamente trabalhar na fortaleza. E neste tempo Cachil Catabrum governador de Geylolo, que era metido na treyção que a Raynha de Ternate auia de fazer a Gonçalo pereira, vendo que tardaua de se executar, receou se que se rompesse, & que Gonçalo pereira lhe ficasse por inimigo. E determinando delho descobrir, temia també que ho não foubesse ainda: & descobrindose q̄ Gonçalo pereira ho soubera porele q̄ a Raynha & os de seu côselho ficariã seus inimigos. E pera não perder nisto nada quis apalpar o que Gonçalo pereira sabia daquela treyção. Mandando a hum Mandarim em q̄ confiava muyto que lhe fosse dizer em segredo como de si mesmo, queolhasse como estava, porque os Mandarins de Ternate fazião muytos conselhos, & segundo lhe parecia erã cõtra sua vida, & contra aquela fortaleza. E isto pera que assi como Gonçalo pereira tomasse aquilo, assi saberia se lhe descobriria a treyção, ou se calaria. E Gonçalo pereira como es-

taua muyto crente na amizade da Raynha & des do seu conselho, & pouco cautelado da maldade des Portugueses seus inimigos: pareceolhe quando lhe ho Mādarim disse o que lhe Cachil catabrum mandeu que lhe dissesse, que era mexirico, & que procedia denujea de os Ternates ho ajudarem também a fazer a fortaleza. Respondeolhe que ja era velho, & não tinha necessidade de conselho. Ho Mandarim quando vio quão descuydado Gonçalo pereira estava da treyção, temcofe que ho descobrisse aos Ternates, que ho matarião por isso, & acolheote pera Geilolo, onde contou a Cachil catabrum o que achara, do que ele ficou assegurado da sospeita que tinha. E a fora este auiso em que Gonçalo pereira não atentou, disseranlhe algũs Portugueses que os mouros que ajudauão na fortaleza andauão mays ledos que dantes, & que dauão muytos saltos, & fazião geitos como fazião quando andauão na guerra, E que os tomauão pelas mãos, & pegauão neles dizendo carachel mandí, que em sua lingua quer dizer homé valente & esforçado: & que lhe parecia aquilo si val deterem ordenada algũa treyção. E nem por isto atentou Gonçalo pereira. E sendo ja chegado ho dia em que os mouros tinhão entre si determinado de ho matar, que foy aos dez & sete de Mayo, vespera de Penthecoste, ordenarão como auia de ser. E deitando sortes sobre quem seria o que matasse Gonçalo pereira, cahio a sorte sobre hum primo de Cachil daroes, que auia nome Cachil

cabalou ainda mancebo, & sobre outros dez da sua idade que ho auião dajudar. E pera que os Portugueses não sospeitassem dele nada, auião de jr com Cachilato que era feitura de Gonçalo pereira: & que lhe hia falar a qualquer hora, por ter coele estreita amizade. E poseraõ logo aquele dia pola menhaã muyta gente em tres ciladas, hũa ao derredor da pouoação dos Portugueses em matos tam cerrados que a cercão, que nunca ali ningué vay, & porisso não podião ser vistos. E a segunda estava por effascafada cidade, & a terceira na mizquita, que estava pegada com a fortaleza. E os mouros desta em vendo hũ certo sinal que fizessẽ na fortaleza os que matassẽ Gonçalo pereira auião de sayr, & entrar nela pela bãda do mar, por onde ho muro ainda estava baixo: & auião de repicar ho sino da vigia pera que acodissẽ os Portugueses que estuessẽ fora: & em sayndo auião de sayr os mouros das duas ciladas a dar lhes nas costas, & matalos a todos. E este dia andarão os mouros tam contentes pelo que esperauão de fazer, que vindo ho meyo dia em que hião comer & tomar folga, dizião a Gonçalo pereira que fosse comer & repoufar, & que eles trabalhariaõ ate noite. E assi lhe disserão algũs Portugueses que lhe pareciaõ muyto mal aquelles offrecimentos dos mouros, mas nem aquilo ho pode espertar. E mandou aos mouros q̄ fossẽ comer & repoufar ate as tres horas que passaua a calma, & então tornariaõ como costumauão. E idos ele se recoleho na fortaleza com os Portugueses q̄ comião coele, & despois de comerem se

forão repoufar a suas poufadas, que estauão fora da fortaleza. E ho capitão Gonçalo pereira ficou com seus criados, & algũs outros que poufauão dentro, & cada hum se recolheo à sua camara a dormir. E sabendo Cachilato isto foise à fortaleza com Cachil cabalou, & os outros deputados, pera matarem Gonçalo pereira, & batendo à porta da fortaleza que estava fechada, como estava sempre a aq̄ las horas, abrio ho porteiro conhecendo ser Cachilato, que por jr outras muytas vezes a este tempo falar a Gonçalo pereira, ho deixou entrar: & ate ho page que lhe leuaua a espada, sem buscar se leuaua armas, nem a nenhũ dos outros, tam em costume os tinha. E Cachilato hia tam seguuro, que nem mudou cor, nem fez nenhũ geito, em que se entendese ao q̄ hia. E sobindo ate ho derradeiro sobrado da torre da menajem, onde poufaua el rey & seus hirmãos, achou Vicente dafonseca, que como disse auia dias que estava preso, & andaua com hũs grilhões: & porque Cachilato, & Cachil cabalou erão seus amigos, & sabia a lingoa, assentaranse sobre hũ catlea falar coele, dando a entender que esperauão por Gonçalo pereira pera lhe falarem. E se ele então sayra sem duuida que a fortaleza fora tomada, & forão mórtos todos os Portugueses. Mas nosso senhor os quis goardar, pera em aquelas partes se conuertterem tâtas almas à sua sancta fẽ, como se despois conuertterão. E nesta conjunção hia pera a cidade hũ Portugues chamado Manuel alvarez dalcinha ho sabocero. E passando por jũto da mizquita, vio a gente dar mas que

hi estava: & como lhe pareceo coufa noua, fez volta pera a fortaleza. E receando os mouros q̄ fossem descubertos por ele fairão algũsao matar, & matarãno, & andãdo coe las cutiladas v̄ios hũa escraua branca de Gonçalo pereira, que acertou de chegar a hũa janela da camara em que ele dormia a sesta, q̄ estava daquela banda: & começou de bradar dizêdo q̄ matauão os mouros hũ Portugues. Ao q̄ Gonçalo pereira acordou, & acodio logo à janela bradãdo q̄ acodissem ao Portugues, & tomãdo hũa adarga, & a espada abriu a porta da camara pera fair fora, & vio estar à porta Cachilato & Cachil cabalou, & os outros cõ seus crifes arrancados pera ho ferirem. E na casa mais afastados el rey: & seus hirmãos tambẽ cõ armas, & logo arrancou da espada, & se pos a porta a defender lhe a entrada muy estorçadamete, q̄ ho não podião entrar: & mays não tendo cõ que ho picar de longe como ele fazia. E despoys cõtãua el Rey q̄ Vicente da fonseca que hi estava atigãua muy tobs mouros que matasem Gonçalo pereira, & que não se chamaassem homẽs se sendo tantos não matasem hum s̄o, & os mouros vendo que ho não podião entrar pola porta, entrarão hũs por cima do repartimento da camara que era baixo: & outros quebrauão ho repartimento q̄ era de canas com barro por cima. E como erão tantos & Gonçalo pereira s̄o não pode acodir a tantos lugares, foy entrado & ferido na mão da espada, & de duas mortaes feridas nos peytos com que cahio. E nisto a sua escraua não fazia se não bradar: & a estes brados & à reuolta que os

mouros fazião acodirão os criados de Gonçalo pereira com suas armas, & hũ deles que auia nome Dinis daraujo que hia diante deu com hũa chuça a Cachil cabalou que achou primeyro & passou ho da outra banda, & asy ferido ho ferio a ele, de maneyra que cairão ambos m̄ortos à porta da camara, & logo Bastião fernandez: & outros criados de Gonçalo pereira que vinhão a pos Dinis daraujo se meterão com os mouros as cutiladas: & isto tudo foy tão breuemente feito que os mouros não teuerão tempo de fazerem ho final que auião de fazer aos da mezquita: pelo que eles não fairão, que foy causa dos mais que estãuão na fortaleza serem m̄ortos, & a reuolta era muy grande dentro, porque os mouros se defendião como homẽs desesperados, & posto que nã tinhão senão crifes dauão que fazer aos Portugueses. E então acodio Vicente da fonseca a hũa janela que cahia pera fora da fortaleza aceñando com a mão, & bradando treição, & repicarão ho sino da vigia, a que logo acodio Luys dandra de que potuãua fora da fortaleza & coe leforão dez homẽs, todos com as armas que poderão tomar, & bãtendo à porta da fortaleza, que ainda estava fechada lha foy abrir hũ Ieronimo Fernandez criado de Gonçalo pereira. E chegado Luys dandra de onde era a pele, a vio Cachilato cõ hũa espada nua na mão, assentado no catle com Vicente da fonseca, & os Portugueses pelejando com os mouros: a que Luys dandra de remeteo com os que hião coe, & como eles virão tantos sobre si desesperados de se poderẽ defender

der hús derão consigo polas janelas fora que cayão sobre ho patio da fortaleza. & fugirão polo muro que estaua muyto baixo da banda do mar. Outros q̄ não poderão mais acolherãse à camara onde el rey já estaua com seus irmãos, a q̄ logo se acolheo em os Portugueses começando dacodir, porque não cuydassim q̄ sabia parte daquela treição. E os que digo q̄ entrarão na camara em que el rey estaua fecharão a porta sobre si, que logo Luys dá drade q̄ brou, & matou ho primeiro mouro que lhe sahio ao encontro. E cō ajuda de Gomez ayres, & outros muytos q̄ já erão chegados entrou com os mouros & os acabou de matar, saluo a el rey & tres irmãos seus, & Cachilato pera saber por eles como fora a morte de Gonçalo pereyra, & os ter por arreftes, que por amor de les não fizelhem os mouros guerra à fortaleza; de que logo tomou as chaues & se ouue por aposiãdo dela, por lhe dizerem que quando Gonçalo pereira espirou perguntou por ele: & disse q̄ lhe dissesim q̄ olhasse por aquela fortaleza.

## CAPIT. XLII

De como Vicente da Fonseca toy levantado por capitão da fortaleza de Ternate.

**S**egura a fortaleza dos mouros, q̄ andauão no derradeiro soberado da torre da menajé, decco Luys dandrade abaixo pera acodir à poucação dos Portugueses, a que os mouros das çiladas punhão ho fogo, vendo que não poderão tomar a fortaleza. E no primeiro sobrado da torre achou Bras pereira, que hia acodir acima muyto de pressa, cuydãdo que hia a tempo. E luys dandrade lhe disse que fossem

acodir abaixo, que tudo encima ficaua se guro. E Bras pereira respondeo q̄ fosse ele, porque queria ficar na fortaleza como capitão que era. & Luys dandrade lá çou mão dele, dizêdo que este uesse preso. Mas logo se concertarã que se louuassem & a qual deles julgassim a capitania, que a esse ficasse, & deçerã logo abaixo.

E como ja os portugueses estauão a porta da fortaleza, mandou Luys dandrade acodir à poucação, onde os mouros tinham feita muyta perda. Porem forão todos deitados fora pelos Portugueses, & algũs ficarão mortos. E deitados os mouros fora vigiarãse toda a noite. E como Fernão lopez ho vigairo da fortaleza, & Afonso pirez, Balthazar ueloso, & Manuel pinto, & outros imigos de Gêçalo pereira & de Luys dandrade, & amigos de Vicente da Fonseca souberem que ao outro dia se auia de determinar a deferença que auia entre Bras pereira & Luys dandrade qual seria capitão: determinarão estes que nenhũ deles ho fosse, se não Vicente da Fonseca, como tinham ordenado auia dias, porque a estoutros dous querião lhe grãde mal a hum por ser parente de Gonçalo pereira, a que ainda tinhã mortal odio pelos terços do crauo que tomou pera el Rey, & polo regimento que mandaua goardar, & ao outro por ser seu amigo & quebraros achens, & por se doer muyto do seruiço del Rey. E tinham por certo que qualquer deles auia de leuar ho estilo de Gonçalo pereira. E mais auãdo de tirar de uassãde sua morte, o que lhes seria muyto perjudicial por eles darem motuo aos mouros pera ho matarem.

& principalmente Vicete dafonseca, de que elrey Gachil dayalo dezia, que se ele não fora que aticaua os mouros q mataf sem Gonçalo pereira, que nunca ho matarão. E por isto, & porq fabião q auião de ter Vicente Dafonseca de sua mão, & não os outros não querião que nenhũ de les fosse capitão se não ele. E todã a noite negociará como ho fosse, principalmete ho vigairo Fernalopez, que por sacerdotte & religioso ho podia fazer mais sem vergonha. Porque como era padre spiritual de todos cu y dauão que o q ele dizia era verdade & aquilo se deuia fazer. E logo ao outro dia, q forão dezoito de Mayo, dia do Spirito sancto, de M. D. xxxj. se ajutarão todos á porta da fortaleza da bãda de fora: & Bras pereira capitãomór do mar, & Luys dãdrade feytor & alcaide mór, estando presentes Ayres botelho & Grauiel da costa escriuães da feitoria, derão as cartas de seus officios a Pero de moura ouuidor da fortaleza, pera q determinasse com os que ali estauã de qual deles era a capitania. E despois de debati do por ambos, acordou se q eles jurassem solenemente de cada hũ deles estar polo que se achasse por direyto & por regimẽto del Rey de Portugal, & o que ficasse sem a capitania obedecesse ao outro, tam inteiramente como se fora prouido por el Rey, ou polo seu gouernador da India. E este juramẽto lhes foy dado sobre hũa pedra da a porta da igreja polo vigairo do que foy feito hũ auto por Ayres botelho escriuão da feitoria, que por ser amigo de Vicente dafonseca, & saber a machada que os de sua parte tinhã feyta, pera

que teuisse credito, acrescentou mais nas palauras do juramento que escreueo, que cada hũ deles obedeceria por capitão a outra qualq r pessoa que fosse enlegida por capitão: o que Bras pereira afsinou sem ho lér. Mas Luys dandrade não quis afsinar sem ho lér primeiro. E quando vio o que Ayres botelho acrescentou não quis afsinar, porque cõ ninguẽtiuha duuida, senão com Bras pereira: & com os outros claro estaua que a ninguẽ pertencia a capitania senão a ele q era alcaide mór da fortaleza. E pedindo a pena escreueo por sua mão, que não consentia em ser outro nenhũ elegido por capitão, senão ele ou Bras pereira que contendia coele: & isto afsinou. Feyto este auto meteo se ho ouuidor na fortaleza com os outros todos, & fechando as portas sobre si pera lá de terminarem se era a capitania de Luys dãdrade, ou de Bras pereira q ficará de fora. Metidos dentro começa ho vigairo de mburullhar tudo, dizendo a todos q vissem bem o que fazião, & não dessem suas voz a Luys dandrade pera ser capitão, por que era de condigão muyto forte, & imigo dos homẽs, & que não queria ho proueito de ninguẽ se não ho seu. E q Vicete dafonseca era muito bo homẽ, & amigo de todos, & q todos ho conheciã de muito tempo: & que lhes deixaria fazer seu proueito & osteria em paz. E fez de maneira que auendo se de votar ou por Luys dandrade, ou Bras pereira, meterão em lugar de Bras pereira Vicente dafonseca. E hũs votarão por ele, & outros por Luys dandrade: sem a prouiejar ao ouuidor dizer que não auia aquilo de ser afsi feito. E ven

do ho vigairo q̄ por Vicente dafonseca não votauão se não os de sua parcialidade, temeose que acabando todos de votar Luys dandrade teuesse mays votos q̄ Vicente dafonseca, não quis esperar ate ho cabo: & coesses q̄ tinha, abrirão a porta da fortaleza cõ grande arroydo de trôbetas: & de vozecom que dizião viuã viuã ho capitão Vicente dafonseca: & os que ainda não tinhão votado, sairão de volta coeles, dando tambem as mesmas vozes, sem aproueytar ao ouuidor dizer q̄ aquilo não valianada: & ho mesmo dizia a Luys dandrade, & bradava que lhe não roubassem sua justiça: E que não podião enleger por capitão se não a ele que era alcaide mor, & el Rey lhe daua a capitania per mórte do capitão, em quãto não prouesse doutro. E sabendo isto Gonçalo pereyra lhe entregãra a fortaleza quando morrera: & que ele logo não consentia q̄ enlegessem por capitão se não a ele ou a Bras pereira, & auia por nenhũa a eleição q̄ era feita, pedindo ao ouuidor q̄ de tudo lhe desse hum estormento pera ho gouernador da India, requerendolhe que prendesse Vicente dafonseca q̄ não podia ser capitão porque matara Gonçalo pereyra: mas tudo isto não aproueytaua, porque Vicente dafonseca tinha tãtos por si q̄ ho ouuidor não se arreuiã coele. E assi ficou Luys dandrade sem remedio, & Bras pereyra tãbem que de vertão mal encaminhado ho feyto de Luys dandrade não falaua no seu. E Vicente dafonseca se foy a comer leuando consigo quasi toda a gente a q̄ deu de comer, & ainda quãdo jantauão, despoys de bem quentes do vi-

nho muytos derão seus votos a Viceteda fonsca pera ser capitão. E com tudo ainda Luys dandrade tinha quasi tantos votos como ele. E acabando ele de comer pe dio a Luys dandrade as chaues da fortaleza pera ficar de todo capitão, & não lhas q̄rendo dar nê obedecelo por capitão, mãdou Vicente dafonseca ao ouuidor q̄ lhe tomasse as chaues, & ele respõdeo que ho não auia de fazer porq̄ Luys dandrade era capitão por dereyto, & ele ho amostraria por regimento del Rey, req̄rendo que lhe desse hum estormento do q̄ dizia perã q̄ el Rey de Portugal soubesse que não tinha culpa no que aly passaua, & que não podia fazer mays do que fazia. E Vicente dafonseca fazendo q̄ não atentaua no que ho ouuidor dizia, mãdou a Grauiel da costaque tomasse as chaues a Luys dandrade, q̄ tão pouco ho quis fazer, nem menos bolião consigo nhũ da parcialidade de Vicente dafonseca, porque muytos se começão darrepender do que tinhão feyto. O q̄ entendendo Fernão lopez ho vigairo, porq̄ não se trastornasse ho que tinha feyto, remeteo a tomar as chaues a Luys dãdrade. E logo acodirão ao ajudar Ayres botelho escriuã da feytoria & hũ Pero Jorge, & por força lhe tomarão as chaues bradando ele, que lhe roubauão sua justiça, mas como ela ali não era senão de qué mais podia ficou sem ela, porq̄ podia pouco, que ate ho ouuidor não ou sauã de bolir consigo cõ medo de ho matarem tãto da nados via andar os da liga de Vicente dafonseca: q̄ como desejava a morte de Gõlo pereira: & a precurou, & foy causa dela nũca fez sobre la nhũa diligencia. E diffi-

E mulou

mulou coela como homé q̄ folgaua. E bé pareceo ser así, porq̄ tendo preso Cachila to que fora ho principal menistro daq̄la morte, ho q̄ ele vio por seus olhos, nunca lhe deu nhũ castigo: nê pera mostrar que q̄ria castigar tão brauo crime como aq̄le ho quis meter a torméto pera lhe fazer có fessar como aquela morte fora ordenada.

## CAPIT. LII.

¶ Do q̄ fez Vicéte dafonseca despoys de ser capitão.

**S** Abido pola Raynha q̄ sua treyção não ouuera effeyto, ainda q̄ lhe disso pefou muyto, cósolou se sabédo q̄ Vicéte dafonseca ficaua por capitão, porq̄ este lhe daria logo el Rey seu filho, como lhe tinha p̄metido Afonso pirez. E pera estar nisso mays segura mádou logo recado ás ilhas de Moutel & Maquíe, q̄ lhe prédesse os Portugueses q̄ lá estuessem. E quando chegou seu recado se sabia ja a morte de Gonçalo pereyra: pelo q̄ os mouros se leuantarão contra os Portugueses q̄ lá andauão fazédo crauo, & matarão logo Pero fernández, aquele q̄ vntou có toucinho ho rosto a Cachil vaidua, & outros algũs: & despoys de chegar horecado da Raynha não matarão mays, & prenderão os outros, & presos lhos leuarão: & despoys de os ter, mandou dizer hũ deles a Vicéte dafonseca que folgaua muyto de ele ser capitã daq̄la fortaleza, por saber q̄ era seu amigo & dos mouros, & ela & eles ho conheceré de muyto tempo: que lhe lébraf se o q̄ lhe Afonso pirez prometera é seu nome, que se ele fosse capitão q̄ logo lhe entregaria el Rey seu filho: pedindolhe muyto que poys ho era q̄ lho entregasse: & que ele lhe seria por isso em muita obri-

gacão & lhe faria todas as amizades q̄ po desse. Vicéte dafonseca se cóselhou có Afonso pirez sobre ho que responderia a este recado: & como ele perder a setéta b̄ares de crauo q̄ lhe arderão, & mais hũ dos Portugueses q̄ estauão em poder da Raynha era seu filho, cóselhou lhe q̄ respondesse á raynha que lhe desse ela primeyro os Portugueses que lá tinha, & que pagasse aos outros a perda q̄ receberão dos mouros quando foy a morte de Gonçalo pereyra, & q̄ ele lhe daria el Rey. E como a Raynha tinha por muyto certo dar lhe Vicéte dafonseca seu filho tanto que fosse capitão, & naq̄la reposta ho achasse tão defuã do disso, pareceo lhe q̄ se queria escusar de lho não dar. E pera o mouer a q̄ lho desse soltou a Francisco pirez filho de Afonso pirez, & mandou lhe q̄ se fosse pera a fortaleza, & rogou lhe q̄ disesse a Vicéte dafonseca, que doutra maneyra esperaua ela q̄ ele comprisse sua palavra. E q̄ mais conta fizera de sua amizade do q̄ achaua que diuera de fazer, & q̄ mais cófiara nele do q̄ ele confiava dela: porq̄ ainda que lhe dera seu filho sem nhũa condiçã, que ela fizera despoys quanto ele mandara, & que bem ho sabia ele: por isso q̄ erão escusadas cõdições pera lhe dar seu filho, quãto mais q̄ ainda q̄ lho dera liuremente, lá lhe ficauão em arrefes tres hirmãos seus, & Cachilato governador do Reyno, & pessoa muy principal nele, que valião mays que quantas perdas os Portugueses podião ter recebido: & porém q̄ lhe parecia q̄ todo o que dizia era por escusar de lhe dar seu filho, que se lho ná quisesse dar, que não lhe mandasse mays nhũ recado. E porque sa-

bia que el Rey de Bachão estava na forteza mandoulhe pedir q rogasse a Vicete dafõseca que lhe desse seu filho. Este rey de Bachão como era muyto leal amigo del Rey de Portugal, na ora que soube a morte de Gonçalo pereyra, acodio cõ sua gente á fortaleza pera valer aos Portugueses fe teuessem dislo necessidade, que ficara muyto ledos coele. E Vicete dafonseca por mays azedume que ho recado da Raynha trazia no cabo não lhe quis mandar seu filho, porq não falava em cõpir as cõdições com que lho elequeria dar, né lhe quis mandar recado, porq a Raynha dizia q lho não mandasse sem seu filho. E vendo a raynha q lho não mandava, por fazer mal a Vicente dafonseca & aos Portugueses foy de cadidade cõ os Mandaris: & mandou q não se vendessem nhũs mantimentos: & mandouse que yxar de Vicete dafonseca a el rey de Tidore seu sobrinho, delhe não querer dar seu filho como lhe tinha prometido, & como sabia q lho promettera Gonçalo pereyra: rogandolhe que lhe empecessẽ em tudo ho q podesse. E nisto chegou a Ternate ho nauio é que fora Hamibal cernije a Banda: & hia por capitão dele hũ Dinis de payua, por Hamibal cernije não querer tornar a Maluco & se yr pera Malaca. E como Vicete dafõseca estava necessitado de gẽte, municiões de guerra, & de mantimentos, determinou de madao logo este nauio polavia de Borneo a pedir ao capitão de Malaca estas cousas & deu a capitania dele a hũ Manuel das naues criado del rey dõ Ioão de Portugal por ter hũ aluara seu peralhe dar a capitania de hũ nauio: & despoys de lha ter da-

da a deu a Bras pereyra que lha pedio por ser capitão mór do mar, & tambelha tirou, & a deu a Luys dadrade, q agastado da sem justiça q lhe fora feyta se qria ir pera a India, & porisso pedio aq la yda, & Vicete da fonsseca lha deu cõ cõselho de seus amigos, por recearẽ que tanto q os outros nauios q esperauão de Banda chegafsem, aueria amorinação na gẽte & farião capitão Luys dandrade, segũdo tinham entendido. E partido Luys dandrade hia tam triste pelo q lhe fez Vicente dafonseca, q hũ dia esteu pera fe de ytar no mar se ho não teuerão, & despoys ho ouuerão de matar cõ hũ ilha, & tambẽ em Borneo sobre hũas deferenças q teue cõ a gẽte do nauio, & dali foy ter a Malaca, & deu cõta a Garcia de sa do q era feyto: pelo q ele não quis mandar socorro a Vicete dafonseca q ouue por tredoro. Edali se foy Luys dandrade á India, & contou a Nuno da cunha a morte de Gõçalo pereyra, & ho q lhe fizera Vicete dafonseca, aqui xado se dele, mas não se fez sobrisso nada, né Vicete dafonseca foy castigado.

## CAPIT. XLIII.

De como Vicete da fonsseca soltou el rey de Ternate.

Como yda da raynha da cidade, & não se venderẽ os mantimentos, ficaraõ os Portugueses grande necessidade, do q Vicete dafõseca ficou muyto agastado & sem esperança de remedio, porq algu que esperava, era em hũ jingo q sabia q auia de vir de Banda cõ roupa & mantimentos, em que vinha por capitão hũ Frãcisco de sa: que sabendo como Gõçalo pereyra era morto & da maneira q fora parrecolhe que Vicente dafonseca estava le

E ij uã.



uantado, & não quis ir á fortaleza temendo que lhe tomasse ho júgo & quanto leuaua, & por isso se foy a Tidore pera vender a fazêda q̄ leuaua, & fazer seu emprego. E furto no porto de Tidore, el Rey por rogo da Raynha de Ternatehopredecio, & aquátos Portugueses yão coele, & lhe tomou quanta fazenda leuaua: & mandádo deslenxarçar ho júgo ho mádou meter no fundo, & isto cõ fúdamcto q̄ por esta presa, & polos Portugueses q̄ a Raynha de Ternate tinha, lhe daria Vicete dafonseca el Rey seu filho, & assi lho mandoudizera raynha. E parecêde lhe a ele q̄ aquilo era fero, fezlhe outro mayor & mandou logo perante ho mensageiro prender el rey de Ternate & metelo cõ hũ sotão, & assi seus irmãos, & prendeo em ferros os filhos dos Mandarinsq̄ estauão coeles & as molheresq̄ ho scruião, dizem dolhe que dissesse a Raynha que se el rey de Tidore lhe não mandasse logo ho júgo, que seu filho & os outros ho pagaria. E ho jungo não foy restituído, não soube porque causa: & a Raynha mádou pedir a el Rey de Geylolo, q̄ não desse mantimentos a Vicente dafonseca ate lhe não dar seu filho poys lho tinha prometido, & que trabalhasse pelo cõcertar coele, que ela faria q̄ lhe bem parecesse, porque não queria guerra com os Portugueses, se não auer seu filho & casalo perater herdeyro, o que não podia ser estando preso. E estando este embayxador da Raynha em Geylolo, chegou Braspereyra em hũa galcota, q̄ apertado Vicete dafonseca da necessidade dos mátimetos mádaua por ele pedir a el Rey q̄ lhos má

dasse vender offrecêdo lhe por isso amizade & ajuda cõtra seus immigos, & escreuia a Fernão dela torre a necessidade e que estaua: pedindolhe polo amor de Deos q̄ ho ajudasse cõ el Rey, pera que lhe mandasse vender os mantimentos. E ouuidas por el rey ábasas embayxadas cõ conselho de Cachil catabruno, & de Fernão dela torre & doutros Castelhanos, respondeo á Raynha q̄ faria cõ Vicete dafonseca q̄ lhe desse seu filho, cõ tanto q̄ fizesse lho q̄ lhe pedia, & mandou mantimentos a Vicente dafonseca, & pedindolhe muyto q̄ desse el Rey de Ternate a sua mãy, & que ela se obrigaua a pagar lhe todas as perdas q̄ os Portugueses receberão quando mataião Gonçalo pereyra, & lhe daria os Portugueses que tinha catiuos & ho jungo q̄ estava em Tidore, do q̄ el Rey de Geylolo & Fernão dela torre ficauão por fiadores, & querendo fazer aquilo por amor deles, lhe seriaõ sempre em grande obrigação. E visto por Vicente dafonseca a necessidade grandissima q̄ tinha de mantimentos, & que os não podia auer foy cõtente com conselho dos Portugueses defazer o que lhe el Rey de Geylolo & Fernão dela torre rogauão, cõ tanto q̄ lhe auiaõ de dar arrefes ate a Raynha cõprir ho que dizia, & assi lho mádou dizer per Braspereyra, que foy em hũa Galcota q̄ el rey de Geylolo lhe mandou carregar de mantimentos, & lhe deu earrefes quatro Mandarins dos principais de Ternate, q̄ lhe a Raynha mádou pera isso, & assi lhe mandou muytos barcos carregados de mantimentos. E el Rey de Tidore como isto soube soltou logo Francisco de sa

& os outros pera os mádar, & eles não esperarão por isso & fugirão, & el rey lhes mandou ho seu fato. E despoys disto se ajuntarão na vila de Limatao onde araynha estava Fernão dela torre, & ho governador de Geylolo: & hi foy tercoles Vicente da fonseca, leuádo el rey Cachil dayalo, q̄ entregou a sua máy despoys de juraré que comprirá o q̄ estava assentado, E logo os Portugueses forão entregues a Vicente da fonseca, & polas perdas recebidas ficarão os arrefés que disseate serem pagas. E assi foy solto el rey de Ternate cõ grãde festa, ficãdo muyto amigo de Vicente da fonseca, & dos outros Portugueses, a q̄ pagarão logo as pdas q̄ receberão quã do matarão Gonçalo pereyra. E desta maneira ficou Vicente da fonseca em paz cõ os mouros, & a terra ficou outra vez assẽtada como a tinha Gonçalo pereyra.

## CAPIT. XLIII.

De como ho governador começou a fortaleza de Chale.

Vendo ho governador q̄ não podera tomar Diu, determinou de emendar este auẽsso cõ fazer hũa fortaleza e Chale duas legoas de Calicut, q̄ té hũ rio tão alcãtilado, como disse no liuro Sexto, q̄ podião entrar nele carauelas & galés, & auẽdo ali fortaleza podia inuernar a nossa armada, & andar pola costa ate Mayo: & fãria logo na entrada de Setebro, no q̄ se daria muyto estoruo ás naos dos mouros yrem cõ pimẽta a Meca, & nã se ordenaria coufa algũa contra os Portugueses q̄ se logo não foubesse em Chale, & coesta fortaleza ficauão os mouros de Calicut muyto enfreados, & não podião nauẽgar co-

mo dantes. E vndo ho governador quã to isto importaua ao seruiço del rey seu senhor, neg occou em todo aquele inuerno que teue em Goa, que se ouue o consentimento del Rey de Chale pera se fazer esta fortaleza, & porq̄ de todo não se pode acabar este negocio, como foy na entrada do verão que ho tempo deu jazigo, despedio Manuel de souza com hũa armada pera a costa do Malabar, cõ hũa instrução do q̄ auia de fazer no negocio da fortaleza, & q̄ comprasse ho chão a dinheyro, quã do não podesse ser doutta maneyra. E vndose ele cõ el rey de Chale, prometeo lhe mil pardaos douro por consentir q̄ se fizesse a fortaleza e sua terra, & mais q̄ ho gouernador ho favoreceria contra el rey de Calicut se lhe quisesse fazer guerra. E el rey aceytou os mil pardaos, dizendo que ostomaua pera pagar os palmares q̄ estauão no lugar em q̄ se auia de fazer a fortaleza. O q̄ logo Manuel de souza escreueo ao governador, que se fez prestes pera partir, & andando nisso chegarão a Goa duas naos de Portugal, cujos capitães erão hũ Manuel de britto, & hũ Manuel boteelho, q̄ hião dirigidos pera yrã a China: & estes disserão que partira tabẽ ho Doutor Pero vaz corregedor da corte por capitão de hũa naõ q̄ leuaua ho officio de vedor da fazeda da India, porẽ ele não passou & tornou a Portugal. E vdo ho governador q̄ não yã mais naos, não quis q̄ fosse aq̄las a China, & mandou as carregadas pera portugal, & perderãose no caminho. E prestes ho governador de sua partida, partiose pera Chale leuãdo consigo parte da armada de remo, foise a Cochim a dar

E iij auia

auimento ás naos q̄ auião de partir pera Portugal: & da volta q̄ tornou se ajūtou cō Manuel de soufa é lancero de. M. D. & .xxxij. Eviouse cō el rey de Chale, a que deu os mil pardaos por cōsentir q̄ se fizel se a fortaleza como estaua cōcertado. Efoirão logo cortadas h̄ias mil palmeiras q̄ occupauão ho chãõ onde a fortaleza auia de ser edificada: & feytas algũas estacãas d'artelharia q̄ defendesẽ os Portugueses se el rey de Calicut viesse cō sua gēte (por se presumir q̄ acodiria) forão abertos os aliceses da fortaleza cō grande festa de todos. & tãger d'astrôbetas & charãmelas, & desparar de toda a artelharia. E abertos os aliceses ho governador assentou a primeira pedra vestido nũ pelote de veludo & muito loução. & Antonio de saldãha a segũda: & dahi por diãte os outros fidalgos q̄ erãõ muitos repartidos por quartos que todos trabalhauã com a outra gente como quaesquer pola animarem ao trabalho, & erãõ sempre os primeiros q̄ trabalhauão. E el rey de Chale ajudaua tãbẽ cō sua gente. E ho governador mandou primeiramente fazer é redôdo os muros da fortaleza em q̄ se postanta diligẽcia q̄ em .xvj. dias forão em altura q̄ se assẽtou a primeira andayna d'artelharia nos baluartes. E cō quãto foy fama q̄ el rey de Calicut auia de yr estoruar esta obra nũca ou fou.

CAPIT. XLV.

De como ho capitãõ mór Diogo da silueyra destruyho ho lugar de Tana.

**S**Abêdo ho Xe q̄ de Tana (que Eytora da silueyra fizera tributario a el rey de Portugal) que ho governador não poderã tomar Diu & q̄ Meli q̄ tocãzia for

te Baçaim, não quis pagar as pareas a Diogo da silueyra quãdo lhas mādou pedir: & cō quãto despois disso ho mādou ameaçar q̄ lhe faria guerra, toda via não quis, parecẽdo lhe q̄ tinha costas nõ se corro q̄ lhe podia yr de Baçaim da muyta gēte q̄ hi tinha Meli q̄ tocãõ. Etendo Diogo da silueyra regimẽto do governador q̄ na entrada do verãõ fosse fazer guerra a Cãbaya, quis logo começar é Tana, pera õde partio no começo Douubro de trinta & hũ cõ hũ armada de nauios de remo, em que leuaua trezentos homẽs de peleja, os mays de se espingardeyros, & ficou por capitãõ da fortaleza o seu alcaide mór. E de caminho fez muyto grande destruyção pola costa, quey mãdo lugares, catiuãdo & matando gente, & cortãdo palmares & ortas. E chegado a barra de Tana, mandou sondar ho rio & espiala, & soube q̄ estaua muyto forte por ter diãte hũa tranqueyra entulhada & bẽ artilhada & ter muyto mao desebarcado yro, por ser ho rio baixo & durar a marẽ pouco, & auião de jr hũ pedaço pola vasa primeyro q̄ desembarcãse, & cõ tudo isto determinou de desembarcar, & assi ho assẽtou cõ seus capitães q̄ ho mesmo esforço q̄ ele tinha, tinhãõ pera cometer os mouros q̄ cometerã ao outro dia cõ a marẽ d̄ pola me nhaã, indo nos çatures pera q̄ pode se melhornadar. O Xe que sentio q̄ hiã, os foy esperar na tráqueira cõ toda sua gēte de peleja, q̄ erãõ quatro mil de pé, em que auia muytos frẽcheyros, & quinhẽtos de caualo: & como os Portugueses forão a tiro de berço da tranqueira começo de jogar a sua artelharia, lançãdo grãde soma

de pelouros, & os Portugueses passauão por antreles muy sem medo, & querêdo nosso señor que lhes não empeccessem chegará ate onde os catures não poderão passar, & ali saltarão na vasa, por onde forão cõ muyto perigo & trabalho aferrar cõ a trãqueira & acharão algũa defenfa nos inimigos, de q̄ os traseyros sem veré porq̄, começarão de se retirar pera acidade, & rãõ riço como que fossem os nossos a pos eles, & sentindo isto os diateyros q̄ peleja uão cõ muyto esforço, cuy darão q̄ era aquilo algũa cilada q̄ os Portugueses deytarão, & q̄ os tomauão no meo, de q̄ ouuerão tamanho medo, q̄ se poferão em desbarato & fugirão por mays q̄ lleho Xeç bradaua que ho não fizessẽ. E afroxada a defenfa da tranqueyra, sobirão logo os Portugueses polas lâças, outros por ode po dião, & dão a pos os inimigos q̄ né na cidade se atreuerão a saluar, & fugirão ficado muytos mortos & catiuos, & dos nossos não morreo nhũ: & despejado ho lugar foy roubado & q̄ymado. E dãdo Diogo da silueyra muytas graças á nosso señor pola merçe q̄ lhe fizera tornou se a embarcar, & embarcado acabou a agoa de vazar & os catures ficarã em seco, o q̄ deu assaz de fadiga, porque a gête da cidade que estaua recolhida hy perto forão sobreles, sabêdo como estauão & leuarão algũs berços cõ q̄ lhẽstirauão & cõ muytas frechadas: & neste trabalho estueirão ate q̄ tornou a maré, & sem receberẽ nhũ dano, antes os inimigos muito da nossa artelharia, se forão polo rio abaixo ate q̄ sairão ao mar.

## C A P I T. XLVI

De como o capitão mór Diogo da silueyra destruy o a vila de Bandora.

**D**Aqui partio Diogo da silueyra pera outra vila mais auãte chamada Bandora, que soube q̄ Meliç Tocã señor dela tinha muyto fortalecida cõ hũa tranqueyra da Bãda do rio, & outra q̄ nacia de hũa põta da q̄la & se estendia pa o sertão, ambas de duas faces, & entulhadadas, & asseltada nelas muita artelharia, & auia cinco mil homẽs de pẽ, de q̄ muitos erã Rumes & oyto cẽtos de caualo. E estaua este lugar metido, por hũ rio a cima. E chegado Diogo da silueyra á barra pos em pratica a seus capitães & aos principaes da frota se daria naquele lugar, dizendolhe sua forteza & a gente que tinha: & todos acordarão que se cometesse, porq̄ quasi tã forte estaua Tanã & ajudaraos nosso señor, & asy aueria por seu seruiço de o fazer entã. E coisto entrarão todos polo rio dentro hũa menhaã, & sabendo os mouros como entrãõ quizerão lho defender cõ a artelharia, que de hũa da tranqueiras va rejaua bem pelo rio abayxo, & erã os pelouros tao bastos, que fizerão fazer tanta detença aos nossos que quando chegarão perto do lugar eranoyte, & por isso não quis Diogo da silueira q̄ desembarcassẽ, & chegou se da banda dalem do rio pera passar ali a noyte, que toda se gastou em bombardadas q̄ se tirãõ hũs aos outros a montãõ sem se fazer nenhũ nojo: & como foy menhaã os mouros acodirão logo á praya a esperar os Portugueses como q̄ auãõ por injuria esperalos detras das tranqueiras. Diogo da silueyra porque a gente não auia de poder desembarcar se nam nos catures & bateis mandou ha passar a eles, & partem peraterra a boga arracada

passandolhes por cima muytos pelouros dos inimigos : & quando abordarão com terra acharãna cuberta de mouros , & diante os Rumes por mais esforçados , de q̄ os mais crão espingardeiros , q̄ despararão hũa grãde curriada despingardadas , & os nossos a eles , & é quãto ela desparou saltarão algũs nagoa , & assi Diogo da silueyra cõ abandeyra , pelejando todos cõ muyto esforço , porq̄ os inimigos apertauão quãto podião por lhes estoruar q̄ não tomassem terra , ho q̄ nã poderão fazer , principalmente os Rumes q̄ mais trabalharão nisso , ate pderẽ muitos as vidas ho q̄ vèdo os outros se retiratão , cõ q̄ os Guzarates q̄ tiñhão neles seu esforço ouuerão tamanho medo q̄ se desbaratarão & fugirão , hũs ao lōgo das tranq̄yras , outros polas portas delascaminho do lugar , & sem se deter nele se acolherã : & os nossos forã matãdo ate despejarẽ o lugar : & durou a peleja hũa grãde ora , é q̄ muytos dos inimigos forã catiuos , mortos , & feridos , & dos nossos feridos algũs . E saq̄do ho lugar foy todo queymado & destruido á vistados mouros que estauão recolhidos hy perto : & parecia q̄ nosso se ñor lhes punha medo dos nossos q̄ não oufauão de os cometer vèdofe vencidos então pouco tẽpo . E por os nossos estarẽ muyto cãfados & fracos nã quis Diogo da silueyra mandar çbarcar a artelharia q̄ estaua nas tranqueyras , & cõtẽtouse cõ destruyr ho lugar , q̄ foy affaz de perda pera os mouros por ser de grande trato : & dali se foy pola costa de Cambaya por o òde adou toda aparte q̄ ficaua do verão cõ sua armada repartida e esquadrões de tres & quatro ve

las , cõ q̄ lhe não escapou nhũ dos nauios q̄hiã de hũs lugares da costa pa outros cõ suas mercaderias , de q̄ tomou muytos , & outros q̄ymou & meteo no sũdo . E tamanha era a destruyção q̄ fazia q̄ não oufauã nenhũs de sayr dos portos , o q̄ foy causa deste anno auer muyta quebra na rãda dal fãdegade Diu do q̄ rãdia os outros annos , & ouue muyto grãde falta de mantimẽtos , & de todas as coufas q̄ hiã da outra costa da eãcada . E não sãmẽte fez Diogo da silueira esta destruyção no mar , mas també na terra , em q̄ queymou muytas pouoações , & nauios q̄ estauão varados , é q̄ catiuou obra de quatro mil almas & tomou muyta mercadoria , mantimẽtos , & madeyra . E de tudo isto ouue el Rey de Portugal sua parte , porq̄ Diogo da silueyra foy ho primeyro q̄ cõ aprazimẽto dos soldados q̄ leuaua , tirou o costume q̄ auia dãtes q̄ el rey nã oue esse parte nas presas q̄ se fazião cõ os nauios de remo , & entãas ouue , em q̄ sua fazeda recebeo muyto proueyto , porq̄ do dinheyro q̄ lhe coube á sua parte pagou quasi todo ho soldo q̄ se deuua aos seus soldados & dos catiuos q̄ tomou se esquipou a mayor parte dos nauios de remo da armada da India , & ouue muyta roupa pera ho trato de Chaul pera çofala , & muyta madeyra , & mantimentos . E quasi na fim do verão se tornou a Chaul onde auia de ter ho inuerno , ficãdo os mouros tão danificados , q̄ muyto mays ho sentirã do que poderã sentir dar se fortaleza em Diu : & de Chaul mãdou Diogo da silueyra ao governador q̄ fazia a fortaleza em Chale cẽto & vinte catiuos pera trabalharem nela .

## CAPIT. XLVII.

De como se levantou Damião bernaldez & do q̄ fez.

**Q** Vando ho governador tornou de Diu pera Goa, deu per intercesã de Simão ferreira seu secretario, licêça a hum Chatim Portugues que auia nome Damião bernaldez pera yr tratar a Bengala em hum seu nauio. E indo de viagê tomou na costa de Balecate muytas Chápanas de mouros & de gentios amigos del Rey dó Ioão de Portugal, que na uegauão com seu seguro, & matando com muyta crueza quantos hião nelas roubou, & feyto muyto mal por esta costa, & deyxãdo a gente muy escandalizada, se foy á de Bengala. E estando na ilha de Negamale foy ter coele hũa galeota de Rumes, em que yrião bem quarenta homens de peleja, de que pelejando co eles matou dezoyto & catiuou vinte dotus, & mays tomou a galeota, em que achou muyta riqueza. E nela & em outra que despoystomou, fez bem feytos vinte mil cruzados que goardou pera si, sem dar parte aos soldados que lhos ajudarão a tomar: & a galeota com sua artelharia deyxou pera dar ao governador, & ho apazigoar se teuisse dele menencia por seãsi alcuantar. E parece que bem ho adiunhaua, porque estando despoys em Bégala na barra do riode Chetigão onde estauão dezaete nauios de Portugueses, foy dada hũa carta do governador da India ao Goazil da cidade de Chetigão, & a Cojeçabadim (ho Mouro em que faley no liuro Septimo) em q̄ lhes rogaua muyto que prendessem Damião bernaldez & quantos hyã coele, & quã

do ho não podessẽ fazer, os matastem, & lhes queymassem ho nauio com a fazenda, porque andauão aleuantados & ti nhão feytos grandes males, cõ que el rey de Portugal era muy deseruido, & que so bristo gatastem ate tres mil pardaos q̄ se obriguaua a pagar lhes. Esta carta escreueo ho governador, porque soube os roubos que Damião bernaldez fizera na costa de Balecate, & esta carta mostrarão ho Goazil & Cojeçabadim, a hum Nundo fernandez freyre: & a Nuno lobo criado do governador: & sabendo deles que ho final da carta era seu, disserão lhes que polo feruirem querião prender Damião bernaldez pois ali estaua, & eles lhes disserão que ho não fizesse porque sabião que Damião bernaldez se queria yr apresentar ao governador, & por final lhes tinha emprestada a galeota que tomara aos Rumes pera com outros se yrẽ em sua conserua pera a India, & não lha quifera vender comprandola eles, & escusara sedisso, cõdizer q̄ agoardaua pa a mansar coela o governador, & q̄ se não determinara de se lhyr a presẽtar q̄ lhes vèdera a galeota, por isso q̄ ho não prèdesse, & mays por não auer morte dos Cristãos q̄ não se escusaua se o qui fesse prèder: & disto q̄ disserão derão cada hũ seu assinado ao Goazil & a Cojeçabadim, q̄ lhes pedirão pa sua desculpa cõ o governador, de não fazerẽ seu rogo, & disto não soube Damião bernaldez nada. E estãdo alina barra de Chetigão ya denoite a terra & furtaua muyta gẽte & mataua os homẽs, & prèdia os moços dbaixo de cuberta. E hũ dia andando na ribeyra hũ

mouro honrrado que era capitão da cidade, que na lingua da terra se chama Gormale, saltou Damião bernaldez em terra supitamente & prendeo ho, & auia tam pouca gente na ribeyra que ho pode prender a seu saluo, & deu coele no nauio deyxando feridos os que lhe quizerão acodir. E logo como isto se soube na cidade forão presos dezaseys Portugueses que estauão nela & tomarãhes suas fazendas, & afsi derão rebateem hũa feyra que se fazia dahy a duas legoas pera prenderem outros que lá andauão: & estes sintindo ho que lhes querião fazer fugirão pera ho mar & saluarense nos nauios. Os mouros porque Gormale era pessoa muy principal desejaão de ho cobrar, & por isso mã darão dizer a Damião bernaldez que lho desse & que lhe darião os Portugueses: & elenão quis polo grande resgate que esperaua por ele. E os mouros leuarã então os Portugueses á praya, de q̄ Damia bernaldes estauaõ pto q̄ os podia ver & ouuir & despindo os nuus começará de os açoutar muy cruelmête, pera q̄ auêdo Damia bernaldez piedade deles desse Gormale. Mas ele era tã cruel & amigo do dinheiro q̄ esperaua por Gormale, que nunca os quis dar. O que vendo os mouros tornãrão a recolher os Portugueses.

## CAPIT. XLVIII.

Do may que fez Damião Bernaldez  
E como morreo.

**N**Este tempo estauão na galeota que Damião bernaldez tomara aos Rumes, Nuno fernandez freyre ( que agora mora em Lisboa ) Diogo de camões: & outros Portugueses a que Damião bernaldez emprestara a galeota pera se yr camião

nho da India com suas fazendas em sua conserua. E vendo Nuno fernández as coufas que fazia Damião bernaldez tanto cõtra ho seruiço de Deos & del rey, & mais por se yr gastando a moução & serem partidos os mais dos nauios dos portugueses que ali estauão, parecõlle q̄ Damião bernaldez não queria tornar á India, & por isso determinou de se yr com a galeota sem sua licen ça, se achasse quem ho a judasse: pera ho que falou logo com ho piloto de Damião bernaldez que estaua na galeota & com ho mestre & com outros que conuerteo a yrense, por não encorrerão na pena em que Damião bernaldes tinha encorrido por ser leuantado. E concertado isto na noyte seguinte tres ou quatro oras ante menhaã que a marê começaua de deçer, cortou a aimarra da ancora de montante, & começou de mandar leuar a outra da jusante ho mays quietamente que poderã, & como começou de se leuar afsi a galeota começou de yr polorio abaixo, ho que sintindo algũs de Damião bernaldez que estauão hy perto em hũ seu bargatim começaram de bradar que se ya a galeota. Nuno fernandez & ho piloto fizerão q̄ caçaua, & q̄ então o sintião, & fazêdo q̄ se aparelhauão, aca barão de leuar a ancora, & forão se, indo Nuno fernández ao leme: & polo escuro q̄ fazia deu algũas vezes é seco, & cõ tudo quis nosso seõnor q̄ cõ aquela vazãte chegarão á barra, & dahy tomarão seu caminho pa Ceylão dõde se auiaõ de jr a India. E em amanhecendo soube Damião bernaldez q̄ a galeota era partida, & determinado de jr a pos ela pera enforçar quãtos

hião nela soltou Gormale a troco dos Portuguezes, ja q̄ não tinha tempo pera auer por ele ho relgate q̄ esperaua. E indo caminho da barra deu ho nauio tamanha páca da em seco q̄ lhe saltou ho leme fora por não ter leua & perdeose, & védo q̄ não podia nauegar sem leme mudouse ao bargatim & botou a posá galeota, que lhe leua ua tanta auátagem q̄ núca a pode alcáçar, & Nuno fernádez cócertou secretaméte có ho piloto q̄ não tomasselm ho porto de Coliubo é Ceylão onde staua a nossa feytoria, por q̄ poderia chegar entre táto Damião bernaldez, & dizer ao feytor q̄ lhes leuauá furtada aq̄la galeota & reqrer q̄ os prendesse, & os ébaraçaria, & porisso tira ráo pera ho cabo de Comori guiando ho piloto toda hũa noyte pa ho mar por não yré ter a Coliubo: do que agéte se agastou muyto quádo no dia seguinte não viráo ter ra: & ho piloto dissimulou dádo se a culpa de gouernar mal. E dobrado ho cabo de Comori, acharáo hũ catur de Portuguezes a cujo capitão rogou Nuno fernádez que lhe possesse em terra dous homés que cráo da cópanhia de Damião bernaldez que quiseráo yr coele coe essa condição, & mais por lhes prometer de lhes auer perdão do Governador, & deu lhe vinte pardaos pera gastarem entre tanto. E daly se foy a Cochí & depois a Chale onde ainda estaua o Governador, a que deu conta do que fizera a Damião bernaldez & lhe entregou a galeota: & o Governador lhe agradeceo muyto aq̄le feruiço que fizera a elrey de Portugal. E Damião bernaldez que ya a posá galeota, chegou á enseada de Bilgão onde achou Diogo de

camões que Nuno fernádez hy deixara, & quiseráo enforçar porque lhe ajudara a leuar a galeota, & deixou de ho fazer por rogo de Nuno lobo & doutros que yáo coele no bargatim: & temendo que ho achassé algus capitães Portuguezes & ho prendesse sabédo como andaua, deixou o bargatim a Nuno lobo q̄ ho leuasse ao governador & ele desembarcou é Negapatão pera se jra Bisnegar & auer dahi p dáo. E estando em Negapatão fazédo se prestes pera ho caminho, soubeo hũ Miguel ferreyra q̄ estaua em Baleate por capitão, a q̄ ho governador Nuno da cunha escreueo sobre Damião bernaldez ho q̄ tinha escrito a Cojeçabadi & ao Goazil de Chetigão, & foy ho préder. E carregado de ferro ho mádou a Gomez de soute mayor capitão da pescaria do Aljofar, q̄ ho mandou a Coulão, donde foy leuado a Goa, & estádo hy preso no tróco & sentéciado em dez ános de degredo pa a ilha de sã Helena faleceo, auédo princiro o gouernador oito mil cruzados que tinha escondidos.

## C A P I T . XLIX.

De como Antonio de faldanha foy por capitão mór ao cabo de Goardafum.

**H**O gouernador q̄ fazia a fortaleza de Chale có ajuda dos fidalgos q̄ ho ajudauáo, & assi doutra gente Portugueza q̄ estaua coele, lhe deu cabo em tão breue tpo q̄ a géte da terra ficou espáda: & muyto mais elrey de Calicut, q̄ núca é to do estet tpo ou sou de mádar géte a defender aq̄la obra, posto q̄ deitou fama q̄ ho a uiade fazer. E muyto sentia o atreuímento do gouernador q̄ assi lhe fazia hũa fortaleza nas suas barbas, & ho muito q̄ per-

dia



dia niſſo de ſeu credito E a fortaleza acabada ficou em hũ çapo raſo dõde deſcobria ho mar & muyto perto, era quadrada & é cada quadra tinha hũ baluarte muyto forte, & os paños dos muros q̄ corrião de baluarte a baluarte erão de cincoenta pès de largura, & da bãda ã dẽtro ao lógo do muro eſtauão as caſas dõs officiaes da fortaleza & as dos fronteyros, & no meo eſtaua a torre da menajem, tambẽ muyto forte & toda bẽ artilhada. A capitania deſta fortaleza deu ho gouernador a Diogo pereyra por ſer ſeu priuado poſto que era muito velho, & lha pedião outros homẽs de mays ſeruico, & q̄ erã mais pera a deſcender do q̄ ele era: & deyxando no mar por capitão mór a hũ ſidalgo chamado Manuel de ſouſa natural Deuora com hũa armada de trezẽtos homẽs ſe partio pa goa, onde achou a percebẽdo ſe Antonio de ſaldanha pera yrao cabo de Goardafum, ao que ho mandaua por capitão mór de hũa armada, de que forão capitães a fora ele q̄ ya no galeão ſam Mateus, Vaſcopirez de ſam payo em Lambia morim, dom Fernãdo deça na galega, Antonio de lemos nos Reysmagos, Diogo botelho pereira em hũ galeão, que foy feyto em Chaul, & em duas galeotas dõ Pedro de meneses & Manuel de vaſcõcelos, q̄ leuaua debaixo de ſua capitania certos bargãtins. E co eſta armada partio Antonio de ſaldanha na êtrada de Feuereyro de mil & quinhẽtos, & trinta dous, & no caminho llic deu hũa grande tormenta cõ q̄ Diogo botelho eſteue q̄ ſi perdido, & milagroſamẽte o ſaluou noſſo ſñor & atribou a Chaul: & não pode yr cõ Antonio de ſaldanha.

## C A P I T. L:

De como Rayx ale quiſera matar el Rey Dormuz ſeu irmão.

Q Vasi a pos Antonio de ſaldanha partio Antonio da ſilueyra de meneses pera Ormuz por mada do do gouernador pera yr ſeruir a capitania da fortaleza Dormuz, q̄ vagara por morte de Criſtouão de mēdoça, & ſeruiã de capitão Belchior de ſouſa tauares que dantes era capitão mór do mar. E foy cõ Antonio da ſilueyra Luys ſalcão ſeu ſobrinho, pa ſer goarda mór del Rey Dormuz. E chegado já Antonio da ſilueyra, & êtregue da capitania da fortaleza, el Rey Dormuz ſe llic queixou de hũ ſeu irmão homẽ de dezoyto annos, que ho queria matar por fauor & induzimento de ſua mãy, q̄ por lhe q̄rer mayor bem q̄ a ele, q̄ria q̄ foſſe rey antes q̄ ele, & que hũa noyte fora achado de bayxo do ſeu catele cõ hũa adaga, & por iſſo ho mãdara prender: & por ſer ho caſo de tãta importãcia & não auer diſſenſões no Reyno, não quiſera fazer juſtiça dele como llic merecia, pedindolhe q̄ ho mandaffe a India, por q̄ ſabia certo q̄ não fazia aquilo ſe não por induzimento de ſua mãy, ho q̄ Antonio da ſilueyra fez por pacificar a cidade, em q̄ começaua dauar bandos por aq̄la cauſa. E no meſmo nauio em q̄ Antonio da ſilueyra, foy mandou ho irmão del rey que ſe chamaua Rayx ale com toda ſua caſa, eſcreuendo ao gouernador a rezão porque ho mãdaua. E ho gouernador ho recebeu muyto bẽ, & llic tomou ſua ſeſegũdo ſua ley, de nã ſe tornar a Ormuz ſem ſua licença, porque ſe ſoubefſe q̄ fazia, ou queria fazer ho contrairo que ho

mandaria pera Portugal. E ele prometeo de ho fazer, & ho comprio.

## CAPIT. LI.

De como Manuel de vasconcelos & outros tomarão a nao çafeturca.

**C**hegado Antonio de saldanha ao cabo de Goardafum, sem lhe aconselhar coufa que seja de contar, vendo que não fazia ali nenhūas presas, mandou Manuel de Vasçôcelos que fosse com os bargatins ao porto de Xael, pera ver se achava hi algūas naos, que por ser tarde averiã dinuernar. E mandou estas velas porque por serem de remo não serião sintidas, & auião de hir mais asinha que os galeões, & por isso ficou coeles a tras pera jr de vagar. E chegando Manuel de vasconcelos de supito, achou hi hūa nao de Cambaya chamada çafeturca, que seria de oytocentas toneladas, & por sua grandeza, q̄ era a mayor de quantas andauã naquela carreira era muyto nomeada. E ho capitão estava cō determinação de inuernar em Xael, & na sayda do inuerno antes q̄ fosse verã de todo jr se a Diu, & auçturarse antes ao perigo do mar, q̄ ao de ser tomado dos Portugueses. E a mesma conta fazião outros muytos mouros: & por isso os Portugueses não achauão presas auia dous annos. E vêdo os mouros desta nao descobrir a nosla armada, foy ho seu medo tamanho que não oufarão desperar, & fugirão pera terra, leuãdo todo ho dinheiro que tinhão, & algūas coufas leues, & ficoulhes a carga grossa. E por sua fugida não teuerão os Portugueses quem lhes resistisse tomala. E Manuel de vasçôcelos meteo nela hū quadrilheiro & hū feytor pera q̄ se entregassera da fazenda q̄ tinha

& eleccõs os bargantins se pos em goarda dela, ate chegar Antonio de saldanha, q̄ chegou dahi a dous dias. E vendo ele que no porto não auia mais naos, & q̄ se chegaua ho inuerno partio se pa mazcate, onde determinaua dinuernar, & hi foy vèdida a fazêda da nao & o casco. E passado ho inuerno partio se cō a armada pa a ponta de Diu, & mãdou Manuel de vasçôcelos ao lógo da costa cō algū bargatins, & tomou outra nao de mouros de diu, q̄ hia d̄ Meca muyto rica, q̄ despois foy vèdida c̄ Chaul cō toda sua carga. E no dinheiro que se fez nela & na çafeturca se mōtão perto de dozêtos mil pardaos. E assi deu Manuel de vasconcelos caça a hū galcã de Calicut, que por lhe fugir indo da ponta pera se meter em Diu deu em hūa lagea & perdeose, & afogaran se os mais dos mouros. E é quasi dous meses q̄ Antonio d̄ saldanha aqui andou nã fez inais presas: & partio se pera Goa onde entregou ho dinheiro que leuaua.

## CAPIT. LIJ.

De como ho governador determinou de tomar a fortaleza de Baçaym.

**N**este anno de mil & quinhentos & trinta & dous foy a armada q̄ hia de Portugal pera a India repartida c̄ duas capitania mōres, hūa leuou dō Esteuão da gama, filho de dō Vasco da gama cō de da vidigueira & almirante do mar Indico, que hia prouido da capitania de Malaca na vagante de Garcia de sã, & hia de baixo de sua capitania Vicente gil armador, cuja era a nao em q̄ hia. A outra leuaua dom Paulo da gama, hirmão de dom Esteuão, prouido també da capitania de Malaca na sua vagãte. E de baixo de sua

band eyra hia hũ Antonio carualho. Ede  
stes capitães dõ Esteuão inuernou em Mo  
çambique, & os outros cõ muyto grãde tra  
balho passarão à India õde chegarão aqle  
anno è diuerfos tēpos cõ muytos doētes.  
E nesta armada foy hũ Bispo chamado  
dõ Fernando que fora frade de sam Fran  
cisco, perã reformar na India ho estado  
eclesiastico, & dar ordēs & crismar: & eu  
ho ouui pregar è Goa muyto bẽ, donde  
ho governador despachou Antonio de  
saldanha por capitão mór das naos da car  
ga, que forão tres & hũ jungo q̄ partirão  
na fim de dezembro do mesmo anno. E  
tambẽ estando ho governador em Diu  
foubẽ de certa certeza q̄ Melique tocãoti  
nha feita em Baçaim hũa fortaleza muy  
to forte & que se criaua ali outro Diu, &  
q̄ esperaua de trazer ali as fustas de Diu pe  
ra que tolhessem aos uossos que não pas  
sassem a diante. E como ho governador  
setemesse de yrẽ rumes à India porque se  
fossẽ tomauão aquela fortaleza achan  
doa em terra tã fertil como aquela he, &  
situada ao longo de hũ tam bõ rio como  
ho de Baçaim: pelo que a India ficaua em  
muyto grande perigo se osteuefse tã ve  
zinhos, & por isso determinou de jr sobre  
la & destruy-la, & sem dar conta a nin  
guem se começou de aperceber pera hir  
quali no cabo do verão, em que Diogo  
da silueyra auia deter feyto muyta gue  
rra a Cambaya.

## CAPIT. LIII.

De como Diogo da silueyra tomou as cidades de  
Patane Pate & Mangalor.

**D**io go da silueira que inuernaua em  
Chaul pelo regimento que tinha

de fazer guerra a Cambaya partio se pera  
lá com sua armada logo na entrada do ve  
rão, & foy correndo a costa ate Diu, fazẽ  
do os catures muytos saltos por toda a co  
sta, em que fizerão muyto grande dãno,  
& coisso estaua a gente tão espantada que  
não se atreuia a saluar se menos de seys le  
goas pelo sertão onde se acolhia, & pola  
ourela do mar não auia ninguem, & ne  
nhũ nauio ou sauão de yr a Diu, nẽ as fu  
stas ou sauão de sayr, com quanto Diogo  
da silueyra andou a vista de Diu algũs di  
as. E vendo ele que não fazia ali nada pas  
sou auãte caminho de hũa cidade chama  
da Patane doze legoas de Diu na mesma  
costa de Cambaya, situada à borda de hũ  
arrecife cercada de muro, & na praya hũ  
baluarte que varejava ho desembarcadoi  
ro, & diante dele hũa forte tranqueyra bẽ  
artilhada que goardaua muytas naos que  
dentro dela estauão varadas, por ser cida  
de de grande trato, & pouoada de muy  
tos mouros mercadores. E a fora isto ti  
nha el Rey de Cábaya ali gente de goar  
nição, de que muytos erão Rumes dos q̄  
Rumecão leuara a Diu, & com a gente  
da cidade seriam bem tres mil homees de  
peleja: ho que tudo foubẽ Diogo da siluei  
ra por ho capitão de hum Catur, por quẽ  
mandou espia esta cidade: que tambẽ  
lhe disse q̄ a sua desembarcaçaõ não podia  
ser se não diante da tranqueira. E cõ tudo  
ele assentou cõ os outros capitães q̄ dessem  
na cidade & a tomassem cõ ajuda de nos  
so senhor, em q̄ esperaua q̄ os ajudaria.  
E cõ esta determinação partirão pela da  
põta de Diu, estando a gẽte q̄ estaua nela  
bẽ descuidada dẽ tanta, assi por a cidade d

tar muy to a fastada das nossas fortalezas como por até aq̄ue tempo nh̄ua armada nossa chegar aq̄uela costa. E quãdo ho capitão de Patane vio a nossa frota ficou muy to salteado, porq̄ sabia ho grãde dano q̄ tinha feyto na outra costa de Cambaya, & mais q̄ pera passar ali auia de ser visto das fustas de Diu, que lhe auião de contrariar a passagem, & por isso ho salteou muy to vela no seu porto: & mādou logo muy to parte de sua gēte acodir a tranqueyra pera defende de a desembarcaçã dos Portugueses q̄ despoys de serẽ asoltos por hũ clerigo q̄ lhes fez a confissão geral remaráo pera terra em seus bargantins & caures & sem temor dos muytos & muy grosos pelouros q̄ desparauão da tranqueyra & do baluarte rōperão por eles ate pojar em terra cada hũ por onde podia, & asy desembarcou Diogo da silueyra cō abandeyra real, & nisto não auia ordẽ né esperar por capitães, se não quẽ primeyro podia (porq̄ na India este he ho proprio cometer dos nossos) & pera quam perigosos os lugares são parece q̄ he asy melhor que doutra maneyra, porque quẽ desembarca nas bocas das bombardas sem ter nhũ emparõ se não ho de nosso sñor q̄ he ho verdadeyro parece q̄ se não desembarcassẽ coesta presteza, & esperassẽ cōcerto q̄ os mataria a artelharia a todos. Asy desembarcados os nossos como digo, remetẽ a tranqueyra cada hũ por seu cabo & aferrão coela goardado os nosso sñor da artelharia que lhe não fizesse nojo, & vèdose os inimigos asy cometer depoy de se defenderẽ hum pouco, em que morrerão algũs das nossas espingardadas alargarão a tranqueyra, re

colhedose pera a cidade, de q̄ ho capitão a codio cō gēte de refresco, & mandado abrir a porta pera sayr chegarão a ele os seus q̄ fugião da tranqueyra, q̄ vinhão com grãde pressã polos yrẽ os nossos ferindo nas costas. E quando acharão ho seu capitão esforçarão & voltarão aos nossos esforçandoose q̄ pelejou como muyto valente cauleyro, ho que foy causa de o matarem cō outros algũs dos seus em hũ pedaço q̄ aqui pelejarão muy bẽ, & estes que morrerã forão Rumes. Evendose os inimigos sem capitão defacoroçoarã de maneyra q̄ fugirão, & os nossos entrarão na cidade a poseses ferindo & matado, & fizeram mataça espantosa asy nos soldados como em outra gente q̄ não era de pelejadẽ que catuarão muyta. E Diogo da silueira não consintia que os seus saissẽ fora da cidade a pos os inimigos, porq̄ estauão cansados. E despoys que os lançarão todos fora repartio os nossos em quadrilhas, & mādou saquear a cidade & levar todo ho despojo que foy muyto à praya pera se repartir despoys, & acharão mantimẽtos sem cõto, de q̄ a frota ficou bẽ bastecida. E saqada a cidade foy queimada cō muytos mouros q̄ estauão escõdidos nas casafas, que cõ os q̄ morrerão na batalha foy hũa bõa soma. E dos nossos quis nosso senhor que não morreo nenhũ. E asy forão queimadas quorẽta naos & zãbucos q̄ estauã varados, & hũ galeão q̄ chegara de quez auia dias carregado de rumes. E feyta esta destruyção & recolhida a artelharia dos inimigos a nossa frota, embarcou se Diogo da silueira cō toda sua gente, q̄ dali ficou rica, & tornãdose soube dalgũs mouros

que

que tomou em hús zâbucos, que auâte de Patane pera ho norte estaua na mesma costa outra cidade chamada Pate muyto mays forte que Patane, cõ muytas estancias d'artelharia pelos muros da banda do mar, & com marê chealhe batia ho mar no muro, & estaua détro muyta gête de peleja todos Guzarates: & partiole logo pera la cõ determinação de a tomar, & ás noue horas do dia pouco mays ou menos chegou diâte da cidade cõ a viração, cujas estancias os inimigos tinham muyto embádei radas. E chegado os nossos a tiro de bôbarda da cidade despararão sua artelharia respôdêdo á dos inimigos, que não oufauão de sayr da cidade, & así desfembarcarão sem receberê nenhũ dano, & remetêdo as portas da cidade as arrôbarão, o q̄ vendo ho capitão dos inimigos lhe acodio logo com muyta gente: & defendeoas cõ tanto esforço q̄ nunca as desfemprou, ate perder sobrisso a vida, & así ceto q̄ estauão coelena diante yra, de q̄ os mays morrerão despingardadas, & dos nossos quis nosso senhor q̄ nenhũ: & cõ a morte do capitão & destes se retirarão os outros a tras, & ficou lugar aos Portuguezes pera q̄ entrassê na cidade em que se os inimigos defenderão muyto bem em algũas ruas, & por isso forão muytos deles mortos, & por derradeiro fugirão & dey xarão a cidade que despoys de ser queymada, & destruyda como a de Patane, partio logo Diogo da silueira pera outra questaua mais auâte quarta legoa de Diu, chamada Mágalar, situada na boca de hum rio e costa braua & tinha hũ bô arrecife, cidade principal daq̄la costa toda rasa, & se nenhũa forta-

leza pouoada de mouros mercatores, q̄ sabêdo a destruição de Pate & Patane ainda questauão tão fortes, não se atreuerão a defenderse posto q̄ tinham muyta gente de peleja, que chamarão pera os defender despoys que souberão q̄ os Portuguezes andauão por aquela costa, & despejaram a cidade & se forão, & porisso os nossos não teuerão mays q̄ fazer que queymala cõ muytas naos que estauão varadas. E despoys de queymadas estas cidades em que Diogo da silueira foy em pessoa, queymarão os seus capitães muitas pouoações sem ele sayr em terra, & fizeram tamanha destruição que se despouou toda a costa & não oufaua nenhũa gente de chegar ao mar cõ medo de não catuarê mays, que forão muytos: & tomada muyta artelharia pera el Rey, & muyta fazenda a fora a das partes q̄ todos forã muyto ricos, & queymarão muyta riquiza por não terê nauios em q̄ a carregar. E Melique capitão de Diu não podia acodir por a ocupação q̄ tinha em fazer Baçaim, & punha alitãta força por lhe parecer que coela defenderia Diu, nem menos acodia el Rey de Cambaya por muyta guerra q̄ lhe fazião seus inimigos pelo ser tão (como direy a diâte.) E não achando Diogo da silueira q̄tm lhe resistisse continuaua a guerra tornando outra vez a ponta de Diu a esperar as naos que fossem de Cambaya pera Meca, que com seu medo não oufou nhũa de sayr aquele anno, no q̄ elrey de Cambaya recebeo muyta perda e suas alfandegas.

## CAPIT. LIIII.

De como Açadacá fez paz com ho governador, & lhe deu as tanadarias de Salfete pera el Rey de Portugal.

**N**O Terceyro & Quarto Liuro fe fez meção de hũ mouro chamado Gufolarimeſcrauo & capitão do Hidalção a que Afonſo dalbuquerque tomou a ilha & cidade de Goa, a que ho meſmo Hidalção por fazer honrra lhe concedeo que ſe podeſſe chamar Cão, & iſto por ſer eſte nome antreles de muyta honrra, & ſe chamou Açadacão, que deſpoys por ſer bõ caualeyro & de muyto ſertuiço o çabayo & ſeu filho Hidalção que lhe ſucdeo no ſenhorio o fizeram dos principais de ſeus capitães, & lhe derão terras na comarca de Salſete, & antre las foy Ponda & Bilgão que he ao pé da ferrada Gate que ele deſpoys fez hũa cidade muyto forte cercada de muros, cobelos, & caua, ao modo das noilas, & de uſetam boa manha q̄ tinha mayſ de quarenta contos de rēda, & muita gente de peleja aſi de caualo como de pé & aly fantes, & deſpoys do Hidalção crã a ſegũda peſſoa em ſeu ſenhorio aſi de terras, gente, & renda, & cõ tudo era eſcrauo do Hidalção, & cada vez q̄ lhe viſſe a vontade deſpoelo de ſeu eſtado o podia fazer, & por iſſo andaua ele ſempre receoſo de iſto ſer aſi, & neste tempo veo a ſaber que ho Hidalção ho queria fazer, porque ho miãdou chamar, q̄ era a mayor certeza de ſer aſi, porq̄ eſtes ſenhores de morauilha mandão chamar eſtes capitães ſemio pera lheſtirar as terras que tẽ & matarẽnos. E como Açadacão teue ſe eſta ſofreytaou certeza a quis ſe logo fauorecer com fazer amizade cõ ho governador q̄ eſtaua em Goa a q̄ ſecretamēte mandou ſobriſo ſeu embayxador, & q̄ lhe daria por iſſo pera elrey de Portugal as terras

de Salſete & Ponda q̄ rēdião bé cincoēta mil pardaos douro: & porẽ q̄ ho governador auia de mandar recolher eſtas rēdas diſſimuladamēte porq̄ o Hidalção o não ſoubefſe, o que o governador lhe agardeceo muyto, & em nome del Rey de Portugal lhe confirmou amizade, & prometteo de o ajudar contra o Hidalção, & fez logo Tanadar mōra hũ Criſtouão de ſigueyredo caſado em Goa & grande ſeu priuado, que mandou a terra firme cõ outros Tanadares pequenos & eſcriuães & algũa gēte, & ele ſe apofentou e hũ pagode de freyras, & dali arrecadaua as rendas, & Açadacão teue maneyra como ſe eſcufou de yr por aq̄la vez a chamado do Hidalção, q̄ tãbẽ não inſiſtio e ele por amor de grandes negocios q̄ lhe ſobreuierão.

## CAPIT. LV.

Das differenças q̄ ouue antre Vicente daſonſeca & Bras pereyra

**F**leido Vicēte daſonſeca por capitão da fortaleza de Ternate (cemo a tras he dito) determinou de mandar hũ jungo a Malaca, cuja capitania deu Afonſo pirez que fora hum dos q̄ o fizeram capitão, & ſabendo Bras pereyra que eſte jungo auia de yr pera Malaca, pedio a Vicēte daſonſeca a capitania dele, & porq̄ lha não quis dar vierão a tanta defauēça, que Bras pereyra fez hũ requerimento ao feytor & officiaes da fortaleza & a outros criados del Rey que prendefſem Vicēte daſonſeca, q̄ cometera treyção em dar ajuda & fauor aos mouros pera matarẽ Gonçalo pereyra, & que tinha aquela fortaleza por força, & dali por diante não falou mayſ a Vicēte daſonſeca, & andaua armado cõ

F outros

outros muytos q̄ erão de sua valia, & estes amotinauão outros & tinhão Vicéte da fonseca então pouca conta, que dizião publicamente q̄ ele a judara a matar Gôgalo pereyra, & mandara matar outros Portugueses despoys que fora capitão. E por ele atallar a outras mayores cousas q̄ daquelas podião soceder predeco Francisco desa, Cosmo, moniz, & outros culpados nesta defamação, q̄ com a prisão destes creceo muyto mays: & foy posto per vezes fogo a hũ bargatim polos amigos destes, porque sospeytauão que presos os queria mandar nele à India, & dali por d'arte mandou Vicente da fonseca vigiar a ribeyra por homés armados. E ainda despoys disto crecco mays a defauença & odio antrele & Bras pereira, sobre hũ berço q̄ mandou tomar da Galeota em q̄ estaua Bras pereyra, pera hũ barganrim que queria mandar a Malaca em companhia do jungo q̄ disse, & assi sobre certos homés que mandou leuar da galeota pera a fortaleza, por lhe dizerê que queriã fugir pera Bãda, & sobre hũ que Bras pereyra tolheo ao Ouuidor que ho não leuasse, sobre ho que disse palauras muyto defamatorias contra Vicéte da fonseca, pelo que ele indinado disso lhe mādou tomar ho esquite & os escauos da galeota que erão em terra, & defendeo com grandes penas que nhũ pessoa lhe leuasse mantimentos. E vendose Bras pereyra assi atalhado, foy a sua mencucoria tamanha q̄ parecia doudo, & cõ grandes brados dizia aos q̄ estauão em terra, q̄ Vicente da fonseca não era capitão, antes era trédor a el Rey de Portugal por matar a Gonçalo

pereyra seu capitão, & tinha aq̄la fortaleza pa a vender aos mouros, & por essa causa lhe não obedecia, & requeria a todos q̄ não lhe obedecel em: & acabando de dizer isto, mandou tirar tres tiros á fortaleza. Vicéte da fonseca q̄ estaua na ramada se recolheo logo, & mandaua tirar a artilharia pa meter a galeota no fudo se nã fora pelo alcaide mór q̄ lhe pedio q̄ o deixasse primeyro falar cõ Bras pereyra do que foy contente, & despoys do alcaide mór falar coele, & acabar q̄ obedeceria a Vicéte da fonseca & jria a terra & os faria amigos foi peor, porq̄ em Bras pereyra chegãdo a terra, Vicéte da fonseca muyto ledo com lhe parecer q̄ ya pera ser seu amigo, como lhe o alcaide mór tinha dito, foy se a praya pera o receber, & ele lhe disse muyto brauo q̄ se fosse dali porq̄ o não qria ver nem falar coele: & Vicente da fonseca lhe respondeo q̄ não lhe amotinasse a gente & q̄ visse quão mao exepro daua aos mouros & a todos, com aquelas desobediencias, & Bras pereyra tornou a dizer as mesmas palauras q̄ dantes, & requereo a quãtos hiestauão q̄ predessem a Vicéte da fonseca pola morte de Gôgalo pereyra: & Vicéte da fonseca q̄ prendessem a ele por que lhe desobedecia, & foy sobristo muyto grande aluoro çonos Portugueses, q̄ algũs dizião q̄ Vicente da fonseca não era capitão, & os mays dizião que era, & q̄ Bras pereyra merecia preso por ser causa daq̄llas reuoltas: & chegou a cousa a tanto, q̄ ho alcaide mór & feytor se apartarã cõ toda a gente, & llics preguntarão e tinhão Vicente da fonseca por seu capitão, & por os mais dizerem q̄ si, o ouperã por capitão,

capitão, & Bras pereyra foy preso, & assi esteue na fortaleza sem mais Vicete dafõ seca q̄rer ter seu amigo posto que lhe foy cometido. E não seauêdo por seguro dele né doutros de sua valia, os entregou presos a Baltesar veloso capitão do Bargantim q̄ mandou em companhia do jungo que hia pa Malaca dahi os leuassê à India, & partirão na entrada de Março do anno de mil & quinhentos & trinta & dois, & cuydando Vicente dafonseca que por mādãr Bras pereyra & os outros ficaua seguro na capitania o ficou menos, por q̄ algũs desles mais hõrrados que ficarão coele parecendolhes q̄ mereciã melhor a capitania q̄ ele, começaram de praticar e ho prenderê, & preso ho mandarê pera a India, ho q̄ lhe foy logo descuberto: & pa os amansar & tirar daq̄le pensamento ga staua coeles muy largamente, & lhes dey xaua fazer crauo, & lhe fazia quãtas boas obras podia cõ que algũ tâto os amãsou, & porê ele não se confiãua de ninguê, & trazia sempre hũa sayade malha secreta, & sua espada, & andãua tão acatulado q̄ quãdo lhe falãua alguê estãua sempre cõ os olhos nele & a mão na espada, nê toma ua nhũa cousa a pessoa q̄ não fosse sua se não com a mão esquerda & a dereyta na espada, & viuia commuyto grande fadiga, & muytas vezes se apartãua sãa chõr rar da gastado d̄ter tomado aq̄le carego.

## CAPIT. LVI.

Do q̄ Pateçarangue & Trauãcelo determinãrão contra el rey Cachil Dayalo.

**V**endo os mouros as grãdes dissensões & desordês q̄ auia antre os Portugueses: & q̄ se nhũ temor de castigo né vergo nhado mundo matauã capitães, & faziã

outros cõtra o regimêto de seu rey, & quã mal comprião os mādados de hũs & dos outros, & q̄ sempre ficãuão liures de pena, determinarã de fazer ho mesmo contra seu rey Cachil dayalo, & os q̄ derão principio a esta maldade & treyção forão hũ Pateçarangue q̄ Vicente dafonseca fizera governador do reyno pera ho ter de sua mão, & outro q̄ auia nome Trauãcelo ambos velhos discretos & prudentes, & de muyta autoridade cõ os mandarins & gẽte popular pelo q̄ tinhão credito pera fazer quãto quisessem. E a causa de Pateçarãgue fazer esta treyção, foy medo dellie el rey tirar a gouernãça do reyno, por q̄ por ser ja didade pa isso q̄ria entêder nela pa saber como seus vassallos erão gouernados, q̄ auia muytos annos q̄ os gouernãuão gouernadores q̄ fazião mais o q̄ os capitães q̄rião q̄ o quedẽuão: & por q̄ gouernãdo el Rey Pateçarangue não era necesfario q̄ gouernasse & perdia sua valia determinou clede priuar el rey do reyno, & fazer rey a hũ seu jrmão bastardo chama do Tabarija, & era tam moço q̄ não era pera gouernar, cõ fundamêto q̄ gouernãria cleao menos ate Tabarija ser didade, & detudo isto deu conta a Vicente dafõseca, certificãdolhe q̄ se Cachil dayalo nã fosse desposto de rey, q̄ ho auia destoruar a não fazer seu proueyto como fãria não sendo ele rey, nem ficãria tãto atufuluto capitão como forão os passados, pelo q̄ deuia de consentir em Cachil dayalo ser desposto de rey, no q̄ Vicente dafonseca consentio por não perder ho q̄ esperãua de ganhar em quãto esteu esse na capitania. E tẽdo Pateçarangue este consentimento pa



sua treycam começou logo de a poerem obra, tomãdo por cõpanheyro a Trauançelo, & como não podiam fazer nada, se os fidalgos terẽ odio a el rey, prouocauão nos a lho terẽ por quantas maneyras podia principalmete fazedolhes crer q̃ lhesãda ua cõ as molheres: & diziam q̃ era mal inclinado: & de forte cõdição, & assi lhe punham outras muitastachas cõ que o fazia inabil pera ser rey, & despoys q̃ Pateçarangue & Trauançelo virão q̃ os fidalgos tinham odio a el rey, começaram delhes per suadir q̃ o despossem de Rey, & fizelẽ rey a seu irmão Tabarija. Nestetẽpo auia na fortaleza grãde falta de mātimentos, & muytos Portugueses mandauã seus escravos q̃ os fossem furtar aos mouros, & assi os cabacos q̃ tinham nas palmeyras cõ o vinho q̃ saya deles, & como os mouros querã mal aos Portugueses, & as suas coufas, deitauão peçonha nos cabacos cõ q̃ matauão os q̃ lhes yão beberho vinho, & tam bẽ as cutiladas quãdo os achauão de bõ lãço, & como erão mortos tam encubertamente não se sabia mais de suas mortes q̃ acharẽnos menos. E não podẽdo Vicete da fõseca determinar no q̃ seria feito deles disse a Pateçarangue, rogãdolhe q̃ lho foubesse, & ele por meter coele em odio a el rey, cõtoulhe a maneyra da morte dos Portugueses & dos escravos atribuindo a culpa disto a el rey, afirmando q̃ se fazia por seu mandado, do q̃ se Vicete da fõseca escandalizou muyto, & mandou se q̃y xar a el rey pelo mesmo Pateçarangue, cõ o q̃ se el rey espantou muyto, por quãdo cete sabia q̃ estaua daquela culpa, & se nã se temera de o Vicete da fõseca tornar a

prẽder foras lhe disculpar por sua peõsa, mas este temor lhe fez q̃ não fosse, & mandou se disculpar por Pateçarangue cuidãdo q̃ lhe era leal, & como ho ele não era no cõbo da disculpa q̃ deu a Vicete da fõseca lhe disse q̃ se duuida creisse q̃ tudo aquilo erão palauras. E crendo Vicete da fõseca q̃ era verdade detẽrminou de prẽder el rey & te lo preso como dãtes, & que Pateçarangue guernaria ho reyno, porẽ el rey era tam recatado q̃ nunca mais foy a fortaleza, ou parece q̃ foy auisado desta detẽrminação & afastaua se homays q̃ podia da conuersação dos Portugueses, nã por mal q̃ lhes quiselẽ, mas por recear de os escandalizar, & fazialhes quanto bẽ podia, & era tã obediete a Vicete da fõseca & deiejava tãto de estar bẽ coele, q̃ não queria valer a nhũ Portugues q̃ se a ele acolhesse por algũ dilito, & logo lho mandaua, & cõ tudo nã lhe valia q̃ de cada vez lhe tinha mayor odio & deiejava mais de o prẽder, & quãdo vio q̃ ho não podia fazer detẽrminou de o mandar matar, & tudo isto por induzimento de Pateçarangue q̃ tinha o mesmo desejo, & tam danados andauão q̃ ho não podião encobrir, & foy descuberto a el rey q̃ como era de grande coraçãõ dissimulaua cõ Pateçarangue, & não ho quis castigar por não dar causa a Vicete da fõseca rõper coele guerra, q̃ bẽ sabia q̃ auia de q̃reraçõ dir por ele. E andando assi encubertos forão quatro escravos de Portugueses ao matar, & não tornãdo mais mandou Vicete da fõseca dizer a Pateçarangue (despoys de lhe mandar preguntar por eles) q̃ el rey os deu a deter se os iam mandar matar, ho q̃ el rey foubẽ do q̃ ficou tã

triste,

triste & agastado, que se passou logo pera hum lugar chamado Turutó mea legoa de Ternate, & leuou pera lá sua máy & os do seu conselho, mandando dizer a Vicente da fonseca que se ya, pera ver se se podia liurar da culpa que não tinha, & que de lá faria ho que lhe mandasse, do que Vicete da fonseca ficou muy escandalizado, & creio que se queria leuatar contra a fortaleza, & por isso trabalhaua quáto podia polo mandar matar, & mandaua fazer aos mouros quátos males podia. E vendo el rey isto, ouue conselho com os seus sobre se mudar pera mays longe, & assentarão de fazer outra cidade onde se chama a terra alta hũa legoa daly, que com quanto lhe auia de ser trabalho, assi em deyxar seu assento, como em fazer noua pouoação, a tudo se offreciã por se tirare de mexericos, de desgostos, & brigas que disso podiam recrecer. E auido este conselho el rey & a raynha se forão a Tidore & derão disto cõta a el rey que era jrmão da raynha, & tio del rey, a que pareceo bem a mudãça pera a terra alta pelas rezões que lhe derão pera isso, & coeste parecer mado el rey Dayalo edeficar outra cidade na terra alta.

## CAPIT. LVII.

De como el rey Cachil Dayalo se passou pera a terra alta.

**P**ateçarangue como queria mal a el rey & desejava q Vicente da fonseca esteu esse firme em lho querer, como vio o q se ordenaua disto logo, attribuindo aquela mudança del rey a que se fortalecer pera se levantar contra a fortaleza, & fazer lhe guerra, ho q Vicente da fon-

seca creio, asy polo odio que tinha a Elrey, como pola mudãça que lhe via fazer tam de supito, & mays porque neste tpo tendo ja el rey onde se agastalhasse na terra alta se mudou pera lá cõ toda sua familia, saluo a Raynha sua máy que ficou pa fazer yr Pateçarangue & os de sua familia, que em nhũa maneyra se qrião yr de Ternate polo odio q tinham a el rey, & cf tauam determinados de lhe desobedecer, por lhes Vicente da fonseca ter prometido de os ajudar a defender, & por isso não se querião yr. E quanto el rey mays via que Pateçarangue insistia em não yr pera a terra alta, tanto mays insistia q fosse, porque receua muyto que não queria ficar e Ternate em tal tpo se não pera o deseruir, & que o fazia cõ oufadia q lhe daua Vicete da fonseca, & com ter isto por certo, lhe mandou dizer q pera hũ tal dia se fosse pa a terra alta cõ todos os de sua valia, lo pena de o castigar como a reueis, & desobediẽtes a seu rey: E não satisfazedo Pateçarangue a este mandado nẽ nhũ dos outros de terminou el Rey de proceder cõtrele: pa o que se foy a Ternate, onde achou Pateçarangue posto em armas cõ todos os seus pa se defender, & tinha cõ si goqrenta Portugueses espingardeyros q lhedera Vicete da fonseca pa o ajudarẽ contra el rey, & estes estauão na dianteyra. E como os el Rey vio, disse q não queria coeles guerra, mas que se espantaua, & estaua muyto escandalizado, q sendo ele va fãllo del Rey de Portugal, não lhe qrer Vicete da fonseca, que era capitão da sua fortaleza, deyxar castigar Pateçarangue seu vassallo q ho offendia grauemẽte, antes lhe daua fa-

uor & ajuda cõtrele, sendo obrigado por  
ys era capitão del Rey de Portugal a lho  
ajudar a castigar quãdo ele só nã podeffe:  
& rogou muyto aos Portugueses q̃ assi  
ho dissessem a Vicēte dafonseca, & q̃ ele  
era vassallo del Rey de Portugal, & por  
esse se tinha, nẽ deyxaua de o ser pola mu  
dãça q̃ fazia de Ternate pera terra alta,  
q̃ se a fizera, fora por escusar payxões, &  
desgostos q̃ se começauão antre os Por  
tugueses & os Mouros, & da terra alta,  
mandaria may mantimentos á fortaleza  
do q̃ yão dâtes, q̃ nã couyda s̃e Vicēte da  
fonseca q̃ se mudaua pera outro fim, & al  
si se veria a diante, pedindo lhe por derra  
deyro q̃ nã quisesse fauorecer cõtrele Pa  
teçarangue nẽ os outros q̃ lhe erão deso  
bediētes, & q̃ esperaua por sua resposta pa  
saber o q̃ auia de fazer, & coisto se foy. E  
ele y do recolherãse os Portugueses, & de  
rão a Vicente dafonseca ho seu recado, q̃  
ele ouuio com grãde mençõria por q̃ ho  
nã matarão, & assi ho disse, affirmando  
cõ juramento q̃ ho auia de destruir, & sol  
tando cõtrele muy feas palauras, e q̃ mo  
traua claramēte ho grãde odio q̃ lhe ti  
nha, do q̃ el rey foy auisado: & nã vendo  
sua resposta, deteminou cõ os de seu cõse  
lho de proceder contra Pateçarangue, a q̃  
mandou primeiro rogar q̃ se fosse parele,  
& nã querēdo, mandou lhe fazer guerra  
por seus capitães q̃ cada dia lhe faziao mui  
tas corridas, & lhe dauão rebates por mār  
& por terra, assi de dia como de noyte, e  
q̃ Vicente dafonseca ho mandaua sempre  
ajudar polos Portugueses, & assi se ya ate  
ãdo a guerra de pouco em pouco: ho que  
vêdo el rey a quis may apertar, & foy so

bre Pateçarãgue por mār, & Cachil bua  
laua governador de Toloco por terra cõ  
a may gente q̃ pode. E Vicēte dafonseca  
acodio logo por terra, & mãdou por mār  
sesenta Portugueses espingardeyros em  
hũ batel, & em hũ paraõ artilhados, & nã  
pelejarã: por q̃ vêdo el rey os Portugueses  
q̃ yão diãte, nã quis pelejar coeles & reti  
rouse, & eles o apertarão tãto cõ a artelha  
ria & espingardaria, q̃ lhe foy necessãrio  
fugir. E outra vez tornou el rey e hũ ca  
laluz cõ algũs mãdarins pa falar a Vicēte  
dafonseca & lhe rogar q̃ teucses paz, &  
ele lhenã quis falar, antes mãdou a certos  
Portugueses q̃ lhe saíssem, & por ele nã  
q̃rer pelejar, & se yr, forã a posele ate en  
sacarẽ na praya da terra alta cõ de se saluou,  
leuãdo quatro mandarins feridos, & foy  
lhe tomado o calaluz. E despois disto foy  
Vicēte dafonseca darmada á terra alta, cõ de  
chegou de supito áte manhaã, & tomou a  
el rey toda a armada q̃ tinha assi no mār  
como na terra, & se tornou pa a fortaleza  
cõ grãde cõtẽtãmẽto de Pateçarãgue, &  
dos outros inimigos del rey, q̃ vêdo como  
lhe Vicente dafonseca fazia guerra da q̃la  
maneyra, ainda q̃ o nã merecia, eratã ami  
go dos Portugueses, & desejava tãto sua  
amizade pola criação q̃ teuera coeles, que  
nũca quis guerra, nẽ defenderse pola nã  
fazer, q̃ se quisesa queyxarse aos outros  
Reys segũdo estauão mal cõ os Portugue  
ses, bẽ ajũtara gente com q̃ fizera guerra,  
mas nã quis polo amor q̃ lhes tinha, & de  
sejo de sua cõuersação: & ates quis auçtu  
rar-se a perder ho Reyno, como perdeo,  
q̃ fazer guerra aos Portugueses, tẽdo que  
era muyto mór perda nã lhe goardar leal  
dade,

aldade q̄ perder o Reyno, & pera ver se  
cô se yr de le poderia q̄brar a furia q̄ Vicē  
te da fonsca tinha cōtrele, se foy pera Ti  
dore cō toda sua casa, & cō sua m̄y, cō  
determinação de estar lá ate q̄ el rey fizel  
se cō Vicēte da fonsca que fosse seu ami  
go, & assi lho disse, & ele lhe disse q̄ aca  
baria isso cō Vicente da fonsca por amor  
da amizade q̄ tinham ambos, & que tam  
bé ho a judarião el rey de Bachão & el rey  
de Geylolo, & Ferná dela torre, a q̄ efre  
ueria que ho fizel sem, & assi ficou el rey  
Dayalo em Tidore, cuydado que ali se re  
mediaria.

## CAPIT. LVIII

De como Vicente da fonsca tomou a ci  
dade de Tidore.

Vicente da fonsca q̄ nã sabia nada da  
ydade del rey Dayalo, ajutou hũa grã  
de armada de mouros & de Portugueses  
cō determinação de o destruyr, pa o que  
se foy á terra alta q̄ achou despouoada, do  
q̄ semuyto espantou, & cuydou q̄ el rey  
se meteria pelo sertãda jlha pera se fazer  
forte. E queymado este lugar, foy sobre  
as cidades de Malayo & de Toloco, q̄ rã  
bé forão despejadas, por el rey termãda  
do aos moradores q̄ nã pelejassem cō os  
Portugueses, & estas tãbem forão quey  
madas. E sabēdo Vicente da fonsca q̄ el  
Rey Dayalo se fora pera Tidore, folgou  
muyto, pater achãq̄ delhetir o reyno,  
porq̄ nã podia estar sem Rey, & assilho  
conselharão Pateçarangue & os de sua va  
lia, & q̄ fizesse hũ jrmão bastardo del rey  
Dayalo, chamado Cachil Tabarija moço  
de quatorze ate quinze annos, da propria  
ydade pera eles mandarẽ a terra a sua vō  
tade, & pera Vicente da fonsca ho fazer

melhor, fez governador do reyno Pateça  
rangue. Eleuãtado Tabarija por rey, foy  
Vicente da fonsca coele em hũa grãde ar  
mada por esses lugares da fralda do mar,  
aque mandaua dizer que ele desposera de  
rey a Ternate a Cachil dayalo, & o deita  
ra do reyno cō sua m̄y & outros, por se  
rẽ culpados na morte do capitão Gonça  
lo pereyra & se q̄rerẽ leuãtar cōtra a forta  
leza, & fizera rey a Cachil tabarija, q̄ tam  
bé era filho del rey Boleyse, cujo o reyno  
era por deryto, pois Hayalo ho perdera:  
q̄ rogaua muyto a todos q̄ obedecessẽ  
por Rey a Tabarija, porq̄ nã querendo  
lhes auia de fazer guerra. E vendo os mou  
ros que el rey Dayalo se fora, cō receo da  
guerra, obedecerão todos a Tabarija, fo  
mẽte o regedor de Toloco q̄ queria mal  
a Pateçarangue, cō quanto era seu parẽte,  
& desejava de o matar por a treyção que  
fizera a el rey Dayalo, & por isso o man  
dou prẽder Vicente da fonsca, & este ue  
pfo atẽ q̄ morreo. E como Pateçarangue  
sabia q̄ el rey Dayalo estaua em Tidore, re  
geuãse q̄ dali cobrasse seu reyno: & pera  
mayor sua segurança, fez cō Vicēte da fõ  
seca q̄ fosse cō grande armada sobre Ti  
dore, & fizesse cō el rey q̄ lhe madaesse en  
tregar todo ho tesouro q̄ Dayalo leuara,  
cō todo o mais quãdo se fora de Ternate,  
senã que o destruisse, & ficando Dayalo  
sem tesouro nã teria poder pera se restau  
rar no reyno. E como Vicēte da fonsca  
cria muyto em Pateçarangue tomou seu  
conselho. E chegado a Tidore hũa ma  
nhã cō grãde armada, madou dizer a el  
rey as rezões porq̄ desposera de rey a Ca  
chil dayalo & fizera rey a Tabarija, a que

pertencia todo ho tesouro douro, prata,  
 & armas defensiuas, & offensiuas, &  
 escravos que Dayalo & sua mãy leuarão  
 de Ternate, que lhe rogaua que lhe man-  
 dasse logo d'artudo se q'ria ter paz coele,  
 se nã q' lhe fãria guerra: & tãbem lhe auia  
 de tregar Dayalo & sua mãy, ou os lãças  
 de sua terra, porq' que tinha amizade cõ  
 os Portuguezes nã auia dacolher hũ tama-  
 nho seu imigo como Dayalo. El rey de  
 Tidore como era moço, espautou se dũ re-  
 cado tã aspero, & respõdeco a Vicete da-  
 fonseca que fãria tudo o q' fosse rezão, que  
 lhe pedia q' de sembarcase pera falar e so-  
 breaquele negocio & se fazer o q' fosse ser-  
 uiço del Rey de Portugal: & por cõselho  
 de Pateçarangue nã quis Vicete da fon-  
 seca verse cõ el rey, & repicou q' fizesse  
 logo o q' lhe pedia se queria ter paz coele:  
 & vedose el rey tã apertado, disse q' aueria  
 cõselho cõ os seus, & despoys yria falar a  
 Vicente dafonseca pois ele nã q'ria de sem-  
 barcar: & Vicete dafonseca nã respõdeco,  
 porque vio q' el rey nã fazia o que lhe pe-  
 dia. E cuydando el rey q' consentia em q'  
 ouesse cõselho entrou nele, mas Vicete  
 dafonseca tomou outro, q' lhe deu Pateça-  
 rãgue, que foy dar na cidade pois el Rey  
 nã satisfazia a seu requerimento, & com  
 lhe fazer guerra o fãria, & assi ho fez, de-  
 sembarcado supitamente cõ sua gente ar-  
 mada, & entra pola cidade ferindo & ma-  
 tãdo seus moradores, q' confiados na paz  
 & amizade que tinham cõ os Portuguezes  
 estauão bem descuydados de tal couisa, &  
 sabendo ho el Rey, fugio logo coma sua  
 mãy, & Cachil da yalo cõ a sua pera hũa  
 serra q' estaua sobre a cidade, pera onde rã

bem fugirão os mais dos moradores, po-  
 sto q' algũs quizerão resistir por defenderẽ  
 suas molheres & filhos, & estes forão mor-  
 tos quasi todos: & nã tendo os Portugue-  
 ses com que pelear, roubarão & queyma-  
 rão a cidade. Ea vida esta tamanha vito-  
 ria, em q' Vicente dafonseca cõ os Portu-  
 guezes perderão mais de credito, do que  
 ganharão de honrra, se tornou pera Ter-  
 nate sem alcãçar nada do que ya buscar, se  
 não guerra cõ Tidore sem nhũa causa, de  
 q' nõsso snor lhe deu logo algũ castigo:  
 E tornado á fortaleza, vëdo o regedor de  
 Toloco (q' disse q' foy preso) q' Cachil da  
 yalo nã podia cobrar o reyno, por nã auer  
 rey daq'la geração, determinou de matar  
 el rey Tabarija, & dous seus irmãos, que  
 Vicete dafonseca tinha na fortaleza pera  
 sua segurãça, ho q' cuidou de fazer por es-  
 tar coeles no derradeyro sobrado da torre  
 da menagem, ainda que preso com hũa a-  
 doba, & pera cõprir sua determinação, ou-  
 ue hũ cutelo q' trazia escondido, & logo  
 q' Vicete dafonseca chegou de Tidore, estã-  
 do hũ dia á porta da fortaleza ho regedor  
 q' estaua sã cõ el rey & seus irmãos, & ou-  
 tros algũs no derradeyro sobrado da tor-  
 rede menagem, remeteo a el rey pera ho  
 matar, q' quis Deos q' lhe escapou & fugio  
 cõ os outros pa duas camaras a q' fecharã  
 as portas de dẽtro, & outros fugirão pola  
 escada abaixo bradãdo q' lhes acodissem,  
 & ele nã pode alcançar nhũ por amor da  
 adoba que hotoruaua, mas alcançou hũ  
 filho de Vicente dafonseca, moço de sete  
 ãnos & degolouo, vendo q' nã se podia  
 vingar de que quizera. E feyto isto, porq'  
 sentio q' acodio gente, posse sobre a porta

da escada tirando cõ pedras & páos & algũas espingardas, cõ q̄ defendia muy brauamete que a ḡte não sobisse a cima, & cõ tudo, hũ caualheiro chamado Jorge goterez passou a diante bem cuberto de hua rodela q̄ lhe o mouro q̄brou sobrea cabeça cõ hũa espingarda q̄ lhe arremessou, & o ferio & atordoou algũ tanto, poré ele era tã esforçado que assi se chegou ao mouro, & lhe deu hũa estocada pela barriga q̄ o passou da outra parte, & ele q̄ não era de menos esforço q̄ Jorge goterez, né por isso perdeu o lugar é q̄ estaua em quanto teue cõ q̄ se defender, & depois de lhe falecer, çarrou cõ Jorge goterez & ferio o cõ o cutelo por de baixo da barba, & ele o leuou nos braços, & forã ambos pola escada a bayxo, & chegãdo ao sobrado Jorge goterez se desembrilhou dele, & deu lhe hũa cutilada na cabeça com que quebrou a espada, & Vicete da fonseca & outros ho acabaram de matar.

## CAPIT. LIX.

De como el rey Cachil dayalo perseguido de Vicente da fonseca se foy morar a Geylolo.

**G**Rãde espãto foy por todas aquellas ilhas quando se soube q̄ Vicete da fonseca desposera de rey de Ternate a Cachil q̄ era legitimo, & tã amigo dos Portugueses & criado atreles, & ho perseguiu tanto até o fazer fugir do reyno, & fazer rey a Cachil Tabarijatã moço & bastardo, & a que não pertencia o reyno por nhũa via, & tinhã todos disto grãde escadalo: & muitos Sangages & governadores dos lugares do reyno de Ternate, não querião obedecer a el rey Tabarija, & chamaual herrey de Vicete da fonseca & de Pateçarãgue, pelo q̄ Vicete da fonseca fez a mayor armada

q̄ pode & mādou nela por capitã mór Paateçarãgue pa fazer a estes q̄ digo q̄ obedecesse a Tabarija q̄ obedecerã vèdo se aprefados da guerra, posto q̄ el rey Cachil dayalo lhes focorreo cõ algũa armada mas nã a pueyrou, & assi tabé fez por força q̄ obedecesse a el rey Tabarija hum mouro chamado Ourobachela tesoureiro del rey Cachil dayalo pessoa mui notauel no reyno, q̄ obedecèdo a el rey Tabarija, lhe entregou todo o tesouro q̄ tinha del rey Cachil dayalo, o q̄ foy causa dalgũs Sãgages & fñores q̄ ainda estauã por dar obediência a el rey Tabarija lha desê. E vèdo el Rey de Tidore como ascousas del rey Tabarija erã de cada vez mais prosperas, & el rey Cachil dayalo ya é mais pdição, & el nã lhe podia valer por estar muy q̄brado das guerras passadas, fez paz cõ Vicete da fonseca cõ receo q̄ o destruisse & Vicete da fonseca a fez por alsetar a terra: vendo el rey feita esta paz nã se atreueo a viuer e Tidore por amor dos Portugueses q̄ sabia q̄ auiaõ la dir, dos quaes se não fiaua, & por isso determinou de morar em Geylolo, & foy la primeyro, pera pedir licença a el rey q̄ lha deu de boa vótade, & lhe prometeo de lhe dar algũs lugares, d̄ cujas rēdas se mātuelesse, & mais q̄ ele & Fernão dela torre mādariã rogar a Vicete da fonseca q̄ o ajudasse cõ algũa cousa, poy o deytara de seu Reyno, & assi ho fizeraõ, mas ele não quis, antes com Pateçarãgue mandou cometer a el Rey de Tidore q̄ lhe vendesse el rey Cachil dayalo & lho entregasse, porq̄ não se passasse pera Geylolo, temido q̄ de la lhe fizesse guerra, ho q̄ el rey não quis fazer. E vendo Vicente

da fôseca q̄ não q̄ria, fez q̄ lhe desse a máy del rey Tabarija, q̄ andaua em cõpanhia da molher del rey Cachil dayalo, cõ que Pateçarague desejava de casar pera ser ma ys hõrrado, & assi o fez, depõys q̄ foy en tregue a Vicente da fonsseca, a q̄ não abaf tando as perseguições que tinha feytas a el Rey Cachil dayalo, tratou secretaméte cõ a raynha sua molher q̄ lhe fugisse pe ra Ternate, & que a casaria cõ el rey Tabarija & seria raynha, o q̄ nunca auia de ser sendo molher de Dayalo, porq̄ nũca auia de ser rey: & affirmou se q̄ neste concerto cõsentio el rey de Tidore, cuja jrmã era a raynha, & isto por peita, & por desespe rar del rey Dayalo cobrar mais o reyno. E despoys dele tornar de Geylolo, hũa no yte o embebedou a Raynha é hũa çea q̄ lhedeu: & estando ele bem entregue no sono, se foy ela secretaméte com algũas das suas mãcebas, leuãdolhe a mayor par te do tesouro q̄ tinha. E chegando a Ternate, a casou Vicéte da fonsseca cõ el Rey Tabarija, o q̄ sabido por el rey Cachil da yalo ho sentio mais q̄ perder o reyno, por lhe q̄rer muyto grãde bem, & ser ela refri gerio de seu trabalho, & tãbem sintio le uar lhe o tesouro, por q̄ ficaua de todo sem ter com q̄ sosteu se a aqueles que ho acõ panhauãõ: & como era magnanimõ não desmayou cõ todos estes infortunios né se mudou da determinação de yr morar a Geylolo. E porq̄ sua máy auia de ficar em Tidore, dey xou coela aq̄les que o acõ panhauãõ, é comêdadolhos muyto, & pedin dolhe a eles muyto perdão de os nã leuar cõ si go, & de lhes nã poder fazer merce, fa zedo ele & eles grãde prãto ao despedir, se

partio pera Geylolo sã, & tã pobre, q̄ não tinha mays do que lhe el rey de Geylolo daua, ôde esteu até q̄ tornou outro tẽpo, como direy a diãte. E partido el Rey Dayalo pera Geylolo, el rey de Tidore pedio ajuda a Vicéte da fonsseca, & a el rey Tabarija, pera cobrar algũs lugares de seu senhorio q̄ lhe estauão reuelados, & cõ sua ajuda os tornou a cobrar: em q̄ hũ Jorge gotterez, & hũ Simão valéte pelejarão muy esforçadaméte. E despoys disto, mo ueo el rey de Geylolo guerra a Vicéte da fõseca por certos lugares de seu senhorio, q̄ lhe tinha tomados, & não lhos tornaua tẽdolhe prometido de lhostornar, & assi esteuerão até chegar a Maluco Tristão da tayde q̄ foy por capitão da nossa fortaleza, como a diante direy.

## CAPIT. LX.

De como ho governador determinou de yr sebrã a fortaleza de Baçai, & do sitio da fortaleza.

**D**espoys do governador auer a stana darias Daçadacão, como disse, vio q̄ era tpo de poet em efeyto a determinaçã que tinha de yr tomar a fortaleza de Baçain, o q̄ tinha descuberto, per juraméto q̄ o não descubrissem, a Martiãfonso de melo jufarte, Manuel dalbuquerque, & a outros cinco ou seys, a quem disse. Ainda que cubro a tristezza q̄ tenho por nã tomarmos Diu, nã creais q̄ he tã pequena, que me nã dá tãto cuydãdo, q̄ podeis erer q̄ nãca mays fuy lodo, porq̄ com quãto fiz o q̄ pude como todos vistes, & nessa parte me dou por satisfeito, todavia me nã posso alessse gar, porq̄ me lembra q̄ neste caso a minha satisfacã he a menos, pois nada a pucita se nã satisfazer nos de fora, & mais é couzas q̄ tocã ao bẽ publico. E como eu conheço

q̄ os homẽs geralmẽte nas coufas desta q̄a lidade nã leuão em conta nhũas disculpas mas sempre fazẽ as culpas mayores do q̄ fãõ: ma goame muy toas q̄ me hãõ dedar de nã tomar Diu polto q̄ as nã tenho, & por isso q̄ria fazer algũa coufa cõ q̄ estoutra esquecessẽ: & a que se offrece he tomar Baçai antes de ser de todo outro Diu, pa o q̄ despoys da ajuda q̄ espero de nosõ se nhor, faz muito ao caso o medo q̄ os mouros tẽ dos nosõs, pola guerra q̄ hizerã em Cãbaya o ãno passado & este, & a destruição de Patane, Patc, & Mágalar, q̄ quasi erã tã fortes como Baçai, & forãõ destruydas por tã poucos como traz Diogo da silueyra, assi sera Baçai cõ ajuda de nosõ se nhor polos q̄ lá formes, q̄ seremos dous mil Portugueses cõ os q̄ traz Diogo da silueyra, & por nã se saber õde ymos o encubrodizẽdo q̄ voua Cãbaya, & por isso vos dey juramẽto q̄ onã descubraeis, & asivolo peço. O q̄ lhes pareceo muito bẽ, & cõselharão ao gouernador q̄ sem detẽça o executasse. E como eletinha tudo prestes partio se na entrada do ãno de mil & quinhentos & xxxiiij. & foy na galã bastarda, & seria a frota de perto de oytẽta velas, e q̄ entrãõ sete galeoes, de q̄ forã capitães, dõ Paulo da gama, Vasco pirez de sam payo, dõ Fernãõ deça, Antonio de lemos, Anrique de macedo, Antonio cardoso, & outro a q̄ nã soube o nome: as outras velas forã galãs, galeotas, bargantins, catures, & nauios da terra, dos principais capitães q̄ soube q̄ forãõ das galãs, & galeotas forã, Martiãfõ de melo juarte, Manuel dalbuquerque, Tristãõ datay de, pero d̄ faria, Frãscõ da cunha, Vasco

da cunha, Nuno barreto, Manuel de vascõcelos, dõ Pedro de Meneles, Fernãõ de lima, & outros fidalgos & caualeyros: & nas velas Portuguesas yãõ dous mil Portugueses, & dous mil Canaris frecheiros & adargados nos nauios da terra. E partido de Goacoeita frota foy ter a Chaul, õde mãdou diãte Manuel dalbuquerque cõ certos bargantins, q̄ fosse tomar a barra de Baçai, porq̄ nã entrasse nenhũ socorro de Diu, & ele partio apos ele: E chegado ao rio do Pagode duas legoas de Baçai: esperou por Diogoda silueira q̄ por seu recado se partio da põtade Diu õde andaua, & se foy ali ajutar coele, & jutos partirã todos pa Baçai, q̄ como disse, he quinze legoas de Chaul metido por hũ rio e q̄ podẽ nadar galãs, & destierõ se faz hũ esteyro q̄ o cerca da bãda de lãste, & se vay meter no mar q̄ fica a terra e jlha: pegado cõ a boca d̄ste esteyro estaua hũ baluarte, & mais pa a barra a tiro de bõbarda estaua hũa mezquita e hũa mama de terra. E porq̄ os Portugueses nã podẽsẽ desbarcar juto da fortaleza fizerãõ hũa tranq̄yra de valos de terra q̄ começãudo baluarte, & se estendia atẽ mealegoa alẽ da fortaleza pa a pouoção, era daltura de braça & meca & muito larga, & dos mefmos valos tinha muytos baluartes em q̄ estãõ assentada strezẽtas peças darteilharia, & pa mais fortaleza crearaõna decau daltura de hũa braça q̄ se echia dagoa do esteyro q̄ disse, de modo q̄ nã se podia entrar se nã pelo cabo da tranq̄yra, q̄ os mouros hizerã, porq̄ se algũa ora os nosõs quisẽsẽ cometer, nã poderã tãto adar a pẽ pa chegarẽ ao cabo da tranq̄yra, & se chegãse, chegarãõ



tam caufados que não poderião pelejar, & coeſta fortaleza & có Melique ter deza ſete mil homẽs de pejeja aſi de pé como de caualo, & todos eſcolhidos, lhe parecia que eſtaua ſeguro de ſer tomado.

## CAPIT. LXI.

¶ Como Melique quizerá deter có engano ho Governador q̄ não cometelſe a fortaleza.

**C**Hegado ho governador à barra de Baçaim entrou dentro no rio pa ſurgir com ſua armada, q̄ ſabendo Melique camanha era temeo de ſer tomado, & paauer mays gente & ſe fortalecer mais, mãdou logo dizer ao governador por hum mercador Dormuz q̄ hitinha hũa nao, q̄ bé ſabia como ſeu pay, & ele forão ſempre grandes ſeruidores del Rey de Portugal: & amizade que teuerá có os ſeus governadores da India, & nũca lhe quizerá fazer guerra, ſobre q̄ el rey de Cábaya os vexara & tratara mal, & por iſto aſi ſer ele q̄ ria goardar coele o que até ali goardara com outros governadores, & ter coele paz & amizade como teuera có os outros ſe ele diſſo foſſe contente, & ſe poſſeſse no q̄ foſſe razá. Ho governador deſpoys de ouuir eſte recado, pregũtou ao mouro pola fortaleza, & ſe eſtaua tá forte como era a fama, & ho mouro lhe prometeo de lhe dizer a verdade, pedindolhe q̄ lhe ná mãdaſſe quey mar hũa nao q̄ hitinha, & mays pois era vaſſallo del Rey de Portugal: ho q̄ o governador lhe prometeo, & ele lhe contou largamẽte a gente que Meliq̄ tinha & ho aſſento da fortaleza, & quam fortalecida eſtaua. E ho Governador que com tudo tinha determinado de dar nela, não lhe deu nada do que ouiuo ao mouro, & respondeo a Melique, que por ſa-

ber que era verdade tudo quãto lhe mandaua dizer, era contẽte de fazer coele paz & o ter por amigo, & que lhe mandafſe arreſens, & que deſpois de o ter manda-ria la có quem aſſentafſe a paz & a amizade. E como Melique não tinha tençãode fazer a paz, não quiſ mandar reſpoſta a q̄le dia, & ao outro mãdou tres Mouros honrrados que ho mercador Dormuz conhecia, que ho governador mandou agafalhar em hũa galeota, de que era capitão Ioão de payua feytor da armada: & mãdou a Martim aſonſo de melo que foſſe aſſentar paz com Melique: & feria com condiçã que lhe alargafſe aquela fortaleza. E ſabẽdo Melique como ya Martim aſonſo, ſayo ho a receber hũ pedaço fora da fortaleza: & ali aſſentados na herua ſobre hũa alcatifa praticarã na paz, & Melique não q̄ ria dar a fortaleza, & por Martim aſonſo apreſiar muyto coele q̄ a deſſe, lhe diſſe Melique q̄ lhe rogaua por ſua fidalgia que lhe diſſeſſe, ſe ele fora Melique ſe a dera, & Martim aſonſo reſpõdeo que ſe ſoubera ho poder que ya contrele, como ſabia, que a entregara por eſcapar: & com tudo Meliq̄ pola tençã que tinha inſiſtia muyto em não dar a fortaleza. E por derradeyro, mays pera deter a couſa que pera querer conerufam, diſſe que dirribaria a fortaleza, com condiçã que lhe pagafſe ho governador os gafſtos que fizera, & que auia de leuar a artelharia, madeyra, & pedra, & em reſazimento dos gafſtos lhe auia de dar cincoenta caualos dos que leuaua, & coeſta reſpoſta ſe tornou Martim aſonſo, & deu ao Governador, que mandou fogo os arreſens,

arrefes, & chamou a côselho na sua galé onde propos aos capitães fidalgos, & pessoas principaes da armada, a resposta de Meliç, & como muitos sabiam ho afseto da fortaleza pelo mouro & ho modo de q̄ estaua fortalecida, & temelhe a peleja, ou lh'es pareceffe melhor auer a fortaleza sem ela q̄ coela, em q̄ muitos corria risco de morrerê, & a India ficar desfalecida de gente, de q̄ ao prefete auia necessidade grãdissima, forão de parecer q̄ se cõcedesse a Meliç o que pedia, dando as mesmas rezões q̄ digo, & porq̄ não se fizesse Baçã outro Diu. E Diogo da silueyra, & Manuel dalbuquerque forão muyto desuia dos deste parecer, dizêdo que aq̄la armada que ho governador trazia, tinha muyto custado a el Rey, & o que se poderia dar por se derribar a fortaleza seria outro tanto, o que era grande vergonha & parecia fraqueza, que era muyto de notar pois se cõmetia portanta & tam boa gente & tambe armada como ali estaua, & por nã ficar cõstume aos mouros q̄ como quisessem ajuntar quacisquer quatro pedras pera lhas venderê tambe como Meliç q̄ nã veder aq̄elas, & mays leualas, que o nã deuião de fazer: & se Meliç nã qui fesse dar a fortaleza liuremente que pelessem, & que esperauão em noſso ſiõr q̄ os auia de ajudar por mays fortes que os inimigos estiuesssem, & deste parecer forão outros, & ho governador por derradeyro, & por serem mays vozes se asentou que fosse assi, & ho governador ho mandou dizer a Meliç por ho mouro Dormuz, & por ele respondeo que ao outro dia mandaria a resposta. E vendo os sol-

dados esta dilação sem saberê a causa, & porque sabião o que Martim aſonso passa racõ Meliç sobre o que o governador teuera conselho, & lhe respõdera, assentaraõ q̄ poys ho governador nã dera logo em terra que nã q̄ria fazer nada & setor naua, & leuátou se sobristo grande murmuração por toda a frota, & o secretario Simão ferreyra ho disse ao governador, q̄ vendo ho vir de fora cõ roſto descõtente lhe pregütou que ya lá, & de que vinha descõtente, e lhe respõdeo q̄ por dizerê todos q̄ se tornauão pera Goa sem fazerê nada, & entêdendo ho governador, que poys se soltaua aquilo q̄ auia grãdemurmuração na armada, & vendo tambe q̄ Meliç nã mandaua resposta, tornou a chamar a conselho & determinou de dar em terra ao outro dia q̄ era dia de sã Sebastião, & que de toda a gente se fizesse trescecoadrõs, no primeiro q̄ seria de seis cõtos Portuguezes, & quinhõtos Canaris, yrião Diogo da silueyra, Martim aſonso de melo jularte, & Manuel dalbuquerque. No segũdo que seria doutros tãtos yrião dom Fernando deça, Vasco pirez de são payo, dom Paulo da gama, Antonio de lemos, Anriç de macedo, Antonio cardoso, & os outros capitães dos galcões. No terceyro que seria de oytocõtos, yria o governador cõ a bãdeyrareal acompãhada dos outros capitães, & nesta ordem de sembercarião todos de madrugada & cometerião ho cabõ da tranqueyra, cujo caminho ho mouro Dormuz lh'es insinaria, indo na dianteyra com Diogo da silueyra, & a boca da noyte a albertoça de Pero de faria com as mays velas

velas que teueſſem tiros groſſos, & aſſi al gr̃s bateis de mátas ſe chegarão o may que podollem á fortaleza & á tranqueyra, pera q̃ ouuindo de madrugada hũ tiro de berço q̃ tiraria o ſeu caturindo pa ter ra começallem de bater a fortaleza & trá queyra.

## CAPIT. LXII.

De como Diogo da ſilueyra Martin afonso demelo jularte, & Manuel dalbuquerque defbaratarão a trá queyra dos inimigos.

**I**sto aſſentado tornarão ſe os capitães a ſeus nauios, & chegados á tranqueyra & fortaleza os q̃ auião de dar a bateria e. comédouſe a géte a noſſo ſñor, porq̃ ho feyto era muyto perigoso por a fortaleza eſtar tam forte como diſſe, & em grandes alegrias porq̃ ſoubelſſem os inimigos q̃ os não temião. E vinda a madrugada q̃ o gouernador deu o ſinal cõ ho berço, como eſtaua aſſentado, começou a noſſa artelharia de deſparar & como era ainda de noyte & fazia neuoa, & oſ tiros deſparaſſem quaſi a hũa foij hũa couſa eſpátola, & may porq̃ a artelharia dos inimigos começou tambẽ de jugar cuydado q̃ os Portugueſes deſembarcauão diante da fortaleza. E deſembarcados eles & poſtos na orde em q̃ auião de yr, começarão de caminhar ao longo da tranqueyra pera ho cabo dela, porque querdo Diogo da ſilueyra entrar pola cauanaõ quis quádo achou a altura que tinha: & por iſſo paſſou auáte por hũ campo taſo onde a noſſa gente nã tĩnhão outro emparo ſe não o de noſſo ſñor q̃ os goardalſſe das muytas bõbardadas q̃ lhes oſ inimigos tirauam & eſpingardadas em roda v.ia, & muytas bõbas de fogo, & tudo tá baſto q̃ era milagre euidente eſca

parẽ de tantos tiros, & noſſo ſñor ſeja louuado em nhũ acertarão, pelo q̃ deſpoys muytos dos Canaris que yão cõ os noſſos ſe tornarão criſtãos, dizendo que o noſſo Deos era melhor que todos os outros deos q̃ nos goardaua dos perigos. E os meſmos mouros eſpantados de verẽ q̃ os ſeus tiros não empeçião aos Portugueſes, mandarão dizer a Meliq̃ q̃ viſſe o q̃ fazia porq̃ a artelharia não fazia mal aq̃lſes homẽs, & que ſe chegauão ao cabo da trá queyra, onde ſe todos ajuntarão, & ſerião doze mil homẽs de pé & de caualo, em q̃ auia muytos Rumes & outra gente branca. E ſabido por Meliqueaq̃le recado, acodio á tranqueyra de y xado em comẽdada a fortaleza a hũ capitão de q̃ confiava. Equando os Portugueſes chegarão ao cabo da trá queyra deſpoys de tantos perigos acharão como digo aq̃le corpo dos inimigos, q̃ era couſa de tiros de fogo que trauião pa deſfender a entrada, mas os Portugueſes não duuidando nhũa couſa remeterão aos inimigos na ordem em q̃ yão, tirado hũs muytas eſpingardadas, & outros cõ lançadas. Evendo os inimigos a ouſadia cõ q̃ os cometião os menos: teuerão coração pera ſe deſfender o que fizerão por hũ quarto dora, pelejando muy eſforçadamente & logo ſe deſbaratarão, não podẽdo ſoſter o impeto dos Portugueſes, & fugirão deles pera apouoação, & outros pera a fortaleza, & aſſi os seguirão oſ noſſos, parte deles com Diogo da ſilueyra q̃ ſeguiu os q̃ yão cõ tra apouoação, & parte cõ Martin afonso, & Manuel dalbuquerque os q̃ yão pa a fortaleza: & niſto chegou Meliq̃, & começou d̃ recolher os ſeus, & aſſi como os

recolhia

recolhia fazia volta aos que yão com Diogo da silueyra, mas aproueytaualhe pouco, porque como os Portugueses yão favorecidos com a victoria a cada volta lhe matauão muytos: & assi os leuarão ate a pouoação, onde Melique nã se atreuido a saluar, fugio passando hũa ponte que atrauessaua ho esteyro q̄ disse, & recolheo seccõ a gente ao pé de hũa ferra õde se fez forte, & na entrada da tranqueyra & no alcãçõ dos inimigos forã mortos bẽ quinhẽtos homẽs, & muytos deles Rumes, & átreles foy hũ Abexi de caualo, q̄ átreles era tido por esforçado caualeyro, & matou ho Ioão iustarte tição, & assi foy morto hũ capitão del rey de Cambaya cõdo us filhos & hũ genro, & nã foy a cista batalha a mays que auer os Portugueses, porque nunca os vira pelejar, & tinha deles fama que erã muyto valentes homẽs, & este capitão se achou armado d̄ hũ bõ corfolete: & assi morrerã outros muitos capitães & he mẽs conhecidos, & dos Portugueses morrião ate seys, & hũ deles era adalgo, & chamauasse Diogo de melo, & outro Bertolameu drago, & dos outros nã soube os nomes. Esta victoria se ouue é tresoras, & foy das principais q̄ ate aly se ouue na India, por ser hũ feyto de muyto grande perigo, & ser a pelea cõ a melhor gẽte da India, asy de pé como de caualo, & em q̄ auia muytos Rumes, & a mays da outra gente toda brãca, afora terem tantas munições & tiros de fogo como disse.

## CAPIT. LXIII.

Decomo os inimigos despejarã a fortaleza de Baçai

**D**esbaratados os inimigos & posto fo-

go a pouoaçam, tiraram os Portugueses caminho da fortaleza, & chegando á mezquita que disse, esperarã polo gouernador q̄ chegou á traqueyra quasi em tẽdo os Portugueses acabado de desbaratar os inimigos, que polo pouco espaço q̄ gastarã em os desbaratar, nã pode chegar mays cedo: & foy a pressa tamanha q̄ correrã os Portugueses muyto risco de serẽ mortos cõ a nossa artelharia q̄ tirauã os do mar, q̄ cydando q̄ nã tomãsem a traqueyra tão afinha, nã fazião se nã tirar a ela polos ajudar, & tã impressõ tiuã ho isto na fantezia, que os viã adar sobre os valos da tranqueyra, & cydauã q̄ erã os inimigos, & q̄ os Portugueses erã te dos mortos, se nã quãdo virã luzir os capacetes, entãõ deixarã de tirar. E chegando ho gouernador á mezquita deu muytos lououres a nosso senhor por aq̄la victoria, & fez muyta honrra & gasalhado a Diogoda silueyra & aos outros capitães louãdo seu esforço & valentia, & disse lhes q̄ esperaua em nosso senhor dalmorçar ali & çear dentro na fortaleza, porq̄ o mais era feyto: & pera q̄ braras portas da fortaleza mandou logo á frota por algũs tiros grossos, q̄ por derradeyro aproue a nosso senhor q̄ nã forã necessarios, & acabou se ho feyto sem perigo, porq̄ indo polos tiros, mandou ho gouernador ao secretario q̄ fosse espia a porta da fortaleza pa ver se lhe poderão tirar cõ as bõbardas porq̄ mãdara, & mandou yr coele sete ou õyto homẽs, & como os outros o virão abalar, (por ser priuado do gouernador) leuarã rãõ se bem quinhẽtos & forã a pos ele. E vendo os mouros q̄ estãuõ na fortaleza

aq̄le

## DE NVNO DA CVNHA.

aquele corpo de gente emcaraua nela & a bateria q lhe dauão por mar, & vendo desbaratada a tranqueyra, & que Meliç fora desbaratado, & não se poderà recolher a fortaleza, cu ydarão que lhe yão tomar a porta pera não poderé fayer em quá to os outros entrarão pelos muros, & cõ o medo q disto cõceberão abrirão as portas & fugirão pera ho esteyro cõ determinação de passar da outra parte: & os Portugueses q os virão derão a pos eles, mandando ho secretario dizer o que passaua ao governador, que logo seguiu pera o lugar por onde os jmgos qrião fugir, & ainda neste alcanço forão deles mortos perto de cincoëta Rumes & homës brancos, & por não poderé passar do esteyro se tornarão pera a fortaleza, a cuja porta ho gouernador armou algũs caualeiros, & antre eles forão Gil de crasto filho de Diogo borges contador de Viseu, Baltezar lobo de souza, Tomé de Brito, Lionel de lima & outros, a fora muytos q fizera na mezquita: & despoys entrou na fortaleza dando muytas graças a nosso snor pola muyto grande merce q lhe fizera, & achoué muyta poluora despinqardada & de bõbardada & muytos pelouros & outras muytas munições, a fora a artelharia que com a que foy tomada na tranqueyra forão quatro cõcetas peças, & antrelas sete grossas arrebétadas, & a terra foy cortada & destruyda, em tão q os Portugueses rogauão hũa aos outros q dey xassem algũas aruores pera sombra, & a rogo de hũ Guzaratate gentio homë velho & que tinha pre sença de honrrado, mādou o gouernador que não cortassem mais aruoredo. E porq

ele não tinha gente pera foster aqã a fortaleza contra votade del Rey de Cambaya & pola não dey xar aos mouros a mādou derrubar toda & assi o baluarte, & de fazer a tranqueyra, no q se deteu o yto dias tendo em terra seu arrayal. E desfeito tudo isto ate os alceces recolheo se a frota, & dahi mādou a Diogo da silueyra ao estreyto por capitão mór de hũa armada de tres galcões de que forão capitães ele, Antonio de lemos, Antonio cardoso, & hũa galé real a cujo capitão não soube ho nome, & duas galcotas, capitães Fráncisco de souza, & Fernão de crasto, & quinze bargantins & catures: & porq lhe foy dito q a fortaleza de Damão estava despejada, determinou de a mandar derrubar, & deu ho cargo disto a Manuel dalbuquerque q fez capitão mór de hũa armada de tres galés de q forão capitães ele, dõ Pedro de menezes, & Manuel de vaconcelos, & doze bargantins & catures pera que ihe deute zentoshomës, & dey xandolhe esta armada se partio pera Chaul & dahi pera Goa cõde auã de inuernar, & daqui despachou Martim Afonso de melo iufarte pera yr a Bégala fauorecer Cojexabadim, aquele mouro q ho resgatou, como distẽno Livro Septimo. E por el rey de Bengala ho não querer dey xar tornar pera sua terra escreueo a elrey de Portugal ho agrauo q lhe el rey fazia pedindolhe q ho mandasse tirar dela, & q auendo de yr alguẽ a isso fosse Martim afonso, aquem escreueo q lhe mandasse aquela carta, & que escreuesse a el Rey os seruiços q lhe tinha feitos, & q lhe pedisse aqã yda a Bengala, porque ele tambẽ pedia a el rey q ho mandasse

dasse: & Martim afonso ho fez assi, & el rey lhe fez mercede da yda, & assi lho escreueo, & escreueo ao Governador que lha desse, & porisso lha deu, & a tirotra Ruy vaz pereira, a quem a tinha dada. E auendo Martim afonso dyr, deu lhe ho gouernador ho galeão sam Rafael em que fosse, de que era capitão Cristouão de melo, & deu lhe cento & cincoenta Portugueses, & partio de Cochim em Abril, leuando em sua conserua hum nauio seu, & hũa nao de Bastião luyz escruião da matricula de Cochim, & Antonio gramaxo em hũ jungo seu, & outro nauio, com que erão cinco velas.

## C A P I T. LXIII.

De como Manuel dalbuquerque foy derribar a fortaleza de Damão.

A Gente que ficou com Manuel dalbuquerque, se embarcou de muyto ma vontade por ser entrada diuerno, & ferem os ventos contrayros, como por estarem enfadados de pelejar, & desejerem de yr descãfar a Goa: & Manuel dalbuquerque os confortou, & esforçou, & partio se pera Damão, que he hum lugar grande, & tem hũa boa fortaleza, situada na ponta da enseada de Cábaya da baída do sul, por hũ rio a çimapouoadode Guzarates gentios, & na fortaleza estaua hũ mouro capitão del rey de Cambaya, cõ quatrocentos Abexins & Fartaquís, & os mais deles espingardeyros, & estaua a fortaleza bem artilhada, & não despejada como fizera crer ao gouernador. Chegando Manuel Dalbuquerque hũa antemennaã à barra de Damã, assi como chegou mandou logo a hum fidalgo chamado

Ioão de mendoça que fosse sondar ho rio pera ver se podião entrar nele as galés & vera desposição da fortaleza, & ele foy em hum cano, & tornou cõ recado ainda antes damanhecer, que as galés podião nadar no rio, & segundo as congeyturas que vira, que lhe parecia que os inimigos estauão todos recolhidos na fortaleza esperando por ele. E com quanto Manuel dalbuquerque isto soube, & vio que trazia pouca gente pera cometer a fortaleza, era tam amigo de sua honrra que não quis que dissesse alguê que podera tomar a fortaleza se acometera, & assi ho disse a todos os capitães, & pessoas principais da frota, pedindo lhe que a cometessem, & que despoys ho tempo lhe mostraria ho que podião fazer, & isto porque todos erão da cordo que poys a fortaleza estaua forte que a não cometessem, porque ho Governador os não mandara a tomala, se não a derribala, crendo que estaua despejada, & pois o não estaua, nem eles não trazião petrechos pera a tomar, que era escusado cometela, & pelo que lhes Manuel dalbuquerque pediu, lhes pareceo bem veremna, & passarão tanto auante cõ toda a frota, ainda ante menhaã, que se pegarão com ho muro da fortaleza, de que as bombardas chouião: & vendo Manuel dalbuquerque q nã fazia ali mays que poderem lhe matar gente, tornou se a sayr antes que viesse ho dia, & que lhe podessem os inimigos fazer nojo com a artilharia, & atrauessando pera Diu a esperar algũas naos que fossem a Mecca, deu lhe hum tempo com que esteu quasi perdido, & arribou a hũ lugar

G chama-

chamado Agaçim que achou despejado, & achou hy muyta madeira que mandou leuar a Goa, pera onde se foy queymado ho lugar, & hi achou ho governador, que por nã ser chegado dô Esteuão, da gama q̄ tinha a capitania d̄ Malaca na vagãte de Garcia de sã, despachou pera lá dô Paulo da gama seu irmão, q̄ entraua na mesma capitania, na sua vagante, que de Goa se foy a Cochim, & dahi partio pera Malaca na fim Dabril de mil & quinhentos & trinta & tres, & foy por capitão mór de dous nauios, & duas fustas, & foy coelehum fidalgo seu tio chamado Tristão datayde, que ya por capitão da fortaleza de Maluco. E chegado dom Paulo a Malaca foy entregue da capitania por Garcia de sã, & despoys despachou Tristão datayde q̄ partio pera Maluco em Agosto pera yr por Borneo, & por nã poder saber que armada leuou, o nã digo.

## CAPIT. LXV.

De como chegarão aa India certas armadas de Portugal.

**N**este anno de mil & quinhentos & trinta & tres, mandou el Rey dom João de Portugal sete naos á India reparitadas em duas capitãias, detres foy capitão mór hum fidalgo chamado dom João pereyra, que leuaua a capitãia de Goa, & forã seus capitães hum dom Francisco de noronha que se perdeu com tempo, & Lourenço de payua que passou cõ dom João. Da outra armada foy capitão mór outro fidalgo chamado dom Gonçalo coutinho prouido tambem da capitãia de Goana vagante de dom João

pereyra, forã seus capitães Simão da Veiga, Diogo brandão do porto, & Nuno furtado de mendoça comédador da Cardiga, a que nã soube ho que aconteceu na viagem, se nã a dom João pereyra, que sayndo do parcel de cofala, & indo por antre hũas jilhas, quis esperar as naos de sua conferua, & preguntando ao piloto & ao mestre como farião, disserão que amaynassem, & Antonio galuão, hũ fidalgo de que fiz meçã no liuro Septimo, que ya na nao por passageyro, & sabia bem da nauegação, disse, que lhe nã parecia bom conselho, & que poy nã que rião fazer caminho, que deuião depayrar com ho traquete pera a nao fazer cabeça ao mar, & nã yr dar em terra pera onde corrião as agoas, & tambem como estauaõ perto do Tropico, podia sobreuir algũa toruoadã que os leuasse mays a sinta a terra, & parecendo isto bem a todos assi se fez, porem nam durou mais que até o quarto da modorra rendido, que se dom João, & Antonio galuão acolherão a suas camaras a dormir, & ainda bem o piloto & ho mestre nã sentirã que dormião, derã com as velas embayxo, porque tomarão ho conselho de Antonio galuão de mã vontade. E feyta esta boa pilotagẽ, dãõ consigo nos camarotes, & deytãõ se a dormir muy descansados, & duas oras por passar do q̄to dalua, começasse douuir o leme da nao, q̄ ya roçãdo polo chão porq̄ amaynadas as velas leuarã as agoas a nao paterra como Antonio galuã dizia, que por yrna camara do leme acordou logo ao arroydo q̄ ele fazia, & nisto deu a nao duas pãcadas tamanhas cõ a quilha

que

q̄ parecia q̄ se abria, & a eles acordarão os q̄ jazião de baixo da cuberta, & começaram de gritar cuidando que a nao era perdida, & mays porque vião o mestre & o piloto defacordados, que como virão o mao recado que tinham feyto pafmarão, & nã sabião mais q̄ chorar, & era a reuolta muito grande na gête, hũs bradavaũ q̄ matafsem o mestre & o piloto, pois forão causa de se perder a nao, outros arremetião a arcas, & a tauoas & paos, pera se deytarem ao már, com quanto fazia grande escuro, & dom loão queria tomar o batel, & trazia hũa espada pera ho defender a quem o quisse tomar. E era o defacordo tamanho em todos, q̄ se ouuera a nao de perder se não fora Antonio galuão, que mandou logo dar os tranquetes, & yr marinheyros ao leme, que nã acharão por saltar fora quando a nao deu as pancadas: & Antonio galuão, ainda que vio tamanho pigo como aq̄le era, disse aos marinheyros & ao piloto & mestre q̄ se calasse por a gête nã esmorecer: que nõsso Senhor lhes daria remedio que teuessem nele confiança, & disse a dom loão que tirasse a espada que tinha, nem lhe sentissem que queria tomar o batel, porque cuydaria a gente que era a nao de todo perdida, & remeteriã todos ao batel pera o tomar & martarseyã hũs com os outros, que dissimulasse & se mostrasse alegre, porque coisso os auia nõsso Senhor de salvar & nã cõ defordens, ho que pareceo bem a dom loão, & assi ho fez, & consolou a gente que estaua despida pera se lançar ao már, & Antonio galuão chegou então debayxo da bõba, & disse a todos que esforças-

sem que abomba tinha pouca agoa, que era final que a nao nã abriera, & mandou logo dar a bomba pera que vissem q̄ era verdade, com o que todos esforçarão. E por Antonio galuão achar com ho primo que estauão em dez braças, & logo em oyto, que era final que nã tornaua a terra, mandou logo alargar hũa ancora, & amaynar os tranquetes que tinhã dados: & isto feyto amanheceo, com que a gête acabou desforçar de todo, & mays porque as outras duas naos chegarão & lhes falarão, & aliouue conselho, que por quanto não estauão de Moçambique mays q̄ quatorze legoas, & a nao começaua de fazer agoa q̄ fosse sem leme, porq̄ na detença que fisessem em o fazer se poderia a nao yr ao fundo, & por ser tam perto poderia a nao yr à toa do seu batel & os outras naos yrião em goarda dela, & assi o fizerão & chegarão a Moçambique a saluamento, onde por não se poder tomar a agoa da nao por ser na quilha, acõselhauão a dom loão que a descarregasse nas outras naos & se fosse nelas, & aquella ficaria ali pera a desfazerem, mas Antonio galuão não foy deste parecer, senã q̄ a nao se tirasse a môte ou as marês & se cõcertasse ho melhor que podesse ser, & que se fosse dom Iohão nela à India: & que ele yriacoele & ho ajudaria de dia & de noyte com quãtos leuaua que erã muytos. E como dõ Iohão tinha bem esprementado quam bom conselho era o Dãtonio galuã tomou este: & concertada a nao foy se nela à India, & quãtos yão na nao vêdo q̄ Antonio galuã se embarcaua, se embarcã tambẽ, posto q̄ estauã fora dela,



& bem se pode crer, que despoys de nos-  
so Sñor ele saluou aqila nao duas vezes.  
E asy partio dom Esteuão da gama, que  
inuernou em Moçambique, & dom Io-  
hãõ foy ter a Goa, onde inuernaua o go-  
uernador, que por esperar de fazer paz cõ  
elrey de Calicut, se partio logo pera lá  
como as naos chegarão: E chegado a Ca-  
licut com toda a armada, leuantouse ta-  
manho temporal de véto, que não pode  
sofrer a amarra mais de hũ dia & caçaua  
muyto, pelo que o gouernador arribou a  
Cochi, & hy se deteu o yto ou dez dias,  
em escrever pera Portugal, & despoys se  
tornou a Calicut: E começado dauer re-  
cados antrele & elrey sobre as pazes, nũ  
ca em dous dias se pode tomar nelas ne-  
nhũa conrusão, porque cada hum que-  
ria hũa cousa, & nisto sobreueo tam bra-  
ua tormenta, que todos os nosos se de-  
rão por perdidos, & alargando tama-  
laues o vento, que Manuel dalbuquerque  
pode dar o traquete da sua galé, acolheo  
se por senão perder, & cuydando ho go-  
uernador que ya desamarrado, & que es-  
garraua fez final á frota que leuasse, & dif-  
firindo ho traquete dauante seguiu a pos-  
ele pera lhe acodir, & despoys de ver como  
ya, por o vento lhe não seruir pera tornar  
a Calicut, fez sena volta de Goa seguindo  
ho toda a frota, & foy aferrar ho seu por-  
to, & por esta causa não ouuerão efeyto  
as pazes com elrey de Calicut.

## CAPIT. LXVI.

Decomo Vasco da cunha foy espiar Diu.

**H**O Gouernador ficou tam magoa-  
do de quam mal lhe socedeo a em-

pressa de Diu, que por muytas boas ven-  
turas que lhe despoys socedarão não po-  
dia perder a mago que tinha, nem cuyda-  
ua o mays do tempo se não que maneyta-  
teria pera fazer fortaleza em Diu, & co-  
este fundamento mandaua fazer tanta  
guerra a Cambaya, porque el Rey enfa-  
dado de la lhe desse esta fortaleza, por-  
que teuessem paz. E parecendo lhe que el  
rey esteuesse ja mais brando pera isso, lhe  
mandou hũa embaixada per Tristão degã  
sobre que lhe desse fortaleza em Diu, &  
que fazia paz coele, & seria seu amigo,  
& por o mesmo Tristão degã escreveu a  
algũs capitães delrey, & senhores de sua  
corte que ho fauorecessem, & ajudassem  
pera auer esta fortaleza, & lhes mandou  
presentes pera que o fizessem de melhor  
vontade, & nisto se trabalhaua. Despoys  
que elrey ouuiu a embaixada, que mos-  
trou ouuir de boa vontade, porem nam  
tinha nenhũa pera dar a fortaleza. E an-  
dando asy este embaixador com elrey,  
soubeo Melique tocão capitão de Diu, q̃  
estaua muyto receoso de lhe el Rey tir-  
rar aquele estado pera o dar a Rumeção,  
& estando coeste receo, não se sabe com  
que tenção escreveu ao Gouernador que  
lhe mandasse hũ fidalgo com que poder-  
se falar miudamente cousas que comprã  
muyto a seruiço delrey de Portugal, &  
quando o gouernador vio esta carta, sos-  
peyrou que Melique quereria dar fort-  
leza, & fazendo logo conselho sobrisso,  
pareceo a todos ho que o gouernador sos-  
peytau, & por isso assentou que se man-  
dasse o fidalgo q̃ Meliq̃ pedia, pera q̃ o go-  
uernado escolheo a Vasco da cunha, asy

por caualeiro muito esforçado & fefudo, como por antigo na India, & saber bem os costumes dos mouros: & deu-lhe hũa instrução do que auia de fazer com Melique, que auia de ser, que ele desse aquella cidade a el rey de Portugal: & que ho gouernador em seu nome lhe fazia por isso doação de juro dametade da renda da alfandega dela, & mais lhe faria hũa fortaleza em qualquer dos rios de Cambaya que ele quisesse, pera que esteuesse seguro del rey de Cambaya, contra que ho fauoreceria, & ajudaria de cada vez que lhe fosse necessario, & que trabalhasse por yr á cidade & ver se auia nela algũa entrada, por onde se podesse tomar, porque não se tomou concrusão com Melique, yria sobrela outra vez & a tomaria, & pera isto mandou que fosse coele ho artilheyro mór, que sabia muyto da guerra. E assi lhe deu mais hum liao Cristão casado em Goa, jrmão dum bombardeyro que esta ua em Diu no baluarte do mar, que se lhe offreceo, pera falar coeste bombardeyro seu jrmão, & intentar se se poderia por algũa maneira tomar a cidade. E despachado Vasco da cunha de tudo ho que compria a sua viagem, partiose em hũa fustina entrada Dagoosto, & chegando á barra de Diu, aruorou hũa bandeira branca, ho que sabido por Melique sospeytando ho que era, pelo que tinha escrito ao gouernador, mandou hum homẽ de confiança a saber quem vinha na fusta, & Vasco da cunha lho disse, & que trazia hũa carta do gouernador a Melique tocão, porẽ que não auia de yr a terra sem lhe mandar por arrefens o capitão do baluarte do mar

quelhe logo mandou, & deyxando ho Vasco da cunha em poder Dátonio Borges (hum fidalgo que ya coele) se foy de sembarcar na cidade, & se viu cõ Melique nas suas casas onde falarão de praça hum pedaço, & despoys ferecolheo Vasco da cunha a hum aposento das mesmas casas onde auia de poufisar, & hi foy falar coele Melique secretamente, que como sabia falar bem ho Portugues, não ouue necessidade de Lingoa. E despoys de lhe Vasco da cunha dar hũa carta do gouernador em Persiano, em que lhe escreuia o que queria dele, & ho partido que lhe faria, q̃ Melique leo: lhe disse mais, que não deuia nada a el rey de Cambaya pera por amor dele deyxar de fazer hũa cousa de tanto seu proueyto como lhe o gouernador cometia: antes ainda que não fora de nenhũ interesse a pouera de fazer por se vingardos danos, & agrauos que lhe el Rey de Cambaya tinha feytos, como fora matar lhe seu jrmão mays velho Melique faca, por outra nenhũa causa se não por lhe tomar sua fazenda, cuidando que fosse rico, & tirar lhe a hontra do gouernador não tomar Diu, & dala a Mustafa hum estrangeyro, que fora sem porque tredoro ao Turco seu senhor, & que causas erão estas pera que vindo conjunção pera isso, como agora vinha, yingar se del rey de Cambaya, & tiralhe Diu, & dalo ao gouernador com partido tam proueytoso como lhe fazia, & mais com ficar em sua natureza tam seguro del rey de Cambaya: & Melique lhe respõdeo que lhe parecia bẽ tudo ho que dizia, & com tudo queria cuydar nisso, & despoys lhe respon-

deria: & Vasco da cunha lhe disse que cuydasse, & entretanto yria dar hũa carta do Governador a Diogo da silueyra que chegara então à póta de Diu de Malcato onde inuernara, sem fazer no estreitinho hũas presas. E a carta do Governador pera Diogo da silueyradizia, q̄ nã fizesse nhũa guerra a Diu, porque trazia hũ embaxador com el rey de Cambaya. E despedido dele Vasco da cunha se tornou a Diu, que lhe Melique tocão mostrou, & né elle né o artilheiro mór virão entrada pera se poder cometer se não com grande força de gente, pera se repartir em terra & no mar, & hũa atupisse a caua & ba tesse os muros, & outra pelejasse com a armada dos mouros que estaua no mar. Também neste tempo ho Iao de Goa este ue com o bombardeyro seu jrmão no ba luartedo mar, pera ho que disse, mas não ouue maneyra pera nada, nem Melique se acabou de determinar, se acytaua ou não o que lhe o governador cometia: & respõdeo a Vasco da cunha q̄ naq̄le verã yria o governador darmada até Diu, que até étão se determinaria, & lhe daria aui so de sua determinaçã, & deulhe hũa carta de crença pera ho governador, & coela se foy Vasco da cunha pera Goa, onde contou ao governador ho que fizera, & Diogo da silueira se foy pera Chaul.

## CAPIT. LXVII.

Do que fez dom Paulo da gama despoys de ser capitão de Malaca

**D**espoys que dom Paulo da gama foy entregue da capitania de Malaca, determinou de fazer guerra a el rey Dugentana, filho do Rey a que Afonso

dalbuquerque tomou Malaca, que despoys de perder Bintão, fez seu allentou em hũa cidade, chamada Vgentana, cincoenta legoas de Malaca por hũ rio açima, & era muyto poderoso de gente, assi por mar como por terra: & este despoys que foy Rey, allentou pazes com Pero maz carenha sendo capitão de Malaca, poré nunca despoys comprio as condiçõs das pazes. E porque dom Paulo isto sabia, determinou de lhe fazer guerra, & yr sobre ele & tomar lhe a cidade, & isto com conselho de todos os fidalgos que estauão cõ ele: & estando quasi prestes a armada que dom Paulo auia de leuar, chegou à ilha das Naos hũa armada de vinte sete lãcharas bem fornida de gente & d'artelharia, & era del Rey Dugentana, & ya por seu capitão mór hũ valente mouro chamado Tuão barcalar, q̄ mãdou dizer a dõ Paulo, que el rey Dugentana seu senhor ho mandaua em socorro del rey de Péra seu jrmão, & lhe mandara que de caminho mandasse saber dele se mandaua que ho seruisse em algũa cousa & que ho fizesse, ao que dom Paulo respondeo com muytos agradecimentos, dizendo não ter necessidade de sua ajuda, & o capitão se foy. E examinada bem esta sua vinda, & ofrecimentos desnecessarios, allentou se que sua vinda não fora por outra cousa, se não que sabendo el Rey Dugentana a armada que se fazia prestes, pera yrem sobrelle, mãdara esta armada cõ aq̄la disimulaçã, pera q̄ ficasse nas costas da nosã, q̄ como auia de leuar toda a p̄cipal gẽte da fortaleza, & auia de ficar pouca pa defender poderião os inimigos desẽbarcar a seu

saluo,

uo, & ao menos quey mara pouoaça dos Quelins, & por isto se afsétar por todos ser así, se acordou por eles q̄ a yda sobre Vgentana era escusada, & que ficasse pera outro tempo. E porquedom Paulo segurassê el rey Dugétana, & lhe fizel se perder algũa sospeyta se a teuesse, mandoulhe por ébaixador a hũ Fernã vieyra que confirmasse as pazes que estauão asé tadas: & despoys que foy em Vgentana el rey ho prendeo & a quantos yão coele, & mandou os matar cõ diuersos generos de mortes, dizendo que ho fazia, porque sabia que os nossos erão seus inimigos, & mays por vingar a mortede Sanaya que Garcia de sa mãdara matar, como disse, & dali por diante se começou guerra ante os nossos & el rey Dugentana, q̄ mandaua suas armadas correr a Malaca, & pe lejauão com a nossa armada, & así durou a guerra ate que foy dom Esteuão da gamma (como direy a diante). E com quanto dom Paulo não tinha mays de duzentos homés, era tão esforçado & de tão bõ saber na guerra, que ordenou sempre tam bem suas coufas, que sempre leuou homelhor dos inimigos: & sobristo era tam liberal, que gastaua ho seu muy largamente, dando muyto grande mesa aos soldados. E durando así isto, por auer quinze annos q̄ el rey de Pão, & el rey de Patane, estauão de guerra com a fortaleza de Malaca, q̄ era grande seruiço del rey de Portugal, determinou dom Paulo de fazer pazes coeles, que fez, indo por embayxador hum Manuel godinho, que as asentou muyto á vontade de dom Paulo, & como compria a seruiço del Rey de Portu-

gal, que foy grande proueyto de sua fazenda, & da de seus vassallos: E estas pazes forão causa de tornarê a tratar na China, de que se despoys descobrirão pelos nossos, mais de cincoenta pórtos meliores que os de Cantã, como a diãte direy.

## CAPIT. LXVIII.

Da treyção que el rey de Bengala ordenou contra Martim afonso de melo jularte.

**M** Artim afonso de melo jularte que partio de Cochim pera Bengala com cinco velas, foy surgir na barra da cidade de Chetigão, & cõ licença do Goazil da cidade (que he como gouernador) fayo em terra com os Portugueses de sua companhia: & porquely se paga na alfandega de tres hum, que he muy grande dereyto, recará os Portugueses deo pagar & por isto esconderá muyta da fazenda q̄ leuauã, sem a leuarê á alfandega, o q̄ foy peor por q̄ o Goazil o soube, & deu na casa em que estaua, & a tomou por perdida pera el rey de Bengala. E neste tempo mandou Martim afonso hum Duarte da zeuedo, que agora mora em Euora, com hũa embaixada a el rey de Bengala sobre paz, & amizade com el Rey de Portugal, & dey xar yr pera sua tera a Cojexabadim, & mandoulhe de presente dous caualos arabios, & hũa faca de Cambaya & algũs caixões dagoastofadas, que Antonio de saldanhatomou na nao çafeturca, & muytas peças de veludos velutados & demafcos, & isto da parte do gouernador da India, & da sua muyta fazenda outra & das partes, porque costuma el rey de Bengala de mandar aualiar ho que lhe dão os estrangeyros

& pagarlho, & isto por auer todas as boas peças q̄ leuão, & por isto todos os mercadores & outras pessoas estrangeyras q̄ vao a ele, lhe fazem muyto grãdes presentes, em que tem o ganho muyto certo, & mais forrão es dereitos q̄ ouuerão de pagar, poré n̄ todos lhe podé mandar presentes, por a cidade do Gouro, em que refi de, estar çelegoas dos portos de mar pelo Gãges a çima, & ser a yda lá muyto custosa. E despachado Duarte dazeuedo, partio se pera ho Gouro, & forão coele hũ loão de vilhalobos Destremoz, Nuno fernandez freire, Iurdão de moracis, Diogo cabaço, Diogoferraz, Lopo cardoso, & outros que fazião numero de dez. E nauegado pelo rio açima, chegou á cidade do Gouro, (cujo sitio & nobreza disse no Liuro Quarto) E chegado lá, achou q̄ era morto Nançarotexarey de Bengala, q̄ o mataraõ os seus capados, de que ficara hũ filho que por ser menino gouernaua o reyno hũ seu tio jrmão del rey, q̄ auia nome Mahmudxa, & este moraua nas casas del rey, q̄ erão do tamanho Deuora, hũ funtuoso & nobre edificio, lauradas todas as casas de lauores douro, & o chão & as paredes descubertas dazulejos, & no meo destes paços está hũ pateo, q̄ occupatão espaço como o refiõ de Lisboa, aq̄ entrão por doze portas, & todas em voltas, & em cada hũa estão quatro porteiros, & no cabo deste pateo está hum alpendere, a que eles chamão Baileu, em q̄ el Rey de Bengala ouue os embayxadores, & entãõ esta ho pateo cheo de gēte d'armas. Tẽ tãbẽ estes paços muitos jardins & casas de prazer, q̄ alé de ricos sam muyto delectifos. Saben

do Duarte dazeuedo, como Mahmudxa gouernaua o reyno, deu lhe a çembayxada q̄ leuaua a el rey, & assi ho presente da parte de Martim afonso, & el lhe disse q̄ o despacharia, & tres dias despois disto matou Mahmudxa el rey seu sobrinho, & fez se rey de Bégala, estãdo asientado tres dias & tres noytes na cadeira real, porque doutra maneira não podia ser rey. E como ele tinha muitos de sua parte pode fazer isto: & ficado por rey de Bégala, tornou lhe a falar Duarte dazeuedo, relatãdo lhe outra vez sua embayxada, & assi lhe deu o presente que leuaua a el rey da parte do gouernador. Com que el rey folgou muyto, & pmetteo lhe de o despachar muyto çedo: E por não yr de cada vez tãta gente ao paço, disse lhe que nã fosse dal y por dia te mais que Nuno fernandez freire, q̄ sabia a lingoa, & a que conhecia da outra vez que estuera em Bégala, & assi se fez: & neste tempo que esperauão ho despacho, tomarão Nuno fernandez & os outros Portugueses grãde cõuersaçãõ & amizade com hum mouro Valéciano que moraua na cidade que també a tomou coeles por serẽ Espanhoes, & folgaua de falar coeles nas cousas Despanha, principalmente de Valença donde era natural, & este era homẽ principal na cidade, & tinha grãde credito cõ el rey: & a mesma amizade tomarão com hum logue, chamado Xeq̄ pir, q̄ dezia ser de trezẽtos años, q̄ fazia grãde auisnecia & santa vida se nã fora Mouro, & por isto el rey & todos criãõ muito nele, & lhe fazião esmolas. E quando Duarte dazeuedo deu a el rey o presente da parte do gouernador, em que

(como

(como disse) entrãuão algũs caixões da-  
goas rofadas q̄ forão tomados na nao ca-  
feturca, q̄ ainda leuauão a marca dos mou-  
ros de cujos forão, que logo forão conhe-  
cidos por hũ Rume, cuja fora a fusta que  
tomara Damião bernaldez, que moraua  
no Gouro, & como ele estaua muyto ma-  
goado da fusta q̄ lhe tomarão, & dos cõ-  
panheiros que forão mortos & catiuos na  
peleja, acrecétoufelhe a magoa com ver  
os caixões que sabia como forã tomados:  
& desejan-do de se vingar, trabalhou por  
fazer matar Martim afonso com quãtos  
Portugueses estauã em Chetigão, & quã-  
tos estauão no Gouro, & pera fazer com  
el rey q̄ o fizesse, peytou a hũ capado que  
auia nome Agehabedelã grãde priuado  
del rey, a q̄ disse que não deuia de consen-  
tir que os Portugueses fossem a Bengala,  
porq̄ tinha sabido que eram ladrões, que  
roubauã os romeiros q̄ yão a Meca, de cu-  
jas forão as mais das peças q̄ lhe derão de  
presente, & q̄ yão espisar as terras cõ mof-  
tra de trato & amizade, & despois as cõ-  
quistauão, como fizerão em muytos lu-  
gares da India: O que sabendo el Rey de  
Calicut, & despois el rey da China, os nã  
quiserão consentir em suas terras, & os  
matarão & tomarão quãto leuauão, pelo  
que nunca lá ma ys tornarão, & assi deuia  
ele de fazer, & aueria çem mil cruzados q̄  
leuauão de mercadoria. E como el rey de  
seu natural era tirano, pareceolhe isto bé,  
& mãdou logorecado ao Goazil de Che-  
tigão que prèdesse Martim afonso & os  
Portugueses q̄ estauão coele, & lhetomas-  
se as fazendas & lhos mãdasse: E porque  
se isto não descobrisse per alguem, & fof

se auiso a Chetigão, mandou poer goar-  
das assi no rio como em terra, q̄ não dey-  
xallem passar ninguem pera Chetigão se  
não quem leuasse sua licença, porem isto  
não se pode fazer com tâto segredo, q̄  
hũ Gentio chamado Darinda ho não sou-  
belle, & este ho descobrio a Nuno fernã-  
dez, por hũ certo pço q̄ lhe pedio por isso  
pmetendolhe de trabalhar por saber quã-  
to passasse neste negocio. E como Nuno  
fernandez foy sabedor desta treyção, ef-  
creueo logo a Martim afonso, a que não  
pode yr ho recado por amor das goardas  
que não deixarão passar ho portador, &  
quando Nuno fernandez isto soube, disse  
ho a Duarte dazeuedo & aos outros, que  
també esperarão que lhes fizesse el rey o  
mesmo q̄ mandaua fazer a Martim afon-  
so, & encomedarão sea Deos, porq̄ nã ti-  
nhão nhũ remedio pera escaparê, & Nu-  
no fernãdez ya falar muytas vezes com o  
logue, & dizialhe o que passaua, & enco-  
mendaualie que falasse a el rey por eles.

## CAPIT. LXIX.

De como Martim afonso de melo jufar-  
tefoy preso em Bengala.

**C**Hegado ho recado del rey de Ben-  
gala ao Goazil de Chetigão, deter-  
minou de prender Martim afonso, q̄ an-  
daua coele em req̄rimento que tornasse a  
fazêda q̄ tinha tomada aos Portugueses:  
& determinando de hoprender, lhe man-  
dou dizer q̄ lhe fosse falar, & concertariã  
ambos como lhe auia de tornar a fazen-  
da. E Martim afonso leuou consigo cẽ-  
to & cincoenta homens os mais deles com  
espingardas, & vendo ho Goazil quã bé  
acõpanhado ya, não ousou de cometer o  
que

que tinha determinado, & fingindo grandes occupações: dissimulou com Martim afonso, pedindolhe que ficasse pera ho outro dia, & mais que por lhe fazer grande honra auia dir gêtar coelecom todos os Portuguezes principaes, pera que ele se podesse gabar de tamanha honra como aquela. E Martim afonso como era bom homê, & sem nhũ dobrez, pareceolhe q̄ ho Goazil lhe falaua verdade, & por lhe comprazer por amor do requerimento q̄ trazia coele aceitou ho gentar, sem lhe lêbrar que não conuinha a seu cargo aceytalo, & que lhe poderia ofazer treyção, & pois ya, yra percebido como o dia dâtes. E fiandose no Goazil, foy com quarenta homêsem leuaré todos mays armas que suas espadas, & outros ficarã na poufada com hum Francisco pacheco, & João justartetiçã Dazinhaga que ya tambem na armada não quis yr, por ter cõcertado de yra monte a matar hum porco. E Martim afonso foy coesta companhia que digo a casa do Goazil que tinha prestes grande bãquete, que foy dado em hum pateo de baixo de hum alpendere, & estando no meyo do comer, ho Goazil se levantou fupitamente da mesa, fingindo q̄ lhe vinha hum accidete ao estomago, & disse a Martim afonso, & a Gonçalo gomez dazeudo que estauão junto coele, que não se bo liitem que logo tornaua, & eles muyto innocentes ho creerão, & dey xarãse estar, q̄ se logo se levantarão não fora o que foy: & esperando eles polo Goazil, acodê bé quatro mil frecheiros por cima das paredes do pateo, & com grandes gritas começão de desparar suas frechas em Martim

afonso & nos outros, que conhecerão em tam ho mau recado que tinhão feyto em se fiarem dos mouros, & não tendo outro remedio, acodirão logo à porta do pateo pera se sayrem & acharãona fechada, & por mais força que poserão nunca poderá leuar as portas fora do couçe, & entre tanto os mouros não fazião se não frechar nelles, & forão logo cubertos de frechas. Enstouão de melo, Gonçalo gomez dazeudo, Antonio de mezquita, Antonio gramaxo & outros seys que cayrão mórto, & Martim afonso, tambem ouue sete frechadas mas não forão em lugares perigosos, & era grande magoa ver a ele, & aos outros que não se podião defender dos mouros nem offendelos, & saltauão dum cabo pera ho outro por se goardarem das frechadas, & arremetião à porta perfian-do pola leuar fora do couçe: & nisto apparecco o Goazil sobrea perede, & fazendo estar quedos os Mouros, disse a Martim afonso que bê via como estaua, que não quisesse morrer & que se entregasse, porque não era pera mays que pera os leuaré a el rey de Bengala que desejava de os ver & que lhe daua espaço pera auer conselho com os seus, com que Martim afonso se apartando lhes disse, que não se enganasse com coo que lhes dizia ho Goazil, porq̄ se alsi fora ja que os tinha em seu poder & estauão seguro de não se poderé defender antes delhes mandar fazer mal, lhes ouuera de cometer q̄ se desse, mas como determinaua de os matar cu prender, não fez coeles nhũ comprimêto, que lhe parecia que não se deuião de dar, porque os outros Portuguezes lhes acodiria & os liura-

rião, & todos forão contra este parecer, dizêdo q̄ se os mouros os quizerão matar, q̄ lhes nã cometera o Goazil q̄ se dessem, porq̄ nã lhe môtava mays matalos às frechadas que mandatlhes cortar as cabeças, & se os prendesse que assaz de merce lhes fazia, porq̄ ou por resgate ou por outra maneira teriã esperança de serẽ soltos por isso que se dessem: & nã esperassem por socorro, porque se os outros Portugueses lho ouuerão de dar ja ali forão: & eles dizia verdade, porq̄ Frãcisco pacheco q̄ ficaua na poufada por mayoral, como ouuiu q̄ Martim afôso estaua cercado dos mouros, em vez de lhe acodir fugio pera os nauios, & assi fi zerão os outros, dey xã do quanto tinhão em terra, & tudo lhes tomarão os mouros, & se teuerão acordo tambem os matarão: & Ioão iusarte tiçã tambem se saluou milagrosamente, que no monte soube ho que passaua na cidade. E vêdo Martim afôso q̄ os que estauã coeleerão de parecer que se dessem, consentio niisso muyto contra sua vontade, & entregaráose, juradolhes o Goazil em hum Moçafõ, que os nã prendião se nã pera os leiares a elrey de Bengala porq̄ desejava de os ver: & como forã presos ho Goazil os mandou leuar por terra ao rio Ganges, & porele acima ao Gouro.

## CAPIT. LXX.

Do perigo em que os Portugueses estauerã de serem mortos,

**E**M quanto se isto fazia, Nuno fernã dez freyre, que com Duarte dazeudo, & os outros Portugueses estaua no Gouro, trabalhaua por saber de Darinda, ho gentio que disse, que nouas tinha de

Martim afonso & dos outros, & mãdaua lho p̄guntar pelo lingoa. E hum dia pola menhaã lhe respondeo, q̄ Martim afonso & os outros erão presos & que os leuão ao Gouro, & Nuno fernandez ho disse logo a Duarte dazeudo, & que lhe parecia que os auião logo de prender por isso, que determinassem ho que seria bem que fizessẽ, & Duarte dazeudo, & Ioão de vilhalobos, Diogo cabaço, Diogo ferraz & outros quatro forão de parecer que se entregassem logo, & Nuno fernandez, Iurdão de morais, & Lopo cardoso, disse rão que nã se auião de entregar, porque poys os auião de matar querião primeyro vender bem suas vidas. E estando nesta pratica ex que dá de supito sobre as casas hum capitão del rey de Bengala com quatrocentos soldados pera os prender, & começando de quererem entrar a casa, entregarãose logo Duarte dazeudo & os outros que erão do seu parecer, & em estes sayndo arremeté Nuno fernandez freyre, Lopo cardoso & Iurdão de morais á porta, & defendião a tam esforçadamente, que os inimigos a nã podião entrar: & como daqui recrecese grande aluoroço, acodio ho Lascar, que he como ho regedor da justiça em Portugal: & vendo a Nuno fernandez com que tinha conhecimento disselhe que pera que era cometerem ho que nã auião de poder leuar auãte, que se desse, porque el rey os nã mãdaua prender se nã por alguma mã enformação que tinha deles, que sabida a verdade os soltaria logo, & ajudou o a isso Duarte dazeudo, & os outros: & vendo eles que nã se podião defender derãose, & fo



rão presos com outros de dousem dous a hũa braga, & ho Lascar lhes mandou escruer as fazêdas & socrestalas, & reboluendo hũa arca que não auia may's que escruer, foy achado no fundo dela hũ Crucifixo de vulto, que hũ mouro amostrou dizendo que aquele era ho Deos dos Cristãos como por escarneio, o que magoou tanto os Portugueses que chorarã: & Nuno fernandez lhes disse, que poys aquele Crucifixo se achara a tal tempo, que o deuão de tomar por sinal de seu liuramêto que esperassem em nosso senhor que auia descapar. E presos asy de dous em dous forão leuados à cadeia da cidade em que aueria bem quinhêtos presos, & logo Age habedala disse a el Rey, que pera que erão presos aqueles ladrões q̄ os mandasse matar, & mandando el rey que os matasem quis nosso senhor q̄ parecesse aquilo mal a hum mouro chamado Alfácio que era ayo dos moços fidalgos del rey, & disse-lhe q̄ nã deuia de mandar matar aq̄les ho mës, por q̄ estariã antreles algũs mercado res que não terião culpa, & Age habedela a que pesou muyto douuir aq̄la palaura, disse que não era bem que se desse a vida a ladrões, & pera os matarem a todos lhes dissesem que os que soubessem tirar com espigarda q̄ os auião de goardar pa a guerra, & aos que fossem mercadores que os auião de matar, & todos dirião que sabiã tirar com espingardas, & logo este recado foy dado ao Lascar, que logo se foy à cadeia, & ho primeyro a que preguntou se era Lascar foy a Nuno fernandez freyre, dizendolhe a causa porque lho pregũtaua, & parece que nosso senhor inspirou

nele que sospeytasse ho fim pera que lhe fazião aquela pergunta, disse que era mercador, & que bem ho deuão de conhecer por tal, pois com aquela erão duas vezes q̄ ali fora, & ho Lascar parecendolhe q̄ negaua a verdade, por comprazer a Age habedela que asy lho encomendara, quis fazer medo a Nuno fernandez pera dizer que era Lascarim, mandou ho tirar da cadeia & fizerão que lhe querião cortar a cabeça poedolhe hũa espada no pescoco, & dizialhe ho Lascar, que se queria viuer q̄ dissesse a verdade, mas nem por isso se disse, & ho mesmo aconteco a Iurdá de moracis & a Diogo cabaço, & os outros com medo da morte dizião que erã Lascarins, & que sabião fundir artelharia, & como ho Lascar vio que hũs dizião hũa coufa & outros outra, não quis fazer nada atenão dar conta a el rey, & escruendo os nomes de Nuno fernandez, Diogo cabaço, & Iurdá de moracis pera os mostrar a el Rey, foy lhe dar rezão do que passaua, & acertou de não estar coele mais q̄ Alfácio, q̄ disse a el rey despoys de lhe ho Lascar fazer relação do que passaua, que poys nã ganhaua nada em mandar matar aq̄les homës que lhes desse a vida, por que poderia vir tempo em que folgasse de oster viuos: & quando despoys os quisel se matar que hy osteria, & el rey foy cõtente, & asy escaparão os Portugueses, a que Alfácio mandou dizer ho que disse-ra a el rey, & poys escaparão daq̄la ora q̄ esperassem em Deos que os saluaria & q̄ lhe rogassem por eles & por ele, & q̄ soubessem que auião de ter nele hum bom padre. E despoys disto chegou Martim

a fofa de melo & os que forão prefoscocle, & forão metidos em hũa cadea que estava metida dentro nos paços del Rey que era como cadea da corte, & estes andauão prefoscocada hum sobre sy, & as mãos soltas, & Nuno fernandez & outros afora estarê pfos de dous em dous, andauã cõ as mãos dcreytas pfas ao peçoço, & chũs, & outros nã tinhã pa comer cada dia mays que hum Pone, que pola moeda Portuguefa sam tresreys, que cõ prauão darroz que cozião em agoa, & isto lhes fofstinha a vida pera não morrerê com fome. E com tudo Nuno fernandez & seus companheyros passauão melhor acerca do comer, porque lhes fazião muitas csmolas algũs fidalgos que estauã prefos, & afsi ho loogue, & ho mouro Valenciano que disse, & Alfaca, & de tudo partião com Martim a fofa & com os outros, & do mays passauão todos muy trahalhosa, & triste vida, cſperando cada dia que os tirassem a degolar, como fazião a outros muytos, que não auia dia que ho não fizessem. E até as onze horas estauão sempre sem comer, que não podião com os sobre saltos que tinhão até aquelas oras se os matarião: & com ho roĩ comer & fedor da cadea, & com não vestirem quorenta dias camisas adociação deles. E ouue nosso Sñor por seu feruiço, q̄ passados estes quarenta dias, el rey por conselho de Alfaca quis ver o fato que fora tomado a Nuno fernandez, & aos outros & mādoulhes dar muytas camisas, ceroulas, & gibões, que estauão antrele: & afsi mandou dali por diante dar a cada hum cada dia hũa tanga pera sua mantença, & co:

este fauor lhes respoufarã os corações, & perderão ho medo que dantes tinhão: & afsi viuêrã até a moução seguinte, em q̄ o governador mandou recado a el Rey, de Bengala sobre resgatar Martim a fofa (como direy a diante).

## CAPIT. LXXI.

De como os Castelhanos que estauão em Geilolo se forão pera Tristão datayde.

**C**hegado Tristão datayde a Malaca com dom Paulo da gama seu sobrinho, partioſe pera Maluco quasi na fim Dagosto, porque auia dyr por Borneo. E porque nã pude saber certo o q̄ lhe acõteceo no caminho, nem q̄ armada leuou, o nã odigo, se não que chegou a ilha de Ternate em Outubro de mil & quinhentos, & trinta & tres: & desembarcado foy bem recebido del rey Tabarija, & de Vicente da fofeca, que folgou muito cõ sua vinda, pelo aperto em que estava cõ a guerra dos Geylolos, & entregoulhe a fortaleza, mostrando lhe Tristão datayde primeyro as prouifões que tinha pera entrar naquela capitania. E como neste anno não era caſta de crauo nem ho auia, & todos os Portugueſes teueſsem suas fazendas pera empregarem no anno seguinte, pelo que desejaũo de ficar na fortaleza, todos se fizerão muyto amigos de Tristão datayde pera os deyxar ficar, & algũs lhe descobrirão que Vicente da fofeca em ele vindo à vela, apanhara quanto auia na feytoria pera se pagar, & a seus amigos, do que lhes era diuido de seus ordenados & soldos, pelo que Tristão datayde ho mandou prender, & buscar lhe a caſa, & lhe mandou tomar quanta fazenda

da se achou que leuaua da feytoria: & mã dou logo tirar deuaílla dele sobre a morte de Gonçalo pereyra, & sobre tomar ho reyno, a el Rey Cachil dayalo, & dalo a Cachil tabarija. E sobre outros males que tinha feytos. E como quasi nenhũs Portugueses sequissem aqle anno yr da fortaleza por amor do crauo que não tinhã, ninguem acodia por Vicente da fonceca, & porisso Tristão datay de não teue os trabalhos que teuerão os capitães passados, nem ouue as desordens & aluoroços que auia dantes: E passados algũs dias, el Rey de Tidore & el rey de Bachão & outros senhores mandarão visitar Tristão datay de, & ele lhes mandou a todos presentes: & vendo que el Rey de Geylolo ho não mandaua visitar, teue por certo que estaua de guerra, & porisso ouue seguro dele pera mandar Antonio deteue que mandou com Pero de monte mayor, que fora por embaixador de Fernão dela torre ao gouernador da India, sobrelhe dar licença Pera se yr á India, & dahi embarcaçã pa Portugal, & ho gouernador lha mandaua, & carta pera Tristão datay de & pera dom Paulo, que de Maluco & de Malaca lhedessẽ embercação pera á India, & a yda Dantonio deteue com Pero de mótema mayor foy pera assentar com Fernã de la torre, a maneyra de como se auia de yr de Geylolo pa a fortaleza, porq̃ por amor da guerra temia que el rey de Geylolo os não deyxasse yr, antes sabêdo que se querião yr os prenderia, & isto receaua tambem Fernão dela torre, & porisso nã quis que el rey de Geylolo ho foubesse, & tãbem pera se yrem sem sua licença não po

dia leuar sua artelharia, nem as armas que tinhão, de que a mayor parte tinhão em penhadasa el rey de Geylolo por lhes dar que comessem, & pera auerem tudo, alsã tou que lhe mandasse Tristão datay de dizer publicamente, que ho Emperador & el rey de Portugal estauão concertados na deferença que tinhão sobre acõquista das jlhas de Malluco, & porisso ho Emperador lhe mandaua que com todos os Castelhanos que estauão coele se fossẽ pera Portugal, pera dahi seyrem a Castella, pelo que el rey de Portugal por rogo do Emperador lhes mandaua dar em barcação em que se fossẽ, & ho gouernador da India assi lho mandaua dizer, & que estaua prestes pera lha dar que se fosse logo pera a India, & quando não quisẽsem yr por sua vontade, que Tristão datay de lhos mandasse por força, & que ele se mostraria muyto quey xoso a el rey de Geylolo desterecado, dizendo que nã se auia d yr pera os Portugueses, & que antes se dexaria morrer, & que ele se defenderia que ho não tomassẽ por força, & se el rey coestes biocos lhe não dessẽ licença pera se yr com quanto tinha, & lhe dissesse que o ajudaria a defender, que entrão fosse Tristão datay de com a maior armada que podesse ao porto da cidade de Geylolo, & dessẽ a entender que queria desembarcar de dia, pera os Mouros acodirem alitodos: com cujo medo faria que não de sembercaua, & como fosse bênoyte, deyxasse alialgũs bateis com artelharia & gẽte que tirassẽ, pera que os mouros cuydassẽ que queria desembarcar ante me nhaã, & yr se ya com ho rosto da arma-

da desembarcar dali a mea legoa hũ lugar que se chama Balobalo, dõde yria por terra a Geylolo, onde os mouros lhes sayriã & eles yrião na diateira, & se lhes etrega riã logo, ho que vèdo os mouros auiam de fugir, & eles ficarião na cidade, & poderiã levar sua artelharia, & outras armas & ho mais que tinhão, & parecêdo este ardil bem a Tristão dataide mādou o recado que digo a Fernão dela torre q̄ mostrãdo se dele muyto agrauado, ho relatou a elrey de Geylolo, dizêdo o q̄ disse q̄ auia de dizer, & elrey & os do seu cõselho lhe respõderão q̄ nã se agastasse que eles ho ajudariã a defender, que mādasse dizer a Tristão dataide que nã se auia dyr parele & sabendo ele ho que auia de fazer, pediu ajuda a elrey Tabarija pera yr tomar os castelhanos a Geylolo dizêdo lhe acaufa por que, & ho mesmo mandou dizer a elrey de Tidore, & a elrey de Bachã, & a muytos Samgages, a que tambe mādou pedir ajuda, que todos forã em pessoa com a may gente que poderiã ajuntar, & de Ternate partio Tristão dataide acompanyado destes reys & senhores, & cõ hũa grã defrota & poderosa de gente & fortalecida d'artelharia chegou ao porto da cidade de Geylolo, que pòs nos mouros grande espãto mas os Castelhanos lho tirarã, & esforçando os acodirã todos ao porto pera resistirem a Tristão dataide, que deu conta aos reys & capitães do ardil que leuaua pera vencer os imigos, nã falando nada nos Castelhanos, & vsãdo logo dele fazendo que queria desembarcar, & tendose como que ho fazia com medo, e forçarãose os mouros muyto, parecendo-

lhes que era asfi, & dando grandes gritas tirauã muytas frechadas, & nisto esteuẽrã até a noyte, que continuando Tristão dataide de seu ardil dey xando no porto algũa gente em bateis se foy ao porto do lugar de Balobalo, & quasi a mea noyte desembarcou muyto pacificamente por nã ser sentido dos mouros que estauão descuydados, se nã quando sentirão que os entrãuão, & querendo resistir a isso pelejarã hum pouco, mas forã logo desbaratados: & entrado o lugar per Tristão dataide mandou o queymar, & queymado abalou pera a cidade de Geylolo, & elrey q̄ soube sua yda pelos mouros que fugirão de Balobalo, mandou a Cachil Catabruno, que ho sayisse a receber, que sayo com muyta gente, & diante Fernão dela torre com os outros Castelhanos, & menhaã clara chegarão a hum escampado onde então chegaua Tristão dataide, pera que se forão logo dando grande gritas de prazer por se verem em liberdade que ate ly tinhãose por catiuos, pois nã podião alizer senão estar em poder dos mouros.

## CAPIT. LXXII.

De como Tristão dataide queymou a cidade de Geylolo, & como Cachil catabruno se fez Rey.

**D**E tã supita mudança como esta, nã somente ficou Cachil catabruno no muyto espantado, mas com tamanho medo que logo se recolheo pera a cidade, donde nã se atreuido a defender botou leuando elrey & tudo ho mais que pode & ho mesmo fizerão os moradores, & fugirão todos pera o mato, de modo que quando Tristão dataide chegou achou tudo despejado, & depois de ser a cidade saqucada

saqueada disto q̄ lhe acharão, a mandou toda quey mar saluo a mezquita, por lhe os reys rogaré q̄ não fosse queimada, mas de noyte, mādou Tristão dataide a algũs Portugueses que dessem rebates falsos na gente dos reys, dando a entender que era Geylolos, & q̄ nesta reuolta se fessê secretaméte fogo á mezquita, & assi foy tábé queymada, & acabou de arder menhaã clara: & como não auia mais que fazer tornou se Tristão datayde com os reys pera a fortaleza, deyxando no porto de Geylolo Diogo sardinha capitão mór do mar de Maluco, & Antonio de teyue cõ hũa armada em que ficará sessenta Portugueses & muytos Ternates, pera que tolhessem aos Geylolos que não tornassem á cidade nem fosem pescar, por ho pescado ser ho principal mantimento que tem. E ele ydo, Cachil catabruno com acõrdo de todo ho conselho del rey de Geylolo, cometeo pazesa Diogo sardinha, & a Antonio de teyue, que mandarão sobriffso recado a Tristão datayde, & por seu consentimento foy Cachil catabruno coeles á fortaleza, & assentou pazes com Tristão datayde. E como auia dias que ele determinaua de se fazer rey de Geylolo, & ho tinha assi concertado com Cachil da roes, não ho fez por não ver mais ho tempo desposto pera isso, & vendo ho então, determinou de executar seu desejo: E quando foy de Ternate, deu peçonha determinada a el Rey, que morreo dahi a algũs dias, & por ele ser moço, nem ser casado, né ter filhos, se fez rey de Geylolo. E porque fez isto quando foy de Ternate, creião todos que fora aquilo por

consentimento de Tristão datayde, & tambem por ele ho dizer publicamente, & que dera por isso muyto grandes peytas a Tristão datayde, em que entrão hũs payoẽs doouro & crauo & outras cousas. Tambem despoys disto, Tristão datayde contra vontade del rey de Ternate & de Pateçarangue, & des de seu conselho, leuanteo ho degredo ao çamarao, que fora criado de Cachil da roes, & que governando ele o reyno de Ternate fora almirãte do mar, & dom forgeho degredou quando mandou degolar Cachil da roes polo achar culpado, & pesaua a el Rey Tabarija & aos de seu conselho, de Tristão datayde leuantar ho degredo ao çamarao por ele ser mau homẽ, & temerem q̄ lhes fizesse algũ mal, como fez, & Tristão datayde tomou logo coele grãde credito, & ele trabalhaua muyto por lhe fazer a vontade, & daua lhe muytos ardis pera acrecentar sua fazenda, que era ho que ele desejava, & pera a fazer melhor & a juntar muyto crauo, determinou de fazer yr de Maluco quãtos mercadores estauão naquelas jlhas, assi Portugueses como estrangeyros, a que mādou sob certa pena per hum Pregão que mandou deytar que pera tal dia se embarcassem, ho que fazia grande espanto, porque ate então nunca se acontecera deytarem por força os Portugueses fora da çlas jlhas antes eles fugião, & então erã tão maos de yr q̄ Tristão datayde fez embarcar muytos por força, & ho primeyro capitão que partio, foy hum fidalgo chamado Iurdã de freytas, que primeyro que se embarcal se fez grandes requerimentos a Tristão data-

data y de que lhe desse carga de crauo pera ho nauio, porque ya vazio sem leuar algũa, no que el rey de Portugal recebia muyto grande perda, mas Tristão datay de não quis, porque lhe ficasse todo ho crauo. E entregou preso Vicente dafonseca a Iurdão de freytas, que ho entregasse ao governador da India com a deuaassa de suas culpas. Et tambem neste nauio, foy Fernã dela torre com os outros Castelhanos, & Iurdão de freytas foy ter á India onde entregou Vicente dafonseca. E cõ quãto na deuaassa q̃ Tristão dataide tirou se prouauão claramente suas culpas por õde merecia muyto grande pena, nunca lhe foy dada, ho que deu causa a se fazerem em Maluco muyto mayores males, alsicontra Deos como contra ho próximo, nem ouue quem se lembrasse do seruiço delrey, se não de enriquecer por qualquer maneyra que podesse.

## CAPIT. LXXIII.

De como ho governador foy a Diu pera se ver cõ el rey de Cambaya.

**A** Trastica dito, como Vasco da cunha foy a Diu por mandado do governador a falar com Melique tocão sobre lhe dar Diu, de cuja yda el rey de Cambaya foy auisado per Rumeção, que trazia suas espias com Melique por lhe que rer mal, & desejar que el rey de Cambaya lhe desse a capitania de Diu, & por isso disse a el rey q̃ aquela vista de Vasco da cunha com Melique deua de ser pedir lhe o governador fortaleza em Diu, o que elrey logo sospeytou, & dali tomou odio a Melique, & determinou delhe tirar a capitania de Diu, & dala a Rumeção, ho q̃

auia dias que desejava, crendo que cõ isso seguraua Diu de lho tomarem os Portugueses, & q̃ ele faria yr muytos Turcos do estreyto pera andarẽ na sua armada, & defenderem aos Portugueses que não tomassem asnaos de Cambaya quando vinhão do estreyto, ho que ele sentia muyto. E sospeytando el rey que ho Governador trazia trato com Melique, pera lhe dar fortaleza, despedia Tristão degã, com lhe responder que era cõtente de dar ao governador a fortaleza que lhe pedia, que se fosse ver coele em Diu, & isto com tenção de ho nã fazer senão a fim destoruar que lhe não fizesse ho Governador guerra aquede verão, & que indo a Diu, ho poderia acolher & matalo, & mais estoruar que Melique lhe não desse fortaleza. E sabido polo governador este recado delrey creio que era assi, porque ainda não conhecia quam malicioso era, & logo se fez prestes pera yr a Diu, & dizendo ao que ya, com que toda a gente ficou muyto alegre. E pera esta vista do governador cõ el rey de Cambaya se fizeram os fidalgos & capitães da India, & outras pessoas honrradas prestes de muytas louçanhas, & galantarias de seda & ouro, affinas armas como nos vestidos, & todos gastarão muyto, do que se arrependerão assaz, vèdo depois q̃ não ouue efeyto esta vista: & daqui ficou despois chamar se na India este anno ho das paruoices, porque virão muytos q̃ as fizeram em gastar tão dinheyro de balde. E feytos todos estes gastos, partio se o governador pa Chaul, & dahi pa Baçaim õde achou Diogo da silueyra, & daqui se partio pa Diu cõ hũa

poderosa frota de oytenta velas, em que en-  
trauão o yto galeões, de que a fora a capi-  
tay na crão capitães, Diogo da silueyra,  
Antonio de lemos, Manuel de macedo,  
dom Esteuão da gama, Antonio de sa ho-  
rume, Diegalvarez telez, dom Gastão  
coutho, & de Galés & Galeotas, Ma-  
nuel dalbuquerque, Vasco pirez de são  
payo, dom Pedro de meneses, Manuel de  
vasconcelos, Fernão de lima, & outros fi-  
dalgos, yrião nesta armada dous mil Por-  
gueses, a ma ys luzida gente que nunca se  
ajuntou na India. E chegado ho gouer-  
nador defronte de hum lugar chamado  
Danu, soube que hodia dantes passara el  
Rey de Cambaya em noue galés pera  
Diu, & logo dali lhe mandou dizer por  
Simão ferreyra que onde seria bõ verêse  
se em madrefabaou no már, & foy coele-  
pa lingua Ioão de Sâtiago (lingoa do go-  
uernador) que fora mouro & fizerafe Cri-  
stão. E profeguindo ho Governador por  
sua viagem foy ter á jlha dos Mortos, &  
ali esperou por Simão ferreyra, que não  
tardou muyto que não chegou, & ya co-  
le Cojeçofar, que lhe disse da parte del rey  
de Cambaya que lhe pedia que fosse a  
Diu & que se veria, & Ioão de Santiago  
disse ao governador que sobera em Diu  
que el Rey de Cambaya queria dar a sua  
capitania a Rumeção, que selhe offrecera  
de lho defender. E desta jlha dos Mortos  
se foy ho governador a Diu, & da barra  
mandou Simão ferreyra com Cojeço-  
far a el rey, pera que lhe mandasse reca-  
do em quelugar da jlha queria que se vis-  
sem, & indo ele coeste recado foy se ho  
gouernador a terra com os capitães & al-

gũs fidalgos, & desembarcou onde cha-  
mão ho Palmarinho, & ya ver se pode-  
rião ali proar as galés, pera q̄ querendo el  
Rey de Cábaya que se vissem ali fazer  
chegar as galés, pera ficar seguro com a  
sua artelharia se el rey de Cambaya qui-  
sesse fazer algũa treyção.

## C A P I T. LXXIII.

De como Manuel de macedo se desafiou, cõ Rume-  
ção, & não lhe fayo ao desafio.

**E** Stando nisto, veo Symão ferreyra,  
& disse ao Governador que el rey  
não acabaua dasentar onde se auião de  
ver, & que lhe mandaua pedir que lhe  
mandasse lá os capitães da galé bastarda  
& dos galeões, que os queria ver pera lhes  
fazer honrra. E estando ho governador  
suspenso sobre ho que faria, porque rece-  
aua que el Rey reteuesse os capitães des-  
poyos que os lá teuesse, disse lhe Tristão de  
gá que ja fora por embayxador a el Rey  
de Cambaya que os mandasse, porq̄ não  
os mādando el rey era tam sospeytofo q̄  
cuydaria que não se fiaua dele: & como  
isto cuydasse não se auia de querer ver có  
ele, & por isto os mandou ho Gouverna-  
dor yr, & el Rey os recebeu com muy-  
ta honrra. E sabendo Manuel de macedo  
como el rey queria dar a capitania de Diu  
a Rumeção, & tirala a Melique tocão que  
era muyto seu amigo, estando com el rey  
lhe disse (despois de lhe pedir licença pera  
falar hũ pouco) q̄ se espataua muyto dú  
rey tá fabledor, & caualeiro como ele era,  
querer tirar a capitania de Diu a hum vas-  
fallo como era Meliq̄ tocão & q̄ o també  
tinha seruido, & filho de tá singular capi-  
tão como fora Meliq̄z o velho, q̄ tanto  
seruiço fizera a orey no de Cábaya, & tá-

to acrecetar a na hórta dos Guzarates, & a q̄ria dar a Rumecão hū homē estrageyro, de q̄ nãotinha outra experiēcia se nã fazer treyção ao Turco cō que viuia, & por eĩsã causa fugira de seu seruiço, & se acolhera a Cábaya, pelo q̄ nã se deu a de fiar dele, se não esperar q̄ lhe fizesse outra treyção, & se Rumecão ali estaua & negasse ho que ele dizia, que ele lho faria confessar em batalha, que folgaria muyto dauer coele. E Rumecão que ali estaua o ouuiu dizer ao lingoa, & por não responder oulhou el Rey parele com hū rosto mençecorio; & calandose toda via Rumecão, disse Manuel de macedo que entendeo q̄ era aquele, q̄ outra vez otornaua a desafiar pola mesma rezão, & ma ys que podia meter consigo outro, porq̄ ele se mataria cō ambos. E vendo el rey q̄ não respondia, lhe disse com yra, q̄ como não respõdia ao desafio, & Rumecão disse q̄ polo não ter em cõra, porẽ que poys aĩs q̄ria, q̄ acyetaua o desafio, sem meter outrẽ cõsigo, & aĩs foy logo deputado ho mar pera ser ho campo do desafio, & que peleariã cada hũ de sua fusta em que estariã sos. Aceytado ho desafio, mandou el rey dizer ao Governador, que lhe auia de falar de hũa genela, no baluarte de Diogo lopez, & ele esteuẽse no mar em hũa galẽ, do que se o governador rio quando ho soube, & mandoulhe dizer q̄ lhenão queria falar de q̄la maneyra: & sabẽdo o desafio de Manuel de macedo cõ Rumecão folgou muyto, & deu lhe licẽça pera ho fazer, & mandoulhe esquipar hũ bargantim em que se metto, & foy surgir jũto da lagea, & por Rumecão tar

dar, & ao governador lhe parecer que nã oufaria de fayr com medo da nosã frota, mandou leuar & fezse hũ pouco ao mar, & despois diĩso fayrão do porto da cidade de sete ou oyto fustas toldadas & embandeyradas, & hũa diante da outra forão demandar ho bargantim onde staua Manuel de macedo, & dando todas hũa volta ao derredor dele se recolherão ao porto donde fayrão, & não tornou mais nã hũa, que parece que não quis el Rey q̄ Rumecão fayse ao desafio. E vendo ho governador que tardaua muyto, fez final a Manuel de macedo com hum tiro que se recolheẽse: & recolhido deyxouse estar, & vẽdo que o desafio não auia efeyto, & que ficaua de guerra cõ Cambaya, mandou hũa armadrão estreyto de tres Galcotas & treze fustas, & por capitão mór Vasco pirez de são payo que ya em hũa das galcotas, & nasduas com Pedro de meneses, & dom Manuel de lima, & yrião na armada trezentos homẽs. E de Diu se tornou ho governador a Chaul, donde despachou pera ho estreyto a Diogo da silueyra por capitão mór de hũa armada de cinco galcões, cujos capitães a fora ele forão, Antonio de sã, dom Galtão coutinho, Diegaluarez telez, & Antonio de lemos, com regimẽto que lã se entregasse da armada q̄ leuara Vasco pirez de são payo, & q̄ na entrada do verão se fosse a põta de Diu donde faria guerra a Cábaya: tãbẽ despachou Antonio da silua de meneses pera Bẽgala a resgatar Martĩ afonso de melo jufarte, & foy por capitã mór de noue velas, cõ q̄ partio de Cochĩ, & despois se partio o governador pa Goa onde

H ij auia



auia dimuernar: & dali despachou a dō Es  
reuaõ da gama pa Malacaia seruir a capita  
nia da fortaleza. porq̃ era sua primeyro q̃  
de dō Paulo da gama eu irmão, & ele se  
foy a Cochĩ dōde o acabou de despachar  
õ vedor da fazēda, & partiõ se pa malacaē

Abril de M. D. xxiiiij. Edepois dele, par  
tio o vedor da fazēda pa Ormuz a visitar  
a feytoria & saber como se gastaua a fazē  
dadel rey de Portugal, & foy e hũa nao.

CAPIT. LXXVI.

De como indo dom lorge de casto sobre el rey de  
Rey xel, se tornou sem fazer nada.

**N**Este tempo estava leuantado cõtra  
el Rey Dormuz hũ seu vassallo q̃  
era rey de hũa cidade chamada Rey xel,  
na costa do estreyto da Persia, ceto & setē  
ta legoas Dormuz, & este trazia hũa ar  
mada de doze fustas poraq̃ le estreyto, cõ  
q̃ roubaua as naõs que nauegauã por ele,  
principalmente pera Ormuz, & por isto  
ousauã muy poucas de nauegar, no q̃ el  
rey Dormuz recebia grãde perda dos de  
reytos da alfandega, pelo q̃ se aqueyxou  
a Antonio da silueyra capitão da fortale  
za, dizēdo q̃ era necessario destruir se aq̃ la  
armada, porq̃ doutra maneyra não podia  
pagar as parcas q̃ pagaua a el rey de Por  
tugal. E sabido isto por Antonio da silue  
ra assentou com dō lorge de casto q̃ era  
capitão mór do mar Dormuz que fosse  
com sua armada a Rey xel, & requere se a  
el rey q̃ se tornasse a obediencia del Rey  
Dormuz, & recolhesse a armada, se não  
q̃ seria necessario acodir a isso pois el Rey  
Dormuz era vassallo del Rey de Portu  
gal, & coisto se partiõ dō lorge indo em  
hũa galeota, & leuou dous bargantis, de  
q̃ era capitães Ruy gomez casto, & Ioão

ribeyro, & hũa fusta, capitão Nuno vaz,  
& cinco catures, & nestas velas forão du.  
zentos homēs. E chegado ao cabo de Va  
destão, ceto & sessenta legoas Dormuz,  
achou o tempo tã cõtra yro, q̃ lhe foy for  
çado surgir em hũa jlha despouoada pe  
gada co ho mesmo cabo, onde estete pas  
santede vinte dias: & passado este tpo que  
teue lugar de fazer viagē, achou se cõne.  
cessidade dagoa & de mātímētos, & por  
nãauer na jlha nhũa destas cousas, as foy  
tomar a terra firme, & estãdo fazēdo ago  
ada hũ terço de mea legoa donde surgiu,  
fayrão muytos mouros q̃ estauã em cila  
das, & derão em sua gēte tã supitamente  
q̃ não se poderão valer quenã fossē toma  
dos pelos mouros oyto Portugueses & tri  
ta & cinco escrauos Cristãos, & outrostã  
tos remeyros da capitayna, q̃ não leuaua  
mais, & sabido isto por dō lorge q̃ estaua  
no mâr ficou muy agastado, porq̃ pola  
pda dos remeyros q̃ lhe catiuarã nã podia  
proseguir sua viagē, & porq̃ não auia on  
de os fossē tomar, propos e cõselho se tor  
naria a tomalos a Ormuz pois sem eles nã  
podia fazer cousa q̃ a pueyasse, & auēdo  
algũs q̃ lhe cõselhauã q̃ tornasse a Ormuz  
sem passar auãte, disse hũ Fr. cisco de gou  
uea q̃ pois se auia de tornar q̃ pera poder  
dar novas em Ormuz do que ya em Rey  
xel, & das fustas lho queria yr saber em  
hũ catur, & dom lorge não quis, dizēdo  
q̃ se la fosse auisar se yã os imigos de sua  
yda, o q̃ ele não q̃ria se nã tomalos de su  
pito, & assi se tornou a Ormuz, & quãdo  
Antonio da silueyra soube q̃ a fora nã fa  
zer nada lhe acõtecerã aq̃ le de saftre & por  
sua culpa, ficou muyto agastado pola mã

côta em q̄ os Portuguezes seião tidos, & polo seruiço del rey de Portugal q̄ pereçia & determinou de tornar a mandar a mesma armada cõ outro capitão mór, pa q̄ escolheo Frâncisco de gouuea, de q̄ conhecia esforço & saber pa acabar aq̄le feyto, & assi lho disse, pedindolhe muyto que o fizesse verdadeyro, & ele lho prometeo.

## CAPIT. LXXVII.

De como Frâncisco de gouuea foy por capitão mór da armada cõtra el rey de Reyxel.

**E** Partio se Dormuz com a mesma armada q̄ leuará do Iorge, & foy na fusta de quera capitã Nuno vaz, & sem lhe acõtecer coufa q̄ o toruasse de sua viagem foy ter ao porto de Reyxel, cidade grã de cõ hũa boa fortaleza na costa Darabia situada é bõ sitio de casas de pedra & cal, & abastada de mâtimétos, & pouuada de mouros. El rey sabédo q̄ a nossa armada estava no porto, determinou de a tomar cõ quãtos yão nela, & isto por égano, pa o q̄ mãdoudizer a Frâncisco de gouuea por hũ mouro hõrrado q̄ sua vinda fosse boa, porq̄ folgaua muyto q̄ os Portuguezes fossem a seu porto, polo desejo q̄ tinha de ter coeles pazes, & se as ele quisesse acetytar, era cõtente de lhe dar as fustas q̄ tinha & os catiuos que tomarão a dom Iorge, & fazenda dos nossos que os seus tinhão tomada, & coester recado lhe mandou hũ presente de muyto refresco. E porq̄ Frâncisco de gouuea leuaua em regimento q̄ fizesse paz com el rey dandolhe ele o que lhe prometia, respondeo q̄ era cõtente de fazer coele paz se fizesse ho que dizia, & que ate então lhe não auia de tomar nada. E ouuida esta resposta por elrey lhe cometeo que se vissem a borda da goa, & em or-

denar como auia deser esta vista se passãrão tres dias, porque el rey se arrependia de yrsalar a Frâncisco de gouuea, porque como determinaua de o prender pareceo lhe que corria perigo, & quando ouesse algum melhor cayria no seu Goazil, & por isso ho mandou, escusandose a Frâncisco de gouuea de não yr como lhe mãdara dizer. E passados estes dias, mandou el rey armar hũa tenda muyto rica na praya pegada cõ ho mar, pera se ver nella ho seu Goazil cõ Frâncisco de gouuea, que foy em terra cõ quarenta Portuguezes: todos despingardas, & ele com hũa espada dâbas as mãos nua, & deyxou os nauios cõ os esporões em terra, & a artelharia ceuada, porque tinha sospeita que lhe auião os mouros de q̄ter fazer algũa treyçã, & assiera, q̄ elrey tinha posto hũa cilada de tras dum oyteiro que estava hi perto, em q̄ entrão quatroçcetos de caualo & grãde multidão de gête de pt̄, pera é ho Goazil lançado mão de Frâncisco de gouuea acodissem eles sobre os que fossem coele, & os mata sêa todos & lhestomãsem a armada: & pera isso fayo Coge frajula (q̄ assi se chamaua o Goazil) cõ trezêtos homens, & vendo o Frâncisco de gouuea lhe mãdoudizer q̄ pera q̄ era tanta gête poys ya de paz, q̄ ele não tinha mais de quarta homês q̄ trouesse ele ceto, & assi o fez o Goazil, & mãdou apartar os outros: & entrado na tãda alsétouse, & disse a Frâncisco de gouuea q̄ se alsétasse & ele não quis pola sospeita q̄ tinha, & é quãto falou cõ o Goazil semp passou cõ a espada na mão & por isso o Goazil nã oufou de cometer ho que leuaua determinado, antes estava

temeroso de ver ho desfaleço de Francisco de gouuea, & cuydaua q̃ o auia de matar: & ho concerto da paz foy o que el rey mandou dizer a Francisco de gouuea, que todo foy escrito per dous aseruiães, hum Portugues, & outro mouro, & asinado por Francisco de gouuea & polo Goazil que se tornou pa a cidade despois disto acabado, & disse que ao outro dia se compriã ho concerto. Equando el Rey vio ho Goazil sem Francisco de gouuea, ouue ta manha menencia que ho quifera mandar matar, & não o fez por conselho dos seus, mas tiroulhe ho officio.

## CAPIT. LXXVIII.

Do que fez Francisco de gouuea despoys q̃ vio que el rey de Reyxel não queria paz.

**V**Endo elrey que não podera auer Francisco de gouuea como quifera, determinou de se declarar coe por inimigo, & mandou muytos espingardeyros & frecheyros a goardar hús poços em que Francisco de gouuea quifera fazer agoada, ho que não pode por lho os mouros defende rem. E como erã muytos em demasia, & os nossos poucos, fizerã nos recolher pera os nauios com muyto trabalho, & ajudoulhes muyto a sua artilharia que fez algũ dano nos inimigos de mortos & de feridos, & eles matarã hum marinheyro Portugues. E como a nossa artilharia pôde jugar afastarã os inimigos, & os nossos teuerã lugar de se emberrar, & pola necessidade que tinhão dagoa foy forçado a Francisco de gouuea (antes doutra coufa) de a yr tomar a hũa jlha chamada Carrega sete legoas de Reyxel, & indo pera lá ouue vista das fustas de Reyxel, & posto que erã o dobro da sua armada, de

terminou de pelear coclas, & así ho disse aos outros capitães, & arribou logo pera os inimigos, que vendo a nossa armada, parece que ouuerã tamanho medo que arribarã pera terra, & forã se meter em hũ rio duas legoas de Reyxel, & duas ficarã de fora por não poderem mays. E vendo Francisco de gouuea que se acolhiã, por as alcãçar mais asinha se mudou a hũ dos castros por remar rijo alcãçou hũa das duas fustas que ficarã de fora, & aferrou logo hũa delas, & nisto lhe matou tres homẽs de vinte que andauã nela todos espingardeyros, & os outros se lançarã ao mar que os Portugueses catiuarã todos & to marã o fusta, & a outra varou em terra & saluou se a gente, & a fusta, que ficou em poder de Francisco de gouuea achou se carregada de crãuo, gengibre, & canela, & así andauã as outras dena os que tomarã que yã Dormuz pera Baçora. Tomada esta fusta, & vendo Francisco de gouuea que não podia pelear cõ as outras por estarem metidas no rio foy se fazer agoada a Carrega, onde staua hũa pouoação com hũa mezquita, & aqui estauã obra de sessenta mouros da armada dos inimigos, que ficauã esperãdo em quãto os outros leuauã a Reyxel as presas que fizerã, & estes como virã a nossa armada no porto em quanto se fazia agoada acolherã o se a hum cabeço alto ódesteucra hũa fortaleza, determinãdo de se defender, & mandarã recado a Reyxel de como ficauã, & os moradores do lugar se acolherã por outra parte a hũas lapas q̃ estauã ao longo do mar, de que os Portugueses matarã a mayor par

re. Despoys de feyta agoada & queyma-  
do ho lugar, em que foy queymado hũa  
mez juita que os mouros tinhão por cou-  
sa santa, & a que yão em romaria de muy-  
tas partes, mandou Francisco de gouuea,  
dizer aos mouros que estauão no cabeço  
que os auia de matar se em tres oras não se  
lhes fofsem entregar pera fazer deles ho q  
quiselle, & eles o fizerão com medo, man-  
dandolhe primeyro as armas, & por eles  
ouue despoys Frãscisco de gouuea os Por-  
tugueses que catiuarão a dõ Iorge de crãf-  
to, com condição que se goardasse a paz  
q assentara com Coje frualã, do q el Rey  
foy contente, vendo quam pouco ganha-  
ua em ter guerra com os Portugueses. E  
isto feyto, Francisco de gouuea foy cor-  
rendo aquele estreyto até a ilha de Baha-  
rem donde escreuo a el rey de Baçora o  
que fizera, & mandoulhe a especiaria q  
tomara aos mouros, & isto por ser amigo  
dos Portugueses. E sabendo el rey que a-  
quele estreyto estaua seguro, mandou hũa  
nao carregada de mantimentos a Francis-  
co de gouuea com muytos agardecimen-  
tos da especiaria que lhe mandara. E dey-  
xando Francisco de gouuea seguro este ef-  
treyto se foy inuernar a Ormuz, cujo rey  
faleceo neste tempo: & Antonio da silueyra  
& Diogo da silueyra leuantarão por rey  
hum seu filho dydade doyto annos, que  
despoys foy morto com peçonha, que lhe  
mãdou dar Rayxaleque q estaua degra-  
dado na India, & por ser seu tio suçedeo  
no reyno, & foy muyto amigo dos Por-  
tugueses, & fez muytos seruicos a el Rey  
de Portugal.

Do que fez Antonio da silua de Meneses em Bengala.

**P**Artido Antonio da silua pa Bengala  
chegou cõ toda sua armada ao porto  
de Chatigão, & porque leuaua por regi-  
mento que não fizele guerra nem paz  
em Bengala sem ho parecer de Martim  
afonso de melo jusarte, teue maneyra co-  
mo lhe mandou hũa carta em que lhe  
escreuia o regimento do governador, por  
isso que lhe respondesse ho que faria, &  
auido conselho com os Portugueses que  
todos estauão ja na cadea del rey assentará  
que deuia fazer paz, porque por guerra  
não se podião liurar, & so Nuno fernan-  
dez freyre foy de parecer contrayro, dizé-  
do, que se deua de fazer guerra a el rey de  
Bengala pera que se subestisse ho que podião  
os Portugueses, porq com quatro nauios  
q se possellem nas barras de Chatigão &  
de Satigão defenderia que nem saylle de  
stes portos nem entrasse neles nenhum na-  
uio, no que el Rey de Bengala receberia  
perda grandissima, por não ter em seu rey-  
no outros, & aqueles renderem muyto,  
& nem por amor da guerra os auia el Rey  
de Bengala de matar por amor dos Pata-  
nesque lhe começauão de fazer guerra,  
pera que auia de ter deles necessidade. E co-  
mo Nuno fernandez era so deste parecer,  
assentou Martim afonso no outro, & as-  
si ho escreuo a Antonio da silua, q man-  
dou por ebaixador a el rey de Bengala hũ  
Iorge alcoforado, & a sustancia de sua e-  
baixada foy, q com quãto o governador  
tinha rezã de estar agrãuado dele, & de lhe  
fazer guerra, por lhe prãder ho capitão &  
Portugueses q mãdaua a sua terra, nã se q  
ria lebrar dagrauos, se nã ser seu amigo,

& feruilo no que podesse, porque assi lho mandaua el Rey seu senhor, de cuja parte & da sua lherogaua que soltasse os Portugueses, poys não tinhão feyto por onde merecessem ser presos. E dada esta em baixada a el rey ouue conselho sobre ho que faria. E Agehabedalá lhe disse q̄ não fizesse paz com ho governador nem lhe desse os Portugueses por menos de quarenta & cinco mil pardaos, porque dandolhos de graça pareceria que ho fazia cõ medo, & Alfação lhe disse que lhe compria muyto fazer paz com ho governador, porque ho seu reyno, era como hum homẽ q̄ tinha dous olhos, & estes erã Chatigão & Satigão, dous portos de mar que lhe ho governador podia çegar com suas armadas, & porisso deuia de fazer paz & darlheos catiuos sem dinheyro, poys forão presos sem rezão, porque leuando por eles dinheyro claro estaua que os Portugueses se auião entregar em sua fazenda, ou na de seus vassallos. E com quanto isto pareceo bem a el rey & outros forão dele, era tam afeyçoado a Agehabedalá que tomou o seu, & respondeo a Iorge alcoforado que era contente de fazer paz com o governador, mas que lhe auia de dar quarenta & cinco mil pardaos por Martim afonso & polos outros, porque os não auia de dar por menos, & despoys tornou a dizer que os ná queria resgatar, & isto por conselho de Agehabedalá. E Iorge alcoforado se foy coesta reposta del rey, que disse a Martim afonso & aos outros, que ficarão muyto tristes, parecendolhes que poys os el rey não queria resgatar que nunca sayrião dali, & fizeram grã

de pranto com Iorge alcoforado quando se despedio deles, & ele leuou esta reposta a Antonioda silua, q̄ indinado cõtra elrey determinou de se vingar em seus vassallos, & hum dia ante menhaã deu com sua gente em Chatigão & pos lhe ho fogo, com que queymou muyta parte dela, & matou & catiuou muyta gente: & dali se foy a hũas jlhas onde morauão muytos Bengalas degradados, & destruyolhe as pouoações, & matou os mais deles: & feyta muyto grande destruyção se foy pera a India, & com menencoria disto mandou el Rey prender os Portugueses de dous em dous, que andauam ja soltos, & os quelle aconselhauam que fizesse paz com ho governador & que lhe desse os catiuos sem resgate, lhe disserão então que bem via quanto melhor conselho era ho seu que ho de Agehabedalá, & poys aquele capitão dos Portugueses sem mandado do governador lhe fizera tanto dano, que faria outro que fosse dirigido pera lho fazer. E el Rey conhecendo a verdade mandou cortar a cabeça a Agehabedalá, porque ho não conselhará bem fiandose dele, & não lhe valeo sua priuança, & por não parecer que soltaua os Portugueses com medo os não soltoou logo: E dali algũs dias por parecer que os soltaua por amizade mandou leuar ante sy a Martim afonso solto, & mostrou lhe hũ carta de marear sobre q̄ praticou coe hum pedaço, & despoys ho mádou tomar a cadea, & de dias em dias ho mandaua leuar antesy, buscando sempre coufas pa praticar coe: & neste tpo mádou q̄ lhe tirasse os ferros, & aos outros, de que mandou

mandou tirar da cadea Nuno fernandez freyre por saber tanger viola, & a hum Iohão adão que tangia hũs orgãos q̄ lhe Martin a fonfo mandara de Chatigã, & a hũ André gonçalvez pera lhe cantar, porque era muyto inclinado a musica, & tinha muytos musicos ao seu modo, & hum mestre da musica que tinha treze mil par daos de rêda com aquele officio, & a este entregou Nuno fernandez, Iohão adão, & André gonçalvez, & dali por diante teuerão todos melhor vida, & fazialhes el rey merce, & não tinhão outra má vida senão estarem ali sem poderem sayr quãdo querião.

## C A P I T. LXXX.

De como hũa armada del rey Dugentana foy correr a Malaca, & de como foy morto dom Paulo da gama & outros.

**D**Om Esteuão da gama que ya pera Malaca chegou lá em Mayo, & logo lhe dom Paulo seu irmão entregou a capitania, & ficando ele por capitão, daly a oytã dias teue noua que estava no rio de Muar hũa armada del Rey Dugentana, & pera saber a verdade disto & quantas velas erão, mādou la Simão lodrê, & Francisco de Barros de payua que leuarão cinco manchuas. E chegados acharão a armada fora do rio posta ao longo de terra, & erão doze calaluzes de Iaos, de que era capitão mor hum mouro chamado Habrahem, & cinco lancharas del rey Dugentana, & todas com muyta gente & artelharía, ho q̄ Simão lodrê, & Francisco de Barros poderão bem ver por se chegarẽ muyto, em tão que os inimigos cuidando que querião pelejar se leuarão, & forão pa-

reles, & eles como não yão pera pelejar fizerão volta pera Malaca a dar rezão do que virão, & os mourosos yão seguindo quanto podião, & em a noytecendo lhe começaram de tirar com a artelharía. E sendo duas legoas de Malaca, passadas duas horas da noyte, virão com ho luar que fazia muyto claro muitas manchuas, & em cada hũa dous tres Portugueses, & deles foberão que sobre a tarde despois de sua partida se vira em Malaca contra Muar, hũas nuuens delgadas como fumo, & por muytos afirmarem que era fumo, & dar telharía, o disserão a dom Esteuão, & que seria bom mandar focorrer aos Portugueses que la erão, & a sũlho conselhou hũ Aluaro botelho bom cauleyro. & muyto antigo em Malaca: & com quanto dõ Esteuão não quisera mandar ho focorro disse lhe dõ Paulo que o mandasse & q̄ ele yria, & dõ Esteuão se escusaua dizêdo, q̄ a armada estava ainda varada & que não aua em que yr ho focorro: & com tudo dom Paulo nã quis se não yr muyto contra vótade de dom Esteuão, & embarcou se em hũ paraõ de carga de hũa naõ de Cambaya, & Manuel da gama em outro & com cada hum vinte homẽs fidalgos & cauleyros: & outros quarenta homẽs se embarcarão em manhuastam pequenas que não cabião em cada hũa mais q̄ dous tres, & com tam rois embarcações foy focorrer quem não tinha necessidade de focorro, & chegou a eles asoras que digo. E sabendo eles quam mal aparelhada vinha dom Paulo pera pelejar com os inimigos, por hum nauio dos seus abastarũo pera pelejar com toda a sua armada

foy

foy Simão fodré dizer a dô Paulo q̄ por esta rezão se deuia detornar, & não pelear com os inimigos de cuja armada lhe deu relação, pelo que a dom Paulo lhe pareceo bem seu conselho, & fez volta, & os inimigos não deyxarão de lhe dar caça quádo virão que armada trazião, tirandolhe muitas bombardadas, o que os Portugueses não podião fazer por não terem artelharria. E vendo eles que os inimigos os alcançauão, & quam mal auados yão pera pelear coeles, conselharão a dom Paulo que ou se passasse a hũa manchua & recolhesse as outras & se fosse que o poderia fazer por serem legetras, ou varasse em terra, porque onde ele ensecasse nã auião os nauios dos inimigos de nadar, & deste modo se saluaria ate ser socorrido de Malaca. E dom Paulo parecê dolhe isto fraqueza não quis fe nã pelear, & cõ animo muy esforçado virou a abalrroar cõ hũa lanchara q̄ achou mais perto, & Manuel da gama fez ho mesmo, & em aferrando forão todos os seus encrauidos dazagayas, frechas, & pãos tostados, & com tudo ele entrou na lanchara que aferrou a pos hum seu ayo chamado Iorge fernandez borges, que foy o primeyro que entrou, & com quanto a dom Paulo lhe atreuessou hũa azagaya a mão dextera, ele & Iorge fernandez pelearão tam valenteméte que logo em entrando leuarão os mouros ate apopa da lanchara, & nisto entrarão Antonio pereira que foy alcjado do braço dextero, Vasco da cunha, dom Francisco delima, que forão feridos nas cabeças, & Gonçalo bayão, & así outros, & pelejauão com grã de braueza porque os inimigos crão muy-

tos, & outro tanto fazia Manuel da gama com os seus. E tendo dom Paulo rendida a lanchara onde estava quifera passar auante mas não pode, porq̄ em aferrando a lanchara se lançará os seus remeyros ao mar, & fugirá & estãdo así cõ a lãchara recida, acodio outra q̄ trazia muyto mays gente, & entrou de roldão onde estava dom Paulo & forão tantos os que carregarão sobre ho Bayleu que quebrou coeles, & como crão muytos, & os Portugueses estãdo ja feridos, & doutras lancharas lhe tirauão muytos arremessos, por mays esforçadamente que pelejarão não se poderiam defender, & foy morto Iorge fernandez borges & dom Paulo cayo de finmaya do muyto sangue q̄ se lhe ya das mortaeys feridas que tinha, & Gonçalo bayão estando muyto ferido posto no bordo da lanchara foy derribado no mar, & así cayrão outros muytos com a grande multidão darremessos que os inimigos arremessauão, & acharão se seys paos tostados jutos com que tirauão. Etambé foy desbaratado Manuel da gama, posto que aq̄le dia fez maravilhas cõ os seus & así os outros Portugueses, por em aproueytou pouco porque os inimigos por serem em de maisia muytos os afogauão & com tudo tam bem receberão perda, que morreriã bem quarenta a fora muytos feridos, & por isso se contentarão com escaparem, & se forão leuando dom Paulo quasi morto na lãchara sem saber q̄ o leuauã, nem a Iorge fernandez seu ayo, & soubesse q̄ ainda a dom Paulo viuera ate ao outro dia a vespéra, & se ele não cayra nunca ho mal dos Portugueses fora tanto. E acolhidos os

inimigos ajuntarão se todos os nossos capitães, & achando menos dom Paulo ficaram muyto tristes por ser muyto amado de todos, por suas muitas virtudes, & por ser muyto esforçado. E a fora ele acharão que morrera Ioão rodriguez de souza, so brincho de garcia de sa, Iorge fernandez borges, Antonio de fatão, Pero que ymado, Gonçalo bayão, & dous bombardeyros, & forão feridos Manuel da gama, dō Francisco de lima, Vasco da cunha, Antonio pereyra, Francisco bocarro, Fernão gomez, & outros que fazião numero de trinta, & coesta perda se tornarão a Malaca, & contarão a dom Esteuão ho que lhes aconteçera.

## CAPIT. LXXXI.

De como Francisco de Barros de payua foy buscar mentimentos a Patane, & do que lhe aconteceu

Sentindo muyto dom Esteuão a morte de seu irmão, determinou de yr sobre el Rey Dugentana & destruylo, por vingança daquela morte, pera ho que se começou da pceber. E porq̃ é Malaca a uia grãde falta de mātímētos, mādou por eles no Iulho seguinte a Páo, cujo rey estaua de paz, & foy Simão sodré é hũa nao de duzentos toneis, & ao mesmo mādou Francisco de Barros de payua a Patane cō que tambem tinha paz, & estando lá foy ter com Simão sodré hũa armada del rey Dugentana de trinta & cinco lancharas, de que ya por capitão mor Tuão ma fame de, que fugira de Malaca pola morte de Sanaya de raja. E por Tuão ma fame de não se atreuer a pelejar com Simão sodré foy em busca de Francisco de Barros que sabia que tinha hum nauio pequeno, &

não teria nele mays que ate vinte Portugueses, & né por isso se deyxou ele de defender dos inimigos com muito esforço, & eles o cometerão com grandes gritas pera ho asertarem, mas nunca poderão, porq̃ os Portugueses os não deyxarão cō muytas panelas de poluora que lhe arremessauão & cō muyta soma de spingardadas q̃ lhe tirauão. E despois de lhe matarem tres homens, & ferir os outrostodos, vendo q̃ o não podião aferrar se afastarã hum pouco, ho que vendo os Portugueses como esta uão muyto cansados & feridos, q̃ ja não podião consigo, requererão a Francisco de Barros que poys não podião mais fazer que se acolhessem a terra, & saluar seyão, & despoys viria tempo em que se vingaria, & ele não quis parecendo lhe que era quebra de sua honra: dizēdo que melhor era a morte com honra, que a vida deshonrada, & mays que temia que vendo os Patanes como yão desbaratados que se leuantassem contra eles & os matasem, posto que estauão de paz. E vendo a gente que nã se queria yr, não quiferão mays esperar, & lançarão se ao batel do nauio & forão se a terra, sōmente dous, hum chamado Ioão freire, & outro Bastião nunez & estes dous persuadirão a Francisco de Barros que se fosse, & primeyro deytou a mais da artilharia que pode no mar por que não ficasse aos inimigos, & por essa causa pos fogo ao nauio, & á poluora que estaua nele, & despoys se foy pera terra se fer visto dos inimigos, & em terra recolheo os Portugueses & foy se pera a cidade onde foy bem recebido, & hi ficou hum an no não ter embaraçação pera se yr, & despoys



despoys mandou dom Esteuão por ele. E firtindo os imigos que ho nauio estaua despejado entrarão nele, & a pagarão o fogo & tomarão meo queymado: & vendo que não podião auer a gente dele forão se, & Simão lodré que foy a Pão fez carregar certos jungos de mantimétos, & foy se coelesa Malaca.

## CAPIT. LXXXII.

De como Diogo da silueyra chegou a ponta de Diu & do que hi fez.

**P**Assado ho inuerno q̄ Diogo da silueyra teucem Ormuz, partio se pa Mazate onde tinha os galeões, & dali na fim Dagosto com toda a armada pera a ponta de Diu, onde esperou as naos que fõsse do estreito, de que fez dar á costa algũas q̄ lhe fugirão, & as não podetomar. E vendo que nã fazia alinada foy surgir na barra de Diu onde as fustas se lhe mostrãõ, mas não oufarão de pelejar coele: & aquy foubes que ainda estaua em Diu por capitão Meliquetocão, & não deyxara el rey de Cábaya Rumeção como estaua determinado, por naquela conjunção lhe ser notificado que el rey dos Mogores (hum rey muy to poderoso) lhe fazia guerra pera que el rey de Cambaya tinha necessidade de Rumeção. E despoys que Diogo da silueyra isto foubes, tomou hũa nao de presa que foy ter coele, & tomada se fez à vela, & foy se pera Goa com recado do governador que lhe mandou dizer que se fosse.

## CAPIT. LXXXIII.

De como chegou à India Martim afonso de souza.

**N**Este tempo chegou a armada de Portugal, de que foy por capitão

mór Martim afonso de souza, a que por seus seruiços el rey fez merceda capitania mór do mar da India: & a armada q̄ leuou de Portugal foy de cinco naos grossas cõ a sua, de q̄ forã capitães ele, Diogo lopez de souza, Tristão gomez da grã, Simão guedez de souza, q̄ leuaua a capitania de Chaul, Antonio de britto, que leuaua a de Cochí. Echegãdo a Goa a saluaméto, mostrou Martim afonso sua prouisião ao gouernador q̄ hi estaua, pelo que o meteo de posse da capitania mór do mar, & lhe mandou que se fosse a Cábaya pa tomara villa de Damão, & lhe fazer a mays guerra que podesse, & que em Cambaya se entregaria a armada que trazia Diogo da silueyra. E despachado Martim afonso, partio se pera Chaul, & forão coelestes capitães de galés & Galeotas, Fernão de souza de tauora, Manuel de souza de sepulueda, Martim correa, dom Diogo dalmeida, Ioão de souza lobo, & Francisco de sa, & outros, & asihũ Ioão de souza dalcunha Rates em hũa carauela: & chegado a Chaul chou hy Diogo da silueyra que lhe entregou a armada da de Vasco pirez de são payo, q̄ era de tres galeotas, & dez aseyssustas, & asih quatro galeões, & Diogo da silueyra seguiu sua rota pera Goa pera sey pera Portugal.

## CAPIT. LXXXIII.

De como Martim afonso de souza tomou a vila de Damão.

**E**ntregue Martim afonso de souza da armada, partio se pa a vila de Damão, & leuaua trinta & cinco velas, em que yrão seyscentos soldados, & coesta frota chegou à Damão, hum lugar do reyno de Cambaya, situado na ponta da

sua enseada da banda do sul por hũ rio aq  
 ma õde el rey de Cabaya tinha hũa forta  
 leza forte & bem artilhada, quadrada, &  
 encada quadra hu ba uarte, & tinha hũa  
 só porta. E sab do ho capitão dela, que era  
 Turco, a yda de Martin afonso que y  
 mou ho lugar, & destruy o tudo ao derre  
 dor, & recoheo a gente na fortaleza, em  
 que tinha quinheutos soldados, os mays  
 delês Rezbutos, que sam os gentios que  
 erão senhores de Cambaya, antes q a os  
 moartõs ganhassem, & por serẽ homẽs ef  
 forçados os tinha ali el rey de Cambaya,  
 os outros erão Turcos, em que entrãõ  
 gem espingardeyros, & estãõ todos mui  
 to confiãdos de poderem defender aquela  
 fortaleza ao governador da India, quãto  
 mays a Martin afonso, que sabiaõ q leua  
 ua pouca gente. E parecendo ao capitão q  
 ele cometesse a fortaleza polo rio, mãdou  
 fazer ao longo dele algũas estancias da te  
 lharia. Chegado Martin afonso, como  
 digo, surgio na costa pera dali yr ver a dis  
 posição da fortaleza, a que foy em hum  
 caturpe pequeno quando era baixa mar, &  
 foy neste tempo, porque com a marẽ cre  
 cin a agoa, & ficaria sobre a terra descubert  
 to a artilharia, & cõ ba yxa mar ficaua ho  
 alcantil alto, & encobriho ya dostiros, q  
 forãõ sem conto, aly de bõbardas, como  
 despingardas entrãdo polo rio, & valeo  
 lhe ho ardil que uee pera lhe não empe  
 cerem, & por isso passou auante da forta  
 leza & a vio muyto bẽ, & vëdo quã pigo  
 sa era a estrada por aqã parte por amor da  
 artilharia, determinou d acometer por ou  
 tra se pode se fer: & sabẽdo que polo sertã  
 polas costas da fortaleza auia hum cami

nho largo & chãõ, por onde a gente po  
 dia yr a prazer, pareccelhe bem cometer  
 por aly, & alyso di e a os capitães em con  
 selho, & que auia de desembarcar na cos  
 ta braua de frõte da foiteza as duas cras  
 despoys de meanoyte, pera em amãhe  
 cendo dar na fortaleza, & alyho fez, &  
 ao desembarcar tetãõ os Portugueses  
 muyto trabalho, q desembarcarãõ tãã fal  
 tades da terra que lhes daua a agoa polo  
 pescoço, porque não ou sauãõ de chegar  
 os catures a terra que auiaõ medo de se es  
 pedaçarem com ho grande escarceo que  
 o mar fazia. E em quanto a gente desem  
 barcaua foy Martin afonso ver com ciu  
 co fidalgos o lugar por onde auia dyr: &  
 achando que era alyso como lhe tinhõ o di  
 to, tornou se pera sua gente que achou de  
 sembarcada, & co a se fey tam hum cor  
 po abalou pera a fortaleza, & chegou as  
 costas dela em amãhecendo, leuãdo  
 diante duzentos espingardeyros pera fa  
 zerem despejar os muros que acodissem  
 daquela parte, como acodiraõ logo, mas  
 quam a linha forãõ acodir, tam a linha se  
 tornarãõ com medo das espingardadas,  
 que erãõ tantas, que quasi desazia as ame  
 as. E vendo os Portugueses o muro des  
 pejado poserãõ as escadas que leuãõ pe  
 ra se byrẽ, & o primeyro q pos a sua foy  
 hũ Francisco da cunha, & o primeiro q su  
 quebio por ela, & a pos de outros, & por  
 a escada ser podẽ com a gente ser muy  
 tã quebrou, sendo Francisco da cunha q si  
 no cabo dela & cayo, leuãdo diante de  
 sy quantos yãõ detras dele, & todos fica  
 rãõ maltratados das quedas, principãl mẽ  
 te ele que cayo de mays alto, & com que

brar

brar esta escada recebeu a gente de subir por las outras, & não quis ningué mais sobir, dizêdo q' erão podres, o q' ouuindo Marti afonso mádou logo trazer hũa escada no ua q' nãdara fazer de duas antenas da cara uela, & era tão larga q' podiã yr por ela cinco homês em feira, & é quãto se foy por esta escada forã algũs Portugueses ao derredor da fortaleza pa onde estaua a porta pola qual virã sayr obra de trinta dos imigos q' yã fugindo, & estes erão da gente bayxa, em q' o medo era tamanho q' determinarão de fugir, & estes começará logo, por os soldados estarẽ em cima nos baluartes, & não auer quẽ os teuisse: & vêdo os fugir estes Portugueses q' digo, começarão de bradar q' fugião os imigos, & derã logo a poseles, & outros acodirá a porta que estãua aberta & remeterão a ela riço que os imigos a não poderã fechar, por rem fizerão se em corpo diante dela, & começaram a defender a êtrada, & na propria conjunção em que aqueles Portugueses remetia a porta da fortaleza, chegou a escada noua que digo, & posta ao muro ho primeyro que sobio & chegou ao muro, foy Torres hũ Italiano comitre da galé d' Martim afonso, & ho segũdo Diegalua-reste tez, hũ fidalgo muy esforçado, & a pos estes outros poucos, & isto & ho chegar dos outros Portugueses a porta da fortaleza foy todo hum, & vendose os imigos assi cometer, desesperados de se defenderem, determinarão de fugir, & por isso se decerã os mais ao pateo da fortaleza, & setenta (parece q' dos mais honrrados) se poserão a caualo pera se acolherem logo, & os outros cometerã a porta a pé como

que querião sayr, mas não poderão por estarem nela tantos Portugueses, que estãuaõ atochados sem poderem yr pera diã. te nem pera tras, & tinhão feyta hũa medonha pinha de fais & despadas nuas, & espingardas, & era hũa braua reuolta deles pera entrarẽ & dos imigos pera sayrẽ, & tudo era cheo de brados & gritos. E tres dos imigos como determinados de morrerẽ pa fazerẽ lugares aos outros, espetarã senas lanças, & forão correndo por elas ate chegarem aos q' astinhão, & ferirão os muy rijo cõ os terçados, & muyto mais dano fizerão se não fora por hũ Aluaro de mey reles que os acabou de matar cõ hũa espada d'abasas mãos, & assi foy morto outro de caualo com hũa espingardada que tambem quis cometer a porta. E tanto que Martim afonso vio que Diegalua restez, & os outros sobião pola escada, acodio a esforçar os que estãuaõ a porta, & a forçã ombros q' pos com outros deu coes dentro, & como agoa que rompe de presa, da Santiago nos imigos, & niõto chega Diegalua restez, & os outros que entrarão pelo muro, & colhẽ dohos no meo, apertarãonos de tal modo, que nenhũ escapou viuuo, pelejando primeyro com muyto esforço, porque vendo que não podião escapar vingarão senos Portugueses, deque matarão dez, & ferirão muytos de muytas feridas. E roubada a fortaleza, deteu se Martim afonso ttes dias em a derribar & artasar, que parecia que nã esteuera aly, & daquy foy correndo a costa ate Diu, & coesta vi toria lhe ouuerão os mouros grande medo, & el rey de Cãbaya a finto muyto,

## CAPIT. LXXXV.

De como el Rey dos Mogores entrou na India.

Antes disto entrou na India hum rey de hūs poucos a que vulgarmēte chamao Mogores, cujo senhorio confina cō ho do çofio, & dizem que he a terra a que antigamente chamarão Parchia, he esta gente alua & bé assombrada de barbas cō pridas, & trazē as cabeças rapadas, & nelas hūs carapuções quasi da maneyra dos do çofio, vestem cabayas, & roupões de seda, ou de pano, segūdo cada hum pode: os nobres se serué com muyta policia de baixelas de prata, & de noyte alomeão se com velas de çera em castiçais, & decaminho leuão hofato em arcas encoyradas, almofreixes, & malas, cubertos cō reposteyros, & alcatifas sobre camelos, & leuão muyto boastendas pera poufarem no campo. Ho proprio pelejar dos Mogores he a caualo, os cauales são como quartos, correm pouco, & andão muyto, & pelejão coeles acubertados, suas armas são pelotes de seda ou de coyro de quartos, que lhe chegão hum palmo abayxo do gholho forrados de laminas, cō cravação dourada, nas cabeças celadas, & capazes cō grãdes penachos dourados. As armas offēsiuas são arcos, frechas, terçados, maças de ferro, & machadinhas, & todas estas armas leuã pēduradas nos arções das felas, leuão tãbé muyta artelharia encarretada, & cada peça de cōprimento de couado, as grossas tirão pelouros do tamanho de falcões, a miuda como nozes. Cō esta gente anda outra muyta de diuersas nações, asicomo Tartaros, Turquimães, Coraçones, & outros, & todos se chamão

Mogores, mas os proprios Mogores são os quedigo: cujo rey era grão senhor de terra, & de gente, & seruiase com grande estado, & venno muyto poucas vezes, & quando quer que lhe fale alguem manda ho chamar, & os senhores de sua corte fazem cada dia duas vezes a çalema à casa ou à tenda em que está: he mouro, & así ho são todos seus vassallos, ho mais do tempo Iejūa, & reza, pelo que os seus ho tempo santo, dizião que nunca lhe foubirão conhecer molher, & así estranhaua muyto ho pecado da luxuria. Tem grãde goarda é sua pessoa así na paz como na guerra, & goardão aos quartos dous mil de caualo, acada quarto em q̄ entrão çem senhores principaes, & todos comê da sua cozinha, quando caualgã acompanha ho gente sem conto, así de pé como de caualo, & vão diante dele porteyros cō varas vermelhas, & outros officiacis que fazem apartar a gente. A causã da vindã deste rey à India foy segūdo soube dalgũs Portugueses que esteuerão no seu arrayal, ser desbaratado do Xequé ismael, de que escapou com sete mil de caualo, & vendo se desbaratado, de corrido nã quis tornar a seu Reyno, sem fazer algũa cousa com que emendasse a q̄ quebra, & determinãdo de conquistar ho Reyno de Deli comarcão do seu, lhe começou ã fazer guerra cō ajuda dum irmão del rey de Deli, a que pertencia ho reyno de dereyto, & a q̄ prometo se ho conquistasse, porem nã ho fez assi despoys de conquistado, & tomouo pera sy. Este a que pertencia ho reyno quando isto vio fugio pera el Rey de Cambaya, a pedir lhe ajuda contra

ho rey

ho rey dos Mogores, que por as nobrezas de que vsou nesta conquista cō os soldados, cobrou tamanha fama, q̄ em pouco tempo ajuntou cincoenta mil de caualo. E como també tinha fama de conquistador, estado no reyno de Deli, foy ter cō ele hū sobrinho del Rey de Mandou, aqueixandofelhe del rey de Cambaya, q̄ lhe matara seu tio por treyção, & lhe cattuara sete filhos & lhe tomara ho reyno. Pedindolhe que fizese por bé ou por mal que el rey de Cábaya soltasse os filhos, & lhes tornasse o reyno. Sobre o q̄ el rey dos Mogores mandou hū embaixador a elrey de Cambaya, que por não querer fazer seu rogo ouue desáfio antreles pera fazeré guerra hū ao outro, que logo começarão per seus capitães. E porq̄ os del rey de Cambaya leuauão ho pior, determinou ele de jr a ela em pessõa, pera o q̄ determinou de fazer paz com ho gouernador Nuno da cunha, porq̄ temeo que lhe tomasse Diu cō toda a fralda do mar em quanto fosse contra el rey dos Mogores. E pera o contetar & prouocar que fizese a paz, lhe deu Baçaym, sobre o q̄ lhe mandou hū embaixador, que se chamaua Coge xacocz.

## CAPIT. LXXXVI.

Decomo el Rey de Cambaya deu Baçaym a el Rey dom Ioam de Portugal.

**P**Artido este embaixador que digo, chegou a Goa, onde deu sua embaixada ao gouernador, cuja côrulsam foy que el rey de Cábaya lhe daua Baçaym com todas suas ilhas, & hūa legoa polo sertão, que rendia tudo cincoéta mil pardaos douro, & que fizese paz coele. E co

mo ho gouernador sabia certo ho fim pera que el rey de Cábaya queria a paz, & quãta necessidade tinha dela, nã a quis cōceder, sem el rey de Cambaya a fóra o q̄ daua consintir que as naos dos mouros q̄ hião a Diu fossem a Baçaym, & hipagarião pera el Rey de Portugal os dereytos que pagauão em Diu, que serião bé outros cincoenta mil pardaos de ouro, & mais que lhe auia de dar todos os Portugueses catiuos que tinha, o que el rey de Cambaya concedeo, porque era sua tenção vencer el rey dos Mogores, & despoys os Portugueses, & tomar lhes a India. E outorgado por ele este contrato, foy se ho gouernador a Baçaym com hūa grãde armada: & lá se ajutou coele Martim afonso de souza, & lhe leuou ho embaixador delrey de Cambaya a sinado por ele ho contrato que antreles foy feyto. E ho embaixador lhe entregou Baçaym com suas ilhas, & hūa legoa pelo sertão, & entregue mandou o gouernador fazer hūa casa forte por não poder fazer logo fortaleza, & esta serueria de feitoria, & fez feyto a hum Gaspar paez, & deyxandolhe algũa gente se tornou a Goa onde inuenou, & primeyro despachou ho embaixador del rey, cō quem foy Ioão de Santiago lingoa do gouernador q̄ fora mouro & era Cristão, pera que trouesse os catiuos que el rey auia de dar, que erão Diogo de mezquita, Lopo fernandez pinto, & outros. E el rey porq̄ lhe pareceo q̄ Santiago lhe descobriria muytas cousas do gouernador que lhe erão necessarias que soubesse, cometeo que ficasse coele, fazêdolhe merce de vinte mil pardaos douro

& de quarenta mil de renda & q̄ seria seu lingoa, do que Santiago foy contente, & descobrio a el rey quanto lhe pareceo que sabia do governador & dos Portuguezes fazendolhe seu poder muyto pouco, & q̄ facilmente os deytaria fora da India, se quisesse, & porisso el rey não quis mandar os catiuos ao governador, nem tam pouco mandar que as naos que auiao dir a Diu fossem a Baçaim.

## CAPIT. LXXXVII.

De como indo dom Esteuão sobre el rey Dugentana lhe desbaratou hũa tranqueyra.

Depois da morte de dō Paulo ficou el rey Dugentana tão soberbo, que mandou logo suas armadas ao estreito de Cincapura pera que tomassem os juugos que per hi fossem a Malaca, & fizessem as nosos quanto mal podessem, & eles ho fazião así, correndoos por muytas vezes. O que demouco mais a dom Esteuão pera a destruyção del rey de Vgentana, que tinha seu assento em hũa grande cidade sete legoas por hum rio a cima, cujo nome he Vgentana, & dele se chama así a cidade: & este rio se mete no mar alem do estreyto de Cincapura. Edeterinado dom Esteuão de destruyr este rey, ajuntou sua gente q̄ forã quatrocentos Portuguezes: & deyxando a fortaleza entregue ao alcaidemôr, se partio pera Vgentana em lunho do anno de mil & quinhentos & trinta & cinco cõ hũa armada de duas fustas ele em hũa, Manuel da gama em outra, & sete lancharas, de q̄ erão capitães, Simão sodré, dom Frãscisco de lima, Antonio dabreu, dō Cristouãda

gama, Anrique mendez de vafconcelos, Pero barriga, Antonio grãdio, & hũa carauela redoda, de q̄ foy capitão, hũ Fernã gomez natural Dalcouchete, q̄ fora scriuão da feytoria de Malaca, & hũa nao capitão hum Diogo botelho, & así algũas manchuas, & balões pera seruiço desta frota, & partido coela chegou a foz do rio Dugentana, por onde entrou, & despoys de nauegar por eletres legoas por serbayxo não podea nao passãr mais auante, & porisso a deyxou ali, & pa q̄ goardasse o rio que não socorresse a armada del Rey que andaua de fora. E partido dali, a obra de mealegoa achou hũa pouoaça q̄ se defpouou com medo dele, que cõ tudo tomara ali lingoa, por quem soube que dali pera riba não era o rio de mais largura que dum tiro de pedra & de muyto grande corrente, & todo cuberto de espessõ aruore do que encobria ho sol, & que dali a duas legoas madata el rey fazer hũa tranqueyra, porque os Portuguezes teuessem mais q̄ fazer em chegar a Vgentana, & pera lhe tolherem dali ho caminho, porque ficaua muito estreyto. E sabido isto por dō Esteuão, mandou Pero barriga, Jorge daluarãga, & Bernaldim cordeyro, em senhos balões a descobrir ho rio, & saber se era así ho que ho lingoa dizia, & que lhe tornassem cõ recado porq̄ ali os esperaua. E eles forão & acharã a tranqueyra feyta ao pé dũ outeyro q̄ fazia hũ cotouelo no rio, & cõ a tranqueira ficaua tão estreito q̄ não podia passãr ninguem q̄ os inimigos q̄ nela estauão os nam matasem as frechadas, & tinham cortadas muytas aruores sobrecõrio & aradas com rota de Bengala,

pera q̄ se dō Esteuão passasse as deixasse  
cayr & lhe çarrassem ho caminho, q̄ não  
se podesse tornar. E ver isto lhes çustou  
muyto perigo de os matarê cō frechadas  
& visto tornaraõ a dō Esteuão & lho cõ  
tarão, & q̄ segundo seu parecer ele não  
podia passar sem desbaratar aqla tranq̄i-  
ra, & q̄ ho faria por ter pouca gente. E di-  
to isto per dō Esteuão aos outros capitães  
& pessoas principais da frota, assentou se  
por todos q̄ tomasse a tranqueira, & hũ  
pedaço primeiro q̄ chegassem a ela fãiria  
Pero barriga & Antonio grandio com a  
sua gente em terra pera darê por ela na trá-  
queira, & ele com os da armada daria por  
mãr. E por q̄ ho mato era muyto basto &  
dō Esteuão se temeo q̄ pola estreiteza do  
rio os ãmigos se escondessem antre ho ar-  
uoredõ & lhe frechassẽ a gente, mãdou  
fazer baileus nas fustas & nas lancharas  
pera irẽ debaixo espingardeiros, & tirarẽ  
dali se acõtecesse o q̄ receaua. E passados  
dous dias que se nisto deteuẽ, tornou a sua  
viagẽ caminho da tranqueira, & hũ peda-  
ço dela desembarcarão Pero barriga &  
Antonio grandio com a gente de suas lá-  
charas, que serião atẽ sessenta homẽs, ou  
pouco menos, & tirarão pera a tráqueira  
indo a vista da armada, & chegarõ o pri-  
meiro que os do mãr. E por lhes parecer q̄  
seria perigo não cometer os ãmigos, os eo-  
meterão assi como hião auidados, de flechã-  
dos os espingardeiros q̄ hião diãte. E os ãmi-  
gos se defenderão hũ pouco, mas vendo  
chegar a armada pareceolhes q̄ os queria  
tomar nõ meyo, & sem se deter muyto  
na defenã fugirãõ, fãendo mortos tres  
dos principays, & os outros se acõlherã a

fortaleza onde el rey estãua, a quẽ cõtãrã  
seu desbarato, engrandecẽdo muyto ho  
poder de dō Esteuão & seu esfõrço, por  
encobrirem ho medo q̄ leuatiã: Pelo que  
os q̄ estãuão com el rey teuerãõ tambẽ al-  
gũ de serem desbaratados, & receuãõ a  
chegada dos nossos.

## CAPIT. LXXXVIII.

Decomo dom Esteuão chegou a fortaleza  
dos ãmigos,

**D**Esbaratada a tráqueira sem os Por-  
tugueses receberẽ nenhũ dãno, co-  
mo chegou dom Esteuão tornarãse a em-  
barcar Pero barriga & Antonio grandio  
com sua gẽte, por q̄ posto que dō Esteuão  
quisera que forãõ sempre por terra ate a  
fortaleza pera tolher aos ãmigos se os ou-  
uesse que lhe não tirassem dantre ho aruo-  
redo, não podião por a terra ser apaulada  
pola mayor parte dãbas as partes do rio,  
& ser sapal por onde se não podia andar:  
& por isso os ãmigos não podião chegar  
às bordas do rio, que se isso não fora eles  
chegarãõ, & somẽte delas às pedradas &  
flechadas segundo ho rio era estreito &  
eles muytos, poderãõ defender a passagẽ  
a dom Esteuão: & tambẽ por ho rio fazer  
muitas voltas & cotouelos lhes estorrou  
lãçarẽ balsas de fogo pera queimar a nos-  
sa frota, por q̄ se auia de deter nestes cõto-  
uolos E posto que a terra era assi apaulada  
onde auia lugar pera isso ainda q̄ estreito  
desembarcarãõ Antonio grandio & Pero  
barriga cõ sua gente & hião a vista da fro-  
ta, del pois q̄ partio desta primeira tráquei-  
ra caminho da fortaleza: onde estãua. La-  
quẽximena capitãõ mór del rey q̄ teria cõ-  
sigo bẽ feys mil homẽs os mais deles fle-  
cheiros, & dos outros algũs espingardeiros

& em q̄ el rey tinha todo seu efforço, & a fora isto estava muyto forte cō hũa tranqueira q̄ atraueſſava ho rio, & era de duas faces entulhada de grãdes madeiros & pedras: & é cada cabo hũ cobelo do meſmo, & no meio hũa porta q̄ ſe fechava e abria pera ſairê ſuas armadas. E nella trãqueira avia muyta artilharia, & dela pa hũa chã pa da terra de hũa das bãdas do rio ſe eſtêdia hũa fortaleza de madeira muito forte em q̄ estava recolhido Laqueximena cō ſua gête. E el rey estava em hũa pouoaçã dali a hũa legoa, & por ele eſtar tão fortelido lhe pareceo q̄ estava ſeguro de ſer entrado. Chegadô dô Eſteuão a eſta fortaleza ſurgio cō a frota detras dũ cotouelo que a emparava da fortaleza, de q̄ ficou a tiro deſpingarda, q̄ era a largura do cotouelo. E logo é chegando Pero barrigã & Antonio grandio q̄ chegarã por terra lhe mandarão dizer q̄ devia ſeguir a vitoria q̄ trazia da tranqueira, & cō ho favor dela deſbarataria logo os imigos. E dô Eſteuã não quis por nã jr apercebido pera iſſo, & por ſer tarde & a gête jr caſada de levar a toa os navios. E aſſi ficou ho cõbate pa outro dia. E por q̄ de noite os imigos não lançaſſem fogo de terra na frota, ficarão Antonio grandio & Pero barrigã cō ſua gête da parte onde ſtauã, & da outra deſembarcou Anrique mèdez de vaſcõcelos cō os ſeus, pera q̄ a frota lhes ficaffe no meyo & hũs & outros a goardarſe. E laq̄ ximena q̄ ſintio q̄ os noſſos erão chegados fortaleceoſe ainda mais do q̄ estava, & mandou meter muytos eſtrepes de pao ferro muyto groſſos por derrêdor da fortaleza. E eſta noite cõcertou dô Eſteuã como ſe

aviã de cometer os imigos: & foy q̄ dô Chriſtouã da gama ſeu irmão foſſe na caravela de Fernã gomez abalroar a trãqueira, & jrão coele Simão ſodre, Manuel da gama & outros ate cincoeta homês fidalgos. E q̄ a caravela foſſe cercada darrõbadas por lhe nã fazer nojo a artilharia. E logo ao outro dia lhas fizeram muyto fortes arduores inteiras q̄ cortara pa iſſo. Iſto feito hũ dia pela menhaã abalou a caravela q̄ levava muy grande peſo por amor das arõbadas, & por iſſo não podia jr ſe nã às toas, & eſtas avia dir atar em arduores hũ Luys de braga q̄ fora eſcriuã da feitoria, & deſpois datadas nas arduores ſe avião da lar por elas os da caravela ao cabreſtante, por q̄ nã avia força de remos q̄ a fizefe ſurdir ſegundo ſeu peſo, & a grande corréte d'agoa: & mais indo a remos não ſe podia levar por amor da artilharia dos imigos q̄ estava certo peſcar as manchuas ou balõesa q̄ foſſe atoadã como deſcobriſſe ho cotouelo q̄ ficaffe aviſta da trãqueira. Ein do hũa ló manchua atoadã deſta maneira ao longo de terra, & deſpois emparar ſehia cō a meſma caravela em quanto ſe a laſſe pelo cabreſtate. E por q̄ niſto avia de aver vagar ficou dô Eſteuã cō o reſto da armada detras do cotouelo ate a caravela aſſerrar cō a trãqueira, de q̄ tanto q̄ ſe lhe a caravela deſcobrio começão de chouer pelouros cō tanta furia q̄ parecia q̄ fundiã ho mundo, quanto mais a caravela, a q̄ as arõbadas a prouecitarão muyto pa os que hiã d'entro não ſerê todos feitos e pedaços. Porem Fernã gomez foy ferido dũ pelouro em hũ braço, de q̄ deſpois morreo. E da caravela tambê jugauão coeſſa artilharia



lharia q̄ seauaão, & tudo era cuberto de fumo, & como o rio era sóbrio por amor da espessura do aruoredo, q̄ si q̄ ficou todo escuro, & nisto passou Luis de braga muy grãde perigo em yr atoar os cabos às aruores por onde se auia dalar a carauela. E auédo os negros q̄ remauião medo das bõbardadas & frechadas q̄ tirauão da tranq̄yra não querião remar, pelo q̄ conueo a Luys de braga arrácar da espada, & ameaça los coela q̄ os mataria se nã remasẽ, & cõ isto remará sem eles nẽ ele serẽ feridos: o q̄ pareceo milagre: & assi foy ate q̄ a noi teceo q̄ a carauela ficou a meo tiro de pedra da tranq̄yra & ali surgio cõ determinaçã de aq̄la noyte jrafferrar a tráqueira.

## CAPIT. LXXXIX.

De como dõ Esteuão desbaratou el rey Dugentana.

**S**VRta a carauela, vio Luis de braga na boca do canal jũto da tranq̄yra onde a carauela podia chegar hũ jũgo alagado q̄ os imigos alagarão receando de ser o q̄ vião, & ficaua a agoa tã baixa q̄ nã podia passar hũa manchua por cima do jũgo, & sabido isto pordõ Christouão deyxou se estarate ver o q̄ dõ Esteuão determinaua, a quẽ logo mandou dizer o q̄ passaua, ele lhe mādou dizer q̄ se tornasse, & assi o fez. E védõ dõ Esteuão q̄ nã podia cõbater a fortaleza por mār determinou deo fazer por terra & nã se yr sem a tomar: & pa fazer sua disposiçã, & onde poderia assentar a artelharia mādou a Francisco bocarro de Lisboa q̄ tinha a feytoria de Malaca q̄ se passasse da bãda dalem do rio, & visse a disposiçã da terra dizendolhe pa q̄: & foy coele hũ esp̄gardeiro, & indo em pès, & emãos por nã ser visto se pos em

cima dũ outeirinho q̄ senhoreaua a fortaleza, q̄ vio assentada de maneira q̄ estãdo hũ camelo dõde ele estaua cõ hum par de falcões, nã parecera niguẽ na fortaleza q̄ nã fosse pescado, & assi o disse a dõ Esteuão, & q̄ sã aq̄la estãcia abastaria pa fazer despejar a fortaleza aos imigos. E ouuin dõ lho Manuel da gama lhe disse, q̄ nã fizesse aquilo tã chã, q̄ mais auia q̄ fazer do que dizia, & le disse q̄ pois ele q̄ o fozaver o dizia q̄ ainda era muyto menos, & pa isso fossem lá dõ Esteuão, & ele, & veriã se era assi, & então forã todostres & cocles dõ Cristouão, Antonio dabreu & Anriq̄ mēdez, & poro mato ser muyto basto os nã virão da fortaleza. E védõ q̄ era assi como Frãscisco bocarro dizia, na noyte seguite mandou dõ Esteuão fazer ali hũa estãcia cõ hũ camelo, & dous falcões, & deu a guarda dela a Anriq̄ mēdez de vascócelos, cõ a gente da sua lanchara: & Antonio grãdio estaua cõ outra da mesma parte em q̄ estaua a fortaleza. E cõ ame nhecẽdo começou jugar a artelharia q̄ fazia muyto nojo aos imigos, & eles aos nosos nenhũ, posto q̄ a sua nũca deixaua de tirar. E durou este cõbate q̄ si oyto dias, e q̄ os nosos matarã dos imigos muitos & eles algũs dos nosos, & nisto faltou a poluora, porque dõ Esteuão nã determinaua de dar tãtos dias cõbate, que cu y dou q̄ em hũ se acabasse aq̄le feyto, & tãbẽ lhe começou da doecer a gente por a terra ser muyto doentia, & por faltarẽ os mātimentos, pelo q̄ dõ Esteuão da gastado pos cõ selho se se tornaria pois nã fazia nada & podia pder muito, & muitos forã de parecer q̄ se tornasse, & Pero barriga cõ algũs disse

disse q̄ ele não auia medo aos inimigos pe-  
ra se tornar, mas q̄ auia medo a nollia fro-  
ta q̄ tinha pa andar sete legoas per hú rio  
muyto estreyto & de grande corrente, q̄  
seria causa de darem hús nauios pelos ou-  
tros & desbarataré se per si, que não se de-  
uia y r dali sem comerer a fortaleza, &  
cometendoa poderia ser que Deos os ajuda-  
ria, & quando não, se os inimigos os vis-  
sem tornar terião rezá de dizer, váose dei-  
xalos y r. E como dō Esteuão & todos tin-  
hão a Pero barriga por muyto bñ cauá-  
leyro, & que fizera disio muy boa experi-  
ência em Africa, & q̄ sabia bñ da guerra,  
abalouos muyto este seu parecer, & ou-  
uerãno por bñ, potē não se determinarão  
no q̄ farião & ficou assi, & cada hū se tor-  
nou a seu lugar, & se forã a jentar q̄ era pe-  
la menhaã. O q̄ parece q̄ quis nosso snor  
pera mais seu louuor & gloria: porq̄ des-  
poys deste conselho, chegou a fortaleza  
Tuão ma fameda capitão mór dō mar del  
rey Dugétana, da costa de Pão onde ada  
ua armada, & el rey o mādara chamar  
pa ajudar cō sua gēte a Laqueximena cō  
tra os nosllos & deixou a frota no mar, &  
foy se por terra cō sua gēte a fortaleza, &  
chegou o dia em q̄ foy este cōselho, & co-  
mo ya de refresco quis logo sayr aos nos-  
sos, & deu aq̄la tarde rebate nas estancias  
Dátonio grãdio, & de Pero barriga cō bñ  
mil homēs, & eles q̄ não desejaão mays  
q̄ pelejar coeles receberãonos cō muito ef-  
forco, & pelejarã cō grãde ofradia. E tan-  
to q̄ a grita foy ouuida na frota, mādou  
dom Esteuão os mais que pode q̄ fossem  
acodir, & a artelharia comēçou logo de ju-  
gar, & foy hoarrojido tamanho q̄ parecia

destruir se o múdo. E como os inimigos vis-  
sem quã bñ se os da estancia defendião, &  
q̄ foccorrião os da armada, & ouuirão as  
bombardadas, cuy darão q̄ crão tomados  
no meo, & desmayarão de modo q̄ se ou-  
uerão de pder se não teuerão tã pto a col-  
lheyta, onde se acolherão sem fazer dano  
aos Portugueses, recebendo deles muyto,  
& forão os matado até a fortaleza. E vñ-  
do Laqueximena quã facilmete Tuão ma-  
famede, q̄ ya de refresco fora desbaratado  
& a bateria q̄ se daua de cōtino a fortale-  
za, & sobre tudo parecēte hū q̄ determina-  
uão de a tomar ouue tamanho medo, &  
assi os q̄ estauão coele, & també Tuã ma  
famede pelo q̄ tinha espremetado, q̄ aq̄la  
noyte despejarão a fortaleza de todo, & se  
forão caminho da pouoação em q̄ el rey  
estaua, que tãb despejou a pouoação cō  
quantos estauão nela & fugio cō medo.

## CAPIT. XC.

Do q̄ fez dō Esteuão despoys q̄ desbaratou el Rey Du-  
gétana.

**D**Espejada a fortaleza, q̄ndo vco ao  
quarto da lua, q̄ era d̄ Pero barriga uã  
ouuido na fortaleza o q̄ dātes ouuia p bra-  
daré & falaré os inimigos q̄ se vigiaua, & tã-  
ger os seus sinos, & cantar galos. E pare-  
cendolhe muyto sosiego, sayose fora da  
estacia cō algũs hemēs do quarto, & che-  
gouse a fortaleza, & não ouuido nada  
chegouse tão perto q̄ claramete vio q̄ esta-  
ua despejada, o q̄ logo mādou dizer a dō  
Esteuão q̄ como amanheceo desembar-  
cou com sua gente, & entrou dentro na  
fortaleza em que não ouue que roubar.  
E eladesfeyta de todo, & recolhida a arte-  
lharia q̄ hi ficou, foy se cō toda a frota pelo  
rio acima a pouoação delrey q̄ também

achou despejada, & queymouha toda, & muitas lâcharas q̄ estauão começadas, & tomou outras q̄ estauão acabadas, & afsi algũs calaluzes. Isto feyto seguiu pelo rio acima bẽ hũa legoa alã da pouoação pera ver q̄ auia nele: & achou muitas lâcharas & calaluzes q̄ estauã varados no mato nõ q̄ gastou tres dias. E feyto isto se tornou, & quando se fay do rio, porq̄ acorrẽte nã atraueflasse os nauios, hiãose atoãdo as artiores, pelo modo que se atoãua a catauela quãdo foy pera aferrar a tranq̄yra: & fay do fora do rio tornou se a Malaca õde foy recebido cõ muito grãde festa da gẽte da terra, porq̄ ouue tamanha vitoria dũ Rey q̄ estaua tão poderoso, & fazia tãto dano a Malaca, & de cada vez lho ouuera de fazer mais, & das lancharas, & calaluzes & artelharia que dõ Esteuãõ ouue dos ãmigos fez hũa grãde armada de q̄ tinha muita necessidade.

## CAPIT. XCI.

De como Francisco de Barros de payua & Anriq̄ mēdez de vascõcelos pelejarão cõ hũa armada de Iaõs.

**C**hegado dõ Esteuãõ Dugẽtana mãdou Anriq̄ mēdez de vascõcelos a Patane afsi pa trazer Frãcisco de Barros de payua q̄ la estaua, como pa dar ordẽ que fosse dahi hũ jũgo a China que lá mãduã a prouar se q̄rerã ter trato, como teuerã em tẽpo passado, & foy Anriq̄ mēdez em hũ nauio dos nossos: & chegado a Patane achou Frãcisco de Barros viuo & os q̄ ficarão coele, & despachado o jũgo pa a China deu ordẽ como Francisco de Barros se embarcasse em outro da terra cõ os de sua cõpanhia pera se tornarẽ a Malaca. E despachãdo se Frãcisco de Barros teuerã noua de hũa armada de cofsayros Iaõs, de

que era capitãõ mõ hũ mouro Iao chamado Eriacatĩ, & trazia vinte q̄tro calaluzes, dũs q̄ tẽ duas ordẽs de remos hũs de pãgayo outros de galẽ, & sã tamanhos q̄ traz cada hũ q̄cõ hõmẽs de peleja, & afsiõ traziaõ estes, & muyta artelharia, & muitos arteficios de fogo. E sabẽdo Anriq̄ mēdez & Francisco de Barros q̄ esta armada vinha pa Patane, fizerãose a vela cõ traq̄tes, & mezenas pa yrẽ receber a armada ao mar, & em fayndoda enseada surgio Francisco de Barros na costa por ter ainda gẽte em terra & mais a vela grãde. E Anriquemendez foy na volta do mar a descobrir os ãmigos, & descubertos virou pera onde ficaua Frãcisco de Barros, & surgio por ho vento ser calma, & os ãmigos se forãõ chegado aremo pa ele: & seria as tres orãsdespois de meodia, Eriacatĩ reparitiõ os calaluzes desta maneýra: Mãdou a sete que se fossẽ cometer Francisco de Barros, & ele cõ os outros a Anriq̄ mēdez & porq̄ o nãõ põde aferrar a sua vontade, por Anriq̄ mendez trazer o seu batel atracado da banda dabaltrauento, mãdoulhe cortar ho cabo por hũ calaluz, & os q̄ hõyãõ fazer como sabião q̄ auia dachar con tradiq̄ã apceberãõ se parela, fazẽdo hũ teito das suas rodelas por cima do calaluz cõ q̄ por mais pedradas q̄ lhederã & outros a remessos cõ q̄ lhetirãrã, nã deyxarã destrar no batel, & cortarlhe o cabo & leuarãno. E leuado abolrou Eriacatĩ ho nauio com outros capitães, & Anrique mēdez acodio logo cõ os seus, cõ muytas panelas de poliura & muytas espingardadas: & durou a peleja hũ pedaço em q̄ muytos dos ãmigos forãõ mortos. E nesta peleja

leja foy Anrique médez ferido na barba de húa frechada de zarauatana, & por fer peço penta ficou ele defacordado, & os seus ho meterá por morto em húa camara. E com tudo se defenderão també que nunca os inimigos poderão entrar por a quella parte, antes os fizerá afastar. E que rido outros abalroar por outra, como ja fazia vento, derão ás velas, & forá se na uoltra do mar. E não os podendo os inimigos seguir, forá se todos a Fráscisco de Barros, que pelo q̄ lhe ficava em terra se deixou estar surto, não tendo consigo mais que dezaseys Portuguezes, & por isso os inimigos ho aferrarão logo, & ele se defendeo que ho não entra sem cõ muytos artificios de fogo que lhes deitou. E neste cõbate lhe matarão tres homés, & lhe tomarão tres paraós de seruiço que tinha a bordo, & fugirá lhe doze marinheyros da terra. E vendo Eriacatim que achaua mayor defenfa do que cuydou, ja sobre perfia fez quatro fieyras dos seus calaluzes, & cada húa hia abalroar ho jungo, & pelejaua tanto ate que cançava, & todos ho abalroarão muytas vezes. Etambé se defendeo que nunca ho entrarão, posto que lhe matarão & ferirão quasi todos, & ele foy ferido em húa perna de húa frechada peçonheta, & ahú Bastião nunez da vidi gueira derão quatro bõbardadas em húa rodela q̄ tinha embraçada, sem lhe fazer nenhú mal. E durou a peleja ate as onze horas da noite, q̄ era muy clara polo grande luar q̄ fazia. E não ficando viuos né perapejar mais que Fráscisco de Barros & Ioã martinz mestre do nauio, & Bastião nunez, aferrou por derradeiro ho jungo

Eriacatim, que nũca ate então ho abalroara, & coele foy outro capitação. E como os nossos não erã mais que os q̄ digo, começaram de subir ao nauio ate doze dos inimigos, a que acodirão Fráscisco de Barros & os outros dous cõ muyto efforço, & lançarão sobreles tãtas panelas de poluora q̄ os fizerão saltar ao mar todos quemados, de que morrerão os mais. E assi húa molher & dous filhos de Eriacatim, que trazia cõsigo q̄ desesperado dentrahungo se afastou, & não quis mais perfiar, & de fora se pos as frechadas & bõbardadas cõ sua armada, de q̄ tinha perdida a mayor parte da gẽte q̄ foy mortanos cometimẽtos passados, que sóy muyto grãde milagre de nosso senhor, sendo tantos quantos erã não entrarẽ nũca ho jũgo, ou nã ho queimarẽ, seguudo a multidão de artificios que lhe deitarão dentro: de que algũs derã em húa jarta de poluora, em q̄ se acẽdeo ho fogo que queimou tres Portuguezes, & hũ foy Fráscisco de Barros em húa mão, & em húa parte do rosto. E a fora isto forã tantas as bõbardadas que lhe derã, que se nosso senhor honão liurara, abastarão pera ho meter no fundo, & ho fazerẽ em pedaços, por que ao lume dagoalhe derã quatro com que ho arõbarão, & acodirão os Portuguezes a tapar lhe os rõbos, & no masto grãde lhe derã cinco, & no dotra q̄te tres & na camara de popa lhe meterã .xlv. pelouros. E estando assi Antiq̄ médez q̄ ficara defacordado da frechada totnou em seu acordo, pregũtando se era Fráscisco de Barros tomado: & sabẽdo q̄ ainda se defendia, queixou se muito cõ os seus por

que ho de se paratão, & ho nã ajudarão & mandou que ho fossem ajudar, & quã do forão acharão os inimigos afastados tirã dolhe bombardadas, & tempo por an treles tirando com a artilharia, & meterã hum calaluz no fundo, & forão se juntar com Francisco de Barros, ho que vendo Eriacatin se foy na volta da terra muyto destroçado, & com grande perda.

## CAPIT. XCII.

Decomo Francisco de Barros & Anrique mendez de valconcelos se tornão a Malaca.

**P**Artidos os inimigos, disse Francisco de Barros a Anriq̃ mēdez como ficara, & q̃ forçado avia dir a terra pola gente q̃ latinha, & amarinharse, porq̃ sem isso na podera yrã Malaca, & assi o fez, & Anrique mēdez proseguiu pera Malaca, & tornado Francisco de Barros a Patane & tomado o de q̃ tinha necessidade & sua gente, & curados os feridos, partio se pera Malaca, & no caminho topou Patibarrã Iacapitão mōr de hũa armada de colfairos de sessenta, & tantas velas grossas, & por yr muyto ao mar lhe escapou, posto que ho seguirão oyto velas, & nã ho podendo alcançar ho deyxarão. E despois disto foy ter coe Anrique mendez, que vinha de Patane onde arribou cō tempo despois de Francisco de Barros partido, & assi forão em companhia ate que se apartarão com tempo. E ficando Francisco de Barros só, porque levava tão pouca gente como digo, & sabia que aq̃las armadas o avião dir esperar ao estreyto de Cineapura pera ho tomarem, porq̃ nã tinha outro caminho pera Malaca, foy se a hũa ilha que estava oyto legoas da costa, & hi

se deyxou estar ate q̃ lhe pareceo q̃ os inimigos serião idos, & ele marcava ho tempo de sua estada polos mantimentos que poderião ter. E pareceo a Francisco de Barros que era tempo, partio se & passou o estreyto sem achar nhũ dos inimigos, & foy ter a Malaca onde achou Anrique mēdez, que por achar os tempos contrayros gastou tanto tempo, que ja os inimigos erãoydos, que se isso nã fora, fora grande tilagre escaparlhas.

## CAPIT. XCIII.

De como muytos gentios q̃ morão no Morro se tornão Christãos.

**D**Espos q̃ Tristão data ydo capitãoda fortaleza de Maluco ficou de possedela, entendo em a restaurar por estar muyto danificada, & a torre da menagem, q̃ do derradeiro sobrado peracimã era de paredes decanas, & mandou ha fazer de touoado & rebocar por detto cal, & assi mandou fazera ygreja de pedra & cal. E neste tempo lhe chegou hũ mesfageyro de hũ gentio governador de hũa cidade do Morro chamada Momoya, por que lhe mādou dizer que se tornaria Christão se lhe promettesse de liurar dos mouros q̃ de cada vez q̃ hião ali darmada vexa uão a ele, & aos outros gentios, tomando lhes o q̃ tinhão, & tratandoos como catiuos. E coeste mesfageyro hia hum Portugues chamado Gonçalo veloso, por cujo cōselho se q̃ria este regedor tornar Christão. E folgando Tristão data ydo muyto cōesta noua, por ser tamanho seruiço de Deo como era, porq̃ esta obra tão sancta oue este effeyto, teve este mesfageyro com seys cãpanheyros se cõdidos ate q̃ se bautizarão

tizarão, & vestidos muyto bem de trajos Portuguezes os despedio cõ reposta ao regedor, q se ele se fizesse Christão, alé de o fauorecer, ajudar, & emparar, contra que quer que o quisesse anoiar, lhe faria muytas merces. Pelo que o regedor sabida esta reposta se foy logo pera afortaleza a fazer Christão, õde recebeu agoa de bautismo com grãde festa & solemnidade, & foy lhe posto nome dõ Iohão de momoya, & alli forão bautizados todos os de sua casa, E quando se foy mandou Tristão dataide coele hum clerigo chamado Symão vaz, pera q baptizasse aqle pouo, de q ho mais se tornou em pouco tempo a tanta fe catholica, & entantõ crecimento hia esta obra de nosso sñor, que foy necessario mandar Tristão dataide de outro clerigo q auia nome Francisco aluarez, pera ajudar a Symão vaz, & tâto fructo fizerão ambos que os mays dos pagodes daqles gentios mudarão em y grejas, em q celebrãõ ho officio diuino. E vendo Tristão dataide cõ moesta Christindade multiplicana, mandou la alguns Portuguezes que em hũa traqueyra que fizerão estauã em goarda & fauor daqles Christãos, pera q os mouros os não vexassem. E fazêdo se isto no Morro, chegou ao porto de Ternate hũ calaluz em q vinhão hũs homẽs de hũas ilhas que se chamãõ dos Celebes, onde dizem que ha muyto ouro, çera, cascas de tartanugas, & outras mercadorias ricas, & estes costumãõ de yr cada anno a Ternate a buscar roupa da India & outras cousas q leuãõ em retorno de suas mercadorias, & como tinhão este costume despoys que forão no porto de Ternate fizerão mo

stra do que leuãõ: em que mostrarão algumas manilhas douro, & logo na noyte seguinte saltarão coeles certos Portuguezes em hum batel, & cometerãõnos como inimigos, ferindo & matando algũs & os outros se saluãõ no mar deyxado ho calaluz que os Portuguezes tomarão, & leuãõ a Tristão dataide cõ todo ho despejo que tinha, que ele tomou, pelo q pareceo que aquilo fora feyto por seu maddado, de que el Rey Tabarija & os mouros ficarão muy descõtentes, & escandalizados, mas calarãse porq nã podia mays.

## CAPIT. XCIII.

De como Tristão dataide prendeo el rey Tabarija de Ternate, & sua mãy, & Pateçarangue.

**N**Este tẽpo foy mexericado el Rey Tabarija de Ternate cõ Tristão dataide que tratãõ de ho matar & tomar lhe afortaleza, & q entrãõ nesta consulta sua mãy, & seu marido Pateçarangue regedor do reyno: & Ragabãõ justiça mór. O que sabido por Tristão dataide ho creio por serẽ mouros. E determinãdo de os prender deu disso conta a algũs Portuguezes seus amigos, com q assentou q pera prẽder el rey & os outros sem aluoroco, fizessẽm dous dos mesmos Portuguezes que pelejãõ, pelo que Tristão dataide os mandaria prender, & presos, rogariaõ a el rey que salasse por eles q os soltasse, ao que ele jria a fortaleza, & indo lá seria preso cõ os outros, que tambe os fãriaõ la jr com algũa manha. Isto assentado logo se pos em obra. E rogado el rey por parte dos dous Portuguezes presos q os fizesse soltar, foy se a fortaleza pera ho rogar a Tristão dataide, que esperãdo por

isso

isso estava na torre da menagem com a mayor parte dos Portuguezes da fortaleza, a que tinha dado côra do caso, & a q̄ tinha mandado que tâto que ele & el rey se assentassem agasalhassem, ante dous hum mouro dos que entrassem cõ el Rey em que aferrarião como el rey fosse preso, porque não fizessem aluoroço, ou se deytassem da torre abaxo não se podendo defender. E estando todos praticando chegou a raynha mãy del rey, & Pategarangue seu marido, & Ragabaho q̄ Tristão datayde tinha mandado chamar por hum lorge de britto, & Lionel de lima fidalgos: & eles como innocentes da culpa q̄ lhes dauão, forão logo a seu chamado. E tendo os Tristão dataide todos jutos, lhes disse, que tinha sabido, que se querião levantar contra aquela fortaleza, & matar a ele & aos outros Portuguezes, & pera lhes dizer isto os mandara chamar pera os prender polo caso ser pera isso, & mandalos ao gouernador da India pera os castigar como merecessem, do que eles se mostrarão muyto espantados, como que não tinhã culpa, ficando muyto seguros, & sem mudança de cõr, dizendo logo, q̄ aquillo erão mexericos de pessoas que lhes querião mal, que se posessem coeles è justiça porque mostrarião sua jnocècia, & afi fizerão muytas exclamações, dizendo que os prendião sem causa, & lhes rouba uão sua justiça: & com tudo Tristão datayde os mandou prender em ferros, & meter em hũs sotãos debaixo na torre da menagè, & isto sem nenhũ aluoroço, por que os mouros que hão com el Rey por estarem aferrados não ho poderão fazer

& porq̄o não ouuesse na cidade, quando se soubesse prisam delrey, fez Tristão datayde logo rey por conselho do çamarao que estava coele, a hũ moço que auia nome Cachilacero, filho bastardo del Rey. Bolecyfe & de hũa laoa q̄ ainda era viua, & ho tinha cõsigo, a cuja casa Lionel de lima foy por ele com outros, & sobre o leuarem deytarão a mãy por hũa lanela fora, sobre o q̄ foy grande aluoroço na cidade. E porque logo se rompeo como el rey & os outros erão presos, muytos fugirão da cidade, principalmente os do cõselho del rey, cuidando que tambem os prèdessem, & era pera auer piedade hõ de satino cõ que fugião, & como os seguirão as molheres, os filhos, & os criados chorãdo, & deixando as casas abertas, & como a gète baixa os faya auer gritando de medo, & era a reuolta muy grãde. E hũ mouro honrado q̄ auia nome Ouro bachelã, de que faley a tras, por ser do conselho se quizerã yr desculpar a Tristão datayde, & foy morto à porta da fortaleza, ho q̄ foy causa de ainda os mouros fugirem mais & quasi se despouoar a cidade. porem logo tetornou apouoar tornãdo se os mouros poucos & poucos, por grandes amoe stações que lhe sobrisso fez ho çamarao, dando lhes muyto firmes seguros da parte de Tristão datayde, de não receberem mal nos corpos nã nas fazèdas, & por esta maneira forão alesssegados todos os outros lugares da jlha, cujas pessoas principais forão à fortaleza por rogo de Tristão datayde que lhes deu as causas porq̄ prèdera Tabarija & os outros. E homescrreuco aos reys comarcão, & Sangajes

por q̄ ho nã teuessem por tirano & se aluo  
roçassem. E ainda q̄ lhes pareceo mal o q̄  
tinha feyto, não lhes deu disso, dizendo q̄  
era bẽ empregado nos Ternatẽs todo ho  
mal que lhes tiz effem os Portugueses, po-  
ysos leuarã a sua terra & lha entregará,  
& os ajudarão contrelẽs seus parentes, &  
naturais: & mandarã dizer a Tristãõ da  
tay de que lhes parecia bẽ ho que tinha fey-  
to, offrecẽdo lhes sua ajuda se lhe fosse ne-  
cessaria, com ho que Tristãõ datay de fi-  
cou cõrẽte & descaçado, & logo leuã tou  
por rey Cachil aeyro, & fez gouernador  
do reyno ho çamarão, posto q̄ era de bai-  
xo sangue, q̄ era cõtra ho costume da ter-  
ra: & por se segurar meteo el rey na fortã  
leza donde nunca sayã: mas hi era serui-  
do & venerado como rey, & ho seruiã os  
seus. Nos officios q̄ tinha dordenãça, to-  
dos Tristãõ datay de proueo de nouo, que  
tuydando q̄ estava seguro perã fazer tu-  
do o que quisesse, determinou logo dauẽ  
pera sy todo ho crauo q̄ ouesse na terra,  
pelo preço que estava assentado nã feyto-  
ria, q̄ era a mil reas ho Bahar. E pera isso  
mandou ho çamarão pregoar sob graues  
penas, que nenhũ mouro nem gentio vẽ-  
desse crauo se não a Tristãõ datay de &  
aos Portugueses q̄ ele ordenasse pera o cõ-  
prarem. E o mesmo mandarã pregoar  
a seu requerimento os reys de Tidore &  
de Geylolo, & ho de Bachãõ, que tambẽ  
foy requerido pera isso, mas nã quis. E pa-  
se auẽr todo este crauo, & não escapãr ne-  
nhũ, pos Tristãõ datay de nos lugares em  
que ho auia criados seus, & outros homẽs  
de que cõstaua, & estes a fora arrecadãẽ  
ho crauo, tirãzauã a terra com crueza

demãstada, tomando a seus donos quã-  
to lhes vinha à vontade, & as molheres  
& filhas, & seruiudose delesẽ tudo co-  
mo descrauos, sem Tristãõ datay de que-  
rer acodir a isso, & cõselhandolhe algũs  
que ho fizesse por não se levantar a terra,  
zombaua disso. E toda esta diligencia da-  
uer o crauo, era causa de ho seu preço ale-  
uantar de cada vez mais, & chegou a va-  
ler ho Bahar a cincoenta & a sessenta cru-  
zados, por q̄ cõmo os Portugueses tinhã  
muita fazẽda q̄ empregar, & viã ho ca-  
minho q̄ a terra leuaua pera se leuãtar, q̄-  
rião todos empregala, & todos compra-  
uão crauo, & os mouros como se auẽtu-  
rauã a grandes penas se Tristãõ datay-  
de ho soubesse, não o queriã dar menos  
do preço q̄ digo, & outros ho dauão por  
armas, & pola necessidade q̄ os Portu-  
gueses tinhão não deyxauão de ho cẽmpiar.

## CAPITULO XCV.

De como Tristãõ datay de fez guerra a el rey de Bachãõ

**N**este tẽpo fez Tristãõ datay de guer-  
ra a el rey de Bachãõ, por se vingãr  
dele de lhe não querer deyxãr fazer crauo  
em suã terra: & por não yr à fortaleza de  
pois da prisãõ del rey Tabarija, como q̄ se  
q̄ria leuãtar cõtra ela. E como ele sabia bẽ  
da guerra, a primeyra cõsa q̄ fez, foy mã  
dar tomar lingoa a Bachãõ pera saber ho  
que el rey determinaua, & a isto forão hũ  
Antonio pereyra, Jorge gotierrez, & ou-  
tro. E como os Bachãões não se tẽmão por  
estarem de paz com os Portugueses, facil-  
mente estes capitães tomarão algũs, de q̄  
se el rey espantou muito, por ser ho ma-  
ys antigo amigo, & mais leal que os capi-  
tães de Ternatẽ teuerão sempre naquela  
terra,



terra, & cõ mais deligencia acodio sempre á fortaleza em suas necessidades: & posto q̃ Tristão datayde soube dos Bachões que el Rey estava muyto affesgado na paz & amizade que tinha coele, todavia proseguio a guerra contrele, mandando hũa armada que lha fizesse a fogo & a sangue. Acujos capitães el rey fez grãdes requerimientos da parte del Rey de Portugal que lha não fizessem pois era amigo del Rey de Portugal & tinha paz coele, & nã queria guerra nem fizera por que lha fizessem, & cõ tudo não quizerão se não fazer lha, no que não fizeram mais que perderẽ algũa gente que lhe os Bachões matarão & ferirão, & sem fazerem mais setornarão a Tristão datayde, que tomando aquilo por injuria determinou de se vingar, & yr em pessoa, & levar em sua ajuda os reys de Ternate, & de Tidore, & partiose cõ hũa grossa armada, de q̃ forão capitães a fora ele, Diogo sardinha capitã mór do mar, Baltesar vogado Antonio pereyra, Francisco pirez, Baltesar veloso, Lisuarte cayro, Fernão anriquez, Antonio de teyue, Jorge gottrez, & outros, & assi os reys que digo, & seus gouernadores & Sangajes. E chegado á boca do rio de Bachão, soube q̃ os mouros ho tinham atupido, com ho muito & muy basto aruoredoque tem de cada parte que ferirão, & deytarão nele. E sabendo Tristão datayde que não podia yr por terra por ser alagadiça, determinou de yr polo rio & defatupilo, & assi ho fez, leuãdo nos bateis & chãpanas, molinetes careteis com que tirauão os troncos grossos do aruoredoque, & os mais delgados corta-

uão cõ machados, o que fazião cõ muito grãde trabalho. E sabêdo el rey de Bachã como Tristão datayde defatupia ho rio & se lha chegãdo á cidade, mādou gente que per ante o mato tirasse frechadas, & arremessos aos Portugueses, & os estorou se de defatupirem ho rio, ao q̃ Tristão datayde atalhou, mādando Diogo sardinha capitã mór do mar cõ outros capitães q̃ fossem ao longo de terra cõ os espingardeiros & varejassem a gente q̃ impedia o defatupir do rio, & assi foy feyto. O que vendo el rey, mandou deytar ho rio por outra parte por onde ya antigamente, & como tinha muyta gente logo foy feito, & começando a agoa de vingar, ficou a frota de Tristão datayde em seco, & sofpeytando ele o que podia ser, mandou gente a ver se era assi, & achando q̃ sy, derão nos q̃ trabalhauão no rio, & fizeramos fugir, & despois atopirão a madre q̃ tinham feyta ao rio, & fizeramos tornar por onde corria. E desesperado el rey de poder escapar a Tristão dataide, despejou a cidade & acolheose com a gente polo sertão da jlha, de modo q̃ quando Tristão dataide chegou a ela, nem achou gente cõ que pelejar, nem fazêda q̃ roubar, o q̃ vendo os Portugueses lhe poserão o fogo, & a q̃ymarão & destruyrão de todo, cõ grande parte da terra ao derredor, & quebrarão as sepulturas dos reys q̃ ali estava sepultados, & levarão as ossadas, parecendo lhes que despoys lhas resgararia el rey: E despois disto, quisera Tristão dataide entrar pola jlha & destruy-la, mas não pode, por ser terra alagadiça: & vendo que não podia fazer nada se tornou pera a fortaleza

cô os reys, deyxado Diogo fardinha cô a maior parte da armada pa q̄ fizesse guerra guerreada a el rey de Bachão, & ficou coe le Pateçar angue cô a armada de Ternate. E ydo Tristão data y de el rey come teo paz a Diogo fardinha & q̄ daria duzentos Bahares de crauo, do q̄ Tristão dataide foy contente, & despois dissomádou hũ nauio a banda a fazer fazêda, de q̄ foy por capitão hũ Ioão de canha pinto.

## CAPIT. XCVI

De como el rey de Cambaya foy bufcar el rey dos Mogores.

**D**espoys que çoltão badur Rey de Cambaya fez paz cô ho governador, determinou de yr pelear com el rey dos Mogores, q̄ lhe entraua a terra, como disse, & q̄rêndo partir soube q̄ se lhe rebelara a raynhadunt reyno por hum seu filho que era sen vasallo, que determinando de fugigar esta raynhã primeiro que fosse contra el rey dos Mogores, partiõ logo da cidade do Mandou onde estauã & leuou hum exercito em que entrauaõ cento, & cincoenta mil homẽs de caualo, em que aueria trinta mil acubertados & de bõs caualos, & os outros erãõ bõs & mãos, & quinhêtos mil homẽs de pẽ, em que entrauaõ quinze mil estrageyros Far taquis, Abexins, & trezêtos Rumẽs, que leuana Rumeçãõ, & cincoenta Portugueses, quinze Christãos cariuos, que el rey soltoõ pera ho ajudarem nesta guerra, & lhes mandou dar armas & pagar soldo, & os outros arreñegados, & trinta Franceses que forãõ ter a Dita na nao Dobrigas leuaua mil peças d'artelharia & carretadas, em que entrauaõ quatro basaliscos, jr mãos

do q̄ Nũno da cinha mãdou a Portugal, & tudo de metal, é carretas de quatro rodas, & cada carreta era leuada por duzentos boys, os bois das carretas das outras peças erãõ segũdo elas demandauã, & muytos bombardeyros & fundidores. E pera esta artelharia hiãõ quinhêtas carretas carregadas de poluora & de pelouros: leuauã oyto centos Alifantescõ castelos de maldeyra, & de muytos deles jugauã douso berços, & nos outros hiãõ quatro espingardeyros. Pera as despesas deste campo leuou quinhentos cofres grãdes de cobre cheos de dinheyro dourado & de prata, & cada hũ hia em hũa carreta. A fora outro muyto dinheyro que leuauã todos os senhores q̄ hiãõ com el rey, assi mouros como gentios, de q̄ algũs tinhãõ sete cẽtos mil cruzados de renda, & outros quinhẽtos, quatrocentos, trezentos, duzentos, & cento, & cada hum leuaua seu tesouro; & hiãõ neste campo tres mil mercadores, q̄ ho mais pobre nãõ decia de vinte mil cruzados, & muytos de trezentos, & duzentos mil. Partido el rey, seguiu seu caminho pera o reyno de Sanga, & foy sobre a principal cidade dele, q̄ se chama Chitor, q̄ na lingua da terra quer dizer sombreiro do mũdo, & assi ho he cla, & alẽ de fer a mais nobre & rica q̄ pode ser no mũdo; nãõ lhe falta grandeza & fortaleza: sera detres legoas d'roda, situada da sobrehũa muyto alta terra, cercada de fortes muros & baluartes da nõsã maneira, em q̄ auia muyto suntuosos edificios, assi dos seus pagodes como dos homẽs que tinhãõ os mais as paredes forradas de tauoado dourado, & as que nãõ erãõ douradas erãõ bran-

quea

queadas cõ hũbetume aluo, & rijo q̄ parte  
 ciavidro. Nesta cidade estava a raynha de  
 flereyno, q̄ auia nome Cremeti, molher  
 viuua & ainda de boa idade, & muyto fer  
 mofa, & tão elforçada q̄ pelejava como  
 homẽ, & tinha cõfigo dous mil de caualo  
 & trinta mil de pé. Chegado elrey de Câ  
 baya a esta cidade cercou da ferra quãto  
 occupaua dela a cidade, & do pé da ferra  
 começou logo de mandar fazer dous may  
 neis de pedra & barro pera chegarem a  
 ma ao muro da cidade, & cada hũ por dẽ  
 tro de largura de cincoẽta pés cubertos de  
 vigas muyto jũtas, porq̄ as pedras q̄ os im  
 migos lançauão de cima não fizefsem no  
 jo aos que andauão dentro fazẽdo hũs de  
 graos pera a gẽte sobir por ali a cidade, &  
 mandou pregoar que a todo homẽ q̄ lhe  
 leuasse hũa pedra dos muros da cidade da  
 ria hum madrafaxo, que pola nossa moe  
 da val tres cruzados, pera o q̄ tinha diante  
 de si cofrescheos deles, & coesta diligen  
 cia, & cõ a que se pos nos mayneis forão  
 acabadas em hũ mes & feyto sobre cada  
 hũa hũ baluarte que ficauão tão perto dos  
 muros da cidade que deytauão dẽtro pane  
 las de poluora, foy a cidade entrada prin  
 cipalmente pola valẽria dos Portuguezes,  
 que elrey sempre mandaua poer nos lu  
 gares de mayor perigo, por oster por ma  
 ysousados q̄ nhũs das outras nações, & af  
 si forão eles os primeyros que entrarão a  
 cidade. Cujos moradores fizera hũa nota  
 uel façanha, que foy queymarense todos  
 (em se entrando a cidade) afsi molheres  
 como homẽs que não poderão morrer na  
 batalha, & afsi suas fazendas que tinhão  
 prestes pera isso, & foubese depois q̄ fo-

rão setenta mil peffoas & ho fogo durou  
 tres dias sem se poder apagar. E a raynha  
 fugio logo com seus filhos & com hum  
 senhor seu vasfallo que tinha por amigo,  
 E tomada a cidade elrey de Cambaya fi  
 cou tão ledõ como se fora senhor do mũ  
 do, & dizia que dali por diante nhũrey  
 da India auia de trazer sombreyro se não  
 ele, & fez muyto grandes merces aos do  
 seu campo dobrando as rendas aos senho  
 res, & ho soldo aos soldados.

## C A P I T . X C V I I .

De como elrey de Cambaya sem pelejar foy derba  
 ratado, por elrey dos Mogores.

**E**L Rey dos Mogores despois q̄ de  
 terminou de pelejar com elrey de Câ  
 baya, partio de suas terras com duzentos  
 mil de caualo, os cincoenta mil acuberta  
 dos, & estes erão Mogores, os outros de  
 caualos ligeiros, Tartaros, Tarquimacs,  
 Coraçones, & Delis, & cada hũ destes ac  
 bertados leuaua hũ moço de tras de sy cõ  
 hũ zaguncho, & aiforge cõ mantimẽto,  
 & a gente de pẽra sem conto, em q̄ auia  
 dez mil espingardeiros, & afsi hãõ neste  
 campo muytas molheres solteyras todas  
 a caualo & com arcos & frechas com que  
 tirauão, & leuaua mil peças dattelhaia,  
 & coeste campo se foy caminho da cida  
 de de Mandou onde cuydou que achasse  
 elrey de Cambaya. E chegou a ela que  
 soube que não estava hi não a quis com  
 bater. E sabendo que estava sobre Chitor  
 fez para la seu caminho, donde lhe man  
 dou dizer que auia dous mefes que anda  
 ua por suas terras sem achar com que pe  
 lejasse: & elrey de Cambaya auia tres di  
 as q̄ tomara Chitor quando lhe derã este

recado, & logo partio com seu campo côtra Mandou q era o caminho que trazião seus côtrayros. Echegado a hũa sua cidade chamada Doçer, assentada em hũ campo ao longo de hũ rio, achou nouas q ho Mogor estaua dali sete legoas, & que não andaua cada dia mais de hũa legoa, legoa & mea, & os seus corredores erão vinte mil de caualo acubertados, de q era capitão hũ seu irmão: & tão que isto soubede despedio hũ seu capitão chamado Coração com tres mil de caualo a saber se era así o q lhe dizião. E sabedo o irmão do Mogor sua ydadeu nele & matoulhe quantos leuaua, saluo quorenta q ficarão muyto feridos, & ho capitão foy catiuo. Aqui esperou el Rey de Cábaya ho Mogor, así por descansar sua gente, como por auer disposição muito boa pera assentar o arrayal, que assentou pegado com o rio de hũa parte, & da outra cercado de tranqueiras & cauas cõ muyta artelharia que ficaua fortissimo, & aqui cõtra seu côstume, q era não se cõselhar nũca cõ niunguem no que auia de fazer, tomou conselho com Rumeção (que era seu condestabre) sedaria batalha ao Mogor, por q auerua nela todo seu estado, o qual he conselhoso q não fizesse, mas q por outros meios o afastasse de si, por q dali ao iũverno aueria hũ mes, & cõ as chuvas & eichas & ribeytas era impossivel o Mogor esperar no campo, & se auia dir por força, o que parececõbe a el Rey de Cambaya, mas sayolhe mal, porque nã chouto goteira da goa, que foy cõtra natureza do tempo: o que foy causa de se perder, o q quiza nã fora se pelejara. E tudo isto parececõbe que foy

pmissão diuina, por q se ele dali ficara cõ a vitoria, todo seu poder ouuera de virar contra os Portugueses, & não cessar atee que os não desarteygara da India. E chegado ho Mogor a tiro d'artelharia do campo del Rey de Cambaya, assentou o seu q tomaua tres legoas pera tras, & na frontaria do arrayal estauão dous senhores principais, hũ se chamaua Indobeque que era Mogor, outro Estacolim, Grego denaçã & condestabre, & das carretas em que leuaua a artelharia cercou o campo, & cada quorenta se cerraua com hũa cadea de ferro com que se fechauão em outra carteta, & deste modo se fechauão todas em roda que ficauã como fortaleza, & nhũ homẽ de caualo podia entrar dentro. Tendo ho Mogor assentado seu arrayal, começou a artelharia de jugar, & como a del Rey era mays furiosa sustigaua mays ao longe, & fazia mayor dano, pelo q o Mogor se tirou pera ondelho nã fizesse, & madou conuidar el Rey de Cambaya para batalha campal, chamandolhe couardo. E cõ tudo el Rey de Cambaya pela determinação que tinhanão quis pelejar, porque ja começaua dauer medo sem ver de que. E neste tempo fugirão do campo de Cambaya cinco Portugueses, quatro Christãos, & hũ arrenegado, & forão se pera ho campo do Mogor a quem forão leuados, & leuantou se a velos da porta de sua tãda, & mostrou que folgaua muyto deos ver, & preguntou a cada hũ por seu nome, & o arrenegado que era o lingoa lhos disse, & que ho seu era Hamet, por q se tomara mouro, do q se el Rey espantou muyto, & estranhoulhe muyto tornar se

mouro.

mouro. E sabendo como em Christão se chamaua Antonio gonçaluez, mandou lhe q̄ assi se chamasse, & a todos fez merce de dinheiro, vestidos, & armas, & lhes prometeo muito grandes merces se quisesse jr coele a suas terras, & encomédou os ao seu cōdestabre porq̄ era christão: & agasalhouose com a sua gente, & fazia-lhes muyta hōrra, & estes ouuirã no mesmo campo que ho Mogor era de casta de Christãos, & por isso folgaua coeles. E vé do ele que el rey de Cambaya não queria pelejar, começa de lhe tomaros mantimentos & não lhe deyxaui jrao cápo se não os q̄ não podia tomar, & estes erã tã poucos q̄ não erã nada pera a multidão domés & dalimarias q̄ auia no cápo del rey de Cábaya, em que logo ouue muyro grãde fome, & era otrigo & ho arroz tão pouco q̄ se vendia aos arratens, & va liacada hū seys vintens, & hū molho de feno outro tanto, & começarão de morrer os caualos & os homés, & em dous meses q̄ assi esteuerão onue algũs recontros em q̄ sempre os Mogores forão vencedores. E por derradeyro mandou el rey de Cábaya hum capitão cō todos os Abexins a tomar hūa grande recoua de mantimentos que lhe trazião, & os Mogores a tomarão & matarão os mais dos Abexins, & era ja tamanho ho medo q̄ auião aos Mogores no cápo de Cambaya q̄ do rugido das armas se espantauão. E vendo isto el rey de Cambaya, & a muyta gente que lhe morria foy ho seu medo tamanho de ser tomado que determinou de fugir. E hūa noyte ja no cabo do quarto da modorra se acolheo ho mays secreta-

mente que pode, deyxando recado a Rumecão que arrebenstasse a artelhatia, porq̄ os inimigos não se aproueytassem dela, & que com a mays da gēte de caualo que podesse se fosse á cidade de Mandou pa onde ya, q̄ esta situada na ponta de hūa serra de sete legoas de roda & de mea legoa de altura, & fica como hū penhão: porq̄ a mayor parte he derocha viua, a cidade será do tamanho de Lisboa & sobe a ela per hūas escadas feytas ao picã na rocha. Nesta cidade tinha el rey, hūis paços todos laurados douro & dazul, & as paredes cubertas dazulejos, & tem hūa ortado tamanho de Vila noua dandrade, & dentro tres grandes tanques dagoa cō dous barrantiscada hū, em q̄ el rey se defendadaua com seus priuados, & no cabo dela hūa estreberia com dez mil caualos, cō suas felas & freos pera fazer merces aos sñores seus vassallos. E primeyro q̄ chegassem a estes paços auião de passar portres fortalezas muyto fortes cō seus muros & cauas, & cada hūa não tinha mays de duas portas q̄ goardauão capitães cō gente. E se esta serra não fora tamanha nunca esta cidade se podera tomar, porq̄ tinha dentro agoa & mantimētos pa quãto durasse o cerco, mas por a grãdeza da serra não se podia defender. E cō tudo el rey de Cábaya se acolheo a ela cō sete mil de caualo q̄ se forão ajuntado coele, cō quãto deixou a estrada e sayndo do cápo, & se foy por lugares desuiados por não ser tomado.

## CAPIT. XCVIII.

De como el rey de Cábaya se acolheo a Diu,  
& do mais que fez.

**F**Vgido el rey de Cambaya, mandou Rumecão sobre carregar a artelha-

ria, & muita arrebetou & outra ficou por  
 arrebenar cō pressa de fugir, porq̃ a fugi  
 dadel rey, por mais secreta q̃ foy se soube  
 logo pelo Mogor, q̃ muyto de pressa foy  
 a pos elo cō quinhentos de caualo, & os seus  
 deirão logo no cãpo del rey de Cãbaya &  
 roubarãono, & astendas del rey que erã  
 de borcado & de veludo de dentro & de  
 fora forão todas despedaçadas, q̃ occupã  
 hum ressião detro no arrayal em q̃ caberia  
 dez mil homẽs de caualo, & foy coufa se  
 conto ho dinheyro q̃ se achou, & assi ou  
 ro & prata em barras, & muitas peças ri  
 cas q̃ não tinhão preço, assi del rey como  
 dos senhores q̃ yão coele, q̃ nhũ cō pressa  
 de fugir leuou coufa nhũa: & como eles,  
 & a outra gẽte do cãpo forão pelo dery  
 to caminho de Mãdou, quasi todos forão  
 mortos polos inimigos q̃ lhe seguião o al  
 canço, & o Mogor se deu rãta pressa que  
 em tres dias chegou a Mandou, & chega  
 da sua gẽte cercou a cidade, & mandou di  
 zer a el rey de Cambaya q̃ resituisse aq̃le  
 reyno a cujo era, & os outros q̃ tinha to  
 madõs, & q̃ desse Diu ao gouernador da  
 India, & q̃ ho deyxaria yr pera Cãbaya  
 do q̃ se el rey rio, parecẽdo lhe q̃ estaua se  
 guiro pola fortaleza da cidade & polos mã  
 timentos q̃ tinha: & durando este eẽreco se  
 cõcertou o Mogor cõ Rumecãõ q̃ se fof  
 separele & que lhe daria a rãda q̃ tinha del  
 rey de Cãbaya & se assentaria cõ seus jr  
 mãos, & não lhe deu Diu q̃ tãbe Rumecãõ  
 pedia por dizer q̃ o tinha prometido a  
 Nuno da cunhã. E coeste concerto fugio  
 Rumecãõ fingindo q̃ daua hũ rebate no  
 cãpo dos inimigos, & sayo antem hãã cõ  
 q̃ntos Rumes tinha & foise pa o Mogor

Esoubese q̃ quãdo el rey de Cãbaya o sou  
 be q̃ dissẽra a Manuel de macedo. Como  
 fosse verdade yro, & isto polo q̃ lhe profe  
 tizara de Rumecãõ quando se delasiou  
 coele. E despois disto peytou o Mogor tã  
 to a hũ capitãõ q̃ goardaua hũa das portas  
 da cidade q̃ lhe deu por ela ẽtrada hũa noi  
 te & tomou a cidade, & el rey de Cãbaya  
 se acolheo cõ quatro de caualo por yr ma  
 is encuberto, & foise caminho do reyno  
 de Cãbaya a cidade de Chãpauer q̃ he da  
 costa trinta legoas, & ẽ hũs grãdes cãpos  
 se leuanta hũa ferra peq̃na a modo de pe  
 nhã toda de rocha tallhada & serã em par  
 tes de hũa legoa daltura, & em outras de  
 quatro cẽtas braças, he toda cercada dũ  
 muro muyto forte de cantaria cõ cinco ẽta &  
 oyto baluartes do mesmo, & muito bem  
 artilhados darte lharia grossa q̃ não tẽ cõ  
 to toda esta cerca não tẽ mais q̃ hũa fõ en  
 trada per hũa porta feyta ao picãõ muito  
 alta, & vay de baixo do chãõ mais de quo  
 renta braças, & antes de chegar a esta por  
 ta tem hũa caua de çem passes muyto fũ  
 da, & no andar de baixo hũa ponte leua  
 diça: em goarda desta porta estauã qua  
 tro trabucos de mastos tão grossos como  
 os das naos de carreira. Dentro desta pri  
 meira cerca ha outras seys, & alem da der  
 radeyra esta a pouoacãõ que he de gẽto &  
 trinta mil vezinhos q̃ se estende por toda  
 a ferra, & nela estão hũs paços del rey do  
 tamanho da cidade Deuora cercados de  
 muro cõ tres portas de ferro, & de dentro  
 poufa el rey quando ali vay com as suas  
 molheres q̃ sã se yscẽtas, & os recebedo  
 res de suas rendas que andão na corte, &  
 os officiaes de sua casa, & esta os almazẽs

dartelharia & das armas, & as cascas da fū  
dição dartelharia: todo o mais sami jardis  
& cascas de prazer, a mais rica & deleyto  
facoufa do mūdo, & no pico desta ferra  
ha outra fortaleza sobre rocha talhada.  
Tanto q̄ el rey de Cábaya chegou a esta  
cidade, fez logo partir pera Diu suas mo  
lheres & sua m̄ay & ho seu tesouro douro  
amoedado & joyasricas, q̄ dizē q̄ chegā  
ua tūdo a dez cōtos douro: & ho de prata  
q̄ era muyto, mandou recolher na fortale  
za do cume da ferra, & mandou a hū ca  
pitão q̄ auia dir cō suas molheres q̄ se uef  
se noua q̄ o Mogor ho seguia q̄ se fosse a  
Cábaiete, hūa cidade porto de mar, onde  
tinha feyta hūa frota muy grande de ga  
leões, galés, & galcotas. E así deixou em  
Champaner hum capitão com cincomil  
homēs de peleja, & mantimentos pa qua  
tro annos. E isto tudo feyto partito pa Diu  
cō seus quatro companheyros vestido co  
mo pobre, & rapado por não ser conheci  
do, nē dos seus q̄ tamanho era ho seu me  
do q̄ de tūdo ho auia. E que auia tã pou  
co q̄ com seu grande poder auia de cōqui  
star ho mūdo, tornou tã destroçado por  
sua grande soberba, que segundo ele cō  
fessou, ateli não tinha em cōta Deos, nē  
Mafameda, nem entrava nas mezquitas  
a fazer a oraçō da sua seyta, & cuidaua q̄  
ele mesmo era deos, & así punha em seu  
titulo. Ho coltão Badur cuja cadeyra estā  
nos ceos, & ho sol he seu selo, & a lūa fer  
radura do seu caualo, & as estrelas cravos  
dela. E chegado ele a Diu, mādou logo fa  
zer dous baluartes em dous passos da ter  
ra firme pera a jlha que se podião passar cō  
maré vazia, & isto porq̄ se o Mogor vies

se que o não podesse entrar: & estādo em  
Diu chegarā as suas molheres & sua m̄ay  
& seu tesouro. E porq̄ se os imigo snā a p  
ueytafsem da armada q̄ tinha em Cábaiete  
te mandou a queymar, & así mādou hū  
seu sobriūho chamado Mirão muhmal  
pa Damão, & pa aq̄la comarca que cōfi  
na cō Chaul a fazer gente & defendelas  
do Nizamalucō selhe quisēse fazer guer  
ra, & mandoulhe q̄ quādo se visse em ne  
cessidade q̄ se fosse a Chaul & se entregaf  
se a Martim a fonso de soufa q̄ sabia que  
inuernaua a hi.

## CAPIT. XCIX.

De como Martim a fonso de soufa soube ho desbar  
to del reyde Cábaya.

**E** Stando el Rey de Cábaya acolhido  
na cidade do Mandou despois q̄ fu  
gio: hū Portugues q̄ andaua co ele catiuo  
q̄ auia nome Francisco lourenço fugio, &  
cō muita grāde trabalho foy ter a Chaul  
vespera de sam Ioão, & cōtōu a Martim  
afonso o desbarato del rey de Cábaya, &  
q̄ despois de ser fugido ouuira como fugi  
ra de Mādou no mais que com quatro de  
caualo, & como toda a terra por onde pas  
sara estaua muy temerosa dos Mogores  
& desesperada de se el rey de Cábaya po  
der defender. E a posisto foy dado hū reca  
do a Martim a fonso de Mirão muhmal  
q̄ estaua em Damão, q̄ lhe mandou pedir  
seguro pa estar ali, & pera se jr a Chaul cō  
sua pessoa, dinheyro, & molheres se se vis  
se apressado dos Mogores: o de Nizama  
lucō, & Martim a fonso & Symão gue  
dez de soufa capitão de Chaul lhe manda  
rão os seguros muyto largos. E efcreuō  
lhe Martim a fonso q̄ el rey de Cambaya  
deuia dobrigar ao gouernador pera o aju  
dar

dar é tamanha necessidade como estaua  
 cõ lhe dar hũa fortaleza em Diu, em q nã  
 perdia nada, antes ganhaua muyto em co  
 brar t.ã boa amizade como a sua, & cre  
 ria ho governador que ele era seu amigo  
 perq̃ doutra maneyra nã se auia de har  
 na paz que fizerão, pois tã mal comprira  
 hũ dos sustanciais pontos do cõtrato das  
 pazes, que era mandar lhe logo os catiuos  
 que nunca mais mandou, antes induzira  
 a Santiago que ya por eles a ficar coele, o  
 que nã erã começos de boa amizade, &  
 pera desfazer todas as sospeytas q̃ o gouer  
 nador tinha delhe nã goardar a paz, era  
 muyto necessario dar lhe fortaleza e Diu  
 & mais por quã seguro ficaua de seus imi  
 gos cõ lha dar. E o mesmo escreueo Mar  
 tim afonso a el rey de Cãbaya, mandan  
 doo visitar como amigo, & offrecer lhe  
 com sua armada o que lhe dele cõprisse,  
 porque lhe pareceo q̃ polo tpo em q̃ elrey  
 estaua se moueria coisto a dar fortaleza  
 em Diu, & o mesmo lhe escreueo Mirã  
 muhmal, escreuendo lhe a boa palaura q̃  
 achara em Martim afonso, & como lhe  
 mandara ho seguro q̃ lhe pedira. E como  
 Martim afonso escreueo a elrey de Cãba  
 ya, escreueo ao governador do modo q̃ el  
 rey estaua, mādandolhe pedir licença pera  
 na entrada Dagoſto yr sobre Diu cõ a ar  
 mada q̃ tinha, porq̃ cria verdadeiramete  
 q̃ indo naqla cõjunção elrey auia de dar  
 fortaleza em Diu pera ganhar nossa ami  
 zade, que lhe importaua tãto q̃ sem ela nã  
 se podia restaurar, por estar desbaratado,  
 & seu imigo muyto apoderado no rey  
 no, cõ quem auia derecear de se ele gouer  
 nador ajutar, & por Diu estar muito def

goarnecido dardelharia & mingoado de  
 gente, porque tudo elrey tinha leuado á  
 guerra & ho perdera no desbarato: & por  
 q̃ estando no mār lhe podia tolher os má  
 timentos que yão por ele, q̃ erã os mays  
 dos que se galtauão em Diu, & por lhe to  
 lher os socorros q̃ esperaua da gente do  
 marroxo que tinha mandado buscar, &  
 mays faria arribar a Baçaym as naos que  
 fossem do estreyto, o que podia fazer por  
 virtude do cõtrato das pazes q̃ estauão  
 assentadas. E vista por ho governador es  
 ta carta, mostrou a algũs fidalgos seus pa  
 rentes & amigos dizêdo, que bẽ escusado  
 era cu ydar ninguem q̃ auia elrey de Cã  
 baya de dar a aqle tẽpo fortaleza em Diu  
 poyz nunca teuera dele tanta necessidade  
 como entã, por ser o principal lugar de sua  
 saluação, & por ter nele suas molheres &  
 thesouro, & por isso lhe parecia escusado  
 fazer fundamento da fortaleza nem ho  
 fazia: & posto que lha el Rey de Camba  
 ya quisesse dar que primeiro auia de fazer  
 a de Baçaym com q̃ se cõtentaua, & a segu  
 rança dela era o principal proueito q̃ que  
 ria do desbarato delrey de Cambaya, &  
 despois que teue muitos fidalgos deste pa  
 recer, por serem seus parentes & amigos,  
 pos em conselho a yda que Martim afon  
 so lhe screuia que queria fazer a Diu, & to  
 dos os q̃ tinha prouocados a serem de seu  
 parecer votarão que nã era bem que fos  
 se, dando pera isso as rezões que ho gouer  
 nador daua, & Frãcisco de souza tauares,  
 & Aleyxo de souza chichorro, & outros  
 algũs forão de parecer que Martim afon  
 so era muyto bem que fosse, porque por  
 elrey de Cambaya nã ter outro lugar



mais principal pera sua saluação que Diu & ter hi suas molheres & tesouro auia de querer conserualo & telo seguro, ho q̄ ele mesmo sabia que não podia ser sem amizade dos Portugueses & dar-lhe fortaleza nele, porq̄ coela ho seguraua de todo, pois ho auião de defender aos Mogores como seu, & não tendo nele fortaleza se auia de temer que lho tomassem porquã fraco estava sem a artilharia q̄ dates tinha, & mais sabendo quã pouco firmes estauão as pazes q̄ tinha cõ ho gouernador, por quã mal comprira as principaes condições que mais importauão a sua firmeza: & sabendo q̄ eles erão señores do mar õde lhe podia tolher os mantimentos, q̄ por ele principalmente mais que por terra hião a Diu, & por isso tinhão por muy certo q̄ indo Martim afonso a Diu sem pedir fortaleza ho auia el rey de conuidar coela quanto mais pedindolha, pelo q̄ auião por muyto grande seruiço de Deos & del Rey de Portugal sua yda lá, & não yr seria do contrário. E como este parecer foy de poucos & ho outro de mais, assentou se que Martim afonso não fosse a Diu, & que ho gouernador lho defendesse como defendeo, por hũa carta que lhe logo escreueo. E despoys vindo Agosto q̄ ho inuerno começou de dar lugar á nauegação daquela costa, despedio (sem fazer sobrisso conselho) Symão ferreyra q̄ fora seu secretario em hũa fusta pera Diu, com embayxada a elrey de Cábaya, mandandoho visitar como amigo & offreceu-lhe sua ajuda cõtra seus inimigos, cõ determinação que elrey lhe daria fortaleza e Diu pola necessidade em que estava, & pola ajuda q̄ lhe

offrecia, & pera se isto assi fosse deu procuração a Symão ferreyra que a acetyasse, & fizesse sobrisso concerto como ele fizera sendo presente, & mandoulhe q̄ nã fosse por Chaul porq̄ Martim afonso nã fosse sua yda, & mandou coele Cogexa cocz (ho embaixador del rey de Cábaya) & tres catures que ho acompanhassem & partio quasi na fim Dagosto.

CAPITULO C.  
De como elrey de Cábaya mādou pedir socorro ao Turco.

**D**Es pois que elrey de Cábaya se vio em Diu cõ suas molheres & tesouro, & vio q̄ seus comarcãos estauão q̄dos, & lhe não fazião guerra, & sabendo ho q̄ Martim afonso escreuera a Mirãomuhmald a cerca delhe goardar a amizade, teue se por mais seguro do q̄ partira de Champanel, & coisso & cõ lhe parecer q̄ era impossivel tomarelhe os Mogores Chãpanel nã Diu, & outros algũs lugares fortes q̄ tinha na costa de Cábaya, pareceo-lhe q̄ bem se poderia sõster cõtra os Mogores sem fundamento da amizade cõ os Portugueses pera lhes dar fortaleza em Diu, crẽdo que se contentassem com a de Baçaym: & de terminou de mādard pedir socorro ao Turco, tendo por certo que lho daria, & coele tornaria a cobrar seu señorio, & de yitaria os Portugueses fora da India & se faria señor dela. E pa prouocar ao Turco q̄ com boa vontade & breuidade lhe mandasse o socorro, mādoulhe hum presente de joyas, armas, & roupas ricas, q̄ foy aualiado em seyscentos mil cruzados, & em dinheiro pera paga do soldo de dez ou dozemil ho mēs q̄ lhe mandaua perder, lhe mādou hũ conto douro, & oytocetos mil cruzados.

& isto tudo & cartas q̄ scriuia ao Turco, entregou a hū seu principal capitão q̄ auia nome, çafarcão em q̄ tinha grande cõfiança, & por isto hō mandou cõ esta embayxada, dandolhe por regimento q̄ fosse até Iuda por mar & dahi por terra ao Cayro de yxando a bõ recado o q̄ leuaua, & dahi seyria onde ho Turco esteuessie, & lhe daria suas cartas. E pera hir é sua companhia lhe deu hū Portugues arrengado, chamado Jorge q̄ era seu patrão mór. E posto q̄ era ainda ho tẽpo verde quis q̄ partisse çafarcão na entrada de Setembro, porq̄ ouue medo q̄ partido maistarde as topasse Martin afõto de soufa q̄ auia de cotrer a costa com sua armada, & porq̄ as cousas q̄ leuaua çafarcão erão de tamanho preço por hirem bẽ seguras deu lhe tres galeões em q̄ fosse ele capitão de hū, & doutro Jorge o arrengado, & em sua companhia duas cauaclãs, & duas fustas, & todas estas velas ho melhor artilhadas q̄ pode ser. E posto q̄ algũs q̄ yrão dizer q̄ coeste çafarcão mãdou el rey de Cábaya a sua principal molher, & que mandaua este tesouro cõ fundamento de se hir morar a Meca, o q̄ digo he verdade, segũdo se soube por Garcia de noronha, hū Turco q̄ se tornou de poyes Christão em tpo do Visorey dõ Garcia de Noronha, & doutros Turcos q̄ forão tomados no estreito (como direy a diate). Nẽ he de crer q̄ determinãdo el rey de Cábaya de se yr pera Meca mandasse diante & semele sua principal molher, & parte do seu tesouro, sendo os mouros tã ciolos de qualq̄r das suas molheres, quanto mais da principal. Nẽ he de crer q̄ fosse essa sua determinação, pois mandara q̄ymar sua arma

da, q̄ pa esta viagem lhe era tã necessaria.

## CAPIT. CI.

De como el rey de Cábaya foy acõselhado q̄ desse for taleza em Diu ao governador,

**T**omadã a cidade de Mãdou pelo Mogor, seguiu a posel rey de Cábaya q̄ soube q̄ hia pera Chãpaner, & sabendo q̄ era partido, mãdou hū seu capitão cõ vinte mil de caualo q̄ visse se podia alcançãr ho tesouro del rey de Cábaya, & q̄ fosse a Cábayete a tomar a frota q̄ lhe parecia que ainda acharia, mas achoua ja todã q̄ ymada: & dali foy roubãdo a terra E ho Mogor q̄ ficaua cõ seu çapo sobre Champaner peitou tãto ao capitão q̄ a goardaua q̄ lha ètregou, porq̄ queria mal a el rey de Cábaya por muitos males q̄ lhe fizera: & ho Mogor ouue esta cidade na ètrada Da gosto, & apouenteu se nela padali cõquistar o reyno, & como ele tinha prometido Diu ao governador, que sabendo seu poder & a guerra q̄ fazia a el rey de Cambaya, lhe mandou pedir Diu secretamente per hũa carta q̄ lhe screueo, le brouse de sua promessa, & q̄rendõa cõpir lhe screueo hũa carta a gles chamão Formão, & mãdouha a Marti afonso pa q̄ lha mãdasse, & antes de lhe ser dada esta carta soube el rey de Cábaya q̄ ho Mogor estaua em Chãpaner & ouuese de todo por perdido & desesperado de ter õde se saluasse de ter minou de fugir pera Meca, cõ seu tesouro molheres, & parçes & deyxar ho reyno ao Mogor q̄ otomasse. E q̄redo por èfeito sua partida ajuntou se sua mãy, & Cogegofar & Ninarão hū gentio seu parente, a que tinha dada a capitania de Diu, & asfí outros seus parentes: & tantas rezões lhe derão q̄ nã era boa sua determinação,

K iij que

que se tirou dela, & Cogecofar lhe acóse  
lhou q delle fortaleza em Diu ao gouc  
nador, & q o ajudaria, porq lhe parcia q  
sem sua ajuda se não podia restaurar, & q  
não lhe desse nada de dar aq la fortaleza  
pa seu remedio, porq despois de restituy  
do no reyno a podia tomar de cada vez  
que quisesse & deitar os nossos fora dela.  
E coeste proposito pareceo bé a el rey de  
Cábaya dar esta fortaleza, & cesou d sua  
yda pa Meca, & escreuo logo a Martim  
afonso que na ora partisse pa Diu porque  
cópria muyto a seruiço del rey de Portu  
gal fazelo assi, & mádoulhe outra carta  
pa o gouernador, em q lhe dizia q fosse a  
Diu porq lhe qria dar a fortaleza, E per  
hū embaixador q leuou estas cartas mádou  
Diogo de mezquita, Lopo Fernádez pin  
to, & os outros catiuos q era obrigado a  
mandar, & antes q este embaixador che  
gasse a Chaul foy dada a Martim afonso  
a carta del rey dos Mogores, & apos ela  
chegou o embaixador & lhe deu as del  
rey de Cábaya assi parele como pa o go  
uernador. E vendo Martim afonso quato  
importaua yr ele a Diu, posto q lhe o go  
uernador tinha defeso que não fosse, par  
tiosse logo com tres catuies em q leuaria  
seisenta homies, ele hia em hū, & Symão  
guedez de souza capirão de Chaul em ou  
tro, deyxado recado a Vasco pirez de sam  
payo q se fosse a pos ele cō a outra armada  
& tãbem antes de sua partida, mandou a  
Ioão de medoça q leuasse o embaixador  
del rey de cábaya ao gouernador & a car  
ta del rey dos Mogores, & lhe escreuo  
como hia a Diu.

De como Martim afonso de souza, & Symão ferreyra  
chegara a Diu, & do q allentara cō el rey de Cábaya.

**P**Artido Marti afonso de Chaul seguiu  
por sua viagem pa Diu, & perto dele  
achou Simão ferreyra de q ficou espanta  
do hir a Diu pelo q lhe o gouernador escre  
uera, de quã pouco fundameto fazia de se  
lhe dar fortaleza, & mais de com o Simão  
ferreyra passara sem tomar Chaul, & tam  
bé se ele esprou de quãdo lhe Marti a foi  
so disse q el rey de Cábaya o mádara cha  
mar muyto de pressa & mandara cartas  
ao gouernador, & porq que não auia de fa  
zer cousa nhua cō el Rey de Cábaya sem  
lhe dar fortaleza em Diu: & isto tãbem  
porq soube aprociiração que ele leuaua do  
gouernador pa acitar fortaleza em Diu  
se lha desse: dizedo ma ys q o tẽpõ não era  
pa el rey não dar fortaleza & q lha auia de  
dar, & passou mandaua chamar, & ele  
coesse proposito hia, & assi foy, que che  
gados a Diu, disse el rey a Marti afonso o  
estado em que estava, & qria que o gouer  
nador o ajudasse cōtra seus imigos, ná so  
mente a defender se deles mas pa lhe fazer  
guerra, & q ele Marti afonso auia d adar  
coelepola cō fiança q tinha nele: & em ga  
lardã de esta ajuda q queria do gouerna  
dor lhe daria hua fortaleza em Diu no lu  
gar q lhe bé parecesse. E porq o gouerna  
dor não poder a logo hir, por Goa o destaa  
ua ser mais longe que Chaul, mádara cha  
mar a ele Martim afonso, assi pera o ajul  
dar a defender de seus imigos se fosse m  
sobrelle, como pera coele allentar ho dar  
da fortaleza, & capitulaçoes das pazes, ate  
ho gouernador as auer por boas, & porq  
que mandasse dizer ao gouernador quãta

vontade tinha de as fazer: & poys Simão ferreyra tinha procuração pa as fazer em nome do governador que logo assentasse como auião de ser, & que ho governador se lhe bem parecesse faria a fortaleza da bã da dos baluartes do mar & da terra, camanha lhe bem parecesse, porq ambos lhos daua, & assi aquele lugar por melhor, por que era ho mais forte da cidade, & podia naqule lugar ser a fortaleza socorrida por mar se teuesse necessidade. E cõcertado el rey cõ Marti afonso de que maneira auia de ser as capitulações das pazes, ho mandou meter de posse do baluarte da terra, & ali se apouentou com todos os Portugueses. E os capitulos das pazes forão estes.

¶ Ho çoltão Badur he cõtente de dar a el Rey de Portugal hũa fortaleza é Diu em qualquer lugar que ho governador Nuno da cunha quizer, da banda dos baluartes do mar & da terra, da grandura q lhe bem parecer, & assi ho baluarte do mar.

¶ E assi ha por bê de dar & confirmar Baçaym com todas suas terras, tanadarias, rédas, & dereitos, assi como tem dado no cõtrato que fez coele sobre as pazes no dito Baçaym.

¶ Com condiçã, que todas as naos de Meça que por virtude do dito contrato das pazes crão obrigadas a hir a Baçaym que ho não sejam, & venhão a Diu, assi como dantes vinhão: nem lhes seja feita força alguma. E quando alguma quizer lá hir por sua vontade que ho possa fazer: & assi ho fãção outras doutrinas partes que yrão & vição pera onde quizerem. E porem hũas & outras nauegarão com cartazes.

¶ E com condiçã, q el Rey de Portugal

não terá em Diu dereytos né rédas né mayçã so a dita fortaleza & baluattes, & todos os dereytos, rendas, & jurdição da gête da terra, sera do dito çoltão Badur.

¶ E com condiçã, que todos os caualos Dormuz & Darabia que polo dito contrato das pazes erão obrigados a hir a Baçaym a Diu & pagarão os dereytos a el rey de Portugal segundo o costume de Goa. E não os comprando el rey, seus donos os leuarão onde quizerem.

¶ E com condiçã, que todos os caualos que forem do estreyto pera dentro, não paguem nenhũs dereitos, & serão forros.

¶ E com condiçã, que el Rey de Portugal & ho çoltão Badur serão amigos, & inimigos de inimigos. E ho governador em nome del Rey de Portugal ajudará ho çoltão Badur cõ todo o q poder por mar & por terra, & assi el rey a ele quando cõprir com suas gêtes & armadas.

¶ E com condiçã, que querendose fazer Christãos algũs Mouros da terra do çoltão Badur que ho governador ho não censinta. E assi ho çoltão Badur não consentira fazerse nenhum Christão mouro. E que passandose de sua terra algũa pessoa ou pessoas que deuaõ dinheyro ou tenhão fazenda del Rey de Portugal, q ele os mande entregar, & outro tãto fará ho governador se se passar pa os Portugueses algũm homẽ que tenha fazêda do çoltão Badur, ou lhe deua dinheyro.

Feytas estas capitulações, & assinadas por el Rey, mādou as Marti afonso (por Diogo de mezquita que foy coele) ao governador pera q as assinasse, & el rey de Cambaya mandou coele Xacoez com hũa car

ta ao governador, rogando lhe q̄ nã tardasse, & partirãse ambos na fim de Setebro.

## CAPIT. CIII.

De como ho governador se partio pera Diu; a chamado del rey de Cambaya,

**C**Hegado Ioão de mēdoça a Goa cõ ho embaixador del rey de Cambaya, derão ao guernador as cartas que lhe leuauão, & a del rey dos Mogores (q̄ eu vi) dizia em nossa lingoagem.

q̄ Muyto honrrado, & muito seibor ãtre todos & a cabeça de todos, q̄ he muyto sofrido & muyto virtuoso, & tal fama tẽ de muyta honrra, go siernador, & capitão mor Frangue, a que cato a cortesia como se fosse a pessoa del rey, ele me escreuio hũa carta cõ seu desejo, & por seu bẽ, & boa amizade, q̄ me foy dada indo ja de caminho pa o fender meus cõtrairos sobre suas terras: & o q̄ me escreuestes vilogo & folguey muyto de bo ver. Euãq̄ tempo veo muita gente de meu cõtrairo sobre minhas terras, entãõ sairã algũs capitães meus a pelejar coeles, & derão sobre ho seu arrayal, & os desbaratarã todos, & forãõ a poses eles ate jũto de Madon, matando & catinãdo muyta gente, os quaes como virãõ a minha espada fugirãõ todos como gente yoymẽ & ciuel.

q̄ Eu mandey hũ pião aos capitães do Daquẽ, a que timha mandado que fossẽm sobre as terras de meu cõtrairo: & lhes disse q̄ se viessem pa nũ: san muyto honrrados, & muyto grãdes seõres, & tẽ todo ho reyno do Daquẽ. Como chega tẽ a mi, conselhar mey coeles, & cõ pouco trabalho auẽrey meu cõtrairo cõ todas suas terras.

q̄ Os portos de mār q̄ me escreuestes q̄ queriẽys que vos ficassẽm com toda a renda: os quaes eu tenho em meu poder, disse vos mando este For mão, & o q̄ me pedis vos outorgo, porẽ cõ condiçãõ que que quiser nauegar q̄ ho possa fazer, & que vinda que quiser ussẽs portos sem receber escãdalo. E de tal rey como eu auẽys despear ainda mais merces, & queria q̄ fizẽys boajustiça em qualquer lugar q̄ tinerdes em poder, por

que minha gente q̄ ha de star perto vos ajudaria a fazela quando for necessario: & assislarã a vossa quando me cõprẽ. E as terras q̄ estiverem perto de vos podereis tomar, & nãõ cureys das de longe, que tempo virã q̄ as tomarey. E que espera minha merce & deseja minha amizade, nãõ digo eu darlhe os portos de mār, se nãõ as terras firmes, & quante eu poder, que os portos de mār nãõ he nada?

**Q**A carta del rey de Cãbaya nãõ dizia q̄ lhe queria dar fortaleza em Diu, se nãõ q̄ em vido aq̄la partisse logo pera Diu, por que compria muito ao seruico del rey de Portugal verẽse ambos. E ho mesmo dizia a carta de Marti ascenso q̄ lhe screuera el rey de Cãbaya, & q̄ hia porq̄ cria q̄ lhe auia de dar fortaleza em Diu. E parecendo ao guernador q̄ assi auia de ter pola cõjunçãõ em q̄ era, posto q̄ el rey de Mogo res fazia prometta tãõ larga, parecẽ collie melhor tomar fortaleza del rey de Cambaya q̄ tinha Diu, que tomala da mãõ del Rey dos Mogores que ho auia omãda de cõquistar, & conquistado ou ho daria ou nãõ. Etãõ vinha he melhor a amizade del rey de Cãbaya por quã pouco podia q̄ a del rey dos Mogores q̄ era muito poderoso, & segundo a presunçãõ q̄ trazia que ria conquistar toda a India, & daria mais q̄ fazer q̄ nhũ rey dela, & quanto menos podesse, tãõ o estado del rey de Portugal ficaua mais seguro, & por isso determinou de se liar cõ el rey de Cãbaya & animalo q̄ resistisse a el rey dos Mogores & ajudalo a isso quãto podesse. E tem se deter mais q̄ ho dia em q̄ Ioãõ de mēdoça chegou, se partio ao outro e hũã fusta: & forã coeles em outras; Garcia de sã Frãscisco de souza taouares, Diogo lópez d souza, & Antonio gal.

galuão, porq̃ pa esperar por toda a armada seria muito vagar, poré ficou recado a Manuel de soufa q̃ se partisse coela ho ma ysafinha q̃ podesse ser. E partido de Goa foy ter a Chaul, & dahi a Baçaí onde achou Vasco pirez de sam payo cõ a armada q̃ leuava a Marti afonso, & o governador ho deteu q̃ não fosse & dey xoufeali estar até q̃ chegou Diogo de mezquita q̃ hia em sua busca com as capitulações das pazes pera as afsinar, & ali lhe deu Xacoez a carta q̃ lhe leuava del rey de Cambaya.

¶ Nomeado do grãde rey liãdo már, das agoasazuis, Nuno da cunha, capitã mór com a merce del rey, eu vos acrecete y por amizade. Sabtreys q̃ o secretario Symão ferreyra fiel & amado em ábas as partes & Xacoez atear filho do hórado vierã a miã a vossa carta q̃ me mãdastes vco a meu estado, & vi tudo o q̃ nela vinha escrito, quãto á vontade & desejo q̃ tãdes eu o seu be claro, & átes disto Xacoez me fez saber a vossa bondade & amizade, & o seu be agora por Simão ferreyra per via damizade, aquilo q̃ vos era necessario, & q̃ em tãtos annos nã se pode cõprir, né ouvereis dalcãçar tã afinha hũ lugar pera estar os Portugueses aqui é Diu da banda q̃ vos q̃ reys, vos não ho mandastes pedir né ho pedistes, eu vos faço merce dele cõ as condições q̃ Symão ferreyra outorgou por virtude da vossa procuração, as quacs sabeis por sua carta & per palaura de Xacoez. Agora he necessario q̃ tanto q̃ estavos forçada, q̃ nã esteys q̃ do em nhũ lugar, & venhais aqui cõ Xacoez: eu tinha escrito ao capitão mór do már, & tãto q̃ lhe derão meu mãdado logo vco a minha casa, fol-

guez coisso, & por isso o mãdey estar aqui pa me servir. Feita é Diu a vinte yto de Setebro de mil & quinhẽtos, & trita & cinco.

## CAPIT. CIIII.

De como ho governador chegou a Diu, & se vio cõ el rey de Cãbaya.

**E** Sabẽdo ho governador o q̃ era feyto logo partio pera Diu e de chegou em Outubro, & leuaria noue cẽtos homẽs, & á boca da barra o foy receber por mãdado del Rey de Cãbaya Nivarao capitã de Diu em hũa galé acõpanhado dos principays da corte, & estes desembarcarão cõ ho governador que foy logo falar a el rey que esperãua por ele em seus paços que erão terreos, & faziãse as casas ao detredor de hũ grande pateo, & el Rey estava em hũa casa pegada coele, que mais parecia alpendere que casa, deytado em hũ catle que não tinha outra riq̃za senã serẽ os pês douro, nã a casa não estava paramẽtada se não tudo muito pobre, & el rey vestido em hũa Cabaya de pano dalgodão branco, estavaõ coele cobra de dez oudoze senhores, hum fora hũmão del Rey de Deli homẽde setenta annos, & outro jrmão doutro rey, & estes assentados nõ chão juto do catle, & os outros em pé, por q̃ diante del rey não se pode assentar se nã rey eu filho de rey. Cõo governador entrarão neste patco arequorẽta fidalgos, & tanto que vio el rey lhe fez hũa mefura ao nosso modo, & entrãdo na casa lhe fez outra, & assi sezerão os que yã coele. El rey não lhe fez outra cortesia se não agafalhalo bem com os olhos, & por assi se custumar, antes que falasse em, foy vestida ao governador hũa cobaya de borcadõ de pês q̃ lhe el rey mandou dar, & aos que o cõ-

panhauão outras de bocado, & bocado-lho, & así asteuerão em quanto esteuerão nos paços, porq̃ he isto finalde grãde amizade. El Rey não teue outra pratica cõ ho governador se não pregũtarlhe como hia do caminho: & aisto lhe respõdeo em pé, que ho não mandou assentar, sòmente cobria cabeça que teue descuberta ate lha el rey mandar cobrir, & despoys se tornou á frota, & ao outro dia desẽbarcou, & foy se apousetar no baluarte da terra q̃ estaua embandeyrado com badeyras das armas de Portugal. E despoys disto se virão algũas vezes o governador & el rey & concertarão que por quanto el Rey setemia q̃ os Mogores lhe tomaſsem a cidade de Ba roche que esta trinta legoas da enseada de Cábaya, mandasse lá ho governador hũ capitão nõsso com duzentos & cincoenta Portuguezes pera a defender, & estado pa hir por capitão deles dom Gonçalo coutinho chegou Manuel de macedo, a quem ho governador deu esta yda. Tambem el rey de Cambaya pedio ao governador q̃ lhe mãdasse tomar hũa fortaleza que lhe os Mogores tinham tomada no rio Indo, & a esta empreſsa mandou ho governador por capitão mór Vasco pirez de sam payo com hũa armada de doze fustas & bargantins a cujos capitães não soube os nomẽs, (saluo a Miguel dayala, Rodrigal uarez y ogado, & Afonso figueyra, & le uou duzentos & cincoenta homẽs, & em sua companhia foy hum monro chamado Cogeoſar capitão del rey de Cambaya com trezentos Turcos debayxo da bandeira de Vasco pirez, q̃ partio de Diu na entrada de Nouembro.

## CAPIT. CV.

Do façanhoso feyto que fez Diogo botelho em fey, em hũa fusta pera Portugal.

Neste tempo andaua na India hũ canualciro chamado Diogo botelho q̃ dâtes andara na India muitos annos, & hizera nela muito scruiço, así a el rey dom Manuel como a el rey dõ loão sen filho, & a fora isso era muito sabido na arte mathematica & sabia bẽ fazer cartas de marear & indo da India deu a el rey dõ loão hũa carta de doze peles em que estaua quanto do mundo era descuberto. E q̃rendolhe el rey fazer merce, não falecco que lhe disse q̃ se queria hir pa el rey de França pa ho deferuir, & outros mœxericos cõ q̃ el rey o degradou pera a India, & foy na armada de Martim afonso de souza, no año de mil & quinhentos & trinta & quatro. E como Diogo botelho fosse muyto leal a seu rey, & sabia que não tinha culpa no q̃ lhe castarã, como foy na India pedio ao governador Nuno da cunha q̃ lhe deyxasse fazer hũa fusta pa adar nela seruido a el rey, & isto cõ rença de feyta se yr nella pa Portugal, porq̃ tornãdoſe, viſſe el rey sua lealdade, & camãha falsidade fora o q̃ lhe dele disserã, & q̃ así como ya da India na q̃ la fusta, así se fora pa França se o quizerã fazer: & coesta dterminaçã fez a fusta cõ chĩ q̃ foy de vinte dous palmos de cõprido, & doze de largo, & feys de põtãl, q̃ he daquilha ate a primeyra cuberta Feita esta fusta, começaram maldizentes de dizer q̃ a fizera pera se hir nela ao estreyto & da hi pera o Turco: & sabedo o Doutor Pero yazo q̃ se dizia, lhe tomou a fusta, como yedor da fazeda q̃ era, & Diogo botelho lhe disse q̃ viſſe beo q̃ fazia em lhe tomar

aquela fusta sem ter proua abastante pera o fazer, no que ho destruy a de todo, porq̄ sabendo el rey que lhe tomara a fusta, & acausa porque lhe mandaria cortar a cabega. E Pero vaz lhe tornou a fusta, jurandolhe ele primeyro em hũa ostia consagrada de não se ir pera parte algũa em que desferuisse el Rey de Portugal, se não de ho servir como ho mays leal: & honrado vassallo, que ele tinha. E auida a fusta se foy Diogo botelho a Dabul pera da li se partir, & como ele sabia bem da pilotagem não quis leuar nenhũa pessoa que soubesse dela, por não auer antreles contradição, o que seria causa de se perder, né quis leuar pa marear a fusta mays q̄ seus escravos, & de Portugueses leuou cinco a fora ele, três criados seus, ho Comitre da fusta & hum Manuel moreno, & muyto bé prouido de matimetros cõ a vela do ste se partio de Dabul ho primeiro de Nouembro de mil & quinhentos & trinta & cinco, dizendo q̄ se hya ajutar cõ a nossa armada que andaua na costa de Cábaya. E pa atravesar ho golphão, começou logo de se afastar muito de terra. E conseliandolhe ho Comitre que ho não fizesse, lhe desconfio sua determinação, & aos outros: & por que se temeo q̄ se rebelassem quando o soubersem, trazia hũa saya de malha secreta, & hũa espada na cinta, & esforcou a todos muito pa esta viagem, dizê dolhe quanto lhe compria fazer, prometê dolhe galardão de seu trabalho, & logo deu ao Comitre vinte mil reais, & lhe pagou tudo quanto jurou q̄ lhe ficaua na India, & coisto fora todos cõtentes dir coele, & mais porq̄ tomou terra na costa da Arabia ao tempo que

disse que a dita de tomar ho que parece q̄ foy ordenado por nosso Senhor, por serê ali as correntes tamanhas, q̄ quãtos pilotos por ali nauegação desatinão no tomar da terra. E feyta agoada & carnagẽ em hũ porto chamado lubo se partio, & foy vir gir no cabo das agulhas duas legoas de terra, & ali lhe deu hũ brauo tporal de sul cõ q̄ arribou duas vezes, & coele se vio perdido de todo, por serem os mares muy grosios em demasia: & como a fusta era pequena entrão por hũa parte, & sayão pela outra, & milagrosamente ho saluou nosso senhor: & coeste tporal dobrou o cabo de boa esperãça a vinte de laneyro, & ainda despois passou trabalhos immensos, de se ver morto cõ tormetas, & cõ fome & sede, & escoreo a ilha de sauta Elena, que a não vio cõ a neuoa que fazia os grãdes ventos, E coesta má vida determinão os marinheyros de ho matar, & aos outros Portugueses & hirese a terra, & não andarẽ mais no mar. E sendo ja debaixo da linha na costa de Guiné, leuantãse hũa noyte, hũs cõ esperos, outros cõ machados, & fisingas, & dão em Diogo botelho & nos outros, de que logo matarão hũ, & fetirão o Comitre & Diogo botelho que acodirão a esta reuolta, & isto feyto deytarãose ao mar, & a fogarãose, & este foy outro trabalho muyto grande perderemse assi os quemareauã a fusta, & ficar serido ho Comitre, & Diogo botelho que era o quemadãua a via, sem q̄ nã se podia nauegar, & terẽ tã mau aparelho pa se curarẽ pelo q̄ Diogo botelho, este ue quatro zedias se poder falar, & mãdãua gouernar por escripto o q̄ ouerã de ser causa de se perderem, &

sobristo



Sobristo lhes começou de saltar a agoa, & como não auia onde se tomar foy necessãrio estreitar a regra, no q̄ passarão muyto grande sede, & de tudo os liurou nollõ Senhor, & chegarão a paragem das jlhas que Diogo botelho não quis tomar por hyr daquela maneyra, que temeo que ho prèdessem, & por lhe dar vèto por dauate lhe foy forçado arribar à jlha dõ Fayal, onde soube q̄ estaua ho corregedor daque las jlhas: & como não se podia encobrir, desembarcou, fingindo que leuaua hũ recado do gouernador da India a el rey que lhe importaua muyto, & fez hũ maço de cartas feytiço & selado, pera dissimular o recado. E ao desembarcar ho forã receber ho corregedor cõ toda a gente da terra, como a cousa muy noua, sabendo como viera da India em hũa fusta tão pequena, ho que tinhão por grãde milagre, & fizeram lhe as mais festas que poderão, ate lhe correrem teuros: & estando os vendo de hũa janela foy conhecido do corregedor q̄ estaua coele, & como sabia que fora degradado pera a India pareceo lhe que vinha fingido: & por isso se auenturara a vir naque la fusta: & determinando de ho prender, preguntoulhe se era parente dũ botelho q̄ fora degradado pera a India, fingindo que não lhe sabia ho nõme, porq̄ se negasse q̄ era aquele, aueria sua presunção por verda deyra, & prendeloya logo. E sospetado Diogo botelho sua determinação, disse lhe que ele era ho mesmo que fora degradado, & Nuno da cunha por não achar outré que se quisesse auenturar atamanho perigo como aq̄le fora, ho mãdara por lhe querer mal: & que fizera aq̄la viagem por o

recado q̄ leuaua ser de grãde importancia & de tanto segredo, que de ninguem fia. ua as cartas se não de sy mesmo, & mostroulhe ho maço, o q̄ ho corregedor creio, & porisso ho não prendeo, & pediolhe q̄ lhe dissesse q̄ recado era, ao q̄ ele respondeo q̄ por nenhũ modo lho podia dizer, mas q̄ por amor dele. posto q̄ fosse contra juramèto, lhe dexaria hũa carta em q̄ lho contasse, q̄ lhe auia de dar sua fè q̄ não abrisse se não o yto dias despoys de sua partida, & assi se fez. E na carta q̄ lhe deixou dizia do modo q̄ hya, do q̄ o corregedor ficou muito magoadõ porq̄ o nã prèdera, & mais porq̄ acabando de ler a carta chegou ali Simão ferreyra q̄ ho gouernador mandaua da India cõ noua a el rey como el rey de Cambaya lhe dera fortaleza em Diu, q̄ mãdou logo quasi a pos Diogo botelho quando soube q̄ era partido, porq̄ nã soubesse el rey por Diogo botelho a noua da fortaleza q̄ por ele, mas não pode ser, porque partido Diogo botelho chegou a Portugal onde se foy apresẽtar a el rey & lhe disse a causa porq̄ se fora da India daq̄ la maneyra, & lhe deu as nouas da India, cõ q̄ el rey ficou muyto ledo, & lhe agardeço sua vinda louuãdo muito seu atreui mèto, & tornou oem sua graça, & fez lhe merce, teudoo por tã leal como era. E quãdo se soube do modo q̄ viera, & foy vista a fusta, foy è todos espato grandissimo, & dizia q̄ se fora è tpo dos Romãos géticos, q̄ lhe fizeram hũa estatua por memoria de façanha tão grande, como não se acham nenhũa escritura q̄ algumy homẽ fizesse

Decomo soleymão Haga entrou nas terras da Thadaria de Salsete.

Tras fica dito como Açadacão se-  
 nhor de Bilgão, por setemer do Hi-  
 dalcão fizera paz com ho governador pe-  
 ra ho ter de sua parte selhe comprisse, &  
 lhe dera secretamente as Tanadarias de  
 Salfete & de Bardes, & despoys disto tor-  
 nado o Hidalcão a estar bé có Açadacão,  
 & a recebelo em seu seruiço, arrendeo-  
 se Açadacão de ter dado as Tanadarias: &  
 vendo que ho Governador era em Diu,  
 onde se auia de deter, pareceo lhe q̄ era tẽ-  
 po de ascobrar, por quam poucos Portu-  
 gueses sabia q̄ as goardauão, & mandou  
 a hum Turco capitão de Ponda, chama-  
 do Coleymão Haga, que com cinco mil  
 homens de pé & de caualo fosse recolher  
 as rendas daq̄las Tanadarias, & ele ho fez  
 así: & mandou algũa da sua gente crear  
 Cristouão de figueiredo Tanadar mór, q̄  
 estaua apouentado em hum pagode de  
 freyras chamado Bardor, que tomaua ho  
 nome do diabo a q̄ era dedicado, & estas  
 freyras erão molheres, q̄ despoys de viu-  
 uas não se quiserão queymar. E vendose  
 Cristouão de figueyredo cercado, ho má-  
 dou logo dizer a dom Iohão pereyra ca-  
 pitão de Goa, & como ele era muyto esfor-  
 çado & amigo de nosso Senhor, & do ser-  
 uiço del rey, em lhe sendo dado ho reca-  
 do, ajuntou çem homens de caualo Portu-  
 gueses, & du zetos de pé, & a dezoyto de  
 Setembro se passou a Benestarin, & dali  
 foy caminho do Pagode de Bardor, &  
 coleymão se retirou pera hũa aldeia mea-  
 legoa dele, como soube que ya. E chega-  
 do dom Iohão ao pagode que soube que  
 os inimigos se yão, não os quis seguir por-  
 que leuaua a sua gente caçada, & quis que

repoufasse em quáto comia, & entre tâto  
 mandou dizer a coleymão q̄ se fosse mais  
 de presado que ya, & detedo coleymão o  
 meissa geiro, mandou dizer por outro seu  
 a dom Iohão que así ho faria, & que ho  
 não seguisse muyto, & antes q̄ seeste mef  
 segeyro partise, mandou dom Iohão aos  
 seus que dessem mostra, & os primeyros  
 forão os espingardeiros que erão oytenta,  
 & ho mouro tremia com medo do gran-  
 de estrondo: & dada a mostra deyxou ho  
 dom Iohão yr, mandando dizer a coleym-  
 mão que tâto que acabasse de comer yria  
 de pos ele, por isso que ho não achasse, &  
 así ho disse, & lhe contou a espigarderia  
 que dom Iohão leuaua. E conhecendo co-  
 leymão ho dano q̄ podia receber dela, re-  
 ceou de o esperar, & fezêdo sinal a sua gê-  
 te, retirou se mais pa dêtro da terra, & quá-  
 do dô Iohão chegou ao lugar onde espe-  
 raua de o achar, não vio se nãa fardagem  
 & vendo dom Iohão q̄ fugião, não os quis  
 apertar, & deyxou se yr a pos eles, & ao  
 outro dia foy ter a hũ Pagode chamado  
 Chãdor tres legoas do de Bardor, onde  
 cuydou q̄ coleymão se fizesse forte & ali  
 ho esperasse, mas não ho fez com medo,  
 ante fã yo de todo da comarca de Salfete,  
 & así ho soube aly onde se deyxou fi-  
 car por ser perto da noyte: E como foy  
 menhaã por segurar a terra, andou por ela  
 espaço de tres oras, & deyxando fauo-  
 recida a gente dela, com ho medo que  
 lhe ouuerão os immigos, tornou se ao  
 pagode de Bardor, onde animou os Gãca-  
 res que não ouuessem medo dos mouros,  
 porque bem vião camanho ho elesatião  
 das armas dos Portugueses, que sendo tâ-

tos & zle são poucos lhe fugirá: E deyxan do algũa gente da que leuaua a Cristouão de figueiredo, principalmente espingardeyros se tornou a Goa.

## CAPIT. CVII.

De como Manuel de vascócelos desbaratou os mouros que estauão na tranqueyra de Bóri.

**D**espoys que çoley mão hagã se recolheo cõ medo de dom Iohão, & foubẽ que ele era tornado a Goa, temendo que se tornasse a entrar em Salfete cõ grande corpo de gente q̃ tornaria dom Iohão, & assi andaria sem fazer nada, por isto que seria melhor mãdar sua gente em quadrilhas por essas aldeas a recolher as rédas, & as recolheria melhor, & assi o fez. E sabido isto por dõ Iohão, fez logo hũa armada de fustas & barçantins que anda sse por aquele rio de Salfete, & Manuel de vascócelos casado é Goa era capitão mór & fazia muytos saltos sayndo de dia, & de noyte em terra, & daua nas aldeas onde estauão os mouros descuydados de sua yda, & por isto mataua & catiuaua muytos. E sabẽdo çoley mã como os seus erãõ assi perseguidos dos Portugueses buscou remedio pera os defender: & como sabia que ho rio de Salfete era muyto estreyto, onde estaua hum passo que se chama Bóri, cinco legoas da jlha de Goa, por onde os Portugueses passauão, mandou ali fazer hũa estãcia de tres bombardas em hũa tranqueyra, que amanheçeo hum dia feyta, & quando os Portugueses forãõ pera passar pola estreyteza do passo varejaua os a artilharia muy rijo: & fazialhes muito dano, & por atalhar a cle, & que aque la força não crecesse mais, mandou dom

Ioão a Manuel de vascócelos que a fosse desfazer & foy lá cõ quarenta espingardeiros: & chegando, achou grande resistencia nos inimigos, que serião bem duzentos homẽs, & quasi todos frecheyros, & cõ tudo passando a primeira curriada das bombardas a ferrou cõ a tranqueyra & depois Manuel de vascócelos, de pelear hũ pedaço cõ os mouros muy esforçadamente os fez fugir, matando muytos deles, & q̃ymou a tranq̃yra, & recolhida a artilharia se tornou pera Goa, & desembarcou cõ os que forãõ coele, leuando cada hũ sua cabeça de mouro na mão, pa mostra da vitoria q̃ lhes nosso Senhor deu, & por isto forãõ muy bem recebidos.

## CAPIT. CVIII.

De como dom Iohão fez no rio de Salfete a fortaleza de São Iohão de Rachel.

**V**endo dom Iohão q̃ a guerra se ateua, & que os questauão no pagode de Bardor não estauão seguros, & pera el rey de Portugal colher as rendas daqlas Tanadarias q̃ tinha, era necessario ter la gẽte, & esta em lugar seguro dos inimigos, & pera isto determinou de fazer hũa fortaleza em hum lugar que a seu parecer & doutros fidalgos & pessos principais, achou muyto bõ pa isso no rio de Salfete em hum morro de rocha, que estaua por ele a cima seys legoas da jlha de Goa & hũa do passo de Bóri, & este morro era grãde, & estaua q̃si pegado cõ a terra firme, & ficaua antrele. & ela algũa agoa comoy esteyro, & daqla banda se fazia hũ cãpo raso q̃ era quasi terra alagadiça com agoa & morraça & ficaua hum sapal. E achado este morro por dõ Iohão logo cõ

a gēteda armada q̄ lá andaua começou de fazer a fortaleza, & acabou a e espaço de tres meses ou pouco menos, & é todo este tēpo teuerão os nossos muita guerra cō os mouros a que pesaua é estremo daq̄la fortaleza, & por isso defendião brauamente q̄ não se fizesse: & açadacá a que pesaua ma ys q̄ ninguē, & era ho q̄ fostinha esta guerra nūca acabaua de mādār gēte, & arteficios de fogo, & muytas munições: & nesta guerra fizeram os nossos muito boas couças em armas, q̄ não cŕeueo particularmente, porq̄ as não pude saber se não em soma. E com quanto dom Ioão foy bem contrariado dos inimigos q̄ não fizesse esta fortaleza, ele a acabou cō muyta honrra, & acabada foilhe posto nome sam Ioão, à honrra do santo deste nome, & polo rochedo em q̄staua são Ioão de Ráchol, & tinha tres baluartes e triángulo, & no meyo hūa torre de Menagē, & todos cō muita artelharia & cubertos de telha: era entulhada até o andar das aineas do muro, & tinha sua coyrça, & seruiase por hūa escada dentulho, tam larga & chaã, que podião sobir por ela homēs a cavallo, & desta escada étrauão na fortaleza por hūa pōte luadiça: podião se bē agasalhar nela seys cētos homēs cō mātímetros q̄ lhe abastafse. Acabada esta fortaleza deu dō Ioão a capitania a Miguel froez, & deixoulhe senta dos nossos, & agoarda daq̄le riō deu a Gonçalo vaz coutinho, que andaua em hūa albetaça bē artilhada, & a lorge de melo soarez q̄ andaua e hūa galé, & isto porq̄ os mouros acodião sempre à borda do riō no passo de Bóri a frechar os nossos que passauā nas fustas pa a fortaleza, q̄ to-

das leuauão arrombadas pa empátodos q̄ hião nelas, & sempre auia pelejas ante os nossos & os mouros. E tornado dō Ioão a Goa soube q̄ era chegada a armada das naos da carga, de q̄ fora de Portugal por capitão mōr Fernão perez dādrade, & forão seus capitães Fernão demorays, Martim de freitas, Thome de souza, Luis aluarez de payua Fernão camelo & lorge maç carenhas, q̄ chegará a India a saluamēto.

## CAPIT. CIX.

De como Vasco pirez de saõ payo tomou a fortaleza de Variuene no rio Indo.

**V**asco pirez de sam payo q̄ partio de Diu pera yr tomar a fortaleza de Variuene, como a tras disse, andadas oytenta legoas ao longo da costa chegou à foz do rio Indo, q̄ tanto está de Diu pera ho norte, & atelichega ho reyno de Cábaya, & começa outro chamado Vlcinde, em que entra no mar este rio Indo, hū dos famosos de Asia. E furto aqui Vasco pirez vazou a marē hūa grande mea legoa & ficaram os nauiosem seco, & foy auisado pela gente da terra que despejasse os nauios q̄ ficassem leues quando tornasse a mōtan te dagoa, porq̄ se perderião se esteuēsem carregados por trazer grande força, que enchia com macareo, ho que logo fez, & mandando aboyar a artelharia forão postos sobre laos mastos & vergas dos nauios, & quādo a marē tornou vinha ho macareo tam alto & cō tamanho impeto & rugido, que os nossos ouuerão medo cuy dādo que os auia de çocobrar, & assi derā os nauios grandes pancadas na praya, que parecia que se espedaçauā, & passada esta furia foy recolhida a artelharia cō o mais.

E aparelhados os nauios entrou a frota no rio, & hiachou Vasco pirez ho capitã del rey de Cábaya a q̄ os Mogores tomarão a fortaleza, q̄ sabedo como Vasco pirez hia ho foy alie sperar cõ a gēte q̄ tinha embarcada em galuetas, & contou lhe q̄ tanto q̄ os Mogores souberão sua vinda, queimã rã logo apouoação da fortaleza a q̄ se acõ lherão, & ferião ceto & cincoenta homẽs todos frecheiros, se não oytõ que etão espingardeiros, & que não tinhã may s arte lharia q̄ quatro ou cinco berços, & q̄ a fortaleza estaua na borda da goa & era peq̄na & quadrada feyta de barro enuaçado, & de rama cõ seus baluartes & cercada de caua. E leuãdo Vasco pirez este capitã cõ si go foy polo rio acima até õde estaua a fortaleza a q̄ chegou de noite, & sem q̄rẽr saber mais da disposiçõ da fortaleza nẽ da terra, ordenou de dar nela ao outro dia e amanhecẽdo, & repartio o cõbate por tres estancias, hũa auia de ter ele cõ os seus capitães, & Portugueses da bãda do rio, outra Cogeçofar cõ os Turcos, & a outra o capitã del rey de Cábaya cõ sua gēte, q̄ era a mais espingardeiros, & não auiaõ de ter outro cuydado se não de tirar aos Mogores que parecẽsem sobre ho muro, & cada dous capitães Portugueses auiaõ de leuar hũa escada pa sobirẽ ao muro. Isto cõcertado, & encomẽdãdo se todos a nõso seõnor, desembarcarão ao outro dia em amanhecẽdo feytos em tres escoadrões, & cada hũ se foy ao lugar q̄ lhe era assignado. E cõ quanto os Mogores erã poucos, resistiã muy brauamente coessa artilharia q̄ tinhãõ & espingardas, desparãdo frechas sem cõto, & arremessãdo muytas

panelas de poluora, & muyto fogo õutro cõ que logo ferirão bẽ oytenta Portugueses, que foy causa de não poderem chegar as escadas ao muro, saluo Miguel dayala q̄ foy ho primeyro que sobio, & bẽ cõtra riado & ferido sobio ao muro, donde os imigos o deytarãõ abaixo, nõ que correõ muyto perigo, & cõ rudo escapouẽõ a vida, & a hũ fidalgo chamado Martim afõsõ de melo punho, q̄ sobia apos ele, e chegado ao quarto de graõ foy ferido d̄ hũa frecha na roda do grolho cõ que cayõ a bayxo, & não sobio mais ninguẽ por nel tete tempo arder a escada. E uendo Vasco pirez ho dano q̄ recebia sua gente, mandou a afastar com determinação de deseroar a sã meas do muro pa a gente poder melhor sobir, & assi o fez cõ a artilharia q̄ logo mandou tirar em terra: & por se esta obra acabar tarde, não quis comieter a entrada, & ficou pera o outro dia, em q̄ não ouue q̄ fazer por os Mogores fugirẽ aq̄ lano yte, do que sendo Vasco pirez auisado desembarcou cõ os seus & foy a pos eles, & ainda matou algũs, & tomada a fortaleza entregou ao capitã del rey de Cambaya, & por não ter mantimẽtos & auer algũ desconcerto antrele & Cogeçofar, não fez mais guerra aos Mogores & tornou se pera Diu.

## CAPIT. CX.

De como foy começada a fortalez de Diu, pelos Portugueses.

**H**O gouernador q̄ estaua em Diu, cõ negocios que teue & em ajuntar pedracal & madeyra, não pode começar de fazer a fortaleza se não em Nouẽbro, & depois douuir missã cõ todos os capitães

& fidalgos cō grande estrondo dardelha-  
ria, & arroido de trebetas, & alegre som  
de charamelas: asientou a primeira pedra  
desta fortaleza, com muytas moedas dou-  
ro de baixo dela. E a posele os outros ca-  
pitães & fidalgos, que todos cō muyto  
prazer trabalhauão, por auer tanto tēpo  
que esta fortaleza era necessaria pera con-  
seruaçã do estado da India: por ter a prin-  
cipal porta por onde os Turcos podiã en-  
trar. E coela ficou de todo fechada, como  
direy no liuro nono quando foy cercada  
de Turcos. E assi foy começada a obra,  
pera que el rey de Cambaya mandou ao  
gouernador doze mil cruzados com no-  
me dal morço pera a gēte de seruiço, que  
deu em grande abastança pera seruirem  
nesta obra, em q̄ os Portugueses leuauão  
assaz de trabalho, porque tanto trabalha-  
uão os fidalgos como os outros, & rodos  
erão repartidos por quartos: & os capitães  
deles andauão ás enuejas de qué daria me-  
lhor de comer aos de seu quarto, & quem  
ho daua melhor tinha mais gente, & fa-  
zia mais obra. E por isso crecia sempre,  
o que Garcia de saa tinha a cargo, que era  
hũ baluarte, a que despois chamarã de san-  
tiago, & algũs lhe chamaũo de Garcia  
de saa, porq̄ o fez todo, no q̄ gastou muy-  
to, que daua melhor de comer q̄ todos os  
outros capitães. E fazendose a fortaleza,  
foubel rey de Cábaya como el rey dos  
Mogores despois de tomar Champanel  
quisera ir sobre Diu, & não fora por fa-  
ber que estaua hi ho gouernador, & se foy  
a Madauã, & a tomou por peyta q̄ deu  
ao capitão que a tinha. E parecendo a el  
rey que seria bõ dar hũa sayda polo rey-

no pera que soubeffem seus vassallos q̄ era  
viuo, & com esperança de os socorrer cō  
ho fauor dos portugueses, não se entregaf-  
sem a el rey dos Mogores. E tomaudo ni-  
sto ho parecer do gouernador, que foy q̄  
sy, lhe pedio que lhe desse Martim afoso  
de soufa pera companheiro, por lhe ser af-  
seyçoador por seu efforço & valentia, &  
boa conuersação, do que ho gouernador  
foy contente. E assi lhe deu mais sete ou  
oyto fidalgos. E quando se el rey partio  
lhe encomendou muyto suas molheres  
& seu thesouro: & mais lhe pedio q̄ mã  
dasse rogar a Niza maluco que lhenão fi-  
zesse guerra, porq̄ estando seguro de lha  
não fazer tiraria de sua frontaria Miram  
muhmalã com a gēte que tinha q̄ lhe era  
necessaria pera outra partē. E ho gouerna-  
dor mandou com esta embaixada a hum  
caualeiro chamado Gaspar preto, homē  
de muyta confiança,

## CAPIT. CXI.

De como Xercansur tomou ho reyno dos  
Patanes a el rey de Bengala.



R Eynando em Bengala Nan-  
çarote xã antecessor de Ma-  
humed xã (como disse a tras)  
determinou el rey dos Mo-  
gores pola fama que tinha de seu grandif-  
simo tesouro, de ho conquistar antes de-  
trinar na India: & porq̄ não podia entrar se-  
não polo reyno dos Patanes que confina  
com ho rio Ganges (como disse no liuro  
quarto falando do reyno de Bengala) co-  
meteo entrar porele. E tendo el rey dos  
Patanes pouca força pa lhe resistir, pedio  
ajuda a el rey de Bégala, que logo lha deu  
pelo que lhe importaua: & ambos resisti

rão a el dos Mogores & ho fizerá tornar. E leido el rey de Bengala prendeo el rey dos Patanes & tomou lhe ho reyno: em q̄ deixou por governador Cotufoxa, hum grande senhor seu vassallo, com muyta gente repartida por capitania, & elean-  
 daua no campo com grãde exercito, em que andaua hum soldado Patane homẽ muyto esforçado, que auia nome Xercãsur, que auendo hum arroido com hothe fourcero do campo, acodio Cotufoxa aos apartar, & foy morto por defastre: pelo que Xercansur se foy do arrayal. E el rey de Bengala lhe perdoou despois, & ho fez tornar, & pospor governador no reyno a hum seu primo chamado çoltão halamo. E despois disto morreo Nançarotexa, de que ficou hũ filho pequenino, em cujo nome governaua ho reyno Mahmudxã seu tio hirmão de seu pay, que se leuantou cõ ho reyno (como disse a tras) O que sabido por çoltão Halamo lhe escreueo logo que restituisse ho reyno a seu sobrinho, senão que lhe faria guerra, como fez, & nela foy morto. E Xercansur ho soldado que tenho dito, védoho morto, pos logo em saluo ho tesouro do campo, & recolhendo a mais gente que pode do campo de çoltão halamo, desbaratou a gente del rey de Bengala. O que sabido por ele, & recendo que Xercansur se lhe leuantasse com ho reyno, lhe mandou cometer que se fosse parele, com promessas de muytas merces, que ele nao quis sem que ele restituisse primeiro ho reyno dos Patanes em sua liberdade, o que el rey hã quis, & começou de lhe fazes guerra, de que Xercansur leuaua ho milhor.

## CAPIT. CXII.

Decomo el rey de Bengala mandou ao governador vinte Portugueses dos que catiuou.

PROsseguindose esta guerra antre el rey de Bengala & Xercansur, q̄ foy causa de Martim afonso de melo, & os outros catiuos terem melhoramento em seu catiueiro. Neste ano de mil & quinhẽtos & trinta & cinco chegou a Chetigão hum Diogo rabelo que hia da India, a q̄ ho governador encomendou muyto q̄ visse se por meyo de Coge çabadim poder resgatar Martim afonso & os outros, & que lhe pagaria ho resgate, no que ele pos sua diligencia. E como el rey de Bengala estaua muyt assombrado da guerra q̄ lhe fazia Xercansur: & auia medo de lhe ho gourrnador mandar çarrar Chatigão & Satigão, folgou de fazer paz coele, & mādoul he vinte dos catiuos de graça, por hum embaixador que lhe mandou com Diogorabelo, per quem lhe mandou dizer, que lhe não mandaua logo Martim afonso & os outros, por se temer de ter necessidade deles pera a guerra que tinha, pedindolhe muyto que lhe mandasse socorro, & despoys de vindo lhe mandaria Martim afonso & os outros: a quem rogo que escreuesse ao governador q̄ lhe mandasse ho socorro que pedia, dādolhe a entender que se lho mandasse, que lhe daria fortaleza em Chatigão, & assi lho escreueo Martim afonso. Porem ho governador teue tanto que fazer na fortaleza que lhe el rey de Cabaya deo em Diu, & despois com a morte do mesmo rey, como direy a diante, que nunca podemã dar ho socorro, né quis despachar ho em-  
 bai-

baixador sem ho mandar. E el rey de Bégala ainda que mandou estes catiuos, não quis soltar Martin afonso, temendo que fugisse pera Xercanfur, mas mandaua ho chamar muytas vezes, & praticaua coele em muytas cousas. E Martin afonso por que ho entendia, nũa lhe quis pedir que ho soltasse, antes se mostraua muyto desciydado da soltura, por onde elrey folga ua muyto mays coele.

## CAPIT. CXIII.

De como Tristão datayde mandou el rey Tabarija ao governador da India.

Entrado ho anno de mil & quinhentos & trinta & cinco, despachou Tristão dataide capitão da fortaleza de Ternate os nauios que auião de ir pera Malaca & pera a India, cuja capitania mór deu a Lionel de lima: a que també entregou preso el rey Tabarija, com os autos q mandou fazer de suas culpas: & coele mandou sua mãy & Pateçarangue, que forão piadosa cousa de ver quádo ostararão da prisão os prantos que fazião, & as magoas que dizião, vendose leuar de sua terra pera outra estranha, donde não esperauão mays de tornar. E então conheceo Pateçarangue que pagaua ho mal que fizera sem causa a el rey Cachil dayalo seu rey em lhe fazer tirar ho reyno. E partido Lionel de lima com sua frota foy ter a Banda & dahi a Malaca, & despoys a India, on de entregou el rey Tabarija & os outros presos ao governador Nuno da cunha, q por os achar sem culpa os deu por liures, & julgou que se desse ho reyno de Ternate a el rey Tabarija: & de se tornou Christão, & ho governador ho tornou despo-

ys a mandar pera Maluco, & morreo em Malaca, como direy a diante.

## CAPIT. CXIII.

De como os Reys das ilhas de Maluco jurarão de fazer guerra a Tristão datayde.

Tras fica dito a guerra que Tristão datayde fez a el rey de Bachão, do q ele ficou tam escandalizado, que ainda q fez paz não perdia ho escandalo, porque lhe lébraua quamanho feruidor fora sempre del rey de Portugal, & quam leal, & com quanta diligencia acodira sempre a fortaleza em todas suas necessidades, & verse por derradeiro tam mal galardoado de Tristão dataide, tomoulhe mortal odio, & desejou sua destruyção, & queixouse aos outros reys das ilhas de Maluco, que por també estarem muyto escandalizados ainda que ho dissimulauão: ho escandalo daquele lhe fez renouar ho seu. E despoys que per recados teuerão algũa intelligência acerca de se vingarem de Tristão datayde, ajuntaranse todos em Tidore. f. Elrey Cachil dayalo, q fora de Ternate, Elrey Cachil Carabruno de Geylolo, Elrey Cachil mir de Tidore, & el rey de Bachão, on de todos juntos, alegou cada hũ largamente as causas que tinhão pera serẽ inimigos não samente de Tristão dataide, mas de todos os Portuguezes, & procurarẽ sua total destruyção, & assi ho jurarão todos quatro sobre hum Moçafó, que he ho liuro de sua seyta, & por sua cabeça, & por los ossos de seus passados, de se leuãtarem cõtra a fortaleza, & fazerelhe tanta guerra ate que a tomassem, & matassem Tristão dataide, & quantos Portuguezes este uessẽ nela, ou os deitassẽ fora da terra.



E sendo caso que ho não podessem fazer por a fortaleza ser secorrida, que então cortariao & queimariao as arvores do cravo daquelas ilhas, & as da noz & da maçã & todo outro arvoredo de fruyto, & del pouoariao as ilhas, & scittião morar a outras, porque os Portugueses perdessem a esperança de tornar mais a elas, & sobredito perderião todas as vidas & o estado. E ho mesmo juramento fizeram vinte do ushirmãos destes reys, & assi de teré isto em muyto segredo. E logo ali foy ordenado que os da ilha de Ternate auião de fer os primeyros que auia de começar esta guerra: & que ate eles não iré bem cõ ella por diante, não auião os reys das outras ilhas de bolir consigo. E ho çamarao tam bem foy nesta liga, & ainda que não foy presente, deu pera isso seu consentimento. Que posto q̄ deuia muyto a Tristão dataide, que de nada ho fizera tamanho senhor, era mouro, que naturalmente sam desleays. E ali foy també ordenado, que fizesssem crer a Tristão dataide q̄ nas ilhas dos Celebes & Macaçares, & na de Mindanao auia ouro, que as mandasse descobrir, & ele com cobiça ho faria: & como a isso auia de mādãr gente lhe ficaria pouca pera se defender, pelo que aueria pouco que fazer em ho tomar. E que os da cidade de Ternate serião os primeyros que se leuãtasssem, & a despouoariao, porque os Portugueses não podessem ter mantimentos: & lhes fizesssem coisso mais guerra. E ho çamarao fingiria que lhe pesaua daquelle levantamento, & quenão era sabedor dele: & se faria grande amigo de Tristão dataide, & ficaria coele pera espia, porque

maior guerra faria em descobrir aos inimigos seus segredos do q̄ ordenasse cõtreles que em pejar controle.

## CAPIT. CXV.

Decomo os mouros de Ternate despouoariao a cidade.

**I**sto assi ordenado, fizeram saber a Tristão dataide, que erão chegada a Geylojo certas corascoras, que vinhão da ilha de Mindanao em que acharão muyto ouro, com o que ele se prouocou a mandar descobrir esta ilha, & mandou a isso hum Ioão de canha pinto em hũ nauio, que a foy descobrir, & tendo descuberta parte dela, foy com tempo ter a outra ilha que estaa ao mar desta, que se chama Siriago: & tendo necessidade de fazer nela agoada, fez paz com a gente da terra, sangrandose ele & el rey, & bebêdo hum ho sangue do outro, & desta maneira fica feita a paz. E auêdo a os da terra por muyto firme conuersauão com os Portugueses, & hião ao nauio sem medo. E determinado Ioão de canha de se ir, deitou hũ dia mão de quãtos da terra estauão no nauio pera os catiuar, & algũs fugirão deitandose ao mar, & estes forão dizer a el rey a treyção que lhe os Portugueses fizeram, que logo mandou deitar sua armada ao mar, em q̄ mandou meter sua gente pera ir tomar o nosso nauio, cõtra quem foy a velas, & a remos, tirãdo tantas frechadas & artemesfos, & com tamanhas gritas, que Ioão de canha com medo mandou cortar as amarras, & dar às velas & fugio. E ho que pior foy que lhe ficou a artilharia do nauio, q̄ com hum temporal deitou ao mar, E vêdo os mouros que ho não podião alcançar

tornar-se E por isto que lhes os Portugueses fizeram creião todos os males que os das ilhas de Maluco contraião deles. Escapando Ioão de canha daqui, acabou de descobrir a ilha de Mindanao, em q não achou ouro, & tornou-se pera Ternate. E por aquele anno ser a moução do crauo, não quis Tristão dataide mandar máys descobrir os Celebes nem Maçacares, por que ádaua muy occupado em fazer nauios pera carregar de crauo, cõ outras pessoas que tinham nele parte. O que visto polos reys, & desesperado de diuidirem os Portugueses por aquela maneira, ordenarão de os diuidir por outra: & foy fazer el rey de Geilolo cõ hũs poucos chamados Taurors, que erã liures, que fizessẽ guerra ao seño da grã Bocanora & ao Morro: em cujos senhorios se tornauão muitos Christãos, dos que diũe a tras, porq sabião que lhes auia Tristão dataide de mandar logo acodir, & assi o fez, mādado hũa armada de Ternates & de portugueses á grão Bocanora, & por capitão mór hũ seu sobrinho chamado Jorge dataide, & outra ao Morro, cuja capitania mór deu a Diogo fardinha capitão mór do mar. E andando estes capitaes fazẽdo a guerra nestas duas partes: como os Ternates virão q ficauão poucos Portugueses na fortaleza, poserão em effeito sua determinação, & forãose muytos deles secretamente em certas cotascoras á Batachina do morro junto de Geilolo, onde estaua hum Vicente correte mestre de hũa nao, com outros cortãdo madeira pera estes nauios que se fazia, & duas ou tres legoas da costa toparãõ hũ batel dos nossos, que Vicente correte má-

daua cartegado de madeira pera a fortaleza: & hião nele alguns Portugueses & Arabios que ho remauão. E os mouros matarãõ a treição quantos hião no batel, saluo hũ dos Arabios que escapou a nado, & foy dizer a Vicente correte o q passaua do que elle ficou muyto espãtado, por os mouros serẽ tamanhos amigos dos Portugueses. E parecẽdolle isto algũ misterio, acolheose logo cõ os outros em hũ batel pa Ternate: & no caminho achou os mouros que matarãõ os outros Portugueses: & quando os vio fezse forte pera se desẽder: & conhecendo por isto os mouros q Vicente correte sabia o que fizerao, dissimularãõ, & como não lhes fazia tempo pera Ternate, arribarãõ a Geilolo, & Vicente correte tambẽ pola mesma causa. E indo ao longo da costa topou hum capitão del rey de Geilolo cõ o yto corascoras, que lhe diũe que hia por seu mandado pera o leuar seguro, porq soubera a treição que os mouros de Ternate fizeram aos outros Portugueses, & porque ho não fizessẽ a ele. E isto fez el rey de Geilolo pera máys dissimulaçã com Tristão dataide, que lho mandou muyto agardecer quando ho soube: & ficou muyto suspeõo não sabendo determinar a causa porque os mouros farião aquela treição: & agastouse muyto coisso, & máys porque não estaua ali ho çamarao que lho disse, que eradarmada. E estando assi, como ja os moradores de Ternate a teuessẽ secretamente despejada de suas fazendas, hũ dia antemẽ haã se forãõ todos: o que sabido por Tristão dataide acodio muyto de prefa: & achando ainda alguns que hião na

trafeyra rogaualhes que não se fossem, & se estauão agrauados dele, ou doutra pessoa que os desaguararia: mas eles nem so mente ho quiserão olhar, & forãose. E ele não quis que lhe fizellem mal polos não escandalizar mays, parecendolhe que os amansaria por bem mas eles não estauão nisso, & forãose pera outros lugares don de esperauão de fazer a guerra.

## CAPIT. CXVI.

Decomo Tristão datayde quitera fazer paz cõ os mouros, & eles não quiserão.

**D**Espejada a cidade, acertou de chegar ho çamarão, q̄ como disse era fora com hũa armada, & tanto q̄ desembarcou com os seus seruidores & pessoas de sua familia: os outros mouros q̄ ficauão na armada fizeram volta nas mesmas corasçoras em que hião & se forão. O q̄ logo pareceo mal a muytor Portugueses porque sabião que de era muyto mal qui sto dos mouros, por ser governador em q̄ lhes pez: & desejaũ de ho matar, & q̄ não teuerão nunca tam bõ tempo pa isso como entã, poy estauão leuandose contra a fortaleza, o quemostrauão em se irẽ logo, & poy ho deixauão viuo, não era senão por ser també na consulta do leuãtamẽto, & por dissimulação ficaua na fortaleza pera poder descobrir aos outros o q̄ Tristão dataide determinasse: a q̄ depois algũs disserão esta sospita: mas ele cria tanto no çamarão que lhe não deu credito. E ho çamarão desembarcado se foy logo a Tristão dataide: & disselhe muyto espãtado que lhe parecia que a gente de terra era leuandada: porque os da armada em que fora ho quiserão matar, porque não

queria ir coeles: & que seu filho ho dessem parara pera ser com os alevantados, & por amor dele ho não matarão, & ho leuarão á fortaleza, onde queria morrer & viuer coele que lhetanto bê tinha feyto, & que a seu respeito lhe não lembrava natureza nẽ filhos, nẽ outra cousa algũa. E Tristão dataide muyto crente q̄ era assi, lhe fez muyto gatlhado, dãdolhe grandes agardecimẽtos. E determinando de ver se por bê podia pacificar a terra, fez hũa armada dalgũs bargantins & paraõs que tinha, & assi das corasçoras da armada del rey de Geilolo, cujo capitão ainda hi estaua pera ver o fim q̄ auia esta guerra, & leuar a nõua aelrey. Eueita armada mandou el rey Cachil aeyro, parãcedolhe q̄ lhe obedecẽrão os mouros, & assilegarãõ daquele mouimento, & hi ho çamarão. E esta armada correo todos os lugares maritimos da ilha, a cujos moradores dezião da parte del rey & de Tristão dataide, cõ muytos rogos, que tornassem a fazer amizade coele, & que ele os desaguararia se estauã agrauados, & faria quanto quisessem: lebrandolhes amizade q̄ sempre teuerã cõ os Portugueses, & como lhes chamauão hirmãos, & outras muytas cousas pera os prouocarẽ a paz & amizade. E os mouros como que estauão salados responderão todos per hũa maneira, dizendo q̄ não obedecião a Cachil aeyro, por q̄ ho não tinhã por rey; & posto que como a rey lhe obedecessem algũ tempo fora por força, q̄ seu rey natural era Cachil da yalo q̄ ja tinhão. E que quanto a amizade cõ os Portugueses, eles a tinhão como dantes, & a queria de muyto boa vontade, se eles matassem

a Tristão datayde, a q̄ querião tamanho mal por muytos q̄ lhes fizera, q̄ nũca lhe verião ho rosto nẽ serião amigos dos Portugueses em quãto ho teuessem por capitão. E sabendo Tristão datayde determinou cõ cõselho de lhes fazer guerra, pera ver se farião coela paz. E jũta sua armada correoa costa da jlha daq̄la bãnda da fortaleza, & queymou esses lugares que hi estauão: o q̄ vido os mouros leuantarãose logo dali, & passarãse pa os altos das ferras, & fizerão hi suas pouoações, q̄ fortaleceterã grandemete: & porq̄ se temerão q̄ os Portugueses fossen la de noyte, & atinãsem onde estauão oslugares, polo ladrar dos cães ou cãtar dos galos, não dey xarãõ nenhũs q̄ não matafẽ, & despois disto derã hũa noyte na cidade de Ternate em q̄ ainda morauão algũs Portugueses & q̄ ymarãa toda, pera declararẽ a Tristão dataide q̄ nũca auião de ter paz coele, & dali por diante corrião a fortaleza de dia & de noyte: & deytauõ lhe muitas ciladas, com q̄ matauão & catiuauão dos q̄ estauã na fortaleza, principalmete os escrauos q̄ sayão por agoa & lenha: E asfaltauão cõ os q̄ adauã a pescar no arrecife & às vezes lhes tomauão os paraõs & erãõ tam sobejos q̄ de noyte não cessãõ de fazer seus saltos cõ q̄ dauão grãde opressão aos Portugueses, q̄ cõtinuamente estauã armados, & tirando tiros perdidos com suas espingardas porq̄ como ho não fazião logo os inimigos eram coeles gritãdo & fazẽdo grãdes matanças. E Tristão dataide porq̄ sua gẽte não leuasse tã mã vida, mãdou fazer certas goaritas ao derredor da pouoação dos Portugueses, em q̄ mandaua vigiar al

gũs espigardeyros repartidos per quartõs & ho mesmo mãdou fazer na ribeyra pa goarda da armada, & ele tinha a outra gẽte jũta debaixo da ramada a porta da fortaleza pa se lhe fosse necessãrio acodir a algũ rebate, & ali comião & dormião. E Francisco de Sousa alcorado capitão da hũa não grossa, q̄ estaua e Talágame, cõ outros capitães de outros nauios, q̄ auião de partir cõ carregã pera a India no laneyro seguite, como souberão q̄ a terra era leuãtada, cercarãõ logo de traqueiras & cauas os nauios q̄ tinhão a mõte pa os corregerẽ & bastecerãnas dattelharã pa sua defesã.

C A P I T U L O C X V I I .  
De como se leuantarãõ os lugares do Morro.

Como esta guerra foy começãda, Tristão dataide mãdou logo auioẽ hũ paraõ ao vigairo Symão vaz q̄ estaua no Morro bautizãdo os q̄ se tornãã Cristães, pa q̄ esteuesse a recãdo cõ os Portugueses q̄ estauão coele & os nã tomãsem de sobre alto: mandandolhe tãbẽ dizer q̄ comprasse os mais mantimentos q̄ podesse antes q̄ os Ternates fossen aluoroçar a terra, & a posseste paraõ mandou Diogo far dinha capitãõ mór do mar e hũ bargantim, asẽ para fauorecer os Christãos da terra do Morro como pera ho trazer carregãdo de mantimẽtos, mas quando ele chegou, ja achou Ternates, q̄ tinhão dito como erãõ leuãtados cõtra a fortaleza, & lhe fazião guerra, de q̄ não auião de cessar ate a nãõ tomarẽ & matarẽ Tristão dataide, & todos os outros Portugueses, q̄ deuiãõ deter por inimigos pois ho erãõ delrey Cachil dayalo seu rey & senhor natural, a q̄ tinhão feyto tanto mal como eles sabião

& por essa causa & outras muytas se leu-  
 uantaráo contra os Portugueses, porque  
 ele a silho tinha mandado: & mandaua  
 a eles como a seus vassallos que lhes não v-  
 dessem nenhũs mantimentos, & coisto ti-  
 nhão amotinada a gête que os não queria  
 vender. E algũs lugares que erão dos Chri-  
 stãos novos como otuiraõ que os Tern-  
 ates erão leuantados contra a fortaleza, &  
 que el rey Cachil dayalo era restituendo  
 seu reyno, renunciarão logo a Christian-  
 dade que tinhão, & tornárão se gétiõs co-  
 mo dantes, & poserão se da parte del rey  
 Cachil dayalo & así algũs gentios. E es-  
 tes erão os que não queria vender os man-  
 timentos, & fazíanos alcuantar: em tanto  
 que valédo ho alqueire darroz a dous vin-  
 tés, tinha sobido a cruzado, & así ho pre-  
 ço do mais hia cada vez em mayor creci-  
 mento. E achando Diogo sardinha isto  
 así trastornado, fez queixume ao gover-  
 nador de cugalá Christiano nouo que auia  
 nome Luys correa, que parece que por ná  
 satisfazer a seu queixume, vierão a roins  
 palauras, em que lhe Diogo sardinha cha-  
 mou cão perro arrenegado: & que estava  
 em ponto delhe cortar a cabeça, mostrá-  
 do que ho queria fazer cõ hũa espada dá-  
 basas mãos, & que como fosse na fortale-  
 za auia de dizer a Tristão dataide que ho  
 mandasse enforcar. E ou por esta injuria,  
 ou por Luys correa estar abalado pa-  
 deixar a ley de Christo, com ho exépro dos  
 outros deixou ha logo, & tornou se gétiõ  
 & inimigo dos Portugueses, a que desédeo  
 que não se dessem nem vdessem em sua  
 terra nenhũs mantimentos, E cõ tudo em  
 outra parte carregou Diogo sardinha ho

bargantim deles, & setornou pera a forte-  
 leza, & forão coele algũs Christãos da ter-  
 ra, cõ voz de ajudarẽ Tristão dataide na  
 guerra que tinha cõ os Ternates. Porém a  
 verdade era que hiã ver se os Ternates se  
 tinhão leuantado, que ho não podia cret-  
 pera que achãdo que era así se tornassem  
 gentios, & serẽ contra os Portugueses. E  
 chegado Diogo sardinha á fortaleza, que  
 Tristão dataide soube ho aluorço q hiã  
 no Morro não cuydando que fosse mais,  
 mādou logo hũa champana armada em  
 que hiã certos portugueses pera trazerem  
 mantimentos: & estando estes lá em hum  
 lugar chamado Bicoya forão todos mor-  
 tos pola gente da terra, que tomou a chá-  
 pana com toda a artelharia, & as mais ar-  
 mas que leuaua. E ho mesmo foy feyto a  
 outros Portugueses que hiã do Morro  
 pera Ternate em outro nauio. E nesta cõ-  
 junção foy morto ho vigairo Simão vaz  
 com quantos Portugueses estauão coele,  
 pela gente da terra que ele bautizara, que  
 lhes tomou quanto tinhão. E isto tudo se  
 fez sem no Tristão dataide saber se não  
 dahi a dias. E vendo ele a necessidade que  
 tinha de mantimentos: & quam difficul-  
 tosamente ospodia auer do Morro, socor-  
 reose a el rey de Geylolo, que por may-  
 s dissimular sua imiza de lhe mandou qua-  
 tro corascoras carregadas de çagui: & má-  
 dou aos que hiã nelas que se deixassem fi-  
 car com ho seu capitão Cachil timor, que  
 ajudaua Tristão dataide, a que mādou fa-  
 zer grandes offercimentos da juda de gé-  
 te pera aquela guerra, & de sua pessoa se  
 fosse necessaria, & de mantimentos: cõ  
 o que Tristão dataide ficou muy contẽte

de ter por amigo hũ rey tam principal como aquele.

## CAPIT. CXVIII.

Do espantoso feyto que fez dom loam de Mamoya

**E**L rey Cachil dayalo ja antes disto á petição dos Ternates estava apoderado de toda a ilha de Ternate, & outra vez obedecido por rey: & tinha mādado fazer gente de guerra a Mindanao & a Banda, mandando dizer ho pera que: & como determinava de tomar os Portugueses, & a causa porque. E sendo lá este recado, acertou de jr a Banda hum jungo de hũ Portugues chamado Lopaluarez, q̄ os Bandaneses tomarão, matando quãtos Portugueses hião dentro. E tomada a artilharia & outras armas, mandarão tudo a el rey Cachil dayalo, que muyto ledo ho mandou dizer a el rey de Geylolo com quem naqule tempo acertou de star hũ Castelhana que fora lingoa na fortaleza, q̄ avia nome Manhoz, que lá fora ter, não soube a que: & como este hia da nossa fortaleza, de que el rey desejava saber novas, deulhe hũa escrava & quatro aneys douro: & preguntandolhe despois por novas de Tristão dataide, disse lhe mil males: & q̄ por esta causa estauão os Portugueses muyto descōtentes dele, & lhe q̄riaõ mal, & que se ho ajudauão na guerra era polo que lhes hia nisso. E que Tristão dataide estava muyto apertado coela, por não ter mantimentos, nem esperança de os auer se não dele: & q̄ a guerra estava já trauada, q̄ lhe parecia que nunca os Ternates fariã paz. Porẽ que Tristão dataide a desejava muyto, pera prender todos os reys de Maluco, & os mandar presos a In

dia, como fizera a Tabarja, E assi lhe disse outras muytas cousas que parecião mētiras, porque as não podia saber tam particularmente como as dezia, & parecia que era mays por lhe parecer que el rey folgaria coisso, que por ser assi. Do q̄ el rey deitou mão & ho creio: & tendo por certa a guerra dos Ternates, & Portugueses, mādou dizer a el rey Cachil dayalo q̄ estava prestes pera ho yr ajudar na guerra cōtra Tristão dataide, & cōpir o que tinha jurado com os outros reys, que lhe mādasse entregar os lugares q̄ lhe forão tomados no morro, a q̄ logo el rey Cachil dayalo satisfez, mandando a isso hũ seu capitão que foy em cōpanhia del rey de Geylolo, que leuou a mays poderosa armada q̄ pode. E determinando de yrao Morro mandou recado a Cachil timor que estava cō Tristão dataide que se fosse logo, & leuasse os Christãos do morro, a q̄ tambẽ mandou que se fossem, & assi ho fizeram, sem falar a Tristão dataide, do que se ele espantou muyto, & logo ho teve a mão final. E chegados estes a Geylolo logo se el rey partio pera ho Morro: & tomado ho primeyro lugar despois q̄ foy lá, mandarão chamar os de Cugala, pera lhe entregarem hũ clerigo Portugues chamado Francisco alvarez, que ali bautizara muytos dos q̄ se conuerterã: & algũs Portugueses q̄ stauão coele fazẽdo hũ jugo pa carregarem de crauo, o q̄ lhes sendo descoberto fugiram em hũa coracora: em q̄ leuarã a pedrada, & ho caliz; & algũs ornamentos de hũa igreja em q̄ sedizia missã. E não podendo ser tão secretamēte, q̄ parte da armada del rey de Geylolo, q̄ ja hia estaua, não fosse

aposeses. E pelejado cõ algũas corascoras que os alcançãrão foy Francisco aluares ferido de dezasete feridas, & cõ tudo ele & os outros pelejarão tão brauamente q se escapulirão dos inimigos, q por derradeyro os ouuerão de tomar se nã lançará ao mar os ornãmẽtos q leuauão, & como erão de seda, & os inimigos cobiosos, ebaraçarãse e os tomar, & por isto, & por sobre vir a noyte escaparão & se acolherão, & sem fazer detença forão ter a fortaleza, onde cõtarão a Tristão dataide o q passaua, do q ele ficou muito agastado, por perder aqle rey em q tinha grãde cõfiança, & por lhe parecer que tambẽ os outros reys se auião de leuãtar. E como andaua tão ocupado como digo na guerra dos Ternates, nã pode mandar socorro ao Morro & deixou o feyto à fortuna. Tomado Gugalã por el rey de Geylolo tomou despois outros lugares & ho derradeyro auia nome Mamoya, de q era governador dõ loã de mamoya, a qle getio q primeiro se tornou Cristão, q como ho era verdadeyro, nã temeo elrey de Geylolo cõ quã poderoso ya, & posse em defensão cõ algũs Portugueses q tinha, q estauão ali os mãis dos q andauão no Morro, & tinhão feyta hũa tranqyra cõ algũa artelharia, onde se dõ loã meteo coeles, & cõ algũs de sua valia, pa se defender ou morrer, porq foy defengado dos da cidade q se auia dẽregar a elrey de Geylolo, como entregarão e chegãdo. E quando el rey soube a determinação de dõ loã foy sobre a tranqyra, & os Portugueses sem pelejarẽ se lhe entregãrã logo, nã aproucitando a dõ loã dizerlhe quam mal o fazião, q toda via cõ çs q ti-

nha ainda q erã poucos se defedeo del rey, cõ tanto esforço q em todo aqle dia honã pode entrar: & vinda a noyte q cessou o cõbare, vẽdo dõ loã q nã se podia defeder, nã quis que sua molher por ser fraca lhe fizesse el rey negar a se de Christo, & assi a seus filhos q erão peqñinos, & por isso matou a ela & a eles, & despois de destruyr feustefouros, por elrey os nã auer, se quisera matar se seus parẽtes & amigos ho nã teuerão por força, do que ele ficou muito magoado, & lhes pedio muito q o deyxassem matar, porq melhor seria matarse, que ficar em poder dum tirano tão cruel como el rey, que por ser rey fizera tamanha treyção como fora matar elrey seu jrmão, q dedereyto era rey: pelo q lhe qria grãde mal. E cõ tudo nã cõsentirão q se mataste, & entregarãose a elrey, q entrado na tranqyra, & sabendo c q dõ loã hão fizera, ho mandou trazer antesy, & pregũtando lhe como teuera coraçãõ pera fazer cousa tão abominãel, respondeo cõ muito esforço, q bẽ sabia q ele & sua molher & filhos erã Cristãos, & como ela por ser molher era fraca, & cõ pouca pma a poderiã fazer negar a se, & a eles por moços q por isso os matara, q melhor estarião na gloria do parayso, onde eria q auião dir q entrãõ mã terra como aqle, do q se el Rey espantou muito, & quisera o fazer tornar mouro, mas nũca pode, posto q ho ameaçou cõ a morte q ele nã temeo, nẽ el rey lha deu por rogo de seus parentes. E tomãda por el rey esta cidade, em que acabou de tomãros lugares que erão seus, tornou se a seu Reyno muyto ledo & victorioso commuytos Portugueses catiuos.

## CAPIT. CXXIX

De como os outros reys das ilhas de Maluco se levantaro.

Vendo el rey de Tidore & el rey de Bachão q̄ a guerra dos Ternates hia auante com os Portugueses, não quizerá mays esperar pera lha fazerem, como antes todos estaua jurado, pera o que logo a juntarão sua gente, que foy muyta, & tã-bẽ forão é sua ajuda quatro reys das ilhas dos Papuas, que per cartas entrarão nesta liga: & forão el rey de Vaigama, el rey de Vaigue, el rey de Quibibi, & el rey de Mincimbo. E determinados estes reys de romperé a guerra com Tristão dataide, porque lhe não parecesse que lha fazião por cobiza, não quizerão caviar nenhum dos Portugueses que estauã fazêdo crauo em seus senhoios, nem tomarhe cousa alguma do que tinhão. E el rey Cachilmir de Tidore, mandou chamar Jorge goterres, João figueira & outros portugueses q̄ lha estauão, & preguntoulhes se querião hicar coele ou irse pera a fortaleza, a que determinaua de fazer guerra, dizêdo as causas porque. E sabendo deles que se querião ir, os mandou, dádolhes embarcação em que leuarão tudo o que tinhão: & por estes mandou publicar a guerra a Tristão dataide, que ficou coiso bem agastado, nã por medo dos mouros, mas pola falta que tinha de mantimentos. E a pos estes portugueses que forão de Tidore, chegarão outros da ilha de Maquic & da de Moutel. El rey Landim de Bachão, també mandou hum Francisco mendez dorta com outros, & todos forã mortos no camiinho por os Ternates que os encontrarão, ou por outros seus amigos. Por cuja vingança

quando Tristão dataide ho soube, foy sobre hum lugar chamado Mongue perto da fortaleza, que estaua bẽ fortalecido de tranqueiras & prouido de mouros, com que Tristão dataide & os Portugueses q̄ hião coele ouuerão hũa braua peleja assí de feridos como de mortos: & com tudo ho lugar foy entrado. E ho primeiro que entrou foy hum Jorge de britto, de que fã ley a tras, & carregarão sobre ele tãtos mouros, que ho ouuerão de matar senão fora socorrido por hũ Baltasar vogado Deuora, que eu conheci, muyto valente caualeiro, & por Jorge dataide, & Antonio de teyue, & por Tristão dataide, & por outros, que pelejarão com tanto efforço, q̄ com quanto os mouros erã muytos, & eles poucos os fizetão fugir: & ficarão feridos Jorge de britto, Andre pinto. Antijorge. Afonso teixeira, & outros algũs. E faqueado ho lugar & queimado, tornou se Tristão dataide pera a fortaleza, ficando os mouros muyto magoados por a perda daq̄le lugar, q̄ estaua muyto forte.

## CAPIT. CXXX.

Do que fez Tristão datayde proseguindo a guerra: E de como Frãcisco de souza tomou Turutoo.

Neste tẽpo chegou a Ternatẽ hũ filho chamado Simão sodrẽ, em hũa carauela eo socorro a Tristão dataide que ho mandaua do socorro da gama capitã de Malaca: & foy por Borneo, & logo a pos ele chegou João de canha pinto de descobrir a ilha de Mindanao. E com a vinda destes dous capitães ficou Tristão datayde muyto ledo, por trazerẽ gente, de que tinha grãde necessidade pera se defender daq̄les reys q̄ esperaua que fossem cecar a fortaleza: & q̄ eles estauão bẽ fora,

que



que não se atreuião a isso, por não terem tiros pera darem bateria, nem saber pera ho mais, & por isso determinarão de lhe fazerem guerra guerreada por mar, & to mar os Portuguezes com fome. E em quá to se apercebiao pera isso não quis Tristão dataide estar ocioso, porque estaua tam a pertado, que não tinha outra saluação se nã fazer guerra aos mouros da ilha, & destruyr lhes as pouoações, porque nisto auia algũs mantimétos que se tomauão nelas. E porquenão pude saber por ordem, nem particularmête o que fez Tristão dataide na guerra que teue com os Ternates, & cõ os outros mouros de fora, que lhe corrião por mar ate a moução de partirem as naos pera a India, não posso també contar as coulas por ordem, nem particularmente, se não em soma: & despois da vida de Simão sodré foy por mandado de Tristão dataide a hũa pouoação de mouros, q̄ estaua perto da fortaleza sobre hũa ferra, a q̄ chegou é amanhecêdo cõ certos Portuguezes que hiã cõ ele: & deu nela tã de supito, q̄ os mouros ficarão tam salteados, que não teuerão acôrdo pera se defender, & fugirão logo quasi todos, se não algũs que pelejarão quasi nada, & ferirá hũ Portuguez chamado Fernão da silua. E sa queado ho lugar foy queimado, & Simão sodré setornou á fortaleza. E vendo Tristão dataide tam bõ começo em tempo de tanta defaentura, como era muyto esforçado & sabedor na guerra, não quis deixar estriar esta vitoria, & prosseguindo auante, mandou destruyr per Simão sodré as vilas de Turutó, Palatia, & Calamata, & nesta fizeram os mouros muy du

ra resistencia pelejando brauamente, & os Portuguezes tambem, de que forão feridos alguũs, & hum deles se chamaua loão freire, que ouue cinco feridas, de que despoys esteue em perigo de morte. E na tomada doutra vila chamada Gico, ho fizeram os Portuguezes tam esforçadamente, que a tomarão & queimarão, & foy ferido hũ Baltasar veloso dhũa espingarda da que lhe quebrou hum braço. E com todas estas vitorias estauão os mouros tam duros no odio que tinhão a Tristão dataide, que não querião coele paz, posto que depois lha mandou offrecer per algũs vezes, & ho camaraõ lhes mandaua dizer q̄ a não fizessẽ, porque os Portuguezes nã podião durar muyto, por a grande falta que tinhão de mantimétos, que não auia mays que os que tomauã nas pouoações: com o que se os mouros esforçauão pera prosseguir a guerra. E todos os que fugião destes lugares que Simão sodré destruyto se juntará, & assi outros doutras partes, & fizeram hũa pouoação sobre hũa rocha no mais alto da ferra, que senece perto da fortaleza da parte do ponente, & dali pera baixo erão dambas as bandas de penaltahada, & cercada de dous profundissimos vales, q̄ era medo oulhar pera bayxo: E a seruentia desta pouoação era na bica da desta ferra, per hũa vereda tam estreita, que não se podia yr por ella, se não hũa pessoa diante doutra: & ainda quasi em pes & em mãos, por ser demãsiadamente ingrime, & com passos muy asperos. E a fora isso ho pé da ferra por onde era ho caminho, estaua cercado de hũa caua em que auia muytos esterpes ao derredor:

& perto da pouação hũa tranqueira bé artilhada, que goardauão muytos espingardeiros. Nesta pouoaça que auia nome Turutó se tinhão os mouros por seguros por sua fortaleza, & corrialhe daqui a miude, & puuhálhe ciladas, com que fazião muyto mal aos Portugueses & os punhá em grande trabalho, O que Tristão dataide sentia em extremo, & mais porque fora duas vezes pera destruyr este lugar & não pode fazer nada. E vendo que era escusado, por ho caminho que estaua fortalecido, não quis lá mais tornar, ate não ter quem subestesse outro caminho menos perigoso: & trabalhando por auer algué, mádou a isso Balthesaryogado, & Esteuão de chaues, que deitadosem cilada em hũ vale, tomarão certos mouros, que prometerão a Tristão dataide de ho leuara Turutó por caminho sem perigo. E porque ho feyto era grande, mandou pedir a Francisco de souza que estaua em Talágame, que ho ajudasse com a gente q̄ tinha, deyxando nos nauios a goarda necessaria. E como Fráncisco de souza desejava muyto de seruir el Rey, foy de muyto boa vontade pera ho seruir nisso. O que visto por Tristão dataide lhe deu a capitania mór deste feyto, & não quis ir lá. E deu lhe por seus capitães Antonio de teyue, & Antonio pereira, os quaes foy assentado q̄ fosse com a mayor parteda gente que hia com Fráncisco de souza pelo caminho sem perigo, & Fráncisco de souza fosse pelo perigoso & cometeisse ho lugar, pera q̄ cuydassem os mouros que era toda a gente & acodissem ali. E entre tanto Antonio pereyra & Antonio de teyue ho entrarião,

& tomarião. Isto assentado partiose Fráncisco de souza bem denoite, & onde se fazia ho caminho sem perigo pera Turutó mandou Antonio pereira & Antonio de Teiue que fossem porele com as guias q̄ leuauão, & ele em amanhecêdo se foy cõ sua gente dereito à tráqueira dos imigos que como ho virão derão hũa grande grita, desparando suas bombardadas, que nã empecerão aos Portugueses por estarem mais altas que eles. E vendo que lhes não fazia nojo çarrarão com a tranqueira, tirãdose de hũa parte & doutra muytas espingardadas. E nisto chegarão Antonio pereira & Antonio de teyue com sua gente & dão por as costas do lugar, entrãdo cõ grande estrondo de gritas & espingardadas, com que os mouros cuydando q̄ era todo ho mudo sobreles, foy ho seu medo tamanho que fugirá a quem mais podia, E francisco de souza & os outros capitães os seguirão, matando & ferindo ate despejare ho lugar, que logo foy todo queymado & destruydo com morte de muytos mouros, sem dos Portugueses morrer nenhum. Isto feyto tornou se Francisco de souza pera a fortaleza, onde foy bem recebido por feyto tam saçanhoso.

## CAPIT. CXXI.

Do que aconteceu a Tristão datayde com a armada del rey de Tidore.

Com quanto a perda deste lugar foy muyto grande pera os mouros, não delmayarão pera deixarem de proseguir a guerra. E pera a fazerem dali por diante mais aspera & com mais sua segurança leuantarão todas as pouações que ainda lhes ficauão daquela parte do ponente, onde

onde estava a fortaleza, & passaráse pera a banda do leuante, com o que Tristão dataide ficou, mays defaluado, porque como os inimigos estauão mays afastados da fortaleza não lhe corrião tanto a miude: mas dessas vezes que lhe corrião, fazia muyto dano aos Portugueses, tomando lhe ho gado que sabia a paecer, & catiuão os escravos q̄ hião ao mato, & quádo hiã sobre algũas pouoações p̄dião o caminho à mingoa de guias: & primeiro que chegassem a elas os sentiã os mouros, que como ho mato he muyto cerrado, & a terra muyto fragosa & sem caminhos, punhão se em passõs onde se podião ajudar deles, & os ferião & matauão sem receberem dano, & recebendo os Portugueses muyto se tornauão sem fazerem nada. E outras vezes leuauão tambẽ os mouros ho melhor em algũas pouoações que os Portugueses querião tomar, donde se tornauão feridos & mal tratados, defendêdo lhe os mouros que as não tomassem. E ho mesmo trabalho que tinhão os da fortaleza, tinhão os que estauão em Talágame com Francisco de souza nos nauios da carga, salteandoos os inimigos por terra quando hião buscar mantimento, & por mar, Principalmente despois que os reys de Tidore, de Geilolo & de Bachão soltarã suas armadas que trazião por mar, com q̄ dauão assaz de fadiga a estes Portugueses q̄ estauão em Talágame, que às vezes lhes fahião em seus paraos & champanas, mas como erão poucos sempre leuauão a peor vindo hũa vez certas corascoras de Tidore, sayranlhe os Portugueses, cujos canoas forão hum Luys do casal valente

caualeiro, & hum Fernão anriquez, & outros. E receãdo os mouros a arte lharia dos Portugueses, fizeram volta retirando se, & eles forão de pos eles as bombardadas: & vendoos fugir seguirãnos ate os meter no porto de Tidore. Do que os mouros se ouuerão por muyto injuriados, & determinando de se vingarem, poerãõ hũa cilada de muytas corascoras detras de hũa p̄ta petto de Talangame, donde mandarãõ tres que corresseem aos nauios dos Portugueses, & se chegassem a eles ho mais que possessem, pera os mais aticarẽ a sayrlhes, & entã se retirassem de vagar, ate os meterẽ na cilada, & assi ho fizerãõ. Eleuarãõ Luys do casal, & Fernão anriquez, q̄ lhe sayrãõ em dous paraos ate dobrarem a ponta onde estava a cilada, & ali voltarãõ sobre les: & nisto sayrãõ os da cilada, & pegará com Luys do casal que acharãõ diante, & assi como Fernão anriquez os vio pegados coele, acolheo se pera Talangame, & deixou Luys do casal, & os outros que ho ajudauão, que despoys de pelejarẽ valentemente forãõ todos mortos. E os mouros se tornarãõ pera Tidore muyto ledos, por serem os primeiros que matará Portugueses em batalha de mar, o que lhes parecia impossuel, por amor da arte lharia a que auiaõ medo, & dali por diante lho perderãõ. O que Tristão dataide sintio tanto como a perda daqueles Portugueses: & por isso determinou de não deixar passar aqui lo sem vingança, & embarcou se em sua armada, cujos capitães forãõ Diogo sardinha, Antonio de teyue, Antonio pereyra, Baltasar vogado, Francisco de souza, Simão sodré, Esteuão de chaues, & outros

fidalgos & caualeyros, & partiofe pera Tidore, cõ propozito de destruir a cidade mas os mouros não lhe derão esse vagar, antes ho forão receber ao mar em sua armada, que era muy grossa a respeito da de Tristão datayde, que quando os vio ficou espantado de sua ousadia: & mandando dar fogo a seus tiros, começou lhes de tirar. E os mouros que lhe não auia medo, fizerão ho mesmo com os seus, & começãse hũ brauo jogo de bombardadas & elpingardadas. E se os mouros teuerã os nauios tam fortes como os dos Portugueses sempre afertarã com eles: & se ho fizerão não ficara nenhũ viuo dos nostros, porque os mouros erã muytos & bê armados: & porem ho medo de lhe meterẽ os nauios no fundo os estoruou de aferrarem, nem os Portugueses ousaũ de os aferrar, porque os viã tantos. E assi andão hum bõ pedaço neste jogo. E vendo Tristão datayde que lhe falecia a poluora & que não fazia nada, começou de se retirar & os seus coele, ate que voltarão de todo pera a fortaleza, seguindoo sempre os mouros, & dãdolhe muytas apupadas, ate que se enfadarão, & tornaraõse pera Tidore muyto soberbos coesta victoria, & perderão de todo ho medo que tinhão de Tristão datayde, que eles auia por muyto esforçado. E entendendo de os mouros não quis mais sayr da fortaleza a pelear, nem por terra nem por mar: & tambem por amor do despacho dos nauios da carga que auia de partir pera a India.

## CAPITULO CXII.

De como indo hum capitão del rey dos Mogores sobre Baçaym deyxou de hir com medo dos Portugueses

**E**L rey de Cambaya como fi ca dito a tras) fazendo ho gouernadora fortaleza em Diu deu hũa sayda por seu reyno pera que soubessem que era viuo. E forão coele Matim afonso de soufa, & outros sete ou oyto fidalgos: & andando la soube como el rey dos Mogores tomara a cidade de Madauã, principal de Cambaya quando seus reys erã gentios. E estando el rey de Cambaya em hũa sua cidade, hum dia antemennaã lhe derão rebate q̄ vinhão os Mogores, & foy ho medo tamanho que se os Mogores forão tomarã na. E el rey de Cambaya se sahio logo & tornou se a Diu. E sabendo ho gouernador estas nouas, & receando que os Mogores fossem sobre Baçaym & ho tomãsem, mandou a Garcia de saã que fosse pera lá, por ter acabado ho baluarte que tomou a cargo de fazer na fortaleza, que auia nome Santiago, & deulhe quatrocentos Portugueses que fossem coele: & mãdoulhe que ajuntasse antretanto os materiaes pera hũa fortaleza que auia dir fazer como acabasse a de Diu: & assi ho fez. E estãdo ele em Baçã, chegou hi Gaspar preto, que fora com embaixada do gouernador a Nizamuluco senhor de Chaul, sobre que não fizese guerra a el rey de Cambaya, que ho concedeo por amor do gouernador: & lhe offreeo sua ajuda: & Gaspar preto disse a Garcia de saã q̄ vido de lá pa Diu teuera por noua q̄ hia hũ capitão do rey dos Mogores sobre Baçaym com vinte mil de caualo, & gête de pé sem cõto, pera ho tomar cõ toda sua comarca, & dalo a Melique toçãõ q̄ fora señor dele,

&amp;

& se lançara com elrey dos Mogores no desbarato del rey de Cambaya. E que os correctores desta gente chegarão dele tão perto que catiuara algũs de sua cõpanhia, pelo quelle fera forçado leixar ho caminho que leuaua & se acolher a Damão, & dali se fora por mar a Baçaim. E Garcia de saa ficou muyto triste coesta noua, por que já a tinha, & a gente da terra: & assi os Portugueses estauão com grãde medo por saberem quantos erão os Mogores, & eles tam poucos. E por isso Garcia de saa nã se estrueo a esperalos: & mais quãdo soube quam perto estauão, porq̃ a fora nã ter mais de quatrocentos homẽs, & os inimigos nã terem conto, nã tinha onde esperasse seu primeiro impeto se nã no campo, o que era perigo grandissimo, porq̃ com os inimigos tirare nomais q̃ cada hũ sua frecha lhos matarião todos. E por isso Garcia de saa com ho parecer de Gaspar preto & doutros, determinou de se embarcar & irse, o que sintindo a gente da terra, & algũs mercadores estrangeiros, que se auião por seguros com a estada de Garcia de saa, derãse por perdidos, entendendo que se queria ir, & chorauão sua defauentura. E era piadosa cousa de ver ho gritar das molheres, ho chorar dos meninos, & ho lamentar dos homẽs, & a este som entrouxará os Portugueses seu fato. E como isto era tamanha quebra do credito que tinham, principalmente naquẽle tempo, em que toda a cõfiança del rey de Cambaya estaua neles, pareceo muyto mal a Antonio galuão, que nã sabia o q̃ Garcia de saa tinha assentado: & quando ho soube lhe pareceo muyto mal, & disse-lhe.

Ves senhor nã me negareys que quãdo aqui viesstes por mãdado do gouernador que nã sabieis que os homẽs que trazieis nã erão mays dos que agora sam, a respeito dos inimigos que nesse tempo imaginastes muyto bem quantos auião de ser, pois querião tomar esta terra, a q̃ ho gouernador vos mandaua pera lhe resistir, & bẽ sabieis entã que nã tinheis onde vos defender se nã no cãpo pelejando, & pois vos entã nã escusastes, podendo ho fazer sem deshonna, q̃ o nã sabia ningũe, nã vos escuscis agora, com ficar deshonnado, & os Portugueses cõ defcredito por ysheem publico. E por solter este q̃ eles ha tantos annos que tem ganhado na India, sera muyto seruiço de Deos & del rey perder as vidas que durão tão pouco, & isto vos requero da sua parte que ho façais, quanto mais que sem as perder, nos podemos defender com a artelharia & espingardaria que temos, q̃ nos defenderão a dianteyra, & atraseyra ho mar, & mays fatemos muyto asinha hũa tranqueyra de quanta madeyra aqui temos, que cõ hũa caua ficara fortissima. E muytos que estauão com Garcia de saa estauão tam assentados em se hir: que nã sõmente lhos nã pareceo bẽ o que dizia Antonio galuão, mas nem deixarão Garcia de saa que lhe respondesse, antes comẽçarão de dizer todos q̃ era escusado aq̃le conselho. E vendo Antonio galuão q̃ ho nã q̃rião por em prãtica, soy se muyto agastado. E parecendo muyto bẽ a Garcia de saa o q̃ disse, assentou de ho fazer, & dizendo ho a todos soy a posele, & louuando lhẽmuito seu conselho hotomou, & pediiohe que

fizele a metade da traqueira, & assi a fez, cõ o q̃ gente a si da terra, como estrangeiros se ajutarão todos cõ Garcia de sa pera hõ ajudaré. E sabendõ ho capitõ dos Mogores quã fortalecido ele estava, deixou de yra Baçaim, & tornou se, cõ o que os portugueses ganharão muyta hõra & credito & assi Antonio galuão q̃ deu ho cõselho.

CAPIT. CXXIII.

De como el rey de Cãbaya quisera fazer hũ muro antre a nossa fortaleza & a cidade.

**D**E sapressado Baçaim dos Mogores partio se Gaspar preto pera Diu, & deu a reposta de Nizamaluco ao governador q̃ a disse ael rey de Cambaya, que ficou muy desaliuado, sabendo que lhe não auia Nizamaluco de fazer guerra: & entãto ficou muyto mais descontentedo q̃ andaua dâtes por ter dada a fortaleza em Diu ao governador, porq̃ lha derã cõ tenção que cõ a ajuda q̃ lhe desse, deitaria fora de seus reynos os Mogores, & ele via q̃ ho governador nã podia, pelo q̃ se achou ho governador nã podia, pelo q̃ se achou muito alcãçado, & ja que não tinha remedio pera ao presente estoruar que não se fizesse a fortaleza, determinou dever se a poderia eegar, cõ lâçar hũa parede antrela & a cidade, pera despois q̃ se ho governador fosse fazer naq̃la parede baluartes com q̃ podesse bater a fortaleza & tomala. Isto de terminado, mandou dizer ao gouernador por Ninaraõ capitã de Diu, & por Ioã de Santiago seu lingõa q̃ lhe deixasse fazer a parede que digo: & ho governador lhes disse q̃ elerepõderia a el rey por seu messageiro, & sobre esta reposta fez cõselho em que ppos o q̃ lhe elrey mãdara dizer, & Martiafonso de souza foy de voto que se

cõcedesse a el rey que fizesse a parede, por q̃ como eta appetoso passar selhe hã aq̃le appetite & nã a faria. E Fernã rodriguez de castelobráco ouuidor geral & outros disse rão q̃ por nhũ modo selhe cõcedese, porq̃ logo a faria, & feita seria peor deffazerê lha, & deste voto foy ho gouetnador: & isto determinado, asscutouse q̃ Fernão rodriguez lhe fosse dizer que se a fortaleza era sua, & os portugueses seus, q̃ pera que era aquela parede, & por isso era escusada. Equãdo lhe Fernão rodriguez deu este recado, elrey se agastou & respõdeo muito aluorçado, que queria aquela parede, pera que hũ Portugues não teuesse lugar de yr matar hũa vaca ahũ seu gétio, ou fazer outra coisa de q̃ se seguisse escandalo antre os mouros, & os portugueses, o que ele não queria por amor damizade dâtele & el Rey de Portugal. E todavia infisitia q̃ auia de fazer a parede, sobre o q̃ se passão algũs recados antrele & ho governador q̃ leuaua fernã rodriguez, & apertãdo mais elrey em fazer aq̃la parede, mãdou dizer ao governador que quãdo fizera cõele ho cõtrato das pazes, não se obrigã mais q̃ a deixar lhe fazer hũa fortaleza, & não a ferlhe fogeito, & segũdo via ele ho queria fogigar, pois lhe queria jm pedir que não fizesse hũa parede e sua terra, que lhe não goardaua ho cõtrato, & a reposta deste recado foy acordada em conselho, q̃ Fernã rodriguez respondeu a el rey ho mais bradamete q̃ podesse ser, & q̃ndo de todo em todo infisistisse na parede, q̃ o defengana se q̃ lha não auia o gouetnador de deixar fazer. E Fernão rodriguez foy a elrey, que lhe saluã pelo lingõa Ioã de santiago, &

quando elrey viu que lhe não concedia ho governador a parede, começou de falar alto que lhe não goardauão ho contra to em nhúa cousa, & que pedira mil ho mês ao governador pera lhe yr goardar Ba. oche, & que lhe não dera mais de cêto, & pois lhe quebraua a paz q̄ auia de fazer a parede. E fernão rodriguez lhe disse que em nhúa maneira lho auia ho gouernador de consentir, porq̄ nê os Portugueses auião de querer que lho consentisse, do que elrey ficou muyto menêcorio, & chamou perro a Ioaõ de santiago, porquelhe dizia tal cousa, & despois disse que os portugueses lhe chamauão doudo, & que ele ho era pois fizera o que fez, & porem que tãbem os doudos atentauão pelo q̄ lhe cõpria. E coisto se foy Fernão rodriguez, & elrey ficou muito agastado do deségano que lhe ele deu, por auer aquilo por grãde quebra, & se ele podera logo se vingara do governador, mas como tinha pouco poder, & os Mogores estauão em Cambaya, não ou sou debolir consigo, & dali por diante teue mortal odio aos portugueses, & determinou de lhes tomar a fortaleza como teue se tempo, & com tudo dissimulou este odio, & esteue algũs dias aruado sem se ver com ho governador, a que mandou dizer por Ninarão, que pois não queria que fizesse a parede, que a nã queria fazer, mas que lhe desse gente pera fazer guerra aos Mogores como lhe tinha prometido, sobre ho que ho gouernador teue conselho, em que foy a cordado que lhe não desse gente, porque não se ria muito pedila elrey pera a matar a treição, que se lhe respondesse que lha não po-

dia dar por ter pouca, que pera ho verãõ que juntaria mais lha daria, & coesta reposta se agrauou elrey muyto, & disse q̄ não podia ho governador negar que lhe não compria ho cõtrato, & poyz assiera q̄ ho não podia ajudar q̄ buscaria seu remedio, & mandou a Ninarão que dissesse ao gouernador como que ho auifaua que ele se queria yr pera Meca. E sabido isto pelo gouernador logo pos em conselho o que faria, em que foy acordado q̄ ho deteu esse, porq̄ não era tẽpo de ho deixar yr, pola diuisam q̄ auia em Cãbaya. E cõcertado antre ho governador que se vissem, por quãto elrey estaua fora da cidade na quinta de Melique, virãse na ponta de Diu, onde ho governador foy em hũa fusta, & foy rãõ coele Martim afonso de souza, Manuel de souza, dom gonçalo coutinho, & fernão rodriguez de castelo branco ouuidor geral, & Ioã da costa secretario do gouernador, a que elrey estaua esperãdo em hũa fusta, acompanhado dalgũs señores do seu reyno ate quatro ou cinco, & o gouernador entrou na fusta delrey, & abos de dous se meterão no toldo, & os fidalgos & señores ficarão de fora, & alifez elrey hũa comprida pratica ao gouernador, em que lhe resumia as condições do cõtrato q̄ era feito antreles, & quenão sãmete lho quebraua em lhe impedir a parede, mas nem lhe daua a gente que pedia aqueixãdo se muyto dele. E ho gouernador lhe disse que por estar doente lhe nã respondia, que lhe responderia Fernão rodriguez que sabia bem a quele negocio, do que sendo elrey contentê, Fernão rodriguez lhe disse, q̄ no cõtrato que ele fizera

com ho governador, não estava q̄ fizese a parede que dezia antre a fortaleza & a cidade: & por isso não se devia de aqueixar dele que lho não goardava: quanto mays que fazendose a quella parede a fortaleza fi caua cõ a artelharia cega & não valia nada, o que ele não auia de querer poyssa de ra liuremente, & poysera parale tam pro uctoza como pera os Portugueses, q̄ erão todos seus: & estauão ali pa ho seruir quã do fosse tempo, & porq̄ então ho não era, por ser entrada dinuerno, lhe não daua ho governador a gente que lhe pedia, com q̄ por derradeiro nã auia de fazer nada, por que a inuernada ho não auia de deixar andar pelo campo, que pera ho verão q̄ poderia andar por ele lhe daria a gente q̄ qui sesse, & que ainda q̄ aquilo nã estuera no contrato abastara pera ho fazer, a yõrade que tinha de ho seruir, & que não cuydas se outra cousa: nem q̄ lhe não goardava o contrato, porque seria sem rezão, & cõtra o que deuia ao desejo que ho governador tinha de o seruir. E assi lhe disse outras cou sas com que el rey abrandou, & ficou satisffeito, & prometeo de se tornar pera a cidade: & disse que não hia logo com ho governador, porq̄ não parecece aos mouros que hia por força: & o governador se tornou. E como el rey era inconstante, ainda despoys disto teue algũas refegas darrepẽ dimento do que fizera, com q̄ mandou a q̄la nõ yte engeitar a paz ao governador: & polo seu secretario lhe mandou ho contrato, dizendo q̄ lho não goardava: & na mesma hora foy a ele Fernão rodriguez, per mandado do governador e hũa fusta, & acompanhado da sua guarda. E falado

a el rey ho assessegou de maneira, que ao outro dia se foy pera a cidade como tinha prometido, & tornou a ser amigo do governador, ainda que fingido, porq̄ determinaua de tomar a fortaleza como teuel setempo.

## CAPIT. CXXIII.

De como os Mogores forão desbaratados.

**M** Itãomuhmalá sobrinho del rey de Cambaya, que estava na frõta na de Damão cõtra ho Nizamaluco: des poys que vio que os Mogores não oufarã dir sobre Baçaim cõ medo dos Portugueses, não quis ali estar mays, porq̄ Nizamaluco não auia de fazer guerra elrey seu tio que lhe mandou gente pera q̄ com aquetinha fosse fazer guerra aos Mogores q̄ andauão no reyno de Madou, a que ele foy leuando ainda mays gente q̄ lhe Nizamaluco deu pa ho ajudar naquela guerra: & lá se ajuntou cõ algũs capitães del rey de Cambaya, que tinhão porele algũas fortalezas, & deles soube como elrey dos Mogores era partido pera ho reyno de Bégalaa ao conquistar pela grande fama do tesouro que tinha elrey de Bengala, & que deixara em Mandou algũs capitães cõ gente de goarnição: a que Mirãmuhmalá fez logo a guerra, com q̄ os apertou em estre mo, & assi com fome, porq̄ como estauão nas fortalezas & não erão senhores do campo, não podião auer mantimẽtos, & morrerão muytos á fome, & de trabalho, & dos outros hũs se forã buscar ho seu rey, outros se ajuntarão cõ Mirzãohamet sobrinho do seu rey, que se foy despoys pa el rey de Cãbaya, que cõ a diminuição dos Mogores ficou muyto fauorecido: &



dali por diante lhe acodio muyto gête, cõ que despois cobrou seus señorios sem ter necessidade da ajuda dos Portugueses.

## CAPIT. CXXV.

De como dom joão pereyra capitão de Goa desbaratou çoleymão haga.

**D**Vrando a guerra dantre Açadacão & dõ loão pereira capitão de Goa, sobrequerer tomar astanarias de Salfete & de Bardés, tornou Açadacão a mandar sobreles çoleymão haga seu capitão com noue mil homés, de q̄ crão sete mil Balagatunos, em q̄ entráuão duzentos de caualos ligeiros & cincoeta acubertados & os dous mil estrangeiros brancos, & de stes dous mil os mais frecheiros & espingardeiros. Entrado çoleymão haga nas tanadarias com esta gente, não quizerão os da terra por seu medo pagar mais as rédas que dantes pagauão aos tanadares Portugueses, que logo escreuerão a dõ loão pereyra capitão de Goa, requerêdolhe q̄ lhes acodisse, a que ele partio logo cõ quatroçentos Portugueses, trezentos de pé, de q̄ foy por capitã Payo rodriguez daraujo, & cetro de caualo, em q̄ entráuão Iurdão de freitadas da ilha da madeira capitão do campo, Galuão viegas adail de goa, Manuel de vasconcelos casado, Galaz viegas, Diogo botelho dandrade, & outros a q̄ não soube os nomes, & mil piães da terra, de que forão capitães Crisná & Ralú dous gétios Coesta gête partio dom loão na entrada de Feureiro: & chegado a Rachol soube q̄ estava çoleimã haga dali ahũa legoa, & logo por hũa lingoa q̄ tomou soube q̄ era aleuãtado pa mais longe, cõ medo q̄ auia de pelear coele polo ter por muyto effor-

gado. O q̄ sabido por dõ loão determinou de ho ir buscar: & indo polo caminho soube de Galuão viegas q̄ hia diãte descobrimdo ho çapo, que çoleimão estava cõ sua gente na bicada de hũa ferra dali a duas legoas a cuja vista chegou aos noue de feureiro: & seria a espaço de mea legoa. E quando os Portugueses virão tantos mouros espantãse muyto, por não saberê dantes quantos erão, né os fazião a dõ loão tantos: a q̄ algũs disserão que se tornasse, por q̄ seria doudice cometerê a tantos mouros. Do q̄ dom loão ficou muyto agastado por lhe parecer q̄ ho dizião cõ medo, & ajuntãdo estes principays lhes disse. Parece me señores q̄ vos vê de pouca fe em nosso senhor, dizerdes que nos tornemos sem cometer estes mouros, como q̄ não fossem eles os q̄ nos fugirão muytas vezes: & os q̄ nos nũca poderão impedir q̄ não fizessemos a fortaleza de Rachol, pois eles não sam agora mais efforçados q̄ então, né vos tẽdes agora menos efforço q̄ quando vos eles fugirão: & o q̄ vos parece q̄ vos ha de saluar, isto vos deitarã a pder de todo, por q̄ se vos os inimigos virê tornar cuidarão q̄ lhe fugis & cudydãdo vos figuirão, & pola grande distancia q̄ ha daqui a nossa fortaleza, nos matará a todos primciro q̄ la chegemos. Por isto cõ a esperãça em nosso senhor q̄ nos darã a vitoria, & cõ vos lêbrar quantas vezes nos fugirão demos nestes cães, por q̄ vèdo q̄ os cometemos, eu vos fico q̄ logo lhes sobreuha ho medo q̄ nos tẽ, & nos deixê ho campo. E parecendo isto bê aos mayys, disserão q̄ dessem nos inimigos, q̄ neste tẽpo começarão de chegar pera dom loão feyto em tres escoadrões, & de todos

dos feyto hũ arco, em cujas pótas hião em cada hũa cento dos decaualo ligeyros, & no meo os acubertados: & sendo a tiro de pingarda dos noslos (q̃ estauão feitos em hũ corpo) começãõ de desparar muytos foguetes ferrados & bombas de fogo, & muytas espingardadas, & frechadas sem conto, & dando grãdes gritas hião çarrado ho arco pera tomar os noslos no meo, q̃ coesta tẽção ordenou çoleimãõ a sua gẽte desta maneyra E certo q̃ hia tãõ medo nha q̃ era muyto pera temer. Dõ lohãõ q̃ vio q̃ não podia dey xar de ficar no meo, porq̃ o arco vinha muyto largo, determinou de dar nos imigos ates q̃ le çarrassem detodo, & mãdou a lurdão de freitas q̃ cõ trita decaualo escolhidos fosse cometer os acubertados, & mãdou coele o seu guiãõ & q̃ ele daria entretãto em hũadas pótas, Enisto erãõ as espingardadas atas da parte dos imigos, & foguetes ferrados, & bõbas de fogo, q̃ alguns dos q̃ hiãõ cõ lurdão de freytas virarãõ as costas, mas tornarãõ logo, parece q̃ com vergonha de se saber: & em lurdão de freytas ferindo, deu ele Santiago em hũa das pontas dos imigos, porem ho medo parece que saltou cõ os noslos, que não abalarãõ com dom loãõ mays dos de caualo q̃ noue & destes forãõ Bento gomez das donas, Antonio ferrão, Bastião roiz, & aos outros seys nã soube os nomes & os outros de caualo se dey xarãõ estãr quedos, & partedos de pé, & os outros começãõ de fugir com os piães da terra, mas dõ loãõ cõ quáto o vio, não dey xou de cometer os mouros cõ os no-  
 ue q̃ digo chamando por Santiago: & védo q̃ Bastião roiz hia sem capacete, bra-

doulhe q̃ ho fosse tomar, & ele respõdeo que não era tempo, & alsí sem capacete o fez tãõ esforçadamẽte cõ todos os outros q̃ os mouros da q̃la ponta se começãõ logo de desbaratar, védo em quã pouco dõ loãõ & os noue tinhãõ suas espigardadas frechadas, bõbas de fogo, & foguetes, & q̃ alsí se arremessãõ aos matãr como homẽs q̃ não estãuãõ as vidas, & matando muytos dos mouros os fizerãõ fugir, desta ponta, & nisto acodio çoleymãõ ha ga cõ os da outra & desfeze o arco. E védo os noslos q̃ não abalarãõ cõ dõ loãõ cõ mo se desbaratauãõ os imigos em q̃ ele deu cobrarãõ coraçãõ, & feytos em hũ corpo ho forãõ ajudar, & isso cauou não ho su-  
 mir çoleymãõ & aos q̃ estãuãõ coele quádo acodio cõ os da sua ponta, & mesturando se hũscõ os outros renouou se a peleja q̃ foy muy braua, porq̃ãte os imigos auia muytos Parcos & outra gẽte brãca q̃ pelejavãõ com grãde esforço, mas como os noslos ja estãuãõ juntos, & se esquẽtavãõ de cadavez mays, cõ ho feruor da batalha fizerãõ maravilhas por emendar ho passado, & matando muytos dos imigos apertarãõ tãõ rijo cõ os outros q̃ os fizerãõ fugir, & dõ loãõ cõ os noslos de caualo lhe seguiu ho encaço bẽ duas oras, em q̃ matou muytos de caualo, & piães, & muyto mays matara, senãõ q̃ muytos meterãõ ramos verdes nas toucas como leuãõ os noslos piães, & coisso escaparãõ, & os noslos os seguirãõ ate hũ rio onde os imigos se lançarãõ & passarãõ a nado, & alguns se a fogarãõ com pressa, alsí hiãõ cortados de medo, & daly se tornou dõ loãõ ao atrayal dos imigos onde fo yachada muy rica

pressa, assi de fazêda, como d'armas & m'atimetros, & muytos boys de carega & caualos. E muytas cabayas q' çoleymão tinha pera dar aos seus, q' primeiro rôpêse os portuguezes. E d'õ loão mandou fazer alardo, & achou q' lhe não fora morto ninguê: somente lhe hirirão algũs de frechadas & zagunchadas, & algũs caualos: No q' noll'õ se'nhor mostrou quã milagrosa fora a q'la vitoria: E dos mouros se achou q' forão mortos mil & sete centos, & muytos cariivos. E entre os mortos foy hũ sobrinho de çoleimão, q' era capitã do çapo: & Abedação capitão de Cintacora, çaualeyros de muyto efforço, & de grãde estima entre os mouros. E assi outros muyto p'riçipaes. E por memoria desta tã famosa vitoria, & q' os mouros muyto sentirão, armou d'õ loão muytos çaualeyros, q' se ueirão por muyto ditosos de ho ser em feyto tam h'orado. E isto feyto o q' ficaua da quele dia & parte do outro, andou d'õ loão corredo a terra, pera q' soubessem os mouros q' era se'nhor do çapo, & todos lhe leuauão muytos presentes de mantimentos, cõ prazer de se verem liures dos mouros que lhes auoreciã grandemente pelo m'ãto trato que lhes daua. E deyxando d'õ loão a terra em paz se tornou a Goa, onde foy recebido com p'ocissão solene, & achou h' hũ embaixador de çoleimão haça, q' da sua parte lhe leuou hum presente de couças ricas, & lhe pregũtou como hia da batalha: & se estaua em dispozição pa dar outra: E isto fez çoleymão por ficar muyto cõtente do efforço de d'õ loão, q' bê v'õ como os seus ho desemparrão, & cõ quã potêdos cometera os mouros. E d'õ

loão recebeo bem ho embaixador, & lhe fez muyra h'õra & çagalhado, & ho bançateou, & lhe deu hũ bõ presente pera çoleymão, & q' lhe diu'esse q' ficara muyto bem desposto da batalha pa o q' lhe cõp'risse: & ainda estaua pa dar outra. Do q' çoleimã ficou muyto ledo, & Açadacã muyto triste v'edo q' não podia cobrar aqlas tanadas: pelo q' se pode ver q' se podiã tomar todas & fosterse, & q' por culpa dos gouernadores se perderão tanto t'po tantos mil cruzados que las rendem.

## CAPIT CXXVI.

De como foy acabada a fortaleza de Diu, & foy com çada a de Baçaym.

**H**O Gouernador q' fazia a fortaleza em Diu se deu tãta pressa em a fazer que a acabou quasi, em quorentã & noue dias de trabalho, q' foy na fim de Fevereiro de mil & quinhêtos & trinta & seys años, & acabada pos lhe nome Sã Thome, & ficou de trezentas & cincoêta braças êroda, & de figura triângular, & tinha os muros de grossura de dezoyto p'és, & daltura de trita palmos cõ as ameas, tinha quatro baluartes, os tres em triângulo, & o outro no meo, entulhad os ate ho primeyro sobrado, abertos pola banda de dentro & descubertos & cercada de çaua, muyto forte & bê artilhada, & ficou feito ho çauouço pa h'ũa cisterna muyto grãde. E çla acabada deu ho gouernador a capitania a Manuel de souza Deuora, & deu lhe noue çetos homêes. E estãdo ho gouernador em Diu, viu cõ todos os fidalgos q' ho acõpahauão, hũ homê q' dizia ser de trezêtos & quoreta annos, & assi ho affirmaua el rey de Çaba ya, & todos os p'incipaes de Diu

lebrauase ser toda Cábaya de gentios, & não auer nenhũa pouoação em Diu. Dizia que quatro vezes se lhe pelarão os cabellos brácos, & outras tantas lhe tornarão a nacer pretos, & por tãtas vezes lhe cayrão os dentes, & lhe tornarão a nacer. E q̄ teuera setecentas molheres. E ho governador lhe mādou ver ho pulso por hum medico, que lho achou muyto esforçado, & no rosto & na sala homẽ de setenta annos, & tinha pouca barba. & essa preta, era de nação Bégala, de castade gétios, & auia muyto que se tornara mouro. Ho governador esteue ainda em Diu quasi a te fim de Março, & antes de se partir Ni na rao capitão de Diu lhe disse secretamente, que não se fiaua del rey de Cábaya por ser muyto inconstante & cruel, & que regeaua que lhe quisesse fazer mal, como fazia a outros q̄ lho não mereçião, pedindo lhe que mada-se a Manuel de souza que ho acolhe-se na fortaleza se teuesse disio necessidade, & q̄ ele ho feruiria: cõ o q̄ ho governador folgou muyto, por ter por amigo hũ homẽ tam pincipal como aquele, E cõ conselho mādou a Manuel de souza que ho fauorecesse & recolhe-se na fortaleza se necessario fosse. E despois se partio pera Baçaim, a que chegou com toda sua armada: & quando vio a trãqueira que se fez per conselho de Antonio galuão, gabouha muyto, & foy logo ver ho sitio onde auia de fazer a fortaleza pera aomeçar. E por fazer honra a Antonio galuão que sabia que a mereçia por muytas vias, quando ouue de abrir os aliçes da fortaleza, mādoulhe que desse as primeiras enxadadas, & possesse a primeira pedra, está-

do hi Garcia de saa, & outros muytos fidalgos. E deixado ho governador Garcia de saa pera a acabar, partio se pera Goa, & despoys dalgũs dias que chegou foy ver a fortaleza de R achol, sobre o que logo Açadacão lhe mandou hũa embaixada, que a derribasse & teuessem pazes comandantes, & que recolhessem ambos as rendas das tanadarias daquela comarca: & q̄ as possessem em deposito ate ele mādardizer a el rey de Portugal da maneira q̄ lhe dera aquelas tanadarias: & quando el Rey ouuesse por bê de as tomar, que lhas deixaria é paz & seria seu amigo como era. E ho governador não quis cõ côselho, dizendo que tinha as tanadarias por bõ titulo, poys ho Hidalçao por amor dele lhe não fizera guerra.

## CAPIT. CXXVII.

De como Antonio Galuão partio pera Maluco.



M Goa achou ho governador Lionel de lima, que de parte de Tristão dataide capitão da fortaleza de Terna te, lhe entregou el rey Tabarija. Pateçarangué, & suas molheres, & os outros presos, que todos se queixarão muyto da sem rezão & agrauo q̄ lhes Tristão dataide fizera, req̄ redolhe q̄ visse logo suas culpas, & os cõdenasse ou affoluesse: & se as não teuessem q̄ ostornasse a mādardar a Maluco nas naos q̄ fossem pera la. Oq̄ ho governador não quis fazer, ainda q̄ sabia q̄ não tinha culpa, & nã os quis mādardar aq̄le ano: por não ter causa de mandar prender Tristão dataide, de que era muyto grãde amigo: & por isso dilatou o despacho dos presos: do q̄ eles se queixauão muyto, & di-

zião queram pouca justiça achauão na Índia como em Maluco: Pera onde ho governador determinou de mandar aquelle anno Antonio galuão, que tinha a capitania da fortaleza: porq̃ per Lionel de lima, & por cartas domés de Maluco, soube as auexações que Tristão dataide fazia aos Portugueses & aos mouros: pelo q̃ estava certo leuantarse a terra contrelle: & a fora isso ficaua em grande aperto de fome, & sem auer na feytoria apercebimento pera a paga do soldo & mantimento da gente & perarrestaurem daq̃la terra era muyto necessario jr hũ capitão esforçado, máso & de bõa cõsciencia. E como ho governador por experiẽcia sabia que em Antonio galuão auia estas qualidades: & sobre tudo ser muyto amigo do seruiço del rey, & que outra coisa não desejava mais neste mundo, folgou muyto de ele ser ho capitão que auia de ir na fortaleza, & assi lho disse. E com quãto ele douuida sabia alguma cousa das desordẽs & males q̃ auia em Maluco, posto q̃ lhe ho coração dizia que nã fosse, todavia por seruir a Deos & a el rey disse q̃ yria. E ho governador lhe deu hũa nao pera jr, sem lhe lèbrar que a tinha dada a hũ fidalgo chamado Duarte de miranda: O que sabendo Antonio galuão, por lhe não fazer ma obra, a tornou a engeitar ao governador, dizêdo ho por q̃ ho fazia: & tambẽ por a nao ser muyto pequena pera leuar a gente q̃ tinha necessidade de leuar, pelo q̃ lhe deu outra maior. E como pera ir a Maluco se acha a gente cõ muyto trabalho, não quis Antonio galuão ter se a q̃ lhe ho governador poderia dar: & cõ rogos, dadiuas, & promessas

doutras maiores em Maluco, adquirio a mays gente q̃ pode, & se partio pera Cochim onde se auia dacabar de despachar: mas não achou lá nenhũ aparelho pa isso por Pero vaz vedor defazenda não ter dinheiro q̃ lhe dar, pelo q̃ lhe foy necessario emprestalo a el rey, & deixou de ho leuar empregado em cousas q̃ ho tresdobrava: & bẽ podera sem sua quebra deixar de ir aq̃le anno, poys lhe não dauão auiamẽto, como se deira aos capitães passados, & não quis pelo muyto q̃ sua ida importaua ao seruiço del rey, & como isto sabia nã lhe lèbrou máso seu interesse: & sem lhe ser paga nhũa cõusa de seu ordenado, como a os outros capitães, nem a gente q̃ ya coeludo soldo q̃ lhe era diuido, se partio de Cochim a oyto de May na nao q̃ lhe ho governador deu, & cõ outra q̃ fretou a sua custa, de q̃ fez capitão hũ Francisco nunez, em q̃ leuou a mays & mays luzida gente q̃ nunca foy a Maluco, q̃ por ser muyta, & não caber na sua nao fretou aq̃la: & tã bẽ leuou molheres, a q̃ fez grandes partidos: cõ fundamento de as casar a cõ Portugueses, assi pera fazerẽ geração, como pera saberẽ os mouros q̃ determinauã eles demorarem Maluco, & não de deixar a terra. E leuou muyta fazeda de Cambayã trigo & vinho & azeites de Portugal, açucar & grande soma de conseruas, pedras datafonas, & ferras grandes & pequenas, machados, enxadas, & outras alfayas necessarias pera quem lá morasse, que não auia na terra: & assi leuou ferro & chũbo. E com estas duas naos: & com outros nauios que hião pera Malaca, todos de baixo de sua capitania se partio de Cochim.

## CAPIT. CXXVIII.

De como el rey de Calicut, se quisea coroar em Repelim, & não pode.

Como quer q̄ el rey de Calicut tinha grande odio a el rey de Cochī, por amor dos Portuguezes, buscava sempre modos para ho destruyr: & o que achou neste tempo, foy querer coroar-se em hū pagode, que esta em terra de Repelim, q̄ antre os gentios he casa de grande santidade: & nella costumão os reys de Calicut de se coroar: & como erão coroados, era cõstume irêlheos outros reys do Malabar fazer reuerencia, como seus sogeitos que erão dali por diante. E por q̄ lha el rey de Cochim fosse fazer: & ho prẽdesse queria ele coroar-se: & tambẽ pera q̄ se teuesse tempo passar dali a Cochim & destrui-la. E apercebendose pera este feyto, soubeho el rey de Cochim, que ho disse a Pero vaz vedor da fazenda: dizendolhe o q̄ importava sua coroação: pelo q̄ Pero vaz mandou logo goardar ho passio de Crãganor por onde el rey de Calicut podia passar a repelim: & deu a capitania mór desta goarda a hū Pero froez seu parente, que foy em hũa fusta, & tres capitães em tres batays, & os que hião cocles erão todos espigardeiros. E por esta goarda: ou por outra couisa, não passou el rey de Calicut como se esperava.

## CAPIT. CXXIX.

De como Xercanfur fez guerra a el rey de Bengala.

Por se seguindo Xercanfura guerra cõtra el rey de bengala (como a tras fica dito) desbaratoulhe tãtas vezes ho seu capitã mór, que ho fez recolher a hũa fortaleza chamada Gori, situada na põta de hũa serra, que entesta no Gãges, & he por

ele acima vinte legoas alem do Gouro, & sobrela foy Xercanfur, & a cercou: & isto despoys da partida de Diogo rabelo. E sabendo el rey de Bégala este desbarato, & que Xercanfur estaua tãto perto cõ se senta mil de caualo, & de pé gente sem cõto. mandou soltar Martim afonso & os outros, pera ajudarê a sua gẽte na guerra, & assi lho disse. E mandou os q̄ fossem poufar a casa do seu armador mór, q̄ por lhes não querer dar pouxada, a fora tomar em casa do mouro valenciano que disse: donde por el rey não se fiar delles, & lhe parecer q̄ fugirião, os mandou apoufentar nos seus paços: & el rey rogou a Martim afonso, que mãdasse algũs Portuguezes com gente sua que queria mandar em socorro da fortaleza. E ele se lhe offereceo pera ir lá em pessoa: o que el rey não quis pelo receo que tinha de lhe fugir, ou de se ir pera Xercãfur, & parcialhe que não indo ele que tornarião os Portuguezes q̄ lá fossem. E quando Martim afonso vio a descõfiança del rey, não quis perfiar em jr: & mandou doze Portuguezes em duas fustas, armadas cõ algũs berços: & forão capitães delas Ioão de vilhalobos, & Ioão correa, bõs caualeiros, o que fez mayz por satisfazer a el rey, que por lhe parecer q̄ auia de fazer algũa couisa cõtra tãta gente: posto q̄ dos Bégalas forão muytos, & todos por mar em almadias, & quando chegarão a fortaleza, ja Xercanfur a tinha tomada, cõ morte de muytos dos q̄ estauão detro. E como os Portuguezes erão tam poucos não poderã fazer nada: nẽ menos os Bégalas, & tornarãse. E mais por q̄ Xercanfur, deixado a fortaleza bẽ fornecida de gẽte

se foy com ho resto pola ribeira do Gan-  
ges abaixo ate defronte do Gouro: cõ de-  
terminação de ho passar dali, & a cercar.  
E porq̃ nisto auia dauer detença: mãdou fa-  
zer hũa tranqueira defrõte de hũ bayleu  
das casas del rey q̃ caya sobre o rio. E fazé-  
dose esta tranqueira hũs rumes q̃ morauã  
em Bengala cõ enueja do muito cabedal  
q̃ el rey fazia dos Portugueses: se lhe offe-  
recerão pera iré impedir q̃ se nã fizesse: o q̃  
auia por grãde injuria estãdo eles ali. E pa-  
se fazer ho feyto milhor disserã el rey q̃  
fossem també os Portugueses. O q̃ Marti  
afonso nã quisera, pera q̃ vira el rey o q̃ os  
rumes fazião indo sos: E por lho el rey ro-  
gar, mãdou o yto todos despingardas em  
hũa fusta bẽ artilhada, & os rumes forão  
em duas chãpanas em q̃ leuauã algũs tiros,  
a q̃ querêdo dar fogo, se acẽ deo na poluo-  
ra dãbas: & por isso se tornarã sem chega-  
rẽ à tranqueira, a q̃ chegarão os Portugue-  
ses, tirando muytas bobardadas & el pin-  
gardadas. E como os bẽgalas tinhã grãde  
descõfiança dos Portugueses, vêdoos tão  
poucos & chegar se tãto à traqueira, nã  
faltou que disse a elrey q̃ estaua no bay-  
leu olhado o q̃ farião, que nã se chegauã  
tanto, se nã pera se deitarẽ cõ os Patanes  
que os fizese tornar, & assi ho fez. E por se  
tirar da sospeita q̃ tinha determinou de to-  
mar a todos as armas: dizêdo a Marti afõ-  
so q̃ o nã fazia: se nã polos escufar de pe-  
lejarẽ, porq̃ nã queria q̃ morresse nenhũ  
pa os mãdar todos viuos ao governador.  
E cõ toda esta desculpa Marti afonso lhe  
disse, que nã deixaua de cuydar q̃ eleti-  
nha sospeita dos Portugueses lhe fugirem  
& por isso lhes mandaua tomar as armas

pedindolhe muyto q̃ ho nã sospetasse:  
porque os Portugueses erão tam leays q̃  
nã auiaõ de fugir: posto que ele nã fica-  
ra em terra, quanto mays ficando: & que  
quanto fazião era com desejo de ho serui-  
rem, por amor das merces que lhes fazia.  
& assi lhe disse outras cousas, abonãdoos  
E el rey lhe deu por desculpa o que tinha  
dito.

## CAPIT. CXXX.

De como el rey de Bengala fez paz cõ Xercasfur.

**A** Cabada a tranqueira que Xercasfur  
mãdou fazer, determinou dapertar  
mays ho cerco, & mandou passar muyta  
parte da sua gente da bãda da cidade, que  
passou em almadias, por nã ter outra em  
barcaça: & por ho rio ser estreyto passauã  
os cavalos & os alifantes a nado, & cada  
hũ leuaua atados nas ilhargas dous odres  
de peles de vacas, porque os nã leuasse a  
corrente dagoa que he grandissima. E vê-  
do el rey que passauã, fiãdose ja de Mar-  
tim afonso, rogoulhe que se podesse estor-  
uasse a passagẽ aos inimigos: E ele foy em  
hũ parão: & mandou a Duarte dazeuedo  
que fosse em outro, & leuarão os Portu-  
gueses que erão quinze ou pouco mais. &  
assi forão muytos Bẽgalas, que como vi-  
rão os patanes fugirá logo, tamanho me-  
do lhe auiaõ, & os Portugueses ficarã sos  
& por serem tam poucos nã poderã pe-  
lejar com os Patanes: & mays porque al-  
gũs que cometerão pera isso se afastarã,  
tirandolhes muytas frechadas: & deixará  
lhes dous alifãtes, que os Portugueses lhes  
tomará. E vêdo Marti afonso q̃ nã podia  
mays fazer, tornouse a terra, & leuou os  
alifantes a elrey q̃ tudo vio donde estauã

& como os Bégalas fugirão, & deu muytos agárdecimétosa Martimafonso, q' aco dio logo cõ os Portugueses, & Bégalas à parte por onde os Patanes poderião comer a cidade, q' estava cercada de tranq'yras cõ algũa artilharia: Por em os Patanes nã curarão d'isso, nã fizeraõ ma ysdespoys de desembarcarẽ, q' assentar leu arrayal, alsielles como os q' despoys passarão, no q' se deteueraõ algũs dias, & el rey ficou tã cõtente do esforço q' Martimafonso mostrou aq'le dia em ficar cõ os Portugueses entre os Patanes, despoys de os Bengalas fugirẽ, q' lhe mandou dar hũa cabaya & mil tangas de Bégala, q' sam duas mil & quinhentas das da India, q' pola moeda Portuguesa, erão cẽto & quorenta & cinco mil r's, & dali por diante lhe mandou dar pera comer seys tãgas cada dia, q' erão nouecẽtos r's, q' por a terra ser tã barata como disse no liuro quarto, fundião ma ysdo que ca fundẽ dez cruzados. E a cada hũ dos Portugueses mado dar hũa tãga, q' eles poupaũão, por Martimafonso lhes dar de comer, a q' el rey dali por diãte ficou tã afeiçoado & tinha nele tamanho credito, q' lhe prometeo de dar lugar ao governador pera q' fize se hũa fortaleza em Chatigão & outra em Satigão, & mais potq' preguntando a Martimafonso, se lhe mandaria o governador mil Portugueses para ajudarẽ, & artilharia, lhe disse q' sy. E por em por q' isto auia de ser cõ irẽ primeyro à India & tornarẽ, o q' ele nã podia esperar, por Xercãsur apertar muyto ho cerco, começou de tratar coele paz, do que deu cõtã a Martimafonso, & q' Xercãsur lhe pedia por lhe dar paz treze leques d'ouro: & cada leq'

rẽ quarenta & cinco mil par daos, que fazẽ soma de quinhentos & vinte cinco mil par daos. E Martimafonso lhe ditte q' não de uia de dar aq'le dinheiro, porque coele lhe auia Xercãsur de fazer guerra: & com tudo el rey não deyxou de o dar, cõ condiçã q' Xercãsur ficasse leu vassallo, & primeyro q' se fosse lhe fizette reuerencia, & ele lhe fez da bordado rio estando ante sua gente, & el rey defronte no seu bayleu, & dizia q' ele dera a Xercãsur outros treze leques secretamẽte por fazer paz coele, alsi polo aperto em que estava, como tam bẽ polo muyto q' perdia na guerra. E não se espante ningũe deste rey, dar tanto dinheiro: porque el rey de Cabaya disse em Diu ao governador Nuno do cunha, que ho tesouro del rey de Bengala era tamanho como ho seu, & como ho del Rey de Narsinga, que erão dos mayores que se sabião naquelas partes. E posto que el rey ficou desapressado da guerra de Xercãsur nã por isso deyxou de fazer a Martimafonso a honrra q' lhe dantes fazia, cõ que estava tão acreditado na corte, que muytos se nhores & outras pessoas principaes ho tomão por terceyro cõ el rey, pelo q' era muyto honrrado de todos, & lhe mandão muytos presentes, & por amor de se erão muyto estimados os outros Portugueses, & andão muyto luzidos & tam se gutos como em Lisboa. E el rey despoys de se ver liure da guerra, ou por outra causa, mudou a vôtade q' tinha de dar fortalezas a el Rey de Portugal em Chatigã & Satigão, senão as alfandegas cõ casas de feytoria, & alsi ho disse a Martimafonso, que lhe lebrou q' não prometera se não fortalezã



talezs: & porq̄ vio q̄ el rey não estava nif  
fo não quis perfiar, & disse que desse o  
que quise. E por seu rogo fez elrey juyz-  
da alfandega de Charigão a Nuno fernã-  
dez freyre, dádo-lhe hū grãde circuíto de  
casas, em q̄ morauã mouros & géticos, pa-  
q̄ redesse parele, & oq̄ rendesse a chapa de  
charigã, & lhe deu outros muitos poderes  
de q̄ todos os da terra estauão espantados,  
fer el rey tã amigo dos Portugueses, q̄ os  
q̄ria arreygar na terra. E ho juyz da fãde-  
ga de Sategão q̄ era menos, deu a Ioã cor-  
rea, & logoele & Nuno fernandez se fo-  
rão pera estas duas cidades a seruir seus of-  
ficios, do q̄ os Goazis delas estauã muy tri-  
tes, porq̄ lhes tirauão ho poder q̄ tinhã, pri-  
cipalmente ho de Charigão q̄ era mayor.

## C A P I T. CXXXI

De como el rey Dugétana fez paz cõ dom Esteuão  
da gama.

**A** Tras fãca dito, como despoys q̄ el rey  
Dugétana foy desbaratado por dom  
Esteuã da gama, & destruyda sua for-  
teza, q̄ fez outra mais pelo rio acima, dõ  
de fãzia guerra a Malaca como dantes. E  
determinãdo dõ Esteuão de ho destruyr,  
tornou a fazer hūa armada como a q̄ leua-  
ra da outra vez & partio se pera lá, & sen-  
do junto do rio de Muar lhe deu hūa tor-  
uoadã cõ que se alagou hūa fusta em q̄ ele  
hia, indo dõ Esteuão em hū baileu, q̄ hia  
sobre ho tẽdal da fusta, q̄ se despõgo quã-  
do se a fusta foy ao fundo, em q̄ morrerão  
quatro dos nossos, & os outros escapão,  
& assi escapou dõ Esteuão no baileu, &  
perdeose hūa arca com a sua prata. E ven-  
do isto todos os da frota, lhe disserão q̄ se  
tornasse & não fosse auante, & q̄ se refor-  
maria doutra fusta & de gente: como que

tomauão aquelle de fãstre por mau pronõ-  
tico, o q̄ ele não quis fazer, mostrãdo muy  
tões forço, dizẽdo q̄ não cria em agoiros,  
& q̄ esperaua em nõsio: sũior de ser tã dito  
fo na q̄la empresa como fora na outra. E  
assi foy q̄ destruy o a forteza q̄ el rey Du-  
gétana tinha muy to forte, & bẽ artilhada  
& com muyta gẽte, & lha queymou &  
tomou a artilharia. E porq̄ o não pude fa-  
ber particularmente ho digo õ soma, & af-  
silhe tomou algũas lâcharas, & setornou  
pa Malaca. E vẽdo el rey Dugétana que  
não se podia defender de dõ Esteuão, lhe  
mãdou cometer pazes por seu embayxa-  
dor, & cle lhas outorgou coestãas cõdições  
q̄ daly por diante não fizesse mays nauos  
de guerra & os q̄ teueffe fossem pera ser-  
uir cõ mercadorias, & que pagasse de pa-  
reas cadano a el rey de Portugal duas lan-  
charas aparelhadas, q̄ lhe auia de mandar  
a Malaca, & q̄ em nhū nauio q̄ fosse a Ma-  
laca, não fizesse nenhūa força nem roubo.  
E quãdo os capitães de Malaca teueffe ne-  
cessidade de remeyros ou doutra qualq̄r  
coufa lhos desse, & quãdo seus inimigos lhe  
fizesse guerra, ou se rebelasse algũa terra  
o fizesse saber ao capitã de Malaca pa o a-  
judar: & auia de ser vassallo del rey de Por-  
tugal. E disto tudo se fizerã escrituras assi-  
nadas por el rey & por dõ Esteuão, & fica-  
rão dali por diante em paz. E despoys dis-  
to mandou dõ Esteuã hū fidalgo chama-  
do Antonio de souza por capitã mór de  
cinco fustas, a hūa cidade chamada Pẽra  
quarentã legoas de Malaca pa o norte: cu-  
jo rey tinha paz cõ el rey d Portugal. E se-  
do Antonio de souza na costa deste reyno  
achou hū capitã del rey de Pẽra chamado

Tuão marra pelejado em hũa lanchara cõ dous jungos q ho tratauão mal. E conhecido Antonio de Sousa que era lhe acodio & com sua chegada fugirão os jungos. E Tuão marra lhe disse que aqles jũgos erã da cõpanhia de Tuão mafamede capitão mor do mar del rey Dugétana, com que tinha deferença por q acolhera em hũ jungo (daqles com q ho achara pelejado) certos vassallos del rey de Pera, q selhe leuatarão cõ muyta fazenda, & hũo fugidos pera Achê, cujo rey era inimigo del rey de Pera amigo del rey de Portugal. Epoys el rey dugétana ho era també, & Tuão mafamede era seu vassallo, lhe pedia q fizesse co:le que lhe entrega-se os aleuantados. E Antonio de souza lhe disse que si: & forãse ambos em busca de Tuão mafamede, q andaua hi perto: & auendo ele vista deles cuy dou que hãõ pera pelejar coele, pos se em defensam, começando logo de lhe tirar às bõbardadas. E posto q Antonio de souza nem Tuão marra lhe nã tirauão, & leuatarão bandeira de paz, ele não deua de tirar, parecendo lhe q ho querião tomar cõ engano. Pelo q foy forçado a Antonio de souza & a Tuão marra, tirarlhe també com sua artilharia: o q ele vido ou ue logo medo pelo pensamento q trazia & fugio: & porque ho seguiuão, parecêdo lhe que não podia escapar, lançou se ao mar ferido em hũa perna de hũa espingardada & assi se acolheo a terra q era perto, & lá morreo da ferida que leuaua, & o mesmo fizeram os seus, & a lanchara em que andaua ficou em poder de Antonio de souza. Tomada esta lâchara Antonio de souza foy logo pelejar cõ ho jungo dos alcuã

tados, que lhe Tuão marra mostrou; & forãõ coele tres fustas de sua conserva: os do jungo etão muytos & homẽs de feito, & leuauão muyta artilharia, & porisso se defendião valentemente, posto q os nossos pelejaũõ com muyto esforço, & lhes fazio muyto dãno. E indo Antonio de souza pera afeitar ho jũgo, desparou dele hũa bõbardada que lhe deu por hũ giolho & leuou lhe a perna em pedaços, & ele cayo ao mar, por estar em lugar pera isso, & como hũa armado foise logo ao fũdo. E morto Antonio de souza, os nossos deixará ho jungo & també por ser noite, & os q hãõ nele se forãõ na volta do mar, & os nossos fetornarãõ a Malaca com a lanchara de Tuão mafamede.

## CAPIT. CXXXII.

De como Tristão datay de madoo pedir socorro.

**E** Ntrado ho mes de Janeiro do ano de M.D. xxxvj. em q as naos auião de partir de Maluco pera a Índia, despachou Tristão dataide todos os jungos de mercadores que estauão pera partir, por q lhe leuauão ho seu cravo de graça. E nũca quis que a nao Sancti sprito que era del rey tomasse carga, dizendo q el rey não tinha cravo cõ que se carregasse, sobre o q Rodrigo rabelo feytor desta nao lhe fez hũ requerimento, dizendo q defendesse que ninguẽ cõprasse cravo ate aqã nao ser carregada, como o governador Nuno da Cunha mandaua por hũ seu aluarã, q logo lhe apresentou, em q també defedia q nã fosse de vazio pola pda q el rey receberia nisto: & q auia muito cravo q ele daua aos jungos dos mercadores por lhe leuarẽ ho seu de graça. E tristão dataide não quis,

&

& deixou ficar a nao: sobre o qua R odri go rabelo lhe fez outro requerimento, di zendo q se perderia a nao de todo se ficaf se, por auer dous annos q não fora tirada a môte, & apodreceria & se comeria do gu fano. E có tudo Tristão dataide não quis, antes ho tratou muyto mal de palavra, & lhe quis dali por diante mal. També Tri stão dataide mandou nesta moução Dio go fardinha capitão mór do mâr da for taleza, com cartas & requerimentos pera ho capitão que esteuesse em Banda, & pa ho de Malaca, & pera ho governador da Índia, em q lhes auia a fortaleza por em campada se lhe não mandassem logo so corro de gente, armas & mantimentos pa a guerra que lhe os mouros fazião, contá do quá apertada era, & a necessidade em que estava: & mādouho em hũa barçaça em que auia de tornar de Banda Ioã de ca nha pinto que hia coele. E a pos ele man dou hũ Dinis de pa yua có os mesmos re querimentos. E chegados a Banda acharã por capitão Anrique mendez de vascõe los, de q fiz menção a traz, que viftos os requerimentos & cartas de Tristão datai de, lhe mādou logo ho mais focorro que pode, assi de mantimentos, de gente dar mas & munições, & mandouho em hũ jungo, de que foy por capitão hũ fidalgo Caítelhano chamado dô Fernão de MÓ roy. Etambé hũ piloto q auia nome Luys froez cōprou hũ jungo, & cartegado de mantimentos com algũs portuguefes q acquirio, se foy em companhia de dô Fer nando, & Ioã decanha pinto.

## C A P I T. CXXXIII.

De como jos mouros quiserão queymar hũa nao dos Portuguezes & não poderão.

Vendo estes reys dasilhas de Mallico a defensam q achauão nos Portugue ses, determinarão de queimar a nao Santi sprito q estava em Talangame, de q era capitão Francisco de soufa: & ho júgo de Fernão anriquez q se estava acabando, & estava fortalecido com hũa tranqueira. E esta queima auia de ser de jangadas de ma deira sobre joangas, metida por antrela muyta rama seca, & assi breu & alcatrão: & em quanto se isto fazia cessarão suas ar madas de andar no mar, de que hũ dia de saparecerã, & tardarão bé dous mefes em tornar, o que foy grande bé pera Tristão dataide & os q coele estauão, que neste té po descansarão dos grandes trabalhos da guerra: por q nem por terra lhes dauão os inimigos rebates, & podião seguraméte yr buscar mantimentos hũa legoa da fortale za, em que não achauão nenhũs, por seré todos os çagueiros cortados, & assi pal meiras, & cas cruas, que não auia aruore né erua de que se podessẽ aproueitar, q eles por hũ cabo & os da terra polo outro tudo tinhão leuado: & da terra não lhe ficaua já outro mantiméto que podessẽ auer ma ys facilmente que ho pescado & marisco: ainda q era muyto caro, por não auer qué ho vendesse se não ho çamarao q omáda ua pescar, & vendiao muyto á sua vótade que daua hũa fardinha por cincoéta rs, & hũa cauala por seys vintés. E bem mostra ua ser immigo dos Portuguezes, que ne nhũa piedade auia deles ainda que os visse doentes, nem os socorria como fazia Ca childaroes no tempo de Antonio de bri to, que os remediauua & acodia com ho que tinha, como que fora pay de todos.

Einda que os portuguezes andauão muy et cadalizados do çamarão, por entendêrê sua roindade, dissimulauão por amor de Tristão dataide que sabia que era seu amigo: & foy a fome tamanha antre os Portuguezes, que não ficou cão nem gato, né bogio, né ratos, que não fossem comidos, & era a carestia tamanha dalgũs mâtimêtos que auia, que era coufa espátosa, porq̃ hũ alqueire darroz valia cinco cruzados, & hũ jarra de çagu vinte cinco cruzados & trinta, & não abastaua a hum so homê mais q̃ hũ mes, & ainda a não comer muito, hum porco vinte mil rs, & hũa cabra oytomil, & hũa galinha quatro cruzados & hũ ouo trinta rs, hũa jarra de vinho da terra dezafeyz cruzados, & hũa pipa de vinho de Portugal cem mil reys, & a trezêtos cruzados a escolher. Hũa panela pera fazer de comer hũ tostão & mayz. Hũa sã ya de malha, ainda que fosse roym cento & cento & cinquenta cruzados, hũa espingarda trinta, hũa lança vinte & cinco, & hũa espada ho mesmo, & hũa adarga outro tanto: & hũ punhal doze cruzados ho vestido & calçado não tñhãõ preço. E com quanto esta carestia era tamanha, & a gente fosse grandemente atormentada da fome, sentiãõ algũ descanso em se verem desapressados da guerra estes dous meses. Se não quando hum dia subitamête em amanhecendo aparecem ao mar de Talagame bê trezentas velas dos inimigos que cobrião ho mar, & foy muy medonha coufa de ver pera os Portuguezes. E por terra appareço també muyta gêtede guerra: & era a causa, porq̃ em quãto as já gadas de madeira que vinhãõ coesta frota

queimassem a nao & outros nauios, acoderia a gente por terra a dar na traqueira, & queimalahia cõ o jũgo q̃ estaua em terra: & isto auia de ser em decendo a març. Vendo Frãçisco de souza este aparato deu lhe na vontade ho pera q̃ podia ser: & cõ mo era muito e forçado não se torrou, antes teue muy bõ côselho pera atalhar aos mouros q̃ lhe não queimassem a nao, cercando a cõ muytas vigas deitadas nagoa, & bê amarradas q̃ estuessem q̃das, pera que as jangadas de fogo não podese chegar á nao: & nisto galtou aqle dia: q̃ tabê os mouros gastarão em chegarê a Talagame, onde Frãçisco de souza os recebeo cõ muytas bõbardadas que a nao & o jũgo tirauão muy a miude, & afsi os outros nauios, com q̃ lhe não poderão chegarê a gente da terra bêlia consigo: esperãdo q̃ os do mar fizese obra, & como foy noy te mandou Frãçisco de souza hũ homê por terra dizer a Tristão dataide como fi caua, q̃ lhe acodisse: & por ele respondeo q̃ logo hia. E auido conselho, mandou da melhor gente da fortaleza nesses nauios que tinha, de q̃ foy por capitão mór hũ fidalgo homê didade q̃ auia nome Esteuã de chaues, & forã os capitães Antonio pereira, Jorge dataide, Antonio de teiue, Luys de braga, Jorge de britto, Ioã figueira, Balfesar velloso, Balfesar vogado, Jorge gotterez, & outros q̃ partirã cõ o nauio bê artilhado: & em chegada a tiro de berço da frota dos mouros poe a proa neles desparado seus tiros, a q̃ eles respõderã cõ os seus, que como não erãõ tam furiosos: nã lhe fazião tanto dano como recebião, & por isso lhes derãõ lugar que entrassem.

Even

E vêdoos Frâncisco de souza vir saltou cõ outros nestes paraos q̃tinhão, & jutos cõ os que vinhão em socorro remetê as jangadas que estauão em seco cõ ho peso da madeira, & poserãlhes ho fogo cõ panelas de poluora, & apearãdos mouros do mar & da terra que as querião defender atderam todas, & sóbrilto forão feridos al gũs de hũa parte & da outra. E como os mouros uirão arder as jangadas, & que não tinhão remedio, afastarãse aslì os da terra como os do mar, & forãse dãdolhe os Portugueses grandes apupadas, & Este tião de chaues se tornou pera a fortaleza, onde derão muitas graças ao sso senhor por tamanha vitoria.

## CAPIT. CXXX.

De como Tristão datayde tornou cometer paz aos mouros & não querião.

**P**arecendo a Tristão dataide, q̃ coesta vitoria ficariam os imigos mais brãdos, quis ver se querião paz, o q̃ mãdou cometer polo çamarao, & eles respõderão como dâtes, & dizia se que por conselho do mesmo çamarao, que lhe descobria ho aperto de fome em q̃ os Portugueses estauão. E por dar a entender que salua nas pazes salua alto na lingua Malaya, porq̃ auia algũs que a entendião: & ho seu filho mais velho q̃ andaua cõ os mouros como ho via fazia que pelejava coele, & dizialhe na lingua Malaya porque não se passava pera os mouros, & estaua com os perros dos Portugueses, & ele lhe respondia cõ grande furia que melhor estaria ele & seus amigos com os Portugueses, de q̃tinhão mais necessidade que dos mouros, & antrito lhe dizia por hũa lingogem q̃ ha

na terra, que he como ho latim antre nós (que nenhũ portuguez entedia) as necessidades em que eles estauão, & que não cessassem da guerra, q̃ muy a smlha os tomãrião cõ fome, & por desmulação vinhão nesta pratica a pelejar, & ho filho mostrava ao pay os cotouelos & as solas dos pés, que he como ante nos ho mostrar das figas, que he ho mayor desprezo & injuria que hũa pessoa pode fazer a outra. E sabendo Tristão datayde como os mouros não q̃rião paz, tornou a prosseguir a guerra ho mais brauamente que pode, aslì por mar correndo a ilha ao derreder, como pòr terra indo sobre algũs lugares queto mauiã: & aos mouros que catuava deles mandaua allãr: & fazia os portugueses q̃ os comião, pera se manterem coeles, & outros mandaua aos mouros cõ as mãos cortadas, & orelhas, & narizes, pera que os espãtãse quando soubessem que os allãuão, mãdãdolhes dizer q̃ aslì auia de fazer a todos. E mandãdo hũ dia aslì hũ destes, por não yr daquela maneira onde os seus naturaysho vissem, determinou de se matar, & por não ter com q̃ se deitou na goãde que bebeo tanta que se afogou, do que os portugueses ficãrão espantados. E chegando neste tpo ho socorro que hia de Bãda, como disse atras, pera Tristão datayde fazer mais guerra aos mouros, tomou lhe os dous melhores portos que tnhão, que erão ho de Toloco, & ho de Tabãga, & no de Toloco mandou poer hũa bareca, de que era capitão ho dẽca-tinha pinto, com trinta homẽs, & hũa carãtela com outros tantos no de Tabãga. E estes nauios estauão ali como foralezas:

& em aparecendo os mouros por mar, ou por terra, tirauanlhe com a artilharia, & a fora isso estauão os nauios de remo reparados nestes dous portos, & dali corrião a costa da ilha, & fazião quanto dano podião. E por q̄ os capitães não podião dar de comer muyto tépo aos soldados q̄ andauão coeles, reuezaua Tristão dataide as capitania a qué podia dar de comer, & desta maneira sostinha a guerra: de q̄ també os mouros da ilha estauão muyto apressados por estaré engerrados. E ainda q̄ as armadas de seus inimigos que andauão pelo mar erã muytas não podião defender aos Portugueses que lhes nã fizessẽ guerra nem podião aferrar coelas, por amor das cangalhas das suas joangas & corascoras que deitauão muyto pera fora como postigas de galé, & may s erã tam fracas, que auia medo q̄ qualquer tiro que lhes desse as fizesse em pedaços, que se isso não fora, não deixarão da ferrar cõ os Portugueses como despoys fizeram.

## CAPIT. CXXXVI.

De como Tristão dataide destruiu a cidade do Toloco.

Prosseguindo assi Tristão dataide a guerra cõtra os mouros, determinou de tomar a cidade de Toloco, cuja pouoação mudará pera cima da terra onde estauão muyto fortes: & auida por Tristão dataide hũa guia que o leuasse a esta cidade, ordenou de a tomar, & que Francisco de Sousa fosse com cincoenta homẽs escolhidos pela bãda da terra, por onde ho leuaua ho guia, & ele cometeria da parte do mar, por q̄ os mouros acodissẽ ali, & deixassẽ despejada a parte da terra, & assi

se fez, que em rompendo ho dia, se mostrou Tristão dataide da banda do mar cõ sua gente, tocando suas trombetas, & desparando sua espingardaria, a que os mouros acodirão logo, deixãdo cair da rocha muytas & grandes galgas & vigas, & tirando espingardadas, & muytos arremessos com que ferirão algũs dos Portugueses: & nisto chegou Francisco de Sousa pela banda da terra & deulhe nas costas: o q̄ lhe fez tamanho medo que fugirão pera ho mato: & os Portugueses entrarão a cidade, & saqueada dos mantimentos foy queimada & destruyda, do q̄ os mouros da ilha ficarão muyto quebrados, porque vendo tam asinha destruida aq̄la força q̄ era tam forte, pareceolhes q̄ era por demays defenderẽe aos Portugueses, a q̄ vião quedauão de comer nos mantimentos q̄ lhes eles tomauão, pelo q̄ mandarã dizer a el rey Cachil dayalo que estaua em Tidore, que lhes desse licença pera despotouarem de todo a ilha de Ternate, dãdolhe as causas que auia pera isso. E como ele nã desejava outra cousa, patecẽdolhe q̄ com isso danescoua muyto os Portugueses, respondeo que si: com ho parecer del rey de Tidore & dos outros reys. E porque a ilha não se podia assi despejar, por amor da nossa armada, consultarão ho modo q̄ terião pera adespajarem a seu saluo: & em quanto tomauão este conselho, não andauão suas armadas no mar, tam continuas como costumauão: o que vendo Tristão dataide determinou de mandar saltar ho reyno de Geylolo, de que lhe pareceo q̄ el rey estaria muy descuydado, por lhe parecer que em tal tempo não oufaria Tri-

stão dataide demandar lá sua armada que logo mādou, & por capitão mór Antonio pereira capitão mór do mar, & coele os outros capitães nomeados a tras, & assi o çamarão. E chegādo antemuihā a Geilolo, sayrão em terra & queymarão hũa mezquita que estaua junto da praya: & a codido os Geylolos, os Portugueses se embarcarão logo sem afronta: mas em outro lugar pequeno que quiserão cometer mayadiante, a receberam assaz, q̄ como a terra estaua apelidada sayra logo os mouros a recebelos a praya, & fezerānos ebarcar em q̄ lhes peiz, & matarālhe hũ homẽ: & coisso feito setornarão pa casa, ficando os mouros muyto soberbos, por resistir daquelle maneira aos Portugueses: a que de todo perderão ho medo.

## CAPIT. CXXXVI.

De como foy morto polos mouros Baltesar vogado.

**H**O conselho que estes reys ouuerão pera se despejar a ilha a saluo da sua gente, foy q̄ come: essem paz a Tristão dataide, pera q̄ mandasse despejar os portos que tinha peçados, & irẽ ali suas armadas de noyte tomar a gente, & passāla a Geylolo pera onde auia dir, por não caber em Tidore. E sabido pelos Ternates este ardil, auida fala do çamarão, mādará dizer por elle a Tristão dataide, que erão contentes de fazerẽ paz coele: & de torna rã pouoar a cidade de Ternate: porẽ que pera se isto fazer, era necessario ajutarẽse todos os q̄ andauão espalhados pola ilha principalmente molheres & meninos, q̄ todos auão de dar seu parecer. E que não se podião ajutar cõ medo dos nauios que

estauão naq̄les dous portos, q̄ os mandasse dali tirar, & recolher sua armada, & q̄ se juntarião. Do que Tristão dataide foy contẽte, porq̄ alẽ dedesejar a paz, sabia q̄ auia muyto crauo que desejava de cõprar. E despejados os portos, vinha de noite a armada de Geylolo, & leuaua os mouros poucos & poucos. E ja q̄ erão quasi todos idos q̄ não ficaua senão Poyo filho do çamarão cõ algũs de sua valia, que determinaua de ficar com os Portugueses pera dissimulação, mandou dizer a Tristão dataide que ja tinha assentado com os mouros desfazerẽ a paz, que auiao por feyta, q̄ mādasse algũs capitães q̄ lhe dessem goarda pa se irẽ pera a cidade de Ternate. & Tristão dataide mandou a isso Francisco de souza, & Baltesar vogado em dous bargãtins, que indo pera isso, em dobrando hũa ponta, virão a armada del rey de Geylolo que os estaua esperādo por auiso de Poyo que estaua em Tabāga. E os mouros vendo os dous bargãtins forãse dereitos a eles desparando sua artelharia & espingardaria, & muytos arremessos, & ho mesmo fez Baltesar vogado, que era muyto valẽte caualheiro, que hia diante de Frãscico de souza. E logo neste primeiro encontro oue algũs feridos de hũa parte & doutra. Porẽ como os mouros hiã determinados dabolroar cõ os Portugueses, sem medo da sua artelharia, em acabando a primeira curriada, a ferrou com Baltesar vogado hũa poderosa joanga, em q̄ irião bẽ duzẽtos mouros todos gente luzida & de feito que saltando logo no bargantim, matará a Baltesar vogado & quantos hião coele pelejando ele & eles primeyro cõ muyto

efforço, & vingado muy bé suas mortes com muytos mouros que matarão. E vé do Francisco de souza tan os mouros, & que seu socorro a Balfesar vogado não a proueitaria de mais que de ho tomarem, tornou se com a mayor pressa q pode a Talangame, onde ficaua Tristão dataide, q sabédo como Balfesar vogado ficaua, & a grossa armada dos mouros, viu q não a proueitaua socorrer lhe, por q ja auia d ser morto: & entretanto q lá fosse segundo os mouros auia de ficar soberbos jrião dar na fortaleza, & queimarião a pouoação dos Portugueses, pelo q separtio logo para a fortaleza, & deixou Francisco de souza em Talangame.

## CAPIT. CXXXVII.

Do mays que os mouros fizerão despoys de tomarem ho bargantim.

**D**A morte de Balfesar vogado & dos outros Portugueses, & da tomada do bargantim, ficarão os mouros de Geilolo soberbillimos, & có presunção dos mais efforçados daquella terra, & doutras muytas, poys oufarão de ser os primeiros que aboltoassem nauios de Portugueses, & ho tomassẽm có morte do capitão, & leuarão ho bargantim a el rey de Geilolo com as cabeças dos mortos, que fez aos capitães grãdes merces, do q os mouros de Tidore ouuerão tamanha enueja quando ho souberão, que jurarão de tomar a primeira vela que saisse da fortaleza, donde Tristão dataide não oufaua de sair, por lhe não acótecer outro desastre: pelo q Poyo filho do çamarao q estava em Tabãga, & os da sua valia não forão pera a fortaleza. Sabédo os mouros que Tristão dataide

não oufaua de sayr dela, sayão nela esses que andauão por mar, principalmente os de Geilolo, & punháse em ciladas pera os que saissẽm da fortaleza, ou dos nauios q estauão em Talangame, de q acertou de sayr hũ dia Fernão anriquez, a buscar hũ pao pera hũ leme, com sua gente, & com a de Francisco de souza: & sayraulhe de hũ cilada os mouros, que como erã muytos matarão logo obra de dez Portugueses, & mays de quorenta escrauos, & não escapara nenhũ se a trãqueira não fora tá perto, onde se os Portugueses acolherão. Quando Tristão dataide ho soube, determinou de se auenturar a jr lá a ver como aquilo fora, & també pera leuar çagu pa a fortaleza de hũs jungos que hi chegarão Damboyno, & foy em hũa fusta muyto bé artilhada, & acompanhado de cincoẽta Portugueses todos escolhidos. E indo perto de Talangame sayolhe hũa armada del rey de Tidore, que os seguiu de maneyra que chegaua a ele a tiro de berço. E ele lhe mandou tirar com sua artilharia, q logo Francisco de souza ouuiu, & sospetando o que era sabio logo em terra, com amaysda géte dos nauios, & foy se ao lógo do mar pera a judar a Tristão dataide, que neste tempo acertou de meter hũ pelouro na capitayna dos mouros, em que fez hum buraco que se hia ao fundo, pelo que lhe foy necessario socorrer enlhe os outros nauios, & com isto se deteuerão que Tristão dataide se meteo debaxo da somba da artilharia das naos. O que visto pelos mouros, & que lhe não podião fazer nenhũ nojo, porestarẽ onde estauão, tornarãse pera Tidore com algũs feridos &





yão na diãteyra se deteuerá, & deyrará  
passar algũs dos trafeiros: q̄ forã Ioão ju  
farte tição, Manuel de valcôcelos, Lisu  
arte dâdrade, Frâcisco de gouuea, Pero  
da cunha, Galuã viegas, & decendo da  
serra começará os nostros piães de rôper  
cô os inimigos, q̄ como estauã encubertos  
no palmar, nã queriã sayr dele, & tirauã  
dali muy rijo: & nisto faê do palmar tres  
mouros hũ espingardeiro, outro frechei  
ro, & outro descudo & lâça, q̄ nesta ordê  
pelejuã, & remeterã a hũ Ioão roiz (dal  
cunha ho taful) q̄ se desmãdou cõ fiado  
nalige yreza do caualo, & matarãno: o  
q̄ vendo Lisuarte dâdrade, Frâcisco de  
gouuea, & Pero da cunha, q̄ começauã  
de chegar, quiserã lhe acodir, mas ja ho  
acharã morto: E Lisuarte dâdrade q̄ ya  
diante, cõ quãto nã passãua de dezoyto  
annos, remeteo aos tres mouros & ferio  
hũ a mão tente cõ a lâça pola cabeça cõ  
tãta força, q̄ lhe sayo o ferro por debaixo  
da barba, & o mouro com o aperto da  
mortelãçou as mãos na lâça tã fortemẽ  
te q̄ a leuou cõsigo ao chão, & Lisuarte  
dâdrade porq̄ lhe nã ficasse de ceceo, &  
tomãdo a tornou a caualgar cõ muyto  
perigo, porq̄ acodiã sobre os inimigos:  
& se nã forã Francisco de gouuea, Pero  
da cunha, & hũ Fernã roiz q̄ se poserão  
diante, tratarãno mal: & neste tpo deu  
dõ Ioã nos inimigos pola outra banda dõ  
palmar, cõ tamanho impeto, q̄ logo se  
desbaratarã & fugirão, principalmente  
porq̄ sintirão fugir Ianabeque q̄ estãua  
da outra banda, que dizem q̄ se vio tam  
apressãdo de Francisco de gouuea. Pero  
da cunha, & Lisuarte dâdrade, q̄ o seguiã

sem o conhecer q̄ se deceo, & meteose ê  
hũa casa donde se saluou, cõ a reuolta q̄  
era grãde dos inimigos q̄ fugiã & dos Por  
tugueses q̄ os seguiu, & foram apofeles  
hũa legoa, em q̄ matarã & catiuarã deles  
bê duzêtos, & dos Portugueses nã mor  
reo mais q̄ Ioã roiz, & forã feridos Pero  
da cunha, & outros algũs: & por ser ja  
no yte dõ Ioã se recolheo a hũ pagode é  
q̄ se fez forte. Eao outro dia mãdou del  
cobrir a terra, pera q̄ se ouuesse inimigos,  
fosse pelejar cõ eles, mas ja nã pareciam  
nhũs q̄ todos se acolherão, & Ianabeq̄  
se tornou pa Açadacão muyto triste. E  
vêdo dom Ioam q̄ ficaua a terra segu  
ra tornou se pera Goa.

## CAPIT. CXXXIX.

Decomo Antonio da silueira pelejou cõ Carnabeq̄  
capitão Daçadacão em Bardês, & o desbaratou.

**A** Vêdose Açadacão por muy injuri  
ado de seus capitães serẽ vécidos  
tãtas vezes, nã disistio da guerra: & jun  
tos q̄tro mil & duzêtos homes de peêf  
pingardeiros, frecheiros, & adargados,  
& oyto cêtos de caualo: f:z capitã deles  
a hũ valere Turco chamado Carnabeq̄  
q̄ auia pouco q̄ chegara, a q̄ cõtou quan  
tas vezes os seus capitães forã vécidos,  
rogãdolhe muyto que trabalhasse por  
auer vitoria dos Portugueses, & cõ isto o  
mãdou a terra de Bardês: & começãdo  
de recolher as rêdas, foy o governador  
disso auisado, & mãdou a Antonio da sil  
ueira q̄ se fizesse prestes pa yr pelejar cõ  
os inimigos, & lançalos fora da terra. E  
porq̄ determinou ã mãdar cõ ele a ma  
is gête de caualo q̄ podesse: mãdou pre  
goar q̄ todo homẽ que quisesse yr a ca  
ualo, se o nã teuisse, fosse por essas estre

barias de mouros & de christãos, & to-  
 massé caualo, & andaua o meymho  
 fazelos dar, & cõ tudo por nã auer selas,  
 nã ouue mais de ceto & oyteta de cau-  
 los Arabios, em que entrarã estes fidal-  
 gos, a fora outros q̃ nã soube: Ioã de mē-  
 doça, Frãcisco de mēdoça, Ioã jufarte ti-  
 ção, Antonio de lemos, Manuel de ma-  
 cedo, Frãcisco de gouuea, Lisuarte dã-  
 drade, Pero da cunha, Ianemēdez d̃ma-  
 cedo, Manuel de vascócelos casado, Frã-  
 cisco da silua Dalcobaça, dō Ioã lobo,  
 Ruy diaz pereyra, Diogo botelho dã-  
 drade, Christouão de souza d̃ Lamego,  
 Pero roiz portas, Manuel Dazãbuja,  
 Antonio cabral de Sataré, Iorge de me-  
 lo pinho, Aluaro d̃ mēdoça, Luys cou-  
 tinho, Pero barriga, Frãcisco pacheco,  
 Diogo pereira, os outros erã casados &  
 cidadãos de Goa, & deles mesmos yão  
 mais cento & trinta de rocãs da terra, q̃  
 fazia numero de duzētos & oyteta de  
 caualo & quinhētos de pé todos Portu-  
 gueses & os m̃is espingardeiros: & foy  
 por seu capitã Ruy diaz pereira, & ou-  
 tros tãtos da terra, de q̃ foy capitã Cris-  
 na, & passará em Pãgi em hũ dos dias  
 de Setembro, estãdo hã ho governador, q̃  
 fazia muita hõrra a todos os q̃ passauã,  
 & por isso passou tãta gēte, & tãboa. E  
 passados d̃ bãda dalé, começará de ca-  
 minhar pera onde estaua çarnabeque q̃  
 era d̃ lã duas legoas, e hũ vale átre du-  
 as serras de grãde aruoredado, q̃ chegaua  
 ate as rayzes das serras, & a entrada for-  
 tale. Hã de muytas couas cubertas de  
 torções cõ herua, porq̃ nã se parecēsẽ,  
 & ficaua hã caminho dobra de doze

palmos cuberto daq̃le aruoredado, antre  
 as raizes das serras, & hũa varzia q̃ se fa-  
 zia ao longo delas, q̃ era terra alagadiça,  
 por ser semeada darroz, & nã se podia  
 andar por ela, & cõ isto estaua aq̃le lu-  
 gar muito forte, & çarnabeq̃ muito cõ-  
 tiado q̃ auia de desbaratar os Portugue-  
 ses se ho cometēsẽ: & pera os cõuidar a  
 isso, tanto q̃ os vio, q̃ seria às duas horas  
 despois de meo dia, mādou a hũ seu ca-  
 pitã q̃ cõ obra de duzentos de pé saylẽ  
 fora da boca do vale, & se mostrassẽ aos  
 Portugueses, & tãto q̃ os cometēsẽ, se  
 retirassẽ pera dētro, onde ele ficaua e ci-  
 lada cõ os de caualo, & algũs dos de pé  
 polas fraldas das serras q̃ os visẽ os Por-  
 tugueses, & q̃ nã cuydã s̃e que erã mais  
 pera os cometerẽ. Antonio da silueyra  
 como vio os q̃ sayrã à boca do vale, &  
 vio os outros q̃ parecã polas fraldas das  
 serras, logo lhe pareceo q̃ era cilada, por  
 saber q̃ antre os ãmigos auia muytos d̃  
 caualo, & como lhe ilto pareceo, man-  
 dou a Ruy diaz pereyra q̃ cõ os Portu-  
 gueses de pé, porq̃ erã todos espingardi-  
 ros, fosse dar nos ãmigos, & assi mādou  
 a Galuão viegas q̃ f̃lle cõ cincoēta de  
 caualo em fauor dos de pé & estes forã  
 nomeados por ele, q̃ nã quis q̃ fosse se-  
 nã homẽs de feito, & Lisuarte dãdrade  
 lhe pedio q̃ o metesse naq̃le cõto, & ele  
 nã quis por ser mãcebo, & temer de se  
 desmãdar, & todaua Lisuarte dãdrade  
 se furtou & foy cõ os cincoēta: & quã-  
 do Antonio da silueira ho vio yr nã ho  
 quis mandar tornar, & disse q̃ aq̃les nã  
 se podia estoruar & q̃ Deos os guarda-  
 ua. Os ãmigos como os Portugueses fo-

rá de lesa tiro de spingarda, q' lhes come-  
 çará de tirar cõ ellas, começará de se reti-  
 rar pera onde estaua Carnabeq' na cila-  
 da, & a este retirar começou de correr  
 Galuã viegas cõ os q' yã cõ ele, & indo  
 assi corredo, cayrã bẽ quinze nas couas  
 q' est' uã cubertas, & o primeiro foy An-  
 tonio d' lemos, & os outros passará auã-  
 te, & quãto mais se chegauã ao boquei-  
 rã das ferras, tãto mais chouiã sobreles  
 espigardadas & frechadas, & valcolhes  
 yre por debaixo dũ aruoredo de tamar-  
 rindos muyto balto, em cuja rama q'-  
 braua a furia da mayor parte delas, &  
 assi yre pola bãda esq' rã dõ de leuauão  
 as adargas com q' se comparauã, q' dou-  
 tra maucytra os mais ouuerã de morrer,  
 porq' ouue adarga em q' se acharã des-  
 pois pregadas seiseta frechas, & nẽ por  
 isso os nossos nã deixará de passar auãte,  
 ate dar cõ a cilada q' estaua detras do lú-  
 gar, & por ser a terra apertada tinha car-  
 nabeq' os de caualo em sie yras, & a gẽte  
 de pé pelas fraldas das ferras, & ele diã-  
 te dos d' caualo, encima dũ poderoso ca-  
 ualo, & ele homẽ grande & mẽbrudo,  
 armado de hũ lau del de laminas, & na  
 cabeça hũã fora, & hũ terçado vazado  
 ate a pãta, & cheo dazougue, & cõ esta  
 ajuda, & cõ a grãdissima força q' tinha,  
 di ziaõ q' fendia dũ golpe hũã bufara po-  
 lo meo. E em os nãos começãdo den-  
 trar por antre as cascas, começã os imi-  
 gos de desparrar muytas bõbas de fogo,  
 com q' matará algũs, & o primeyro foy  
 Frãscisco da silua Dalcobaga, mas cõ tu-  
 do isto os nossos entrãrã por antre as cas-  
 cas, & chegarã aos inimigos de caualo cõ

muyto esforço, & cõ eles começãrã de  
 pelejar, mas nã teuerã os de pé q' osaju-  
 dassem cõ as espingardas, porq' ficaram  
 muyto atras q' nã poderão ter coeles. E  
 como os imigos virão quãto poucos os  
 nossos erã, remeterã a eles cõ grãde im-  
 peto, principalmete carnabeq', & o pri-  
 meiro q' ferio foy Gaspar preto, & alcã-  
 çouho por hũ hõbro & descolho tã-  
 to, sem lhe a pucitarẽ as armas, q' lhe viã  
 latejar os bofes, & a Migelfroes deu ou-  
 tro por cima do capacete, q' logo deu  
 coele no chãõ, & juraua depois q' dali a  
 q' tro dias lhe nã ficara a vista perfeita, &  
 outro deu a hũ q' fora porteiro de Lopo  
 vaz de saopayo, q' lhe cortou de hũã o-  
 relha ate o olho da outra parte q' lhe fi-  
 cou a cabeça e bicada & cayõ logo mor-  
 to, & tirou outro a Diogo botelho dan-  
 dradẽ, & errãdo ho, tomou lhe o caualo  
 por cima das ancas nã cubertas da sela,  
 & fendcho quasi ate baixo, & em cain-  
 do foy Diogo botelho fãmo por Cristo  
 uãõ de soufa, & por Lisuarte dãdradẽ, q'  
 lhe derã hũ caualo dos q' andauã soltos,  
 o q' fizera cõ grãde perigo, por carrega-  
 rẽ sobreles muytos mouros, q' estauam  
 muyto fauorecidos cõ o esforço do seu  
 capitã: E cõ os nossos ferẽ tã poucos os  
 tratauãõ muyto mal cõ os feritẽs, & assi  
 aos caualos q' todos forãõ feridos, & al-  
 gũs mortos, & tabẽ os q' yãõ ncles o ou-  
 uerã de ser sem ficãr nhũ se nã fora Pero  
 barriga, q' como sãbia bẽ da guerra, &  
 viu o perigo dos Portugueses, pa os fa-  
 zer recolher disse alto: Nã he tpo, ao cã-  
 po, ao cãpo, & dizẽdo isto se começõ  
 de recolher, & outros q' o ouuerãõ co-

N iij meçará

meçará de fugir a qué mais podia, sem atentaré por algũs q̄ estauam cercados de mouros em aperto grandissimo, & hũ destes foy Ioão iufarte tição, q̄ despois de chamar outros q̄ lhe acodisê, & nam quiseram, ou ho não ouuiram, chamou duas vezes por Lisuarte dandrade q̄ ya na derradeyra, & detédose ele por ver qué ho chamaua, arráca dātre os ímigos çarnabeq̄ cō outros q̄tro de caualo, & apos ele outros muytos, pelo q̄ a Lisuarte dádrade lhe cōueo acollerse indo ferido dũ dos ímigos, a quematou o caualo, & quis nōsso Señor q̄ começando estes de se desbaratar, chegou Antonio da silueira cō o resto dos nōsso, indo diate de todos, antre Ruy varela & Pero da cunha, & nas costas Fráncisco de goueua & Fráncisco pacheco q̄ yadizêdo a brados: Sñores, olhai polo vōsso capitã? E eles yã tão apertados dos mouros q̄ nã podiã fazer menos, & se Antonio da silueira nã chegara, nã escapara nhũ segũdo os mouros feria nelles, principalmete çarnabeq̄, q̄ vêdo ho focorro q̄ sobreuinha aos q̄ fugiã, porq̄ nã cuydãse os nōsso q̄ lhesauia medo, se meteo por antrelestã rijo como hũco risco, & topãdo cō Antonio da silueira, lhe deu hũ golpe sobre hũ hōbro, q̄ se as armas nã forã tã boas lho cortara, mas atormentou lho de tal maneyra, q̄ depois lhe foy necessário trazer ali hũ emprasto muytos dias, & em ele dando este golpe, Ruy varela & Pero da cunha q̄ ficarã hũ pouco atras Dãtonio da silueyra, lhe puserã as lanças nos peitos pa o derribarẽ mas não poderã, & por isso

deixãdo as lâças pegarão nele, & ajudãdoos Fráncisco de goueua & Lisuarte dádrade, deram coele do caualo abayxo sem se poder valer, & ele derribado foy logo tão pisado dos pés dos caualos que nã se pode mais leuantar & ali foy morto: E em cayndo acodirão dos seus hũs dezoyto Turcos todos capitães Daçadacão, & forão sobre Antonio da silueira & sobre os outros que estauão coele, & começará de pelejar muy brauamente, porein como çarnabeque era ja derribado, & os seus ho nã vião, & os nōsso espingardeiros começãsem de varezar com as espingardas, começã os ímigos de se desbaratar & fugir, alsĩ os do vale como os das fraldas das ferras, & acabarão de se desbaratar de todo cō a morte dos dezoyto capitães Turcos, que pelejarão com tanto esforço & valentia, que depois de hũ ser derribado do caualo, remeteo a hũ Diogo pereira que estaua a caualo pera lho tomar, & com tanta força lhe puxou por hũa perna, que lhe rasgou hũa bota. E desbaratados de todo os ímigos, que começaram de fugir, seguirão os nōsso a poseles até hũ escãpado que foy muyto pouco espaço, & Antonio da silueira não quis que passassem dali, recandando que ouesse outra cilada, por ver yr os ímigos de caualo muyto de vagar pola serra acima por caminhos que tñhão feitos, & este vagar segũdo se depois soube, era por amor de recolherẽ os de pé. E mandando Antonio da silueira a deter os nōsso, chegou Crisnã, & requereolle da parte de Deos & delrey que

que o seguisse & fosse apos os inimigos q̄ yáo muyto desbaratados & que os matariao todos, & se não q̄ lhe desle licença pera os seguir cõ os seus piaçes, porq̄ eles abastariao pera matar todos os inimigos, como fizera quando passara com dom Ioã pereyra a Salfete, que fizera afogar tres mil almas, & Antonio da silueyra não quis polo receyo da cilada, contentandose cõ desbaratar os inimigos, de q̄ forão mortos çarnabeq̄ & os dezoyto capitães, & q̄troçetos outros, & muytos feridos, & so a morte de çarnabeq̄ bastara pera esta ser hũa muyto grande yctoria como foy, de q̄ Açadacão ficou tão quebrado, que nũca mais oufou de mandar nhũa gente que pelejasse em campo com os Portugueles, de q̄ morrerão nesta batalha, Francisco da silua Dalcobaça, Manuel dazambuja, o que foy porteiro de Lopo vaz de saopayo, Pero rodriguez porras, & outros tres, & forã feridos, Ioã de medoça, Alvaro de medoça, Ioã jufarte tiçã, Lisuarte dadrade, Gaspar preto, Antonio da rabo reda, o moço, & outros algũs: & durou esta batalha dez onze oras até as tres.

## CAPIT. CXXX.

De como Antonio da silueyra fez hũa tranqueyra em Bardes.

**R**ecolhidos os Portugueles, mādou Antonio da silueira ver hũ esteyro q̄ ya ter ali perto, a ver se estauão hi hũs bateis, q̄ lhe o governador dissera q̄ auia ali de mādar cõ gēte q̄ esteuẽsse na q̄le esteyro, porq̄ auia os inimigos de passar por ele & os atalhasse, & Antonio da silueyra mādaua buscar estes bateis, pa leuar neles os feridos & mortos, mas

nã se acharã, pelo q̄ os sãos os ouuerã de leuar as costas nos escudos dos Canariã ate onde desembarcarão, q̄ era legoa & meia, no q̄ leuarã o trabalho imenso, por fazer muyto grãde calma & nã terẽ ainda comido. E indo asy todos muyto cãfados, chegou Ioã de payua feitor da armada do governador, q̄ da sua parte ya visitar Antonio da silueira & saber como lhe ya, porq̄ quando os Portugueles comecarã de fugir da batalha q̄ Antonio da silueira socorreo, tres casados de Goa (a q̄ nã soubeos nomes) fugirã tão bê, & hũ foy dizer ao governador q̄ Antonio da silueyra fora desbaratado, & mortos muytos dos q̄ yã coele, nomeãdohos por seus nomes. E estãdo a governador muyto triste, soube a verdade por hũ pião de Crisna q̄ lhe mādou cõ a nooua, & por isso o governador o mādou visitar, & mais mādaua lhe fazer hũa tranqueyra onde staua o nosso Tanadar da q̄la comarca, em q̄ deixaria quorẽta espingardeiros pa q̄ ficasse seguro, & mādaua rogar aos fidalgos q̄ estauã cõ Antonio da silueira q̄ o ajudasse a fazer a tranqueyra. E por a gente yr muyto cãfada & morta cõ fome, se foy Antonio da silueira onde ya pa hi descãçar, & a q̄la noite foy hũa braua & espãtofa tormẽta de vento, toruões, & chuua: & como os nossos estauã no cãpo, õde nã auia nhũ abrigo de tẽdas nẽ casafas, desgrudãrãse as adargas cõ a agoa, & os caualos se ouueram da foga, & muytos por ser ho tpo tam forte se passarão secretamente a Pangã cõ quanto hie staua o governador, que todavia mandou a Antonio da silueira

que

que fosse fazer a tranqueyra, & ele foy nam leuando mais de duzentos Portugueses, em que entravam trinta & seys de cavallo, & fez a tranqira muyto forte de duas faces & entulhada, cō seus baluarres forrados de tauoado pela bāda de dētro, & foy feita é o yto dias, cō muyto trabalho dos fidalgos. E sabēdo ho Governador q̄ a tranqira era acabada, mādou a Antonio da silueira q̄ correse a terra ate onde fora a batalha, porq̄ auia noua q̄ tornaram ali os inimigos & q̄ estauā hi, o q̄ deu grande opressão aos Portugueses, por serē tā poucos como erā: E logo se partio Antonio da silueira cō sua gēte, indo diāte Galuā viegas de descobrindo a terra, & cō ele Galaz viegas, Baltesar de villegas, & Lisuarte dadrade, q̄ yā sempre diāte do corpo da gēte hū terço d' legoa, & por isso chegarā lōsonde fora a batalha, em q̄ não acharā inimigos nē rasto deles, & sabēdo ho Antonio da silueira se tornou, deyxado a terra pacifica, & se passou a Pāgã onde ho governador ho esperaua, & dali se foram pera Goa.

## CAPIT. CXXXI.

Decomo foy preso Garcia de Sā, & Antonio da silueira foy acabar de fazer a fortaleza de Baçaim.

**N**Este anno de mil & quinhentos & trinta & seys, partio pera India por capitão mór da armada da carga hū fidalgo chamado Iorge cabral, (de que se fez menção no liuro Septimo) & os outros capitães foram Francisco barreto, Ambrosio do rego, Gaspar dazeuedo, & Vicente gil, a que nã soube o que aconteceu, nem em que tempo chegaram á India. E porque el Rey

de Portugal mandaua prender a Garcia de Sā (que estaua por capitã em Baçaim fazendo a fortaleza) & socrestar-lhe sua fazenda, por capitulos que seus inimigos deram dele, mandou ho governador Antonio da silueira, q̄ fosse acabar de fazer a fortaleza de Baçaim, & assi a Ioão de mendoça, & q̄ Garcia de Sā se fosse pera Goa, & eles forã com gente quelhes o governador deu pera isso. E chegado Antonio da silueira a Baçaim, mandou Garcia de Sā pera Goa, & ele ficou acabando a fortaleza cō Ioão de mendoça, no q̄ gastarã tres mezes.

## CAPIT. CXXXII.

Decomo Marti afonso de souza foy socorrer a el rey de Cochī, & do que fez no caminho.

**D**Vrando a perfia del rey de Calicut se querer coroar em Repelī, & defendēdo lho os nossos, por nã ficar superior dos reys do Malabar amigos del rey de Portugal, soube ho governador, & por isso mādou logo Marti afonso a Cochī cō a sua armada, em que leuaria quatrocentos homēs, & os capitães q̄ leuou, afora ele q̄ yā em hūa carauela fora, Vasco pirez de sampayo, Fernã de souza d' tauora, Manuel d' souza de Sepulueda, dō Diogo dalmeyda, Marti correa, Frãscisco de Barros depaytia, Iorge barroso dalmeyda, Francisco pereira, Gaspar de lemos, Iorge de figueiredo, Diogo de reynoso, Antonio de soute mayor, Francisco de Sā, Ioão de souza de matos, dō Pedro de menses, & estes em galeotas & fistas, afora outros q̄ yāo em catures. E sabēdo Marti afonso q̄ em Colemute se fazia semp grãde armada cōtra os nossos, determi

noude ho destruyr: & dando cõta disso a seũscapitães, desembarcou cõ eles cõ a gête q̄ leuauã, & ao d̄sembarcar, acha rã obra dedous mil Naires, q̄ lhes quiserã defender a desembarcaçã, & ouue sobriço hũa braua peleja, de q̄ os nossos ficarã vécadores, cõ morte de muytos dos inimigos, & os q̄ ficauão fugirã & desepararã ho lugar, q̄ foy todo queymado, & foram tomadas sete fustas que hi estauam varadas.

## CAPIT. CXXXIII.

De como Martim afonso de souza chegou a Cochĩ.

**O**Nde despois q̄ chegou, soube como elrey de Calicut caminhaua cõ sua gente, cõ determinação de passar a Repeli pelo passo de Craganor, pera se coroar como disse atras, & gête sua q̄ ya diate, era chegada ao passo onde tinha queymada hũa hernida q̄ ali deixara san Thome, & fizera hũa traqueira forte, em q̄ asẽtara algũas peças d'artelharia. E sabido isto por Martim afonso, d̄terminou d̄ yr tomar esta traqueira, & d̄fender aq̄lle passo a elrey d̄ Calicut, & pa este feyto mãdaua elrey d̄ Cochĩ hũa soma dos seus Naires, & asĩ ho Mãgate caimal seu vassalo, & grãde senhor: & os capitães desta gête, erã os regedores d̄ Cochĩ, q̄ por nã acudirẽ a hũ dia q̄ Martim afonso tinha asinado, peradar na traqueira hũa menhaã, não deu, & ficou acousa pa ho outro dia. E sabẽ doho elrey de Calicut naq̄le (por suas espas) q̄ Martim afonso deixara de yr dar na traqueira por falta de marẽ, & q̄ auia dir ao outro dia cõ grãde poder de gête, foy ho seu medo tamanho, q̄ nã ou-

foude ho esperar: & na noyte seguinte recolhida a artelharia da tranqueyra, se passou cõ sua gête a Chatuã, & dahi pa ho pẽda serra, & não oufou de tornar a cometer o q̄ cometia, sem grãde poder de gente (como direy adiante.)

## CAPIT. CXXXIII.

De como elrey de Calicut, com medo de Martim afonso de souza se retirou pera suas terras: & de como Martim afonso começou de fazer guerra a elrey de Repelim.

**S**Abido em Cochim como elrey de Calicut fugira, mudou Martim afonso a yda q̄ auia de fazer a esperalo, emyr cõtra elrey de Repeli, asĩ por ser nosso inimigo, & ajudar a elrey de Calicut, como por ter hũa pedra delrey de Cochĩ, q̄ lhe elrey de Calicut irmão de Nãbea dari tomara, quãdo lhe tomou Cochĩ, q̄ se le acolheo ao pagode de Vaipi (como disse no liuro primeyro.) E elrey de Cochĩ sabẽdo q̄ elrey de Repeli tinha esta pedra, q̄ era cousa de sua religia, sentia se disso por muyto injuriado, & req̄ria a Martim afonso q̄ lha fosse tomar, que foy com cõselho do vedor da fazenda & de todos os outros, & leuou mil dos nossos, & muytos Naires debaixo da capitania do prícepe de Cochĩ & do Mãgate caimal, & doutros senhores delrey de Cochĩ. E cõ Martim afonso forã todos os capitães da sua armada, & asĩ Antonio de Brito capitão de Cochĩ, Jorge malfarenhas de montãs, & Pero froes, q̄ yã cõ elle por terra, & por mar ya Jorge cabral capitãmo da armada da carga, & Manuel rodriguez coutinho, em fustas & bateis. Partio como digo por terra, a vinte hũ de Nouẽbro naq̄le dia foy dormir a terra



do Anche caimal, & ao outro foy cometer a terra del rey de Repelim, q̄ he quasiilha, & dôde a não cerca a agoa, q̄ era pola parte q̄ os nossos auião dêtrar, cercada de canaucaes de canas da India, que sam muyto grossas, & estuão tecidas de maneira, q̄ ficauão mais fortes q̄ muro, & tinha ali certas entradas, em q̄ estuã tranqueras muyto fortes, & bẽ artilhadas & guardadas de gente. Os nossos yão nesta ordẽ: Antonio de Brito leuaua a diãteyra cõ trezêtos homẽs os mais espingardeyros, & yã cõ ele dô Diogo dalmeida, Iorge mascarenhas de mórtaes, Pero froes, & outros capitães & fidalgos: E apõsele, Martiãfonso cõ a badeja real cõ ho resto da gẽte. Antonio de Brito foy cometer hũa destas tranqueras q̄ digo, q̄ tinha tres peças d'artelharia: & vedho os inimigos, apartarãse cem Naires todos recolhidos por muyto esforçados, & sayrã a receber os nossos fora da tranquera, cuydando q̄ por sua valẽtia os nã deixãsem chegar a ella, mas os nossos matarã & ferirã muytos cõ as espingardas, & os fizerã fugir: & indo asy desbaratados, hum que ya muyto ferido non se atreueo a viuer, chamou outro, & deuhe a sua agomia & seu escudo q̄ lho leuasse, & isto, por q̄ te eles q̄ ainda q̄ morram na batalha, se filuã as armas, ficã inteyrametecõ sua hõrra. E segunndo os nossos os inimigos, entrarã cõ eles na triqueyra, & dentro acharã resistẽcia nos inimigos q̄ a guarda uão, & durou a peleja ate chegar Martiãfonso, q̄ se os inimigos desbarataram de todo & fugirão, & dali fez Martiãfonso

volta sobrea mão esquerda, onde estã uã duasestãcias pera ho rio q̄ o guarda. uã, & estas cõbatia Iorge cabral cõ os capitães q̄ leuaua por mar, q̄ apertarã tão rijo cõ os mouros q̄ os fizerã fugir. E sabẽdo el rey de Repelim q̄ aq̄las trãqueiras erã tomadas, mãdou alargar as outras, & recolher sua gẽte pera a cidade, onde esperaua dese defender cõ cinco mil Naires q̄ tinha seus, & do Mãgate achẽ vassallo del rey de Calicut, & entra uão nestes quinhentos espingardeyros.

## CAPIT. CXXXV.

De como Martiãfonso de souza desbaratou el rey de Repelim, & lhe queymou a cidade.

**D**esbaratadas as trãqueiras q̄ digo, deixou se Martiãfonso ficar ali pera descãsar sua gẽte: & ao outro dia em amanhecendo, abalou pera a cidade de Repelim, q̄ era dali hũa legoa, & mandou a Frãscisco de Barros de payua, q̄ cõ cẽto & cincoẽta espingardeyros fosse diante descobrindo a terra: & nas costas lhe ya Antonio de Brito cõ quatro cẽtos homẽs, & cõ os mesmos capitães & fidalgos q̄ ho acõpanharão ho dia dãtes, & na retroguarda Martiãfonso cõ horcelto da gẽte: & caminhã ho nesta ordem, posto q̄ no caminho auia muytos frecheyros, por antre muytos palmares q̄ auia dum parte & doutra: Francisco de Barros cõ os seus espingardeyros os despejaua de maneira, q̄ os nossos nã receberã deles nhũ dãno, & asy forã ate a entrada da cidade, q̄ era p antre hũs valos & hũas cauas, q̄ o de mais era cercado de canaucaes. E nesta ẽtrada estãua hũ capitã cõ muytos espingardeyros & frecheiros, & como ella era estreita podiãna os inimigos defender

defender muyto bẽ, & por isso durou a peleja aqui hũ pedaço, & por derradeiro os inimigos ficatão del baratados, & os nosos entrãõ leuandoos diante de si fugindo ate dar nas cascas del rey, donde ho resto dos inimigos q̃ hi estava fugirá, vido fugir os outros, & nõca el rey os pode deter por mais q̃ os efforçou, & entãõ fugio coeles, sendo dos derradeiros. & Francisco de Barros hos seguiu cõ algũs outros, tirando lhe tantas espingardadas q̃ lhe matarãõ o que lhe leuaua ho sombreiro, que com a pressa não ouue que ho leuãtasse, & ficou o q̃ el rey sentio muyto, por ser antreles grande desonra. E despois de perdido ho sombreiro, el rey foy tam apenado dos nosos q̃ ho seguiãõ, que cõ muyto grande perigo escapou, saluando se em hũa almada em q̃ se embarcou cõ ho maugate Ache, & outros quatro & fugio. E entre tanto Marti afonso que se mou por outra parte, foy dar em hũa mezaquita, de q̃ sayã obra de vinte mouros determinados de ho matar, segundo hũ remetto a ele com grande ouladia, tirando lhe hũa curilada, que el estomou na rodela, & logo ho atravesou com hũ zagücho que leuaua, & a zoposillo foy morto dos nosos, & os outros tambẽ morrãõ pelejado como muyto valentes homẽs. E mortos estes Marti afonso fez ali corpo recolhido os nosos de que muytos andauãõ desmãdãdos pela cidade a roubar, & destes forãõ mbitos dez ou doze, que na batalha não morrãõ nenhũ: somente forãõ feridos muytos, & atrestes forãõ hũ Duarte de Miranda, & hũ Esteuãõ gaço. E dos inimigos se acharã mortos cento, & os feridos forãõ sem con-

to, & em muyto pouco espaço. E desbaratados os inimigos & fugidos, foy rotibada a cidade, & ascaldas del rey, em q̃ foy achada a pedra del rey de Cochim, q̃ era hũa pedra branca como qualq̃ outra, da feyçãõ & do tamanho de hũa mea moço datafona, & tinha abertashũas letras mabares. E cõ esta pedra fizeraõ os nayres de Cochim grande festa: & assi forãõ achadas hũas tauoas de metal, cõ hũas serpes escolpidas nelas, & hũas letras Chins, que el rey de repelim tinha em grande veneraçãõ, por ser coufa de sua religiãõ. E saqueada a cidade, despoys de ser toda queimada setornou Marum a fõso a Cochim, onde foy recebido cõ muyta festa, & deu a el rey de Cochim ho sombreiro del rey de Repelim, & as tauoas, & a pedra, que ele estimou muyto, & lhe deu por isso grande agradecimentos.

## CAPIT. CXLVI.

De como Marti afonso defendeo a el rey de Calicut que não passasse polo passo do vao.

**V**endo ho vedor da fazenda q̃ el rey de Calicut continuaua a guerra, & q̃ cometa dentrar polo passo de Crãganor, pareceo lhe bẽ cõ conselho de Marti afonso, & de Antonio de Brito, fazer hũa fortaleza na q̃le passo, que se logo começou Enisto tendo Marti afonso noua que parãa armada de Calicut carregar darrõz a Bracelcor, fez se prestes pa jr pelejar coela, & tãõ mar lhe a carga quando tornasse, q̃ era hũ dos grãdes dãnos q̃ podia fazera el rey de Calicut, com que a sua gente lhe morreia de fome. E fazendose prestes para jr, ex que chega recado del rey de Cochim muyto de pressa, que vinha el rey de Cali-

cut cõ grande poder de gente em q̄ entra  
 uão dous mil espingardeiros, & determi-  
 naua dẽtrar polo passo do vao, que era na  
 terra do Mãgate caymal, duas legoas aci-  
 ma do passo de Cranganor, & q̄ não que-  
 ria entrar por este passo de Cranganor, por  
 estar impedido cõ a fortaleza q̄ os nossos  
 fazião, & polo passo do vao podia passar  
 cõ a maré vazia, como em outro tẽpo in-  
 tẽtara de passar seu antecessor, quando lho  
 Duarte pacheco defendeo tão milagrosa-  
 mente como disse no liuro primeiro. E por  
 ho recado ser tam de pressa, se embarcou  
 logo Martin afonso em hũs tones, por jr  
 mays afinha, & embarcarãse coele obra  
 de nouenta dos nossos, os mays deles capi-  
 tães & fidalgos, & forã coele ho regedor  
 de Cochim cõ algũs naires, & dexou en  
 comendado a Antonio de brito q̄ fossea  
 posele com a mais gente q̄ podesse. E má-  
 dou a Francisco de Barros de payua q̄ em  
 hũa galé com outros dous capitães de do-  
 us bargantis se fosse meter no rio de Crã-  
 ganor pera goardar ho passo, que não pas-  
 sasse por ele gente del rey de Calicut, &  
 defendesse que não entrassem no mesmo  
 rio, hũas vintecino fustas da aemada del  
 rey de Calicut, q̄ era certo que ele mãda-  
 ua jr a este rio pera ho ajudarẽ, & defende-  
 rẽ os nossos catures q̄ nã leuassem socorro  
 onde fosse necessario: o que se podia fazer  
 por a terra ser toda regadia de muytos ri-  
 os (como disse no primeiro liuro). E se  
 Martin afonso não mandara atalhar a es-  
 tas fustas desta maneira, por nenhũ modo  
 se podera tolher a passagẽ a el rey de Cali-  
 cut, como despoys tolheo. Isto ordenado  
 partiose Martin afonso pera ho passo do

vao: & ao outro dia em amanhecẽdo che-  
 gou as terras do Mangate caymal, q̄ pola  
 breuidade do tẽpo não tinha juntos mays  
 detres mil nayres. E dele soube q̄ estaua el  
 rey de Calicut daia duas legoas, & que  
 tinha quorẽta mil homẽs, & q̄ dahi a tres  
 dias daria a batalha, porq̄ era seu costume  
 dala aeste prazo, despois q̄ chegaua a terra  
 de seus inimigos. E no dia em q̄ auia de ser  
 mandaua tanger hũa bozina & hũ atam-  
 bor de tamanha grandura, que não auia  
 quatro homẽs que ho abalassem, & este  
 se ouuia a duas legoas: & sem estes sinays  
 se não daua a batalha, & q̄ isto teuesse por  
 certo. E como Martin afonso teuesse aqui-  
 lo por abusam, nã ho creio, & foy se ao pas-  
 so onde desembarcou, & por lhe os tones  
 não ficarẽ em seco os mandou afastar 'pa-  
 horio, & elepos se no cãpo cõ sua gente,  
 & estauão coele ho mãgate & o regedor  
 de Cochim cõ seus nayres, que lhe dizião  
 que estaua ali de balde, porq̄ el rey de Ca-  
 licut não auia de dar a batalha senão passã-  
 dosos tres dias: & primeiro se auia de tan-  
 ger ho arãbor que digo. E estãdo nisto co-  
 meça daparecer hũ corpo de gẽte dos imi-  
 gos, que serãdo cinco mil homẽs, que com  
 grandes gritas remeterão ao passo, & co-  
 meção de passar. E cuydando Martin afon-  
 so que era algũa gente da del rey q̄ vinha  
 desmandada, mandou a Gaspar de lemos  
 que cõ viute espingardeiros se posesse de-  
 tras dũ valo q̄ estaua perto do vao, & da-  
 li fizese rosto aos inimigos, q̄ em continẽte  
 comẽçarão de crecer, se não quando apare-  
 ce a bãdeira del rey, q̄ era final q̄ vinha ali:  
 E assi era que não curando de supstições,  
 por tomar os nossos de supito, & os des-

baratar a seu saluõ, não quis vfar dos sinays que mãdaua fazer quando auia de dar batalha. E parece que nosso senhor inspirou em Martim afonso, que não crese o q̄ lhe ho Mangate dizia do costume del rey de Calicut, porq̄ se lho creera passara el rey sem ser contrariado, & fizera o q̄ determinaua, que fora grande mal. E como as infinitas del rey apparecerão os nayres do mangate & os de Cochim: conhecendo q̄ ele vinha foy ho seu medo tamanho, que se afastará dos nossos hũ bõ pedaço para fugir, se Martim afonso fosse desbaratado. E algũs dos nossos ate trinta cõ o mesmo medo fugirão pera os tones em q̄ se escondião pera se acolherẽ se Martim afonso le uasse ho pior. Martim afonso que vio esta couardia, sabendo do Mangate ho porq̄, tomouho pela mão & teueo que não fugisse, dizendo q̄ não ouuesse medo, porq̄ esperaua em nosso senhor de desbaratar el rey cõ aqueles poucos que tinha, que não serião mais de sessenta. E algũs dos nossos desconfiados disto poder ser, lhe acõselhauão q̄ se recolhesse aos tones, & se saluas-se, porq̄ não era siso esperar tam grossa gente. Porẽ Vasco pirez de sam payo, & Frãcisco pereira lhe conselharão que pelejasse & ho mesmo lhe patecco a ele que deuia de fazer, por ja terẽ passado ho vao muytos dos inimigos: & segundo erão ligeiros antes de chegar aos tones matarião quantos hião coelei: & a fora isto não poderia recolher Gaspar de lemos por estar cercado de inimigos. E encõmendado se a nosso sn̄or de todo coraçã, & cõ ho esforço nele, fez hũ corpo dos seus, & da Santiago nos inimigos, ferindo & matando neles, q̄ erão bẽ

cincomil alẽ do passo: & ajudauo Ioãõ luys ho cõdestabreda fortaleza de Cochim tirando de traues aos inimigos cõ hũ berço q̄ estaua em hũ tone, em q̄ se chegou a boca do vao. E dalia pouco chegou cõ a marẽ hũ batesse nosso cõ hũ falcão & dous berços q̄ també varejarão fortemete aos inimigos: & cõ tudo eles erão tantos, q̄ se os nosso sn̄or não enfraqucera a fogarãos nossos, a q̄ ouuerã tamanho medo, que se começarã de retirar pera alẽ do passo onde estaua el rey de Calicut. O q̄ vido a gente do Mangate, ouue vergonha de ter fugido, & pã emendarẽ ho passado remeterão cõ grandes gritas onde era a batalha, & ja nã acharão q̄ fazer, por ferẽ todos os inimigos passados da outra bãda: & Martim afonso não quis deixar passar os nossos, de q̄ morrerã algũs nesta batalha, & dos inimigos perto de trezentos. E ainda despoys dos inimigos ferẽ passados da outra bãda se poferrã cõ os nossos as espingardadas, & assi esteuerão per espaço de duas horas, ate q̄ se recolherão, & Martim afonso se afastou hũ pedaço, & ficou no cãpo aq̄la noyte.

## CAPIT. CXLVII.

De como Antonio de Brito pelejou algũs vezes no passo do vao com a gente del rey de Calicut & sempre venceu.

**C**oesta vitoria tã milagrosa, q̄ nosso senhor deu, ficou el rey de Calicut tã quebrado que se tornou ao seu arrayal & não quis tornar mais a dar batalha por sua pessoa, & ficou seu poder muyto de acreditado, & ho dos nossos cõ muyto grande credito, vido a gente da terra cõ quãta oufadia lhe resistira, sendo tã poucos, & tornouhes alẽbrar as grãdes vitorias q̄ ali ouuera Duarte pacheco cõtra aq̄le maluado

rey de Calicut, que então reynaua: & os da parte del rey de Cochim se efforçarão tanto pera ajudar os nossos, que logo aq̃-la noite acoDIRÃO ao Magate caymal may squatro mil nayres. E ao outro dia chegou Antonio de Brito com quatrocétos dos nossos: & vendo Martim a fonsotamba boa gente: dádo a dianteira a Antonio de Brito deu outra batalha aos inimigos q̃ pro uarão de passar ho vao: & venceos com lhe matar mais gente que da outra vez & os fez afastar do passo: do que el rey de Calicut ficou bé triste, & quisera irse de todo, se os fenhores que estauão coe le não estoruarão. E ho dia seguinte desta batalha chegou ho príncipe de Cochim cõ vinte mil naires seus & dos caymais q̃ ho acõpanhauão: & erão muytos espingardeiros. E vendo Martim a fonsotamba tanta gente junta, ouue sua estada ali por escudar: & mais sabédo q̃ andaua no mar a armada de Calicut, a que era necessario q̃ acodisse. E por isso deixou a guarda daquelle passo a Antonio de Brito, deixádolhe quatrocentos dos nossos, & os vinte mil nayres que digo. E despois de Martim a fonsotamba ido do passo, ficou nele Antonio de Brito quinze dias: & neste espaço pelejou seys vezes com a gente del rey de Calicut, sobre querer passar o vao, & de todas foy vencedor, & fez grãde destroicão nos inimigos: o que vendo el rey de Calicut, & q̃ sua perça era por demais, leuantou ho ar rayal, & recolheose pera detro de suas terras. E el rey de Cochim ficou liure do modo que tinha dele.

## CAPIT. CXLVIII.

De cómo Martim a fonsotamba de souza desbaratou a Cotia lemacar capitão mor do mar del rey de Calicut.

Partido Martim a fonsotamba do passo do vao, & chegando a Cochim, embarcou se cõ trezentos dos nossos, pera ir buscar a armada de Calicut, & ele foy em hũa canoa, & Vasco Pirez de sam payo, dom Diogo dalmeida, & Manuel de souza de sepulueda em galés, & em fustas. Fernão de souza de tauora. Martim correa. Francisco de barros de payua. Jorge barroso dalmeida. Francisco pereira. Gaspar de lemos. Ieronimo de figueiredo. Fracisco de saia & outros. E partido de Cochim foy correndo a costa ate Chale, onde achou Diogo de reynoso com cinco fustas, q̃ se acolhera ali fugindo a Cotia lemacar capitão mor da armada de Calicut: & despois de pelejar cõ ele hum pedaço: esteue muyto perto de se perder, & foy lhe tomada hũa fusta de seys que trazia, & os inimigos ho seguirão ate Chale onde escapou. E recolhido Diogo de reynoso a conferua de Martim a fonsotamba, partiuse em busca da armada dos inimigos tornado pera Cochim & ao outro dia a horas de vespa indo Martim a fonsotamba alamar cõ as galés & fustas maiores da frota, & as ligeiras ao lógo da terra, pareceo a frota dos inimigos também ao longo de terra da parte de Calicut, & era de vinte e cinco fustas, em q̃ andauã mil & quinhentos homés, & muytos deles espingardeiros. E como apparecerão os inimigos de supito, os nossos que andauão de sejos de pelejar cõ eles, principalmete Diogo de reynoso q̃ hia nos dianteiros, remeteo logo aos inimigos, & Antonio de lima capitão doutra fusta, & Antonio de souza mayor, & outros q̃ hião nas fustas ligeiras & derã cõ eles ante os olhos de Pádrã

irandolhe muytas bombardadas & espingardadas. Couale marcar que sabia que Martim afonso andaua no mar, pareceolhe logo que era aquele, & pola fama que tinha da resistencia que fizera a elrey de Calicut tinhalhe grande medo, & cõ ele nam oufou desperar, & determinando dese acolher a Calicut, çarrou sua armada, & a velas & remos sefoy ho mais que pode perlongando a terra pera dobrar a ponta de Coulete. Martim afonso que vio os inimigos, & como a peleja se começaua, porque nam podia chegar com a carauela, saltou em hũa fusta das mais ligeyras, & a sua gente mandoua meter na fusta de Ieronymo de figueyredo, & bota a boga arrancada a tomar a dianteyra aos inimigos, porque nam dobrásse a ponta, & foy cõ ele Francisco de Barros, por ser a sua fusta das mais pequenas. E indo así Diogo de reynoso & Antonio de lima que seguia os inimigos alçãrão hũa fusta, & aferrandoha saltaram dentro com sua gente, que pelejou com tanto esforço que nhũ dos inimigos ficou com a vida, & com tudo dos nossos foram mortos quatro & muytos feridos: E vendo Cotiale marcar que Martim afonso lhe tomaua a dianteira, & as outras fustas lhe yão nas costas, & as galés lhe fazião rosto pera o tomarem de traues vio que ho cercarião, & que não poderia escapar antes que ho cercassem, pos a próa em Tiracole, hũ lugar que está na costa, que tem hũ arrecife de penedos diante do porto com duas entradas, hũa da bãda do norte, outra do sul, & os seus seguirão a pos ele, & enfecando as fustas

quanto poderão saltarão em terra & meterão se entre as fustas, dõde tirauã muytas bombardadas & espingardadas a Martim Afonso, que entrou no arrecife com Francisco de Barros, & Ieronymo de figueyredo pela entrada da banda do sul, & na boca da do norte ficou a nossa fustalha, por não caberem todos dentro, & era hum espantoso jogo de bombardadas & despingardadas dũs & doutros, & Martim afonso por se chegar aos inimigos ficou em seco no rolo do mar, o que vendo os inimigos, remeteram deles a sua fusta com grandes gritas de prazer, de lhe parecer que a tinham tomada, & chegarão se tanto que lhe lançaram mão da apelaçam da fusta querendolha enfecar de todo: & os nossos quando asseuraram tomar a fusta, meteram se às lançadas & espingardadas com os inimigos, de que mataram tantos que os fizeram afastar, & dos nossos foram mortos dous & feridos sete ou oytos: E entre tanto Francisco de Barros, & Ieronymo de Figueyredo, meteram se entre as fustas dos inimigos, de que queymaram algũas com panelas de poluora & outros artificios de fogo, & nam deyxaram de pelear até a noyte, & começaram as quatro horas, & fizeram muyto grande dano nos inimigos, & dos nossos nam foram mortos mais de tres, & feridos muytos.

## CAPIT. C XLIX.

De como Martim afonso de souza quisera pelear em terra com os inimigos & não pode.

**A** Cabada a peleja, pola noyte que fo breuco mandou Marti afonso retirar todos, & fez a frota em duas partes, & dúa deu cuydado a Manuel de soufa de Sepulueda, que guardasse com ela a entrada do arrecife da banda do norte, & a Francisco de barros a outra, & que guardasse a do sul, porque os inimigos nã fogissem de noyte, que temendo que os nossos lhe nã queymassem as fustas ao outro dia, toda a noyte gastaram em varar as fustas, & fizeram estancias d'artelheria & fortalecerão se grandemente, & na mesma noyte acodirão todos os de Coulete, Termapatão, & doutros lugares dar redor, & ajuntarãse quinze mil homês, o que se logo enxergou em amanhecendo na grossã gente que appareco & no grande rumor que fazia. E quando Marti afonso vio as estancias & a fortaleza q̄ tinham feyta, chamou os capitães a conselho a que propos o caso, & que era necessario pera sayr em terra fazer duas partes da gente que tinha, hũa pera ficarna frota, outra pera pelejar em terra, pera o que a gente que tinha era tam pouca q̄ nam abastaua pera nenhũa destas cousas, pelo que todos acordaram que nam era bem pelejar cõ os inimigos, pelo grande risco que se corria, & q̄ se fossem logo, & assi ho fizeram, & tornarãna volta de Cananor: E tornando Marti afonso ao longo da costa pera Calicut, chegou a ele hũ catur bem esquipado com cartas del rey de Cochĩ, em q̄ lhe certificaua q̄ tornaua el rey de Calicut, pedindolhe que lhe acodisse logo, & ele o fez assi, & entrou cõ toda a frota polo rio de

Cranganor, & foy ter ao passo do Vao, por onde el rey de Calicut entrava da outra vez, & hi achou Antonio de brioto com os casados de Cochim, & outra gente esperando por el rey de Calicut, que sabendo q̄ Marti afonso era chegando, nam quis cometer de passar, & tornou se, que nam cuydou que Marti afonso podesse acodir tam de pressa, & por isso cometia ho passo: & vendose assi estor uado ficou tã quebrado, que aquele verão nam cometeo mais de querer passar a Repeli & espalhousua gente, o que sabido por Martim afonso se tornou outra vez a correr a costa, onde tambẽ não achou a armada de Calicut, que com medo dele se recolheo & ficou a costa despejada, pelo que aquele anno nã foy nenhũa especiaria ao estreito, & Marti afonso se recolheo em Mayo a Cochim onde invernou.

## CAPITVLO CL.

De como Açadacão começou de fazer guerra ao governador.

**V**endo Açadacam, senhor de Bilgão, que por mais gente que mandaua pera tomarem as Tanadarias, que lhe ho governador tinha as nam podiaõ tomar, & sempre era vencida em todas as batalhas que dauam aos Portugueses, determinou de as cobrar por guerra guerreada, a que principalmente ho demoueram conselhos del Rey de Cambaya, que determinaua de tomar a India aos Portugueses (como direy a diante.) E determinando de fazer esta guerra foy com muyta gente assentar seu arrayal junto do Rio de Salsete,

Salsete, meo legoa da fortaleza de Rachol, com fundamento de çarrar aos Portuguezes ho caminho pera esta fortaleza, com outra que ali queria fazer, & depois de çarrado tomar a fortaleza de Rachol, com quantos estauam nela: & mandou logo assentar hũa estácia com trespeças d'artelharia em hũa terra grossa ou morro, quasi como rocha que se fazia onde ho rio se estreitaua muyto, & como ho canal do rio era pegado cõ este morro, nam podia nenhũa cousa passar pera a fortaleza que a nam pescasse a artelharia: O que vendo Gonçalo vaz coutinho, & Anrique de melo coutinho, & Iorge de melo soarez, q̄ guardauam aquele rio em duas galeotas & hũa albetoa, deram hũa antemenaã com sua gente na estancia que digo, & fazendo fogir os mouros que guardauam, tomaram a artelharia, do que Açadacão ficou muyto injuriado, & estãdo assi, faltou ho mantimento a estes capitães que guardauam ho rio, por lho nã mandar Miguel froesfeytor de Goa, que tinha cuydado de lho mandar, & tardando ho mantimento, tanto q̄ os capitães nem a gête poderã soffrer a fome, forã o se ao passo Dagacina ilha de Goa, cuydãdo de ho acharẽ hi, & tã pouco ho nã acharã, & ainda aliesperaram por ele tres ou quatro dias, & nestetẽpõ vẽdo Açadacão quem auia guarda no rio q̄ estoruasse, fortaleceo logo aquele passo, fazendo em ambas as bandas do rio estacas dobradas & entulhadas, estreitandoho de tal maneyra, que nam ficaua mais espaço que quanto passasse

hũ bargantũ diante doutro, & na coroado morro que era chaãda banda do rio, onde auia algũa maneyra de desembarcaçam, ainda que muyto roim, fez logo hum muro de palmeyras de duas faces, entulhado de terra, rama, & pedras com hum baluarte, & traueses, em que forã assẽtadas algũas peças d'artelharia, & na terra que cercaua o morro, que era apaulada, mãdou leuantar muytas valas, em que foy assẽtada algũa artelharia, & assi foy continuãdo a çerca, com que ficasse hũa força fortissima, & ficasse çarrado ho caminho pera Rachol. E afora a gẽte de seruiço q̄ era muyta, tinha Açadacão em guarda desta obra dez mil mouros, em que entrauam muytos frecheiros & espingardeiros: E quando Gonçalo vaz tornou com os outros capitães, q̄ viram a cousa como ya, & a determinacão dos mouros, mandaram dizer ao gouernador que mandasse mais gente, pera verem se podiam estoruar que aquela obra nam fosse auante, & ele mandou tam pouca que nam aproueytou, & tornaram lhe a mandar que mandasse mais, por que era ho feyto perigoso, & era necessaria muyta gente.

## CAPITULO CLII.

De como dom Gonçalo coutinho, foy desbaratado, no passo Debrĩ.

**C**OM este segundo recado de Gonçalo vaz coutinho, despachou logo ho governador dom Gõçalo coutinho, q̄ fõsse por mar cõ oytocẽtos Portuguezes, a desfazer a fortaleza q̄ Açadacão fazia no passo de Borĩ (q̄ assi auia



nome aquelle passo) & os capitães que o acõpanharão forão, Lionel de lima, Manuel de vasconcelos, Ioão jufarte tição, Gõçalo vaz coutinho, Jorge de melo soarez, Anri que de melo, Tristão homé, Simã de lima, Diogobotelho dádrade, Afonso fialho, Miguel dayala, & outros a que nã soube os nomes, todos fidalgos & gente de feito: E hũa terça feira em a noyte tendo foy dom Gonçalo com seus capitães embarcar ao passo Dagacim, & o resto da noyte que passou no rio perto do passo de Bori, ordenou cõ os outros capitães de cometer a fortaleza dos mouros em amanhecêdo, & que ele cõ quatrocentos homés daria no rosto da fortaleza, q̄ era o lugar mais perigoso, & Lionel de lima com duzentos Portugueses de desembarcaria mais a baixo pa Goa, & rodearia pera cometer a fortaleza por de tras, & Manuel de vasconcelos com outros duzêtos desembarcaria mais acima pera Rachol pera dar por outra parte, & tomassem os mouros no meo que não se pudessem defender: E porque por amor do morro que fazia hũ cotouelo, não se podião yer pera darê todos a hũa, assentou se que quãdo dom Gonçalo ouuesse de desembarcar, mandasse tocar as suas trombetas, pera que a este sinal desembarcassem Lionel de lima & Gonçalo vaz: E querendo amanhecer abalou dô Gonçalo per se chegar à fortaleza, & os outros coele, cada capitão cõ sua gente pera onde lhe estava assinado q̄ desembarcassem: & quis sua desaventura de dô Gonçalo, que hũa fusta em que ya, assi per ser grande como por yr muyto carregada,

nũca pode nadar pera chegar onde atia, de desembarcar, no que se deteu até me nhaã clara, o que vendo dom Gonçalo, & que a fusta não surdia, mudou se dela a hũ catur, & coesta reuolta & cõ a grande opressão que lhe daua a artelharia dos ãmigos que neste tẽpo jugaua muy brauamente, esqueceo a doim Gonçalo de leuar consigo as trombetas pera fazer o sinal que estava ordenado, nem menos lhe lembrou leuar a bandeira: E chegando se ele pera o morro com a gẽte do seu escoadrão, q̄ ficou no meo das estancias d'artelharia que os mouros tinhão nas estacadas dambas as bandas do rio, em que tãobẽm estauão muytos frecheiros & espingardeiros, foy cousa medonha de ver os pelouros de bombardas & de spingar das q̄ desparauã diã & doutra parte, bõbas de fogo, & frechadas, que todo o ar era euberto: E logo muytos dos Portugueses do escoadrão de dom Gonçalo forão feridos & mortos, & ele chegou cõ muyto grande trabalho a hũa calheta q̄ se fazia ao pé do morro à borda do rio onde auia de desembarcar, & hi achou o catur D'afonso fialho que ja tinha desembarcado, & foy o primeiro que com quatro dos da sua capitania trepou pelo morro & subio ao muro, & hũ dos quatro auia nome Bastião da costa, & outro Ioão pinheiro mulato & natural de Setuuel, & aos outros nã soube os nomes: E posto que sobre o muro acharão grande resistẽcia nos ãmigos, de que matarã algũs, & outros fizerão saltar a baixo feridos, ganharã hũ pedaço do muro, recebêdo sobrisso muy grãdes feridas, & sete

uerão que os ajudara, sempre a fortaleza ficara polos Portuguezes, por cujos peccados nosso Senhor permitio que não se ganhasse: E querendolhe dom Gonçalo acodir, arremesou se cõ muyta pressa fora do catur, & passando por cima do outro, começou de trepar por hús paos diante de todos os que o acompanhauã, & sobindo ao muro cõ muyto grande oufadia, deulhe dũ traues hũa arcabuzada no braço esquerdo q̄ lhe esmiunçou grã de parte dele, & coesta juntamete lhe derão com hũa panela de poluora na cabeça que o ouuera de queimar, se não fora a çelada que leuaua, & coisto foy tanta a pedrada com grandes pedras, que o defatinarão & cayo abaixo, & deste mesmo traues forão tantas arcabuzadas, panelas de poluora, & pedradas, que não deixarã sobir nhũ da sua companhia, & no mesmo catur matarão & ferirão a todos, & antreles foy Tristão homẽ valente catalaieiro, que eu conheci na India, & a gẽtedos outros catures do escoadrão de dõ Gõçalo não poderão desembarcar na calheta, por ser tão estreita que não cabião nela mais que os dous que estauã dẽtro, & quando vião q̄ não podião entrar chegauão se ao morro & trepauã por ele pegando se a vergontes & atroços deruas, mas os mouros não os deixauã, tirando-lhes com o quedisse, & coisto muytos tições a celos, com que ferião, espedaçauão & matauã os Portuguezes sem se poderẽ valer, & entre tanto Afonso fialho & os outros quatro que estauão sobre o muro forão tão apertados dos mouros cõ feridas que receberão, que Ioão pinheiro &

outros dous cayrão mortos do muyto sangue que se lhes foy, & Afonso fialho & Bastião da costa forão deitados do muro abaixo quasi mortos, & forã cayr no catur antre os outros, a q̄ os mouros derão grãde grita: Neste tempo Lionel de lima que desembarcou primeiro que dõ Gonçalo, quãdo vio que tardaua o final das trombetas, & entrando per hũ aruo redo espeso, foy sayr onde os mouros tinhã feytas suas alas detras da fortaleza, & como era mancebo & esforçado, em vendo os mouros adiantase do corpo da gente com cinco homẽs, leuando ho seu guiã, & foy cometer hũ magote de mouros, q̄ o ferirão tão mortalmente de spingardadas que logo cayo morto, pelo q̄ o seu guiã & os cinco lançarão a fugir, & os outros que ficauão nũ corpo quando aquilo virão desbaratarão se com medo, & fugirão tão defatinados que não pararão menos do rio & embarcarão se com grande afronta, por q̄ os seguião os mouros & matarão muytos, & acabarão todos se não forão os nauios a q̄ se acolherão, & Manuel de vasconcelos não desembarcou, porque não ouiuo o final q̄ esperaua, & teue se até ver o que seria, se não quãdo ouiuo a grita dos mouros cõ prazedo desbarato de dom Gonçalo, q̄ se partio logo pera Agacim, com lhe ficarem mortos perto de duzẽtos homẽs, em que entrarão Tristão homẽ, Lionel de lima, Simão de lima & outros, & leuar quatrocentos feridos, & así se tornou pera Goa.

## CAPIT. CLIII.

De como Pero de faria derribou a fortaleza de Rachol.

COM quanto dom Gonçalo foy desbaratado, nem por isso ho Governador deyxou de mandar guardar o rio como dantes, pera que estoruasse q̄ não fizessem os ímigos a fortaleza que fazia, & deixou Gôçalo vaz coutinho com os capitães que tinha & ainda outros, que forão Ioão iufarte tição, Ioão fernandez de vasconcelos, Diogó botelhodandrade, & Miguel dayala, & estes tres em bateis de mantas, pera esbombar dearem os mouros quando trabalhasssem na fortaleza, & andauão certos capitães de catures pera acodirem a estes bateis se fosse necessário: E como Açadacão vio esta armada q̄ andaua no rio, não quis mandar trabalhar na fortaleza de dia, porque dos bateis lhe matauão a gente cõ bôbardadas, & mandaua trabalhar de noyte quelhe não farião tanto nojo: E com quanto os Portugueses der ribauão dedia com a artelharia parteda obra que se fazia de noyte, não era tão, que não fosse em muyto crescimento, & nesta persia estauão continuamente, em que hús & outros leuauão muy grande trabalho: E algús arrenegados q̄ estauã com Açadacão, dizião de noyte por seu mandado a Gonçalo vaz, que se espatauão dele, q̄ sendo tão bô caualeiro & antigo na India, não conselhar ao governador q̄ ditiuissse daquela guerra que fazia a Açadacão pois era tão injusta, que por força lhe queria tomar suas terras, sendo ele amigo del Rey de Portugal & tendo ambos paz, & sobre q̄ tinha protestado q̄ a não quebraua por se defender & trabalhar de cobrar suas terras, que lhe o go

uernador tinha por força, & como fosse na India outro governador, auia de mandar tirar lhi estromento da pouca culpa que tinha naquela guerra, & de não ser em cargo dos gastos que o governador fazia nela, pois se defendia, & que com aquele estromento auia de mandar hum seu criado a Portugal queixarse a el Rey da guerra que lhe ho governador fazia, & tâtas vezes foy isto dito a Gôçalo vaz que deitou mão disso, & escreueo ho governador, & que deuia dacodir, porq̄ a fortaleza dos mouros ya de cada vez em crescimento, sem lhe poder estoruar que não fosse, & mais que ele & outros capitães estauão de dêtro do rio pera Rachol, donde não podião sayr sem muyto perigo: E vista esta carta pelo governador, pareceo lhe que Açadacão se justificaua, asfi pera lhe alargar as Tanadarias quelhe tinha tomadas, que ele estaua bem fora de lhas tornar em quanto as pôdesse defender: E porq̄ pera esta guerra lhe fazia grande pejo a fortaleza de Rachol, pois pera a segurar lhera necessário ter sempre gête naquelle rio, & por amor dela lhe era grande perjuizo fortalecer Açadacão aquele passo, pos em conselho se seria bem derribala, & foy acordado que sy, pera ho que logo despachou Pero de faria, porq̄ sabia muytos ardijs, & a que os mouros auião grande medo: E chegado Pero de faria, logo de noyte lhe os arrenegados disserão ho que dizião a Gonçalo vaz acerca da guerra com Açadacão, ao que ele respondeo, quelhe dissesem, que cousa de tanto peso como aquela, se nam auia de dizer asis

dizer assi, que falasse co'le & entender-seyã. E como Açadacã desejava muyto de ter paz cõ o governador, pera cobrar as suas Tanadarias, que bem via q' por guerra, auião de ser mas dauer, folgou coeste recado de Pero defaria, & ao outro dia fez como Pero defaria lhe fosse falar, da l'olhe artefices seguros, porq' ele por ser muyto velho nã podia decer do Morro: E nesta vsta cõcertaõ, que Açadacã mandasse ao governador hũ embaixador, com hũã instruçãõ que queria, & que ele lhe escreueria que o fizesse, & isto por Goa receber dele boa vizinhança, & nã por medo de guerra, por que aquela forçã nã era nada pera os Portugueses se eles quise sem: & entre tanto que o embaixador fosse & tornasse q' reuessẽm treçois, & tudo isto era ardid para poder derribar a fortaleza de Rachol & passar sem perigo, porque doutra maneira nã podia ser, & assi ho escreueo ao governador, & q' pera o poder fazer de reueesse o embaixador Daçadacã ate muyto tarde, & q' soubesse que quãtos Portugueses aũa na India, nã erão poderosos pera derribar a fortaleza que fazia Açadacã: E partido ho embaixador, Pero defaria passou a paz pera a fortaleza de Rachol por virtude de astregois, & muito de pressa recolheo a artilharia da fortaleza & a gente nos muros que tinha, que fez logo sair para fora, que tãõ bem passara em paz, & ele ficou com alguns bõbardeiros picãdo a fortaleza & minãdo a, o que tudo se fez muyto prestes: & cõtra a tarde madou dar fogo as minas, q' arrebeçado cayõ

toda a fortaleza sem ficar nada em pês & derãõ tamanho estouro q' foy ouuydo dos mouros, & Açadacã mandou logo por terra saber que era aquilo (que não voou ao que era) por estar descuydo de tal cousa, por lhe parecer que o governador quereria paz, segundo entendera em Pero defaria, que em dando fõgo as minas se foy polo rio abaixo: & cõtrẽtãto o embaixador Daçadacã foy ao governador com a instruçãõ de sua embaixada, q' era pedir-lhe as Tanadarias, lembrãdo-lhe a condiçãõ cõ q' lhas dera: E vendo o governador a carta de Pero defaria, deteu o embaixador ate bem tarde, & respondeo por derradeiro que não queria soltar as Tanadarias, nẽ queria coe'le paz se nã guerra. E partido o embaixador coesta reposta, em chegãdo ao passo de Bori achou no rio Pero defaria que vinha de derribar a fortaleza de Rachol, & logo se foy pera Goa zombãdo Daçadacã, q' sentio muyto o engano que lhe fizera Pero defaria & mais porque ficaua de guerra com o governador, & esteue assi suspenso hũs dias cuydãdo no que faria:

CAPITULO CLIIII.  
Dũ ardil cõ que el rey de Cambaya quisera cegar a fortaleza de Diu e não pode.

**E**l Rey de Cambaya (como disse a tras) estava muyto arrependido de dar fortaleza em Diu ao Governador determinou de a tomar, pera o que quizerã fazer o muro ãtre a cidade & a fortaleza, que lhe o governador não cõfessão: E dissimulado q' lhe não daua dissimulãdo q' lhe não daua dissimulãdo como se o governador partio de Diu, se lhe dobrou a vontade q' tinha de tomar

a fortaleza, pera que madoú ao Rao capitão de Diu, que tanto q̄ se ele partisse, começasse de fazer huás estrebarias no lugar em que quísera fazer o muro & q̄ fossem compridas, & de vinte pés de largura, com as paredes muyto fortes que vissem ao oliuel do muro da fortaleza & se lhe perguntassem que era aquilo, disse que era estrebarias pera caualos que ali determinaua de ter: & como fossem acabadas as entulhasse secretaméte & entulhad as que ficaria hũ forte muro assentaria nele a artelharia que lhe parecesse necessaria pera bater a fortaleza, & que lhe mandasse recado que tornaria logo: E deixádo lhe cincoenta mil ho mēs de pejeja, se partio a cobrar os lugares que lhe tinham tomados, & ele partido, da hi a poucos dias começou o Rao de fazer as estrebarias: E sabido por Manuel de souza capitão da fortaleza, logo lhe pareceo o que era, & mais lembrádo lhe o muro q̄ el rey quísera fazer naquele lugar, & tão bẽlho disserão os Portugueses, conselhandolhe que madaſse dizer ao Rao que não fizesse aquelas estrebarias, & quando não quisesse, q̄ lhas derribassem: E parecendo isto bẽ a Manuel de souza, logo aos q̄tro dias D abril se foy a casa do Rao, & depois de falar coele sobre não fazer as estrebarias, & assentaráo que o Rao mandasse dizer a el rey de Cábaya, como Manuel de souza lhe ya á mão a fazer as estrebarias, que lhe mandasse dizer o que faria, & q̄ entretanto nã se bolisse nelas: & o Rao nã ensistia mais em fazer o que lhe mandaua el rey de Cambaya, tendo tanta gẽte

pera o poder fazer, assi por ser amigo de Manuel de souza, como polo ter de sua parte, pera se lhe el rey de Cábaya quíſe fazer algum mal, & se isto não fora sempre insistira em fazer as estrebarias, & rompera a guerra, com o q̄ Manuel de souza teuera grande trabalho por ser entrada dinuerno, & o governador nã lhe podia socorrer: E sabendo el rey de Cábaya por recado do Rao, como lhe Manuel de souza impedia as estrebarias & imaginando que seria por entẽder o fim pera que erão, não quis que lhe entẽdessem sua determinação, & mudou o proposito q̄ tinha de tomar a fortaleza cõ dissimulações, se nã descubertaméte por sua peſsoa: & pera q̄ o governador não podesse socorrer á fortaleza, escreveu a Nizamalucõ, a Hidalcã, & a Açadacão, & a el rey de Calicut, q̄ determinaua de tomar a fortaleza de Diu, & depois deitar os Portugueses fora da India pedindolhes muyto q̄ o ajudassem cõ fazer guerra aos Portugueses, por q̄ occupados coela, não podessem socorrer huás aos outros, & esta foy a causa Daçadacã & el rey de Calicut fizeram a guerra q̄ fazião aos Portugueses, & Nizamalucõ & Hidalcã não a fizeram, por não estarem em tempo pera isso, & escreveu tão bẽ ao Rao q̄ deixasse de fazer as estrebarias: porque tinha determinado de tomar a fortaleza por outra maneira, que como fosse desocupado dos negocios e que andaua, que ele acodiria a Diu & tomaria a fortaleza, & assi lhe fereueo o q̄ escreveu aos reys da India, & coeste recado não foy feyta mais obra nas estrebarias,

gias, com o que Manuel de Sousa ficou  
 deſcaçado, por eſe ficoulhe outra guerra:  
 porq̃ ſabendo os mouros, principalmē-  
 te, os ſoldados, q̃el rey de Cambaya de-  
 terminaua de tomar a fortaleza, e ſober  
 beceranſe muyto cōtra os Portugueſes,  
 & queriãnos tratar como catiuos, dan-  
 dolhes muytos encōtros e os achauã na  
 cidade, & coſpindo neles, & dizẽ dolhes  
 palauras injurioſas. O que ſabendo Ma-  
 nuel de ſouſa, por eſcuſar brigas & ſo-  
 ter a paz, mandou pregoar q̃ ſopena de  
 dez pardaos, nhũ Portugueſe nã foſſe fo-  
 ra da fortaleza, mais q̃ ate hũ tiro de pe-  
 dra: & ſabendo os Portugueſes a cauſa  
 do pregão, nã o podião ſofrer, & diziã  
 que pera q̃ era ter paz cō os mouros pois  
 eles queriã guerra, & nã deixauã dir-  
 a cidade em cōpanhias & muyto a reca-  
 do: E acertouſe aos quatorze de Junho,  
 q̃ andando hũs Portugueſes na cidade,  
 hũ tiro de beſta da fortaleza, quis hum  
 mouro dar hũa bofetada a hum Portu-  
 gueſe, & ele ho matou antes q̃ lha deſſe,  
 ſobre o que ſe armou hũ brauo arroido  
 de cutiladas & pedradas, antre muytos  
 mouros & algus Portugueſes, ao q̃ Ma-  
 nuel de ſouſa acodio & fez recolher os  
 Portugueſes, q̃ os mouros ouuerão por  
 ſeu barato deſe apartarẽ porq̃ leuauã o  
 peor, do q̃ peſou muyto aos Portugue-  
 ſes q̃ andauã no arroido porq̃ lhe nam  
 deixarão matar os mouros, & deitauã  
 aſ armas no chão cō menẽcoria: E reco-  
 lhendoſe Manuel de ſouſa, matarã os  
 mouros cinco Portugueſes q̃ andauã ne-  
 goceãdo na cidade, do q̃ Manuel de ſou-  
 ſa ficou tão agastado, que pos em conſe-

lho ſe rōperia a guerra, & foy determi-  
 nado q̃ não, & a principal cauſa, por nã  
 terẽ agoa na fortaleza, ſem q̃ não pode-  
 rião ſofrer o cerco, & tãobem por auer  
 tamanha ſoina de mouros na cidade, q̃  
 lhe darião aſſaz de ſadiga, & por nã po-  
 derem ſer ſocorridos em menos q̃ dali a  
 tres meſes, por iſſo q̃ ſe deuia de payrar  
 o melhor q̃ podeſſem, & pedir ao Rao  
 q̃ entregaffe os mouros q̃ matarã os Por-  
 tugueſes, pa Manuel de ſouſa fazer juſti-  
 ça deles, & quando não quiffeſſe, q̃ diſſi-  
 mulaffe ate a vinda do gouernador, a q̃  
 mandarião recado como vieſſe o verã  
 & entã ſe vingariã. Iſto aſſentado, Ma-  
 nuel de ſouſa quis ſer ho q̃ foſſe pediros  
 mouros ao Rao, & não leuou mais que  
 quorenta alabardeiros & eſpingardei-  
 ros q̃ erã da ſua guarda, & aſſi ſeus cri-  
 ados, fazendo fechar as portas da fortale-  
 za ao alcaide mōr antes que ſe apartaſſe  
 dela, & requerendoſe da parte del rey  
 q̃ não deixaſſe ſayr dela nhũs Portugue-  
 ſes, & q̃ ficaffe por capitão ſe lhe acote-  
 ceſſe algũa couſa, & cō iſto ſe foy as ca-  
 ſas do Rao, q̃ eſtauã cercadas de bẽ quo-  
 renta mil mouros todos armados, & tã  
 ſoberbos, q̃ punhão medo a quẽ os via,  
 & cō tudo nã bolirá conſigo vẽdo Ma-  
 nuel de ſouſa, & derãolhe lugar que en-  
 traſſe: Entrado ele, cō tanta ſeguridade  
 como q̃ eles forã ſeus, & falãdo ao Rao  
 queixandoſe dos mouros q̃ lhe matarã  
 os Portugueſes, quiſera q̃ lhos enttega-  
 ra, & ele ſe lhe deſculpou q̃ o não podia  
 fazer ſem licẽça del rey de Cambaya, a  
 quẽ eſcreueria a couſa como fora, & q̃  
 ele lhe mãdaſſe pedir os mouros, & aſſi  
 ſe fez,

fe fez, mas el rey de Cabaya se rio bé de lhe Manuel de souza pedir os mouros, & el creuecolhe q' lhos nã auia de dar, por rem q' mã' laria aos seus Cacizes que os encomendassem a Mafameda. E quando Manuel de souza vio esta repostã, teue por certo q' el rey lhe auia de fazer guerra ou algũa treyçãõ, & dali por diãte nã repousaua coe este cuydado, & tinha grã de guarda sobre os Portugueses que nã fossem a cidade, & vigiãua de noyte a fortaleza cõ muyta diligencia.

## CAPIT. CLV.

Decomo el rey de Cambaya tornou a Diu, & do que fez.

**P**Assã dosse estas cousas em Diu, deu el rey de Cambaya fim a suas guerras, & foy se a Diu, onde chegou a dez dias de outubro, & logo em chegando, hũa noyte disse hũ mouro a Manuel de souza a porta da fortaleza estãdo ele so da banda de dentro cõ a porta fechada, & o mouro defora, q' se ao outro dia ho mandasse chamar el rey de Cambaya q' na fosse por q' o queria matar, & por q' nã cuydasse q' lhe dizia isto por algũ interesse, lhe nã dizia que era, & Manuel de souza nã disse isto então a ninguẽ, até yr se era assi, se não quando ao outro dia foy chamado da parte del rey de Cambaya, & ainda q' sabia ho q' lhe o mouro dissera não deixou dir, por q' ouue medo q' não indo tomasse el rey aq'ã pa' rão para a guerra, ao que ele desejava. muyto da alhar, & taõ bé pareceo lhe q' não ganhãua el rey nada e o matar, pois coisso não tomãua a fortaleza, & mais q' o auia so q' lhe deu o mouro seria falso: E deitãdas bé suas contas, asentou em yr, dei-

xãdo o alcaide mór por capitãõ, a q' enã comendou muyto a guarda daq'la fortaleza & defensãõ se necessaria fosse: E deixando toda a gente armada & artilharia prestes, foy falar a el rey, não leuãdo mais q' os da sua guarda & seus criados, & el rey o recebeu cõ muyto galhãdo, & lhe mandou dar hũa Cabaya rica, & lhe perguntou como estãua, & el lhe deu de presente hũ Montante com a maçãã & cabos dourados, & hũs estribos & esporas do mesmo teor: E Mandel de souza por ser esta a primeira vez q' o via, nã lhe quis logo falar na morte dos Portugueses, & tornou se aa fortaleza, mostrãdo el rey q' ficãua seu amigo: mas como era muyto incõstante logo se mudou, & dali a algũs dias estãdo na quinta de Meliã, determinando consigo de tomar a fortaleza o pose em cõselho, em q' foy cõselhado per todos q' o nã fizesse, & sua mã' lho rogou muyto, dizẽdo q' os Portugueses não lhe fazião nhũ mal, & que se bolisse coeles lhe ficãrão por ãmigos, & não lhes auia de tomar a fortaleza, & eles destruir lhe yãõ a cidade, por isso q' fosse seu amigo, & não lhes fizesse guerra, & ajudou muyto Sãtiãgo em q' el rey confiaua, a q' disse q' não auia de tomar a fortaleza aos Portugueses tão facilmente comolhe parecia, por que a fora elã ser muyto forte, & artilhada de boa artilharia, eles erãõ tam leais & tão esforçados, q' auã todos de morrer primeiro q' a perdessem, que se lha não tomasse por algũ artil q' por fora era escusado, q' o artil auia de ser, fazer se muyto amigo de Manuel de souza, & dissimular com o yr ver aa fortaleza, pera que taõ bem descãnfasse daq'ua

fospeyta sea teuesse: & vindo o governador a Diu, coesta amizade o poderia prender ou matar, & sendo ele morto ou preso tomaria a fortaleza, porque morto o governador, não auão os Portugueses de ter esforcopera se defenderé, & q̄ daquela maneyra a tomaria a seu saluo, & nisto assentou elrey: E como era accidental & apetitoso, quis logo yr á fortaleza, onde foy aos treze de Nouébro ás oytoras da noyte, não indo coele mais que o Rao & dous outros senhores mouros, & sem ter mandado recado a Manuel de soufa que auia dir, bateo de supito a estas oras q̄ digo: E sabendo Manuel de soufa q̄ ya mandou tocar as tróberas, & como os Portugueses andauão cõ atoardas de guerra, e nũ momento ferão todos armados & póstos no terreyro da fortaleza, & erão perto de nouécentos, a q̄ Manuel de soufa mādou q̄ fizesse m̄ hũa rua perátrees cõ muytas tochas antrefachadas, cõ cuja claridade as armas resplandeção q̄ era hũa bẽ fermosa coufa: E nisto abriu Manuel de soufa o postigo da porta da fortaleza, & entrou elrey, que mādou q̄ não entrassem coele mais q̄ o Rao & os outros dous, & q̄ toda a outra gente ficasse de fora, & logo mādou fechar o postigo & isto por segurar Manuel de soufa, & ficou espantado de chegar tão de supito, & achar os Portugueses armados tão asinha: E dando a entender que se agastaua entre tantos armados, disse a Manuel de soufa, q̄ se ele eratamanho amigo delrey de Portugal & dos Portugueses que pera q̄ se armauão, ao que lhe respondeo, q̄ não estranhasse aos Portu-

gueses ar marense por sua vinda, porque costumauão de o fazer quando os reys entrauão nas fortalezas delrey de Portugal, com o q̄ elrey descansou, & foy ver dentro as casas de Manuel de soufa: E o Rao sabédo que lhe tinha descuberta a lã parte do mal q̄ elrey queria aos Portugueses, quando vio elrey na fortaleza & entrar nas casas de Manuel de soufa, receandose q̄ o mataba disse lhe, capitão prender & não matar, & Manuel de soufa disse q̄ não auia de fazer hũa coufa nẽ outra, & depois dizia q̄ o deixara de fazer, porq̄ nã sabia se o ouuera o governador por bẽ: E vendo elrey as casas de Manuel de soufa gauoullhas muyto, & dizédo lhe ele q̄ as casas fortaleza, ele, & os Portugueses, tudo era seu, disse elrey em Portugues: Bofe amigo, a fortaleza he delrey teu señor, & as casas são tuas. E auendo obra de meo ora q̄ estaua dentro sa yose, leuado Manuel de soufa por hũa mão, & o Rao por outra ate sa yrd a fortaleza, & foyle pera sua casa cuydando q̄ deixaua Manuel de soufa muyto fora de sospeyta cõ aquela vda, & ele como conhecia elrey, temia se dele como dantes.

## CAPITULO CLVI.

De como Manuel de soufa escreueo ao Governador o que possuaua em Diu.

**P**Assados poucos dias que elrey foy á fortaleza, teuenou certa da grande guerra que elrey de Calicut, & Açadacão, fazião aos Portugueses, & como era incõstante, & tinha mortal odio aos Portugueses, esquecido do conselho q̄ tinha tomado, quis tomar por forza a fortaleza, & sem nhũ proposito, mādou hum dia de presente a Manuel de soufa

quarenta



quoréta galinhas muyto magras & sem cabeças & pernas, & isto así por zóbar dele, como por sinal de guerra, & Manuel de soufa as tomou, o que não pareceo bem aos Portuguezes, que logo souberã que aquilo era fazer el rey escarneo deles & mais sinal de guerra, & entã se arrepêdeo Manuel de soufa de não prender el rey quádo foy á fortaleza, pois sabia sua determinaçã, & escreveu logo ao gouernador por hũ Francisco anriquez quanto lhe tinhã dito o Rãoda determinaçã del rey de Cambaya & o que tinha feito, & como o não prendera quando fora á fortaleza por não saber sua vontade, & q̄ acudisse a Diu porque esperaua por certo: Vêdo o gouernador esta carta ficou muy agastado de Manuel de soufa não prender el rey quando o teua na fortaleza pois sabia sua determinaçã: E em acabando de a ler, escreveu outra por sua mão a Manuel de soufa, estranhando lhe não prender el rey, & que o prendesse se o acolheffe outra vez na fortaleza, porq̄ ele partia logo, & na mesma ora madou coesta carta a hũ criado seu, chamado Pero de chaues, de que confiãua muyto, que foy em hũ catur bem esquipado, leuando a carta cosida em hũ gibão, q̄ deu a Manuel de soufa, o qual não pode prender el rey por nã tornar mais á fortaleza: E por neste tempo o gouernador andar em concerto de pazes cõ Açadacão, mãdou diante a Diu Manuel de macedo cõ algũã gente, mandandolhe que dissesse a Manuel de soufa q̄ como ele chegasse a Diu, desparasse toda a artelharã & fizesse grande festa, dizendo que chegarã

quatorze naos de Portugal que leuauão sete milhomês, & así foy feito, com o q̄ el rey de Cábaya ouue medo de declarar a guerra: E mudando entã o conselho de tomar a fortaleza, assentou em prender o gouernador & mandalo chamar, fingindo que queria falar coe lsa que importaua muyto ao seruiço del rey de Portugal, porque coisto yria logo & mandoulhe hũ embaixador, que era hũ mouro muyto honrrado seu capitã, filho doutro chamado Lucão, grãde senhor em Cambaya, que tinha hũ conto douro de rãda: & este embaixador sabia bem a treyçãõ q̄ ordenaua el rey de Cábaya, que lhe mandou que fesse por Baçaim & leuasse consigo Cojexacoez, q̄ era Tanadar mór del rey de Cambaya: naquel terra.

## CAPIT. CLVII.

De como foy descuberta ao gouernador a treyçãõ del rey de Cambaya.

**C**OM quanto Açadacão estãua tão forte no passo de Bori, & vio derribada a fortaleza de Rachol, & vio desbaratado dõ Gongalo coutinho, & mortos duzentos Portuguezes, não descansãua por q̄ o gouernador não queria paz coele, que bem sabia que sem clã não podia cobrar as Tanadarias de Salfete & de Bardes, q̄ era o fim porq̄ fazia esta guerra, & por isso não deixãua de pedir paz: E ainda depois de ydo Pero de fãria, quádo derribou a fortaleza de Rachol, mandou hũ embaixador a pedir paz ao gouernador, prometendolhe se a fizesse, cõ lhe dar as Tanadarias, de lhe descubryr hũã cousa que lhe importaua muyto sabela, & nisto lhe foy dada a carta de Manuel

nuel de soufa, acerca da determinação  
 delrey de Cambaya: E vendo o governa  
 dor que lhe era necessário acudir a Diu,  
 & que Goa ficaua em perigo se ficasse de  
 guerra com Açadacão, determinou de fa  
 zer paz coe ele & darlhe as Tanadarias, &  
 mais porque soube do mesmo embaixa  
 dor o que escreuera a Açadacão & aos ou  
 tros senhores, acerca de fazer a guerra  
 q̄ lhe fazia por esta causa, & mostroulhe  
 a propria carta quelrey de Cambaya es  
 creuera a Açadacão, & que isto era ho q̄  
 lhe importaua de saber, por q̄ não se fiasse  
 do rey de Cambaya: E ho governador  
 porque não parecesse que coe este medo fa  
 zia as pazes dissimulou, dizendo que nã  
 lhe daua nada delrey de Cambaya, por q̄  
 tinha em Diu muyto boa fortaleza & gē  
 te com que a defender, mas por Açadacão  
 ser vezinho de Goa & amigo delrey de  
 Portugal, folgaria de ter paz coe ele & tor  
 narlhe as Tanadarias, com condiçã, que  
 ele mandasse hũ embaixador a elrey de  
 Portugal sobriçso, como dizia dantes, &  
 que se elrey ouuesse por bem que lhe fi  
 casses as Tanadarias que lhe ficarião, &  
 se não que as auia de tornar, & assi se fez  
 a paz: E depois disto chegou o embaixa  
 dor delrey de Cábaya, & coe Xacoez  
 a que o governadormandou fazer bom  
 recebimento & lhes fez muyta honrra,  
 & deulhes por cõpanheiro a Coge per  
 colim hũ mouro Persiano (de que faley  
 a tras) que eu conhecy, em que o gover  
 nador confiava muyto, por auer annos  
 q̄ andaua na India & ser amigo dos Por  
 tugueses & esprementado por leal, &  
 mais era muyto prudente, & por isso lhe

encomendou o governador que lhe sou  
 besse do embaixador delrey de Cábaya  
 a determinação delrey, & tãobẽ rogou  
 o mesmo a Xacoez que tinha por ami  
 go, & lhe descobriera que elrey de Cam  
 baya lhe mandara que comprasse quan  
 to arroz ouuesse em Baçaim & por aq̄la  
 terra, por q̄ os Portugueses o nã achassẽ,  
 & que nisto lhe parecia que elrey queria  
 fazer guerra a fortaleza de Diu, & a cle  
 treyçã, por algũas cousas que lhe o em  
 baixador dissera: E concertado isto com  
 estes dous mouros, eles tomarão a cargo  
 de o saber, pera que hũ dia derão hũ ban  
 quete ao embaixador, em que entrarão  
 muyto bõsinhos, com que ficou quẽ  
 te & ledo, & ficando todos tres s̄os so  
 bre comer, começaram Coge percolim &  
 Cogexacoez de dizerem mal dos Portu  
 gueses, & brasfemando deles, per os ma  
 les que fazião aos mouros, & espantan  
 dose muyto delrey de Cambaya sendo  
 tamanho senhor, como os nã deitara  
 fora da India, dandolhe por isto muyta  
 culpa, & que deuia de tomar o governa  
 dor em hũ bãquete que lhe desse, ou em  
 outro lugar & prendelo, porque prefo  
 facilmẽtelhe tomara a armada & a for  
 taleza, & depois tomara as outras forta  
 lezas, & deitaria os Portugueses fora da  
 India, o que lhe seria mayor honrra, que  
 ser tamanho senhor como era, & pa sua  
 fama sayr pelo mundo, deuia de mandar  
 o governador depois de prefo ao Turco  
 em hũa gayola de ferro: E o embaixa  
 dor com a ledice que tinha, riõse muyto  
 quando ouuyõ isto, dizendo que assi ho  
 tinha elrey de Cambaya determinado:

& que como ho governador fosse em Diu, lhe auia de dar hum banquete & a seus capitães, na quintaã de Melique, em húa orta que tinha cercada de forte muro onde osauia de prèder a todos, ou nas suas casas quando os nam podesse acolher na quintaã. E pera mayor certeza do governador, estaua em outra casa pegada com ela hũ Portugues, que sabia a lingoa, que ho ouuia & escreuia, & deu tudo ao governador, que deu muytas graças a nosso Senhor por lhe descobrir aquela treyçam, & bem parece que foy aquilo permissam diuina, porq̃ a Christandade que auia na India nam se perdesse, ho que ouuera de ser, se a treyçam del rey de Cambaya ouuera effeyto, & logo ho governador determinou cõsigo de prender el rey de Cambaya, se ho Manuel de soufa não teuisse preso, & auia de ser, fazer que ya doente do caminho, pera que quando chegasse a Diu o fosse el rey ver á fortaleza onde ho prenderia, & quando nam, prendelo em sua casa, a primeyra vez que ho fosse ver, leuando cincoenta fidalgos & homês de feyto armados secretamente, que ho auiam da companhia: E em ele chegãdo por terra ás casas del rey com esta companhia, auiam de chegar por mar os nauios de remo, com todo ho resto de sua gente, todos armados secretamente, tãgêdo trombetas & atabales, como que lhe yão fazer festa, & em ho governador chegãdo á primeyra porta das casas del rey, auiam de matar ho porteyro, & de pois arrombando as outras portas onde el rey estaua & prendelo, & dar com ele

nos catures, que auiam de star pegados com as suas casas, por ho mar bater nelas, & dali dar com ele na fortaleza, por que a nossa armada defenderia que não chegasse a del rey, & os que yão com o governador ho defenderiam dos mouros se acodissem por terra, & nam deu logo parte disto a ninguem, por nam ser descuberto, & logo pos em obra sua partida, que foy na entrada de Ianeyro do anno de mil & quinhentos & trinta & sete, & leuou húa armada de trinta vellas grossas & miudas, com quinhentos Portugueses, mandãdo recado a Martiãfõso de soufa que andaua no Malabar, que logo partisse pera Diu, & fosse com muyta pressa, porque era coufa de muyta importancia, & Martiãfõso ho fez assi, leuando toda a armada que tinha, & ho governador nam esperou por ele, & foy com tam pouca gente com pressa de lhe parecer, que tanto que chegasse a Diu, por yr doente ho yria el rey de Cambaya logo ver a fortaleza, onde ho prenderia, & fazia conta que com a gête que leuaua, & a que tinha Manuel de soufa se defenderia dos mouros, & que com a q̃ Martiãfõso leuasse, abastaria pera segurar Diu, quanto mais que como os mouros vissem preso el rey de Cambaya, não auiam de ter coraçao pera bolirê cõsigo.

## CAPIT. CLVIII.

De como Antonio galuão chegou a Malaca.

**P**Artido Antonio galuão de Cochĩ, seguiu sua rota pera Malaca com os nauios de sua conserua, & indo nomais que com a nao que fretou, de que era capitão Francisco nunez, & na paragem da

da ilha de çamatrá, lhes deu hũa tormé-  
ra com que se ouuera de perder, porque  
estando furto, foy a outra nao dar por a  
sua, não a vendo com o grande escuro,  
& abalrrou coela, & desfaziãse hũa có-  
a ou tra có o mar que era muito grosso.  
E estando neste grãde perigo, quis nossô  
Senhor que cessou a tormenta & apar-  
rarãose as naos, & daquy foy ter a Ma-  
laca aos dezoyto de Junho, & estando  
a quy adoeceo & quasi morto o mādou  
de m Esteuão da gama leuar pera a for-  
taleza, onde nossô Señor lhe deu saude,  
& já em Agosto chegou Diogo sardi-  
nha, per que Tristão datayde mandaua  
pedir socorro a dom Esteuão, encampã  
dolhe a fortaleza se lho logo não man-  
dasse pela via de Borneo, & Diogo sar-  
dinha deu tãobem hũa carta de Tristão  
datayde a Antonio galuão, em que ho  
auisaua do que auia dyr apercebido: &  
assi lhe derão outra carta que lhe escre-  
uia algũs homés de Maluco, & antreou-  
tras cousas dizia nela: E assi esperamos  
senhor por vossa vinda, como os santos  
Padres que estauão no limbo esperauão  
pola de nossô Senhor, peranos tirardes  
de tantos trabalhos como temos, & ate  
qua chegar des nos parece dez milãnos,  
praza a nossô Senhor que o traga como  
desejamos: Dizem que lhe hão la de có-  
prar a fortaleza, se a vender será gran-  
de deseruiço de Deos & delrey, & rifl-  
co desta fortaleza, & de nossas vidas &  
fazendas, & receamos muyto de a ven-  
derdes, porque se assifor, darã causa a se  
perder de todo o seruiço de Deos & del-  
rey, a que importamuyto esta fortaleza  
& vindo parela fareis a ambos muyto  
seruiço, & a nos todos muyta merce, &  
muyto bem a toda a terra, que có gran-

de desejo de sua vinda o está esperando.  
E tãobélhe foy dada outra carta de Ro-  
drigo rabelo feytor da nao Santispirito,  
em que lhe fazia grandes queixumes de  
Tristão datayde, por lhe não deixar car-  
regar a nao & a deter dous annos. E sa-  
bendo Antonio galuão por estas cartas  
a grande necessidade que a fortaleza de  
Maluco tinha de mantimentos, armas,  
& gête, requereo ao feytor Belchior bó-  
telho que carregasse a nao delrey demã-  
timentos por quáo necessarios erão, &  
por ele não querer tomar se nãpoucos,  
foy necessario a Antonio galuão buscar  
dinheiro emprestado, & comprou tan-  
tos á sua custa que carregou a nao q̄ le-  
uaua fretada, & nisso & em peytar a gē-  
te que fosse coele gastou muyto, porque  
ouyndo a gente que yãcoele o traba-  
lho que auia em Maluco: E védo que os  
que de lá vinhão não querião tornar, nã  
querião yr có Antonio galuão, que fazé-  
do o quedigõ, lhes ganhou as vontades  
pera yrem. E porq̄ sabia que toda a sal-  
uação da fortaleza de Maluco era muy-  
tos mantimētos, deixou em Malaca hũ  
Antonio soarez, que fosse em hũ jungo  
pela Iaoá & o carregasse hi deles, & pera  
isso lhe deu a sua prata laurada q̄ tinha  
por não ter já dinheiro: E vendo quáo  
necessaria era sua yda a Maluco, posto q̄  
estaua muyto doēte, & dom Esteuão &  
os outros lhe conselhoão q̄ não se ma-  
tasse, & que espacasse sua partida pera o  
Ianciro seguinte, não quis se nã partir se  
indo quasi com a candeã na mão, tama-  
nho era seu desejo de servir a Deos & a  
elrey: & aos dezoyto Dagosto deu á ve-  
la, & se partio de Malaca pela via de Bor-  
neo: E sabendo quáo perjudicial era ao  
seruiço delrey, leuar se a Maluco fazéda  
de partes,

de partes, não quis dar licença a ningué que a leuasse, posto que por isso lhe dauão muyto, né meos de licença a mercadores pera que fossem coela depois q lá esteuesse, o que nunca ate então fizera nenhú capitão.

## CAPITVLO CLIX.

De como Antonio galuão chegou aa ilha da Ternate.

**P**Artido Antonio galuão de Malaca foy ter ao porto de Borneo có sua conferua, & por elrey & os seus estaré muyto escádalizados dos agrauos q os mouros de Maluco recebião de Tristão datayde & dos Portugueses, nã foy Antonio galuão ali tãobem agastalhado, como o forão os outros capitães q yão pera Maluco, pelo que não se quis deter & partio se logo, & dali foy ter á ilha de Ternate, em cujo porto surgio aos vintacinco dias Douubro, & como foy visto da fortaleza, foy grande o aluorço na gente, & algús desses principaes o forão logo visitar, pera lhe dizerem malde Tristão datayde como disserão, atrebuyndolhe toda a culpa de lhe os mouros fazerem guerra, & que os Portugueses estauão tã escádalizados dele que se dom Esteuão da gama não esteuera por capitão de Malaca, eles o mandarão preso ao Governador da India, mas por quedó Esteuão, que era seu sobrinho, estava em Malaca onde auia dizer, o não mandarão, & tantos males dizião de Tristão datayde, que Antonio galuão o não creó, parecendolhe que o dizião por lhe comprazer. E porq sabia que sempre os capitães daquela fortaleza quando entrãõ prendião os outros que estauão nela, determinou de nã fazer assi a Tristão datayde, se não man

dalo com sua hõrra, saluo se lhe achasse taes culpas que nã podesse al fazer se nã prendelo, & assi lho mandou dizer, mã dandoho ele visitar, & pedirlhe q fosse logo tomar posse daquela fortaleza, o q nã quis fazer, & deteu se algús dias sem sayr em terra, por lhe parecer que veda a gente o fauor que fazia a Tristão datayde, recõciliassem com ele, ou ao me, nos nã se atreuessem a queixar selhe muito dele. E vendo os da fortaleza quanto dilataua tomar posse dela, dizia que era com medo de nam se atreuer com acarrega que era ser capitão: E por isso desembarcou hũ domingo, & foy recebido com procissam cantando os clerigos: Te Deum laudamus, & metido de posse da fortaleza, foy ho prazer muyto grande em todos, dizendo que os forã remir do catiueyro em que estauam, principalmente em leuar tantos mantimentos como leuou: E porque ele sabia a necessidade que auia deles, & a grande valia que tinham, pois taxya neles, & pera que teuessem mais vigor, & todos soubessem que auia de permanecer, começou logo nos del rey que estauam nã feitoria, mādãdo que se dessem trinta gantadas daroz, que sam oyro alqueires, por quatrocentos & oytenta rês, a rezão de sessenta o alqueire, valêdo dantes a cinco cruzados, & a este preço se pagasse nele o mantimento & soldo que fosse diuido ás partes, a que ainda deuião a algús do tẽpo Dantonio debruto, & nisto a fora elrey ganhar muyto em se defender diuidar, ganhõ muyto no emprego deste aroz: E assi mandou que a jarra do çagu se desse a duzentos rês, & hum porco tres mil rês, & hũa cabra dous cruzados, & hũ cabrito tres tostões, hũ

leytão, hũ cruzado, hũa galinhacincuenta r̄s, & así todo ho mais muyto barato, pera quam caro estaua dantes (como disse atras) & así em todas as outras cousas. E pera se melhor executarem as penas desta taxa, fez hũ juyz ordinario, & dous almotaccis, que ate entam nam ouuera, & deulhesos cinco liuros das ordenações, que leuou pera isso da India, que forão os primeyros que se virão naquela terra: & así leuou pera ho ecclesiastico, as Cõstituyções que o Cardeal dõ Afonso de gloriosa memoria fez. E vido a gente quam amigo Antonio galuã era do bem comũ, & quão zeloso da justiça, de cada vez lhe querião mayor bẽ, & dauam mais graças a Deos por lhes dar tal capitão. E depois de ter ordenado o que pertencia a bõ regimẽto da terra, entendeo em repayar as cousas necessarias pera defençam da fortaleza, especialmente na arthelaria que achou muyto danificada, a grossã sem repayros, & a miuda sem rabs nem piães, & ainda dizião que falecia a melhor, que Tristam datay de dera aos jungos dos mercados, respera segurãça do crauo que lhe leuauam, nem auia ferreyro pera que a concertasse, porque hũ que auia, deralhe Tristão datay de licẽça pera Malaca nã moueão passada, nem auia poluora, nem cartũo pera se fazer: & Antonio galuã fez tanta diligencia, que achou hũ ferreyro que andaua encuberto, a que deu tanto de sua fazenda, que quis ysar do officio, que importaua tanto q̄ sem ele nã se podia concertar a arthelaria, que logo foy concertada, & repayrada de todo on-

cessario: E feyta poluora, & Antonio galuã com os fidalgos & pessoas principaes yão ao mato a cortar madeyra, pera os repayros das bombardas, & lenha pera se fazer cartũo, & a traziam às costas com immenso trabalho, o que nã se podera fazer se Antonio galuã nã leuara a ferramenta que disse que leuou da India pera este mester.

## CAPIT. CLX.

De como Antonio galuã se apercebeo pera yre pelejar com os mouros a Tidore.

**T**Am soberbos estauã os reys de Maluco, com as vitorias passadas, que ainda q̄ foubirão a vinda d'Antonio galuã, & a boa gente que leuara, não disfirão da guerra q̄ faziam a fortaleza, & mã dauã suas armadas q̄ lhe fofse correr, & así o fazião, dandolhe os mouros mil rebates de dia & de noyte, com q̄ Antonio galuã socedeo no grãde trabalho q̄ Tristão data y de tinha dãtes, tendo cõtinuamẽte as armas vestidas, cõ quantos auia na fortaleza, acodindo aos saltos dos ãmigos, muytas vezes estãdo comẽdo & dormindo, & sem terem nenhũ repouso. E parecendo a Antonio galuã, q̄ p̄r ser nouo na terra, quereriã os reys paz coele, & por que sabião que se auia dir Tristão datay de, mandoulha pedir por Gongalo vaz çarnache capitão mardo mar, que foy em hũa carauela a Tidore, onde os reys estauam juntos: que ouuindo a embayxada d'Antonio galuã sobre a paz, se desculparam da guerra que faziam, com os males & offensas que lhes Tristam datay de tinha feyto, & que aueriam sobrisso seu conselho, & entre tanto assentaram tregoa por



ramuça despingardadas, de q̄ né hús né outros ficarão feridos, & em se os mouros embarcando, foy tomado hú, a q̄ Antonio galuão pregütou polo que os reys determinauão, prometendolhe merces se dissesse a verdade, & tormentos se dissesse mentira, a que o mouro respondeu muyto seguro. Sabe capitão, que se aos reys que eu siruo, & á sua gente, se seguísse algũ dano polo que eu dissesse, não ateria tormẽto que mo fizesse dizer, q̄ assi como eu tiue ousadia pera ficar na traseyra, pera defender os outros que se embarcauão, assi terey esforço pera soffrer a pena com que salue tãtas vidas: mas como sey certo, q̄ os reys & a gẽte que estã em Tidore, não perdẽ nada no q̄ te disser, direy verdadeyramente o que me preguntares, entã lhe disse, que os quatro reys de Maluco, & outros quatro dos Papuas, estauam todos em Tidore, com tanta gente, que não se podia contar, & era sua determinação de ho tomarem viuo com todos os Portugueses, pera aos que estauão dantes com Tristão datay de & a ele matarem com graues tormentos, & a Antonio galuão: & aos outros os resgatarem, & que a cidade de Tidore estaua fortissima com muros & baluartes, & muytos estrepes, que por nenhũa parte podia ser entrada, com hũa fortaleza sobre hũa rocha talhada, pera onde sobiam por hum caminho tam ingreme & estreito, que aspedradas se defenderia a sobida a todo mundo, & pera a encaulgarem por terra auiam de sobir mais de hũa legoa, por caminho muyto frágoso & garrado daruoredo, & todauia o mou

ro lhe prometeo de holeriar lá, porque quanto mais cedo ho leuassee, tanto mais afinha seria liure, & ele feu catiuo: & Antonio galuão estaua espantado de ver a ousadia deste mouro, & tudolhe soffria, porque ho guardaua pera guia, se lhe fosse necessario.

## CAPIT. CLXI.

De como Antonio galuão destruy de todo a cidade de Tidore.

**A** outro dia em que Antonio galuão determinaua de partir, em rãpido a alua, appareceo ao mar hũa armada dos mouros, de passante de trezentas velas de remo, em que yão mais de trinta mil homẽs de pelea com os remeiros, querãtambem se contã por homẽs darmas, & he costume da terra, os filhos dos reys dos Sangãjes, & dos Mandaris andarem ao remo em quanto sam mãcebos, & prezãoe disto, porque dali vé a ferem canaleiros. E os mouros que souberã que Antonio galuão estaua de partida, forãolhe dar mostra de sua armada pa o espãtarẽ, & cõ tudo cõ medo da sua artilharia, não ousarã de chegar a tiro de bombardã dele: E vido ele q̄ tu do aquilo era rebolaria não deixou de partir, deixãdo em guarda de Talãgame Fernãanriquez, em certos jũngos que hificãuão, & em ele partindo, partio tambem a armada dos mouros indo sempre a lãmar: & chegada a Tidore que começõ de costear a jlha, forã as prayas cubertas de gẽte que o sayão a ver, & dauã grãdes gritas. E em começãdo de descobrir a cidade, começõ a artilharia de jugar dela, mas como passãuã os pelouros por alto nam lhe faziam dãno, & Antonio



galuão mādou q̄ não tirassem á cidade, cō determinação de ver primeiro se podia fazer paz por bé, & quando não q̄ entrão faria a guerra, & foy surgir cō sua armada diante dúa mezquita, & dali mādou logo hũ recado aos reys sobre paz, mas o messageyro nã foy ouydo, né o deixará chegar á cidade, cō muitas espinhadas que lhe tirarão de q̄ o ferirão, & coísto derão muytas apupadas, como que zombauão da yda D'Antonio galuão, chamando nomes injuriosos aos Portugueses, q̄ tudo ouuião por estaré perto de terra, & nisto galtarão o q̄ era por passar do dia, & quasi toda a noyte. E em aparecendo algũa cádeca na nossã armada, tirauãhelogo cō a artilharia, pelo q̄ se passou dali pera baixo da cidade, afsi por se tirar daquele perigo, como por ter tépo pera praticar como daria na cidade, & ali lhe deu hũa toruoadã com q̄ se ouuera de perder, & por isso determinou de surgir ao pé da rocha onde estaua a fortaleza da cidade, porq̄ ali lhe pareceo q̄ a poderia melho rebobardear, & estar mais emparado da sua artilharia. E querendo saber se era como lhe parecia, mādou Gõçalo vaz çarnache q̄ o fosse ver, & sondasse ao pé da rocha, do q̄ se ele escusou, dizêdo q̄ o matairão os tiros q̄ lhe tirassem de terra q̄ yria de noyte. E védo Antonio galuão q̄ o não queria fazer, foy fãzelo, o q̄ fez cō muyto grãde perigo, & depois foy ali surgir cō a armada, em que logo fez cõselho sobre fãz em terra, & hũs dizião, q̄ a cidade se deua descalar por qualquer parté q̄ podesse, outros q̄ polo mais forte, porq̄ ali auia dauer me-

nos gēte pera a defender, outros q̄ de uia de tomar a fortaleza, q̄ ainda q̄ fosse couza muy trabalhosa de fazer, era de muyto menos perigo, porq̄ nã tinha artilharia né gēte q̄ a defendesse, porq̄ auião os mouros por impossuel poderse tomar, & tomada, darião dali tanta guerra á cidade, que ou se os mouros yrião dela, ou farião paz, quanto mais q̄ auião muyto de desmayar com a fortaleza tomada, & ainda q̄ tomãse primeyro a cidade, estaua certo acolherem se os mouros á fortaleza, como fizerão outras vezes, & ali seria impossuel fazerlhe dãno, & deste parecer foy Antonio galuão, & ali se assentou que pera este feyto leuasse cento & vinte Portugueses escolhidos, & os cincoenta fizessem na armada, afsi pera a defenderem se a dos inimigos a cometesse, como pera que em amañhecêdo a parecêsem nos nauios todos armados, & tangêdo suas trombetas & atãbores, q̄ cuydasssem os inimigos que querião desembarcar, & acodissem a tolherlhesa desembarcação, & Antonio galuão com os outros podesssem mais facilmente tomar a fortaleza. E encomendãdo se a nossõ Senhor, que os liurasse de tamanho perigo como aquelea que se punhão, por exaltamento de sua sanctã fee. Rendido ho quarto da modorra, que era o tempo em que os inimigos estauã mais affõsegãdos, desembarcou Antonio galuã cõ os cento & vinte Portugueses, q̄ todos leuãuã espingardas & lâças, & leuãuãolhas seus escrauos, q̄ cõ os senhores faziam numero de trezêtos. E tornados os bateis pera a frota, abalou Antonio galuão pera a

fortaleza, per hū caminho q̄ estaua afastado da cidade, pera cima da rocha q̄ disse, pelo que não foy sentido dos inimigos, & leuaua a gēte feyta em corpo, & na dianteira yá Gōçalo yáz çarnache, Diogo lopez dizzeudo, Iorge de britto, Antonio de reyuē, dō Fernado demórroy, Iorge datayde, & outros fidalgos cujos nomes nã soube, & así hū Antonio carneiro q̄ leuaua mouro, q̄ disse q̄ os guiaua, & no meo ya Antonio galuão cō a bandeira: & a traseyra por ser lugar de mais importácia, foy encomédada a Fráçisco de souza, cō quem yáo loão freyre & outros: E como o caminho era muy frágil, & Antonio galuão ya de vagar, por os seus nã canlaré, chegou a meo legoa da fortaleza ás oytto oras do dia (q̄ era do apóstolo Sã Thome:) E como se ya chegãdo a cidade, foy sentido das atalayas dos inimigos, q̄ lhes logo derão auiso, dizēdo qua poucos erã os Portugueses: E aluoroçã dos os reys coesta noua, derão logo rebate à sua gēte, de q̄ se ajūtãrão cincoenta mil homēs de peleja, & sayndo cō os reys, tirarã a grãde pressã pera onde ya Antonio galuão, q̄ ouuindo ho arroyo da gēte q̄ era grãde, por nã se embarçar co:le, antes de chegar à fortaleza, deixou o caminho q̄ leuaua, & meteo se pelo mato, q̄ como era muy espesso ho encobrio dos inimigos, q̄ o perderã de vista: E cuydãdo q̄ fogiã, começã de dar grãdes apupadas, cō prazer, & era medonha cousã douir os ecos q̄ fazião por aq̄les vales, q̄ isto fo abastaua pa fazer desmayar Antonio galuã & os seus, q̄ cō a esperãça em nōsso Senhor yã todos muy esforçados. El rey

Cachil dayalo q̄ leuaua a diãteira dos inimigos, & a que era encomédado q̄ fosse o primeyro q̄ desse nos Portugueses, trabalhou por lhes atallar antes q̄ chegãse à fortaleza, & sayndo cō sua gēte a hū escãpado q̄ se fazia antreles & a fortaleza, foy aliter Antonio galuão por acerto, & el rey quisera auer fala dele pa o deter, q̄ chegãse entretanto os outros reys, cō o resto da gēte & o tomãse às mãos cō os outros, q̄ nã se cõtetauã de os matarē pelejado: porē Antonio galuão nã curãdo de pratica, & fazēdo tocar as troberas, remete cō os seus aos mouros, chamando por Sãtiago, & desparãdo sua espãgardaria, & outros as lâçadas & enlãdas, de q̄ logo foy ferido el rey Dayalo q̄ andaua na diãteira, vestido em hūa saia de malha & hū capaçete na cabeça, pelejando cō hūa espada dambas as mãos, & cahio das feridas q̄ lhe derã, & como era muy to esforçado, leuãto use logo, dizēdo q̄ nã era nada, posto q̄ lhe sahia muy to sangue. E neste tēpo deu hū mouro a hū Pero pinheyro, cō hūa espada hū golpe de tãta força sobre o capaçete, q̄ o derribou atordoado, & matarãho, se lhe nã acordara Iorge de britto, q̄ o derribou cō hūa lançada, & logo foy morto, & Pero pinheyro leuantado, & isto era a batalha muy tranada, & ferida muy asperamente, trabalhãdo os mouros por çercarē os Portugueses, & sũmirēnos a todos, ho q̄ sem duuida ouuera de ser se a batalha mais durara, mas quis nōsso Senhor por sua mĩa, atallar lhe com cayr el rey Dayalo desmayado, do muito sangue q̄ se lhe foi das feridas q̄ erã mortaes, & em caindo,

bradou, dizendo que ho tirassem da bata-  
lha, porque os cães de seus inimigos, não se  
alegrassem com a sua cabeça. Et tanto q  
os seus ho viram assiletar, desmayaram  
de maneyra, q não podera mais pelear,  
& fogiram a que mais podia deyxando  
as armas, por yrem mais despejados, &  
estes deram na outra gente q os reys le-  
uavam pera os ajudar, & como deram  
neles dencontro fizeramos fogir, & hũs  
vão pera a fortaleza, & outros por esses  
matos. Antonio galuão dando muytas  
graças a Deos por tão milagrosa victoria,  
foy seguindo os q yam pera a fortaleza,  
matando & ferindo neles, & entrou nela  
com todos os seus deuolta cõ algũs mou-  
ros, que vazaram logo fora & lhadeixa-  
ram, & ele lhe mandou dar fogo, & co-  
mo as casaseram de madeyra & de ca-  
nas & eubertasdola, começa o fogo da-  
cenderse tam brauamente, q era espanto  
ouuir ho arroy do que fazia. E vendo os  
reys quenam auia ali remedio, acodirão  
a cidade, onde ho medo foy muyto grã-  
de nos que nela ficarão, quando virã en-  
trar el rey Dayalo quasi morto, & come-  
çaram logo de fogir dela, cõ molheres,  
filhos, & fazendas, & mais quando viram  
os reys q fogiam, & ouuão ho arroy do  
do fogo q queymata a fortaleza. E vido  
os reys tamanho destroço, começa de se  
poer em saluo põ esses matos, & el rey  
de Tidore acodio a suas molheres & te-  
souro, cõ quatro mil homẽs que ho aju-  
dauão, & deram cõ tudo em hũ profun-  
do vale, & vido os Portugueses & Ara-  
bios marinheiros q estauã na nossa frota  
ho destroço dos mouros, em q pes a hũ

Francisco nunez, & a hũ Fernão ley tãõ,  
q Antonio galuão deixou nas naos por  
capitães, tomado nos bateis algũs ber-  
ços & falcões, forãse a cidade, & tã achã-  
do defensa nos mouros, meterãse a tou-  
bar sem nhũa ordem, o q foy causa de os  
mouros dare neles & matarã & ferirã al-  
gũs Arabios, & assi ouuerõ de fazer aos  
Portugueses, se nesta conjunção nã entra-  
ra Antonio galuão cõ os seus, q vendo q  
estauã todos viuos & sãos, tão q o fogo  
foy bateado na fortaleza de goa acida-  
de, & ementrãdo cõ grande grita & ar-  
roy do de trobetas, desemparã os mou-  
ros tudo & acolhẽse. E por se os Portu-  
gueses nã embarcare cõ ho roubo, mã-  
dou Antonio galuã poer fogo a cidade,  
q foy toda queymada, aforã os muros, e  
q ardeo muyta riqueza, por q como os  
mouros estauã muyto cobrados em os não  
tomarẽ, tinhã todas suas fazendas sem ti-  
rarẽ nhũa cousa, & forã mortos muytos  
mouros, & feridos sem cõto, & catiuos  
infindos homẽs & molheres, & tomada  
muyta artilharia, & nauios de remo, &  
hũ jũgo: & dos Portugueses nã foy mor-  
to nhũ, saluo hũ escrãuo. E parece q quis  
nosso Senhor fazer este milagre, pa cõsu-  
sã dos mouros & q brar lhes sua soberba.

## CAPITVLO CLXII.

De como os Reys de Geilolo & de Bachão, & os  
outros se foram pera suas terras.

**A** Vida esta tã milagrosa victoria, mã-  
dou Antonio galuã derribar os mu-  
ros & baluartes da cerca da cidade, q eni  
algũs dias forã derribados, q tudo ficou  
tã rãso como se nũca ali esteuera cidade,  
& assi foi atupida a caua, & isto com imẽ-  
so trabalho de Antonio galuão & dos seus,

que de dia estaua em terra, & de noyte dormiam na armada. E como os Reys estauam juntos, & tinham ainda junta a gente que escapou da batalha, determinaram de ho to marem no mar com sua armada, quando fosse das naos pera a cidade, por ser a distancia hũ pouco comprida, do q̃ Antonio galuão foy auisado por suas espias, & aquela noyte mandou poer em cilada a longo da terra debaxo do aruoredo algũa gente nos nauios de remo que tomou, pera q̃ sayndolhe os ãmigos, lhes ficassem os seus detras & ele diante, & pera os prouocar a sayrenlhe, embarcou se pola menhaã com grande arroydo de tróbetas, & como os mouros estauão prestas na armada, sayrão logo a ele indo cosidos com terra, peralhe tomarem a diateira antes q̃ chegasse, & indo assi, foram dar de supito com a cilada, que lhe Antonio galuão tinha posta, de que lhe logo começaram de tirar com a artelharia & chegar se a eles, & afferrara hũa coricora del rey de Bachão, q̃ ya diante carregada de gẽte, q̃ nam oustando de pelejar se detrou no mar, & a coraçora foy tomada: E yẽdo os outros isto, foram se retirando, & de se uedẽdo de maneyra, q̃ nam receberã mais nojo & forãõse, do q̃ os reys ficarãõ muy enuergonhados, vẽdo quã pouco lhes fundira seu artil, & por isso acortada de darẽ em Antonio galuão per terra & per mar, & estãdo juntos pera isso, foy Antonio galuão auisado, & foy logo sobreles por terra, & partio de dia por lugares encubertos, pera os tomar de sobrefalto, & assi ouuera de ser, se os da companhia de Frã-

cisco de souza, que ya na dianteyra, nam tirara certas espingardadas yndo perto dos ãmigos, q̃ os sentirã, & como estauã cortados do medo, & os tomassem de sobrefalto acolheram se logo, & todavia Antonio galuam alcançou os da trãseyra, de que matou & ferio & catiuou algũs, & antre os mortos foy hum primo del rey de Geilolo muyto valente caualeyro, de que os ãmigos receberam grande perda, & fizeram por ele grandes prantos, & despois disto, foy Antonio galuam sobre hum lugar que estaua hi perto, que achou despouoadõ com medo & quey mouho, & era ja ho medo ta manho nos mouros, que nam oufaum daparecer, o que visto polos reys de Bachão, & de Geilolo, & dos Papuas, & q̃ era escusado tentar mais a fortuna contra Antonio galuam, determinaram de se tornarem pera suas terras, & dey xarẽ a guerra pera outro tempo, & assi ho disseram a el rey de Tidore, dandolhe pera isso algũas rezõcs, & as principaes forãõ, que Deos peljava por Antonio galuão, ou Masamede estar yroso cõteles, cõsentia que fossem assi vencidos por tama poucos Portugueses, tendo eles tanta gente que nam tinha conto, infringido dali, que nam era bem que pelçassem mais & com isto se partiram, ficando el Rey de Tidore muyto triste de ho deixarem daquela maneyra. E vendo os Portugueses de saparecer os ãmigos, eny dauãõ muyto que yãõ sobre a nossa fortaleza, & fizerã grandes requerimẽtos q̃ lhe acodisse, & ele nã quis, dizẽdo q̃ que nã defendia sua terra, que nã auia dir tomara a hãõ.

## CAPIT. CLXIII.

De como Antonio galuão fez paz com el rey de Tidore.

**D**eterminando Antonio galuão de nam feyr dali, sem fazer paz com el rey de Tidore, ou quando nã quiseffe yr sobrele & matalo, e creuecolhehua carta, em quedizia, como sem ho ele nunca ter anojado, em chegando àquela terra lhe yão cada dia correr suas armadas, & mandandolhe cometer paz, nunca vira sua reposta, & de se ver injuriado, acodira por sua honra, & mais por isso, q̄ por desejar a guerra lha fizera, & aos outros reys, com quem desejava de ter paz, & pois eram ydos, & ele tinha experiencia de quanto malfazia a guerra, lhe pedia muyto que fizesse com ele paz, & que apertava tanto com ele, que a quiseffe pola muito boafama que tinha dele. Recebida del rey esta carta, mandouha ler em conselho, em que foy praticado que Antonio galuão, como homẽ que desejava paz & conseruação da terra, sempre defendera aos seus que a nam destruyfem, nem cortassem palmeiras, nem nenhũas aruores, & atee a sua mezquita (coufa tã auorrecidados Portugueses,) deixara sem tocar nela, & quem isto fazia, & nam se ensoberbecia com a victoria, deuia de ser bõ homẽ, pelo que deuiã de fazer tregoa com ele, com condição que se fosse logo do seu porto, & lhe nã fizesse mais guerra, & despois de vagar fariam paz com ele, porque nã a auiam de fazer em quanto Tristão datayde esteuẽse em Maluco, & assi lho mandou el rey dizer, do que Antonio galuão nã foy contente, por lhe aquilo parecer cou

fa muyto desapegada, & assi ho mādou dizer a el rey, & que nã auia de fazer nada sobre a paz, sem se ver com ele, & logo lhe os Portugueses disserão que aquilo seria impossivel, por ser antigo costume dos reys de Maluco, nam yerem ho rosto a que os vencia, se nam dahia feys meses, & por esta causa el rey se escufou de se ver com ele, & mandou em seu nome a Cachilrade seu jrmão, & a segunda pessoa do reyno. E por Antonio galuão ter dele boa informaçam, antes de falar com ele a bem de feyto, lhe cometeo que quiseffe ser rey daquele reyno & q̄ lho daria, por seu jrmão ho ter perdido, por se ter levantado contra a fortaleza; & lhe ter feyta tam crua guerra, & nã querer ainda paz offerecendolha ele, & Antonio galuão fazia isto, por lhe parecer que com este beneficio teria Cachilrade da sua parte, & ho ajudaria cõtra os outros reys, & ele nam quis, dizendo que nunca Deos quiseffe que fosse tredo a seu jrmão. E por ele nã querer aceitar ho reyno, nẽ querer prometer a Antonio galuão, que faria com el rey que se visse com ele, ficou Antonio galuão tão agastado, que nam quis fazer nada com ele, & Cachilrade se foy, ficando de guerra como dantes: Porem el rey mudou seu costume, & viose com Antonio galuão, leuãdo consigo Cachilrade & seus jrmãos, & muytos Mandarẽs, & assentarão paz, com condição que el rey desse toda a artilharia q̄ tinha, & todas as armas Portuguesas, & essi desse pera el rey de Portugal ho crauo que oue esse em sua terra, pelo preço da feytoria, & que nã ajudasse

nhū rey contra os Portuguezes: E nesta vista deu Antonio galuão presentes a el rey & a Cachilrade & seus yrmãos, & aos Mandarões, & dali por diante em alguns dias que se Antonio galuão deteu ho forão ver elrey & eles, & comião & hebião cō mo que auia muyto tempo q̄ se conuersauão, & elrey & todos estauã muy contentes da condição Dantonio galuão, & folgauõ muyto com sua amizade, & Cachilrade o auisou que se nã fosse dali ate esta amizade não ficar bẽ firme, porque elrey seu yrmão era muy perseguido dos reys de Bachão & Geilolo, & temia que tãto que dali fosse partido lhetornasse a fazer guerra, em vingança da morte delrey Cachildayalo, que fora morto a ferro, que todos estauã cbrigados per juramento de a vingarẽ, & assi lho pregauõ os seus Cacizes: pelo que Antonio galuão se deteu mais alguns dias do q̄ se ouera de deter, & neste tempo lhe prometeo de tornar a fazer a cidade onde estaua, & a começou antes de sua partida.

## CAPITVLO CLXIII

De como se os Portuguezes amotinão pera fazerem crauo.

**V**endo Antonio galuão que el rey de Tidore estauã firme em sua amizade, determinou de yr sobre elrey de Geilolo, pera se por bem não quizesse fazer paz, lhe fazer guerra ate que a fizesse. E partido lhe deu hũ tão brauo temporal que arribou a Talangame, & como os Portuguezes se ali virão, porque era jã a moução de Malaca & desejaũo de se yrem & fazerem crauo, não quizerão tornar cõ Antonio galuão a guerra, & amotinãrã selhe de maneira, que lhe foy forçado desembarcar se & yr se a fortaleza, onde logo mandou adubar a nao

de que era capitão Francisco de souza & a outra em que ele fora. E porq̄ Tristão datayde se auia dyr naquela mouçã mãdo tirar deuaissã dele, como era costume tirar se dos capitães quãdo acabauã. E sabendo Tristão datayde que os mais o acusauã, pedia a Antonio galuão que ouuesse piedade dele, & el lhe prometeo de fazer todo o fauor que po desse, cõ tanto que não fosse contra sua conciencia, por isso que descanfasse: E sabendo que hũ loão freyre estaua mal coelefez que fosse seu amigo, & assi outras amizades, apacificando ho com os mais que lhe querião mal, ate pacificar hãs pescadores que se lhe queixauã dũ comprador de Tristão datayde, chamado Pratas dalcunha, porque lhes tomara o pescado & os escalaurara, & mãdo dizer a Tristão datayde que castigasse o Pratas, & tãtas cousas fazia por ele, q̄ muytos dizião, que pois o não castigara pelas culpas que tinha, & mandaria preso à India, algũ viria q̄o prendesse & castigasse sem culpa. E com tudo mandou q̄ se tirasse deuaissã de Tristão datayde, do que se ele logo scandalizou Dantonio galuão, & começou de lhamotinar a gente em segredo, & Antonio galuão nã sabendo dissonada, entendia em auer crauo com que carregasse pera el rey a nao de Francisco de souza & a outra, & mandou pregoar que sob graues penas que nhũa pessoa vedesse crauo se não não feitoria, ou a quem o feytor deputasse pera o comprar, & ao tabalião publico q̄ sob a mesma pena não fizesse conhecimento nem escritura de compra nem veda de crauo a nhũa pessoa, & ao Ouidor q̄ nhũas partes ouuisse sobre crauo. E sabendo que nas jllhas de Moutel

& de Maquiem estauão certos jungos de mouros tomando crauo, mādou logo la Gonçalo vaz çarnache com hũa armada pera os deitar fora, & foram cō ele Cachil rade & o çamarao, & os deitaram fora, & com todas estas diligencias que Antonio galuão fazia, nam podia auer crauo, né os Portugueses deixauam de o comprar, o que faziam de noyte depois que se fechaua a fortaleza, & carregauão em hũ jungo dũ Dinis de payua. E sabendo Antonio galuão como comprauam de noyte, mādou vigiar a praya de noyte pelo meyrinho da fortaleza, mandandolhe q̃ o tomasse, & querendo ele fazelo, foy espancado, & nisto foy Antonio galuão auisado pelo vizayro da fortaleza, & por outro clerigo, que o querião matar por amor da defesa do crauo, & cada hũ lhe deu seu asinado do quelhe dizia. E vendo ele o escādalo dos Portugueses, prouou de ver se os podia amañar com boas palavras, & fazendo os todos ajuntar à porta da fortaleza, lhes disse. Nam me nega reis senhores, que todos os homēs que se tem em conta domēs, tem p̃or cousa muy abominauel a ingratião, & por grande baixeza, & se prezão muyto da guardecidos, & tē por nobreza vsar da guardecimēto, & de quem recebem algũ beneficio, deseja de lhe fazer outros, & he certo que se p̃rguntar a cada hũ de vos, que dira q̃ assi he, pois se assi he porque fizeis o contrayro com el Rey nosso senhor, que faza todos tãtas merces de continuo, dandovos terra em que moreis, dádovos leys em q̃ viuaes, defendendovos de vossos inimigos, dandovos maneira pera terdes de que vos máter, & outras muytas merces que sam lar-

gasde contar: pois de quem receberieis tantos beneficios, que se lhe fosse necessario ajudar dellhe a sustentar sua fazēda que o nam fizesseis, o que nam fazeis a el Rey, mas antes lha destruyis, por que nam tendo ele nesta terra outra cousa, com que sustetar dez ou doze mil cruzados que gasta cada anno, nos soldos & mantimentos desta fortaleza, se nam o crauo, que ha tanto tempo que assentou com os reys quelhe dessem a milreis o bār, vos lho tēdes leuārado a vinte mil, que nam val tanto na India, com que fazeis que nam se acha pera se lhe comprar, & lhe fazeis perder o cabedal de q̃ tem necessidade, pera foster os grandes gastos desta fortaleza: pelo que vos requeryto da sua parte, que não compreis crauo, & lhe deixeis comprar, & o quei rais antes comprar do seu feitor, que vò lo ha dedar mais barato q̃ os mouros, porque assi o ha ele por bem em hũ regimēto que aqui está Da sonso mexia, sendo veedor da fazenda da India, & pera que saybais quenam he isto artil pera o auer pera mi eu volo jurarey, & logo jurou solenemēte em hũ missal de nã comprar crauo pera sy por nhũa pessoa, se nam todo pera el Rey, ate as suas naos serem carregadas, & rogou a seus amigos, & mandou a seus criados que assi o fizessem, & certo crauo quelhe deram por amizade el rey de Ternate & o çamarao, & el rey de Tidore, & Cachil rade, nam quis que lhe entrasse em casa, & mandouho leuar a feytoria.

## CAPIT. GLXV.

Do mais que passou Antonio galuão cō os Portugueses sobre o crauo.

**N**Enhua destas diligencias aproueytauam, pera se auer crauo pera el Rey & de dous mil Bares dele, que Antonio

tonio galuão sabia que erão fevtos, de pois de chegar a Maluco, não se ouuera pera el Rey mais de certo, & isto porq̃ o comprauao a mil reis, & as partes dauã por ele vinte mil, & mais não o querião carregar nas naos del rey, se não em hũ jungo dũ Dimis de payua, em que Tristão datayde tinha parte. Erceãdo Antonio galuão que se fossem sem sua licença, & lhe leuassem a gête, fez vir as naos & o jungo de Talangame, & surgir em hũa calheta perto de nossa Senhora da barra, & ainda deu juramêto aos capitães, que não se fossem sem sua licença, nem lhe leuassem gête, & deste juramêto se fez hũ auto que todos asinaram. E cõ tudo Antonio galuão por sua pessoa, vigiaua de noyte a praya, pera ver se topaua algũs cõ crauo, & tomaua o q̃ achaua: do que aqueles que o trazião se agastauam muyto, & dizião que fazia grande erro em se sayr de noyte da fortaleza, que o poderião matar, porem ele não deixaua a vigia. O que vêdo os Portugueses que comprauão o crauo, se ajuntarão hũ dia com Tristão datayde q̃ esfauiorecia & era sua cabeça por lhe peisar com as diligencias q̃ fazia Antonio galuão, & forão se dasfluada com armas diante da porta da ygreja. estãdo eledêtro na fortaleza, & dizião com grandes brados, que não auã de deixar defazer crauo, & que o auã de defender as lâçadasa que lho quisesse tomar dali por diante, & foy isto em tanto receimêto, que Antonio galuão mandou repicar o sino da vigia, pera ver se auia algũe que fosse da parte del Rey, & nisto quis sayr fora, pera ver o que a gente determinaua, & em vnydo, achou a porta da fortaleza Francisco de souza com outros, &

disselhe que ja Tristão datayde & os da assuada erão ydos, que nã lhe lembrasse aquilo, & ele o fez assi. E vendo a gente quão remisso era em castigar aquele delito & outros, cuydauão que auia medo a Tristão datayde, pelo que o não teueram em conta, & pareceo tão mal esta assuada a muytos, que Góçalo vaz çar nache culpaua muyto Antonio galuão de não prender Tristão datayde, & ho mandar preso à India, & diziaho pubricamente, pelo que Tristão datayde saltou coele com gente pera o matar ou injuriar, & assi o fizera se Gonçalo vaz nã se acolhera à ygreja, & Antonio galuão não acodira: & sintindo Gonçalo vaz isto, desafiou Tristão datayde, que lhe nã sayo ao desafio, pelo q̃ Góçalo vaz lhe escreueo hũa carta de muy feas palavras. E desejado Antonio galuão affossego, prédeo sobre sua menage Gonçalo vaz por amor do desafio, parecendo-lhe que coisso poeria paz antrele & Tristão datayde, de cuja discordia, por serêtaes pessoas, se podia seguir muyto desferuico de Deos & del Rey: porem Góçalo vaz seouite por muyto injuriado de ser preso, acodindo por sua hõrra, & ficou inimigo d'Antonio galuão, nem Tristão datayde não ficou seu amigo, nã deixou de lhe levar quanta gente pode à India, que sabia a necessidade que tinha de la por amor da guerra em que ficaua. E pera mais escandalizar a gente da terra, leuou hũ moço Christão chamado Paulo, filhodũ homem dos principaes do Morro, que auia de cuydar que lho leuão a vender à India. Enão o querendo Tristão datayde dar, nem a gête que leuaua, mandadolhe Antonio galuão pedir tudo cõ muyta cortesia, depois des-



tar embarcado, mandoulhe depois soffrillo muytos requerimétos, o que nam satisfazendo Tristão datayde, antes soltado palauras muy feas, foy Antonio galuão ás naos ao outro dia, afsi pera lhe tomar a gente que lhe leuauão, como pera tomar pera el rey o terço de todo o crauo que achasse de partes pelo preço da feitoria, & embarcouse em hũ batel com hũ falção por proa.

## CAPIT. CLXVI.

Do que Tristão Datayde fez a Antonio da Madureyra.

**C**omo os que estauão no mar, tinhã em terra quem os auisasse do q̄ Antonio galuão determinaua, forão logo auisados q̄ auia dir ás naos ao outro dia, & o pera que, leuarão de noyte as ancoras, & sem lhes lembrar o juramento q̄ tinhão feyto a Antonio galuão, de nam se yr sem sua licença, nem lhe leuaré gente, derão algũs a vela & forão se, & quando Antonio galuã chegou, ja nã achou mais que hũa nao, & o jũgo de Dinis de payua que se fazião á vela, & foyle ao jũgo, requerendo de fora que amaynasse, & Dinis de payua se poso a bordo com toda a gente armada, & espingardas ceuadas, com murrões acesos, dizendo q̄ que chegasse a ele que o mataria. E como ho vento era fresco, & o mar grosso foyle, sem lhe lembrar que por ter muytas diuidas & emburilhadas, o embarguam por clas ao tempo da embarcação, & Antonio galuão se obrigou por ele se nam pagasse, & se isso nã fora, nã se podia yr, & ficaua perdido, por ter feyto muyto grãde emprego, & em ele partindo, acabou a nao de dar ás velas & se partio

també, & estas velas & as outras, leuarã a mayor parte da gente da fortaleza, sem nhũ temor de serem castigados, que bẽ sabião que auião de ficar sem castigo, como ficaram os passados, que fizerão os mesmos dilitos, & por isso forão de cada vez mayores. E vendo Antonio galuão como se forão, leuandolhe a gente de q̄ tinha tãta necessidade, por ficar de guerra, ouueos por aleuantados, & cõdenou os em perdimento das fazendas pera el Rey, & tirou estormétos, & deuassas do que lhe fizerão, & de como ficaua, & cõdous requerimentos, hũ pera o capitão de Malaca, & outro pera o governador da India, que tomassem pera el Rey as fazêdas daqueles aleuantados, & lhe desse a mais pena que merecião suas culpas, del pachando logo pera Banda hũ Antonio da madureyra, que leuou todos estes papeis em hũa carauela, & mais cartas pera el Rey de Portugal, em que lhe escreuia o estado em que achara a terra, & o q̄ tinha feyto, & que desse tudo ao capitão que esteuesse em Banda: a que chegado Antonio da madureyra, achou hi por capitão hũ Manuel da gama, parente de dõ Esteuão capitão de Malaca. E por Manuel da gama estar auisado de Dinis de payua, & doutros que ja lá erão, que nã tomasse nhũs papeis q̄ lhe Antonio galuão mandasse, dizendolhe o sobre que erão, nã quis tomar nhũs, por mais requerimentos que lhe Antonio da madureyra fez que os tomasse, nẽ menos consentio que tomasse agoa, nem lenha, & como a ãmigo o fez sa yr do porto: & pela necessidade q̄ tinha de fazer agoada, se foy

se foy à Ilha Damboyno, & surgiu em hū porto perto dourto donde Tristão darayde estava surto, que logo soube o que Antonio da madureira leuava, & temendose que o desse em algū nauio dos que ali estauão, & se saberia na India & em Portugal o que fizera em Maluco, & porque não se foubesse, mandou com trele hū Antonio perevera que fora capitão mórdo mar em Maluco, q̄ fosse cō gente armada contra Antonio da madureira & que o fizesse yr dali, & así o fez, que lhe não deixou fazer agoada, & tornou se pera Maluco sem dar os papeis que leuava, & así se enterrou o q̄ Tristão darayde & os outros fizerão, & el rey foy muyto desferuido, & os mais deles forão tão bem galardoados como que o feruirão muyto bem. E a culpa disto he toda dos governadores da India, q̄ não trabalhão muyto por saberem os delictos que se fazem em Maluco, & sabidos os não castigam muyto bem.

## CAPITULO CLXVII.

De como el rey de Cambaya foy ver ho Governador ao galcáo.

**P**artido ho Governador pera Diu, e começou de se fazer doente pera q̄ podesse bem fingir que o era quão che gasse á fortaleza, por q̄ el rey o fosse ver a ella & lá o prendesse, & de cada vez se fazia mais doente, & por isso se deteu em Chaul algūs dias, & dali se foy a Baçaí em hūa fusta por detrás do rio, pera mostrar quão doente va, por que a fama corresse, & quando chegasse a Diu foubesse el rey de Cambaya q̄ yadoente, & aqui se deteu al gūs dias, & quando ya a terra por mostrar que não se podia ter, leuauão no em hū Palanqui, que sam como Esquifes. & leuauão ho omes & ya cercado de fidalgos. E partido de Baçaí

chegou á Ilha dos Mortos a fazer agoada, & pera lhe yr hifalar Manuel de souza, que foy vespora Dentrudo á noyte, & lhe contou tudo o que el rey de Cambaya determinaua em sua treycão, & ainda de noyte se tornou pera a fortaleza, sem ser sentido dos mouros onde fora. E passado o dia Dentrudo, ao outro dia, que era quarta feyra de Cinza, em amanhecendo se foy o governador á vela pera Diu, & indo así, el rey de Cambaya que andaua a casa de monte ao longo do mar o vio yr, & mádo lhe logõ perguntar por sua disposição por hum porteiro, por quem lhe mandou algūs veados & gazelas, deles sem pernas, & outros sem braços: E dado por ele o recado del rey de Cambaya ao governador, respondeo lhe que va muyto doente, & por isso se deteuera tão no caminho que se isso não fora, logo lhe fora beijar as mãos. E partido o porteiro, foy ho Governador surgir na baya de Diu, & ali ho foy logo ver Manuel de souza, & nisto chegou o embaxador per que el rey de Cábaya mandara chamar o governador, que ho ya visitar da parte del rey que o mandou, & depois de ho ter mandado chegou a Diu, & em chegando lhe tornaua o embaxador cō reposta do Governador como yadoente, & por isso lhe não ya beijar as mãos. E sabendo el rey que o governador ya doente, o quis yr ver, parecendo lhe que o seguraua coisso: & así como vinha da caça se embarcou em hūa fustinha, leuá do consigo Coge çofar, & hū seu filho, que auia nome Rumeçáo, & dous gēros, hū chamado ho Tigre do mundo, outro Caracem, & ho seu secretario, & Langarcáo grãde senhor, que tinha hū

conto

côto douro, & Ioão de santiago lingua & outros cinco mouros, todos capitães & grandes senhores. E em outras tres fustas yão os criados destes, & chegou tão de supito ao galeão, que não teue o governador tempo pera mais, que pera o sayr a receberao portabó todo infiado. E afora os fidalgos que yão coele no galeão estauão outros & algus capitães q forão ao galeão em surgindo. E quando o governador deceo pera o conues a receber el rey disse a Lisuarte dandrade Maniel de vasconcelos casado, Ioão ju farte tição, Crístouã de mello, Antonio de Sá o rúme, Antonio mendez de vas cócelos, & a outros que estauão juntos, que se fossem pera ho chapiteo como q o goardassem, q receaua algũa treycão, pelo que así aqueles como todos os outros, mandarão polas espadas & as po ferão na cinta, & nisto entrou el rey no conues vestido em húa cabaya de pano verde, & na cabeça húa touca preta pe qna, & húa adaga rica na cinta, & dous pagés lhe leuauão hũ terçado & hũ arco com frechas, & deste modo yão os q o acompanhauão. O governador q o es peraua lhe tirou hũ chapeo de guedelha leonado, & fez lhe húa mesura que pos hũ giolho no chão muy pesadaméte como que estaua muyto doente. El rey lhe tomou as mãos com as suas, que era ho maior gassalhado que lhe podia fazer, & o leuanteou, & lançandolhe ho braço por cima das costas, sobirá ambos a tol da, onde os fidalgos oulharão todos pa o governador, principalmente Manuel de souza que sabia q o governador determinaua de prender el rey, así pelo q lhe screuera antes de sua yda que o prendesse, como pelo que lhe disse quando o

foy ver a ilha dos Mortos: E ainda q os outros fidalgos não sabião que o gouernador queria prender el rey, parecialhes que era bem prenderse, porque tinhão algũa sospeita que queria fazer treycão & sabião cerro q quisera tomar a fortaleza, mas o governador nũa oulhou pera ningué, & cõ os olhos no chão entrou com el rey na sua camara, entrãdo coele Cogeçofar, o Tigredo mundo, o Secretario del rey, Santiago, & outros dous mouros, & nhũ Portugues. E em entrando, mandou el rey fechar a porta por dentro, & ficando os fidalgos muyto espantados de lhe o governador não fazer nhũ sinal, começaram de murmurar disso hús com os outros: E Manuel de souza que sabia como o governador determinaua de prender el rey, quando vio entrar o governador & el rey na camara, ficou muyto agastado de o gouernador lhe não dizer nada nem lhe fazer sinal, & não se sabendo de terminar no q faria, disse a Manuel de macedo, & Antonio cardoso, o que lhe o governador escreuera acerca da prisam del rey, pedindolhes conselho no que faria, & eles lhe conselharão que mandasse perguntar ao governador que determinaua ou que queria que fizesse, & ele lho mandou perguntar por Jorge barbosa q agora he juiz dos Orfãos em Coimbra, q por não lhe quereré abrir a porta da camara, nem poder entrar pola escotilha da camara do leme, se foy a varanda da camara onde ho governador estaua, & entrou, & achou assentados el rey & ho governador em húa alcatifa falando, & ho governador encostado ao masto da mezena, & assentado Jorge barbosa em giolhos, lhe deu o recado a orelha, a q o governa-

o governador não respondeo, né Jorge barboza não sayo fora a dizer isto a Manuel de souza, porque elrey como que se temia, se leuiatou logo muyto de pressa, & sayose da camara sem esperar q'ho governador fosse coele, né ate o prepaço, & todos os fidalgos oulharão pera o governador como da primeira, & tãobem abaixou os olhos, & elrey se foy embarcar tão de pressa, que ficaua Coge çofar no galeão, & alargandose elrey, que lhe disserão que ficaua o tornou a tomar, q' foy muyto grande honrra, & como ho tomou, mandando remar a todo tira, partio pa a cidade q'estaria húa legoa ou mais, dõde o governador estaua furto.

## CAPITVLO CLXVIII

De como foy morto el rey de Cambaya.

**N**Dose el rey embarcar, apartouse o governador com Manuel de souza, & disse lhe que fosse a pos elrey & lhe dissesse que cõ a pressa de sua yda não teuera tempo de lhe dar hũ recado del rey de Portugal seu senhor, que cõpria muyto dar selhe logo, que lhe bejaria as mãos por se yr à fortaleza pa on de logo, ya & hi lho daria: E com isto se embarcou Manuel de souza em hũ catur que tinha a bordo, indo coele Diogo de mezquita & Antonio correa. Os fidalgos que ficauão no galeão de pãmadõs do governador deixar assi yr elrey oulharão parele, & ele lhes disse. Senhores q' me oulhaeis, em barca ytos nestas fustas que estão a bordo, & acõpanhay elrey & fazei o que vos Manuel de souza disser: E dizendo isto, dão todos configon nas fustas, cõ nomais outras armas que espadas, & em hũas muytos, & em outras poucos, com pressa grandissima botão a pos Manuel de souza q' ya atacã

do quanto podia por chegar a el rey, & valeolhe muyto pera o alcançar, a detença que el rey fez em tornar a tomar Coge çofar, que doutra maneira nunca ho alcançara: E emparelhando com a fusta, disse a Santiago que dissesse a elrey que se passasse ao seu catur que queria o governador que fosse à fortaleza, & Santiago respondeo que loudices erão aquelas, que nã auia de dar tal recado a elrey que lho fosse ele dizer dẽtro à fusta. E parece que querendo Manuel de souza saltar denetro, ou como quer que sayo çayo nõ mar, & logo hũ seu page se lançou a pos ele & leuandoho polos cabelos o teue, & nisto chegou húa fusta em q' yão Lopo de souza coutinho, Antonio cardoso, o doutor Pedalvarez dalmeida ou uidor geral da India, & desta fusta saltou Lopo de souza no catur de Manuel de souza, & ajudouho a tirar do mar aos outros: E elrey de Cãbaya quando vio aqle deastre, como que lhe pesaua dele, chamou Manuel de souza pa a sua fusta, que em todo tempo teue leuantado ho remo, & Manuel de souza entrou logo dentro, & coele Diogo de mezquita, & Lopo de souza, Pedralvarez dalmeida, & Antonio correa, & seria às quatro horas depois de meo dia, & ficarã de proa Manuel de souza, Antonio correa, & Pedralvarez, Lopo de souza, & Diogo de mezquita passarão a popa: E vendo Santiago entrar estes sem o elrey mandar, & vendo como as outras fustas dos Portugueses vinhã apressadas, disse a elrey que o querião prender, & cõmo era coelico, logo tirou húa frecha pera o ceo, que era sinal de guerra, o que entendendo Diogo de mezquita, & mais polo q' ouuiu a Santiago, arrancou da espada

supitamente, & arrebatado el rey por hũa braço o ferio pela parte dereyta de hũa ef tocada pequena, por amor dos mouros que logo acodirão & o embaraçarão, & como erão treze & todos de muyto esforço carregarão sobre os Portugueses ferindoos brauaméte, & quasi dos primeiros golpes forão mortos Manuel de soufa, & Pedraluarez dalmeyda, ou tomados forão deitados ao mar, & Diogo de mezquita, Lopo de soufa, & Antonio correa, pelejauão com muyto esforço, & coesta detenção teuerão tempo de chegar duas fustas Portuguesas, de que erão capitães hũ Afonso fialho, & hũ Aluaro mendez de Chaul, homês sem medo, & leuauão ambos bem corenta Portugueses, & em chegando acertou de cayr na goa Antonio cardoso em querendo saltar na fusta delrey, & eles o tirarão, & em o tirando hũ page del rey Abexim moço de ate dezoyto annos ajudaua os seus muy valentemente, tirado cõ o arco del rey tão amede, q̃ parecia que punha as frechas duas & duas, & em tirado Antonio cardoso dagoa deulhe hũa frechada com que o atraueffou & logo morreo, os criados daqueles senhores que yão cõ el rey de que erão os mais Turcos, també ajudauão por sua parte esquentado a batalha brauaméte, & Aluaro mendez q̃ isto vio afferrou logo com hũa das fustas em que saltou com algũs dos seus, & pelejou tão sem medo que matou os mais deles & os outros fez saltar ao mar, muy to feridos, mas deulhe o page del rey neste tempo hũa frechada pelo estamago cõ que ho derribou morto, & assi matou

Afonso fialho, & outros dez ou doze, & matara todos se o nã acertarão de matar com hũa espingardada. Lopo de soufa & Diogo de mezquita que estauam cercados de mouros, ainda que recebião muytas feridas matarã cinco ou feys, por rem os outros que os sentirão cansado, & fracos do sangue que tinhão perdido çarrarão coeles, & como tinhão mais forçaderão coeles no mar em que ouuerão de morrer se os nã tomarão. El rey como vio despejada a fusta dos Portugueses manda remar a boga arrancada caminho da cidade, seguindoho quasi toda a nossa armada de remo que tiraua cõ sua artelharia, & era ja a barafunda muy grãde de gritas, bombardadas, & espingardadas, o que vendo os Turcos q̃ estauão furtos em hũa galeota & em hũa taforea que chegarão ali onde andauã darmada por madado del rey de Cambaya, começaram de desparar sua artelharia cõtra os Portugueses, o que visto por Gonçalo vaz coutinho & outros capitães que ficauão muyto a tras pera alcãçar el rey os forão aferrar & os matarão quasi todos pelejando. El rey que se acolhia quãto podia chegou antre os baluartes onde se daua por saluo, mas nosso Senhor que via quão perjudicial era sua saluação pa os Portugueses, ordenou q̃ em ele ali chegando sayse de dentro do rio hũ caturinho de q̃ era capitão hũ Portugues chamado dalcunha Pantafasul que se lhe atraueffou diante, & com hũ pelouro de berço lhe matou quatro remeiros: & como nisto vazaua a maré & deitasse a fusta para fora, por mingoa dos remeiros que faltauão

faltauã, & el rey viſſe que a noſſa armada ſe chegaua, pareceolhe que melhor ſe ſaluarã a nado, & por iſſo ſedeitou com os outros ao mar, & nadando chegou hũa ſuiſta de que era capitão hũ Triftão de payua de Santarem a quem el rey bra dou em ſua lingua que o não mataſſem que era el rey de Cábaya, & qdaria muy to dinheyro a que o ſaluafſe, & ſeguran doho Triftão de payua lhe deu hũ remo a q ſe pegou, & depois de pegado ao remo, lhe deu outro cõ hũa chuça pelo roſ to & lho atraueſſou: & vedoho Triftão de payua ferido, acabouho de matar cõ hũa eſpada, & depois ſe foy aofundo q nũca pareceo, & Sãtiago foy ter nadado atẽ junto do baluarte do mar, donde hũ Portuguez lhe deu cõ hũ canto na cabeça de q logo morreo, & aſi forão mortos todos os outros, ſaluo Cogeçofar, q ferido na cabeça de duas feridas o ſaluou Antonio de ſouto mayor porq o conhecia. E eſte foy o fim del rey de Cábaya, tamanho ſenhor de terras, gẽtes, & teſouros, q ſe eſcapara viuo cõ ſaber q os Portuguezes o querião matar lhes dera muy to trabalho, por ter paſſante de cincoẽta mil homẽs em Diu, & armada: & artilharia: mas noſſo Senhor q ouue piedade dos Portuguezes permitio q o mataſſem, vèdo o deſcuydo q ouue de o prender e tẽdo ho namão, & ſabendo a treyção que queria fazer, & o odio que tinha aos Portuguezes.

## CAPITVLO CLXIX.

Do que ſucedeo depois da morte del rey de Cambaya.

**S** Abido pelo Governador a morte del rey de Cambaya, ficou muyto

trifte por iſſo, porq lhe parecia q melhor negocio fizera ſe fora preſo, & como ja lhe tinhão leuado Cogeçofar, prometteolhe a vida, & muytas merces, ſelhe deſſe maneyra pera auer Diu em paz, & ellelho prometeo, & dandolhe ſuaſee, de não fazer outra couſa, foy ſe à cidade, ainda que era quaſi noyte, onde auia grãde aluoroço pola morte del rey, & os mercadores (cõ medo de os roubarem) deſpejauão ho mais que podião, & ho Rao capitão da cidade eſtava pera ſe yr, ſabendo que Manuel de ſouſa era morto. E Cogeçofar mandou logo deitar hum pregão em nome do Governador, que ele daua ſeguro real a todo mercador que ficafſe em Diu, de nam lhe ſer feyto nenhũ dãmno, nem nos corpos nem nas fazendas, & mandaua a todos os ſoldados, que logo deſpejaſſem a cidade, ſo pena de morte, cõ o que os mercadores aſſoſsegaram do aluoroço que tinham, & os ſoldados ſe acolheram, & o Rao tamẽ fogio aquela noyte, & foy ſe pera as molheres del rey, que eſtauam na quintaã de Melique, & pos em ſaluo a elas & ao teſouro del rey. E ſabendo o Governador como a cidade eſtava aſſoſsegada, deſembarcou ao outro dia, & dando muytos lououres a noſſo Senhor foy tomar poſſe dela, & achou hũa boa armada, & quatro baſalifcos de metal, & cinco eſperas, & hum quartao, a fora outra muyta artilharia de ferro, & mais de dous mil quintaes de poluorã de bombarda, & deſpingarda, & pelouros, & outras munições de guerra ſem conto, em muy bõs almazẽs, & aſi co-

brou a alfandega de Diu pera el Rey de Portugal, que rendia cento & oytenta mil cruzados ou mais, & ficaua senhor da melhor cidade q̄ auia na costa de Cábaya, & da principal que na India lhe daua mais guerra que outra nhua, & cõ cuja tomada os reys da India, ficara mais assombrados de medo dos Portugueses que doutra nhua, & mais quando fouberaõ que el rey de Cambaya fora morto. E depois disto, chegou Martim aonso de souza com sua armada, a que pesou muyto de não se achar ali, porque se se achara sempre el rey de Cambaya fora preso, & não mortera nhũ Portugues, de quatorze que forão mortos q̄ nomey, & vinte cinco ou trinta feridos.

## CAPITULO CLXX.

De como Mirzãohamete se fez rey de Cambaya cõ fauor do Guernador.

**D**iulgada a morte del rey de Cambaya, foy ter a noua ao seu arrayal onde estava hũ cunhado que fora do rey dos Mogores, chamado Mirzãohamete que andaua com el rey de Cambaya, q̄ sabendo como ele era morto, & não deixaua filhos, & era mal quisto, & que por esta causa poderia auer controuersia sobre quem seria rey de Cambaya, determinou dintentar deo ser, & logo se fez chamar rey de Cambaya com fauor de dous mil Mogores de caualo, gente escollida que andauão no arrayal com que fez corpo, & tomou o dinheiro q̄ el rey de Cambaya trazia no arrayal, que era hũ conto & meo douro, & assi todas as cousas de seu seruiço. E sabedo como os grandes de Cambaya querião fazer seu rey Mirãomuhmala q̄ andaua no Man-

dou, & por ser morto, tomauão por rey a hũ moço que auia nome coltãomahmude, socorreose ao guernador Nunoda cunha q̄ o fauorecesse, mandandolhe offrecer por isso cincoeta mil pardaos pa os gastos de sua armada, q̄ lhe logo daria. E depois de ser de todo rey de Cambaya de Mangalor, ate Diu, que sam dezoyto legoas, com hũa pelo serrão, & de guerra ate Baçã com outra, pedindolhe tãõ bem conselho no que faria pera se conseruar em rey. E sendo o guernador contente de fazer sua petição, o mandou publicar por rey de Cábaya no alcorão de Diu, & lhe mandou dizer, que em quatro os do rey no estauão sem rey, ele deuidyr polo reyno, porque como auia muytos que querião mal a coltãobadur, & nã tinhamo rey, folgarião de o ter por esse, & se juntarião coele, & quando os q̄ querião fazer rey o fizessẽm, ja lhe não poderião dar o reyno, o que seria ao reues se ele se deixasse estar quedo, por isso que logo deuia dabalaz: Porém ele não tomou este conselho, & deixou se estar na vila de Nouaguer leuando boa vida, & mandou os cincoeta mil pardaos ao guernador, & hũ afsinado do q̄ lhe prometia. E depois disto no mes de Março adoeceo ho guernador, & por se achar muyto mal & dizerem os Medicos que de cada vez se auia dachar peor, por Diu ser muyto contrayro a sua saude, lhe requererão os fidalgos que se fosse inuernar a Goa, (porq̄ determinaua dinuernar em Diu,) & por isso ho Guernador ouue de yr inuernar a Goa, posto que foy muyto contra sua vontade, & nam leuou mais

que

que seus criados & Martiafonso de souza com sua armada, & deixou em Diu todos os fidalgos da India, & assi a outra gente da armada; & ficou por capitam Antonio da silueyra, & nos dous baluartes da vila dos Rumes, Ioão de mendoça, & Francisco de mendoça yrmãos, q dauão de comer cada hũ a cento & vinte homẽs, & Ruy diaz pereyra ficou por capitam nas casas que foram da mãy del rey de Cambaya, que eram como fortaleza, & daua de comer a cem homẽs, & Antonio da silueyra a trezentos, & assi dauão mela alguns fidalgos: s. dõ Ioão lobo filho do barão, Francisco pereyra, Anrique de melo, filho bastardo do cõdede Marialua, & Gaspar de souza, nõ que todos gastaõ muyto, principalmẽte Antonio da silueyra que tinha mais q todos, nõ que fizeram muyto seruiço a el Rey de Portugal, qor que sem isso nam se podia sustentar a muyta gente que inuernou em Diu, que sem ela fora tomado pelos capitães de Cambaya, que com medo desta gente nam ousará delhe fazer guerra, como determinauã, pã se vingar dos nossos pola morte do seu rey.

**CAPIT. CXXI.**  
De como os capitães & senhores de Cambaya desbaratarão Mirziõhãmet, que se chamaua rey de Cambaya.

**P**artido ho governador pera Goa, como os capitães de Cambaya sentião muyto ser Mirziõhãmet rey de Cãbaya, & mais com fauor dos Portugueses, determinarão de ho destruyr, pera o que leuantaram por rey a Mirãomuhmahla que andaua nõ Mandou, & em quanto não fosse, foram cleytos tres ca-

pitães principaes, pera que em seu nome regessem o reyno, com a mãy de çoltão badur, & forã estes Madre maluco, Driacão, & Aucão, que a juntando dez mil de caualo, & quinze mil de pẽ, forão cõtra Mirziõhãmet que ainda estaua em Nuaguer muyto de vagar. E sabendo ele que seus inimigos yãõ buscar, lhes fihio ao encõtro com os dous mil Mogores que tinha de caualo, & ouueram hũa batalha em que Mirziõhãmet desbaratado, & fogio pera o reyno de Vleimde, cujo rey era seu parãte, & dos seus forão mortos quinhẽtos, & os outros fogirão pera a vila dos Rumes, q estaua dali legoa & mea, & todo este caminho os seguirão os inimigos, & matairão os q digo, & os acabarão de matar a todos, se não q chegando a tiro de bõbarda da vila dos Rumes, se teuerã por as muytas bõbardadas q lhes Ioão de mendoça madou tirar, cuydãdo q yãõ contrelle, & dali se afastarão os dõs Cãbaya, & ficarã os Mogores, q passados tres dias, em q Antonio da silueyra soube a verdade de como vinhão, os mandou recolher na vila dos Rumes, por serẽ nossos amigos, & dpois q os feridos forã fãos, lhes deu auamẽto pera q se partissem. E nestes tres dias q os Mogores estueerã sem os Antonio da silueyra querẽ mandar recolher, por se temer de treycão, aconteceu q hũ Mogor aperfiou muyto cõ Ioão de mendoça, q o deixasse entrar na vila cõ sua molher, & Ioã de mendoça dimportunado disse q entrasse ela sã, & cõsentindo o Mogor, ela nam quis, dizẽdo que coelequeria morrer & viuer.



## CAPITVLO CLXXII.

De como os regêtes de Cambaya, deyxarão por fronteiro côtra Diu Alucão, & do mais q' passou.

**E**stes capitães de Cambaya, depois que virão que não podião fazer mais mal aos Mogores do q' lhes tinhão feyto, recolherãose pera Nouaguer, cõ determinação de fazer guerra a Antonio da silueyra, & primeiro que a rôpessẽm, ouue algũs recados deles a ele sobre paz: E por Antonio da silueira lhes pedir que dessem ael rey de Portugal ho q' lhe daua Mirzãohamet se fosse réy, nã ouue a paz effeito, & declarouse a guerra, que foy encomendada a Alucão que tinha ali suas terras, & os outros se forão pera Madaua, deixandolhe doze mil homẽs, & ele tolheo logo que não fossem da terra firme a jlha buscar carnes & fruytas, & mãdaua de noyte passar sua gente a jlha por certos passos q' tinha de bayxa mar, pera que atupissem algũs poços de que os Portugueses bebião. O que Ioão de mēdoça cõtrarioua com os seus com muyto esforço, & quasi cada noyte auia rebates de peleja, & nisso & em vigiar leuauã os Portugueses trabalho immenso, & leuarão em dous menses que durou este cerco, em que passarão tanta fome de carne que chegou hũa galinha a valer seys tostoës, & quasi na fim de Junho negociou Antonio da silueyra como oue esse tregoas antrele & Alucão até a uinda do governador, que esperaua que fosse dahi a hum anno, & mandou coeste recado a hum Francisco pacheco, que foy iuyz dalfandega, que foy arrepelado dũ capitão Dalucão, sobre palauras que a cinte quis auer com Francisco pacheco, pe-

ra ho injuriar, que por isso se tornou sem dar ho recado que leuaua. O que sintindo mnyto Antonio da silueyra, pediu a Ioão de mēdoça que na menhaã de sam Ioão, que auia de ser ao outro dia, fosse colher as lampas a estancia do capitão, que arrepelara Francisco pacheco, & estando pera partir, chegou hum recado Dalucão, em que sedesculpaua a Antonio da silueyra do que o seu capitão fizera, & por isso ho tinha preso pera ho mandar degolar, & mandou confirmar as tregoas, & leuantou ho cerco, de que a cidade ficando desapressada, foy logo abastada de muytos mantimentos, & ennobrecida de muytas & muy ricas mercadorias.

## CAPITVLO CLXXIII.

De como Iorge Mascarenhas partiopera Maluco.

**C**ONTINUANDO ho Governador sua viagem pera Goa chegou la, & dahi se foy Martim afonso de souza a Cochim, onde auia dinuernar, & dahi despachou Fernã rodriguez de castelo branco vedor da fazenda, hũ fidalgo que auia nome Iorge Mascarenhas, de que fiz menção nos liuros atras, que ya por capitão & feytor da nao do trato da India pera Maluco, que partio em Abril pera Malaca, & dahi auia dyr carregar de crauo a Maluco, & da torna viagem de noz & maça em Banda, & partio tãobem de Cochim em hũa fusta hum Afonso vaz de britto pera Bégala, per mandado de Martim Afonso de souza a resgatar Martim Afonso de melo iufarte que lá estaua catiuo com outros Portugueses (como tenho dito) & trazelo

& trazelo se lho quisessem dar. E partidos estes, em diuersos tempos chegarão aos lugares a que yão: & quando Afonso vaz chegou a Chetigão, já el rey de Bégala sabia a morte del rey de Cambaya, que lhe fora por terra, & os mouros lha contarão mentirosa, dando a culpa ao gouernador q̃o matara, por lhe tomar Diu tendo coele paz, com o que el rey ficou toruado, & perdeu o credito dos Portugueses, parecendo lhe que assi lhe farião, & os mouros cospião aos que estauã no Gouro, & lhes dizião injurias. E estando nesta afronta, chegou a Chetigão logo no principio Dabril, hũ Antonio médez de crasto, que fora criado Dantonio da silueyra, que ya em hũ nauio com fazenda, & leuaua hũa carta do gouernador pera Martiafonso, em que lhe conta da morte del rey de Cambaya, & as rezões porq̃ fora morto, & logo Nuno fernãdez freire juiz da alfãdega de Chetigão terladou esta carta, & a mandou a Martiafonso por duas vias, & ele a mostrou a el rey, que quando soube as rezões porq̃ el rey de Cambaya fora morto, as ouue por boas, & pediu perdão do passado a Martim afonso, & tornou os Portugueses a sua graça.

## CAPIT. CLXXIII.

De como os capitães das naos da carga chegarã aa India.

Vindo o verão da India, chegarão a ella em diuersos tempos, algũas das naos da carga que aquele anno partirão de Portugal, de que foy capitão mór dô Fernando de lima, filho de Diogo Lopez delima, q̃ ya por capitão Dormuz, & os capitães de sua conserua forão, lor

gedelima, que ya pera capitã de Chaul, dom Pedro da silua, Marti de freytas, que depois que chegou a India foy morto por mouros, não soube como, & Lopo vaz vogado. E depois da partida destas naos, partirão outrastres carregadas de gente, de que forão capitães, Diogo lopez de souza, Fernão de morais, & Fernão de crasto, & estas mandou el rey de Portugal, por ser certificado pela via de Veneza, que mandaua o Turco hũa armada a India pera lha tomar.

## CAPIT. CLXXXV.

De como ho Governador soube que ya hũa armada de Turcos aa India.

Feytas astregoas antre Antonio da silueyra capitão de Diu, & Alucão, todos os mercadores & outra gente pobre, que se forão de Diu, quando mataram el rey de Cambaya, se tornarão pera a cidade, & na entrada de Setembro, mandou Antonio da silueyra Miguel vaz, & Pantalião pereyra em dous catures contra Mangalor, pera que fizessem arribar a Diu as naos que fossem do estreyto, segurandoos, que ainda q̃ Diu fosse de Portugueses, seriam tambem tratados, como quando era del rey de Cambaya, & coisso arribaram muytas naos, com que a cidade foy tam ennobrecida, que diziam os mouros, que depois da morte de Meliqueaz, nunca a cidade ho esteuera tanto nem tam rica. E nestas naos se creueo ho senhor Dazibele no estreyto a Coge çofar, que ho Turco mandaua hũa armada aa India, de que era capitã mór çoley mào Baxa, rey do Cayro & Dalexandria, & mandoulhe ho terlado do regimento que çoley mào ti-

nhado Turco nesta armada, o que logo Coge çofar disse a Antonio da silueyra, & ele o escuteuo ao governador & assi Coge çofar. E ouuidas pelo governador estas nouas, partiose pera Diu na fim de Dezẽbro, a fazer certas cousas necessarias pera a vinda dos Turcos: & por rogo Dã tonio da silueyra, mandou Coge çofar hũa fulta cõ recado ao senhor Dazibele, que lhe mandasse certeza da determinação de çoley mão baxá, & que tornasse a inuernar a Diu.

## CAPIT. CLXXVI.

Do dano que Patemacar, & outros capitães de Calicut fizeram aos Portuguezes.

**N**este tempo se leuãtou cõtra elrey de Ceilão hũ seu yrmão, que auia nome Maduna pãdale, a que fauorecia elrey de Calicut, por ele ser muyto grãde ãmigo dos Portuguezes, & mandou em sua ajuda tres valçtes mouros. s. Patemacar, Cutiale macar, Alchabrahé, por capitães de corêta & sete fultas grandes, & béarmadas, em que yão oyto mil mouros, q̃ partirão do porto de Panane, andãdo Martiafonso de souza darmada na costa. E partidos estes capitães, acharam furtas na barra de Cochim quatro naos Portuguezas, q̃ tomauã carga pera Portugal, a q̃ se chegauão a remos pera asto marê, ou meterem no fundo, porq̃ lhes pareceo q̃ ahiã estar sem gête como estauão, mas não poderão, porq̃ tanto q̃ se vio esta armada de Cochi, mādou logo Fernão rodriguez de castelo branco vedor da fazenda, muyta gête em focorro das naos, que chegou a elas primeyro q̃ chegassẽ os mouros, a que deram hũa grande çurriada de bombardadas, & os

fizerão yrseu caninho, que tomarão pera Coulaõ, em cujo porto acharão hum Niculao iufarte, capitão de hũa naõ que estaua carregando: & cuydado de o tomar, o cometerão as bombardadas cõ que o matarão, & vendo que não podião tomar a naõ passarão delargo, & tomãrão muytos zambucos, & naos q̃ yãode Choramãdel pera Cochĩ, & hũa naõ q̃ ya de Ceilão com as pareas. E aldo cabo de Comorĩ, derão em hum lugar de Christãos da terra, chamado Tutucoti, da pescaria do aljofar, & não estando hi Manuel rodriguez cõtinho, q̃ erã capitão dela o tomarã, & roubarão de quãto tinha, até as vestimêtas & a pedra dara, & matará muyta gête, & depois se deyxará andar por aquela costa, q̃ não topauão nenhu nauio que não tomassẽ.

## CAPIT. CLXXVII.

De como Martiafonso de souza chegou onde estauão os capitães del rey de Calicut.

**N**o tẽpo q̃ esta armada sahio de Panane, andaua Martiafonso de souza cõ a sua naõ costa do Malabar, & ya na volta de Cananor quãdo soube dela, pelo q̃ tornou logo atras, & se foy a Coehĩ, & reformãdole do necessario, foy em busca dos mouros, de q̃ sabia cada dia nouas, & no cabo de Comorĩ achou o veyto, q̃ chama cõmumete na India, a vara de Choromãdel, q̃ lheera pordauãte, & como o mar era muyto grosso, dobrouaq̃le cábo cõ assaz de trabalho & de fome, falecêdolhe os mãmimẽtos, por se deter mais dias do q̃ cuydou. Dobrado o cabo, q̃ os mouros ouuerã vista de Martiafonso, nã quiferã pelejar coele, posto q̃ lhe tinhão grãde auãtagẽ, & isto fizeram duas ou tres

vezes, se os Marti afonso poder alcáçar, do que se ele agastou muyto, porq̄ vio q̄ seos seguisse daquela maneyra, assi como assi não os podia alcançar, & desbarataloyão pouco & pouco, & afora não poder fazer ao que fora, reccaua que em sua ausencia se leuantassem na costa do Malabar algũs mouros collayros, q̄ tomassem quãtas naos nauegassem por aquela costa, pelo que lhe pareceo que era melhor tornar se a guardar a costa, q̄ gastar ali o tempo sem fazer nada & assi o fez, & cõ quanto deu em Cochĩ esta causa pera se tornar, pos Fernão rodriguez em conselho coele, & cõ os outros capitães & fidalgos o seu parecer, & ainda q̄ o ouuerá por bõ, assentarão q̄ era muyto necessario não yrẽ os mouros a Ceylão, porq̄ se Maduna pandale desbarataffe el rey de Ceylão, & ficasse vitorioso, traria ali aquela armada del rey de Calicut, & tomaria quantas naos passassem, assi pera dẽtro de Ceylão, como de dẽtro pera fora, pelo q̄ Marti afonso deuia de tornar a buscar os mouros & pelejar coeles, & prazeria a nosõ Senhor q̄ os acharia varados em hũa enseada onde os desbarataria, o q̄ parece que foy pronostico da vitoria q̄ Marti afonso ouue. Etãbẽ indo Marti afonso pola cidade, de pois q̄ se assentou que tornasse a buscar os mouros, fayo a rua hũa molher viuua, a q̄ os mouros de Calicut catiuarão hũ filho didade de doze años q̄ auia nome Marcos, & tomãdoho põla fralda dũa loba, lhe pedio cõ muytas lagrimas q̄ lhe trounesse seu filho, q̄ sabia q̄ lho leuauã os mouros naquelas fustas, & q̄ ouellesse picdade dela,

por q̄ nã tinha outro, Marti afonso per se desapressar dela, lhe prometeo o q̄ pedia, & bẽo cõprio: E reformada sua armada de mais nauios & gẽte, se partio cõ quatrocẽtos Portuguezes, e vinteduas velas de remo, de q̄ afora ele forã capitães, Fernão de souza de tauora, Manuel de souza de Sepulueda, Frãcisco de sa, Ioã de mẽdoça, Marti correada silua, dom Diogo dalmeida, Iorge barroso dalmeida, Frãcisco de Barros de paua, Gaspar d' lomos, Frãcisco pereira, Ieronymo de figueiredo, Antonio de lima, Antonio de souza, Symão rãgel de Coimbra, Antonio fernãdez, & Francisco de sequeira Malabares, & cutros dous, a q̄ não soube os nomes: & indo Marti afonso por sua viagẽ tomou certas champanas de mouros, q̄ yão da pescaria do aljofar, em q̄ catiuou obra de corẽta mouros dos q̄ yão cõ Pate macar, & cõ os outros capitães, q̄ mãdou entregar aos Christãos de Tutocori, pera se vingare do mal q̄ lhe fizerã, do q̄ se eles vingarão bẽ: E proseguindo daquẽ busca dos mouros, foy os achar na enseada de Beadala, hũa grãde pouoãção perto dos baixos de Chilã, & aqui estauã os mouros, pera por força, arrecadarẽ os dereytos da pescaria do aljofar, & como estauã de vagar, tinhã varada a armada e hũa lingoa darea q̄ ficaua em restiga, & tinhã assẽtado o arrayal em q̄ estauã dentro em hũ palmar, & os marinheiros, & bombardeyros estauão nas fustas: Chegado Marti afonso a vista dos mouros, em hũa segunda feyra vintoyto de laneyro, & auendo eles vista de sua armada, acodiram logo os que estauam no

arrayal as fustas, que tinham todas feusti-  
ros nas proas, com que começarão logo  
de jogar pera a nossa armada, que també  
desparaua sua artelharia chegando se pe-  
ra os mouros, & era o estrondo dos pe-  
louros muyto grande dambas as partes,  
& asia matizada de brados, & de gritas,  
que dauão hūs & outros, & os mouros  
delhes parecer q̄ por serẽ muytos tin-  
hão tomados os Portugueses, & os Por-  
tugueses de os acharẽ em lugar que não  
lhes podião fogir, & coeste aluoroço q̄  
os Portugueses tinham, errarã o canal da  
restinga por onde ouuerão dêtrar com os  
mouros & aferralos, pelo que como as su-  
as fustas erã grandes, pera nadarem po-  
la restinga encalharão nela, o que vendo  
os marinheyros dalgũas se deitarão na-  
goa pera tomarem fundo, & verẽ se po-  
dião os soldados desembarcar, por esta-  
rem em grande perigo, com as muytas  
bom bardadas, espingardadas & frecha-  
das, que os mouros tirauão, & achãdo os  
marinheiros que o fundo era darea solta  
& a agoa alta pera desembarcarem ho-  
mẽs armados, disserão aos capitães, q̄  
mandarão que ninguẽ desembarcasse. E  
por mandado de Martiãfonso se afasta-  
rão pera o pego, & nisto desembarcarão  
cõ sua gente mais abaixo da restinga, dõ  
Diogo dalmeida, Fernão de souza de ta-  
uora, & outro capitão, & encaminharão  
ao lógo da praya pera os mouros, cuy-  
dando q̄ desembarcasse Martiãfonso, &  
vêdo os mouros q̄ ele nã desembarcaua,  
antes se afastaua pa o pego, pareceolhes  
q̄ poderião tomar as fustas de dõ Diogo,  
de Fernão de souza, & dõ outro q̄ ficauã

ses, pera q̄ logo começarão de defenca-  
lhar algũas das suas em que se metião, o  
que vilto por Martiãfonso, conhecendo  
seus pensamentos, lançou se logo no seu  
balam, & varando por cima da restinga,  
per antre tamanha multidão de pelou-  
ros como digo, salta em terra & fez re-  
colher dom Diogo, & os outros capi-  
tães com sua gente as suas fustas, & fa-  
zendo acabar da fustas as outras pera ho  
pego, foy ver a disposiçã da restinga em  
que achou o canal: & como as bom-  
bardadas eram muytas, arrombou lhe  
hũa o balão, com que se vio em grande  
perigo.

## CAPIT. CLXXVIII.

De como forão desbaratãdos por Martiãfonso  
de souza os capitães del rey de Calicut.

**V**isto por Martiãfonso o que que-  
ria, tornou se à sua frota, & como  
foy noyte, mandou a Francisco de se-  
queyra, que se fosse deytar com o seu ca-  
tur hũa legoa abaxo da cascada, & que  
deytasse em terra certos Malabares seus  
parentes pera espiãdos mouros, & pera  
cima da cascada, mandou deytar sete  
fustas ao longo da terra, por q̄ se os mou-  
ros quisessem fogir de noyte, como fi-  
zeram em Calecare, que os estoruassẽ,  
& que tirãsem tiros, respondendo hūs  
aos outros, & de quando em quando es-  
pingardadas. O que ouuindo os mou-  
ros, & temendo que fossem aquella noyte  
cometidos pola praya fortalecerão-  
se daquela parte de valos, & tunchas  
darea, em que assentaram algũs tiros,  
com que respondiam aos dos Portugue-  
ses, & teueram toda a noyte muy gran-  
de vigia, & como foy menhaã reco-

lherão se

lherão fe os catires da vigia, onde estava  
 Martim afonso, que sabendo das espias  
 o q̄ os mouros receauão & como se for-  
 talecerão, quis ainda esperar outranoy-  
 te sem os cometer ate saber mais deles,  
 & anoytecendo, mandou ter a mesma  
 vigia que a passada & pola mesma ma-  
 neira, & os mouros responderão aos ti-  
 ros dos Portugueses ate o quarto da pri-  
 ma rendido, & não quizerão mais respó-  
 der, parecendolhes que os Portugueses  
 fazião aquilo pera lhe fazer gastar a pol-  
 uora de balde, & que não oufauão de pe-  
 lejar coeles por serem poucos, & espera-  
 uão o focorro de Cochí ou Choroman-  
 del, & se lhes fosse pelejaria, & se não ná:  
 E fevta esta conta, não responderão aos  
 nossos tiros, nem curarão de muyta vi-  
 gia & deitarão se a dormir, do que Mar-  
 tim afonso foy logo auifado por suas es-  
 pias, pelo que vio que tinha répo de pe-  
 lejar coeles pois o não tinham em conta,  
 & por não esperaré por isto estarião ma-  
 is descuidados, & o descuydo lhes faria  
 mayormedo, & así o disse aos capitães  
 da frota, & a outras pessoas principaes,  
 cõ que assentou que pelejaria coeles em  
 terra, em que desembarcaria em quatro  
 fustas grandes, hũ quarto de legoa dõde  
 os mouros estauão pera o norte, & co-  
 mo fosse perto deles, faria final com hũa  
 camara de falcão a Antonio de souza &  
 a Gaspar de lemos, que cõ oytenta ho-  
 mēs de lâças & rodela, & a gēte do mar  
 ficarião em sete catires no canal sobre  
 o remo, & em ouuindo o final cometer-  
 ião os mouros: E deixadohos no canal,  
 foyse ao posto õde auia de desembarcar,  
 & mandou a todos os que soubessem ti-  
 rar come pingardas que as leuassẽ, &  
 desfẽ as rodela & lâças aos marinheiros

q̄ lhas leuassẽ, & q̄ cobriassẽ os murros,  
 por os mouros lhos ná enxergassẽ, q̄  
 os q̄ria tomar de supito, & desta manei-  
 ra começou de caminhar pa onde esta-  
 uão os mouros cõ a gente em corpo, q̄  
 ferião seyscentos homens com os esera-  
 uos & marinheiros, & as fustas em que  
 desembarcou vão ao logo de terra em-  
 parelhando coele, pera que hũa fizesse o  
 final cõ o tiro, & caminhando nesta or-  
 dem, Antonio de souza & Gaspar de le-  
 mos que ficauão no canal com os sete ca-  
 tures sobre o remo, estauão espetando  
 o final, se não quando hũ dos catires se  
 atrauessou no canal per roí vigia, & atra-  
 uessado foy logo visto dos mouros, a q̄  
 parecendo que o acertassẽ lhes tirará  
 com hũ falcão, & em Antonio de souza  
 & Gaspar de lemos o ouuindo, cuydará  
 que era o final que lhes Martim afonso  
 auia de fazer, pelo q̄ remeterão aos mou-  
 ros tangendo as trombetas & gritando  
 com tamanho arroido que fazião mo-  
 stra de serem todos os da armada, & así  
 o cuydarão os mouros, que logo acodi-  
 rão a defenderlhes a desembarcação, &  
 meterão se na gõa aos receber, & sentin-  
 do quá poucos os Portugueses erão es-  
 forçarão se muyto, & remeterão aos ca-  
 tures, & tomauão polos remos queré-  
 dohos varar em terra, ao que os Portu-  
 gueses saltarão na gõa, & começarão de  
 pelejar com os mouros, que como erão  
 muytos os tratauão mal, & matará An-  
 tonio de souza, Gaspar de lemos, & ou-  
 tros sete, & cõ tudo os outros se desen-  
 dião brauamente. Martim afonso que ti-  
 nha ouuido o tiro dos mouros, & a pos-  
 ele ouuiu as trombetas & a grita, logo  
 conheceo o que era, & disseho a sua gē-  
 te, a quem mandou sopena de morte que

níngue não fosse se não seu passo cheo, porque se fossem de pressa chegariam tão cansados, por ser ainda longe, que não poderiam pelear & os inimigos os matariam, & que encomendassem a Deos os outros que pelejavão que ele os guardaria, & coísto chegou aos mouros, & sem o sentirem lhes deu nas costas, poré eles não desmayarão coeste supito cometimento, antes como erão oyto milhomés, fizeram logo rosto aos Portugueses, lançando diante os espingardeiros que erã duzentos, & hús & outros começaram húa espantosa peleja, em que Martim afonso pelejava como caualeiro, & madaua como capitão, & não estimando, cõ os outros espingardadas nem lançadas, nem outros golpes, se metião todos cõ muyto esforço antre os inimigos matando & ferindo, ao queos outros ajudavão tãbê, que não o podêdo os mouros soffrer, começaram de despejar as fustas & retirar se pera o palmar onde tinhão o arrayal, se guindohos os Portugueses, & como forão no largo que se os mouros poderão estender & cercar os Portugueses, q̄ erã muy poucos antre tantos, apertarãonos de maneira q̄ se acolherão as fustas, ate onde os mouros os seguirão; E como os Portugueses forão em terra apertada, em que tanto montava aos mouros ferẽ poucos como muyros, porque não podião pelear senão os da dianteira, tornarã a aver a melhordes, & tornarãnos a levar de vencia ate o palmar, donde os mouros os tornarã a levar ate as fustas. Evencendo ora hús ora outros, galtarã nisto ate as ovtas horas do dia, em q̄ forão feridos bem setenta Portugueses, o que vendo Martim afonso, & que os mouros não se auião de desbaratar, em quan-

to teuessẽ suas fustas inteiras, com esperança de as cobrarem, determinou de lhas queymar, por conselho Dantonio fernandez malabar, que assi lho disse, & ele mādou logo que lhes possẽm fogo & assi foy feyto: & como estauão cidadas & enfeuadas começarão darder, laurando o fogo com grande furia, o que desesperou os mouros de as saluarẽ. & começou de fugira gente q̄ não tinha obrigação, & logo a outra, & a tras ela os capitães, & fogindo assi os mouros, algũs seus filhos pequenos quiserão levar por força ho menino Marcos filho da viuua de Cochim, que se liurou deles as pinhadas & ficou: E Martim afonso q̄ vio fugir os mouros, deixouhos yr por ter sua gente cansada, & saluar algũas das fustas de que saluou vinte duas, & forão queymadas vintecince, em que forão tomadas quatrocetas peças dardelharia, as ceto de metal, & mil & quinhentas espingardas, & dos mouros forã mortos oytocetos, & algũs catiuos, & achouse antres hũ Portuges que traziaõ catiuo, q̄ auia nome Andre luys, & ho menino Marcos, cõ que Martim afonso folgou muyto pera o dar a sua mãy, & dos Portugueses forã mortos dez, & feridos setenta, de que hũ foy Diogo de reynoso de húa espingardada por húa perna.

## CAPITVLO CLXXIX.

Do mais que fez Martim afonso de fousa depois da vitoria de Beadala.

**A**Vida esta vitoria, deu Martim afonso muytos lououres a nosso Señor por a grande merce que lhe fez, & certo que foy muyto grande, porque afora a perda que elrey de Calicut recebeu em perder esta armada, se ela estuera inteira, quando os Turcos vierão a Diu, como direy a diante, ela fizera tãta guerra

aos Portuguezes, q̄ a costa do Malabar não se podera nauegar, & asnaos Portuguezas da carga ou escaparão ou não de serem tomadas, & que não fizera outro mal, se não ajuntarse com a dos Turcos fora muyto grande: Assim que foy esta victoria muyto importãre pera segurar a India. E por ela ser de tanta fama, muytos fidalgos pedirão a Martim afonso q̄ os fizesse ali caualeiros, & ele os fez, & dali mandou ao governador a noua desta victoria, per hũ caualeiro chamado Miguel dayala que mora em Lisboa, que foy em hũa fusta, & de caminho a desse em Cochim a Fernão roiz de castelo branco ve dorda fazenda. E indo de viagẽ, depois de partir de Cochim, topou a Montedeli duas fustas de Malabares cõ q̄ quifera pelear, & fugirãolhe, & logo topou outra muyto grande & com muyta gente, cõ que aferrou & pelejou cõ os mouros hũ bom pedaço sem o poderem entrar, & matou muytos cõ os seus soldados que erão dezoyto, & assise apartará matandolhe os mouros dous. E Martim afonso q̄ ficaua em Beadalá, por ser perto Ceilão, foy lá a visitar el rey, & saber dele se tinhaneccsidade de sua ajuda, cõ o que el rey folgou muyto, & cõ ho desbarato dos Malabares. O que sabido tã bé por Madune pandale, se recolheo pa hũa serra õde se fez forte, & desapressou el rey, pelo que el rey não tene necessidade de Martim afonso, & deu lhe vinte mil pardaos pa os gastos da armada, & dali se tornou a Cochim, onde foy recebido cõ grãde festa, & depois se tornou a correr a costa cõ a mesma armada q̄ leuaua & indo de Calicut pera Cananor destrõte de Tiracole, pelejou cõ dezoyto fustas de Calicut, que yão carregadas darroz,

euidando os mouros que yão nelas, que serião tres mil, que ainda Martim afonso não era passado do cabo de Comorĩ pa o Malabar, & como o conhecerão fugirão védo que os ya cometer, & cle & os seus capitães os seguirão ate que os alcãrão, aferarão, & entrarão, & forã mortos bẽ mil & quinhentos mouroos, & alguns catiuos, & os outros se saluã a na do por ser perto de terra, & as fustas forã todas tomadas, saluo hũa que varoiti & das outras tomou Simão rangel duas que aferrou cõ os seus soldados, & matão quantos mouros yão dectro, & dos Portuguezes morrerão vinte, & forão feridos ceto & dez, porẽ os mouroos finterã muyto a grãde perda q̄ aqui receberã principalmente os de Calicut, cujo rey a cabou aqui de perder toda sua armada, pelo q̄ lhe foi forçado fazer depois pazes cõ o Visorey dõ Garcia de noronha (como dity no liuro Nonõ.) E auida por Martim afonso esta victoria, se foy a Cananor, leuando os mouros que catiuou enforcados nas vergas dos nauios, pera q̄ os vissem os mouros de Cananor, porq̄ sabia que andauão muytos deles naqla armada, pelo que tãobem lhes mandou deitar na praya os que forã mortos na batalha pera q̄ os vissem. E coestes dous despojos que Martim afonso fez nas armadas de Calicut, ficou a costa do Malabar limpa delas por hũs dias.

## CAPITVLO CLXXX.

De como Martim afonso de melo jurarte fayo do catiueyro de Bengala.

**C**Hegado Afonso Vaz de Brito a Chetigã (como disse a tras) salou logo com Nuno Fernandez Freyre, dizendolhe ao que ya, & auido seguro del rey de Bẽgã, foy se ao Gouro, onde lhe deu a carta de Martim afonso de souza,



em que lhe contaua os grãdes negocios q̄ ficará ao governador depois da morte delrey de Cambaya pera segurãça de Diu, & por isso lhe nã podera aqle anno mandar a gente que lhe pedira por seu embaixador, que lhe mandaria coela nõ anno seguinte, pedindolhe muyto pois era amigo delrey de Portugal, que deixasse yr Martim afonso de melo, de que auia necessidade na India pera capitã de hũa fortaleza que lhe dera elrey de Portugal: E por esta carta deu elrey licençã a Martim afonso que se fosse com os outros Portuguezes, saluo Nuno fernãdez freyre, Ioã adão, Antonio paez, Afonso vaz de britto, q̄ auia de ficar em arrefes de Martim afonso, q̄ prometeo a elrey de fazer que o governador lhe mãdasse logo muyta gente: E cõ os Portuguezes que auiaõ de yr coele, se foy embarcar a Chetigãõ na fusta Dafonso vaz de britto, & dahi se partio pera a India, onde chegou a saluamẽto: E já a este tempo auia noua no Gouro que Xercansur (aquele Patane de que falei a tras) tornaua sobre o Gouro cõ cem mil de caualo, & treze mil de pee: & ao dia seguinte em que Martim afonso partio do Gouro, chegaram muytos Bengalas q̄ estauã na frontaria contra os Patanes, de q̄ forãõ desbaratados, & afirmarão a elrey q̄ Xercansur se chegaua de cada vez mais pera ho Gouro cõ a gente q̄ digo, & dizia q̄ nã fizera paz cõ elrey, se nã porq̄ lhe desse cadãno treze leques, & elrey mãdou logo saber se estaua Martim afonso ainda no Gouro pera o nã deixar yr, porq̄ o ajudasse naquela guerra que esperaua: & vendo que Martim afonso era ydo cõ os outros Portuguezes, mandou Nuno fernãdez freyre cõ grãdes poderes a Che-

tigãõ, pera que lhe fizesse mil manchuas como as de Malaca, pera estoruar coelas a Xercansur a passãgem do Gouar ao Gouro, o que nã pode ser, porq̄ quãdo Nuno fernandez partio: já muyta gente de Xercansur tinha passada, & tinhãõ cercado o Gouro por agoa, q̄ nã pode Nuno fernandez sayr em hũ paraõ em q̄ ya senãõ defendendose às espingardas cõ dous esferuos que leuaua q̄ o ajudauãõ, & assi se foy sayndo dãtre os Patanes. E em hũa cidade abaixo do Gouro, chamada çarnagãõ, achou no rio o Lascar dela com seyscentas almadias carregadas de mantimentos que leuauã ao Gouro, & quãdo soube q̄ estaua cercado, cometeo a Nuno fernandez que fosse coele, q̄ nã quis por o aperto em que se vira, & por ele nã q̄ter yr, nãõ ouso o Lascar dvr cõ os mantimentos nem foy, & por falta deles foy a fome tamanha no Gouro, q̄ os pays comerãõ os filhos pequenos, tendo primeiro comidos os caualos & os alifantes, & por derradeiro os Patanes entrarãõ a cidade, & matarãõ a mayor parte dos q̄ estauãõ dẽtro, & elrey de Bégala fugio muyto ferido, & indo assi, to pou cõ hũ capitãõ delrey dos Mogores que o ya socorrer por lho ele mãdar pedir, & este capitãõ leuaua quorenta mil de caualo, cõ que elrey de Bégala assi ferido como ya, fez logo volta pa o Gouro, parecẽdolhe que o tornaria a tomar, & elrey dos Mogores ya a pos ele cõ o resto de seu exercito: & sabendo Xercansur que ya, como nãõ queria mais que o tesouro delrey de Bégala, apanhouo todo & leuouho deixãdo a cidade despejada, & assi a acharãõ os Mogores, cujo rey pornãõ achar o tesouro, & porque morreo elrey de Bégala das feridas, nãõ quis

quis ali mais estár & tornou se. O que sabendo Xercansuf depois de se fazer jurar por rey de Bengala & dos Patanes, foy a pos ele com seu exercito, & depois de o desbaratar lhe tomou ho reyno de Deli, de Sanga, & do Mandou, & ficou senhor deles, & do de Bengala, & do dos Patanes, & morreo muy grande senhor, & por sua morte deyxou estes Reynos aos filhos que tinha.

## CAPITVLO CLXXXI.

De como os Achés quiserão tomar a fortaleza de Malaca.

**E**M todos os iuros atrás fica dito, o mortal odio que elrey Dachein tinha aos Portugueses, & quanto trabalhou por tomar a fortaleza de Malaca, & estando ainda neste proposito, mandou hũ seu capitão com tres mil homẽs que a fosse tomar, & desembarcaria de noyte, & logo escalaria a fortaleza. E partido cõ hũa grande armada, sem ser sentido dos Portugueses, nem saberem sua yda, chegou a Malaca vespõra de nossa Sñora de Setembro, do anno de 1537. ao quarto da modorra, & desembarcado muy caladamẽte, foy se a pouoaçã dos Quelis q̃ era cercada de madeyra, & entrou por hũ baluarte, que se chamaua do Bẽdara, cujos criados o vigiauo, mas dormião a este tempo taõbem, q̃ os Achés os matao a todos sem acordarem, & entrando por aquina cidade, repartidos em escoadrões, se forão com suas guias á ponte pera dali yrem á fortaleza & escalarẽna, o que ouuera de ser, se lhe nosso Senhor não atalhou, & indo seu caminho desmandarãose algũs a roubar certas casas, cujos moradores sintindo que

erão inimigos, & cuidando que fosse gẽte delrey Dungenana, forão dar auiso as vigias da fortaleza, quedãdo rebate a dõ Esteuão da gama que era capitão, se pos logo em armas com os Portugueses, & sabẽdo ele que erão Achés, temeo muyto sua vinda, pareccndolhe que nã deuia de ser sem terem inteligencia na cidade, principalmente com Ninapão & Ninabay irmãos, mouros honrrados & ricos, de que dom Esteuão tinha grande receo de lhe fazerem treyçãõ. E deixãdo a fortaleza a recado, foy se a ponte com duzẽtos Portugueses, em que entrãuo Tristã datayde, que auia pouco que chegara de Maluco pola via de Banda, Manuel da gama, Paulo da gama, Antonio pereira, dom Manuel de lima, dom Francisco de lima, dom Cristouão da gama, Frãscobocarro feytor, & outros fidalgos & caualeiros, & passando a ponte, logo na entrada da pouoação dos Quelis foy dar cõ hũ escoadrão dos Achés, cõ q̃ começo de pelejar, ao que os outros acodirã logo & foy antreles hũa braua batalha, em q̃ os Portugueses pelejarãõ taõbẽ, q̃ fizerã afastar os Achés hũ pedaço pera dẽtro da cidade, matando algũs: E vendo o seu capitão que não podia fazer o pera que viera, soltouhos a roubarem na cidade, ao que dom Esteuão acodio ainda q̃ era de noyte, & apertouhos tãõ rijo, q̃ em amanhecẽdo os fez receller ao baluarte por onde entrarã, o que fizerãõ com muyto tento, & fechando a porta sobre sy, sem lhe os Portugueses poderem impedir q̃ a não se chassẽ, & ferianos do baluarte cõ muyta pressã cõ frechas heruadas:

O que

O que vendo dom Esteuão, mandou a Tristão datayde que cõcem homẽs que briaſſe a porta do baluarte, & ele cõduzẽtos entraria entre tanto polas costas, & assi se fez, sobre o que foy hũa eſpatofa pelaja, & por derradeyro os Achẽs foram mal tratados, q tomaraõ por remedio fugirẽ & yrenſe pera ſua terra, ficando trezẽtos mortos, & dos Portugueſes não morrerãõ nhũs, ſomente forãõ feridos Tristão datayde, dõ Francisco de lima, Antonio pereira, Franciſcobocarro & outros. E elrey Dachẽ depois q ſoubẽ q a ſua gente fora deſbaratada, acrescentou lhemais o deſejo de tomar a fortaleza, & tornou a mandar outro capitã com cinco mil homẽs que a tomãſſe por força a eſcala viſta.

## CAPIT. CLXXXII.

De como os Achẽs tornaraõ a Malaca.

Vendo dom Esteuão quãõ de rebate chegarãõ os Achẽs, & a opreſſãõ em q poſerãõ a fortaleza, ordenou ſeſenta Portugueſes pera vigiarẽ a cerca dos Quelis, & porque era de madeyra, ajuntaraõ ſe eles todos por rogo de dõ Esteuã & cercaraõ de raypa, & dõ Esteuã por acabar aſinha a obra andaua ſempre nela louuando os que o faziaõ bem, & dandolhes de comer à cuſta del rey, no que gaſtou trezẽtos cruzados, & coiſto fez obra em trinta dias, q doutra maneira não ſe fizera cõ menos de trinta mil cruzados, & a menos altura do muro era dũ homẽ, & a mayor de dous & tres: & niſto ſoubẽ dõ Esteuã como yãõ os Achẽs pera Malaca, & temẽdoſe que deſembarcaſſem logo de caminho como da outra vez, poſ no baluarte do Bendara duzẽtos eſpingardeiros, & por ſeu capitã Paulo da gama, & a Tristão

datayde, a dom Francisco de lima, a dõ Manuel de lima, & a Manuel da gama, deu a cada hũ vinte cinco ſobrefalentes pera q correſſem o muro, & acodideſſem onde foſſe neceſſario, & ele com outros cento ſe poſ junto da fortaleza: E eſperado coeſta ordem os Achẽs, chegarãõ, & como yãõ pera tomare a cidade per combate, aſentarã ſeu arrayal hũ quarto de legoa dela, onde chamaõ a porta de Tãjaqueli, que na noyte ſeguinte fazendo grande eſcuroſe yros em tres eſcoadros hũ pera eſcalar o baluarte do Bendara, & os outros pera eſcalarem o muro, & quando não podeſſem o cortare cõ eſcopros & maceas, cuydando que era ainda de madeira, & os que auiãõ deſcalar o baluarte, ſobirãõ muy caladamente parecẽdolhes q os não ſentiraõ, ſe não quãdo os Portugueſes que eſtauaõ nele arre meſaraõ ſobreſes tanta panela de poluora, & lhes tiraraõ tantas eſpingardadas que os q ſobiraõ ſe decerãõ muy de preſta & os outros não ouſaraõ de ſobir, & homẽſmo acõteceo aos que quizeãõ ſobir pelo muro, & com tudo os Achẽs nam d eixaraõ o combate, em que perſiaram duas oras de relogio, & forãõ muytos feridos & mortos: & como ſayo a lã ſe forãõ por nã recebere mais dano, & tornaraõ na noyte ſeguinte, & aconteſcolhes da meſma maneira. E vendo dom Esteuã que por virem polo eſcuro não recebiaõ tãõ dãõ como receberiaõ ſe oueſſe claridade, recebeos na primeyra noyte que tornaraõ com grandes nouelos de fiado enſopados em azeyte, & eſtes acẽſos de tres em tres poſtos em grãdes eſpetos de tres pontas, que eſtauaõ ſincados no chãõ hum tiro de pedra do muro, & dauãõ tanta claridade como q

fora

fora de dia, pelo que os Achês forão bé vistos a hũ grande pedaço do muro, onde lhes tirarão có a arrelharia & espingardaria com que os fizeram tornar sem oufarem de chegarão muro, nem oufaria de tornar mais pois os vião: E recebendo muyto grãde dano de mortos & feridos se partirão pera sua terra tão de pressã que Tristão datayde que foy a pos eles com hũa armadã os não pode alcãçar: & com a fama dos Achês yrem tão mal tratados não oufarão outros de bo lir consigo.

## CAPIT. CLXXXIII.

De como Antonio galuão fez pazes com el rey de Geilolo, & de Bachão.

**P**Artido Tristão datayde de Ternate como atras fica dito, Antonio galuão que ficaua por capitão da fortaleza, ficou em grande trabalho por se vir tãta gente que quasi ficou só, & por estarem ainda os Ternates de guerra. E como ele conhecia que a principal causa de seu daf canso era pacificar a gẽte da terra & tornala a ser amiga dos Portugueses, trabalhou pelo fazer por meo de Cachil rade yrmão del rey de Tidore, que nisso lhe aprouceitou tanto, q se ella não fora custa ralhe muyto fazelo, porque os Sãgages do senhorio de Ternate querião q despo sessẽ de rey de Ternate a el rey Cachil acyro dizendo que era bastardo, & auia outros que lhe percedião pera serẽ reys, & que despo sessẽ de regedor ao camarao, cometião a Antonio galuão q feresse ao Governador da India, que lhes mandasse el rey Tabarria que era seu rey de dereyto, & se fosse morto q então farião outro, & que entretãto fosse Antonio galuão seu rey. E como ele era muyto bom homẽ & desejava muyto de ser uir a Deos & a el rey, não quis acceytar

aqule partido, receando que o pouo se escandalizasse de ser regido por ele q era Cristão, & por isso traballhou tanto com os Sãgages & Governadores dos lugares, que forão conrẽtes dobedecerẽ por rey a Cachil acyro, & ao camarao por regedor, & asy o fizerã pelo q Antonio galuão deu muytos presentes á sua custa & coisto comẽçarão os Ternates q estauão espalhados por outras ilhas de se tornar pa Ternate & pouoar a terra, em que Antonio galuão comẽçou daquerir grande fama de muyto bom homẽ, & q nã auia nele nhãa cobica, & espantãse os mouros muyto de lhofferecerẽ a gouernaçã do reyno & não a querer acceitar, porque no tempo que a teuera se podera fazer quãdo quisera, & el rey, & o camarao lhe ficarão por isso em obrigação grãdissima, & asy o dizião publicamente. E tendo assentada a terra, pera a cõfeturar, trabalhou por fazer cõ el rey de Geilolo & com el rey de Bachão, que sabia que se apercebião pera lhe fazerem guerra & trabalhauão com el rey de Tidore que os ajudasse, & isto por vingatẽ a morte del rey Cachil dayalo, que fora morto a ferro, que erão obrigados a vingar segundo seu costume. E por os reys não quererẽ a paz, os desafiou Antonio galuão a ambos que se matassem coele, pois ele só era o de quem desejauião de se vingar, & os reys acceitarã o desafio, mas não ouue effeito, por el rey de Tidore & seu yrmão Cachil rade inreruirem nisso, & lhes fizerão fazer a paz com Antonio galuão: E ao tempo que a assentã, lhes mandou Antonio galuão grãdes presentes da parte del Rey de Portugal, & eles lhemandarã alguns Portugueses que ti nhão catiuos, & arrelharia, & outras ar

mas,

mas. E assentadas as pazes, muytos Ternates que estauão naqueles dous reynos se tornarão pera Ternate, & assi se torna uão cada dia outros, & se yapouão a terra como dates, de que a gente estaua tão fora como disse a tras, nê ouuera nũca de tornar a Ternate se não fora a boa fama Dantonio galuão, & verê por obra que era assi como ouuião.

## CAPITVLO CLXXXIII.

De como se perderão duas naos de Castelhanos que yão pera Maluco.

**N**Estetempo mandarão os reys daquelas ilhas recado a Antonio galuão q̄ per antrelas contra as dos Papuas andauão duas naos de Castelhanos q̄ nã podião tomar porto, nem eles auião de consentir que o tomassem ate não fabe rem se era d' sso contente, ho que lhes ele mandou agradecer, & pedir que os não deixassem tomar porto em suas terras, & que lhes dizessem da sua parte que se fossem à fortaleza & setião remedeados de todo o necessário: E logo mandou fazer algũs bâteis de que tinha necessida de se os Castelhanos quisessem guerra: Cujõ capitão mór auia nome Fernão de griualuarez, & o da outranao se chama uia Aluarado, q̄ indo da noua Espanha pera o Peru do Emperador onde staua o marques dõ Fernando cortes, & ou por vótade de Fernão de griualuarez, ou por lhe assi ser mādado, sendo a duzetas legoas da costa da noua Espanha, disse à sua gente q̄ auião de descobrir outra terra sem dizer q̄ terra era, do q̄ a todos pesou muyto, & por nauegarẽ ao lógo da linha ora a hũa parte ora à outra ate cinco ou seys graos daltura, parecia a todos que a terra que auião de descobrir erão as ilhas de Maluco, & assi andarão ate se porem em treze graos da parte do sul,

& tornarão ate vinte quatro da bãda do norte, & sem nunca acharem terra, por falta dagoa, tornarão a demãdar a linha pera fazerem agoadados chuueyros, no q̄ gastarão muytos dias. E falecendolhes o mantimento, quizerão tornar à noua Espanha & não poderão, porque chegãdo a vinte sete graos da linha escafeualhes o vêto, & fizeram isto tantas vezes, que lhes foy forçado yrense d'ercitos às ilhas de Maluco, & morreolhes quasi toda a gente, & antrêstes foy Fernão de griualuarez, & forão ter a elas, cujos moradores lhes não deixarão tomar porto por amor Dantonio galuão, & dizialhes que se fossem à nossa fortaleza, o que nã quizerão, & vendose sem remedio de poderem tomar porto, & com medo de se alagarem por as naos andarem muyto abertas derão à costa, onde os mais forã mórtoes pola gente da terra, & escaparão tres ou quatro que forão catiuos, & depois os resgatou Antonio galuão & soubedeles tudo isto, & q̄ na noua Espanha se fazia hũa armada pera yr a Maluco q̄ foy (como direy no liuro Nonõ.)

## CAPITVLO CLXXXV.

De como Ioão freyre foy ao Morro por capitão de hũa armada.

**D**Epois Dantonio galuão mandou recado aos reys de Maluco que nã deixassem tomar porto aos Castelhanos fez logo hũa armada de que foy por capitão mór ao Morro hũ Ioão freyre pera tornar à obediencia da fortaleza certos lugares que lá estauão leuantados, & foy coele Cachil rade, por cuja causa algũs daqueles lugares derão logo obediencia a Ioão freyre, & outros não quizerão & se defenderão, & ouue hi peleja antrẽ os mouros & os Portugueses, & foy morto hũ Fernão pinto, & andando lá Ioão

Já Ioão freyre, chegou Iorge mascarenhas capitão, & feytor da nao do trato da India pera Maluco, que ya carregar de crauo pera el Rey dom Ioão de Portugal: & tanto que surgio em Talangame, soubese na fortaleza por algũs da nao que forão a terra, que Iorge mascarenhas leuaua hum aluará del Rey em que defendia quenenhã pessoa comprasse crauo & todo se vendesse na feytoria sopeña de perdimento do crauo & de toda a fazenda: & que mandaua ao governador da India & ao vedor da fazenda que o fizessem comprir: E assi diſſeram mais que o vedor da fazenda dera licença a Iorge mascarenhas & aos que yão coele pera comprarem certos bães de crauo & os carregarem, & a mesmalicença mandaua a Antonio galuão, & ao feytor & a seus escruiães, com ho que toda a gẽte da fortaleza se aluoroçou grandemente, & ajuntarão se os mais à porta da fortaleza, dizendo a grandes brados, que auião dir que ymar a nao de Iorge mascarenhas cõ quantos estauam dentro pois vinha nela tal aluará, & que se auião dir pera os castelhanos se viessem, ou pera os mouros, pois lhe tirauam o crauo que eles també mereciam, pois não tinham outra cousa em que tratar: & defendiam aquela fortaleza com tanto derramamento de sangue & trabalhos tam immensos, & defendêdo el Rey ho crauo, geralmente ho seu vedor da fazenda ho alargaua a Iorge mascarenhas & aos seus marinheiros que nunca pelejaram naquela terra: & diziam a Antonio galuão que acodio a este aluoroço, que nam soffresse ho

aluaraa que leuaua Iorge mascarenhas pois nunca el Rey ho mandara em tempo doutro nenhũ capitão, ao que ele respondeu que pois que ele era del rey & elestambem, que auiam de comprir os seus mandados, & que se el rey aquilo mandaua, ele era contente de lhe obedecer & ho auia por bem, & que el rey fazia ho que deuia pera forrar ho grande gasto que auia tantos annos que tinha naquela fortaleza sem auer dela nenhũ proucyto: & quanto a ele nam lhe daua nada de yr pobre por goardar os mandados del rey, em que esperaua que lhe faria merce pois a fazia a todos os que ho seruiam, rogando a todos que nam se aluoroçassem em quanto nam vissem ho aluará que diziam, porque ele daria a tudo hum meo com que ficassem contentes: Porem a gentenam foy contente disto, & mais porque sabia que Antonio galuam era tam amigo do seruiço del rey, que auia de goardar ho aluará ao pé da letra, & nam podiam affosslegar: & tam danados andauam, que sayndo Iorge Mascarenhas em terra, sem ho saber Antonio galuam, assi como os que digo ho viram saltaram com ele pera ho matarem, & assi ouuera de ser se nam se acolhera a hũa casa na pouoção dos Portugueses onde se defendia com a porta fechada, a que acodio Antonio galuam, & quando chegou jaa acendiam fogo pera que ymar a casa & a ele: E como a gente vio Antonio galuam, foram se todos, & ele leuou Iorge Mascarenhas pera a fortaleza: & como nam estaua

em tempo pera castigar aquele crime, por amor dos castelhanos que esperaua, & recer que se lhe fosse a gente, dissimulou com os culpados, dandolhe esperança que quando visse o aluará faria o que fosse justiça, pois naquelas partes era vedor da fazêda del Rey, & fez que fossem amigos de Jorge mascarenhas & dos que yão có ele, no que lhe foy bõ padrinho, porque doutra maneyra foralhe grande trabalho saluar a vida, segundo a gente desejava de o matar.

## CAPITVLO CLXXXVI.

De como foy lido, & publicado o aluará que leuaua Jorge mascarenhas, & das muytas delordês que sobriuso succederão.

**A** S floggado este aluorogo, mostrou Jorge mascarenhas o aluará que leuaua, que depois de Antonio galuão dizer que lhe obedecia, foy lido em voz alta perante todos, cuja sustancia erao que disse: & assi foy lida a licença que o vedor da fazenda daua a Antonio galuão & a Jorge mascarenhas & aos outros pera fazerem crauo, & Antonio galuão disistio logo da sua, dizendo que posto que perdia nião muyto, que antes o queria q perderse ho seruiço del Rey seu senhor, que pera se conseruar naquela terra era muyto necessario não fazer ninguem crauo se não ele, pera se tornar ao primeyro prego que lhe fora posto per Antonio de britto, por que os mouros auerão por seu barato deo darem, não ho podendo vender a quem se nã a el Rey, & que melhor seria aos Portugueses comprarêno na feytoria que aos mouros pois lho dauão tão caro que nam yalia mais na India q em

Maluco, & mais que na feytoria lhodariao em desconto de seus soldos & mantimentos, sem terem necessidade de darem por ele roupas & outras coufas que auiam dauer de fora, & ja quedauão tamanho ganho aos mouros, que melhor seria darem algum a el Rey que os mantinha, & gastaua tanto em foster laquela fortaleza & era causa de eles enriquecerem, que nam era rezã que eles leua sem tudo & el Rey nada, pedindo a todos q ouuessem por bem ho que el Rey mandaua & comprisse ao pé da letra: E logo mandou pregoar o aluará com trombetas por a cidade, & depois pola ilha. E mandou ao ouuidor & ao feytor que tirassem de uassã se ele ou seus criados fizeram algum crauo, ou o compraram depois que ali estauão, & achou se que nam, porque desejava tanto de se ruir el Rey, & tomarem todos de se eximpropera ho seruirem, que antes queria perder sua fazenda, que fazer coufa em que parecesse que o deseruia. E mandou mais que do crauo que aspartestinhão feyto, setomas se ho terço pera el Rey, & lhes fosse pago polo prego da feytoria, & assi foy feyto, no que se oueram quinhentos bãres de crauo pera el Rey: E pera que dali por diante se ouesse todo ho crauo pera el Rey, escreueo cartas aos reys de Maluco & aos Sangages, pedindolhes que defendessem em suas terras que nam se vendesse o crauo se nam ao feytor, mandandolhes ho terlado do aluará del Rey, ao que todos responderam que seruiriam de muy boa vontade a el Rey de Portugal, mas que naquilo não podiam

por serê certos que ainda que mataſſem os mouros que nam auiam de deyxar de vender ho crauo a quem lhe mais deſſe, que defendeſſe ele ao Portugueſes que lho não comprafſem, porque doutra maneira não podia ſer: E por neſte tempo Antonio galuão ſer auifado que Iorge maſcarenhas mandaua fazer crauo, & q̄ os Portugueſes o querião tâobem fazer, pediolhe Antonio galuão que o nam fiſſe por não dar azo que ho quiſeſſem os outros fazer, que muyto crauo auia de leuar del Rey em que ſe entregaria da-quele, pera que lhe ho vedor da fazenda daua licença: E não o querendo ele fazer pos Antonio galuão pena conforme ao aluará del rey que não comprafſe crauo, & Iorge maſcarenhas lhe moſtrou hum aluara do gouernador, em que o iſentaua de todo de ſua jurdição, aſi a ele, como a quantos yão coele, & a nao & ſua carga, & ſobriſto ouue âtreles diſcordia, & Iorge maſcarenhas ſe foy pera a nao, & não tornou mais a terra. E vendo os Portugueſes eſta diſcordia, começaram logo da pertar com Antonio galuão que lhes deiſſe fazer crauo, ſe não que ſe yrião pera a India, fazendolhe ſobriſſo grandes requerimêtos, & proteſtando de ele ſer em cargo a el rey da perda que recebeſſe por ſua yda: & com tudo Antonio galuão nã quis nunca alargar ho crauo, & mandou requerer a Iorge maſcarenhas pelo Ouuidor, que lhe não leuaſſe nhũa gente ſem ſua licença, & ele não quis deyxar chegar ho Ouuidor a bordo, mandandolhe tirar com eſpingardas, cuydando que o yaprender: & foy ho aluoroço tamanho

na gente, & o deſauergonhamento, por lhe Antonio galuão nam querer alargar o crauo, que o quiſerão matar, mas não poderão. E porderradeyro ſe armatam çento & oytenta homês, & aſi armados na metade do dia ſe forão embarcar, ameaçãdoho com a morte ſe lho quiſeſſe tolher, & dizendo que poiſera tão amigo do ſeruico del Rey, que lhe goardarſſe a ſua fortaleza, & aſi ſe forão embarcar cõ Iorge maſcarenhas, & com hum Fernão anriquez ſenhor dũ Iungo em que ſe ya pera a India, & Antonio galuão nam pode reſiſtir a iſto, porque lhe nam ficauam mais de çento & vinte homês, & eſtes porque lhes daua de comer a ſua cuſta, que não auia na feitoria com que lhes pagafſem mantimento, & Antonio galuão porque não ficafſe ſõ & ſe perdeſſe aquela fortaleza, gaſtaua o ſeu, & não lhe daua nada perdelo por ſeruir el Rey, dizendo que pois o perdia niſſo que el Rey ho ſatisfaria: E era a reuolta tamanha, & ho Ouuidor ouue tamanho medo, que por lhe Antonio galuão não mandar préder niſguem deixou a vara, nem ho Viçgairo queria ſeruir a ygreja, & tão bem ſe foy. E embarcada eſta gente com Iorge maſcarenhas, & com Fernão anriquez, partirãoſe pera Banda: & tambem foy em ſua conſerua hum Gonçalo Vaz çarnache, que andaua darmada no Morro, onde tomou por força a Ioão Freyre hũ nauio em que andaua que Antonio galuão tinha pera mandar aquele anno aa India carregado de Crauo, & por mays requerimentos que mandou fazer a Gonçalo vaz (depois que foy em Talâgame)



que tomasse o crauo nunca quis, & foyle com o nauio vazio, no que el rey recebeo muyto grande perda; & Gonçalo vaz ná ouue por isso nhũ castigo, pelo que em Maluco cada hũ fazia ho que podia sem temor de Deos, nem del Rey, nem vergonha do mudo, & mais porq̃ fabião q̃ os não podia castigar o capitão de Maluco. E védo algũs castelhanos que estauã na fortaleza (& estauã pera se yr) como Antonio galuão ficaua só, não se quiserã yr, lembrados da muyta hõra & gafalhado, & outras muytas boas obras que lhes tinha feytas, & por lhe pagarẽ tudo isto quiserão ficar: Pois os Portugueses a quem tinha feyto o mesmo, lho paguã tao mal, & assi lho disseram & ficaram coele, o que lhes ele agardeceo muyto, & logo elcolheo hũ deles, que auia nome Pero deramos q̃ conhecia por bõ homẽ, & escreuco por ele a el Rey de Portugal & ao governador & ao védor da fazenda o que lhe fizerão muy miudamente, mandandolhe os estormetos que disso tirara & os autos q̃ fizera, & mandoulhe que desse tudo a qualquer capitão que achasse em Banda: & em guarda deste Pero deramos foy Cachil rade com hũa armada del rey de Tidore, & chegado a Banda deu tudo a Paulo da gama que hieftaua por capitão, & estando himorrerão Jorge Mascarenhas, & Gonçalo vaz çar nache dedoença que lhes sobreuco.

## CAPITVLO CLXXXVII

Do que o governador fez em Diu pera a vinda dos Turcos.

**O** Governador que ya pera Diu, como disse a tras, chegou lá na entrada de Feuerceiro, do anno de mil & qui-

nhentos & trinta & oyto, & sabendo de Cogçofar como tinha por certa a vindados Turcos, & que vinhão com grande poder, por quanto a cerca da vila dos Rumes era grãde, & era necessaria muyta gente pera a defender, que ele não tinha, pelo que os Turcos a poderião tomar, acordou com conselho de a derrubar, & que fizesse na borda dagoa hũ baluarte & hũa casa forte pera apoufentamento do capitão do baluarte, o que logo foy começado, & tinhão as paredes de vinte pés de largo, cuja capitania o gouernador deu a hũ Francisco pacheco iuz dalfandega de Diu, & dentro na fortaleza foy começada hũa cisterna de vinte palmos dalto, & tão alta que cada palmo auia de leuar duzentos & cincoenta toneis dagoa: E neste tempo quiserã o gouernador reformar as treguas que Antonio da silueyra tinha assentadas cõ Aluçãõ que se acabauão entãõ, & Aluçãõ nõ ca o posem obra, por mais recados que lhe forão sobristo: E o gouernador ainda que esperaua pelos Turcos, não quis inuertnar em Diu, & foyle a Goa, deixando a Antonio da silueyra seys çetos homẽs, de que os quatrocentos erãõ mal armados, & os duzentos não eram pera pelear, & antrestes muyto poucos fidalgos, & leuou toda a gente consigo, deixando a fortaleza em tamanho risco & de guerra com Cambaya: & de Goa despachou a Vasco pirez de sampayo pera yr a Bengala com gente em ajuda del rey, & foy por capitão mór de noue velas, de que foram por capitães afora ele, Antonio de melo q̃ agora mora em Bucelas, Frãscisco de Barros

co de payua, Manuel mascarenhas, Cristouão douria, Diogo rabelo, & outros, & mandou nesta frota ho embayxador del rey de Bengala, & Valco pirez se foy a Cochim, donde partio em Mayo pera Bengala.

## CAPITVLO CLXXXVIII.

De como Coge çofar fugio de Diu.

**D**Epois do Governador partir de Diu, reformou Antonio da silueyra astregoa's que tinha com Alucão, & a pos isso chegou a Diu hũa carta q̄ Coge çofar tinha mandada a Caxem a saber ainda mais certeza da passagem dos Turcos a India, q̄ lhe leuou recado muyto certo que auia de passar com grande armada, de que ele folgou muyto, porq̄ lhe parecia que deitarião os Portugueses fora da India, que era cousa que muyto desejava, por lhes ter mortal odio, posto que mostraua ser seu amigo: E logo determinou de se yr pera çurrate secretamente com toda sua casa & fazenda, pelo que encobrio o recado que tinha a Antonio da silueyra, dizendo que lhe parecia vento a vinda dos Turcos, porque el rey de Caxê & algũs mercadores de Mecalhescuerão que não auia lá tal noua. E pera mais dissimulação de sua yda, fez q̄ carregaua hũa nao noua q̄ fizera auia pouco pera a mandar a Tenaçari, & em quanto fazia isto, mandou suas molheres pera çurrate em companhia das de hum mouro honrado, que por lhe o governador tirar a xabandaria de Diu, se ya morar a çurrate com toda sua casa, & por isso forão as molheres de Coge çofar coel, fem ninguem entender que se yão, por os

mouros terem muytas. E mandadas as molheres, carregou hũa noyte o fato na nao que dizia que mandaua a Tenaçari, & fazendo que deitaua a nao fora da barra pa partir, se acolheo aos vinte seys Da bril de mil & quinhétos & trinta & oyto: De cuja supita yda foy grande espanto na cidade, especialmente entre a gête da terra, que dizia que não se fora Coge çofar se não pera fazer guerra aos Portugueses, & assi pareceo a Antonio da silueyra, que sabendo que estaua em çurrate lhe creueo muytas vezes, que se sua yda fora por agrauos, que lhos declarasse & o desagruaria, pedindo lhe muyto que feto nas se pera Diu, a que ele nunca respondeo, pelo que Antonio da silueyra se receo de guerra, & pos grande diligencia em se acabar ho baluarte & a cisterna. E logo hũ domingo depois da ydade Coge çofar aconteceo hũa cousa que pareceo pronostico das guerras que mouros & Turcos fizera a quele anno a fortaleza: E foy que os moços cariuous assi Christãos como mouros se fizerao em dous bandos, & por modo de folgar pelejarão có paos hũs contra os outros, & ficando os moços Christãos com a vitoria, o sintirãõ tanto os moços mouros que se quizerãõ vingar, & pola semana tornaraõ a pelear de verdade, leuãdo hũs & outros arteficios de fogo, & os Christãos leuauãõ hũa bamdeyra com a Cruz de Christo, & os mouros outra com a ymagem de Mafamede, & sempre os Christãos leuauãõ a vitoria, & por se fazerem muyto mal hũs aos outros, lhes foy deffeso que nam pelejassem. E nisto a dezaseys

R u j dias

dias de Mayo chegou a Diu Fernão de Moraes que aquele anno partio de Portugal por capitão de hũa nao da carga, como disse, & por ele escreuia elrey ao governador a certeza da passagê dos Turcos á India, & esta tinha Antonio da silueyra per hũ Tristão gomez natural de çezimbra, que sendo catiuo de Barbaroxa lhe fugio & foy ter a Baçorá & depois á India, de que Antonio da silueyra soube a certeza da passagem dos Turcos. E não podendo Fernão de Moraes nauegar na sua nao pola côsta da India por ser inverno, se foy em hũ catur caminho de Goa, & de Chaul não pode yr no catur & se foy por terra, & leuou as cartas ao governador, que se começou a fazer prestes pera no Setembro seguinte yr a Diu.

## CAPITVLO CLXXXIX.

De como os regedores de Cambaya mandarão cercar Diu.

**C**Ogeçofar que desejava muyto de tomar a fortaleza de Diu, por saber quão mal prouida estava de gente & d'agoa, foy se a Chãpaner onde estava a mãy do çoltão badur, & seu neto çoltão mahmude rey de Cambaya moço pequeno, & os tres capitães que governauã o reyno, & deulhes cõta da disposição em que estava a fortaleza de Diu, afirmando que nunca auião deter tão bom tempo pera a tomarem como aquele, & eleso acordarão assy, & logo despacharão a Alucão pera fazer guerra a Diu com cinco mil de caualo & dez mil de pé, & porque era velho fosse Cogeçofar seu companheiro, que por esta honrra que lhe foy feyta leuou a sua custa mil Turcos de caualo & tres mil Guzarates de pé, que cõ os Da-

lucão fazião dezanoue mil homês, com que partirão pera Diu, do que logo Antonio da silueyra foy auisado, que o disse aos fidalgos & pessoas principaes q̄ esta uão coele, & mandou a Francisco pache co capitão do baluarte da vila dos Rumes que dormisse lá cada noyte, porque estava acabado & entulhado até o primeiro sobrado, & até li tinha vinte palmos daltura, & forão lá leuados cinco tiros grossos, hũ lião, hũa saluage de ferro, & hũa espèra, & dous camelos de metal, a que logo mandou fazer as bombardeyras, & mandou lançar ao mar os nauios que tinha varados, pera defenderem coeles o rio. E andando nesta occupaçã leuantou se hũa noyte fogo na fortaleza em casa de hũa molher solteira q̄ queyrou sessenta moradas de casas, de q̄ Cogeçofar quando ho soube tomou bom pronostico, & disse à sua gente q̄ aquele fogo queyrou para quantas munições tinham os Portugueses. E apressando coesta noua seu caminho, chegou ele & Alucão a quintaã de Meli q̄ aos vinte quatro de Junho onde assentará seu arrayal, & tolherão logo os mantimentos q̄ yão da terra firme a cidade, em cujos moradores foy tamanho o medo que logo começaram de fugir. E sabendo Cogeçofar destes que as bombardeyras do baluarte da vila dos Rumes não erão acabadas, & os tiros não podião jugar foy ho saltar hũa quarta feyra antemãhaã vinte feys de Junho, leuando os quatro mil homês de sua capitania, & chegou tam de supito que subio sua gente ao muro que ainda não era derribado, & matarão

algũs Portugueſes dos que vigiaão, & aos brados deſtes acordarão os officiaes da alfandega & outros Portugueſes, que por todos forão vinte, & com preſſa ſe acollerão em camiſa ao baluarte, & dali ſe defenderã com aſeſpingardaſtão eſforçadamente que os não poderão entrar, principalmente porque acodio logo Antonio da ſilueyra & fez aſtaſtar os inimigos, & Coge çofar foy ferido de hũa eſpingardada por hũa mão, & por iſſo ſe tornou pera a quintaã de Melique onde ſe achou muyto mal da ferida.

## CAPITVLO CXC.

De como Antonio da ſilueyra pos goardas nos paſſos da jlha.

**N**Este tempo auia em Diu muytos mouros brancos do eſtreito todos homẽs de guerra, que elrey de Cambaya antes de mörter mandara chamar a ſoldo pera o ajudarem contra os Portugueſes, & eſtes chegarão aquele Abril paſſãdo em habito de mercadores pera nam ſerem conhecidos, & leuauã ſuas armas ſecretas, & gaſſalhouãos cõ os outros mercadores onde tinhão eſcondidas as armas. E vendo eſtes a guerra que Coge çofar fazia aos Portugueſes, creceolhes o deſejo de o ajudarem, & deſcobriroſe por laſcaris comẽçarão de prouocar a gẽte da cidade q̄ ſe leuantãſe contra os Portugueſes, & hũs por hũ cabo outros pelo outro fazião grandes ajuntamentos nas ruas & nas praças, ao q̄ logo acodio Antonio da ſilueyra acõpanhado da melhor gẽte da fortaleza toda armada, & dãdo de ſupito nos mouros prẽdeu muytos deſtes, & buscando as caſas dos mercadores tomou quantas armas achou cõ

que os laſcaris ficarão deſarmados. Iſto feyto, porque a cidadenão tinha agoa ſe não a da jlha, pos goardas nos paſſos que auia dela pera a terra firme, & em dous baluartes que eſtauão em dous deles pos por capitães Gonçalo ſalcão filho de Ioão ſalcã, & Luys rodriguez de carualho, & em outro paſſo que auia nome Palari, Lopo de ſouſa couinho de Santarẽ em hũa galcota com vinte cinco eſpingardeiros, & outros tantos em hũa barcaça & duas fuſtas, & o paſſo da ponta da jlha goardauão Antonio da veiga feyto, & Francisco anriquez teſoureyro daſſandega, & Francisco foreyro, & Jorge barboſa de Coimbra eſcriuães, & Francisco de goueca capitão mór do mar de Diu, & Miguel vaz, Pantaliao pereyra andauão de ſobrefalente em tres catures correndo os paſſos de noyte & de dia: E em quanto duraua a ferida de Coge çofar q̄ os mouros não dauão rebates, fez Antonio da ſilueyra acabar o baluarte da vila dos Rumes, que ficou da tura de quorẽta palmos, & aſi a caſa de junto coele, pera que mandou logo Francisco pacheco cõ ſetenta homẽs, porem não ſe pode fazer caua a eſte baluarte que foy cauã de ſeto mar depois, & tãbem foy acabada a ciſterna da fortaleza, & aſi como a yã acabando, a enchião da goa, & leuou cinco mil toneis, com que a fortaleza ficou bẽ abastada da goa.

## CAPIT. CXCI.

De como Antonio da ſilueyra deixou a jlha, & ſe recolheo na cidade.

**D**Epois que Coge çofar foy ſam da ſua ferida, logo ele & Alucão aſſentãrão ſeu arrayal na terra firme ao derre-

dor da ilha, & fizeram suas estancias dar-  
telharia defronte dos passos da ilha, Co-  
ge çofar defronte do de Palari, & Alucão  
dos outros, & de dia & de noyte nunca  
a artelharia estaua queda sem tirar, pera  
que defendessem a passagem a algũs ca-  
tures que leuauão mantimentos & mu-  
nições aos passos: E Coge çofar que dese-  
jaua muyto de tomar o passo de Palari,  
melhorou hũa noyte sua estancia em a  
chegar mais pera o passo, porque bem sa-  
bia que não auia de poder de dia, & pera  
se acabar logo em hũa noyte mādou fa-  
zer de cestos de campo cheos de terra, &  
andando nesta obra quinhétos Turcos  
dos da sua capitania, acertou de passar po-  
lo rio Miguel vaz no seu catur, & enxer-  
gando em terra a soma que fazião algũs  
cestos que estauão assentados, & sem po-  
der defenderençar o que era, deulhe hũa  
curriada despingardadas de q̃ se os Tur-  
cos empararão com os cestos, & não bo-  
lirão consigo por não serem sentidos, re-  
ceando que os estoruassem da obra q̃ fa-  
zião. Lopo de souza que ouiu as espin-  
gardadas acodio logo na sua galeota, &  
mandou tirar àquela soma que parecia  
com hũ camelo, cujo pelouro dando nos  
cestos os esborralhou todos, & matou  
algũs Turcos: E vendo Lopo de souza q̃  
com aquele tiro desapareceo a soma que  
uia mandou tirar mais, & os Turcos lhe  
tirarão tãobem: porem como Lopo de  
souza era esforçado não quis estar naqui-  
lo. & saltou em terra com Miguel vaz cõ  
todos os de sua companhia, & derã nos  
Turcos com tamanho impeto que os fi-  
zerão fugir ficando algũs mortos, o que

pareceo ao outro dia nõ muyto sangue  
que ali foy achado & tripas domés, que  
os corpos leuauão os viuos por não sabe-  
rem os Portugueses o dano que lhes fize-  
rão, & Miguel vaz foy ferido de hũa es-  
pingardada em hũ pé. E com tudo isto  
como os mouros erão tantos como disse  
não lhes poderão os Portugueses tolher  
que não melhora sem suas estancias & as  
possessem a menos de çem passos do rio,  
com que impedirá aos Portugueses que  
não nauegassem por ele, porq̃ tudo quã-  
to passaua de dia & de noyte pescauam  
com a artelharia, matando & ferindo os  
Portugueses, & por isto, & por Antonio  
da silueira ver claramente que não podia  
defender a ilha com quão pouca gente  
tinha, & tãobem por ter a cisterna chea  
dagoa, & não ter necessidade da que auia  
na ilha, determinou com conselho, de a  
alargar aos mouros, o que fez aos noue  
Dagosto: E per Payo rodriguez daraujo  
mandou dizer de noyte aos capitães que  
estauã nos passos que se recolhessem à ci-  
dade, no que foy grande desmancho &  
deformem, porque afora fazer grande vé-  
to & marulhadano rio, com que o nau-  
gar por ele era muyto perigoso. Em An-  
tonio da veiga fcytor ouuindo o recado  
Dantonio da silueyra não se quis mais  
deter, & deixãdo sua capitania se acolheo  
por terra cõ medo das bõbardadas q̃ lhe  
os mouros auã de tirar se fosse por agoa,  
& os outros q̃ forão Frãçisco anriquez,  
Iorge Barbosa, Frãçisco foreyro, Miguel  
Vaz, & Pantalão Pereyra se forão por  
mar nos catures & em duas galeotas, &  
foy tamanho o medo nos comitres delas  
das

das bombardadas que tirauã os mouros passando por diante de hũa estancia, que derão coelas em seco indo os catures diante, que por isso não sentirão o que acõrecera as galeotas, cujos remeiros & gredarmas vendo que estauão em seco fugirão logo com medo de ostomarem os mouros, & deixarão sosos capitães, por cujos rogos nunca quizerão tornar: & védo eles que sos não podião salvar as galeotas, & que se perderião esperando mais, poserãolhes o fogo & forãose por terra: & os mouros que as virão arder acodirá logo a ver o q̄ era, & achandoas sos, apagarão o fogo & recolherão as bõbardas que tinham & outras armas, & o mesmo aconteceu a Gonçalo falcão que ya em hũa barçaça com a gente & artelharia q̄ tinha no baluarte de que era capitão, & a Luys rodriguez de carualho que ya em hũa fusta, que nunca a sua gente quis esperar & toda fugio, & deixarão a artelharia & outras armas aos mouros, que sem pelejarem, & asecuras, ouuerão em hũa noyte o que não poderão auer em muytos dias pelejando continuoamente: E fazendo setãobê à vela Lopo de souza cou tinho pera se yr na sua galeota, o grande vento que fazia & a marê que vazaua lha deitarão da banda da terra firme, onde ficou em seco hú tiro de pedra da madre do rio, & sentindo que daua em seco, alargou o batel pelo rio abaixo, porque se recou que os seus fugissem nele, & sem ele bem sabia que não se podião yr por o rio ser ali de mais largura que em outra parte. E em amanhecendo que os mouros o virão tão perto de terra & tão longe da-

goa, pareceolhes que o poderião tomar & remeterão a galeota trezentos, deles Turcos, Abexis, & Arabios, dando grãdes gritas, & em eles abalãdo rebata Lopo de souza o seu guião, ficãdo a lança no meo da galeota, & disse có o rosto ledo: Ainda que por mi queira passar algũa couardia, sam estes senhores q̄ estão em minha companhia tão valentes cauleyros que mo não consentirão, a que logo hũs remeterão ás espingardadas, & os que as não tinham aos berços & falcões da galeota, & poendolhes o fogo tendohos aos hombros desparão nos imigos, & juntamente coeles a artelharia grossa, cujos pelouros hũs leuauão em migalhas, outros em pedaços, & outros deyxeuão feytos dous de cada hũ, & coesta esboralhada se escarmentará os imigos de maneira q̄ fugirá, & antes que tornassem outra vez tomarão Lopo de souza & os seus a galeota nos braços, & ora neles, ora a empuxões com trabalho imenso derão coela no pego, & escapando de tamanho perigo com ajuda de nosso Senhor se forão pera a cidade, encontrando dous catures que yão em seu socorro.

## CAPIT. CXCII.

De como Antonio da filueyra se recolheo aa fortaleza.

**P**ERDIDA a artelharia que estaua nos passos com que Antonio da filueyra esperaua de defender a cidade, foy por todos acordado que a não podia defender sem tirar artelharia da fortaleza, o q̄ era perigoso, porque não sabião o que succederia, & por isso & por não ter gente pera defender tamanha cerca como tinha a cidade, acordou se em conselho q̄ a deixasse

xalle & se recolheſſe na fortaleza q̄ era o  
 mais ſeguro. E porque já os mouros erã  
 entrados na ilha & andauão á viſta da ci-  
 dade, & os que eſtauã nella lhes fazião fi-  
 naes com bãdeiras, ſayo Antonio da ſil-  
 ueyra com çem Portugueſes pola cidade  
 & enforçou & alãcou muytos mouros  
 principalmête os que via com armas, &  
 prendeo quatro mercadores principaes,  
 porque ſe fe viſſem algũa neceſſidade  
 ſe remedeaffe coeles, & quaſi noyte ſe re-  
 colheo á fortaleza aos dez Dagoſto, &  
 ao outro dia comẽçarã os mouros que  
 eſtauão na cidade de roubar algũas ca-  
 ſas junto da fortaleza em que auia muy-  
 ta fazenda & mantimentos que os Portu-  
 gueſes cõ preſſa nã poderão recolher na  
 fortaleza, & por rogo dalgũs, que vêdo  
 roubar o ſeu, quiſerão ſayr aos mouros  
 mandou Antonio da ſilueyra coeles hũ  
 fidalgo chamado Gaſpar de ſoufa q̄ deu  
 coeles nos mouros que fizerão fugir, fi-  
 cando algũs mortos, & dos Portugueſes  
 foy morto hũ, & outros forão feridos, &  
 com tudo tornarão pera a fortaleza car-  
 regãdos de mantimentos, & dali por di-  
 ante ordenor Antonio da ſilueyra q̄ os  
 foſſem tomar cada dia, & foſſem em ſua  
 goarda cincoẽta & quatro homẽs, & aſi  
 lenha & agoa dũs poços que eſtauã jun-  
 tos da fortaleza: & por fazer hõra a Lo-  
 po de ſoufa coutinho o fez capitão deſta  
 goarda, cõ que cada dia ya á cidade por  
 mantimentos, lenha, & agoa, & auia re-  
 contro com os mouros, de que ſempre  
 morrião algũs. E neste tempo fazia Co-  
 ge çofar bater ho noſſo baluarte da vila  
 dos Rumes, com hũa eſtãcia d'artelharia  
 que mĩdou aſentar no cays da ſandega  
 de que rãbem varejava o mar por amor  
 dalgũs caures que da fortaleza leuauão

mantimentos ao baluarte: & porem não  
 fazião nhũ nojo, nem a artelharia que ba-  
 tia ho baluarte, nem tão pouco ho fazia.  
 Alucão que pouſaua nas caſas da mãy  
 do colrão badur, & ſua gente eſtaua pola  
 cidade, a que cada dia ſaya Lopo de ſou-  
 fa ſem medos dos mouros. E hũ dia veſ-  
 pera da aſſunção de noſſa Senhora, ſayn-  
 do á cidade matou algũs Turcos de Co-  
 ge çofar que achou deſmandados, & ou-  
 tros fugirão & o forão dizer a Coge çofar,  
 que mandou logo quinhẽtos homẽs  
 eſcolhidos em buſca de Lopo de ſoufa,  
 que eſtaua nomais que cõ quatorze na  
 boca de hũa rua, & os outros tinha po-  
 ſtos nas bocas doutras, & dando os mou-  
 ros coele determinou de pelejar coeles,  
 & logo quiſera comẽçar, & por cõſelho  
 dũ Simã furtado bom caualeiro deixou  
 bem encher a rua, porq̄ quanto os imi-  
 gos mais ſe apinhoaſſem menos ſe auia  
 da judar das armas. E os mouros ſe ajũ-  
 tarão tantos que nã podião pelejar mais  
 que os dianteiros: E logo Lopo de ſoufa  
 deu neles com os ſeus, & pelejarão tão ef-  
 forçadamente q̄ matarão todos os mou-  
 ros que eſtauã nadianteira & os q̄ eſta-  
 uão logo detras deſtes, & os outros fo-  
 girão ficando mortos trinta, & dos Por-  
 tugueſes nhũ, & Lopo de ſoufa foy ferido  
 em hũa perna, & outro homẽ em ou-  
 tra, & a hũ ſeu page foy quebrado hum  
 olho. E em quanto Lopo de ſoufa jouue  
 ferido, forão capitães da goarda Gonçalo  
 falcão, & Gaſpar de ſoufa, que catuarão  
 hũ mouro honrrado, de que ſoube Anto-  
 nio da ſilueyra que no arrayal Dalucão  
 ſe diſſera que a Mangalor chegara hũa  
 nao de mouros, que dizia q̄ em Adem  
 ficaua hũa groſſa armada de Turcos, &  
 porem que não ſe tinha por certo, & cõ  
 tudo

tudo como ho mar de u jazigo, mandou Antonio da silueyra Miguel vaz q fosse a Mangalor, & passasse a vante pa saber noua da armada dos Turcos. E depois q Lopo de souza tornou a dar goarda achou hu dia rosalgar nos poços, & por isso não quis Antonio da silueyra que sa issem mais fora, & recolheose de todo na fortaleza, de que sempre do baluarte & da vila dos Rumes tirauão muytos tiros perdidos aos mouros, em q fazião muyto dano. E Antonio da silueyra escreueo ao governador per mar como estaua, pedindolhe socorro, & elho mandou lo go (como direi a diante.)

## CAPITULO CXCIII

De como ho embaixador del rey de Cábaya chegou a Costantinopla, & deu a embaixada ao Turco.

**A** Tras fica dito, que çaçercão capitão del rey de Cambaya que ele mádua por embaixador ao Turco a pedir lhe socorro, parrio de Diu na entrada de Setembro do anno de mil & quinhentos & trinta & seys, & proseguindo por sua viagé foy ter a Iudá onde deixou sua frota & o presente que leuaua ao Turco, se foy por terra ao Cayro, & dahi polo Nilo abaixo ate Roxate hu lugar na foz do Nilo sessenta milhas Dalexátria: E chegado lá deu a embaixada & cartas q leuaua ao Turco, que lhe respondeo logo que por aquele anno não podia dar a el rey de Cambaya a gente que lhe pedia, por quanto estaua de caminho pera a cidade de Belona, com determinação de entrar por ali em Italia, mandandolhe que esteuesse assi o presente q lhe leuaua ate sua tornada, & então mádaria a el rey de Cambaya a gente que pedia. E tornádo o Turco de Belona sem fazer nada, foy lhe o outro embaixador del rey de Cam

baya que disse que lhe mandara com determinação de destruyr os Portugueses que andauão na India, por se arrepede de ter dada a fortaleza é Diu. E este apertou có o Turco que mandasse a el rey de Cambaya o socorro que lhe mádara pedir. E depois da chegada deste, chegou outro de Miráon muhahla que mandaua pedir o socorro có grande efficacia pera se vingar dos Portugueses que tinhão morto a el rey de Cábaya, & lhe querião tomar o revno. E com a vinda deste derradeiro embaixador, determinando o Turco de dar o socorro que lhe pedião, escreueo a coleymão baxa Rey do Cayro, Alexandria, Roxate, Damasco, Meada, ate Iudá, que lhe mádasse leuar a Costantinopla o dinheiro & presente que lhe mandara el rey de Cambaya, & as sete velas em que fora fossim leuadas a çuez, & serião varadas com outras que hi estauão, o que coleymão fez logo & mádou o dinheiro & presente per hu capitã chamado Hamed rex, & por mádado do Turco foy em sua companhia Iorge o arrenegado. E vendo ho Turco tanta riqueza mandada assi tão leueméte por hu rey que moraua tão longe, pareceo q a riqueza daquela terra deuiade ser semeonto, pelo que deseio de poder cóquistar Cambaya & o resto da India, & por isso se enfermou de Iorge o arrenegado, assi da riqueza da Cambaya & dos outros reynos, & do poder de seus reys, & do dos Portugueses, que o enfermou muyto largamente de tudo fazédo lhe muy pouca cousa o poder del rey de Portugal na India, & q com qual quer armada poderia lançar os Portugueses fora da India, & tomar lhe ho q ti nhão tomado. E nisto chegou a Costantinopla



nopla a principal molher q̄ fora delrey de Cambaya cō muyto dinheyro & pedraria, & contou ao Turco a morte de feu marido, pedindolhe que madaſſe hũa armada á India pera lâçar os Portugueſes fora. E neſta conjunçã chegou a Coſtãtinopla o embaixador delrey de Xael, q̄ lhe leuauade presente dezoyto Portugueſes que catiuarano feu porto com outros (como diſſe atras.) E antreles ya hũ Aluaro madeyra que preſumia de piloto, de que rãobẽ o Turco ſe enformou das couſas da India, & do poder del Rey de Portugal nela, & ſachou que cõforma ua cem o que Iorge lhe tinha dito, & ofreceoſelhe pera yr na armada ſe a mandãſſe á India, porque ſabia muyto bem o caminho, & os portos, & barras dela.

## CAPIT. CXCIII.

De como ho Turco deu a capitania moor da armada que madaua aa India a coleymão baxaa rey do Cayro, & do regimento que lhe deu.

**C**Oeſtas enformações & outras muitas que o Turco teue, determinou de madaſſe hũa armada á India, pera ver ſe a podia tãmar aos Portugueſes, & os nauios pa eſta armãda eſtauaõ em çuez, que lhos madaſſe fazer Habrahembaxã muyto grande ſeu priuado pera yr conquistar a India, onde nãõ foy por o Turco o matar quando ſoubẽ q̄ quẽria dar Coſtãtinopla ao Emperador. E determinando o Turco de madaſſe eſta armada á India, deu a capitania mór dela a coleymão baxaa rey do Cayro, que ſabendo como a armada auia dyr, pedio a capitania mór dela ao Turco, cujo porteiro da camara fora, & primeyro de ſeu pay, a quem ſendo Chriſtãõ & natural da Morea, fora dado de tributo em moço, & o Turco o mandou capar pera ſer ſeu por

teyro da camara & andar antre as ſuas molheres: & a cauſa de alcãçar tamanho ſenhorio foy, porque reynando ho meſmo Turco que entãõ reynaua (a quẽ como digo ſer uira de porteiro da camara) ſelhe leuãrou Hamedbaxã rey do Cayro, Alexandria, Roxate, Damafco, Meda, ate Iudã, a que o Turco deu eſte ſenhorio, porqueno cerco de Rodes inuẽrou as albarradas com que foy tomado & fez a fortaleza de madeyra em que o Turco pouſou em quanto durou o cerco: E leuantado eſte Hamedbaxã, foy morto por Camuſay mouro Arabio natural de Lepo, & teſoureiro mór do Cayro, que primeiro que o mataſſe eſcreueo ſeu leuantamento, & que determinaua de o matar, & morto, mandou a cabeça ao Turco com as cartas de como o matara. E madaſſe eſte recado, ya ja por caminho coleymão baxã, que o Turco madaua com hũa armada de doze velas em fauor de Camuſay: E achando coleymão o ſeu recado que mandaua ao Turco, tomou as cartas & rãpeas, & com a cabeça de Hamedbaxã ſe tornou a Coſtãtinopla, & diſſe ao Turco q̄ ele matara Hamedbaxã, pelo qual lhe deu o ſenhorio que tinha Hamedbaxã, & daqui ficou grãde imizade antre Camuſay & coleymão, que com quanto era tamanho ſenhor & de ydade de ſetenta annos, & tã gordo que depois que ſe aſſentaua nãõ ſe podia levantar, & dous homẽs o leuanta uãõ, & tinha tamanha papada q̄ lhe cãya ſobre os peytos, era tãõ cobiçoſo de gloria & de dinheiro, que por alcãçar tamanha como ſeria tomar a India aos Portugueſes, & ſer ſenhor dos muytos & grandes teſouros que lã auia, pedio eſta empreſa ao Turco, com condiçãõ q̄ pagaria

garia á sua custa a gente da armada. E sendo-lhe cõcedido pelo Turco, fugio Alvaro madeyra o piloto de Costantinopla & deu consigo em Portugal, & contou á elrey a passagem desta armada á India, pelo que o elrey soube primeiro que ella fosse. E tãdo coleimão baxa prestes as cousas de sua armada, se partio deuez na entrada de Julho de 1538. annos com hũa frota de setenta & quatro velas .f. quinze galès bastardas de trinta & tres bacos cada hũa, vinte cinco galès reays de trinta bancos, dez galès sotis, quatro albetogas, a que eles chamão maonas cõ sua apelaça, seys galeões de duas gaueas, & outros quatro navios mais pequenos, que fazião por todos sessenta & quatro velas, fornidas todas de muyta & boa arte lharia de metal. & de seys mil & quinhentos homés de guerra .f. mil & quinhentos Ianiceros, & dous mil Turcos to dos recolhidos & gentelimpa que lhe forão de Costantinopla, & tres mil homés outros, q por serem vçados no mar auia de servir dos officias dos navios, & de soldades quando fosse necessario, & sete mil homés forçados pera remevros, a que tomou as armas. E porque algũs se lhe querião amorinar mandou degolar duzentos, & a foraiisso fez outras muyto grandes cruezas & tiranias pera auer dinheiro com que auia de pagar á gente. E leuaua nesta armada cinco capitães principaes .f. Iucefhamet capitã mór do mar Dalexandria, a que coleimão deu a capitania mór daquela armada, deixando passy a jurdição, os outros forão Mustafaa, da casta dos Mamelucos, que coleimão pos em lugar de Camusay tesoureyro mór do Cayro, que ya taobem por capitão, & coleimão o matou por se temer

dele, queerão imigos, como ja disse, os outros tres capitães auiaõ nome, Habra hembeque Ianicero, & outro Habrahé beque da casta dos Mamelucos, & Mahmuhdebeque, & o regimento do Turco que leuaua foy este: **Q**uo fosse tomar a costa da enseada de Cambaya ou Mágalar, & hi fizesse agoada, & não pelejasse com ninguem se não cõ a propria armada do gouernador da India por elrey de Portugal, porque não enfracesse ou diminuisse sua armada, & se o gouernador não quisesse pelejar coele no mar, se fosse á cidade de Goa & lhe possesse cerco & tomada se fizesse nela forte, porq logo lhe mandaria socorro pera se defender dos Portugueses: E se em Mangalor soubesse que não podia pelejar com a armada do gouernador, nẽ tomar Goa sem auenturar muyto de sua armada & gẽte que entãõ se fosse a Ormuz & o tomasse & se fizesse hi forte, porque logo o socorreria com breuidade.

## CAPITULO CXCIV.

Decomo coleimão baxa se partio caminho da India, & do ardil que teue pera tomar a cidade de Dadem, & de como chegou ao porto de Diu.

**P**artido coleimão baxa de uez, deu se a mayor pressã que pode em sua viagem, porque não fosse sabida na India primeiro que chegasse, pera o que tinha feita grande diligencia, porque nhũa vela sayste do estreyto antes de ele sayr: & deuez pos tres dias de caminho ao Toro, & do Toro a Iudã cinco, & fez de demora doze, & quisera por manha acolher elrey de Iudã, que como sabia bem a pouca verdade dos Turcos, principalmente de coleimão, & quão cruel & tirano era, despejou a cidade & posse em saluo: E coleimão ajuntou aquy á sua armada as

fete velasque ali estauã que forão del rey de Cambaya, & tres naos de Hamezui vedor da fazenda do Cayro, & outras duas del rey de Iudá, com que a fez de setenta & sey velas. E partido de Iudá pos q̄tro dias até Camarão, & de caminho tomou Azibelé, hũ lugar na costa Darabia, de que era senhor hũ Turco chamado Nacodahamet, q̄ depois de fazer muyto bõ recebimento a çoleimão, foy dego lado por seu mandado, sem mais outra causa se não a de sua cruzeza, & deu ho senhorio do lugar a Mustafa seu capitam: E chegado a Camarão escreueo a el rey Dadem como ya á India & a causa por que, pedindolhe que ouesse por bem de lhe dar licença pa entrar no porto Dadé a tomar agoa, lenha, & carne, que entretanto que leuaua a carta lhe faria prestes & assi algũas casaspera deixar hi muytos doentes que trazia, do que el rey foy contente, parecendolhe que çoleimão lhe falaua verdade, que depois que fezem Camarão quinze dias de detêça, se partio pera as porttas, & galtou no caminho hum dia & hũa noyte, & outro tanto das porttas ate o porto Dadem, onde furto, el rey Dadem o mandou visitar com muytos refrescos, & çoleimão pera tomar a cidade por manha como trazia determinado, mandou lá os doentes que mãdara dizer a elrey que trazia pera os deixar nela, & estes forão dos mais esforçados, & ya hũ homẽ lançado em hũ leyto, & nele escõdidass armas pera sy & pera outros que o leuauão. E como as casaspera estes doentes estauão despejadas & perto do mar, de quatro que leuauão hũ doente fi-

cauão dous pera o curarem, no que os da cidade não atentauão porque os viã sem armas & coesta manha se meterão em quatro ou cinco dias bem quinhentos ho mês, & depois de serem dentro, mandou çoleimão rogar a el rey Dadem que fosse á sua galé, por q̄ tinha de falar coele coufas que releuauão muyto, do que elrey fez escarneo. E como isso era o que çoleimão queria, mandou fazer hũ sinal, a q̄ os doentes sayrão todos cõ suas armas, & derão nos paços del rey, onde entrarão de roldão sem auer quem lhes podesse resistir por sua supita vinda, & el rey foy preso & leuado á galé de çoleimão, ficando a cidade em poder dos doentes: E el rey Dadem depois que foy na galé de çoleimão lhe perguntou, porque ho mandara prender fiandose dele, & ele lhe respondeo, que se lhe parecia bem estar ele em pessoa do Turco, & auer quatro dias que estaua ali & não o yr ver, ao q̄ elrey respondeo commuyto esforço, q̄ se ali estuera o Turco senhor de çoleimão, q̄ era rey como ele, que o fora ver, mas a ele q̄ era seu escravo & seu capitão, como queria que o fosse ver, que ele o tinha em seu poder porque se fiara dele, por q̄ se não se fiara nunca a sua gente lhe entrara na cidade, nem se liurara dali com cabeça, & çoleimão o mãdou logo enforcar em hũ palanco da galé, & depois pèdurar á porta da cidade, que logo mandou saquear por sua gente, & ele sayo em terra & se pos á porta, mandando apregoar q̄ sope na de morte quanto fosse roubado na cidade tudo se leuasse á frota: E çoleimão busçaua a quantos sayão de dentro carre

gados do roubo, & tomauahe todo ho ouro, prata, & joyas que lhes achaua, & o fato deixauaallo, & coísto ouue muyto grande foma douro & de prata: E vendo os soldados que não partia coeles tomaraõlhe mortal odio, & o mesmo sacco q se deu á cidade se deu a tres naos de Malabares que estauão no porto que lhes coíleimão mandou tomar pera leuar carregadas de mantimentos, & aos Malabares tomouos pera remeiros. Tomada a cidade, mandou cortar as cabeças aos principaes moradores dela, porque não fizessẽ aluoroço depois de sua yda: & prouendoa de gente de guerra & darte-lharia, deixou nela por capitão Habrahé beque Ianicero, & partiose pera a India, & neste golphão así por hũ grãde réporal que lhe deu, como por sua forte & aspera condição, se apartarão de sua conferua seys velas, & hũa delas que era hũ galeão foy ter aos ilheos de santa Maria na costa da India, onde Antonio de souto mayor estaua com certas fustas darmada, q pelejou todo hũ dia có os Turcos que yão neste galeão. E depois de muyto grande pejeja os desbaratou matando os nossos os mais deles, & dos q ficatão viuos soube como va coíleimão, & os mandou ao governador Nuno da cunha, que sabendo esta noua se começou de fazer logo prestes pera focorreer a Diu, onde lhe pareceo que esta armada auia dyr dereyta. E continuando coíleimão sua viagẽ pera a costa da India, depois de quinze dias de partir Dadem, foy ter ao porto de Mágalor, onde Coge çofar parece que auisado de sua yda o estaua esperando, & lhe foy falar ao mar louuando muyto sua vinda & poderosa armada, & aconselhando lhe que fosse a Diu, porque quem quisesse se

nhorear a India tinha muyta necessidã de de ter aquela cidade pera ho fazer mais facilmente, por ser muyto forte de sua naturez, & ter bom porto & varadoyro, & estar a balrraento da India, & que a tomaria sem nhũ trabalho porquão poucos & mal armados eram os Portugueses que estauã na fortaleza, & mingoados de muytas cousas necessãdos do trabalho da guerra que lhes ate li tinha feyta: & coestas rezões se demõueo coíleimão a yr a Diu & quebrar ho regimẽto do Turco. E partiose pa Diu, indo Coge çofar diante por terra, & a hũa quarta feyta quatro dias de Setembro de 1538, as dez oras do dia chegou á vista de Diu, & começou de se ver da fortaleza a armada de coíleimão que va nesta ordem: Da banda do mar afastadas da terra obra de duas legoas yão quatorze galles reays feitas em hũ escoadrão, & ao lõgo da terra sete, & a pos estas todas as outras galles & nauios de pejeja da armada, & nomeo as naos de carga, entãõ se conheceo ser esta armada de Turcos pelo grande numero de nauios de remõ que era. E tãõbem chegou nesta conjunção Miguel vaz na sua fusta, que certificou ser a armada de Turcos. O q sabendo Antonio da silueyra escreueo logo hũa carta de crencẽpera o governador q lhe mandou pelo mesmo Miguel vaz, dizen dollie que contãsse largamente ao governador como ficaua, & ele se partio logo pera Goa, & como era muyto esfoçado em sayndo do porto por se affirmar na verdade de camãha a frota era, fez seu caminho muyto perto da armada, & sayraõlhe doze galles tirandolhe as bobãdadas que o ouerãõ de tomar se lhe não

acalma.

acalmara o vento: & vendo que ho não podião tomar, se forão surgir junro da curra armada, que surgio ao baluarte de Diogo lopez de sequeyra fazendo grandes alegrias.

## CAPITVLO CXCVI.

Do que fez Antonio da silueyra com a vinda dos Turcos.

**V**endo Antonio da silueyra sobrefy hũa armada tão poderosa como a dos Turcos, & que segundo os muytos annos q auia que se speraua na India de tiadir muyto bem prouidade gente, artelharia, & munições, não perdeo a esperança que tinha em nosso Senhor que o ajudaria, nem o esforço que sempre teue em fer elhantes perigos, & não lhe lembrou que estaua çem legoas do gouernador, nem em hũa fortaleza cõ tão pouca artelharia, & muyto pouca gente, que ainda que auia setecentos homes de rol, somente os duzentos estauão bem armados pera pelejarem, poré dos outros os trezentos erão espingardeyros, que assi o achou polo alardo q fez. E depois ajuntados os fidalgos & pessoas principaes q estauão na fortaleza pa repartir por eles a estancias que auia de fazer lhes disse. Ex aquy senhores o répo em q auemos de poer diante seremos Portugueses, & vindos a estas partes a seruir a Deos & a el Rey nosso senhor, porque o contentamento de se offerecer coufa em que possamos alcançar o que pretendemos, nos fara facilmente passar todos os trabalhos que se nos deuem representar do muyto aparato de gente & artelharia q tão perito denos temos. Eu de mi digo, q estou tão confiado em nosso Senhor, & nestes hõs desejos, & na companhia com q me acho, que tenho por muy certo, que não somente auemos de defender esta forta-

leza a estes infieys, mas ainda os autemos de desbaratar & alcançar deles illustre victoria. E porque tenho bem entendido q nesta confiança não faço auentagã a nhũdos que aqui estão, não lembro as grandes obrigações q todos temos pera ter estas esperanças, nem as muytas vitorias que nos Deos por sua bõdade tem dado nestas partes contra estes seus & nossos inimigos. E logo tratou de repartir as estancias da fortaleza da maneyra seguinte. A Gonçalo faleão deu a guarda do baluarte sam Thome, & no pano do muro q se começa neste baluarte & vay d'reyto ao baluarte de Santiago (que fez Garcia de Sá) ordenou tres estancias, de q forão capitães, Manuel de vascócelos iuz dal fãndega, natural da ilha da Madeyra, Francisco anrriquez tesoureiro dal fãndega, & Antonio foreyro escriuão da fortaleza, & no pano do muro que corria do baluarte de sam Thome ate o postigo, pos duas estancias, de que forão capitães, Rodrigo de proença, & Fernão pe-leja, escriuães da feitoria, & no baluarte Santiago, deixou por capitão como estaua Gaspar de souza, & no pano do muro que sae deste baluarte & corre ao longo do rio ate as casas dele mesmo. Antonio da silueyra por ser ali o muro delgado q ficara do répo de coltão badur, & era lugar de grande perigo ho deu a Lopo de souza coutinho que o goardasse, diz do-lhe logo o porq lhodaua, no q mostrou ter nele grande confiança como tinha. Em outra estancia que fez na feitoria ve-lha, pos por capitão o feitor Antonio da veiga, a capitania do baluarte da coyraça que entrava no mar, pos por capitão a Fernão velho filho do Alcayde mor, & por ser o lanço peqño lhe não deu mais

de vinte

de vinte e cinco homens para sua companhia: a capitania do baluarte da barra, que também chamão do almazem, deu a Francisco de gouuea, q̄ era capitão mór do mar: No baluarte do mar ficou Antonio de Sousa de Lamego como estava. No panno do muro que vay ao longo delongo da costa braua, por ser muyto forte, & nam se poder por alireceber damno, não teue mais necessidade que de vigias, por q̄ não fugissem por alios escravos, & descobrissem aos inimigos o que ya na fortaleza, & Antonio da silueira ficou por sobrefalante com a sua gente para acudir aos lugares necessitados de socorro, & para roldar as estancias: & mandou aos casados que vigiassem a casa da poluora, porque lhe não possessem os escravos fogo, & assi a cisterna, porque lhe não deytassem peçonha. Isto ordenado, logo os capitães das estancias começaram de se fortalecer onde era necessário, trabalhando com os de suas capitancias sem descansar, porque os inimigos os nam tomassem de saperecebidos.

## CAPITULO CXCIIII.

Do que aconteco aos Portuguezes com setecentos Ianiceros que desembarcaram em Diu.

**C**oge çofar que naturalmente queria mal aos Portuguezes por os ter por inimigos, & por não levar deles o melhor em quanto lhe fez guerra, estava muyto ledo com a vinda dos Turcos, porque a fora lhe fer inclinado pela criação que teue coeles, parcialhe que ho auam de vingar dos Portuguezes tomadolhe a fortaleza, & destruyndo de todo, assi os que estauam nela, como per toda a India, & por isso desejava muy-

to de os ajudar, & engrandecia muyto sua armada a Alucão, depois que se vio com çoleymão baxá em Mangalar: E sem nenhũa vergonha lhe cometeo que fizessem chamar no alcorão de Diu por rey de Cambaya ao Turco, como lhe çoleymão rogara que fizesse, o que Alucão nam quis fazer, espantandose muyto da deslealdade de Coge çofar, tendo recebida tanta honrra & merce em Cábaya, & querer fazer tamanha treyção a el rey & ao reyno, & disse que nam auia de ter nhũa amizade com çoleymão nem com os Turcos, porque sabia bem quam má gente eram, & se ele a ounesse de ter, que nam estaria mais em sua companhia: & Coge çofar dissimulou coele. E como çoleymão surgio o foy visitar, & dissellhe o que achara em Alucão, acerca de sua amizade, porem que ele o scruceria com a gente que tinha, atee morrer em seruiço do Turco & seu, & deulhe informação do sitio da fortaleza, fazêdo sempre cousa muyto facil de tomar, & depois se tornou para terra. E çoleymão por animaros Guzarates, ao outro dia que foram cinco de Setembro, mandou desembarcar setecentos Ianiceros que sayram com suas cabayas deles de bordado, outros de cetins carmesins, & doutras cores lustrosas, & nas cabeças hũs chapcos de feltros feytos como çaladas antigas, (que os fazem conhecer por Ianiceros ante a outra gente,) & eram todos guardados & orlados douro & com ricas plumas, & estes eram todos frecheyros & espingardeyros: & assi como desembarcaram, fizeram ho caminho para a

fortaleza, poendo as mãos nos bigodes que eles tem por grande fero & asiou-tras rebolarias que costumam por serem de seu natural muyto soberbos. Os de Cambaya espantados de tamanha ousadia os seguiram, cuydando que auiam logó de subir ao muro, & eles nam o fizeram assim, mas meter amse polas casás que forão dos Portugueses, que estauão d'arredor da fortaleza pera as roubarem, ao que Antonio da silueyra acodio, mandandolhes tirar as espingardadas, com que foram mortos cincoenta, & eles mataram setedoz Portugueses & ferirão vinte, mas como recebião mayor dano nam quiseram yr mais por diante, & afastarose d'ellos os Portugueses grandes apupadas, q' eles tem por grande injuria: E Alucão q' conhecia muyto bem os Turcos & sua pouca verdade, & mais pelo q' lhe Cogegofar cometeo da parte de çoleymano, nã quis coelès nhã amizade, & por isso nã quis estar ali mais, & partiose aquela tarde pera Nouaguer cõ seys mil homens, q' dos de sua cõpanhia nã quiseo yr mais co' de por induzimento de Cogegofar cõ quem ficariao, que com os seus fazia treze mil: E em Nouaguer esteue Alucã o todo o tempo que durou o cerco da fortaleza, & dahi escreuteo a el rey de Cambaya q' lhe Cogegofar cometera da parte de çoleymano, pelo que se fora pera Nouaguer: E el rey lhe respondeo que fizera muyto bem, mandadolhe que nã desse nenhũs mantimentos aos Turcos & defendesse q' d'hos nã leuassem, & assi o escreuteo a todos seus capitães comarcãos de Diu, que o compriram muyto bem, & nunca el rey

de Cambaya quis mandar o contrayro por mais cartas que lhe çoleymano escreuteo sobrisso: o que he de cret que quis nã so Senhor por que os Turcos fizessem tão pouco como fizerão contra os nossos, de que foy grande causa o pouco fauor que acharão nos Guzarates.

## CAPITVLO CXCVIII.

De como çoleymano baxaa se foy ao rio de Madre sibia pera mandar salbar sua artilharia sobre a berta pera bater a fortaleza de Diu.

Como foy noyte deram os Turcos mostra de sua espingardaria, & em eles acabando a deram tambem os Portugueses per mandado Dantonio da silueyra, porque soubersem os Turcos q' auia quem lhes resistisse, & tiraram todos hu & hum, & como eram trezentos de teueram se hum bom pedaço em tirar, & em acabando de se mostra da nossa artilharia desparando cada peça por si, & aposito tãgeram as trombetas, & depois derão os da fortaleza grandes gritas, de que se os Turcos agastaram muyto, principalmente çoleymano, quena mostra que os Portugueses fizeram conheceo que era gente de feyto, por dissimulou, & depois disto tudo ouuirão os da fortaleza dizer de fora em altas vozes portas, portras, & isto por algũa vezes, no q' pareceo q' dizião aos Portugueses q' tapasse com pedras as portas da fortaleza do que Antonio da silueyra tinha muyto bem cuydado, & nam era necessario lembraremillo. Ao outro dia, que se ram seys de Setembro, começou de ventar Sul, que por ser traueciam ondestaua a armada dos Turcos fez algum irceço de tormenta a çoleymano, mas acalmou logo

logo, & quis nosso Senhor deyxar a man-  
 tança dos Turcos pera os Portuguezes. E  
 determinando Coleymão de tomar a for-  
 taleza por conselho de Coge çofar, se foy  
 a rio de Madre fabá pera hñ çalhar sua ar-  
 telharia sobrecuberta que trazia abatida,  
 & porque nisto se auião de gastar algũs  
 dias, não o quis mandar fazer no porto de  
 Diu, porque o não destruy fse a artelharia  
 da fortaleza: E como seu fundameto era  
 tomar primeyro ho baluarte da vilados  
 Rumes que a fortaleza, mandou a Coge  
 çofar que ficasse preparando as cousas ne-  
 cessárias pera se bater, & deyxoulhe qui-  
 nhentos Turcos que o ajudassem debai-  
 xo da capitania de Mahmudebeque, &  
 ele se partio pera Madre fabá sabado sete  
 de Setembro, & ao entrar no rio selhe pe-  
 derão quatro nauios de carga, carregados  
 de mantimentos & munições, que  
 lhe depois deram grande perda: & a pri-  
 meyra cousa que Coleymão fez, foy mã-  
 dar desembarcar tres basaliscos & outros  
 tiros que mandou a Coge çofar per  
 Abrahambeque com quinhentos Turcos,  
 & por ser ho caminho comprido & em  
 muytas partes darea solta, não pode yr  
 mais que hum dos basaliscos com as ou-  
 tras peças que foram leuadas a Diu, on-  
 de Coge çofar & Mahmudebeque an-  
 dauam occupados em fazer as trinchas,  
 bastiães, repayros, & mantas de que ti-  
 nhã necessidade pera as baterias que ef-  
 perauam de dar ao baluarte & á forta-  
 leza, & com tudo nam deyxauam detir-  
 rar aa fortaleza muytos tiros perdidos  
 com a artelharia, desque amanhecia até  
 ho quarto da prima rendido, & assi cõ

espingardas com que lhe tirauã cada dia  
 bẽ dez mil tiros, & os mais deles empre-  
 gauão na ygreja que estaua em hñ alto &  
 parecia de fora, & assi hũa rua publica q̃  
 atraueffiãua por diante da porta principal  
 & por ser passagem de gente, & assi por  
 amor da que entrava na ygreja q̃ os ãmi-  
 gos vião fazião ali os seus tiros, mas nosso  
 Senhor goardaua os Portuguezes, posto  
 que as espingardas lhe yão zenindo pe-  
 las orelhas, & cossto erão brauamete atro-  
 mentados, & sofrião muyto grande tra-  
 balho repayrando todos o que era necessã-  
 rio repayrar se na fortaleza. f. dobrando as  
 ameas dos baluartes na gre sũra do muro  
 de pedra & barro, & fazendo mantas &  
 derribando as pontes da porta da fortale-  
 za & do postigo, & tapado as portas den-  
 tuiho de pedra & terra, & na coyraça foy  
 feyto hñ contra muro, & na estancia de  
 Lopo de souza coutinho, se fez hũa tran-  
 quyra de madeyra, & por dentro hũa  
 estacada recida, & todos trabalhauam  
 nestas obras sem auer deferença de pessoas  
 cada capitão na obra que fazia em sua es-  
 tancia com a gente dela, & todos a qual  
 mais esforçado sem mostrar nhũ çafago.

## CAPIT. CXCIX.

De hñ ardil com que Coge çofar quifera fazer  
 muyto malos Portuguezes, & de como  
 lhe atalhou Francisco de Gouuea  
 capitão moor do mar  
 de Diu.

**D**eterminando Coge çofar, Abrahẽ  
 beque, & Mahmudebeq̃, de fazer  
 aos Portuguezes quãto mal podessẽ fa-  
 bricarão hũa machina de guerra em hũa  
 albotoga doytenta couados de comprido  
 que fora de çoltão badur, & por sua gran-  
 deza nam podia naugar, & estaua vara-



da, & acrécentando esta em altura a fize-  
rão qual ita alta como o baluarte do mar  
ou da vila dos Rumes, & feyta a manda-  
rão encher de lenha, salitre, enxofre, & al-  
catráo que fizeffe tudo grande fumaça, &  
poer no meo do rio amarrada com qua-  
tro ancoras, duas de montate & duas de  
jufante, porque esteuiffe mais segura até  
serem agoas viuas cõ que podesse nadar,  
porque por seu grande peso o não podia  
fazer com agoas mortas, & isto com de-  
terminação de a encofarem ao baluarte  
da vila dos Rumes & darem lhe fogo pe-  
ra que com o fumo fizesse grande nojo  
aos Portuguezes, ou tambem pera que fa-  
cilmete os podessem cõbater, o q se ouue  
ra effeyto lhes fizera muyto mal: & con-  
siderando isto Antonio da silueyra, pera  
lhe atalhar, lhe pareceo bem quey mar se  
esta fabrica antes que viessem as agoas vi-  
uas, sobre o que fez conselho no baluarte  
sam Thome com os capitães das estan-  
cias, a quem propos o caso & pedio seus  
pareceres de como se quey maria aquele  
edeficio & por quem: & Fráncisco de gou-  
uea capitão mór do mar que estaua pre-  
sente, & por seu officio lhe pertencia fazer  
aquela quey ma, disse a Antonio da siluei-  
ra primeyro que ninguem votasse, que  
de podia praticar o modo que se auia de  
ter em se quey mar aquela nao, porq que  
o auia de fazer ja estaua certo se rele Fran-  
cisco de gouuea, & que sua merce & to-  
dos aqueles senhores vião muyto bem o  
seruiço que fazia a el rey de Portugal, &  
o perigo que corria em o fazer. Antonio  
da silueyra lhe disse que todos serião tes-  
temunhas disso & da merce que merecia

em o fazer: & ordenou se que aquella noy-  
te fosse Francisco de gouuea no catur de  
Miguel vaz, que era ja vindo de Goa, &  
fossem coele Bertolameu fernandez, &  
Bastião diaz capitães de dous catures, pe-  
ra que todos tres juntamente possessem o  
fogo com panelas de poluora, & que os  
que ouuessem dir nos catures fossem espin-  
gardeyros, pera que se defendessem dos  
inimigos selhes fosse necessario: Isto assen-  
tado, como foy bem noyte partiou se Fran-  
cisco de gouuea a fazer a obra que lhe era  
encomendada, & com quanto fazia escu-  
ro, como o rio era estreyto foy logo sen-  
tido dos inimigos que vigiaão na borda  
dele, que em o sentindo despararam sua  
artelharia que tinhã assentada por aque-  
la parte: & quanto mais tudo estaua cala-  
do, tanto mais espantoso foy ho supito  
estrondo da artelharia & a grande fuma-  
ça que se leuanto, & assi como a artelha-  
ria jugaua de pressa, assi os remeyros dos  
catures apertauão o remo com tanta for-  
ça que parecia que voauam, & coesta di-  
ligencia ajudando os nosso Senhor se ef-  
capulirão de tamanha foma de pelouros,  
& forão pegar com aquella machina q pa-  
recia húa muyto alta & grande torre, em  
que estauão obra de vinte mouros em sua  
goarda: E em Francisco de gouuea & os  
outros aferrado cõ a nao, arromessãrãl-  
he detro muytas panelas de poluora & ró-  
cas, & outros arteficios de fogo que se pe-  
gou logo ao alcatráo & aos outros mate-  
riaes, & começando a labareda de se le-  
uantar, derão os mouros consigo nagoa  
com medo da morte, de quem nam po-  
derão escapar aos nossos que os mataram

nagoa,

na goa, & Francisco de gouuea & os dos outros catures esteuerão sobre o remo até que o fogo que poserao se ateou de manciara que nao se podia apagar, o que foy feyto com muyto grande perigo dos que estauão nos catures, por serem em todo este tempo tão baltas as bombardadas & espingardadas que os mouros tirauão, que milagrosamente escaparaõ os Portugueses: E queymada a nao de todo, tornou se Francisco de gouuea com o mesmo perigo, & por este feyto que fez ficou muyto louado.

## CAPITVLO CC.

De como soube ho Governador que estauão os Turcos no porto de Diu.

**S**abido pelo Governador como coleymão baxa estava com sua armada no porto de Diu, reccou se que passaria a Goa & açercaria, & porque coisso toheria yrem mantimentos a Goa, determinou de se prouer primeyro da terra firme, & por conselho de Fernão rodriguez de castelo branco vedor da fazêda, mandou hã embaixador a Açadacão com a noua da vinda dos Turcos, pedindolhe muyto que não fizesse gente com receo deles, & q' así o mandasse dizer aos capitães do Daquẽ, por q' eles so queria tomar o trabalho delhes resistir, pera q' soubessem quão bo vizinho tinhão nele: E coeste embaixador foy que comprasse mantimentos dissimuladamete & os mandasse a Goa, & así se fez: & Açadacão folgou muyto coesta embayxada, & agradeceo ao Governador o q' lhe mandou dizer: E em quanto se o governador apercebia pera yr focorrer Antonio da silueira, lho mandou dizer por Fernão de moraes, com q'

forão obra de vinte soldados escolhidos, & em Chaul se ajuntou cõ Pero vaz guedez, q' Symão guedez de souza capitã da fortaleza mandaua tambẽ cõ poluora & munições, & entrarão ambos no porto de Diu por estar despejado dos Turcos, nẽ forã vistos de Cogecofar por ser de noite, & Pero vaz se tornou a Chaul, & Fernão de moraes nã fez outro tanto por lhe Antonio da silueira requerer q' o nã fizesse: & dali a dous ou tres dias foy hã noyte a fortaleza Frãscisco pacheco capitã do baluarte da vila dos Rumes, dizêdo que queria fazer testamẽto & descarregar sua alma: o que sabêdo o feyto Antonio da veygalhemãdou requerer que pagasse a elrey certa soma de dinheiro q' lhe deuia, do q' se ele ouue por muyto injuriado & se agrauou do feyto a Antonio da silueira, de q' se agrauou tanto por lhe dizerem q' era bem q' pagasse o q' deuia, q' lhe engeitou a capitania do baluarte, & por Antonio da silueira ficar disso agastado, se lhe offerrecco Lopo de souza coutinho pera a capitania, quando Frãscisco pacheco a nã quisesse de todo, & isto por ser uel rey cõ quãto o perigo estava muy certo, mas nã foy necessãrio por Frãscisco pacheco tornar a tomar a capitania, & Antonio da silueira dissimulou este defacatamẽto por ser o tempo que era. E nesta conjunçã apareceo ao mar hãa nao da conseruar dos Turcos que ya carregada de mantimentos, & leuaua trezentos homens, os mais de peleja, & per mandado Dantonio da silueira a foy reconhecer Miguel Vaz no seu catur em que leuaua douz berços, & quinze espingardeyros:

& chegando a nao que estava surta pera auer fala dela, os mouros lhe tirarão com a artelharia & muytas frechadas, & assi se começou a peleja que durou até a tarde que veo a viração, com que os mouros leuando ancora forão varar na terra firme da banda da enseada, & Miguel vaz a feguiu até lhe sayrem dous bargantins de Turcos que vigiaão o mar, & por nam ter poluora nem pelouros não quis coeles nada, & se foy leuando dous feridos, deyxando mortos & feridos d os mouros çẽzo & cincoenta, segundo se soube.

## CAPIT. CCI.

Do que fez Vasco pirez de Sampayo em Bégala.

**T**OMADA a cidade do Gouro por Xercanfur, como disse atras, escaparão muyto mal feridos tres Portuguezes que estauã com el rey de Bengala, Alfonso vaz de Brito, Diogo ferraz, & João adão, & forão se a Chetigão pera Nuno fernández freyre: E sabido la como o Gouro era tomada, & el rey de Bengala fugido, alevatou se grãde cõtenda antre dous senhores mouros vassallos del rey de Bengala, Codauazção & Amazarcão que estauã em Chetigão sobre qual seria senhor dela, & Nuno fernández os concertou, & ficou Amazarcão: Enisto chegou a Chetigão per mandado de Xercanfur hũ capitão Patane por Nogazil, q he como regedor, & tomou posse dela pacificamente: & dizendolhe Nuno fernández os officios q tinha em Chetigão por proffissão do rey que fora de Bengala, & ele disse que os teuesse, porque Xercanfur folgaria muyto coisso, & lhe faria ainda mayores merces que aquelas por ser muyto

amigo dos Portuguezes, & estando nisto chegou Vasco pirez de Sampayo com a armada que disse, com o que Amazarcão & outros senhores Bégalas folgarã muyto, & acordarão todos que pois leuaua tanta gente que lhe requeressem que predesse o Nogazil de Xercanfur, & tomasse a cidade com voz de ser pera el rey de Bégala, porque todos o ajudarião: & se el rey tornasse como esperatão que ficaria a cidade pera el rey de Portugal, & senã que mãdaria recado ao Governador q o socorresse pera foster a cidade, & assilho mandarão pedir por Nuno fernández freyre que lhe conselhou que o fizesse, por q ficarião os Portuguezes em grande credito naquela terra, o que Vasco pirez nã quis fazer, dizendo que pois a terra estaua assi, q queria fazer sua fazêda & yte, & mandou se escusar a Amazarcão pelas mais honestas rezões que pode, dando-lhe esperança que prenderia ainda o Nogazil, rogãdolhe que o não predesse sem seu recado, & ele lho prometeo: E neste tempo chegarão os Mogores ao Gouro, não estando hi Xercanfur que era ydo a poer em saluo o tesouro del Rey de Bégala: & sabendose em Chetigão a vinda dos Mogores, pareceo aos Bégalas que o seu rey era tornado (pelo que foy em to dos grande aluorogo, & Amazarcão vido que Vasco pirez não quieser prender o Nogazil, não se fiou dele pera lhe dizer que o prendesse, & quis que fosse preso por seu mãdado, assi por ganhar nisto honrra, como por alegar a quele seruiço a el rey de Bengala, & secretamente mandou hũ capitão co quinhentos Bégala

frechey-

frecheyros & espingardeyros que preni  
dessem o Nogazil, que supitamente lhe  
cercaão a casa & o tomarão de sape e  
bidopera não se defender, que quando se  
vio así mandou chamar Nuno fernan-  
dez que lhe valesse, & que antes queria  
ser preso dos Portugueses que dos Benga-  
las: E Nuno fernandez por auer perigo  
na tardança não deu cota do caso a Vas-  
co pirez que estava na frota, & foyle a  
casa do Nogazil, & quando os Benga-  
las o virão, derão hũa grande grita no-  
meando el rey de Bengala, & por lhe te-  
rem grande acatamento o deyxarão en-  
trar onde estava o Nogazil com hum seu  
irmão em poder de certos Bégalas que  
os tinham presos, que ele fez afastar, & sa-  
bendo do Nogazil que queria ser antes  
preso dos Portugueses que dos Benga-  
las, disse-lhes a parte que Amazarção  
era bem conselhado em prender o No-  
gazil daquela maneyra, que ouuera de  
mandar algus officiaes da sandega, a que  
o Nogazil tinha tomado dinheyro de q̄  
ouuera de saber quanto era, & mandalo  
escreuer: & depois proceder contra ele: o  
que parecendo bem ao capitão que tinha  
preso o Nogazil, mandou dizer a Ama-  
zarção o que dizia Nuno fernandez, que  
tambem mandou logo hũ escrito a Vas-  
co pirez, em que lhe contaua o caso pe-  
ra que acodisse logo: & ele mandou Frã-  
cisco de Barros de paua cõ cincoenta es-  
pingardeyros, que em chegando às ca-  
sas do Nogazil começaram de tirar, pelo  
que os Bengalas fugirão & o seu capita,  
& Francisco de Barros tomou o Noga-  
zil & o leuou a Vasco pirez, que o teve  
preso bem seys meses, & depois o dey-  
xou fugir por peytas que lhe deu: E está  
do así a cousa, forão ter a Bengala sef-

ta Turcos em hũa galeota que se a-  
partarão na partida Dadem da armada  
de eoleymão baxá, & passando por Pegu  
deytarão fama que o Governador & os  
Portugueses erão mortos pelos Turcos,  
& dando a mesma noua em Bengala, fo-  
rão se meter em hum rio quatro legoas  
de Cherigão: O que sabendo Vasco pi-  
rez, mandou Francisco de Barros de pai-  
ua na sua fusta, & alguns calaluzes com ge-  
te pera q̄ tomasse a galeota aos Turcos,  
que se defenderão tambem que o fizerã  
afastar, & logo vararão a galeota, & fize-  
rão hũa tranqueyra em q̄ affestarão qua-  
torze bombardas que tinham, & estando  
aliciuvarão tres Portugueses a que derã  
muytos tormentos, ameaçando os ou-  
tros que os auião de forçar. E Vasco pi-  
rez com quanto tinha muyta gente nũ-  
ca quis vingar esta injuria, nem tomar os  
Turcos, o que podera bem fazer, nẽ me-  
nos quis dar ajuda a Nuno fernandez se y  
req̄ lha pedio pera yr defender hũa nao  
nova que tinha carregada de fazenda, q̄  
foube que os Turcos quierão yr tomar:  
o que vendo Diogo rabelo o foy mandar  
com quinze Portugueses que andauão  
na sua fusta, & Antonio de Melo leuou  
cinco no esquite do seu nauio, & Nuno  
fernandez em hũ parão, & chegaram aa  
galeota não a poderão aferrar por defas-  
tre, & ná por lhes saltar coraçã, & os Tur-  
cos lhe matarão seys Portugueses & feri-  
rão os outros, & hũ foy Nuno fernandez,  
& depois deu Christouão douria de supi-  
to com os Turcos em outro rio que cõ  
medo saltarão ao mar & fugirão, & Chris-  
touão douria tomou a galeota com a ar-  
telharia & com muyta riqueza que ti-  
nhão, & Vasco pirez internou em Ben-  
gala sem fazer mais que o que digo, &

depois foy se a Pegú onde falece de doença: & así perdeo el rey de Portuga esta cidade de Chetigão, que se podera foster com pouco trabalho, por Xercansur andar ocupado em sua conquista, como disse a tras.

## CAPIT. CCII.

De como Antonio galuão refez a fortaleza de Ternate.

**P**Artido Jorge mascarenhas & os outros da ilha de Ternate, que Antonio galuão ficou de sapreslido, entendeo logo em refazer a fortaleza que estava tam danificada, que a fez quasi de nouo, & mandou fazer dentro casas para poularé Portugueses, & tulhas para ter mantiméto dos dús annos para outros, porque se lhe sobreuiesse guerra que estuesse prouido deles, & não auendo guerra os dar a gête em desconto de seu soldo & mantiméto. E así fez a casa da feytoria de pedra & cal com tulhas para estar o crauo, & mandou lhe fazer hua cerca de taypa, & junto coela mandou fazer a casa da ferraria de taypa que dantes era de sebo, & así era a casa da poluora que mandou fazer de taypa de fronte da porta da fortaleza, porque lha não furtassem os escrauos quando a fazião. E porque os Portugueses gastauam muyto em refazerem cada anno as suas casas, que era de paredes de canas fendidas, fez coeles que as fizessem de pedra & cal, com suas janelas & chaminés como em Portugal, & que se cercassem de muro de taypa, o que fizeram a sua custa sem custar a el Rey nada: E quando foy ao abrir dos aligeçes para esta cerca, el rey de Ternate deu as primeiras enxadadas por amor. Dá tonio galuão, & apos ele o camarão & eu

tros fidalgos, & Antonio galuão os banqueou a quele dia, & el rey lhe deu gête que trabalhasse nesta obra, & a fora este muro forá feytos ainda outros dous, por que ficasse ho refio darredor da cerca em campo raso, porque nas outras cercas ficaua a terra mais alta que elas: De maneyra que tinha a cidade tres cercas, & a derradeyra tinha seus baluartes & era cercada de caua que ficaua muyto forte, & a cidade muyto fermosa com muytos pozos dentro & parreyras que Antonio galuão ali leuara, que estauão todo o ano verdes & com fruyto, que así he a qualidade da terra. E fez com el rey que desse aos Portugueses terras que laurassem & prantassem aruores, em que fizeram quintas, em que trazião criações de galinhas, porcos, cabras, & ouelhas, que parecia o campo de Sataré: E para a terra ser melhor regida, fez almoraces & vereadores. E porq̃ a entrada no porto da cidade era trabalhosa & perigosa por amor dū penedo q̃ estava no meo da barra de nossa Senhora que era a principal, mandou quebrar este penedo, & ficou a barra tão boa que dō de dantes não podia entrar hua coracora sem muyto tento, entrava & saya hū nauio a vela sem payxão, & mandou aluantar tanto o arrecife que ficaua o porto como hua caldeyra sem o mar fazer nojo aos nauios que estauão dentro por mais brauo q̃ andasse, & carrou as outras duas barras. E vendo el rey de Ternate a fermosura da nossa cidade, creceolhe cohiça de fazer así a sua, ao menos nas casas, & por seu rogo lhe ordenou Antonio galuão como guia de ser, & ficou a cidade arru-

ada & muyto mayor do que era, do q os mouros estauão muy contentes: & porq a sua mezquita ficaua padrasto da nõsã fortaleza a mandou el rey meter dentro na sua cidade. E assi como se ennobreceo esta cidade de Ternate, se ennobreceram outras q pareciã pouaçõs Portuguezas. E pa a nõsã cidade de Ternate ficar de todo nõbre, trouue Antonio galuão agoa dali tres legoas a hum grande chariz que fez junto da fortaleza de que bebia a gente, & em que bebião gados, & lauauão a roupa, & da agoa que sobejaua regauã ortas & pemares, assi dos Portugueses como dos mouros, que dali por diante a seu rogo deixarão a vida da guerra que tinhão, & derão se a laurar & a semear & a criar gados, com q a ilha ficou grandemente abastada. E Antonio galuã por pagar a el rey de Ternate quãtas boas obras lhe fizera, o tirou da fortaleza onde estaua como preso & o deixou yr pera a cidade pa hũas casas q fez muy suntuosas, & lhentregou a gouernaçã de seu reyno pera que liuremente o gouernasse, & lhe deu licenca pera q casasse, ho que os reys daquela ilha nõ fizeramã mais depois que ali foy feyta a nõsã fortaleza & estauão como catiuos, & por esta liberdade que Antonio galuã deu a este rey, lhe ficou ele & seus vassallos em tanta obrigaçã q ele & eles lhe tinhão tão acatamento como que se fora pay de todos & assi lho chamauão, né o nomeauã por outro nome, nem fazia el rey né nhũ Mandarã couza q lho nõ dissessem primeiro & nõ tomassem em tudo seu cõselho, & fazião em seu louuor muytas castigas. E assi como os mouros lhe queriã bem polas boas obras que lhe fazia, assi lho queriã tão bẽ os Portugueses, porq

lhes fez pagar muytas diuidas que lhes os mouros deuiã auia annos, & nhũ capitãõ teue poder pera lhas fazer pagar, & os que adocciãõ, ele os curaua a sua custa, por el rey nõ ter cõ q os curasse, & se ele nõ fora, todos morrerãõ de fome, q emprestou a elrey com q lhes pagasse o mantimento, no q perdeu muyto, porq cõ empregar o seu dinheiro nisto, nõ fez nuncã sua fazenda, & dois annos teue este trabalho & gasto, porq em todo este tempo nunca os gouernadores nem o vedor da fazenda mandarãõ rou pas a fortaleza pera se a gente prouer de mantimentos.

## CAPITULO CCIII

De como no Morro se leuantou hũ capitãõ, & de como foy morto, & do mais q passou.

**A**ndando Antonio galuã ocupado nestas couzas soube que no Morro se leuantara hũ capitãõ que afora leuãtar a terra, & trazia por mar hũã grossã armada com que andaua tão soberbo q dizia que auia de correr a Ternate: o q sabido por Antonio galuã mandou logo lã hũã armada de corascoras que lhe emprestou el rey de Tidore, & mandou por capitãõ mór dela hũ clerigo demissa que auia nome Fernão vinagre com corãta Portugueses, que foy lã, & pelejou com aquele capitãõ, que foy morto na batalha & hũ seu yrmão, & outros muytos, & a outra gente fugio. E depois desta vitoria assentou Fernão vinagre a terra, & fez ~~bautizar~~ <sup>bautizar</sup> muytos que forãõ Christãos, & fez muytos de nouo, & leuou a armada carregada de mantimentos. E vendo Antonio galuã quãõ bem aquillo succedera, & os Christãos q se lã fizeramãõ, tornou a mandar Fernão vinagre, q ainda fez mais Christãos, cujos filhos leuou a Antonio galuã por seu mandado pera

os mandar doutrinar na nossa sancta fée, & mandalos insinar a ler & a escreuer, no que tãobé gastou muyto, & assi em dar peças a seus pays quádo o vão ver, porq̄ coisto os tinha seguros na Christandade & na amizade, & este foy hũ grande seruiço que fez a Deos, & a el rey, porq̄ afora os muytos Christãos que se fizerão & permanecerã, ganhoulhe leuarẽ dalimuytos mantimentos a Ternate, cõ q̄ a terra esteue mais barata do que nũca esteue. E depois disto sabendo Antonio galuão que nauegaua pera Maluco hũa grossã armada de jungos da Laõa, Bãda, Macassar, & Amboyno, que ya buscar crauo, a cujo trato esperauão de dar muyta artilharia, & armas que leuauão como dantes fazião, & por esta gête nã yr às ilhas de Maluco donde depois serião maos de deitar, & farião toruação em se auer hõ crauo pa el rey, determinou de lhes impedir a vinda, pera o q̄ mandou a Amboyno Diogo lopez dazeuedo capitam mór do mar de Maluco, cõ hũa armada de vinte cinco corascoras & duzentos mouros que lhe emprestou el rey de Tidore, emq̄ foy seu yrmão Cachil rade, & Diogo lopez leuou corêta Portugueses, & duzêtos Ternates. E chegado a Amboyno, achou a frota que digo com que pelejou & a desbaratou & fez fugir & del fazer com morte de muytos dos que vão nela, & em algũs jungos que se lhe rãderão, achou muyta artilharia, muytas armas, & muyto dinheiro, & dali foy ao lógoda costa com sua armada, & assentou amizade em toda ela, & os q̄ a não q̄ria por bem, fazialha receber por mal, & em tres lugares principaes que se chamão, Atiua, Mantelo, & Nuciuêl, fez fazer os seus moradores Christãos, pedindo lho

eles com grãde instácia. E assi se tornou pera Ternate leuando hũ yr mão del rey de Ternate que lá estaua fugido, do tẽpo de Tristão datayde, & Cachil vaidua do tempo de dom Iorge, & assi outros do pouo. E tãobem nesta cõjunção mãdou Antonio galuão a seu sobrinho Ioão fogaça cõ hũa armada às ilhas dos Papuas a buscar as duas naos de Castelhanos q̄ disse, por saber queerão lá lancadas, mas não as achou por serem perdidas, & descobrio aquelas ilhas & assentou amizade com todos os reys delas, que mandarão a armada carregada de mantimentos a Antonio galuão. E neste tẽpo forão de nãção, que estãdo em Ternate & sendo gêtnios, inspirados de nosso Senhor se fizerã Christãos, & foy seu padrinho Antonio galuão, cujo nome tomou o mais velho & o mais moço ouite nome Miguel galuão, & bautizados se forão à ilha do Macaçar donde erã naturais, & dahi tornarão a ver Antonio galuão, cõ hũa armada carregada de sandalo & algũ ouro & armas, & outras mercadorias, q̄ differã a Antonio galuão que auia nas ilhas do Macaçar & dos Celebes, onde folgarião muyto de terẽ trato com os Portugueses, & se lá fossem se farião muytos Christãos, & pera o serem vinhão algũs mancebos fidalgos, a quelogo foy dada agoa de bautismo. E ouyndo Antonio galuão as nouas desta terra folgou muyto, assi por se alargar nela a fée de Christo, como pa os Portugueses fazerẽ seu proueiro: & logo ordenou de mandar lã hũ caualeiro chamado Francisco de crãto casado, homẽ muyto pera isso, a q̄ deu hũ regimento que assentasse amizade cõ os reys daq̄las terras, & trabalhasse por setor-

se tornaré Christãos, pera ho que lhe deu muytas peças que lhes desse de presentes, & que tudo fosse por bem. E despachado Francisco de crasto partio de Ternate em Mayo, & aos vintefeis de Junho chegou a hũa jlha dos Celebes chamada Chedição, que está em doze graos & dous terços, cujo rey & pouo erão gentios, & asentou logo amizade com el rey vendose no mar, & ambos se sangrarão nos braços, & hũ bebo ho sangue do outro, & dahi a poucos dias se fez el rey Christão, muyto contra vonta dedos do seu conselho, & foylhe posto nome dom Fracisco, & foy bautizarse dentro ao nauio, q̄ não quis Francisco de crasto yr a terra, & assi se fizeram Christãos tres yrmãos del rey & sua molher & hũ filho, & cento & trinta fidalgos, & muytos do pouo. E passados vinte dous dias que Francisco de crasto gastou nisso partio se, deixando em todos muyta soydade, & dali foy ao longo da jlha de Mindanao, & chegou a hum rio onde estava hũa cidade chamada Soligão

cujo rey se fez Christão, & foylhe posto nome Antonio galuão, & coele recebeu agoa de bautifmo a Raynha & duas filhas, & bẽ cento & cincoenta pessoas outras. E depois se fizeram na mesma jlha Christãos el rey de Butuão, a que chamarão dom Ioão o rey grande, el rey de Pimilara que tãobem se chamou assi, el rey de Camiguy a q̄ poserão nome dô Francisco. E assi receberam agoa de bautifmo suas molheres, filhos, & yrmãos, & muyta parte de seus vassallos, assi dos nobres, como do pouo. E querendo Francisco de crasto passar desta jlha a do Maçacar, foylhe o vento tãõ contrayro, que mil vezes esteue perdido, pelo que os que yão coele não quizerão que passasse por diante, & ofizerão tornara Ternate, levando muytos filhos daqueles que se tornarão Christãos, palhe ser insinada a doutrina christã & a nossa lingua, o que Antonio galuão fazia com grande cuydado, & os criaua como filhos.

L A V S D E O.

Foy impresso este Octauo liuro da historia da India em  
 a muyto nobre & leal cidade de Coimbra, por  
 Ioão de Barreyra impressor del Rey  
 na mesma vniuersidade. Aca-  
 bouse aos vintaseys dias  
 do mes Dagofo de  
 1561. annos.





Y  
du  
an  
May  
shu  
ery  
fasc  
fanc  
non  
cos  
dab  
my  
lib  
3  
qu  
V  
an  
sh  
v  
E  
m  
r  
o

